

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

FACULDADE DE FILOSOFIA,  
LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA ESPANHOLA  
E LITERATURAS ESPANHOLA E HISPANO-AMERICANA

VÍTOR KAWAKAMI

***Encuentro de la Cultura Cubana e o arquipélago de papel:  
Cuba imaginada por uma revista diaspórica***

São Paulo  
2022

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA,  
LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA ESPANHOLA  
E LITERATURAS ESPANHOLA E HISPANO-AMERICANA

***Encuentro de la Cultura Cubana e o arquipélago de papel:  
Cuba imaginada por uma revista diaspórica***

Vítor Kawakami

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação  
em Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e  
Hispano-Americana do Departamento de Letras  
Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e  
Ciências Humanas da Universidade de São Paulo,  
para a obtenção do título de Doutor em Letras

Orientadora: Profa. Dra. Idalia Morejón Arnaiz

São Paulo  
2022

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação  
Serviço de Biblioteca e Documentação  
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

K22e Kawakami, Vítor  
Encuentro de la Cultura Cubana e o arquipélago de papel: Cuba imaginada por uma revista diaspórica / Vítor Kawakami; orientadora Idalia Arnaiz - São Paulo, 2022.  
376 f.

Tese (Doutorado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Letras Modernas. Área de concentração: Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-Americana.

1. Revistas. 2. Intelectuais. 3. Literatura cubana. 4. Identidade cultural. 5. Diáspora. I. Arnaiz, Idalia, orient. II. Título.

KAWAKAMI, Vítor. *Encuentro de la Cultura Cubana e o arquipélago de papel: Cuba imaginada por uma revista diaspórica*. Tese apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Doutor em Letras.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_

Julgamento: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof. Dr. \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_

Julgamento: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof. Dr. \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_

Julgamento: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

A meu pai, Kazuo Kawakami (in memoriam).  
E aos que respeitam a liberdade de consciência e as  
liberdades públicas como irreprimíveis capacidades do ser humano.

## AGRADECIMENTOS

A meus pais, Ivone e Kazuo, por tudo, sempre.

A meus filhos e esposa, Esther Peña, pela infinita paciência e lindo esforço em comum.

À minha orientadora, Idalia Morejón Arnaiz, por me introduzir no arquipélago cubano e tanto me apoiar durante estes quase dez anos trabalhando juntos.

A todos os professores da área do Espanhol da FFLCH-USP, a quem devo muito do meu aprendizado até o momento.

À professora Paloma Jiménez del Campo, por toda a receptividade junto à Facultad de Filología da Universidad Complutense de Madri.

Aos amigos cubanos do Brasil, da Espanha, do México, da Argentina e dos Estados Unidos, sem os quais este trabalho perderia força.

À família: Taísa e Ed, Paty e Ana Paula, Anelise, Madá e Gil, Kiei e Vera, Dino e Cleo, pelo carinho e suporte logístico em São Paulo e Madri.

Aos companheiros do Butantã: Henrique Barros, Catalina Zambrano, Edson, Wan e Pedro, Claudia y Mechudo, Dani e Bia, Lu Lopes, Patrícia, Rudá e Tarsila, Chayenne e Pacelli, Surya, Jaime; de Madri: Darío Gómez Sánchez, Oscar y Rubi, Amelia, Cristina; de Milho Verde: Sílvio Neves, Kátia Andrea, Aurinha e Wanderley, Naira Veloso, Fiona Aman.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

## RESUMO

KAWAKAMI, Vítor. *Encuentro de la Cultura Cubana e o arquipélago de papel: Cuba imaginada por uma revista diaspórica*. 2022. 376 f. Tese (Doutorado em Letras) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

*Encuentro de la Cultura Cubana* foi uma revista cultural com 54 números, trimestral e impressa, publicada em Madri entre 1996 e 2009. De alto nível de reflexão crítica, contou com a colaboração de uma rede transnacional de intelectuais e artistas cujas obras por ela publicadas mantiveram um grau inquestionável de representatividade da *cubanía*, provenientes tanto de dentro quanto de fora da Ilha. Entre seus diretores, estiveram nomes como Jesús Díaz, seu fundador, além de Pío E. Serrano, Rafael Rojas, Manuel Díaz Martínez e Antonio José Ponte. Foi produzida pela associação homônima dirigida por Annabelle Rodríguez, entidade responsável ainda pelo periódico digital *Encuentro en la red - Diario independiente de asuntos cubanos* (2000-2009) e pelo portal [www.cubaencuentro.com](http://www.cubaencuentro.com). Esta pesquisa se ocupou em analisar a revista a partir do desenvolvimento da ensaística como preferencial modalidade textual de caráter dialógico, propícia para a releitura convergente do patrimônio cultural cubano. Pretendeu trazer ao debate como ela atuou, em ambos os espaços “concreto” e “imaginário”, para de forma intermediadora se contrapor à fragmentação da cultura cubana. Para isso, identificou e analisou ao longo da publicação um *corpus* ensaístico dedicado aos seguintes temas: a cultura nacional diante da condição diaspórica ou das coordenadas cubano-americanas; a desconstrução do perfil de intelectual revolucionário; os dilemas intelectuais frente às noções de representação, memória e responsabilidade; a relevância do ensaio para uma imaginação estrutural aplicada à literatura cubana; o potencial do ensaísmo para intervenções no cânone literário; as ideias de *cubanía* em processo e de diferença como questões básicas para a identidade cultural. Em alguns ensaios ainda foram verificadas evidências de uma ideia de comunidade desejada, em termos de possibilidade ou inadequação, e detectados indícios de orientação pós-nacional como referencial conceitual para a cultura cubana. Este trabalho é um estudo analítico e interpretativo da revista e sua efetividade na imaginação de outro espaço nacional, prática intelectual reconciliadora assumida pelos editores e colaboradores de *Encuentro de la Cultura Cubana* em prol da publicação de uma revista como espaço simulacro de uma Cuba plena e democrática.

Palavras-chave: Revistas culturais latino-americanas. Cultura cubana. História intelectual. Identidade diaspórica.

## ABSTRACT

KAWAKAMI, Vítor. ***Encuentro de la Cultura Cubana and the paper archipelago: an imagined Cuba by a diasporic magazine.*** 2022. 376 p. Thesis (PhD in *Letras*) – *Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas*, São Paulo University, São Paulo, 2022.

*Encuentro de la Cultura Cubana* was a cultural magazine with 54 issues, printed copies published in Madrid, quarterly, from 1996 to 2009. With a high level of critical reflection, it counted with a transnational net of intellectual's and artist's collaboration, whose works published in the magazine kept an unquestioned *cubanía* representation, coming both from inside as well as outside the Island. Among the magazine's directors, there were names as Jesús Díaz, its founder, besides Pío E. Serrano, Rafael Rojas, Manuel Díaz Martínez and Antonio José Ponte. It was produced by a homonym association directed by Annabelle Rodríguez, who was also responsible for the digital periodical *Encuentro en la red - Diario independiente de asuntos cubanos* (2000-2009) and the portal [www.cubaencuentro.com](http://www.cubaencuentro.com). This research aimed to analyze the magazine starting from the development of essay's writing as preferential textual modality with dialogical characteristic, favorable for convergent revisits to Cuban patrimony. It intended to bring to discussion as it acted indeed, in both spaces "concrete" and "imaginary", as an intermediary to oppose Cuban culture fragmentation. For this, it was identified and analyzed along the publication a *corpus* of essays dedicated to following themes: the national culture considering diasporic condition or American-cuban coordinates; the deconstruction of an intellectual revolutionary profile; the intellectual's dilemmas against notions like representation, memory and responsibility; essay's relevance to an structural imagination applied to Cuban literature; the potential of essayism for interventions in the literary canon; the in process ideas of *cubanía* and the difference as basic questions to a cultural identity. In some essays it was still verified evidence of the idea of a desired community, related to possibility or inadequacy, and detected signs of post-national orientation as a referencial concept for the Cuban culture. This research is an analytic and interpretative study of the magazine and its effectiveness in the imagination of another national space, an intellectual reconciling practice assumed by editors and collaborators of *Encuentro de la Cultura Cubana* in favor of the publication of a magazine as simulacrum space of a complete and democratic Cuba.

Key words: Latin-americans cultural magazines. Cuban culture. Intellectual history. Diasporic identity.



***Encuentro de la Cultura Cubana e o arquipélago de papel:  
Cuba imaginada por uma revista diaspórica***

**Introdução** .....12

**Capítulo 1. - A revista *Encuentro de la Cultura Cubana* e sua representação cultural**

1.1 - Uma revista para a ilha inteira

- 1.1.1 - Motivos e princípios .....22
- 1.1.2 - Ata fundacional .....26
- 1.1.3 - A revista é um espaço .....30

1.2 - O projeto de Jesús Díaz: protagonismo dissonante, desencanto inconformista e autonomia intelectual

- 1.2.1 - O homem-revista .....33
- 1.2.2 - Salvo pelo cinema .....39
- 1.2.3 - A literatura e os vasos comunicantes .....41

1.3 - Os primeiros anos da revista como espaço de encontro

- 1.3.1 - O estímulo à polêmica .....48
- 1.3.2 - Impossível equidade .....54
- 1.3.3 - A atmosfera de um desencontro .....59

1.4 - Recepção, financiamento e os desafios para uma modulação discursiva

- 1.4.1 - A reação crítica na Espanha .....62
- 1.4.2 - A reação ofensiva desde Cuba .....68
- 1.4.3 - A reação discursiva da revista à deslegitimação .....74

1.5 - Uma revista diaspórica: a circulação de *Encuentro*

- 1.5.1 - A diáspora cubana .....82
- 1.5.2 - O alinhamento editorial à perspectiva diaspórica .....88
- 1.5.3 - A geografia cultural da revista .....92

**Capítulo 2. - “Palavras dos intelectuais”: decisivas perspectivas do ensaísmo na revista**

2.1 - A revista como espaço cultural

- 2.1.1 - O espaço é um lugar praticado .....101
- 2.1.2 - A desterritorialização da cultura .....104
- 2.1.3 - Outras compreensões sobre a cultura nacional .....108
  - 2.1.3.1 - A vocação de encontro contra a fragmentação da cultura .....108
  - 2.1.3.2 - Cultura diaspórica e a inclinação pós-nacional .....110
  - 2.1.3.3 - Coordenadas cubano-americanas .....116

2.1.3.4 - Cultura e esperança .....	121
2.1.4 - Ensaizando sobre o intelectual cubano .....	122
2.1.4.1 - A revista, o intelectual e a prática do ensaio .....	122
2.1.4.2 - Genealogia do intelectual revolucionário .....	123
2.1.4.3 - Intelectual dogmático, intelectual crítico, antiintelectual .....	129
2.1.4.4 - Entre a representação, a memória e a responsabilidade .....	132
2.2 - A dimensão literária	
2.2.1 - O ensaio como unidade espacial da revista .....	139
2.2.1.1 - A imaginação estrutural .....	139
2.2.1.2 - O ensaio e o pensamento: fragmentos em movimento .....	142
2.2.2 - Abrindo espaços no <i>canon cubensis</i> da literatura .....	147
2.2.2.1 - O ensaio e o mosaico da literatura cubana .....	147
2.2.2.2 - José Martí livre de altares ou pedestais .....	150
2.2.2.3 - Origenismo: ponto de fuga no centro do mosaico .....	155
2.2.2.4 - Critérios ecléticos para intervenção no cânone .....	166
2.2.2.5 - Mosaico de infinitudes .....	176
2.3 - Relendo a nação: a <i>cubanía</i> como <i>tópos</i> ensaístico	
2.3.1 - A identidade em jogo .....	179
2.3.1.1 - A urgência do presente .....	179
2.3.1.2 - A identidade nacional e a “diferença” em questão .....	181
2.3.1.3 - A <i>cubanía</i> em processo .....	183
2.3.1.4 - Dosagem multiculturalista .....	187
2.3.1.5 - Sobre os negros, o poder e a resistência .....	192
2.3.2 - A comunidade desejada .....	197
2.3.2.1 - Incongruências do “comum” .....	197
2.3.2.2 - Possibilidades do “comum” .....	200
2.3.3 - Nacionalismo: do “trans” ao “pós”? .....	207
2.3.3.1 - A consciência transnacional .....	207
2.3.3.2 - Novos rumos conceituais .....	210
2.3.3.3 - Índícios pós-nacionais .....	212

### Capítulo 3. - Cuba virtual: configuração metadiscursiva e imaginação diaspórica

3.1 - <i>Encuentro</i> , as revistas e o imaginário nacional	
3.1.1 - Aportes à memória hemerográfica cubana .....	221
3.1.1.1 - Revistas como cidades abertas .....	221
3.1.1.2 - Algumas revistas cubanas em <i>Encuentro</i> .....	224
3.1.1.3 - Revistas reinventando a nação .....	228
3.1.2 - A identidade de <i>Encuentro</i> através de imagens .....	231
3.1.2.1 - Alguns detratores e o exercício democrático .....	231
3.1.2.2 - Definições afirmativas da revista .....	236

**4. Conclusões - *Encuentro de la Cultura Cubana*: uma comunidade sem fronteiras**

4.1 - A imagem discursiva polifônica .....243  
4.2 - Ensaísmo crítico, comunidade desejada e imaginação diaspórica .....246  
4.3 - O arquipélago de papel: Cuba imaginada por *Encuentro* .....249

**Referências** .....254

**Apêndices** .....288

A revista revisitada: ex-diretores e colaboradores refletem sobre *Encuentro* e seu papel para a cultura cubana

***Encuentro de la Cultura Cubana* e o arquipélago de papel:  
Cuba imaginada por uma revista diaspórica**

**Introdução**

Acredito que seja importante para o leitor das próximas páginas desde já tomar conhecimento que dentre os resultados desta pesquisa que considero como proveitosos – para que não crie qualquer expectativa de comprovação de hipótese – está o alcançado pelas análises da potencialidade dos meios e conteúdos utilizados por *Encuentro de la Cultura Cubana* para proporcionar renovadas leituras críticas sobre Cuba. Contando com uma pluralidade argumentativa e conceitual de reflexões originadas desde as mais diversas localizações geográficas de seus colaboradores, a revista me possibilitou uma abordagem investigativa amparada tanto pela força proteica dos seus ensaios para a expansão do imaginário cultural cubano, quanto pela diversidade de uma linguagem imagética usada para se autoidentificar como publicação democrática. Portanto, atingir o que aqui proponho conclusivamente ao final desta tese como “imagem discursiva polifônica”, em realidade, foi mais uma consequência natural específica de um processo interpretativo do que uma meta a ser alcançada por ter sido conjecturada aprioristicamente.

Parece-me válido também esclarecer que considerei um risco latente para a pesquisa procurar delimitar uma orientação excessivamente ideológica ao processo de análise e interpretação. Digo “excessivamente” porque tenho clareza de que qualquer discurso é materialidade específica de ideologia<sup>1</sup> e, obviamente, o resultante da interpretação que apresento não seria uma exceção. Mas isso diz respeito, sobretudo, ao fato de concordar com Quintero Herencia – ao se dedicar à revista *Casa de las Américas* e à Revolução – que o cubano é um “terreno de saturaciones ideológicas” (HERENCIA, 2002, p. 14) e que não penso ser necessário argumentar sobre por que me autorizei para tratar da cultura cubana, para além de meu interesse investigativo por revistas culturais ou literárias latino-americanas. Ao mesmo tempo, também creio ser válida a franqueza

---

<sup>1</sup> Em concordância com Michel Pêcheux (apud ORLANDI, 2012).

de Roberto González Echevarría (2004) sobre a interferência da subjetividade nas escolhas de nossos objetos acadêmicos – algo que discuto no segundo capítulo – e, de qualquer forma, tampouco creio que possa distorcer as conclusões desta pesquisa afirmar minha identificação com o objeto de estudo, ainda que propositalmente relegada a um plano secundário através do cuidado com aquilo que considero como necessária e prioritária objetividade investigativa.

Isso não quer dizer que *Encuentro*<sup>2</sup> não tenha sido uma revista política, até porque sabemos, através da experiência de Raymond Williams (2013) com revistas, por exemplo, que cultura e política são indissociáveis. Diria até que a revista se esforçou para que o político não conduzisse sua linha editorial, ao definir como divisa, desde sua fundação, a cultura cubana enquanto “lugar de encuentro” através da orientação poética de Gastón Baquero (1996). Mas o interesse deste estudo se voltou principalmente à perspectiva cultural porque, sem dúvida, foi por meio da atenção crítica às diversas manifestações do leque cultural (literatura, música, artes plásticas, cinema, teatro, dança, fotografia, arquitetura, religião, idioma, esportes) que *Encuentro* conseguiu “pensar o país” (DÍAZ, 1998c), e, até mais do que isso, imaginar outro país. Daí a ocupação com um *corpus* ensaístico que propus como cerne para a pesquisa, com destaque para o que notei em alguns ensaios como proveitosa conjunção entre aspectos de juízo crítico e de expressão artística, e, por isso, aqui considerados até como mais eficazes do que as próprias manifestações artísticas (contos, trechos de romances, poemas, fotos, etc.) para uma melhor compreensão da Cuba imaginada pela revista.

Nesse sentido, um fato curioso me parece digno de comentário: apesar de ser uma revista cultural, acabei por identificar uma sobressalente ocupação dos ensaios trazidos pela revista com assuntos sobre literatura. Isso me chamou a atenção uma vez que é perceptível certa indiferenciação entre revistas culturais e revistas literárias em alguns projetos mais abrangentes de história literária continental, em muito ocupados, como mostrou Viviescas (2010), com as relações entre literatura e identidade latino-americana<sup>3</sup>. Mesmo algumas hoje consagradas antologias de estudos de caso de revistas,

---

<sup>2</sup> Passaremos a utilizar o nome *Encuentro* para a referência à revista ao longo deste trabalho.

<sup>3</sup> Víctor Viviescas (2010), ao realizar uma importante reflexão, em termos de configurações de identidade, sobre as problemáticas envolvidas nas próprias definições de “literatura” e de “América Latina” existentes em diferentes projetos de histórias da literatura latino-americana, ressalta como algumas dessas propostas procuraram separar a história da literatura de uma história da cultura (como a

como, por exemplo, as organizadas por Claude Fell em *América – Cahiers du CRICCAL* (1987, 1990 e 1992), por Saúl Sosnowski em *La cultura de un siglo. América latina en sus revistas* (1999), ou por Jorge Schwartz e Roxana Patiño na *Revista Iberoamericana* (2004), em seus momentos de publicação não se mostraram preocupadas com um discernimento entre revistas culturais ou literárias, perspectiva cada vez menos adotada pelas antologias de estudos mais recentes<sup>4</sup>. Vale recordar que Altamirano e Sarlo (1983) chegaram a sugerir os termos “revistas ‘intelectuales’ o ‘culturales’” no lugar de “revista literaria” por considerarem-nos mais adequados para um tipo de publicação periódica produzida para “generar opiniones (ideológicas, estéticas, literarias, etc) dentro del campo intelectual” e que só em parte abrangia os consumidores de literatura (ALTAMIRANO; SARLO, 1983, p. 96, grifo dos autores). Assim, não deixa de ser interessante constatar a continuidade nas páginas de *Encuentro* de uma relação estreita entre literatura e cultura, com um significativo protagonismo do campo literário no interior do cultural, dessa forma apontando para a relevância da literatura para a questão da identidade cubana.

*Encuentro de la Cultura Cubana* foi uma revista cultural publicada no exílio tão ou mais cubana quanto muitas outras publicadas insularmente. De altíssimo nível de reflexão, contou com a colaboração de intelectuais e artistas cujas obras por ela publicadas mantiveram um grau inquestionável de representatividade da *cubanía*, provenientes tanto de dentro quanto de fora da Ilha. Aliás, essa característica inclusiva e convergente da revista é um fundamental diferencial que torna complexa sua inclusão em genealogias hemerográficas cubanas do exílio<sup>5</sup>. Se por um lado *Encuentro* poderia ser aproximada, por exemplo, a uma revista como *Cuban Studies/Estudios Cubanos*

---

de Anderson Imbert), outras preferiram ampliar os limites da literatura ao aceitarem o termo “discurso” no lugar de literatura (como o de José Miguel Oviedo), e estudos historiográficos como o de Carlos Rincón ainda se mostraram abertos a que a história das letras se tornasse história da cultura, e que os estudos literários se tornassem estudos culturais.

<sup>4</sup> Ver os trabalhos organizados por Pablo Rocca, *Revistas culturales del Río de la Plata. Diálogos y tensiones (1945-1960)* (2012); por Lydia Elizalde, *Revistas culturales latinoamericanas 1920-1960* (2008) e *Revistas culturales latinoamericanas 1960-2008* (2010); além do estudo realizado por Horacio Tarcus, *Las revistas culturales. Giro material, tramas intelectuales y redes revisteriles* (2020).

<sup>5</sup> Carlos Espinosa Domínguez (2006), ainda que sem se propor explicitamente a isso, chega a sugerir o esboço de uma linha de publicações cubanas realizadas nos Estados Unidos com essa mesma característica, como *Nueva Generación* e *Areíto* (ambas simpáticas à Revolução), assim como *Catálogo de Letras*. Este assunto é tratado no capítulo 3 deste trabalho.

pela frequente presença de alguns mesmos colaboradores acadêmicos em ambas as revistas<sup>6</sup>, por outro, se distanciaria desta publicação auspiciada pela Universidade de Pittsburgh graças ao perfil mais exclusivista ao próprio ambiente acadêmico norte-americano desta última. Também não seria difícil encontrar mais diferenças do que semelhanças com outras publicações anteriores a *Encuentro* como *Apuntes Postmodernos*, ou até mesmo posteriores como *Revista Hispano Cubana*, fazendo-se necessário admitir que para uma comparação rigorosa entre revistas cubanas do exílio seriam imprescindíveis, além do devido acesso a coleções destas e de outras publicações, ainda uma disponibilidade de tempo de pesquisa que não cabia para a proposta deste presente estudo.

Outra questão relevante para ser aqui mencionada diz respeito à contemporaneidade de *Encuentro*. Publicada entre 1996 e 2009, narrar a trajetória da revista se me apresentou com aquela inquietação costumeira frente a certos ineditismos ou a investigações amparadas por restritas referências históricas aprofundadas, sequer assentadas. Soma-se a isso o fato de a maioria dos que foram responsáveis pela publicação, e de seus vários fundamentais ex-colaboradores, seguirem produzindo grande quantidade de trabalhos autorais nos últimos anos<sup>7</sup> – sejam no campo das artes, sejam no da crítica. Por seu volume de referências abismal, relacionar as análises aqui realizadas com outras obras críticas publicadas antes, durante ou depois da existência da revista, por cada um dos ensaístas incluídos no *corpus* (num total de 37 para os 54 ensaios selecionados) tampouco se mostrou um caminho possível em termos metodológicos.

Diante disso, visualizei com a série de entrevistas que propus para algumas dessas pessoas uma forma honesta, imparcial e ecumênica de contato. O objetivo da aproximação foi a coleta de informações e de opiniões relativas principalmente à revista impressa, mas também ao diário digital *Encuentro en la Red* de forma complementar, e com esse instrumento acabei me deparando com interessantes novas questões. Uma delas se referiu ao cuidado sobre qualquer tentativa excedente de um ou outro

---

<sup>6</sup> Como Carmelo Mesa-Lago, Enrico Mario Santí, Antonio Benítez Rojo, Lourdes Gil, Jorge I. Domínguez, Roberto González Echevarría, Madeline Cámara, Haroldo Dilla Alfonso, Uva de Aragón, Gustavo Pérez Firmat, Alejandro de la Fuente, entre outros.

<sup>7</sup> Ingratas exceções foram as de Víctor Batista, Emilio Ichikawa e Raúl Rivero, influentes ex-colaboradores falecidos no decorrer da pesquisa.

entrevistado infundir reflexos no entendimento da pesquisa sobre a narrativa histórica da revista, levando em consideração que procurei também durante o processo da pesquisa mantê-lo constantemente equilibrado em correspondência ao sentido polifônico do objeto revista. Outra questão se deu com a constatação de que algumas pessoas, a quem foram solicitadas entrevistas, se mostraram reticentes em participar ou simplesmente desconversaram, assim evitando apresentar seus pontos de vista. Tal verificação se mostrou ainda mais significativa porque foram justamente três mulheres que acabaram por se ausentar, o que me induziu a concluir que essa falta, de certa forma, estaria também em conformidade com um perceptível desequilíbrio entre a quantidade de participações masculinas e femininas em *Encuentro*<sup>8</sup>. Tais exemplos de desdobramentos de questões como as anteriores me levaram a ministrar pontualmente as informações apresentadas pelos entrevistados, tomando as entrevistas como imprescindíveis referências de cotejamento em prol de uma coesão discursiva, mas evitando construir o relato sobre a revista tendo-as como base argumentativa. Assim justificadas por sua complementaridade, mais do que apêndices incluídos no final deste trabalho, elas podem ser consideradas como partes integrantes da tese.

Há de se considerar que ter revistas como objetos de estudo, independentemente da forma de aproximação analítica empregada, demanda um esforço bastante grande de constância investigativa graças ao volume de material e de variáveis de unidades passíveis de análise<sup>9</sup>. Sempre existe uma multiplicidade considerável de caminhos a serem percorridos por suas páginas, ainda sujeitos à complexidade proporcionada por bifurcações ou desvios, por sua vez amplificados pelo caráter seriado de um tipo de objeto que no decorrer do tempo normalmente sofre reformulações em sua estrutura material, sintática, discursiva e inclusive de política editorial. Oferece um grau a mais de dificuldade ainda nesse próprio aspecto temporal o registro do momento presente na

---

<sup>8</sup> Outro fator que contribui para relacionar a representatividade de *Encuentro* com a comunidade cubana em termos abrangentes, extra e intraindularmente. Ainda assim, o tema da emancipação feminina na sociedade cubana foi discutido nas páginas da revista e sobre isso sugerimos a leitura dos seguintes ensaios: “Una promesa incumplida: la emancipación de la mujer cubana”, de Madeline Cámara (Nº 6/7); “Tierra sin nosotras”, de Lourdes Gil (Nº 8/9); “Sin mujeres, ¡No hay país! Pensando la transición cubana en femenino”, de Ileana Fuentes (Nº 26/27); e “Cuerpos de Cuba: mujer y Nación en *Tres tristes tigres*”, de Nivia Montenegro (Nº 37/38). Ampliando o assunto para o âmbito literário latino-americano, ver “¿Scientia sexualis o ars erotica?”, da colombiana Helena Araújo (Nº 14).

<sup>9</sup> Neste caso de *Encuentro*, vale deixar aqui a informação de que o conjunto de suas entregas compôs a totalidade de 11.516 páginas em seus 13 anos de publicação.



publicação, atribuindo às revistas marcas de perfil histórico que constantemente são identificados por seus analistas como uma das suas maiores características, e que, sem dúvida, terminam por demandar um escopo de referências múltiplas de contextualização. Porém, sem desconsiderar sua importância enquanto inscrição no tempo e que remete ao âmbito histórico de seu valor sociocultural, ao me deparar com o significado diaspórico de *Encuentro* notei que as coordenadas espaciais surgiam como indicadores mais úteis para minhas observações. Com isso, se fez necessária uma abordagem que pusesse em relevo tanto questões relacionadas à sua geografia cultural – como a referente à comunidade representada pela revista –, quanto a elementos do seu imaginário abertos a leituras do espaço enquanto constructo – onde o da literatura visualizada como um mosaico mostrou-se muito útil.

A escassez de referências metodológicas ou de sistematização conceitual específica em torno do objeto revista ainda ocorre como incômodo desafio. Por isso, o precursor trabalho reflexivo do espanhol Rafael Osuna (1998) sobre revistas literárias, ocupado em entendê-las a partir de sua temporalidade e de sua espacialidade material e simbólica, muito contribuiu para uma melhor compreensão das relações estreitas entre espaços concretos e imaginários da revista<sup>10</sup>. Ainda que para este estudo eu não tenha buscado um desenvolvimento prático de sua sistematização, voltada à definição da revista como gênero discursivo e organizada através da sua subdivisão em referenciais de “discursos hemerográficos” e de “unidades de significação”<sup>11</sup>, não há dúvidas de que Osuna lançou importantes fundamentos para uma teorização sobre revistas literárias. De qualquer forma, acredito que sua contribuição, ao ocupar-se especificamente com a hemerografia literária, ainda careça de uma discussão aprofundada de pares que não só demonstre sua pertinência amplificada a revistas culturais como termine por fortalecê-la.

---

<sup>10</sup> Segundo Osuna, “La equivalencia entre espacio social real y espacio de revista es más que una equivalencia metafórica; es una equivalencia literal” (OSUNA, 1998, p. 16).

<sup>11</sup> O eixo central da teorização de Osuna se baseia no estudo crítico de revistas literárias tomando as relações entre sete tipos de discursos, por ele denominados como literário, publicitário, identificador, artístico, tipográfico, social e mercantil. Cada um desses discursos, por sua vez, é formado especificamente pelo que ele definiu como “unidades de significação”, que podem ser inúmeras e que incluem, só para exemplificar, o título, o formato, o tipo de papel, o número de páginas, as seções, o sumário, a forma de distribuição, a publicidade, o financiamento, os tipos de letras, a capa, a contracapa, e um vasto etc.. Para Osuna, “Es la concretización de las unidades de significación hecha por una revista específica la que determina su identidad” (ibidem, p. 68).

Em termos de objetividade prática e cotidiana naquilo que se refere ao processo metodológico, minha entrada na revista se deu com uma intensa leitura horizontal de cada uma de suas entregas, procurando elencar temas mais recorrentes que pudessem sustentar abordagens analíticas, simultaneamente ao discernimento do ensaio como gênero, algo que exigiu especial atenção graças à maleabilidade de sua forma textual. Paralelo ao acúmulo mais abrangente de referências relacionadas a campos como o próprio hemerográfico cubano, o cultural, o de história intelectual, o de estudos sobre o ensaio e sobre literatura cubana, e o voltado a questões de identidade e de nacionalismo, empreendi uma necessária aproximação inicial específica à história de *Encuentro* enquanto publicação do exílio. Dessa forma adquiri maior familiaridade com as trajetórias intelectuais dos principais nomes ligados à revista, com destaque ao de seu fundador, Jesús Díaz, mas também com as de outros ex-diretores como Rafael Rojas, Manuel Díaz Martínez e Antonio José Ponte. A oportunidade de ir a Espanha por meio de suporte de pesquisa oferecido pela Capes e pelo apoio da Universidad Complutense de Madrid viabilizou meu contato com alguns desses realizadores de *Encuentro*, e a partir disso tive acesso remoto à rede de ex-colaboradores espalhados por vários países (Cuba, México, Estados Unidos, Argentina, França), o que propiciou o avanço com as entrevistas<sup>12</sup>.

Ao retornar ao Brasil, procurei ocupar-me com uma leitura vertical dos números da revista, ou seja, passei a organizar a seleção dos ensaios para a conformação do *corpus* através de um cruzamento entre eles pelos temas acima referidos. Isso permitiu a progressão do desenvolvimento da escrita desta tese, esboçada ainda antes da viagem a Madri, e direcionada por idas e vindas entre leituras conceituais, análise do *corpus* e redação do texto. Algo necessário de ser dito é que, apesar de minha preferência pessoal pelo contato físico com o papel, o fato de as entregas de *Encuentro* terem sido digitalizadas e disponibilizadas *on line* pelo portal [www.cubaencuentro.com](http://www.cubaencuentro.com) favoreceu a pesquisa, ao facilitar a identificação de termos-chave pela ferramenta de busca do aplicativo de leitura de arquivos digitais.

---

<sup>12</sup> Necessário aqui reconhecer que a decisão por Madri para viagem de aperfeiçoamento acadêmico, se por um lado me permitiu o contato com essa referida rede cubana e o acesso a fundamentais arquivos hemerográficos e bibliográficos como, por exemplo, o da AECID (Agencia Española de Cooperación Internacional para el Desarrollo), por outro tornou mais restrito o alcance a arquivos cubanos de Miami e das bibliotecas acadêmicas norte-americanas, assim como as de Havana, graças a uma compreensível limitação de recursos.

Por último, devo reconhecer que este resultado apresentado em forma de tese está diretamente relacionado com a aplicação da metodologia que aqui brevemente descrevo, algo perceptível na própria estrutura do texto e sua organização em capítulos. Além disso, tenho consciência de que a complexidade polifônica deste objeto enquanto revista cultural, em sua amplitude de vozes e de elementos interpretativos, aliada à sua profundidade de assuntos publicados, seguramente interferiu no processo de escrita. O leitor poderá notar o quanto a modulação discursiva deste trabalho buscou variar com equidade entre as vozes de referências conceituais, as dos intelectuais trazidas pela revista (principalmente por meio de seus ensaios) e a minha como analista interpretativo, esta gradualmente mais fluente no decorrer do trabalho escrito, sobretudo nos últimos capítulos.

Em relação à mencionada estrutura de sua apresentação, pretendi então organizar o conjunto da tese de forma que ficassem mais claras as relações entre as distintas etapas da pesquisa e os conteúdos de cada um dos capítulos, sem necessariamente demarcá-los ao ponto de estabelecer fronteiras de incomunicabilidade entre si. O primeiro capítulo, “A revista *Encuentro de la Cultura Cubana* e sua representação cultural”, foi dedicado a narrar algo do percurso histórico de surgimento do projeto e sua associação com o contexto de algumas tentativas de reaproximação entre cubanos insulares e exilados, logo nos primeiros anos da crise desatada com o colapso do mundo socialista. Essa confluência de fatores, com destaque para o interesse pessoal de Jesús Díaz e a oportunidade aberta com o evento “La Isla entera” (realizado em Madri, 1994), possibilitou alimentar uma proposta conciliadora que tivesse a cultura como “lugar de encuentro” (BAQUERO, 1996) e a revista como espaço cubano para a prática cultural desterritorializada. Contra a fragmentação cultural, *Encuentro* propunha o debate democrático para a liberdade de pensamento, sem deixar de se abrir à polêmica como necessário exercício intelectual. Neste capítulo de apresentação da revista, mais do que propriamente estabelecer uma história linear ou evolutiva que contabilizasse seus 13 anos de publicação, o interesse foi introduzir características indispensáveis para a observação de suas propostas editoriais, a partir de desafios como, por exemplo, os gerados pelo impacto de sua recepção e os proporcionados por seu perfil diaspórico.

No segundo capítulo, “‘Palavras dos intelectuais’: decisivas perspectivas do ensaísmo na revista”, estão presentes os encontros argumentativos oferecidos pelas

principais reflexões dos ensaios selecionados para o *corpus*. Por meio de itinerários por ideias, imagens, juízos e interpretações, alguns inclusive em rotas de colisão, trata-se da determinante parte do estudo onde procurei pôr em movimento fragmentos ensaísticos que se mostraram proveitosos para elucidar algumas das principais perspectivas temáticas ocupadas pela revista. As análises derivadas dessa movimentação foram conduzidas por assuntos como: a cultura nacional diante da condição diaspórica ou das coordenadas cubano-americanas; a desconstrução do perfil de intelectual revolucionário; os dilemas intelectuais frente às noções de representação, a memória e a responsabilidade (ROJAS, 2006); a relevância do ensaio para uma imaginação estrutural aplicada à literatura cubana; o potencial do ensaísmo para intervenções no cânone literário; as ideias de *cubanía* em processo e de diferença como questões básicas para a identidade. Além disso, alguns ensaios ainda me serviram para a verificação do que sugeri como noção de comunidade desejada, em termos de possibilidade ou inadequação, e para a detecção da existência de algumas orientações pós-nacionais como referencial conceitual para a cultura cubana.

As reflexões proporcionadas pelas análises do segundo capítulo trouxeram questões, muitas delas, vinculadas ao que aqui já foi mencionado sobre o objetivo de *Encuentro* de ser um espaço para se pensar o país, como queria Díaz. Somadas às discussões iniciadas no primeiro capítulo sobre a geografia cultural e o alinhamento da revista à perspectiva diaspórica, por exemplo, foi possível chegar ao terceiro capítulo provido de algumas ideias importantes como as de imaginação diaspórica (RODENAS, 2000), imaginação estrutural (BARTHES, 1970), imaginação poética (BACHELARD, 1978), que terminaram por propiciar uma abertura interpretativa para aquilo que Benedict Anderson (1993) propôs para a definição de uma nação, isto é, uma comunidade imaginada. Assim, o capítulo “Cuba virtual: configuração metadiscursiva e imaginação diaspórica” foi pensado para identificar como se deu nas páginas de *Encuentro* uma consciência em torno do papel de algumas revistas cubanas (sobretudo as do exílio) para uma reimaginação de Cuba e, mais do que isso, como a própria construção da identidade de *Encuentro* ao longo dos anos favoreceu esse papel a ela mesma, através do uso recorrente de variadas imagens metafóricas para defini-la ou para delinear o seu perfil, por parte de seus realizadores, colaboradores, apoiadores ou até detratores.

Portanto, coube ao quarto capítulo conclusivo “*Encuentro de la Cultura Cubana: uma comunidade sem fronteiras*” a proposição daquilo que denominamos como “imagem discursiva polifônica” da revista, ou seja, o efeito intelectual resultante de um amálgama formado por múltiplos enunciados de caráter interpretativo, facultados pela análise de uma série de ensaios sobre temas ímpares para o imaginário cultural cubano, e pela configuração imagética de ordem significativa e simbólica emitida também por uma pluralidade de vozes maiormente consonantes. Tal imagem, engendrada em seu sentido abrangente de um “arquipélago de papel”, surge como reveladora da identidade de *Encuentro* enquanto revista impressa de cultura, representativa de uma comunidade propagada pelo mundo e desejada como plenamente cubana.

Cinco anos se passaram desde que teve início (formalmente) este estudo e, no que se refere à *Encuentro* e seu legado de divulgação da cultura cubana, ou de reflexões, debates, polêmicas sobre manifestações artísticas e intelectuais produzidas por cubanos pelo mundo, tive contato com poucas referências críticas ou históricas (me refiro às não restritas aos círculos acadêmicos) realizadas após o fim da publicação da revista. Gratas exceções chegaram desde o mundo virtual, digital, em que *sites*, *blogs* ou periódicos avançam pugnando com o limbo do esquecimento. Mas, no geral, uma parte crucial da memória cubana continua agonizando e, quanto mais passa o tempo, mais fazem falta propostas de encontro transfronteiriço como a feita pela revista *Encuentro de la Cultura Cubana*.

## Capítulo 1.

### A revista *Encuentro de la Cultura Cubana* e sua representação cultural

“La única forma civilizada de oponerse a lo que todavía se autocalifica de revolución no es hacer contrarrevolución, sino proceder de modo opuesto a como lo hacen quienes detentan el poder en Cuba; esto es, abriendo las puertas al encuentro y al debate libre, civil y democrático entre cubanos.”

Jesús Díaz

*Otra pelea cubana contra los demonios*

#### 1.1 - Uma revista para a ilha inteira

##### 1.1.1 - Motivos e princípios

Publicada trimestralmente em Madri, Espanha, a partir do verão de 1996 e tendo como principal idealizador o escritor e cineasta Jesús Díaz, *Encuentro de la Cultura Cubana*<sup>13</sup> se insere em uma linha de revistas cubanas de cultura e de literatura criadas a partir da primeira onda de exilados cubanos posterior a 1959, ou do que se passou a determinar mais tarde como diáspora para se referir à intensa emigração a partir dos anos 80 e intensificada a partir dos 90 (ROJAS, 1999; LÓPEZb, 2004). O governo cubano havia anunciado o “Período especial en tiempos de paz” (1991-1999) como estratégia (prioritariamente econômica) para lidar com a crise deflagrada pelo colapso da União Soviética e os recrudescimentos do embargo econômico liderado pelos Estados Unidos<sup>14</sup>, fatos que provocaram ainda mais incertezas e inseguranças sobre o futuro do próprio governo revolucionário. Frente ao agravamento das condições sociais e consequente aumento de vozes discordantes do regime castrista, tanto dentro quanto fora da Ilha, com o seu primeiro editorial, “Presentación” (Nº 1), sabemos que

---

<sup>13</sup> Ao longo de treze anos (do verão de 1996 ao verão/outono de 2009), a revista teve quatro números por ano, com suas entregas associadas às estações no ano europeias.

<sup>14</sup> Sobretudo depois das aprovações da Lei Torricelli (1992) e logo adiante da Lei Helms-Burton (1996).

*Encuentro* foi lançada com o objetivo principal de “constituirse en un espacio abierto al examen de la realidad nacional”. Lamentando a circunstância em que se encontravam os cubanos divididos “en dos bandos que suelen ser presentados como irreconciliables”, propôs como premissa a ideia de prefigurar “la sociedad plural que deseamos para nuestro país” (REDACCIÓN, 1996, p. 3).

Com o sugestivo título “La cultura nacional es un lugar de encuentro”, um breve texto do poeta Gastón Baquero<sup>15</sup>, radicado na capital espanhola, colaborou como divisa anunciada também na primeira entrega da revista. Fazendo as vezes de uma declaração de princípios junto ao editorial “Presentación”, já podemos observar nas palavras de Baquero, por meio da invocação de valores como os de pluralidade e somatória, características que passariam a ser consideradas pelos editores como fundamentais para a cultura cubana, através de sua democrática proposta de linha editorial para a revista:

A la identidad cultural cubana pertenecen por igual todos los que de un modo u otro contribuyen a su vigencia actual, y por ende a su vigencia futura. El organismo vivo que es una cultura nacional está nutrido con los aportes de todos: hombres y mujeres, jóvenes y viejos, tradicionalistas e innovadores, activistas o indiferentes en política, en religión, y en tareas profesionales y artesanales. (BAQUERO, 1996, p. 4).

Com essa perspectiva, ao adotar a ideia de cultura como um lugar, como um lugar de encontro mais especificamente, a revista anunciava a si mesma invocando uma relação com certa noção de espaço a ser ocupado para reuniões entre cubanos em sua diversidade, proposta que se via dentro do que Baquero identificou como “obligación de todos” aqueles com o intuito de “superar los perjuicios del distanciamiento geográfico mediante la más intensa intercomunicación posible” (idem). Assim, a figura de Baquero e sua literatura eram tomadas desde o início como exemplos de resistência com tolerância a serem seguidos, algo reafirmado já no segundo número de *Encuentro* com uma homenagem ao experiente escritor ao publicar poemas inéditos, entrevista e um ensaio sobre sua poesia<sup>16</sup>.

---

<sup>15</sup> Gastón Baquero, na época com quase 80 anos, junto a importantes nomes como José Lezama Lima, Cintio Vitier e Virgilio Piñera, é comumente associado à geração que esteve nucleada pela revista *Orígenes* (1944-1956). Exilado na Espanha desde o início da Revolução, manteve até a sua morte em 1997 um profundo rechaço ao regime de Fidel Castro.

<sup>16</sup> “Homenaje” organizada por Felipe Lázaro, diretor da Editorial Betania em Madri e secretário de *Encuentro* em seus três primeiros números, contou com a colaboração de Efraín Rodríguez Santana desde

Outro importante texto publicado no número de estreia da revista em 1996 foi o do historiador exilado no México, Rafael Rojas, intitulado “La relectura de la nación”. Rojas, que seguirá sendo um dos mais assíduos frequentadores do espaço aberto por *Encuentro*, assumindo inclusive a direção da revista mais adiante<sup>17</sup>, aponta nesse ensaio justamente o próprio gênero ensaístico como profícuo caminho para uma releitura do patrimônio cultural cubano, justificando-o como “propicio para el examen de conciencia” segundo ele iniciado em Cuba desde os finais dos anos 80<sup>18</sup> (ROJAS, 1996, p. 43). Dentre os principais motivos da mobilização dessa nova ensaística, Rojas denuncia o que chamou de “disección del legado nacional” por parte do Estado cubano:

La identidad entre el Estado y la Nación, el gobierno y el pueblo, la sociedad civil y el sistema institucional, ha politizado la imagen histórica de la cultura cubana. El legado espiritual de la nacionalidad, que integran todos los discursos que alguna vez habitaron la isla, sufre una disección política. Las raíces que desembocan en el tronco actual, esas tradiciones que cristalizan en el cuerpo vivo del Estado, conforman el patrimonio ideológico de la autoridad revolucionaria y pretenden acoger las esencias de la cubanía. (Idem).

Ele exemplifica tal “disección” através da pouca relevância dada pelo oficialismo cultural a pensadores como José Antonio Saco, Enrique José Varona, Jorge Mañach e Fernando Ortiz<sup>19</sup>, por não “transluzirem” “la Verdad o el Secreto de la isla” dentro da ordem simbólica da Revolução, e complementa: “La revisión de la forma histórica actual del Estado, que ha sido presentada –teleológicamente– como el completamiento

---

Havana, responsável pela entrevista “La poesía es como un viaje” e pelo ensaio “La primera mirada – Apuntes de un lector deslumbrado”. Mais tarde a entrevista seria incluída por Lázaro no livro *Entrevistas a Gastón Baquero* (1998).

<sup>17</sup> A revista *Encuentro* estruturou seu expediente principalmente por meio de Diretores, dentre os quais ocuparam o cargo ao longo dos anos: Jesús Díaz (fundador, dirigiu a revista até o seu falecimento em 2002), Pío E. Serrano (1996-1997); Rafael Rojas (2002-2006), Manuel Díaz Martínez (2002-2009) e Antonio José Ponte (2007-2009); por meio de um Conselho de Redação (do N° 26/27 em diante) que contou com vários intelectuais, cubanos em sua maioria; por um Chefe de Redação, Luis Manuel García (también a partir N° 26/27); e por um amplo Comitê Editorial (a partir do N° 43).

<sup>18</sup> Como exemplos de novos ensaístas que vinham promovendo uma reconstrução do legado histórico do país, Rojas cita nomes como os de Antonio José Ponte, Rolando Sánchez Mejías, Víctor Fowler, Pedro Marqués de Armas, Iván de la Nuez e Ernesto Hernández Busto, escritores que colaborariam com a revista nos próximos anos, alguns com maior outros com menor intensidade.

<sup>19</sup> A “*summa insular*” oficial, segundo Rojas (idem), dificilmente divergia da nômima formada por Félix Varela, José de la Luz y Caballero, José Martí, Julio Antonio Mella, Rubén Martínez Villena, Nicolás Guillén e Alejo Carpentier.



político de la identidad cultural, suscita una relectura de la nación misma” (idem). Assim, entendemos a importância desse ensaio de Rafael Rojas presente no número inaugural de *Encuentro* por ele trazer à discussão, em pleno anos 90, categorias de reflexão em desuso naquele momento, como as de “legado espiritual”, de “esencias de la cubanía”, de “Secreto de la isla”, de teleologia, tão caras a originistas como Lezama Lima ou a influenciadores desse grupo como a espanhola María Zambrano, que se somados a nomes de intelectuais republicanos como os citados Mañach e Ortiz, ou de forjadores da identidade nacional cubana no século XIX como Saco e Varona, acabaram perfilando uma significativa filiação intelectual que irá ser bastante explorada pela revista.

Os textos de Baquero e de Rojas pertencentes ao primeiro número da revista adquirem ainda mais força discursiva ao lado de outros ensaios como os de análise política de Marifeli Pérez-Stable (“Misión cumplida: de cómo el gobierno cubano liquidó la amenaza del diálogo”) e Jorge I. Domínguez (“La transición política en Cuba”); também o de testemunho da venezuelana Elizabeth Burgos (“Roque Dalton: revivir al poeta”); ou o do brasileiro Paulo Antonio Paranaguá (“Tomás Gutiérrez Alea (1928-1996) – Tensión y reconciliación”) incluído na primeira homenagem feita pela revista, dedicada ao cineasta Tomás Gutiérrez Alea<sup>20</sup>, configurando assim uma importante atenção editorial inaugural à ensaística como uma “estrategia de reconstrucción” (ROJAS, 1996, p. 44) da narrativa sobre a herança cultural nacional cubana. Tal atenção se mostrou em alinhamento com o que Rojas propunha frente aos “ritos de adoración” ou “pruebas ontológicas de la fe” ao legado de base nacionalista do oficialismo, ou seja, um novo ensaio que resistisse “a esa ritualidad nacional por medio de un *aligeramiento* del legado”, dentro daquilo que chamou como “patriotismo suave” (ibid., p. 50, grifo do autor). Valeria, portanto, aqui destacar que desde esse início se pode notar argumentativamente a predominância de uma chamada a mudanças na ordem discursiva, com atribuição especial de certo protagonismo à forma do ensaio como instrumento de transformação da óptica identitária predominante dentro da Ilha. Essa transformação também se mostrava necessária na óptica da dissidência

---

<sup>20</sup> Poderíamos ainda somar a tais textos outros como o poema de José Kozler (“Reconocimiento”) e o trecho “Los años grises” do então inédito livro de Eliseo Alberto, *Informe contra mí mismo* (1997), todas colaborações de impacto dentro do meio intelectual cubano.

politicamente reacionária reunida em Miami, principalmente no que diz respeito à premência de se “deslocalizar” (BAQUERO, 1996, p. 4) a difusão da cultura.

Como comprovação da definição do pesquisador espanhol Rafael Osuna (1998, p. 18) de que uma revista é uma “estructura en el tiempo”, um “vehículo” que serve a um grupo para realizar no interior de sua cronologia uma “dinâmica” de “causalidades” relacionadas a seus propósitos editoriais, se avançarmos alguns números de *Encuentro* vemos também com a poeta e ensaísta Lourdes Gil uma atenção para a deslocalização cultural aludida por Baquero, por meio do ensaio publicado no número 14 (1999) intitulado “El doble discurso literario de la extrainsularidad”. Citando alguns exemplos fundadores da cultura cubana, ela destaca o fato histórico de que a nação cubana tem sido pensada ao longo dos anos tanto insular quanto extraterritorialmente, com evidente destaque para a produção literária realizada por cubanos nos Estados Unidos como José María Heredia, Enrique José Varona e José Martí. Afirma ainda a escritora:

Solamente una reorientación capaz de recoger el entramado disperso fuera de la isla, más acorde con las transformaciones propias de los tiempos que vivimos, podrá prestar un sentido orgánico y una cohesión al actual desparramo de nuestra cultura. Recuperar y reinterpretar el discurso extrainsular durante la crisis de legitimidad de la presente generación es casi imperativo. (GIL, 1999, p. 145).

Também em consonância com o que defendeu Rafael Rojas anteriormente, Lourdes Gil atenta para como as “rupturas traumáticas” e a “transgresión” dos espaços geográficos subverteram a noção de cultura num contexto de transformações geopolíticas: “(...) la diáspora nos conduce a una relectura que permita abarcar la (des)configuración del discurso; a replantear la relación elemental entre los espacios: el mítico y el real; el mental y el físico” (ibidem, p. 148).

### 1.1.2 - Ata fundacional

Dentro daquilo que implica pensar os processos contemporâneos de mudanças por intermédio do entendimento sintetizado pela ideia de globalização – contexto em que o surgimento da revista estava inserido –, haveria que agregar a esta noção de interconexão espacial, como a que vimos pelos argumentos de Gastón Baquero e Lourdes Gil, também novas características resultantes de uma “compressão de escalas

temporais”, como bem observa Stuart Hall (2006a, p. 68). O tempo e o espaço são as “coordenadas básicas de todos os sistemas de representação” (ibidem, p. 70), verificação que levaria Hall a afirmar que as alterações de ordem espaço-temporais compõem os aspectos mais incisivos sobre as recentes transformações ocorridas nas identidades culturais. Em um sentido complementar, Leonor Arfuch (2005, p. 24), ao sustentar categoricamente que “No hay entonces identidad por fuera de la representación”, avalia que a perda de certezas e de valores unívocos, o “descentramento” do sujeito ou a diversidade de referências de identidades provocados pelas mudanças das novas coordenadas espaço-temporais globais, terminaram por favorecer “un desplazamiento del punto de mira omnisciente y ordenador en beneficio de la pluralidad de voces”, constatação que favoreceu um “giro epistémico” em que “la narrativa” acabou surgindo como “renovado espacio significativo” (ibidem, p. 22). Diante de tal quadro de mudanças dos sistemas de representação em vigência durante os anos 90, enquanto emissora de um discurso hemerográfico polifônico é perceptível a compreensão de *Encuentro* da exigência de um novo esforço narrativo para a identidade nacional, uma das vertentes do ensaísmo praticado pela revista que com este nosso estudo pretendemos analisar.

Nesse sentido, o fato de *Encuentro* ter surgido em um país como Espanha se mostra bastante significativo. Distante do antagonismo dicotômico alimentado, sobretudo, pela narrativa revolucionária que sempre teve os Estados Unidos e particularmente Miami como maiores representantes da oposição ao regime cubano, Madri poderia ser tomada como outro espaço mais propício a reformulações epistemológicas que potencializassem uma dupla crítica direcionada a ambos os discursos opostos, propondo assim uma aproximação efetiva entre os cubanos moradores da Ilha e os da diáspora, apontando para a importância de uma “reconciliação” nacional e defendendo um processo gradual de transição pacífica a uma democracia como sistema político para o país. Mas, principalmente, na revista fundada por Jesús Díaz é possível notar desde o seu início um claro propósito de contrapor a lógica segregativa do regime castrista ao adotar como linha editorial um discurso de integração, ao mesmo tempo em que transmitindo a pluralidade da mensagem de que à cultura nacional pertencem autores de diversas posições ideológicas ou propostas estéticas. Essa perspectiva convergente de *Encuentro* poderia, portanto, ser tomada

como o seu grande diferencial, constituindo-se como a única publicação dentro da tradição de revistas cubanas extrainsulares que de fato reuniu constantemente em suas páginas colaboradores moradores da Ilha, segundo afirmação de Rafael Rojas<sup>21</sup>.

Importante ressaltar que a revista surgiu como consequência direta das jornadas literárias “La Isla Entera” (sua “acta fundacional”, de acordo com Jesús Díaz (1997b, p. 4)), ocorridas em Madri entre 20 e 25 de novembro de 1994, organizadas e financiadas pelo Ministerio de Asuntos Exteriores de España sob o impulso político do diplomata espanhol Inocencio Arias e da cubana Annabelle Rodríguez (SERRANO, 2007, p. 114). Com o apoio de instituições como a Casa de América e a Facultad de Filología da Universidad Complutense de Madrid, o encontro reuniu poetas e ensaístas cubanos residentes dentro e fora da Ilha para comemorarem os 50 anos de fundação da revista *Orígenes*, sob o emblema de que “la cultura cubana es una sola”<sup>22</sup>. Tamanho foi o êxito desse encontro – onde, segundo Jorge Luis Arcos (2006, p. 209) “predominó el diálogo libre y democrático y el respeto a la diferencia” – que para o princípio de 1996, entre os dias 29 de janeiro e 02 de fevereiro, foi proposto um novo seminário com o nome de “La Isla Entera: el cuento en la literatura cubana”<sup>23</sup>, dessa vez organizado pela

---

<sup>21</sup> Em entrevista a Jorge Ferrer (FERRER et al., 2006, p. 160-161).

<sup>22</sup> Interessante que nesta mesma época ocorreram outros importantes encontros dedicados à cultura cubana, aos quais, por enquanto, fazemos aqui simples referência em ordem cronológica: entre os dias 25 e 28 de maio de 1994, aconteceu o Encuentro de Estocolmo, Suécia, financiado por The Olof Palme International Center e organizado pelo escritor cubano René Vázquez Díaz, contando com as presenças tanto de exilados como de moradores da Ilha, como Jesús Díaz, Manuel Díaz Martínez, Heberto Padilla, Antón Arrufat, Reina María Rodríguez, entre outros (ver DÍAZ, R. V., 1994); logo em seguida, em junho de 1994, também pelo motivo de celebração da revista *Orígenes*, ocorreu na Casa de las Américas, em Havana, o Coloquio Internacional Cincuentenario de *Orígenes*, com participações apenas de moradores da Ilha ou de convidados estrangeiros, como, por exemplo, Roberto Fernández Retamar, Efraín Rodríguez Santana, Antonio José Ponte e a acadêmica espanhola Carmen Ruiz Barrionuevo; menos citado, fazemos aqui ainda referência ao Simpósio Cubano-alemão realizado pela Asociación Alemana de Investigación sobre América Latina (ADLAF), entre os dias 15 e 19 de junho de 1995 na Ilha de Vilm e em Berlim, com participantes cubanos da Universidad de La Habana, do Centro de Estudios Europeos (CEE) e do Centro de Estudios Americanos (CEA), assim como pesquisadores alemães de diferentes universidades do país, onde foram discutidos diferentes temas ligados à política, economia, sociologia, geografia, história e letras (ver KOHUT; MERTINS, 1995); por último, mencionamos o encontro que teve lugar em Havana quase simultaneamente ao simpósio ocorrido na Alemanha, que, sob o título de Cuba: Cultura e Identidad Nacional e organizado pela Unión de Escritores y Artistas de Cuba (UNEAC) e pela Universidad de La Habana nos dias 23 e 24 de junho de 1995, reuniu cerca de oitenta críticos, pesquisadores e escritores cubanos (muitos residentes nos Estados Unidos) para debaterem temas e conceitos em torno da identidade nacional (ver GARCÍA, 1995).

<sup>23</sup> Em seu número inaugural, a revista trouxe as palestras relacionadas a este encontro, de autores como Rolando Sánchez Mejías e Abel Prieto, além de Mayra Montero, René Vázquez Díaz, Efraín Rodríguez Santana e Luis Manuel García.

Secretaría de Estado para la Cooperación Internacional y para Iberoamérica também em Madri e com o apoio das mesmas instituições anteriores, mas que terminou por não repetir o primeiro resultado graças aos entraves colocados pelo governo cubano para que viajassem a Espanha os escritores moradores da Ilha. Ainda de acordo com Arcos (idem), já em 1994 Jesús Díaz havia tornado público seu desejo de fundar uma revista que tivesse como linha editorial o encontro cultural cubano, demonstrando assim a forte motivação inspirada por uma proposta como a da reunião de “La Isla Entera”. Não seria demasiado supor que o sentimento de frustração gerado pelo seminário de 1996, ainda que indiretamente, tenha também colaborado para incentivar a proposta predominantemente reconciliadora da revista *Encuentro*.

Alguns exemplos extraídos do primeiro número de *Encuentro* podem ser interessantes para elucidar como a revista inaugurou a proposta dessa narrativa discursiva democrática que, de certa forma, bem se enquadraria no interior do que Arfuch (2005, p. 22) sugeriu como “renovado espacio significante” ao tratar das transformações das referências identitárias finisseculares. A própria nômima de colaboradores cubanos localizada nas últimas páginas mostra, através da diversidade geográfica da qual provieram suas colaborações, o caráter inclusivo em torno da autonomia editorial e da liberdade de expressão almejado pela revista de forma independente de determinações territoriais: dentre eles encontramos moradores tanto de Havana (como Alberto Garrandés, Guillermo Rodríguez Rivera, José Prats Sariol, Rolando Sánchez Mejías, Lázara Castellanos, Zaida del Río) como de Miami (Carlos Victoria, Umberto Peña, José Iraola, Marcia Morgado), ainda contando com moradores de países como México, França, Venezuela, Porto Rico, Suécia, além da própria Espanha. Também nesse sentido do aspecto democratizante, chama a atenção a presença do controverso fragmento do informe do Buró Político apresentado por Raúl Castro (1996) no “V Pleno del Comité Central del Partido Comunista de Cuba”, retirado do jornal *Granma* (27 mar. 1996), texto em que podemos inclusive encontrar um severo juízo da revista *Pensamiento Crítico* (1967-1971), de que Jesús Díaz havia feito parte e da qual trataremos a seguir. Soma-se a esse exemplo anterior outro bastante polêmico que foi a publicação do artigo de Abel Prieto, “Ser (o no ser) intelectual en Cuba”<sup>24</sup>, em

---

<sup>24</sup> Retirado do jornal espanhol *El País*, do dia 20 de fevereiro de 1996.

que o então presidente da Unión Nacional de Escritores y Artistas de Cuba (UNEAC) comentou o “fracasado encuentro *La Isla Entera*”<sup>25</sup>, aproveitando para afirmar que “la responsabilidad por todo el patrimonio cultural de la nación pertenece a las instituciones y a los intelectuales de la isla” (PRIETO, 1996, p. 93). Em contraponto à visão de Prieto, foi publicado o texto de Rolando Sánchez Mejías, “Carta abierta a los escritores cubanos”, onde o escritor explicou as “razones políticas” (MEJÍAS, 1996, p. 90) que segundo ele de fato levaram ao desencontro do seminário “La Isla Entera: el cuento en la literatura cubana” em 1996, concluindo que a anulação do espaço institucional cubano (“sociedad civil, revistas y periódicos autónomos, libertad de opinión, ausencia de censura política”) acarretou na “desaparición del intelectual en Cuba” (ibidem, p. 92). Essa publicação de textos em forma de debate comprova a proposta estratégica da revista, ao menos em sua perspectiva editorial inicial, de confrontar diferentes pontos de vista sobre questões importantes, onde, no caso do exemplo anterior, de um lado falava o burocrata de uma instituição cultural oficial do Estado e de outro falava o escritor que sofria com a censura por ela imposta<sup>26</sup>. Como veremos adiante, as presenças de Raúl Castro e de Abel Prieto no primeiro número da revista causou muitas controvérsias em sua recepção entre cubanos exilados.

### 1.1.3 - A revista é um espaço

Podemos, portanto, assim inicialmente observar o quanto a condição diaspórica e transnacional dessa revista cubana, ao buscar se distanciar de um antagonismo dicotômico, já desde o primeiro número potencializava sua proposta editorial. Tal constatação nos leva a direcionar uma cuidadosa atenção para sua consciência dos múltiplos usos de significados da ideia de “espaço”, indiscutivelmente presente no discurso de *Encuentro*, que inclusive de um modo geral parece predominar de maneira quase inerente às definições e às leituras diversas sugeridas por críticos especialistas em revistas culturais ou literárias sobre a própria noção do que é uma revista. Como se nota

---

<sup>25</sup> Até onde nos foi possível averiguar, “La Isla Entera” foi o nome do encontro ocorrido em 1994 em torno da poesia cubana, tendo sido o de 1996 denominado “La Isla Entera: el cuento en la literatura cubana”.

<sup>26</sup> *Encuentro* depois publicou, em seu número 2, a “Carta abierta. Ser intelectual en Cuba: ficción (o realidad)”, resposta de Sánchez Mejías (assinada em conjunto com Ricardo Alberto Pérez) às alegações de Prieto.

mesmo neste nosso texto que até aqui elaboramos, o uso expressivo de uma terminologia onde abundam entendimentos como os de “imaginação de um espaço nacional”, “espacio abierto”, “lugar de encuentro”, “frequentadores do espaço”, “deslocalizar’ a difusão da cultura”, “transgresión’ dos espaços geográficos”, “interconexão territorial”, “renovado espacio significativo”, “extrainsular”, “extraterritorial”, etc., demonstram o quanto o caso da revista *Encuentro de la Cultura Cubana*, para além de sugerir uma abordagem analítica sobre suas principais características, parece na realidade prescrever a necessidade de uma leitura que tenha a noção de “espaço” como categoria analítica.

A utilização do termo “espaço” para retratar as características fundamentais desse tipo de publicação periódica, no sentido estrito ou no sentido figurado, como dissemos acima, encontra-se presente em inúmeros ensaios ou artigos que buscaram identificar possíveis fundamentos para uma sistematização conceitual que alcançasse o “objeto” revista em seu aspecto definidor. Beatriz Sarlo, por exemplo, o utilizou para constatar a dupla peculiaridade da geografia cultural de uma revista: “el espacio intelectual concreto donde circulan y el espacio-bricolage imaginario donde se ubican idealmente”, assim nos provocando a pensá-la em direção ao seu “imaginario cultural” (SARLO, 1992, p. 12). Jorge Schwartz e Roxana Patiño, por sua vez, ao darem relevo à expansão na virada do milênio de uma área interdisciplinária dedicada aos estudos de revistas literárias e culturais, observaram que as revistas

pueden ser pensadas y estudiadas desde una nueva tendencia de la crítica literaria y cultural como un espacio dinámico de circulación e intersección de discursos altamente significativos para el estudio no sólo de la literatura sino del análisis, la historia y la sociología cultural, la historia de las ideas y la historia intelectual. (SCHWARTZ; PATIÑO, 2004, p.647).

Regina Crespo também procurou alinhar-se ao caráter histórico e sociológico ao afirmar que, no transcorrer do século XX, “Las revistas literarias y culturales han representado un espacio privilegiado para el establecimiento de pautas de discusión y acción no sólo en el campo cultural e intelectual sino además en el ámbito sociopolítico” (CRESPO, 2010, p. 9). Já Claudia Gilman, ainda que mais propriamente ocupada em pensar um perfil de revista específico, combativo, engajado e muito próprio aos anos 60/70, neste

caso identificou a importância das revistas ao ajudarem a inventar um verdadeiro “objeto”:

En las revistas confluyeron, por un lado, la recuperación del horizonte del modernismo estético; por otro, un espacio de consagración alternativo a las instituciones tradicionales e instancias oficiales. Y, finalmente, la construcción de un lugar de enunciación y práctica para el intelectual comprometido. En cierto modo, un lugar que le provee un objeto, un espacio simbólico, un contexto o un destino. Ese objeto o destino se denominó Latinoamérica. (GILMAN, 2003, p. 78-79).

Pablo Rocca, através de uma observação que nos parece mais abrangente, procurou destacar a característica mediadora de uma revista:

Se trata, pues, de un espacio de mediación entre el lector y el grupo que la compone, que puede ser más o menos homogéneo, pero que siempre tendrá, cualquiera sea su grado de contundencia o de explicitación, un vínculo tenso con las estéticas hegemónicas, las ideologías y las condiciones de la realidad. Con todas o con alguna de ellas. (ROCCA, 2004, p. 16).

Característica mediadora também destacada por Mabel Moraña, mas desde uma perspectiva mais preocupada com a construção de “una territorialidad cultural para América Latina”, levando em conta necessidades específicas frente aos processos de globalização, como, segundo ela, dialogismo, polifonia e antisectarismo:

Creo que las revistas, tanto por su alcance y características de objetos culturales, como por los protocolos de lectura que proponen y el público que son capaces de convocar, tienen un papel fundamental que jugar en el proceso de definir, delimitar y defender esa territorialidad. (MORAÑA, 2003, p. 70).

Mas provavelmente nenhum outro estudioso de revistas latino-americanas tenha atinado tão convictamente para uma “densificación epistemológica de la espacialidad en la revista” como Juan Carlos Quintero Herencia, ao se ocupar da cubana *Casa de las Américas*, enxergando já desde os próprios nomes das revistas emblemas que “señalan tópicos, tiempos y formas de discusión”: “Las revistas y sus títulos casi siempre demarcan espacialidades, anuncian pertenencias institucionales o insinúan poéticas específicas” (HERENCIA, 2002, p. 22-23).



Diante disso e retornando ao que nos coube observar na revista *Encuentro* a partir do desenvolvimento de uma ensaística como preferencial modalidade textual de caráter dialógico, propícia para uma releitura do patrimônio cultural cubano (ROJAS, 1996), pretendemos trazer ao debate como *Encuentro* fez questão de tornar pública uma consciência de atuação em ambos os espaços “concreto” e “imaginário” (SARLO, 1992) de maneira estrategicamente imbricados, buscando, dessa forma, evitar que a fragmentação da cultura cubana se fizesse definitiva (DÍAZ, 1997b). A leitura que propomos se ocupa em identificar e analisar ao longo da publicação um *corpus* ensaístico que expresse tal atuação, abordando, para isso, a revista por meio das seguintes perspectivas convergentes: a diaspórica no sentido espacial, ou seja, a que considera suas esferas exteriores de abrangência colaborativa e de circulação; a discursiva ou imaginária em sua índole plural e democrática, decisiva característica de sua linha editorial; e a estrutural ocupada com espaços e superfícies interiores aos ensaios, e relativa ao campo da materialidade. Através dessas abordagens, nosso intuito com este trabalho poderia, portanto, ser apresentado como a verificação da problemática da efetividade do que aqui constatamos como necessidade de imaginação de outro espaço nacional, práxis intelectual reconciliadora assumida pelos editores e colaboradores de *Encuentro* em prol da criação da revista como um espaço simulacro de uma Cuba plena.

## **1.2 - O projeto de Jesús Díaz: protagonismo dissonante, desencanto inconformista e autonomia intelectual**

### **1.2.1 - O homem-revista**

Em dezembro do ano de 2002, durante o tumultuado lançamento do número 25 de *Encuentro* na Feria Internacional del Libro (FIL) de Guadalajara – entrega da revista curiosamente dedicada a homenagear seu fundador, Jesús Díaz, que havia morrido em Madri no dia 2 de maio daquele mesmo ano –, Antonio José Ponte (2002b) fez questão de afirmar categoricamente: “Jesús Díaz es el mayor hacedor de revistas cubano del siglo XX”, comparando-o a José Rodríguez Feo (*Orígenes, Ciclón*), e ainda comentando brevemente sobre uma característica imprescindível para a compreensão do projeto literário e cultural de Díaz:

Es, además del mayor fundador de revistas con que contamos, el intelectual que más hizo patente los cambios en su pensamiento. Ningún otro ejemplo conozco más alborotador y más rotundo. Ello supone la puesta en escena de esa transformación, puesta en escena del pensamiento, publicación de los vaivenes de éste. No le bastó cambiar, tuvo que anunciarlo. Perfecto hombre-revista, no le bastó anunciarlo, actuó más allá: pidió perdón a quienes hubiera herido en una vida anterior. (Idem).

Assim se referindo ao pedido de desculpas públicas à narradora Ana María Simo pelos choques agressivos por “motivos de autoafirmación y celos literarios” (DÍAZ, 2000a, p. 109) à época em que ela estava à frente das Ediciones El Puente. Tal retratação foi realizada por Díaz através de sua intervenção “El fin de otra ilusión – A propósito de la quiebra de *El Caimán Barbudo* y la clausura de *Pensamiento Crítico*”, memórias lidas durante o congresso LASA 2000 em Miami<sup>27</sup> e depois publicada no dossiê dedicado pela revista *Encuentro* (Nº 16/17, 2000) a esse congresso, texto ao qual aqui nos ocuparemos para algumas reflexões.

De fato, acompanhar a trajetória intelectual e artística de Jesús Díaz implica em não apenas levar em consideração essa transformação mencionada por Ponte, ocorrida também em outros importantes intelectuais cubanos dissidentes que direta ou indiretamente haviam apoiado o regime (como Carlos Franqui e Antonio Benítez Rojo, por exemplo), mas procurar ter bastante claro que tanto sua produção durante a “vida anterior” à sua saída de Cuba quanto a de seus anos em Europa marcaram a cultura de seu país<sup>28</sup>. Além disso, como veremos, ao traçar algumas considerações sobre a abrangência de sua obra variada e inquieta, temos a oportunidade de nos aproximar de um entendimento interior à maneira como ele procurou conceber seu trabalho e o quanto neste está presente sua preocupação com uma nem sempre compreendida busca de coerência intelectual. Frente a isso, talvez nenhuma definição seja tão precisa como a

---

<sup>27</sup> Em março daquele ano a revista organizou uma mesa no congresso da Latin American Studies Association (LASA) intitulada “Los intelectuales y la democracia en Cuba”, contando com participações do espanhol Ignacio Sotelo, do mexicano Carlos Monsiváis e de Rafael Rojas, Marifeli Pérez-Stable e Jesús Díaz, cujas intervenções foram incluídas no referido dossiê.

<sup>28</sup> É o que afirmou Iván de la Nuez: “La historia de la cultura cubana en la Revolución no puede escribirse sin el compromiso y la obra múltiple y abarcadora de Jesús Díaz. Lo curioso es que sin ella tampoco es posible escribir la historia del exilio cubano” (NUEZ, 2002, p. 41).

de Ponte (2002b): Jesús Díaz pode ser considerado um “perfecto hombre-revista”<sup>29</sup>. Suas atuações, primeiramente como diretor do suplemento literário *El Caimán Barbudo*, depois como membro mais ativo do conselho de direção da revista *Pensamiento Crítico* e mais tarde como fundador de *Encuentro de la Cultura Cubana*, podem comprová-lo.

Surgido junto ao jornal *Juventud Rebelde*<sup>30</sup> como um encarte mensal, em abril de 1966, *El Caimán Barbudo* teve sob a fundação e direção de Jesús Díaz a publicação de 17 números até outubro de 1967<sup>31</sup>. Seu diretor vinha de um recente prestígio adquirido naquele mesmo ano de fundação desse suplemento literário, com apenas 24 anos de idade, após ganhar o prêmio Casa de las Américas por seu livro de contos *Los años duros* (1966). Eram os primeiros momentos de uma época revolucionária que havia até então estimulado enormemente a toda uma intelectualidade latino-americana e europeia. Em termos literários, ainda que não propriamente resultantes desses iniciantes anos revolucionários, os cubanos acabavam de dar a conhecer obras extremamente importantes como *El siglo de las luces* (1962), de Alejo Carpentier, e *Paradiso* (1966), de José Lezama Lima, mas que, segundo relatou o próprio Díaz em “El fin de otra ilusión”, tratava-se do “fulgurante esplendor que precede a las catástrofes” (DÍAZ, 2000a, p. 106):

(...) la coincidencia entre el prestigio de que gozaba entonces la revolución y el brillo literario de La Habana de la época nos cegaran, haciéndonos albergar la ilusión de que una cosa era consecuencia de la otra, de que una “vanguardia política”, como decíamos entonces, era conciliable con una “vanguardia artística” experimental e incluso herética. No lo era, desde luego, y muy pronto íbamos a enterarnos, de mala manera. (Ibid., p. 107).

A primeira desilusão de Díaz acerca de suas atividades como promotor cultural revolucionário esteve diretamente ligada ao desencadeamento de um dos episódios mais conhecidos em oposição à política cultural cubana que foi o “caso Padilla”, dentro do

---

<sup>29</sup> Não podemos deixar de pensar na ideia de Nicolás Rosa, retomada por Adriana Kanzepolsky (2004, p. 18), que considera as revistas literárias como autobiografia da literatura, aqui permitindo ainda acrescentar, a partir do caso de Jesús Díaz, também a ideia das revistas como autobiografia de seus próprios fazedores.

<sup>30</sup> Este periódico havia sido fundado em Havana em outubro de 1965 como órgão da Unión de Jóvenes Comunistas (UJC), dirigido pelo amigo de Díaz, Miguel Rodríguez Varela.

<sup>31</sup> 19 números, se consideradas as edições extras de junho de 1966, junto ao número 3, e a de janeiro de 1967, junto ao número 11, como informa Sílvia Miskulin (2009, p. 54-55).

oficialmente chamado “diversionismo ideológico”. Mas antes disso, conforme podemos comprovar com o que diz Sílvia Miskulin (2009) sobre as atividades de *El Caimán Barbudo* sob a direção de Díaz, de certa forma o periódico já vinha desafiando setores mais dogmáticos do Partido Comunista Cubano e da Unión de Jóvenes Comunistas:

*El Caimán Barbudo* definia uma proposta político-cultural, ao explicitar a necessidade de engajamento e compromisso dos intelectuais com a Revolução. Ao mesmo tempo, seus editores deixaram explícito seu repúdio ao realismo socialista e o incentivo às experimentações artísticas, seja na linguagem, na forma e nas inovações que propunham nas obras de arte produzidas após o triunfo da Revolução e publicadas no suplemento. (MISKULIN, 2009, p. 85).<sup>32</sup>

Portanto, seguramente, quando no número 15 (junho de 1967) surgiram publicadas nas páginas do periódico tanto a famosa resposta de Heberto Padilla à pesquisa acerca do romance de Lisandro Otero, *Pasión de Urbino* (1966), em que o poeta elogia um autor do exílio como Guillermo Cabrera Infante e seu romance *Tres tristes tigres* (1967); quanto a “Respuesta” assinada pela Redação retoricamente rebatendo as opiniões de Padilla, neste momento composta por Jesús Díaz (diretor), Luis Rogelio Noguerras (responsável de redação), Guillermo Rodríguez Rivera e Victor Casaus (pertencentes ao conselho de redação, dentre outros); *El Caimán Barbudo* já vinha provocando um crescente incômodo nos meios intelectuais revolucionários. Comprovam os comentários do próprio Díaz no referido texto memorial publicado em *Encuentro*: “No quiero decir que *El Caimán Barbudo* en su primer período haya sido una publicación disidente. No lo fue en absoluto. Pero sí fue una publicación disonante. No se sumaba bien al coro de la unanimidad, desafinaba a todas luces” (DÍAZ, 2000a, p. 111). O atrevimento do conselho de redação em dar voz a Padilla custou a troca de todo grupo dos responsáveis pelo suplemento, e proporcionou o estopim inicial diretamente relacionado com o iminente estrondo que ajudaria a abalar internacionalmente o respaldo à política cultural revolucionária com o “caso Padilla”.

Antes mesmo do surgimento de *El Caimán Barbudo* Jesús Díaz já era professor no Departamento de Filosofia da Universidad de La Habana, onde, em fevereiro de

---

<sup>32</sup> A pesquisadora refere-se ao destaque dado pelo suplemento a autores como Peter Weiss, Bertold Brecht, Ingmar Bergman, Luis Buñuel e André Breton, por exemplo. (Ver MISKULIN, 2009).

1967, ajudou a fundar a revista *Pensamiento Crítico* (1967-1971) junto a outros nomes como Fernando Martínez (diretor), Aurelio Alonso e Hugo Azcuy (conselho de direção, do qual, entre outros, Díaz fazia parte). Nas palavras de Elizabeth Burgos (2002, p. 52), “*Pensamiento Crítico* sería el título de la revista que iba a ser el órgano de un marxismo crítico, contrapuesto al marxismo oficial”, e onde seriam publicados textos de pensadores cubanos do século XIX e XX como Varela, Martí, Varona, Ortiz, Guerra; junto a heterodoxos europeus como Luckács, Gramsci, Luxemburgo; e contemporâneos de esquerda como Althusser, Marcuse, Adorno, Horkheimer, Hobsbawm (DÍAZ, 2000a).

O fato é que o contexto político e ideológico daquele momento estava fortemente marcado pela pressão soviética sobre Cuba, e os aportes financeiros vindos de Moscou tinham um interesse específico em que o apoio de Fidel Castro à invasão soviética a Tchecoslováquia em 1968 bastante simbolizaria esta relação bilateral. Os resultados editoriais alcançados pela revista, por um lado com um viés preponderantemente voltado para os processos revolucionários latino-americanistas e com ínfima presença de textos vindos da União Soviética; e por outro pelo acento leninista impulsionado, inclusive, também pelo próprio Díaz com a publicação de um longo ensaio como “El marxismo de Lenin” (Nº 38, março 1970), por exemplo, acabaram por conformar após 50 números<sup>33</sup> um espaço crítico demasiado revisionista. Voltando a Elizabeth Burgos (2002, p. 60), ao parafrasear a opinião do embaixador soviético em Cuba em relação a *Pensamiento Crítico*, o marxismo-leninismo “ya había sido analizado y no se necesitaba de los cubanos para hacerlo de nuevo”. Curiosamente, a revista acabou por adquirir um confuso prestígio em torno da sua representatividade, por ser identificada, segundo Díaz (2000a, p. 114), tanto por “amigos” quanto por “enemigos” como “revista teórica oficial” do Partido Comunista Cubano, algo que não correspondia à realidade, mas que terminou por contribuir não só para o seu fechamento, como o do próprio Departamento de Filosofia da universidade. Jesús Díaz (ibid., p. 118) ainda chegou a relatar o tamanho significado simbólico gerado pelo descontentamento oficial em relação a *Pensamiento Crítico*, ao ponto de uma enorme máquina “motoniveladora” mais tarde destruir completamente “como a un recinto

---

<sup>33</sup> A última entrega, a de número duplo 49/50, se deu em fev.-mar. de 1971.

maldito” o espaço da sede do Departamento de Filosofia localizado no bairro de Vedado...

A iconoclastia de um relato como o anterior exemplifica o quanto as reflexões de Díaz sobre *Pensamiento Crítico* transpareceram um grande desencanto, levando-o ainda a fazer uma espécie de *mea culpa* ao pesar os prós e os contras dessa publicação, e que aqui fazemos questão de transcrevê-las:

*Pensamiento Crítico* fue siempre una publicación autónoma. Tanto sus aciertos como sus carencias fueron responsabilidad exclusiva de quienes la hicimos. En la columna de logros cuenta con un activo impresionante: haber introducido en la Cuba de Castro y del partido único las inquietudes y reflexiones del 68; en cambio, en la del debe acumuló una deuda impagable, no haber hecho honor a su nombre, no haber pensado críticamente a la revolución cubana. En efecto, ni en el seno de la revista ni en el del Departamento de Filosofía se produjo ningún análisis crítico sobre la convulsa realidad nacional. La nuestra fue la generación del silencio; nunca cesaré de avergonzarme por ello ante los jóvenes intelectuales cubanos. (DÍAZ, 2000a, p. 115).

A partir dessa observação a respeito da “autonomia” da publicação é possível inferir que a existência de certa independência na responsabilidade de atuação da revista ocorreu justamente por ela “no haber pensado críticamente la revolución cubana”. Ou também por ela atuar em um espaço pouco preciso em termos de representatividade, como vimos, não deixando totalmente claro seu pertencimento enquanto órgão de publicação do Departamento de Filosofia e que é verificável inclusive pela ausência de referências a essa filiação em suas páginas ou expediente editorial.

Além disso, através dos depoimentos de Jesús Díaz (2000a) acerca da imprecisa orientação filosófica ou econômica de origem hispano-soviética no que diz respeito aos programas das disciplinas acadêmicas; assim como sobre a falta de formação nessas áreas dos responsáveis pela revista; somados ainda à leitura horizontal das páginas de *Pensamiento Crítico* para uma observação de seus conteúdos principais; o que percebemos é uma confessa exploração dos limites no interior do “espacio-bricolage imaginario” (SARLO, 1992, p. 12) de sua atuação, cujas fronteiras seriam por fim não só demarcadas pelo oficialismo cubano sob pressão soviética como por ele fechadas definitivamente. Como é sabido, por meio do acirramento político-ideológico enfrentado pelos cubanos a partir do final dos anos 60 que proporcionou aquilo que

Quintero Herencia (2002, p. 31) chamou de “discursividad marcial” entre seus intelectuais, o fechamento de *Pensamiento Crítico* após 50 números em quatro anos de publicação, na verdade – e relativizando a opinião de Díaz – a nosso ver também se constitui como mais outro exemplo de produção cultural vitimizada pela acumulativa imposição de limites à autonomia do campo intelectual cubano defendida pelo regime castrista. Nada mais concreto nesse sentido, portanto, do que o fechamento de uma revista por ideologicamente “diversionista” (CASTRO, R., 1996, p. 22), se considerarmos aquilo que afirmou Gisèle Sapiro (2004) sobre a importância da existência de revistas para autonomia do campo literário (aqui apliando-o para campo intelectual), de que “a instância mais representativa do princípio de autonomia é a revista, na qual a crítica e o juízo dos pares podem ser exercidos longe dos constrangimentos externos” (SAPIRO, 2004, p. 99-100).

### 1.2.2 - Salvo pelo cinema

Como podemos notar até aqui e como bem diz seu título “El fin de otra ilusión – A propósito de la quiebra de *El Caimán Barbudo* y la clausura de *Pensamiento Crítico*”, essas memórias de onde extraímos tais considerações de Díaz sobre suas participações na publicação de revistas, de predominante tom subjetivo baseado tanto nas próprias experiências do autor como também naquilo que lhe coube como testemunha, e exposta publicamente em um congresso para em seguida ser publicada na revista *Encuentro*, no que diz respeito a seu conteúdo nos parece bastante importante por retratar o quanto um acúmulo de desilusões pessoais em relação a seus projetos culturais marcaria sua trajetória revolucionária. Mas, além disso, nosso interesse sobre um texto como esse avança em um sentido de significância enquanto gênero textual, apontando para uma reflexão acerca de possíveis fronteiras entre formas escritas como a da memória e a do ensaio, cujos limites em algumas ocasiões flexíveis poderiam suscitar questionamentos discernentes em torno da própria subjetividade implicada em ambos os gêneros. Se neles temos em evidência um indiscutível *eu* organizador do discurso como sujeito da enunciação, o grau de centralidade desse *eu* em cada um desses gêneros marcaria um diferencial importante: enquanto na memória a subjetividade predomina com explicitação na organização interpretativa dos objetos, no ensaio o ponto de vista pessoal, ainda que fundamental para caracterizar o gênero (WEINBERG, 2006), parece

buscar um maior equilíbrio discursivo ao polemizar com um *eles*, assim preferindo centrar-se mais explicitamente no objeto da interpretação. Lançamos com essa reflexão apenas uma ideia que poderá nos ser útil para discutir o ensaio ao longo deste estudo.

Retornando ao conteúdo dessas memórias intelectuais de Jesús Díaz (2000a), este, ao afirmar o constrangimento por seu silêncio e o de sua geração sobre a revolução cubana, instiga uma reflexão sobre alguns outros trabalhos seus produzidos para o cinema a partir dos anos 70, após ter sido “quemado politicamente” (CHARLANDO, 1998) e terminar sendo abrigado culturalmente por Alfredo Guevara no ICAIC (Instituto Cubano del Arte e Industria Cinematográficos). Atuando como roteirista, com destaques para filmes como *Ustedes tienen la palabra* (direção de Manuel Octavio Gómez, 1973) e o polêmico *Alicia en el pueblo de Maravillas* (direção de Daniel Díaz Torres, 1991); dirigindo também documentários importantes como, por exemplo, *En tierra de Sandino* (1980), sobre a revolução na Nicarágua, e, principalmente, *55 hermanos* (1978), sobre a brigada Antonio Maceo; além de dirigir longas-metragens de ficção como *Polvo rojo* (1981) e *Lejanía* (1985); é manifesto o quanto Díaz procurou se ocupar da realidade cubana introduzindo abordagens novas e, de certa forma, até rompendo alguns tabus.

Ao narrar a viagem a Cuba dos jovens cubanos componentes da brigada Antonio Maceo criados no exílio norte-americano e que se interessaram por conhecer o país revolucionário do qual seus pais haviam sido expulsos ou tinham fugido, sem dúvida que o documentário *55 hermanos* tocou em uma ferida exposta da qual poucos artistas ou intelectuais até então estavam dispostos a tratar. O filme mostrou o tema do exílio sendo refletido e aberto ao diálogo de maneira direta pela primeira vez numa obra cinematográfica cubana, ao registrar a emoção desses jovens<sup>34</sup> em visita pela Ilha, curiosos pelo esquerdismo praticado por Cuba. Segundo Paulo Antonio Paranaguá (2002, p. 31), “*55 hermanos* replantea la cuestión de la nacionalidad en nuevos términos, desvinculándola de la geografía y todavía más de los determinismos ideológicos”, afirmação interessante se levarmos em consideração o futuro papel da revista *Encuentro* do qual aqui nos ocupamos. A forte experiência de realização desse registro ainda proporcionaria a Jesús Díaz a organização do livro *De la patria y el*

---

<sup>34</sup> Dentre eles se encontravam alguns integrantes da revista cubana *Areíto* publicada nos Estados Unidos desde 1974, como Lourdes Casal, Román de la Campa e Marifeli Pérez-Stable.



*exilio*, premiado em 1978 pela UNEAC, que recolheu testemunhos desse processo através de documentos, entrevistas, cartas, contos e poemas; além de servir de base para o filme *Lejanía*, ficção que narrou a história do retorno a Havana de uma mãe exilada que acabou por sofrer enormes dificuldades de readaptação com o reencontro com seu filho. Como se pode notar, o tema do exílio e suas implicações sociais, verdadeiro tabu dentro da revolução que tenderia ainda a crescer após o exílio de Mariel em 1980, derivou em um grande interesse para Díaz<sup>35</sup>, de certa maneira demonstrando sua habilidade para colocar-se em um lugar incômodo dentro da história cultural oficial.

### 1.2.3 - A literatura e os vasos comunicantes

Pode-se dizer o mesmo sobre tal habilidade quando nos dedicamos à publicação do seu primeiro romance *Las iniciales de la tierra*, em 1987, após permancer proibida em Cuba por mais de doze anos. Ao narrar, em forma de *bildungsroman*, a história do personagem Carlos Pérez Cifredo, que se vê diante de uma assembleia para a análise de sua biografia política para poder receber o prêmio de trabalhador exemplar do Partido, Díaz acabou por traçar um longo panorama histórico do processo revolucionário no país, algo seguramente difícil de permancer isento a duras críticas. É o que se observa, para citar um exemplo interessante, com Leonardo Padura em seu ensaio “*Las iniciales de la tierra: a favor o en contra*”, publicado em *Casa de las Américas* (Nº 164, 1987), onde ele disse: “Jesús Díaz, como otros novelistas nuestros, entrega a la historia la función de catalizar la maduración individual del protagonista, aunque lo hace de una forma en exceso azarosa y en ocasiones, es evidente, forzada” (PADURA, 1987, p. 155). Tal leitura levantou uma polêmica com Ambrosio Fonet (1987), que após tecer elogios ao livro no ensaio “A propósito de *Las iniciales de la tierra*” nesta mesma edição da revista *Casa*, se viu obrigado a voltar a defender o romance em um ensaio mais aprofundado (na realidade, uma crítica à crítica de Padura...) também publicado pela mesma revista (Nº 168, 1988), o texto “Simplificando”, onde disse Fonet: “los personajes se definen, en efecto –tienen que definirse–, en la medida en que la propia Revolución va definiéndose. Esa parece ser la idea, en principio: contar cómo se hace

---

<sup>35</sup> Ainda que saibamos, através de sua entrevista em “Charlando con Cervantes” (CHARLANDO, 1998), que a proposta de registro fílmico de *55 hermanos* não tenha surgido dele próprio, mas sim da direção do ICAIC como um trabalho mais a ser feito e de pouco interesse para os documentaristas.

un revolucionario, o mejor dicho, cómo se hace un revolucionario alguien que no lo era” (FORNET, 1988, p. 153-154).

Com os apontamentos anteriores se pode perceber como durante sua vida revolucionária Jesús Díaz esteve envolvido em complexas situações limites no interior de sua produção intelectual. Ao seguirmos adentrando em sua obra literária (ou pelo menos naquela parte que *a priori* nos interessa por sua proximidade ao período de sua saída ao exílio, assim como pelos temas tratados<sup>36</sup>) que acaba por envolver um antes e um depois à sua ruptura com o regime revolucionário, a tendência é de essa complexidade se tornar ainda maior. Isso nos permite elaborar algumas reflexões que podem favorecer uma compreensão do projeto intelectual pessoal de Díaz em um sentido mais amplo e interconectado, projeto que, em nosso entender, culmina com a publicação da revista *Encuentro de la Cultura Cubana* e no interior do qual nos parece importante discutir aquelas publicizações das transformações de pensamento referidas por Antonio José Ponte (2002b) em Guadalajara.

Dito isso, nos deparamos com um ponto de interrogação que sem dúvida pode suscitar alguma polêmica: observada a produção literária narrativa de Jesús Díaz que nos interessa, com que dose de segurança é comprovável afirmar que entre suas obras sobressaem aspectos de coesão estrutural e de coerência discursiva acima de possíveis aspectos contraditórios, ainda que tal conjunto esteja, sem dúvida, marcado pela ruptura que um exílio de origem político-ideológica impõe a um escritor ou a qualquer pessoa? Longe de querermos reduzir o significado impactante da quebra de Jesús Díaz com o regime castrista, iniciada em 1991 com sua saída da ilha para viver em Berlim e “oficializada” após a publicação em 1992 do ensaio “Cuba, los anillos de la serpiente” (DÍAZ, 1992), o fato indubitável que torna ainda mais passível de controvérsia tal pergunta é justamente, como aqui já foi dito, o do inegável protagonismo de Díaz tanto no processo cultural revolucionário como na esfera pública daquilo que Julio Ortega (2002, p. 26) chamou de “república cubana del exilio” (ainda que, em termos de coletividade, para a abordagem conceitual deste nosso estudo preferimos a categoria

---

<sup>36</sup> Até onde nos foi possível identificar, em sua totalidade a obra literária autoral de Díaz poderia ser listada da seguinte maneira: *Los años duros* (1966); *Canto de amor y de guerra* (1979); *De la patria y el exilio* (1979); *Las iniciales de la tierra* (1987); *Las palabras perdidas* (1992); *La piel y la máscara* (1996); *Dime algo sobre Cuba* (1998); *Siberiana* (2000) e *Las cuatro fugas de Manuel* (2002).

“diaspórica” lançada com maior especificidade pela antropóloga Ruth Behar (1996) para o fenômeno migracional cubano pós-revolucionário<sup>37</sup>).

Uma importante atenção então caberia ao livro *Las palabras perdidas* (1992), por muitos críticos considerado seu melhor romance, onde Díaz narrou as expectativas e desilusões de quatro jovens escritores que diante do propósito de fundar um suplemento literário, *El Güüje Ilustrado*, põem em execução um plano de renovação da literatura cubana por meio da preparação para o lançamento de uma publicação “que sería la voz de los jóvenes escritores revolucionarios” (DÍAZ, 2002, p. 64). Declaradamente baseado na experiência da primeira etapa de *El Caimán Barbudo*, o romance, ao retomar ficticiamente a repressiva atmosfera revolucionária que dificultava ou impossibilitava a liberdade de expressão intelectual, relatou “la frustración de cualquier proyecto cultural autónomo dentro del sistema político cubano”, segundo afirma Rafael Rojas (1997, p. 242) na resenha do livro publicada na entrega 6/7 de *Encuentro*.

Ainda que escrito em Cuba e inclusive inicialmente planejado para ser publicado no próprio país<sup>38</sup>, constata-se por meio do sentimento de desilusão que permanece após a leitura de *Las palabras perdidas* – certamente proporcionado pelo caráter histórico testemunhal e memorialístico que o romance adquire ao relatar uma experiência de verdadeiro desperdício de intelectos – o quanto Díaz demonstrava com seu segundo romance a continuidade de um pessoal tom de incômodo dentro da dinâmica cultural revolucionária, algo que levaria novamente à referência ao livro *Las iniciales de la tierra*. Significativo aqui ressaltar que a relação interior entre a difícil prática de realização de *El Caimán Barbudo* pelo jovem Díaz e a trama fictícia narrada em *Las palabras perdidas* permitiria comprovar o quanto uma inquietude intelectual de certa forma acumulativa, resultante de decepções e inconformismos ao longo de seu

---

<sup>37</sup> Seguimos aqui a constatação de Adriana Méndez Rodenas (2000) sobre a introdução desse conceito de forma mais aprofundada para o caso cubano, identificando seu uso inicial no ensaio “Going to Cuba” da cubana de origem judaica Ruth Behar (1996), mesmo que tenhamos notado uma referência anterior à “Cuban diaspora” no importante ensaio “Diaspora in Modern Societies: Myths of Homeland and Return”, do cientista político norte-americano de origem judaico-alemã, William Safran (1991). De qualquer forma, e sem almejar insistir muito em identificar de quem realmente foi a introdução desse conceito para a experiência cubana, sempre vale à pena lembrar a alusão de Guillermo Cabrera Infante em *Mea Cuba* de que Calvert Casey teria sido o primeiro.

<sup>38</sup> Fato sabido através de Ambrosio Fornet (2002), a quem Díaz dedica o livro, ao revelar que *Las palabras perdidas* havia sido terminado pelo autor em 1990 e que o processo de sua edição pela Editora Letras Cubanas teve que ser interrompido após a publicação do ensaio “Cuba, los anillos de la serpiente” (DÍAZ, 1992).

protagonismo cultural no país, o levaria ao exílio. Como vimos, ao caracterizar *El Caimán Barbudo* como “una publicación disonante” (Díaz, 2000a, p. 111), nos parece que a importância de tal afirmação, ainda que realizada na altura de um já assentado exílio de quase dez anos, reside no encontro entre a prática da experiência efetiva de publicação de um suplemento literário no início de sua trajetória revolucionária (que nos incitaria à leitura do romance a partir da óptica de uma narrativa histórica) e a posterior escrita do próprio romance (leitura, portanto, de uma narrativa ficcional) diretamente referente a tal acontecimento no final dessa mesma trajetória, o que sem dúvida suscita um interesse crítico por *a posteriori* aprofundar melhor como foram relacionadas as duas práticas nesse romance.

O seguinte romance de Jesús Díaz, *La piel y la máscara* (1996), o primeiro redigido já a partir de seu exílio em Berlim, retomou o tema histórico do próprio exílio como orientação central, ressaltando ainda mais sua necessidade intrínseca de existência de vasos comunicantes entre seus trabalhos pré e agora pós-dissidência. Não à toa que o argumento do romance tratou literariamente do fazer cinematográfico ao narrar o processo de realização de um filme justamente chamado *La piel y la máscara*, onde diretor, atores e equipe vivem intensamente as dificuldades e peculiaridades de se fazer um filme em Cuba. O filme conta a história de Íris, cubana que se viu forçada a sair do país por problemas políticos deixando dois filhos para trás, e que depois de dez anos vivendo em Miami volta para reencontrá-los.

Ao resenhar o livro para *Encuentro* (Nº 1, 1996), José Manuel Caballero Bonald (1996, p. 137), além de destacar sua estrutura apoiada entre a literatura e o cinema como “una de las más poderosas seducciones del texto”, cuja sutileza proporciona “un eficaz vínculo narrativo”, chamou também a atenção para o aspecto autobiográfico de Díaz enquanto roteirista e realizador cinematográfico: “Sin duda que, tal como está planteada, la novela habría sido muy distinta sin el apoyo de esa experiencia personal del autor” (BONALD, 1996, p. 138). Portanto, a inevitável identificação entre Díaz/autor e o personagem do romance Oso/diretor (quem, por sua vez, também atua no filme como ator interpretando o cunhado de Íris, Fernando, aprofundando assim a *persona* literária), torna-se praticamente gritante quando nos deparamos com passagens como esta em que Oso, ao refletir sobre os riscos que estavam em jogo com o filme, empresta sua voz a Díaz:

Se trataba, entre otras cosas, del adiós a una revolución cuyos aciertos, ya remotos, yo había aplaudido con vehemencia, cuyas brutalidades, excesos y locuras había callado culpablemente y ante la que no quería aparecer como juez sino como testigo, como alguien que habla desde el vasto y difícil territorio de lo irremediable. (DÍAZ, 1996, p. 23).

Rafael Rojas (2002a, p. 174) chegou a afirmar que “En *La piel y la máscara*, Jesús Díaz confesó, una vez más, su silencio y complicidad bajo el régimen cubano y articuló una corrección narrativa y política de su film *Lejanía*, en el cual había reproducido varios estereotipos castristas”. Indiscutivelmente existe nessa interconexão uma reorientação ética que remete às relações do romance não só com esse filme, mas também com outras obras de Díaz produzidas antes de seu exílio. *La piel y la máscara*, o romance, como aqui anunciado anteriormente, retomou o argumento essencial do segundo e último filme de ficção dirigido e roteirizado por ele, *Lejanía*, que por sua vez dialogou com seu elogiado documentário *55 hermanos* e a respectiva publicação do livro *De la patria y el exilio*. Assim, a origem do argumento de *La piel y la máscara* é identificável no registro que Díaz havia feito do retorno a Cuba da brigada Antonio Maceo em *55 hermanos*, ainda nos anos setenta, relevando dessa forma o tema do exílio como importante eixo criativo de sua obra ao longo dos anos, e ao qual Jesús Díaz procurou manter-se rotacionando como possível forma de coerência artística e intelectual.<sup>39</sup>

Tais considerações nos fazem chegar, assim, ao último romance que aqui dedicamos brevemente nosso interesse e o primeiro de Díaz publicado em Espanha, *Dime algo sobre Cuba* (1998), com a possibilidade de afirmar com alguma dose de segurança junto aos romances observados anteriormente, o quanto o relato de acontecimentos (históricos ou ficcionais) e seu sequenciamento temporal de caráter ético e mimético em forma de narrativa convergem na literatura de Jesús Díaz para a conformação do que Paul Ricoeur (1997) denominou como “identidade narrativa”. *Dime algo sobre Cuba*, à diferença de todos os romances anteriores de Díaz,

---

<sup>39</sup> A modo de exemplo, e como fio condutor para uma futura análise dessas intersecções, sugerimos uma atenta comparação entre as reiteradas cenas passadas em terraços em todas essas obras, desde o resgate da brigadista Regina de sua infância em Santiago de Cuba em *55 hermanos* (e *De la patria y el exilio*); passando pelo diálogo entre Ana e Rey em *Lejanía*; assim como o da filmagem da mesma cena agora entre Lidia e Orestes em *La piel y la máscara*. Por último, ainda que em um contexto diverso, valeria também observar o martírio de Stalin Martínez no terraço em Miami em *Dime algo sobre Cuba*.

experimentou uma incursão no livre universo da criação sem fundamentos propriamente autobiográficos, contando humoristicamente a história de Stalin Martínez, estomatologista que após inúmeras peripécias disparatadas em Cuba vai a um congresso em México, consegue cruzar a fronteira terrestre com os Estados Unidos, acaba escondido na casa de seu irmão exilado em Miami e termina sendo obrigado a se queimar ao sol para tomar aspecto de um balseiro para conseguir o visto de permanência no país através da Ley de Ajuste Cubano do *State Department*. Como é possível inferir desse argumento um tanto extravagante<sup>40</sup>, Díaz aproximou-se com este romance de um relato histórico metonímico cujos acontecimentos estariam associados a inúmeros cubanos emigrantes, encontrando assim na trama ficcional de um indivíduo comum – revolucionário típico que se crê convicto à sua própria maneira, mas que acaba por não resistir ao exílio diante da inexorabilidade das dificuldades cotidianas – a abertura para uma identificação de alcance coletivo.

Ricoeur (1997), ocupando-se intensamente das relações entre a temporalidade da narrativa e a da própria vida, considerou que a narrativa é o “guardião do tempo”, “na medida em que só haveria tempo pensado quando narrado” (RICOEUR, 1997, p. 417). Ele introduziu o conceito de “identidade narrativa” de um indivíduo ou de um povo como o entrecruzamento da história e da ficção, identidade oriunda de um acúmulo de narrativas em que uma “cadeia de refigurações” resultaria da “retificação sem fim de uma narrativa anterior por uma narrativa ulterior” (ibid., p. 427), podendo assim, portanto, “incluir a mudança, a mutabilidade, na coesão de uma vida” (ibid., p. 425). Suas reflexões nos servem para concluirmos o quanto os romances de Jesús Díaz aqui tratados nos direcionam para além de uma compreensão apenas da identidade do autor em sua constante refiguração narrativa, mas também nos provocam a observá-los como a oportunidade de testemunhar os acontecimentos históricos transformadores da identidade cubana contemporânea. Nas palavras de Ricoeur (1997, p. 426): “um sujeito reconhece-se na história que conta a si mesmo sobre si mesmo”, e “a história sempre procede da história”.

Contribuindo para essa ideia de “identidade narrativa” de Ricoeur, interessante dizer que, em fevereiro de 1991, Jesús Díaz conseguiu uma bolsa do Programa Alemán

---

<sup>40</sup> Uma nota introdutória ao livro informa ter sido o romance livremente inspirado num roteiro cinematográfico escrito anteriormente pelo próprio Díaz.

de Intercambio Académico (DAAD) (SIMMEN, 2002, p. 66) e foi com a família para Berlim trabalhar em seu romance *La piel y la máscara*. Marcaram esse período anterior ao seu estabelecimento em Madri em 1995, tanto uma entrevista a *Der Spiegel* (Nº 41, 1991) onde criticou abertamente a alternativa “Castro or Washington” (GRENIER, 2017, p. 126), quanto uma polêmica pública travada com o uruguaio Eduardo Galeano em Zurique durante uma mesa redonda promovida pela publicação suíça *Wochen Zeitung* (02 fev. 1992), em que chamou de irresponsável a esquerda que apoia o “socialismo o muerte” de Fidel Castro. A publicação de seu breve mas preciso artigo “Cuba, los anillos de la serpiente”<sup>41</sup> no jornal *El País* (12 mar. 1992) selou oficialmente sua quebra com o regime cubano, alcançando enorme repercussão entre a intelectualidade de seu país após ter sido publicado por *La Gaceta de Cuba* (GRENIER, 2017, p. 126) e provocado a ira pública do então ministro da cultura, Armando Hart<sup>42</sup>.

Quase dez anos depois e já praticamente nos últimos anos de vida, com “El fin de otra ilusión”, memórias evidentemente marcadas por um discurso subjetivo que aqui nos ajudou a pensar sobre sua polêmica atividade intelectual, Jesús Díaz (2000a, p. 118) se confessou escritor (“mi mayor vocación”), esclareceu algo importante acerca de seu trabalho literário ao dizer que tentou com seus romances “dar cuenta de cómo la esperanza se trocó en infierno” (idem), e terminou por fazer uma declaração que bastante resume o que o teria levado a buscar o exílio como destino:

Entonces ya había acumulado frustraciones más que suficientes como para reconocer que todo intento de modificar el totalitarismo castrista desde dentro estaba condenado por definición al más absoluto fracaso, y empecé a

---

<sup>41</sup> Nele podemos ler: “Es seguro que Cuba sola, pobre y bloqueada no podrá alcanzar el socialismo. ¿Debe entenderse entonces que la muerte del país es el único fin posible del periodo especial, y que la solidaridad, o la insolidaridad, con el Gobierno cubano consiste en facilitar de un modo u otro este desenlace? No parecería posible que nadie en su sano juicio pudiera pretender tal cosa; sin embargo, tanto la izquierda como la derecha, en Cuba y fuera de ella, están llevando agua a ese siniestro molino. La primera, al apoyar la consigna criminal de socialismo o muerte; la segunda, al apoyar un bloqueo no menos criminal que ya dura 30 años. Ambas políticas se complementan y no dejan otra alternativa que la tragedia, de la que todo un pueblo es prisionero ante los ojos atónitos o morbosos del mundo.” (DÍAZ, 1992).

<sup>42</sup> Vale à pena aqui reproduzir algo do teor da retórica recriminatória de Hart: “(...) las leyes no establecen la pena de muerte por tu infamia; pero la moral y la ética de la cultura cubana te castigarán más duramente. Hubieras podido colocar tu nombre dentro de lo más grande y noble de la cultura del país, pero perteneces a la categoría de apóstata. Te has vendido, Jesús, por un plato de lentejas. Deberías llamarte Judas.” (apud SIMMEN, 2002, p. 67).

acumular coraje para analizar críticamente tanto la revolución cubana como mi propio pasado, sin dejar por ello de ser un hombre de izquierda. (Idem).

### 1.3 - Os primeiros anos da revista como espaço de encontro

#### 1.3.1 - O estímulo à polêmica

Como veículo impresso cuja existência entre o verão europeu de 1996 e o verão/outono de 2009 se deu em um período fortemente marcado pelo ceticismo do vácuo pós-utópico, *Encuentro* nos parece um instigante objeto para compreender aquilo que Jean-François Sirinelli (2003, p. 249), ao se dedicar à história política dos intelectuais franceses, propôs observar numa revista enquanto “lugar precioso para a análise do movimento das ideias”, onde “forças antagônicas de adesão e de exclusão” ajudam a conferir uma estrutura ao campo intelectual. Uma proposta de observação como essa, sobretudo dos primeiros anos de existência de uma revista controversa como *Encuentro*, sem dúvida contribui para nosso melhor entendimento do processo de construção dos seus espaços concreto e imaginário de atuação.

Nesse sentido da confrontação, acreditamos ser ainda um interessante exercício observar através das páginas de uma revista o quanto que certas discussões polêmicas presentes em suas páginas ajudaram e seguem ajudando a definir a atmosfera intelectual de uma época (SIRINELLI, 2003). Alguns fatos controversos significativos para a política e para a cultura cubanas foram avaliados por *Encuentro* no interior de seu espaço imaginário, inclusive com existência de enfrentamentos que chegaram a transbordar do espaço escrito para o espaço concreto de atuação, como veremos. Diante disso, o que pretendemos por hora é identificar, durante os cruciais anos iniciais de sua publicação, alguns importantes desafios para o estabelecimento do perfil inclusivo em busca de tolerância conflitiva desejado por *Encuentro* para sua atuação no campo intelectual cubano. Defensora de uma linha editorial inicialmente regida pela preocupação principal de Jesús Díaz (1997b, p. 03) de “impedir que la fragmentación y sus siniestras consecuencias se hagan definitivas” na diaspórica cultura cubana, mas também consciente de ser polêmica por natureza, *Encuentro* apresentou-se desde o seu começo como um espaço político-cultural para ajudar a ampliar graus de transigência



entre diferentes pontos de vistas de cubanos ou não cubanos sobre inúmeros temas polêmicos, dessa forma manifestando publicamente o que entendia por princípios democráticos.

Há que se recordar que naquilo que concerne à literatura cubana produzida após a Revolução de 1959, alguns casos polêmicos, se por um lado tiveram como consequências prejuízos de ordem artística e intelectual com a ocorrência de repressões ou censuras por parte do oficialismo, por outro fizeram com que suas publicações de revistas e suplementos literários se tornassem referências dentro da literatura latino-americana como verdadeiras “trincheiras” de embates, sobretudo no que diz respeito ao desenvolvimento de uma atividade crítica bastante ideologizada<sup>43</sup>. Nesse sentido, a relação entre *El Caimán Barbudo* e o Caso Padilla poderia ser tomado como exemplo extremo. Mas, expandindo para além do literário, há de se considerar que o reclamo pela intervenção sobre o legado cultural cubano por parte de discursos diaspóricos como os da revista *Encuentro*, sobretudo por meio da prática de um ensaísmo favorável ao que Rafael Rojas (1996, p.43) identificou como “examen de conciencia”, deles também exigiu discernimento do difícil legado de disputas e enfrentamentos que lhes cabia. Portanto, parece-nos relevante levar em consideração como que algumas polêmicas em que se envolveu a revista podem ser consideradas eficientes casos para análises de uma ética discursiva, tendo em mente aquilo que, por exemplo, Jürgen Habermas (2008a, p. 55) considerou acerca de uma teoria da ação comunicativa, voltada a “fundamentar el principio de la universalidad” como “el único que posibilita un acuerdo argumental en la discusión en cuestiones prácticas”. Por meio de orientações como essa habermasiana e atentos particularmente à contribuição daquilo que traz o ensaio enquanto gênero propício ao ato de entendimento interpretativo (mas aqui também cuidadosos com o que outros gêneros como artigos de opinião ou cartas publicados favorecem ou não esse acordo argumental), o relato de algumas polêmicas pode contribuir para uma melhor compreensão das dificuldades no processo de reestruturação do fracionado campo intelectual cubano proposto por *Encuentro*.

---

<sup>43</sup> Poderíamos ainda acrescentar a constatação de Claudia Gilman sobre os estudos das publicações latino-americanas deste período revolucionário dos anos sessenta/setenta: “También rubrican la hipótesis de que la polémica fue un discurso constituyente, dada la cantidad de polémicas en revistas y el hecho de que éstas se convirtieron en actores privilegiados que sirvieron para asegurar la difusión continental de sus ecos” (GILMAN, 2003, p. 22).

Algumas orientações demonstram como a revista e seus editores pensavam a noção de um imaginário inclusivo desde seus primeiros números. Com o lançamento do número duplo 4/5 em 1997, em seu editorial intitulado “Un año de *Encuentro*” Jesús Díaz retomava os princípios editoriais emitidos em “Presentación”, do primeiro número, onde em termos de advertência inaugural a revista tinha anunciado que não publicaria “ataques personales ni llamados a la violencia”, que estaria “abierta a puntos de vista contradictorios e incluso opuestos” (REDACCIÓN, 1996, p. 03) e que não só daria acolhida como estimularia as polêmicas. Agora afirmando que em seu primeiro ano de vida *Encuentro* recebera “muchísimas adhesiones”, mas também “unas cuantas agresiones” (DÍAZ, 1997b, p. 5), Díaz insistia na importância do impedimento de que a fragmentação da cultura cubana se tornasse irreversível:

La cultura cubana está trágicamente fragmentada, y esa circunstancia entraña al menos tres peligros formidables. El debilitamiento resultante de la distancia y la falta de confrontaciones y contactos. El riesgo de que la separación entre los cubanos “de adentro” y los “de fuera” involucre hacia formas abiertas o encubiertas de hostilidad e incluso de ruptura. Y la posibilidad de que esa fragmentación nos induzca a encerrarnos en un nacionalismo de aldeano vanidoso, o bien a perdernos en el vacío atroz de quien resulta incapaz de identificar sus raíces. (Ibid., p. 3).

Evidenciando assim uma preocupação crítica duplamente voltada tanto à intolerância ideológica do sistema revolucionário – já velha conhecida de praticamente todos os responsáveis ou colaboradores da nova revista, dispersos por diferentes países – quanto às intransigências de um exílio histórico politicamente extremista em que constantemente se sobressaem argumentos reacionários. Essa estratégia bifronte já havia sido prenunciada por Díaz, de certa forma, desde o artigo “Cuba, los anillos de la serpiente” de 1992.

Ao indicar a exploração de uma retórica do ensaio, Beatriz Sarlo (2001a) observou a polêmica como um dos dispositivos abertos do discurso: “la polémica, género dialógico, presupone una respuesta posterior al cierre mismo de la escritura, un futuro de objeciones todavía no escritas”<sup>44</sup> (SARLO, 2001a, p. 19). Forma discursiva habilmente apropriada pelos intelectuais cubanos, alguns colaboradores de *Encuentro*

---

<sup>44</sup> Segundo a crítica argentina, outros dispositivos seriam também o paradoxo, a elipse, a metáfora e o aforismo (SARLO, 2001a).

não demoraram em por em prática a polêmica como fecundo recurso argumentativo do ensaio, visivelmente imbuídos de intenções provocativas. Para isso, por exemplo, Enrico Mario Santí, em um texto como “Cuba y los intelectuales: una reflexión necesaria” (Nº 3, 1996/1997, p. 95) propôs o uso da palavra “debate” para uma reconsideração lexical do termo “diálogo”, procurando assim ser mais preciso no tom discursivo e evitar que esta última palavra seguisse sendo “pisoteada” pelas “manipulaciones del régimen”. Disse ainda Santí:

(...) ese debate sólo podrá ocurrir cuando haya debatientes reales constituidos por un testimonio exento de ambigüedades. Pedir otra cosa significaría contentarnos con las máscaras que ya hemos internacionalizado y traicionar la causa que verdaderamente cuenta: la libertad de nuestro espíritu. (Ibidem, p. 95).

Por um lado a proposta de uso da palavra “debate” ao invés de “diálogo” ia de encontro ao que a própria linha discursiva da revista começava a sugerir no que concerne a uma revisão argumentativa<sup>45</sup>, mesmo que um termo como “debate” insistisse em levar em sua carga semântica o que nele há de conflitivo<sup>46</sup>. Mas por outro a provocação de Santí poderia, inclusive, ser lida como uma chamada aos intelectuais cubanos para se desfazerem de “máscaras” das ambiguidades que insistiam em revesti-los, ambiguidades das quais revistas como *Encuentro* tampouco estavam isentas.

---

<sup>45</sup> Por exemplo, Jesús Díaz mesmo preferia usar outro termo: “La palabra diálogo está marcada, porque el propio gobierno cubano la ha marcado; y la ha quemado. Diálogo se ha convertido en la visión negativa de ciertos sectores en Miami de ‘dialoguero’. Por tanto, prefiero no usarla. Hablo de *encuentro*, pero no con el gobierno. Yo estoy convencido, hoy por hoy, que no hay encuentro posible con el gobierno de la isla” (DÍAZ, 1999a, p. 170, grifo do autor). Interessante que, apesar de publicada pela revista *Cuban Studies* no início de 1999, essa entrevista havia sido realizada por Lilliam Collmann com Díaz no dia quatro de novembro de 1996, quando a revista *Encuentro* ainda se preparava para lançar seu segundo número.

<sup>46</sup> Ao descrever a revista *Encuentro* em seu estudo *Diasporic generations – memory, politics and nation among Cubans in Spain*, Mette Louise Berg (2011) chamou a atenção para este aspecto de preocupação com o vocabulário usado por aqueles cubanos que ela identificou geracionalmente na Espanha como “Children of the Revolution”, e à qual pertenceria a revista *Encuentro* como representativa manifestação discursiva, em contraposição à geração diaspórica anterior denominada por ela como “Exiles”, mais aferrada a termos pugnazes. A estas duas, ela por fim identificou uma terceira, ulterior, denominada “Migrants”, e usuária de uma linguagem mais pragmática. Para diferenciar tais gerações, Berg dispôs de parâmetros baseados em “a distinct way of remembering and relating to their homeland, and with different material conditions both for leaving and visiting Cuba, and for staying in Spain” (BERG, 2011, p. 8).

Polêmicos poderiam ser considerados temas espinhosos tratados por ensaios como o de Marifeli Pérez-Stable, “Misión cumplida: de cómo el gobierno cubano liquidó la amenaza del diálogo” (Nº 01, 1996); ou o de Rafael Rojas, “Entre la revolución y la reforma”; e, sem dúvida, o de Iván de la Nuez, “El destierro de Calibán – Diáspora de la cultura cubana de los 90 en Europa” (ambos publicados no Nº 04/05, 1997). Enquanto desde Nova Iorque o ensaio de Pérez-Stable já ironicamente trazia em seu título o termo “diálogo” como uma ameaça retórica para o governo (um claro exemplo para comprovar as razões lexicais de Enrico Mario Santí ou de Jesús Díaz) e denunciava a aprovação da Lei Helms-Burton como consequência direta do ataque aéreo cubano aos aviões da organização Hermanos al Rescate; o de Rojas, por sua vez, procurava historicamente comprovar que a Revolução Cubana há tempos havia deixado de existir, apontando sua decadência por meio do reconhecimento de um entusiasmo apagado e de um desgaste da usura simbólica revolucionária; e, por fim, o ensaio de Iván de la Nuez partia das transformações globais proporcionadoras da quebra dos modelos de pertencimentos identitários para tecer uma crítica ao persistente discurso nacionalista alimentado pelo regime desde a Ilha. Esses três ensaios, assim como o de Santí, ao irem além da mera exposição de comentários sobre temas sem dúvida polêmicos para se posicionarem argumentativamente através de explícitos julgamentos pessoais sobre a realidade<sup>47</sup>, servem para demonstrar o quanto o imaginário inclusivo que começava a ser construído pela revista estava longe de se eximir de uma obrigação crítica ferrenha ao oficialismo em prol de uma reconciliação idílica entre cubanos.

O fato é que a revista desde o início deu abertura para a publicação de textos desafiadores, seja através de exemplos como a aqui já citada alegação de Abel Prieto e as cartas de Rolando Sánchez Mejías, que juntos podem ser identificados como a primeira “Polémica” trazida pela revista; seja por meio de textos como o fragmento do informe do Buró Político lido por Raúl Castro. Para ficarmos ainda no interior de seu primeiro ano de publicação, aos anteriores poderiam também ser somados textos como o artigo do diretor da seção “Opinión” do *Nuevo Herald* de Miami, Luis Aguilar León, “Cuba, Trucutú y Robinson Crusoe” (Nº 02, 1996), afiada ironia acerca de quem são os

---

<sup>47</sup> Lembremos aqui a preocupação de Georg Lukács, em “Sobre la esencia y forma del ensayo”, acerca da importância dessa faculdade avaliativa para o gênero: “el ensayo es un juicio, pero lo que decide su valor no es sólo el juicio, sino el proceso mismo de juzgar” (apud WEINBERG, 2006, p. 33).

cubanos exilados e os cubanos moradores da ilha; ou o de Manuel Díaz Martínez, “La carta de los diez” (Nº 02, 1996), ao comentar as tensões repressivas a que estiveram submetidos os assinantes da referida carta; o artigo de Wilfredo Cancio Isla, “El periodismo en Cuba: otra vuelta de tuerca” (Nº 02, 1996), acerca dos desafios para se praticar o jornalismo sob o modelo da imprensa socialista em Cuba; o artigo de Rafael Hernández, ¿Elefantes en la cristalería? (Nº 03, 1996/1997), tecendo críticas a *Encuentro* desde Havana. Todos eles acabaram por tocar em feridas expostas. Ainda que em uma quantidade inferior, como vimos, textos com maior ou menor intensidade pró-regime também estiveram presentes nesse primeiro momento (Castro, Prieto, Hernández) e, sem dúvida, ajudaram a suscitar o debate almejado pela revista, ao lado ainda da presença maior de cubanos moradores de Miami (Luis Aguilar León, Wilfredo Cancio Isla, José Iraola, Marcia Morgado, Umberto Peña, Carlos Victoria, além de outros como Luis Marín, Enrique Patterson, Fernando Villaverde, Orlando Alomá, Armando de Armas, Madeline Cámara)<sup>48</sup>.

De alguma forma, exemplos como os dos textos anteriores poderiam ser tomados como prenunciadores de uma abertura mais específica à polêmica como elemento dialógico propulsor de ideias para “un futuro de objeciones” (SARLO, 2001a, p. 19), uma vez que apenas trataram de assuntos que poderiam ser considerados polêmicos (com exceção do breve “debate” Prieto/Sánchez Mejías<sup>49</sup>) sem necessariamente gerarem respostas ou réplicas. Nessa mesma linha mais acentuadamente provocativa poderíamos ainda incluir entregas especiais como a de número 6/7 (1997), quase que integralmente ocupada pela publicação das conferências apresentadas no seminário internacional “Cuba a la luz de otras transiciones”, realizado pelo Instituto de Estudios Cubanos e pela própria revista *Encuentro* na Universidad Complutense de Madrid; ou como a de número 15 (1999/2000), dedicado aos textos apresentados no seminário “Cuba, 170 años de presencia en Estados Unidos”, realizado

---

<sup>48</sup> Vale esclarecer que ao elencar esses nomes não pretendemos realizar uma homogeneização ideológica entre tais moradores de Miami naquele momento, mas apenas destacar o lugar por si já “polêmico”, para muitos simpatizantes do regime cubano, desde onde alguns exilados emitiram suas ideias e opiniões.

<sup>49</sup> Ainda que de pouco fôlego, também houve um prenúncio de debate crítico na entrega Nº 11 entre o membro do Consejo Coordinador del Movimiento Cristiano de Liberación, Miguel Saludes García, residente em Havana, através de seu texto “Encuentros que no lo son” e dirigido a contestar argumentos de Rafael Rojas em seu ensaio “Políticas invisibles” (publicado em *Encuentro*, Nº 6/7), quem por sua vez procurou não prolongar a possível polêmica por meio de seu breve texto “Un desencuentro superable”.

na Universidade de Nova Iorque e organizado também pela revista com apoio da Fundação Ford e do Instituto Cervantes.

Mas foi com o “Dossier *Encuentro* en LASA 2000”, com textos apresentados no congresso da Latin American Studies Association, ocorrido em Miami, e publicados no número 16/17 (2000), que a revista procurou estabelecer o incentivo à polêmica como algo mais estrutural. Junto a tais textos<sup>50</sup>, foram incluídas a “Réplica” de Aurelio Alonso, a “Dúplica” de Jesús Díaz, e duas versões dos acontecimentos do congresso: fragmentos do artigo do jornalista Pedro de la Hoz publicado em *Granma* (24/03/2000) e a resposta de Carlos Monsiváis a esse artigo, em forma de carta ao diretor da revista mexicana *Milenio*. A disponibilização das páginas da revista às contestações de Aurelio Alonso, ex-companheiro de Díaz no conselho de direção da revista *Pensamiento Crítico* e em muito divergente das leituras críticas ao regime castrista apresentadas no congresso, serviram como contraponto bastante proveitoso aos propósitos de *Encuentro* de estimular esse tipo de debate. Tanto que neste mesmo número 16/17, a revista criou um espaço apropriado para isso, a seção “Miradas Polémicas”: inauguraram-na o artigo “Aclaraciones y perplejidades”, de Manuel Díaz Martínez, e o ensaio “Mi reino por el caballo: las dos memorias de Lisandro Otero”, de Enrico Mario Santí. Esse último texto, duramente crítico às diferentes posturas de Otero como intelectual revolucionário, por sua vez acabou propiciando a publicação de algumas cartas de Otero e Santí no seguinte número 18 dentro da mesma seção, também publicadas em forma de “Réplica” e “Dúplica”, além de um texto de Díaz esclarecendo a posição da revista diante da questão. Estava assim aberto o espaço ao estímulo a polêmicas anunciado desde o editorial de *Encuentro* em sua primeira entrega, seção que, com alguma regularidade, permanecerá ativa até o N° 44.

### 1.3.2 - Impossível equidade

Interessante que aproximadamente a essa mesma época do primeiro ano de atividades de *Encuentro*, quando a crise dos paradigmas ideológicos havia acabado de alcançar de maneira simbólica um ponto de inflexão com o fim da URSS, o cientista

---

<sup>50</sup> Foram eles: “La Revolución Cubana: los años del consenso”, de Carlos Monsiváis; “El intelectual y la revolución – Contrapunteo cubano del nihilismo y el civismo”, de Rafael Rojas; “Notas sobre la política española en Cuba”, de Ignacio Sotelo; e o aqui já comentado “El fin de otra ilusión – A propósito de la quiebra de *El Caimán Barbudo* y la clausura de *Pensamiento Crítico*”, de Jesús Díaz.

político Norberto Bobbio<sup>51</sup> (2011, p. 69) empenhava-se em se equilibrar com reflexões acerca das dicotomias entre direita e esquerda, entre ideais liberais e socialistas, chamando a atenção àquilo que, de maneira geral, têm em comum tanto os revolucionários como os contrarrevolucionários: o fato de pertencerem ao que ele tratou como “ala extremista” em contraposição à “ala moderada”, dessa forma destacando a não correspondência entre a “díade extremismo-moderantismo” e a “díade direita-esquerda”<sup>52</sup>. Em Cuba, onde essa não correspondência parece ser até hoje ignorada, uma terminologia “extremista” têm sido historicamente calcada e recalçada através de inflamadas discussões incriminatórias (assim como em Miami...), nas quais dirigentes do regime socialista persistem com o uso de nominatas denunciativas como “contrarrevolucionário”, “revisionista”, “diversionista”, “anexionista”, “quintacolumnista” etc.<sup>53</sup>, fato que nos chama ainda mais a atenção para buscas como as de Bobbio pela compreensão e melhor discernimento entre distinções políticas.

O incômodo ideológico que naquele contexto contribuía para justificar a proposta da linha editorial de *Encuentro* que se aproximava de um “moderantismo” – para seguirmos com a terminologia de Bobbio – digamos que de certa forma levou a revista a ponderar em suas primeiras entregas qualquer teor mais insultuoso ou unidirecional em seu discurso, ainda que, como vimos, seus editores não tenham deixado de publicar alguns textos exaltados. Tal “moderantismo” poderia demonstrar não apenas quão complexos e matizados são pertencimentos e alinhamentos políticos e ideológicos, como também o quanto ele levou que a revista buscasse não fazer o jogo de intolerância constantemente preferido pelo oficialismo institucional na Ilha ou pela extrema direita cubano-americana. Mas, aos poucos, como veremos essa linha discursiva foi obrigatoriamente sofrendo graduais transformações, distanciando-se de qualquer ideia meramente conciliadora, uma vez que *Encuentro* passou nos últimos

---

<sup>51</sup> Seu livro *Direita e esquerda. Razões e significados de uma distinção política* é publicado pela primeira vez na Itália em 1994.

<sup>52</sup> Parece-nos ainda pertinente citar as seguintes colocações do italiano: “Se é verdade que o critério que subjaz à distinção entre direita e esquerda é diverso do que subjaz à distinção entre extremistas e moderados, então se deve concluir que ideologias opostas podem encontrar pontos de convergência e de acordo em suas alas extremas, ainda que permaneçam distintas com respeito aos programas e aos fins últimos dos quais depende sua colocação em uma ou em outra parte da díade” (BOBBIO, 2011, p. 70).

<sup>53</sup> A título de exemplificação de como ainda se dá em Cuba o uso de termos como “contrarrevolucionário” ou até “necontrarrevolucionário”, assim como a preferência pelo uso politicamente pejorativo do termo “centrismo”, ver Lagarde (2017).

anos da década de 90 a exercer uma maior oposição crítica às atitudes repressoras do regime, embora sem propriamente almejar se tornar um porta-voz do discurso “extremista” de muitos cubanos de Miami.

Nesse sentido, textos que trataram de questões em torno da liberdade de expressão e dos direitos humanos, e que foram tomando densidade em suas páginas, nos ajudam a compreender melhor como a linha editorial da revista foi estabelecendo seu discurso no decorrer desses primeiros anos de atividades. Por exemplo, o já anteriormente citado artigo “El periodismo en Cuba: otra vuelta de tuerca”, escrito desde Miami por Wilfredo Cancio Isla (Nº 2); ou outros como os de Raúl Rivero (“Irse es un desastre” (Nº 11, 1998/1999) e “Monólogo del culpable” (Nº 12/13, 1999)), reforçavam a difícil tarefa compromissada com a independência de divulgação de notícias dentro de Cuba. A crítica situação dos jornalistas no país levaria *Encuentro* a publicar no Nº 14 (1999) a “Carta abierta de los intelectuales mexicanos acerca de la violación de los derechos humanos en Cuba” (datada de 27 de maio de 1999), encabeçada por Carlos Monsiváis e condenando a violação dos direitos de livre expressão pelo regime cubano, algo que seria repetido no ano seguinte (Nº 16/17, 2000) com a publicação de nova carta (datada de 07 de abril de 2000), dessa vez dirigida ao presidente do México, Ernesto Zedillo<sup>54</sup>. Além de mostrar uma crescente pressão política de amplitude internacional promovida por *Encuentro* em relação a essa censura jornalística em Cuba, o conjunto de textos acima citados também evidencia até o momento praticamente uma ausência de textos que dessem voz a uma possível defesa ou sustentação do modelo de imprensa oficial do país<sup>55</sup>. Comprovação que nos leva a

---

<sup>54</sup> Nessa mesma linha questionadora e denunciativa poderíamos também incluir alguns textos de Manuel Díaz Martínez, como “La carta de los diez” (Nº 02, 1996) em que o futuro diretor da revista narrou os acontecimentos repressores que diretamente levaram a seu exílio em 1992; também sua “Carta abierta a José Saramago” (Nº 11, 1998/1999), em que Martínez felicitou o escritor português pelo prêmio Nobel e aproveitou ironicamente para pedir que ele intermediasse alguns favores direcionados a Fidel Castro, até então amigo de Saramago, relacionados à ausência de liberdade de expressão e ao descumprimento dos direitos humanos na Ilha; seu artigo de opinião “La Patria es de todos”, denunciando a repressão contra o Grupo de Trabajo de la Disidencia Interna (também no Nº 11, 1998/1999); e ainda seu artigo “Aclaraciones y perplejidades” (Nº 16/17, 2000), em que o poeta criticou os usos políticos por parte do governo cubano da que ele considerou como incompleta “Declaración de Estocolmo”, de maio de 1994, derivado do Encuentro de Estocolmo promovido Centro Internacional Olof Palme na Suécia.

<sup>55</sup> O único texto que trouxe a defesa dos critérios revolucionários de prática jornalística foi o polêmico “Fragmento del informe del Buró Político” no número de estreia da revista, onde podemos ler: “Alertados por esa experiencia, con la visión de Martí de que en la guerra valen las trincheras de ideas más que las de piedra, los cubanos mantenemos y mantendremos que la prensa genuinamente libre es la que sirve a la libertad del pueblo, no de los explotadores al acecho desde Miami. (...) Todo eso está claro, y los



refletir sobre quais teriam sido os principais motivos de tal ausência: primeiro, a convicta oposição por parte de defensores do regime a colaborarem com a publicação de um suposto inimigo contrarrevolucionário, ainda que em nome da sustentação do tipo de jornalismo praticado na Ilha; segundo, se a revista assim procurava se eximir de transformar seu espaço em um mero tribunal de julgamento de questões polêmicas, algo seguramente insustentável para sua linha editorial; terceiro, se, em realidade, *Encuentro* estava cada vez mais configurando seu espaço imaginário e de representatividade em torno de uma posição peremptoriamente contrária e combativa ao regime castrista no que diz respeito a esse e outros assuntos; e, por último, se um pouco de cada um dos motivos anteriores.

Dando prosseguimento a essa crescente pressão política e intelectual por parte da revista, após a publicação de um extenso dossiê em seu número 20 (2001), “El presidio político en Cuba”, com fragmentos de cartas e mensagens escritos por prisioneiros em seus encarceramentos, a postura de denúncia e incisivamente contrária à privação de direitos humanos em Cuba por parte de *Encuentro* alcança seu ápice em 2003 (Nº 28/29) com a publicação do extenso especial (com cerca de cem páginas) “Represión en Cuba”, em consequência das prisões de 79 opositores ao regime (dentre os quais estava Raúl Rivero) e dos fuzilamentos dos três jovens que haviam sequestrado uma lancha com reféns para fugirem aos Estados Unidos<sup>56</sup>. Vale aqui comentar que, apesar da

---

conocidos órganos de prensa nacionales y provinciales son leales a Cuba, han mejorado en la crítica constructiva y la información veraz. Junto a ellos, un grupo de publicaciones culturales contribuye a difundir las ideas de lo mejor de la intelectualidad revolucionaria” (CASTRO R., 1996, p. 22).

<sup>56</sup> O especial contou com uma detalhada “Cronología” do processo dos últimos anos de conflitos e polêmicas, indo de 16 de fevereiro de 1999 com a aprovação da *Ley 88 de Protección de la Independencia Nacional y la Economía de Cuba* (conhecida como “Ley Mordaza”) até 06 de junho de 2003, com a decisão da União Europeia de limitar suas relações oficiais com o governo cubano após os episódios das prisões e fuzilamentos. Contou também com “Las reacciones” de intelectuais e políticos de vários países e posições ideológicas, dentre os quais destacamos as opiniões críticas e contrárias ao regime, como as de Rafael Rojas, Carlos Victoria, Oswaldo José Payá Sardiñas, Carlos Fuentes, Juan Goytisolo, Manuel Díaz Martínez, Susan Sontag, Mario Vargas Llosa e Isabel Allende; com as de conhecidos defensores do governo cubano como Eduardo Galeano, Mario Benedetti, Gabriel García Márquez e Silvio Rodríguez, reações marcadas por certa ambiguidade discursiva através da qual se anunciavam como contrários à pena de morte, mas defensores do regime; com as declarações de José Saramago, “Hasta aquí he llegado” (*El País*, 14 abril 2003), que muito repercutiu por seu rompimento público com o governo cubano; assim como as repostas de Fidel Castro e sua opinião sobre essa ruptura do escritor português. Além disso, o dossiê especial também teve alguns “Documentos”, como a petição condenatória dos jornalistas Raúl Rivero (vinte anos de prisão) e Ricardo González Alfonso (prisão perpétua); uma lista com os 79 condenados; algumas cartas ou mensagens como a “Carta abierta contra la represión en Cuba”, de responsabilidade da Asociación Encuentro de la Cultura Cubana e assinada por dezenas de personalidades internacionais e cubanas, como também a “Mensaje desde La Habana para amigos que están lejos”,

configuração de um material explícita e incisivamente contrário à violação dos direitos humanos em Cuba – que aponta ao posicionamento da revista ocupada em “fundamentar el principio de la universalidad” (HABERMAS, 2008a, p. 55) em seus argumentos diante do processo em questão –, ela procurou se manter dentro de sua perspectiva moral democrática ao dedicar também espaço para vozes discordantes de seu posicionamento, como as que manifestaram seus apoios ao governo cubano (Galeano, Benedetti, García Márquez, Rodríguez) ou as que assinaram a mensagem desde Havana (Alonso, Barnet, García Marruz, Guevara, Morejón, Portuondo, Retamar, Valdés, Vitier), ainda que claramente em grau de relevância desconforme. Para fins de coerência discursiva, a reconstrução do processo com “la mayor objetividad” (REDACCIÓN, 2003b, p. 116) era portanto realizada procurando seguir o princípio anunciado desde seu primeiro número, aquele em que a revista se apresentava como “abierta a puntos de vista contradictorios e incluso opuestos” (REDACCIÓN, 1996, p. 03), mas sem deixar de ser profundamente recriminatória em sua postura contrária às atitudes do governo cubano. De qualquer forma, a partir desse material, em conjunto com os exemplos da maioria dos textos e dossiês comentados acima, não nos parece que seria incorreto afirmar que dentro de um período que perfaz praticamente uma primeira metade da existência da revista, o quanto foi inversamente proporcional o crescente volume de publicações de conteúdopositor ao oficialismo cultural e político de Cuba em comparação com o de seus defensores ou simpatizantes, marcando assim progressivo distanciamento de uma disposição a uma equanimidade no que concerne à abertura de espaços críticos aos participantes dos debates. Como veremos adiante, essa constatação é relevante uma vez que o argumento que procura definir duas diferentes etapas do posicionamento político da revista *Encuentro* frente ao oficialismo cubano marca uma das principais estratégias discursivas adotadas pela crítica proporcionada por essa própria voz oficial, assim buscando sustentar uma suposta “guinada à direita” da linha editorial da revista em sua segunda etapa.

---

assinada em defesa da revolução por intelectuais e artistas como Alicia Alonso, Miguel Barnet, Fina García Marruz, Alfredo Guevara, Nancy Morejón, Omara Portuondo, Roberto Fernández Retamar, Chucho Valdés e Cintio Vitier, entre outros. Por último, o especial apresentou uma “Análisis de la crisis” com textos de Francisco León, Juan Antonio Blanco, Marifeli Pérez-Stable e Iván de la Nuez.

### 1.3.3 - A atmosfera de um desencontro

Algo que poderia contribuir ao argumento anterior por parte dos detratores de *Encuentro*, sem dúvida, diz respeito a pelo menos dois acontecimentos dentro do espaço concreto de atuação da publicação. O primeiro deles seguramente seria a própria morte inesperada de Jesús Díaz no início de maio de 2002<sup>57</sup>, fato muito relevante para uma provável mudança de perfil da revista, uma vez que concordamos com o sugerido por Anna Boschetti (1985), no caso da relação entre *Les Temps Modernes* e Jean-Paul Sartre, de que a revista francesa acabou por reproduzir as propriedades dos posicionamentos dominantes do seu diretor, algo que nos parece, por sua vez, bastante aplicável ao caso de *Encuentro* com Jesús Díaz. Outro acontecimento provavelmente determinante poderia ser ainda o polêmico lançamento da revista mexicana *Letras Libres*, seguido pelo também lançamento do número 25 de *Encuentro*, durante a aqui já mencionada Feria Internacional del Libro (FIL) de Guadalajara no final do mesmo ano de 2002, e sobre o qual aqui seria interessante traçarmos algumas breves observações.

Após o falecimento de Jesús Díaz, a direção de *Encuentro* a partir de seu número 25 ficou a cargo de Manuel Díaz Martínez e Rafael Rojas (até o número 41/42). Diante do enorme evento dedicado pela feira literária mexicana a Cuba como país convidado do ano de 2002, Rojas, em um artigo intitulado “Guadalajara o la ingobernable diversidad de la cultura cubana” (ROJAS, 2002b), divulgado antes da feira pelo diário digital *Encuentro en la red - Diario independiente de asuntos cubanos* (como veremos adiante, criado pela Asociación Encuentro de la Cultura Cubana no ano de 2000), lançava o seguinte questionamento:

¿Cómo elaborar una muestra justa de ese universo, que represente con cierta fidelidad un continente tan plural y disperso? La única forma, más o menos viable de lograrlo, habría sido por medio de una comisión organizadora, integrada por creadores importantes de la Isla y la diáspora, que elaborara una representación equilibrada. (Idem).

Equilíbrio que de fato não ocorreu, uma vez que o governo cubano não abriu mão de sua exclusiva autoridade sobre esse assunto. Mesmo assim, foram programados alguns poucos eventos envolvendo autores, obras e revistas opositores ao regime, dentre os

---

<sup>57</sup> Anunciada no número 24 (2002) da revista com o editorial “A nuestros lectores” e onde ainda é informado ter Díaz deixado planejados os próximos quatro números da publicação.

quais estavam os lançamentos do número 47 (nov. 2002) da revista mexicana *Letras Libres*, dirigida pelo historiador Enrique Krause e que naquela entrega trazia o dossiê “Futuros de Cuba”; também do número 25 da revista *Encuentro*, que rendia uma homenagem ao seu então recentemente falecido fundador; além da segunda edição, pelo Fondo de Cultura Económica do México, do romance de Jesús Díaz, *Las palabras perdidas*. De acordo com o artigo “Rumbo a Guadalajara”, de autoria de Jorge Sariol (2002) e publicado no periódico também digital, *La Jiribilla*, como uma evidente resposta desde Cuba aos questionamentos de Rojas, “Un mensaje de pluralidad cultural llevará Cuba a la Feria Internacional del Libro de Guadalajara”, chegando inclusive a anunciar a “mesa redonda ‘Literatura cubana de la diáspora’, bajo la coordinación de Ambrosio Fornet”, e contando com “la participación de Mayra Montero, Sonia Rivera-Valdés, Nelson Valdés, Rafael Hernández, Pedro Pérez Sarduy y Norberto Codina”<sup>58</sup> (SARIOL, 2002). Ambos esses textos anteriores à feira já prenunciavam uma forte tensão que envolvia a expectativa dos eventos envolvendo intelectuais dissidentes.

De fato, durante o lançamento de *Letras Libres*, que contou com uma mesa composta por Julio Trujillo como moderador, pelos cubanos Rafael Rojas e José Manuel Prieto, além dos mexicanos Roger Bartra e Christopher Domínguez, um grupo de cubanos e mexicanos sabotou o lançamento com assovios, gritos e agressões verbais, tomando o microfone após fecharem o recinto e não deixarem ninguém dele sair, dando início a uma espécie de julgamento, classificado por Enrique Krause, diretor da revista, como digno dos “tribunales estalinistas” onde os representantes da publicação haviam sido submetidos a “un juicio intelectual sumario” (apud ENCUESTRO EN LA RED, 2002b), e em que os participantes da mesa eram insultados como “prostitutos”, “traidores”, “financiados por la CIA”. As agressões terminaram apenas com a chegada de agentes de segurança, tendo Rafael Rojas que sair escoltado. A polêmica sessão gerou um grande temor de que a repressão agressiva voltasse a ocorrer no lançamento

---

<sup>58</sup> A respeito de alguns desses autores, Rojas havia emitido a seguinte opinião em seu artigo para *Encuentro en la red*: “(...) en el caso de la llamada “cubanidad exterior”, la política cultural practica una suerte de destilación que le permite promover a escritores y artistas emigrados con un discurso estéticamente concentrado, sin implicaciones públicas que molesten al poder, o con una obra propagandística en favor del Gobierno de Fidel Castro. De ahí que sean tan pocos los intelectuales de la diáspora —José Kozer, Mayra Montero, Pedro Pérez Sarduy, Lisandro Otero, Nara Araújo, Mireya Robles, René Vázquez Díaz, Luis Ortega...— que en los últimos años han sido editados y difundidos en la Isla. Este es un paso de avance, demasiado breve, selectivo y excluyente, pero un paso de avance al fin.” (ROJAS, 2002b).

da revista *Encuentro*, que contaria com as presenças de Carlos Monsiváis, Jesús Silva Herzog-Márquez, Eliseo Alberto Diego, Antonio José Ponte e Rafael Rojas, algo que por fim não terminou acontecendo diante da negativa repercussão do episódio<sup>59</sup>.

Se por um lado a polêmica de Guadalajara, na verdade, tenha sido pouco ou quase nada comentada nas páginas da revista impressa (como podemos notar pelo conteúdo da entrega seguinte 26/27 (2002-2003), com apenas uma simples menção aos incidentes na seção informativa “La Isla en Peso” (p. 353)), cabendo a *Encuentro en la red* dedicar uma cobertura das repercussões do ocorrido<sup>60</sup>; por outro, a entrega dupla 28/29 (2003) que trouxe a publicação do dossiê especial “Represión en Cuba”, um dos materiais mais duros em resposta à repressão do regime à liberdade de expressão e aos direitos humanos em Cuba até então publicado pela revista, poderia ser de alguma maneira considerada como uma reação também diretamente impulsionada pelo episódio de Guadalajara (e obviamente pelos fatos de censura e repressão ocorridos na Ilha), marcando assim, junto ao falecimento de Jesús Díaz, um período de maior ofensiva discursiva contrária ao oficialismo cultural e político da Ilha. Dentre as razões que nos levam a constatar essas relações entre acontecimentos públicos e suas consequências discursivas, e que entrelaçam os espaços concretos e imaginários frequentados por *Encuentro* em sua geografia cultural, está a busca de toda revista por uma intervenção cultural sobre o seu tempo presente (SARLO, 1992), intercessão essa que termina por deixar marcada em suas páginas a atmosfera intelectual do período de sua atuação cultural (SIRINELLI, 2003), como sem dúvida podemos ver através dos casos publicados por *Encuentro* aqui comentados<sup>61</sup>.

---

<sup>59</sup> Uma carta para os diretores da feira, sob o título de “Censura castrista en México”, foi assinada por 28 intelectuais pedindo garantias para o lançamento da revista *Encuentro*, dentre os quais estavam Mario Vargas Llosa, Fernando Savater, Carlos Monsiváis, Alejandro Rossi, Juan Villoro, Carlos Alberto Montaner e Elena Poniatowska. (Ver: ENCUESTRO EN LA RED, 2002c).

<sup>60</sup> Ver artigos como “Guadalajara: Grupos de cubanos y mexicanos sabotean la presentación de 'Letras Libres'” (ENCUESTRO EN LA RED, 2002a); “Guadalajara: Reacciones ante la agresión a 'Letras Libres' protagonizada por la delegación cubana” (ENCUESTRO EN LA RED, 2002b); “28 intelectuales exigen garantías para la presentación de la revista 'Encuentro' en la FIL” (ENCUESTRO EN LA RED, 2002c).

<sup>61</sup> Nesse sentido, parece-nos pertinente ainda agregar a assertiva de Quintero Herencia (2002, p. 28, grifo do autor) de que “toda revista pugna por un espacio de autoridad intelectual al interior de una experiencia pública”, cabendo a “la ‘voz’ de la revista” inscrever “el tono de su tiempo”.

Os exemplos de polêmicas relacionadas à revista que aqui trouxemos servem para demonstrar não apenas que os editores de *Encuentro* desde o início tiveram consciência do difícil legado de confrontos polêmicos que lhes cabia também “herdar” de certa tradição cultural cubana, como também comprovam a plena consciência de que o uso estratégico da prática de estímulos a polêmicas poderia lhes ser favorável enquanto propulsor editorial, assim alcançando uma maior visibilidade de atuação intelectual (e, certamente, comercial). Como vimos, a seção em seu espaço organizativo surgida no N° 16/17 (2000), “Miradas polémicas”, que passou a reservar um lugar específico para o confronto de ideias e para o pronunciamento de visões antagônicas entre os colaboradores da revista, proporcionou uma espécie de “institucionalização” da polêmica como parte indissociável do *modus operandi* cubano em termos culturais e políticos. Com isso, seria pertinente até aqui concluir que um dos maiores desafios de *Encuentro* em termos discursivos tenha sido justamente o de alcançar um equilíbrio ético em seu projeto, entre a criação e manutenção de um imaginário inclusivo e aberto à divergência inerente ao almejado pluralismo representativo, paralelamente ao de seu estabelecimento enquanto plataforma crítica bastante incisiva ao contrariar, sobretudo, os postulados inquestionáveis do dogmatismo cultural revolucionário.

#### **1.4 - Recepção, financiamento e os desafios para uma modulação discursiva**

##### **1.4.1 - A reação crítica na Espanha**

Dando prosseguimento a uma leitura da revista *Encuentro* que leve em conta questões relevantes para sua composição discursiva editorial – interpretação esta pautada, segundo nossa hipótese central, na promoção da reimaginação de uma comunidade e de um espaço virtual de transformação da perspectiva identitária cubana – antes de nos debruçarmos especificamente sobre o ensaísmo por ela valorizado e seu recurso como instrumento privilegiado para essa mudança de óptica narrativa (movimento exegético proposto para o segundo capítulo deste estudo), parece-nos importante refletir sobre alguns conflitos diretamente relacionados à geografia cultural e à política de financiamento da revista. Isso sem perder de vista algumas questões já observadas anteriormente e que acabam por se mostrar permeando tais conflitos, como a

condição extraterritorial da publicação e as derivações em seu imaginário cultural, a abertura a transformações de pensamento de seu diretor Jesús Días e a reprodução de seus posicionamentos na revista, ou o estímulo consciente à polêmica como propulsora de difusão intelectual.

Antes mesmo de ser publicado em Madri o número inaugural da revista *Encuentro* em junho de 1996, surgiram algumas controvérsias a ela relacionadas que já prenunciavam as dificuldades a serem enfrentadas por seus idealizadores no fragmentado campo intelectual cubano. O curioso é que essas primeiras críticas antecipadas vieram de forma mais contundente não de vozes cubanas desconfiadas, sobretudo, da idoneidade da liderança intelectual de Jesús Díaz, mas sim do próprio meio da imprensa espanhola preocupada com o uso de recursos de contribuintes do país para patrocinar um projeto ainda não totalmente claro em seus desígnios ideológicos. A proposta de estabelecer um espaço de diálogo entre cubanos dispersos em vários países do mundo e cubanos residentes na Ilha de Fidel Castro, um dos últimos redutos do socialismo no Ocidente, não foi bem digerida por parte de um grupo político espanhol mais conservador. Como veremos, assim tinha início o estigma em torno do financiamento de *Encuentro* que atravessaria praticamente toda a sua existência e que serviria de principal argumento bélico por parte do governo cubano para depreciar a publicação.

Importante, então, antes de detalhar tais primeiras vozes dissonantes, procurar traçar um breve relato acerca da origem do projeto *Encuentro de la Cultura Cubana*. Como dissemos anteriormente, a ideia inicial trazida desde Alemanha para Espanha por um recém-exilado Jesús Díaz recebeu uma estimulante acolhida por parte de alguns cubanos residentes já de longa data em Madri, como Annabelle Rodríguez<sup>62</sup>, promotora de atividades culturais, empresária e gestora de projetos internacionais, que à época trabalhava na Secretaría de Estado de Cooperación Iberoamericana junto a Inocencio Arias e José Luis Dicenta, e que havia sido responsável pela organização do evento “La Isla Entera”, em 1994, e de sua sequência, o seminário “La Isla Entera: el cuento en la literatura cubana” no início de 1996; e Pío E. Serrano, escritor e editor, exilado em Madri desde os anos 70 e fundador da editorial Verbum, com respeitável experiência em

---

<sup>62</sup> Filha do influente ex-vice-presidente cubano do Consejo de Estado e do Consejo de Ministros revolucionários, Carlos Rafael Rodríguez, ainda vivo naquele momento.

publicações de livros na Espanha. Juntos, e contando ainda com as presenças da venezuelana Elizabeth Burgos, então conselheira cultural da Embaixada da França na Espanha; de Felipe Lázaro, cubano radicado no país, editor e diretor da editorial Betania; e de Carlos Caso, designer gráfico cubano que seria responsável pela direção artística da revista durante toda a sua existência; deram início aos primeiros passos do projeto, sendo a fundação da Asociación Encuentro de la Cultura Cubana o lançamento da “pedra fundamental” que daria suporte administrativo para a publicação da revista.

O estabelecimento da Asociación possibilitou a captação de recursos para o primeiro número impresso de *Encuentro*, o que ocorreu junto à Agencia Española de Cooperación Internacional (AECI)<sup>63</sup>, vinculada ao Ministerio de Asuntos Exteriores de España, que, segundo Annabelle Rodríguez (2006), concedeu 15 milhões de pesetas (equivalentes a cerca de 90 mil euros em 2006) para esse início. Com esse primeiro suporte financeiro a revista foi lançada oficialmente no dia 26 de junho de 1996, contando com apoio da Fundación Ortega y Gasset, responsável pela edição da longa *Revista de Occidente*, que cedeu seu espaço para a reunião de lançamento. Através do jornal conservador (de antiga filiação monárquica e católica) *ABC Madrid* sabemos que alguns exemplares da revista haviam circulado dias antes do lançamento, causando surpresa pela presença em suas páginas do informe do Buró Político apresentado por Raúl Castro e do texto de Abel Prieto, e também que alguns escritores espanhóis (sem citar quais) haviam sido convidados ao lançamento, mas não comparceram (BUSTAMANTE, 1996, pág. 56). Porém a grande notícia dessa matéria (sob o título de “El PP no descarta subvencionar a la polémica revista cubana ‘Encuentro’”) estava relacionada à possibilidade de o Partido Popular (PP), do então recém-empossado presidente José María Aznar e que se mostrava abertamente ser apoiado por *ABC Madrid*, prosseguir com o financiamento da publicação iniciada ainda durante o final do governo de esquerda de Felipe González, um dos líderes do Partido Socialista Obrero Español (PSOE).

---

<sup>63</sup> Hoje o órgão leva o nome de Agencia Española de Cooperación Internacional para el Desarrollo (AECID) e está vinculado ao atual Ministerio de Asuntos Exteriores, Unión Europea y Cooperación. Criado em 1988, de acordo com o seu sítio na web (<https://www.aecid.es/ES/la-aecid>), dentre suas principais ocupações está “la lucha contra la pobreza y al desarrollo humano sostenible”, com “enfoque basado en los derechos humanos y las libertades fundamentales, la perspectiva de género, la calidad medioambiental y el respeto a la diversidad cultural”.



Portanto, voltando ao que anunciamos acima, antes do seu lançamento a revista já causava certo furor. O mesmo diário *ABC Madrid*, principalmente sob a voz indignada de seu colunista cultural Juan Palomo, em uma nota (“La resaca”, 21/06/96) já criticava a possibilidade de continuação dos recursos para a publicação cubana, centrando sua desconformidade na postura de um dos principais nomes do Partido Popular, o deputado Guillermo Gortázar, que não apenas estaria logo em seguida presente no lançamento na Fundación Ortega y Gasset, como ainda reafirmaria o intuito do PP financiar a revista<sup>64</sup>. Palomo (1996a), dessa forma, iniciava uma verdadeira campanha contrária à *Encuentro* nas páginas do jornal espanhol, continuada em sua coluna nas seguintes semanas após o lançamento da revista com questionamentos direcionados, por exemplo, ao fato de o informe apresentado por Raúl Castro ter ocupado sete páginas da entrega inaugural; à ausência de mulheres em suas páginas, lançando ainda uma dúvida sobre a figura de Annabelle Rodríguez; a uma suposta afirmação de Guillermo Cabrera Infante de que a publicação fazia o jogo do ditador; e, sobretudo, ao fato de os recursos espanhóis, advindos de dinheiro de impostos de seus cidadãos, serem utilizados não para alimentos ou remédios ao povo cubano, mas para auxiliar ideologicamente a Fidel Castro<sup>65</sup>.

Somando-se também às avaliações críticas ao surgimento de *Encuentro* nas páginas de *ABC Madrid*, a poetisa cubana María Elena Cruz Varela, naquele momento recém-chegada ao exílio em Madri, teve publicado o artigo “Reflexiones sobre un ‘Encuentro’” quase um mês depois do lançamento da revista (24/07/96, seção “Tribuna Abierta”). Nele, a escritora, que assim como Manuel Díaz Martínez havia sido

---

<sup>64</sup> Ainda neste mesmo ano de 1996, Gortázar estaria à frente da criação da Fundación Hispano Cubana, futura promotora da *Revista Hispano Cubana* (mai-jul 1998 – nov-dez 2013), com sede também em Madri, e que passaria a ser publicada sob a direção do próprio Gortázar paralelamente a *Encuentro* nos próximos anos. Alguns importantes intelectuais cubanos foram colaboradores tanto de *Encuentro* quanto de *Revista Hispano Cubana*, como, por exemplo, Raúl Rivero, Manuel Díaz Martínez, Pío Serrano, Rafael Rojas, Carlos Alberto Montaner. Explícitamente vinculada aos principais ideais do Partido Popular, na *Revista Hispano Cubana* é possível identificar uma linha editorial de forte acento anticastrista, anticomunista e liberal-conservador (PRATES, 2015).

<sup>65</sup> Ver as notas publicadas na seção “Actualidad gráfica” de *ABC Madrid*: “Juan Palomo y el ‘Encuentro’ de ‘cultura cubana’” (22/06/96); “A Gortázar no parece preocuparle perjudicar a Aznar ante los cubanos demócratas al propugnar que el PP financie la revista ‘Encuentro’” (27/06/96); além dos textos em sua coluna “La papelera” intitulados “La resaca” (21/06/1996) e “Levantisco otoño” (05/07/1996). A respeito da afirmação de Cabrera Infante mencionada por Palomo, não foi possível encontrar sua fonte original, mas sabemos, por exemplo, que Cabrera Infante havia se pronunciado sobre o encontro La Isla Entera com as seguintes palavras: “No quiero hablar del encuentro porque es una payasada sobre la sangre”, de acordo com uma matéria publicada no jornal *El País* (EL ENCUESTRO, 1994).

violentamente reprimida por ter assinado em 1991 a “Carta de los Diez”<sup>66</sup>, arriscou-se a tecer algumas impressões iniciais sobre a nova publicação, mesmo que ela contasse apenas com uma entrega. Apesar de cautelosa em suas observações, Varela (1996, p. 38) se apoiou nas indefinições políticas trazidas pelo primeiro número para também não ser tão incisiva sobre os erros ou acertos dos propósitos da revista, destacando o tom moderado de alguns artigos a favor ou contra o regime (sem especificar quais); a “palidez” das posições do editorial “Presentación”, questionando se a presença do informe do Buró Político e de Raúl Castro por si já não seria um “ataque personal” ou um “llamado a la violencia”; sua indignação diante da dúvida se a indefinição da filiação política da revista era apenas para não prejudicar os possíveis futuros colaboradores desde a Ilha, algo que poderia contribuir “a legitimar y a enraizar aún más la esquizofrenia” entre os cubanos; e se a aparição de *Encuentro* não passaria de ser apenas mais uma “fuente de desacordos y ambivalencias fácilmente utilizables por un sistema que, durante casi cuarenta años, se ha nutrido de las equivocaciones nacionales e internacionales” (VARELA, 1996, p. 38).

Como se consegue notar até aqui, ao utilizarmos alguns destaques dos principais enunciados retóricos presentes na recepção crítica inicial da revista, o que pretendemos é elucidar possíveis elementos da gênese de seu discurso social, uma vez que entendemos, como sugere Rafael Osuna (1998, p. 56), que uma revista deve ser considerada como uma “comunidad intersubjetiva de comunidades”. Diante disso, parece-nos fundamental para o estudo de uma publicação seriada como uma revista cultural (ou literária) considerar “el efecto que la práctica del grupo produce sobre su sociedad inmediata”, assim como o contrário, ou seja, o quanto “los fenómenos sociales expresados en el grupo determinan la práctica cultural de la revista” (OSUNA, 1998, p. 59)<sup>67</sup>. Ainda que tenha sido uma revista cultural evidentemente cubana, não podemos

---

<sup>66</sup> Ver o aqui já referido artigo de Manuel Díaz Martínez, “La carta de los diez”, publicado no número 02 de *Encuentro* em 1996. Curiosamente, sobre este documento também podemos encontrar nas páginas da revista a “Carta de ajuste”, de María Elena Cruz Varela, publicada no número 50 em 2008, comprovando que suas críticas ao primeiro número não foram suficientes para que ela decidisse definitivamente não colaborar com *Encuentro*.

<sup>67</sup> Diz Osuna: “El discurso social, que por derecho posee una poética propia, tiene en cuenta la atmósfera cultural, política y filosófica que existe en el momento de la actividad del grupo y desde ella enfoca a la revista como producto de una experiencia colectiva en un momento determinado; por ello este discurso está anclado en la realidad y nos sirve para establecer la relación del texto con ella; esto es, vincula los dos polos de la realidad y la estética” (OSUNA, 1998, p. 60).

deixar de deslindar sua intrínseca característica transnacional, pensada e realizada por cubanos a partir de um “outro” lugar que não o seu espaço identitário original. *Encuentro* foi uma criação editorial surgida em Madri, feita por cubanos, mas com incontestável inserção espanhola.

Apesar das considerações anteriores, o que notamos é que o meio cultural e intelectual espanhol, em realidade, não foi muito efusivo em sua recepção inicial da revista. Ao mal-estar político que vimos com os questionamentos de um jornal como *ABC Madrid*, poderíamos opor uma tímida atenção por parte de poucos veículos de comunicação ou literários. Por exemplo, quase não encontramos notícias sobre o surgimento da revista em um dos jornais espanhóis de maior circulação, *El País*, salvo uma nota relacionada já à chegada do seu número dois<sup>68</sup>. Publicada no dia seguinte ao lançamento da entrega que teve a Gastón Baquero homenageado no início de dezembro de 1996 e ocorrido na sede de Casa de América em Madri<sup>69</sup>, a nota “Los cubanos de dentro y fuera de la isla dialogan en la revista literaria ‘Encuentro’”<sup>70</sup> trouxe apenas algumas declarações de Jesús Díaz, com poucas informações sobre sua tiragem (de 3.000 exemplares) e sobre sua circulação inicial (“Uno de los objetivos de *Encuentro*, que se vende en España en librerías especializadas, es que circule dentro de Cuba, donde su venta no está autorizada por el Gobierno” (CASTILLA, 1996)). Outra publicação onde pudemos identificar uma também discreta referência à revista foi em *Cuadernos Hispanoamericanos* (Nº 564), por meio da nota em sua seção “Agenda” e intitulada “Encuentro de la Cultura Cubana”, ainda que vinda à público quase um ano depois de surgida a revista (junho de 1997, p. 149-150) e relacionada ao lançamento de seu terceiro número, o do inverno de 1996/1997. Sobre tal referência, vale recordar que *Cuadernos Hispanoamericanos*, naquele momento sob a direção do hispano-argentino Blas Matamoro, é até hoje uma publicação financiada pela Agencia Española de

---

<sup>68</sup> Annabelle Rodríguez (2006) mencionou a presença do colunista de *El País*, Javier Pradera, na mesa de apresentação da revista na Fundación Ortega y Gasset em 1996, mas não conseguimos identificar referência de Pradera à revista no jornal madrilenho.

<sup>69</sup> Instituição também ligada ao Ministerio de Asuntos Exteriores de España, Casa de América se tornou uma grande apoiadora de eventos propostos por *Encuentro*, graças à articulação política de Annabelle Rodríguez, que, como vimos, havia organizado nesse mesmo lugar (e na Universidad Complutense de Madrid) as jornadas “La Isla Entera” e “La Isla Entera: el cuento en la literatura cubana”.

<sup>70</sup> Assinada por Amelia Castilla, em 09/12/1996.

Cooperación Internacional para el Desarrollo (AECID), mesma instituição que subvencionará *Encuentro* durante todos os seus números<sup>71</sup>.

#### 1.4.2 - A reação ofensiva desde Cuba

Ao considerarmos aqui “el efecto que la práctica del grupo produce sobre su sociedad inmediata” (OSUNA, 1998, p. 59), por mais que a inserção da revista em Espanha e sua repercussão inaugural fossem evidentes, estamos conscientes de que *Encuentro* tinha como seu maior objetivo a circulação de exemplares no interior da Ilha. Assim, não demoraria muito para surgirem as primeiras reações de Havana. Uma delas que conseguimos identificar foi a do escritor Rafael Hernández, professor, pesquisador e um dos fundadores do segundo período da revista *Temas* a partir de 1995, cujo artigo “¿Elefantes en la cristalería?”, originalmente publicado por *La Gaceta de Cuba*<sup>72</sup> em setembro/outubro de 1996<sup>73</sup> (Nº 5, Ano 34), foi em seguida reproduzido pela própria revista *Encuentro* em seu Nº 3 (inverno de 1996/1997, p. 136-140), dentro da seção “Textual”. Nele podemos notar, por exemplo, uma preocupação de Hernández (1996/1997, p. 136) em fazer objeções ao “nosotros” de *Encuentro*, à autoafirmação de sua “potestad” para representar a sociedade plural invocada pela revista:

Esa vocación de portavoces elegidos de la sociedad cubana, de su cultura y de la conciencia nacional –tan dogmática a su manera como la de otros que pretenden aplicar fórmulas ideológicas preestablecidas a los más complejos problemas del momento– carece del realismo necesario para interactuar verdaderamente con la situación del país de manera desprejuiciada, de la

<sup>71</sup> Em setembro de 1997, portanto já lançados os três primeiros números da revista, o jornal publicado em Madri, *La Prensa del Caribe* (Nº 3, p. 16), divulgou as mudanças ocorridas nas direções da publicação e da Asociación Encuentro de la Cultura Cubana através das cartas de renúncia de Pío E. Serrano (presidente da associação e diretor adjunto da revista), de Felipe Lázaro (secretário e tesoureiro da associação) e de Carlos Cabrera (secretário de redação). Por meio delas temos conhecimento de que os motivos estavam ligados a um “creciente malestar” entre estes primeiros participantes do projeto e Jesús Díaz e Annabelle Rodríguez. O artigo, intitulado “La revista Encuentro de la Cultura Cubana cumple su primer año con cambios en su dirección”, foi publicado sem assinatura e ainda trouxe a informação de que, além da nova direção sob a comando de Díaz, teria a redação composta por participantes localizados desde diferentes lugares da geografia espanhola (Manuel Díaz Martínez desde Isla Canarias, Luis Manuel García desde Sevilla, Iván de la Nuez desde Barcelona e Rafael Zequeira desde Chinchón).

<sup>72</sup> Não conseguimos acesso a esse número de *La Gaceta de Cuba*, mas sabemos que nele foram publicados, além do artigo de Rafael Hernández, também outros severamente críticos ao surgimento de *Encuentro*, assinados por Víctor Casaus e por Pedro de la Hoz.

<sup>73</sup> O artigo havia sido datado em agosto de 1996, ou seja, ainda no calor da hora da publicação do número inicial de *Encuentro* em Madri.

humildad para situarse frente a ella con una capacidad de conocimiento crítico y de la representatividad para recoger en su discurso los desgarramientos e ideales de la nación en su conjunto. (HERNÁNDEZ, 1996/1997, p. 138).

E afirmou que a renovação do pensamento plural cubano já vinha sendo realizado desde o interior da Ilha por publicações como “*La Gaceta de Cuba, Contracorriente, Temas, Unión, Casa, Debates Americanos, Caminos, Acuario, Islas, El Caimán Barbudo, Ciencias Sociales*” (ibidem, p. 139) e outras mais, inclusive com a difusão de trabalhos de autores e acadêmicos de fora de Cuba. Apesar do tom questionador do diretor de *Temas*, ele finalizou suas considerações afirmando que “los intelectuales emigrados dispuestos al diálogo respetuoso –compartan o no nuestras ideas políticas– merecen respeto” (ibidem, p. 140).

A divulgação em suas páginas desse primeiro texto crítico à própria revista dá continuidade à política editorial por ela adotada em seus dois números anteriores em que se procurava primar por aquilo que seus redatores entendiam como discurso democrático, dessa forma engenhosamente contradizendo alegações como a de Hernández a respeito de um suposto dogmatismo. Estratégia não menos polêmica, em realidade, que as anteriores inclusões de textos como o relacionado a Raúl Castro ou o de Abel Prieto, e que serviram de alimento argumentativo a seus detratores mais vorazes que passaram a alegar que *Encuentro* era, para usar uma expressão do polêmico informe apresentado por Castro para se referir a algumas ONGs presentes em Cuba, um “Caballo de Troya”<sup>74</sup> (CASTRO, R., 1996, p. 18). De qualquer forma, dando prosseguimento a essa linha editorial, a revista publicou ainda em seu duplo Nº4/5 (1997), também dentro da seção “Textual”, outra reação do oficialismo institucional da Ilha através da nota divulgada pela revista *Casa de las Américas* (Nº 205, out./dez. 1996), “Con nuestra Gaceta”, onde se queixava pelo uso editorial do artigo de Rafael Hernández como exemplo de “ciertas maniobras dirigidas contra la cultura” e que assim revelava sua “naturaleza a quienes les hayan ofrecido de antemano su colaboración de buena fe y esperando otra cosa” (CASA DE LAS AMÉRICAS, 1997, p. 201).

---

<sup>74</sup> Voltaremos a tratar dos principais argumentos detratores de *Encuentro* no último capítulo deste trabalho.

Como se pode perceber, a questão do informe do Buró Político e Raúl Castro rendeu inúmeras controvérsias sobre a probidade política de *Encuentro*. Por isso pode ser interessante oferecer uma opinião em defesa da lógica da revista ao publicar tal documento aprovado em março de 1996 durante o V Pleno del Comité Central del Partido Comunista de Cuba, sobretudo porque tal contraponto também nos traz um testemunho importante publicado desde Miami. Dez anos depois do lançamento do número inaugural em Madri, Manuel Díaz Martínez tinha publicado em [www.cubaencuentro.com](http://www.cubaencuentro.com) seu artigo “Una revista para la libertad – Los ataques a ‘Encuentro’ y la polarización de la pugna política cubana” (20/06/2006), em que procurava traçar observações sobre alguns alvos de ataques contra a revista tanto por parte do governo cubano quanto por parte do exílio, e que se referiam às questões do seu financiamento e de seu suposto vínculo com a CIA (“instrumento del imperialismo”), assim como a de sua suposta cumplicidade com o regime cubano (“instrumento del castrismo”). Como contra-argumento a esta última acusação, afirmou Martínez sobre o informe lido por Raúl Castro:

Es un documento donde la dictadura expone desembozadamente por qué y cómo va a restringir aún más la investigación académica y la libertad de expresión.

Por tanto, se trata de un documento tan emblemático de la naturaleza opresiva del régimen castrista, que hacerlo accesible a los lectores de *Encuentro* lo convertía en una denuncia demoledora —¡una denuncia en boca del mismo régimen!—, razón por la cual Jesús Díaz lo publicó. (MARTÍNEZ, M. D., 2006).

Para na sequência nos trazer a opinião de Heberto Padilla, desde *El Nuevo Herald* de Miami, sobre o primeiro número de *Encuentro*:

Así lo vio Heberto Padilla. En un artículo sobre *Encuentro* titulado "Una revista de reconciliación" (*El Nuevo Herald*, Miami, 5.10.1996), dijo el poeta: "El primer número tiene la virtud de que revela con absoluta claridad la nueva situación cultural y política del país. Hay muchas colaboraciones de interés en este primer número, pero el documento de la Conferencia de Obispos Católicos de Cuba, las conclusiones y recomendaciones del informe sobre la situación de los derechos humanos en Cuba y el 'Fragmento del Buró', presentado por Raúl Castro, bastarían para acercarnos a la imagen cultural de la crisis cubana". (Idem).

O fato é que, pelo menos durante o período de publicações dos próximos números, anteriores ao falecimento de Jesús Díaz em 2002, *Encuentro* evitou voltar a

dar voz a nomes tão emblemáticos do oficialismo cubano, o que poderia ser entendido como uma depuração discursiva em relação aos propósitos inicialmente imaginados<sup>75</sup>. A polêmica experiência da primeira entrega demonstrou ser demasiadamente desgastante, ainda que a revista não tenha cessado de trazer textos críticos a ela mesma como observaremos mais adiante. Mesmo após a morte de Díaz, foram muito localizadas as presenças de figuras intestinamente ligadas à ordem revolucionária<sup>76</sup>.

Mas certamente nenhum questionamento surgido a partir dos primeiros impactos de sua recepção foi tão incômodo para *Encuentro* como o relacionado a seu financiamento. Trata-se de um interessante argumento de uso ideológico que transitou com flexibilidade entre discursos dicotômicos como o liberal e o socialista, dentro daquilo a que já nos referimos com Norberto Bobbio (2011, p. 69) acerca do que ele chamou de “ala extremista”. Iniciado no interior da crítica jornalística espanhola de cunho liberal, como identificamos, passou depois a ser usado pela crítica governista insular e por apoiadores socialistas estrangeiros no intento de explorar ao longo dos anos, *ad nauseam* e muitas vezes de maneira superficial, o fato de a revista receber recursos de algumas instituições norte-americanas, principalmente da NED (National Endowment for Democracy), algo aparentemente suficiente para acusar a revista de pró-imperialista. O incômodo dessas acusações, direta ou indiretamente, influenciaria o discurso editorial de *Encuentro*.

---

<sup>75</sup> Na entrevista de Pío E. Serrano a Elizabeth Burgos publicada no N° 45/46 de *Encuentro*, o fundador da revista ao lado de Díaz e Rodríguez chegou a afirmar: “Nuestro proyecto nació con el objetivo, sin duda ingenuo, de establecer un territorio virtual donde, en primer lugar, los cubanos dispersos por el exilio pudieran discutir libre y razonadamente sus diferencias y soñar un futuro común, y, en segundo lugar, abrir un sitio donde los de dentro y los de fuera pudieran contraponer sus distintas perspectivas. Desde el primer número nos dimos cuenta de que eso, al menos en su segunda parte, era imposible.” (SERRANO, 2007, p. 114).

<sup>76</sup> Apenas para trazer alguns casos, podemos citar a presença de Ambrosio Fornet com o texto “Jesús en la memoria” na “Homenaje a Jesús Díaz” quando de sua morte (N° 25); ou a de Miguel Barnet com “La primera bola” na “Homenaje a Roberto González Echevarría” (N° 33); a do próprio Fidel Castro em um fac-símile inédito de entrevista de 1958, “Fidel Castro responde por escrito a Andrew St. George”; além do especial “Represión en Cuba” (N° 28/29) com fragmentos ou textos completos já mencionados anteriormente de, por exemplo, Eduardo Galeano (“Cuba duele”), Mario Benedetti, Gabriel García Márquez, Silvio Rodríguez e o próprio Fidel Castro, retirados de jornais como *El País* ou *La Jornada*; o especial “1961: Palabras de los intelectuales” (N° 43) com fragmentos da transcrição da famosa primeira sessão na Biblioteca Nacional em 1961 em que falam Edith García Buchaca, Osvaldo Dorticós, Carlos Rafael Rodríguez, Mirta Aguirre e, principalmente, Fidel Castro (além do testemunho posterior de Alfredo Guevara); e, por último, o especial “2007: Contra los censores” (também no N° 43), onde podemos ler a declaração do Secretariado de la Unión de Escritores y Artistas de Cuba, “La política cultural de la Revolución es irreversible”.

Em seu artigo “Diez años de *Encuentro* en Cuba”, Jorge Luis Arcos, ex-diretor da revista *Unión* de la UNEAC entre 1995 e 2004 e colaborador de *Encuentro* desde antes de sair para o exílio em Madri em 2004, discorreu a trajetória da recepção da revista em Cuba testemunhando “una enorme preocupación” que “se adueñó de los gestores de la política cultural cubana” (ARCOS, 2006, p. 209), o que acabaria por exigir uma diferente estratégia por parte do oficialismo frente a essa questão. Segundo Arcos, a leitura foi a seguinte: “sí, la cultura cubana es una sola, pero es patrimonio de la Isla o su centro está en Cuba o su cantera natural está allí” e isso bastava para que fosse “desde Cuba que se decidía entonces qué obras o escritores formaban parte valedera de la cultura cubana” (ibidem, p. 209). Porém, segundo Arcos, tal perspectiva inicial iria sofrer futuras mudanças:

En sentido general, pudiera hablarse de dos etapas en la recepción de *Encuentro* en Cuba. La primera, caracterizada por un contrapunto intelectual y por la puesta en práctica de la nueva estrategia cultural aludida. En esta etapa hubo cierta tolerancia con los colaboradores cubanos de la revista y, hasta cierto punto, se prefería el silencio o la minimización de su importancia antes que una confrontación directa. Se trataba, según el caso, de persuadir a sus colaboradores para que no publicasen en sus páginas. El comienzo de la segunda coincidió con la muerte de Jesús Díaz, la nueva dirección, de Manuel Díaz Martínez y Rafael Rojas, la ampliación de su Consejo de Redacción, y la creación de *Encuentro en la Red*. A partir de entonces, cobró fuerza la argumentación de que la Asociación Encuentro de la Cultura Cubana estaba financiada por la CIA, así como diversas acusaciones sobre su pretendido carácter proanexionista y sus supuestos vínculos ideológicos con la llamada mafia cubana de Miami. (Ibidem, p. 211).

Esse argumento da existência de duas etapas na recepção da revista na Ilha por ele trazido, por si mesma, pode ser considerado polêmico e longe de um consenso. Por exemplo, Emilio Ichikawa, já morando em Miami, em sua “Carta a la revista *Encuentro de la Cultura Cubana*” publicada no número 19 (2000/2001), partiu das declarações de alguns intelectuais apoiadores do regime como Lisandro Otero, Aurelio Alonso e Guillermo Rodríguez Rivera (estes dois últimos ex-companheiros de Jesús Díaz em publicações como *Pensamiento Crítico* e *El Caimán Barbudo*, respectivamente) sobre a existência de duas etapas na trajetória de *Encuentro* para demonstrar que o que na verdade ocorria, de acordo com Ichikawa, era a busca por uma justificativa para suas colaborações à revista ou por suas relações com alguns de seus promotores, através do



que ele identificou como “trueque de almas” (ICHIKAWA, 2000/2001, p. 135). Desafiando-os a apontar os números a partir dos quais se iniciara a suposta mudança, afirmou ainda Ichikawa:

A decir verdad, yo nunca escuché elogios a la revista por parte de los funcionarios culturales ni siquiera respecto al número primero; en el que cabe suponer, por lo que señalan, que aún el programa estaba virgen. Al contrario, se le criticó con intensidad y se trazó hasta una política editorial encaminada a fundar revistas que contrarrestaran su efecto unificador.

(...).

No hay cambio de la revista *Encuentro*, lo que hay es un cambio de circunstancia en la política cubana en el sentido del endurecimiento, del extremismo, en fin, de la objeción al diálogo, que cambia la percepción que dentro de la isla algunos intelectuales tienen de la revista *Encuentro*. (Idem).

Chamando ainda a atenção para a questão aberta com tal identificação de duas etapas de *Encuentro* para o perigo de que a partir desse momento, depois da promoção de uma advertência de que a revista havia se assumido como “contrarrevolucionária”, assim se legitimasse a repressão a seus futuros colaboradores<sup>77</sup>.

De qualquer forma, de fato um verdadeiro “terremoto” (RODRÍGUEZ, 2006) parece ter sacudido a Ilha a partir do período que vai da criação em 2000 do diário digital *Encuentro en la red - Diario independiente de asuntos cubanos*<sup>78</sup> à morte de

---

<sup>77</sup> Também publicada dentro da mesma seção “Miradas Polémicas” como a carta de Ichikawa, no seguinte número 20 (2001) Guillermo Rodríguez Rivera teve incluída sua “Carta a *Encuentro de la Cultura Cubana*” em que ele procurou replicar os argumentos de Ichikawa, ainda assim mantendo sua opinião sobre “un creciente desplazamiento hacia las posiciones clásicas del exilio de Miami” por parte da revista: “Se trata de una concepción que descalifica esencialmente a la Revolución Cubana y la valora con un desenfoque que es, justamente, el que ha conducido al exilio miamense al permanente fracaso de sus estrategias políticas con respecto a Cuba” (RIVERA, 2001, p. 257). Para Rivera, “El endurecimiento de la política cultural de Cuba es un fantasma que, muy frecuentemente, recorre ciertas zonas del exilio cubano” (ibidem, p. 255), reafirmando que uma carência de pluralidade foi o que fez com que “*Encuentro* se haya convertido (...) en una publicación más del exilio, y no sea la portadora del proyecto que enunció en sus orígenes” (ibidem, p. 258), identificando no “Dossier Miami” trazido no N° 18 um exemplo ilustrativo de uma desequilibrada valorização do exílio de Miami.

<sup>78</sup> Cujá criação, junto a do portal [www.cubaencuentro.com](http://www.cubaencuentro.com) em 04 de dezembro de 2000, foi anunciada nas primeiras páginas do número 18 (2000) da revista impressa: “*Encuentro en la red (www.cubaencuentro.com)*, se propone desarrollar un nuevo polo cotidiano de información y opinión sobre asuntos cubanos con tres objetivos principales. Ofrecer una alternativa a la falta de libertad de prensa existente en Cuba. Contribuir a prefigurar un futuro democrático para la isla. Y servir como punto de encuentro entre los cubanos, tanto los que viven dentro como los que están dispersos por el mundo.”, contando com a seguinte nômima em seu expediente: “Director: Jesús Díaz, Director de tecnología: Manuel Desdín, Director artístico: Carlos Caso, Jefa de diseño: Ana Fuentes, Jefe de Redacción: Pablo Díaz Espí, Redactora: Karelia Vázquez, Coordinador de chats: Luis Manuel García” (REDACCIÓN, 2000, p. 03).

Jesús Díaz em 2002, com complicações sísmicas intensificadas depois da FERIA Internacional del Libro em Guadalajara no final de 2002. A internet passou a ser o campo de batalha mais propício para inúmeras denúncias, notícias, informações e acusações entre diversos *sites*, *blogs* ou periódicos digitais, dentre os quais destacamos, desde a margem oficialista, *La Jiribilla*, *Cubadebate*, *Ecured* e *La Pupila Insomne* (de acordo com a sugestão de ROJAS (2017b), plataformas de uma nova direita nacionalista revolucionária)<sup>79</sup>. A partir da expansão do uso da internet na Ilha e o consequente acesso de usuários a informações vindas do exterior do país (ainda que com sinal digital muitas vezes de qualidade precária ou acesso restrito ou controlado da web), no decorrer dos próximos anos foram incontáveis os ataques e contraataques desde representantes ou partidários do regime cubano à revista *Encuentro* e ao diário *Encuentro en la red*, a maioria tendo como principal argumento, quando não exclusivo, a questão do financiamento e do suposto vínculo de *Encuentro* com a CIA por causa do financiamento da NED<sup>80</sup>.

### 1.4.3 - A reação discursiva da revista à deslegitimação

Afinal, qual seria então a base desse argumento? Antes de tentar compreender melhor essa questão para procurar respondê-la, parece-nos importante voltarmos às declarações daquela que foi a responsável pela articulação política em torno da captação de recursos para o empreendimento, Annabelle Rodríguez, presidenta da Asociación Encuentro de la Cultura Cubana que, durante a comemoração dos dez anos de realização

---

<sup>79</sup> *La Jiribilla* é uma revista digital sobre cultura cubana criada em maio de 2001 por colaboradores do jornal *Juventud Rebelde*, sob coordenação dos jornalistas Rosa Miriam Elizalde e Iroel Sánchez, como espécie de suplemento cultural (Ver <http://www.cubadebate.cu/opinion/2012/05/21/la-jiribilla-arca-de-nuestra-resistencia/>). *Cubadebate* é um *site* de notícias criado em agosto de 2003 que conta com a colaboração do Círculo de Periodistas contra el Terrorismo (Ver <http://www.cubadebate.cu/editores/historia/>). *Ecured*, de acordo com a Wikipedia, é um “proyecto de enciclopedia colaborativa en red del gobierno de Cuba” criado em dezembro de 2010 e desenvolvido principalmente pelo Joven Club de Computación y Electrónica, entidade do Ministerio de Informática y Comunicaciones de Cuba (Ver <https://es.wikipedia.org/wiki/EcuRed>). *La Pupila Insomne* é um *blog* de jornalismo e literatura alimentado por Iroel Sánchez desde julho de 2010 (Ver <https://lapupilainsomne.wordpress.com/acerca-de/>).

<sup>80</sup> Diante da dificuldade para localizar um fio retrospectivo que pudesse narrar o histórico desses conflitos digitais, uma vez que muitos textos ou informações lançados na rede tiveram duração efêmera, preferimos nos pautar em algumas fontes mais acessíveis ou que tiveram maior repercussão, focando, sobretudo, nas críticas relacionadas à política de subvenções da revista e de seu derivado digital, assim como as repercussões dessa questão na linha editorial da revista impressa.

do projeto em 2006, em uma entrevista à redação do portal [www.cubaencuentro.com](http://www.cubaencuentro.com) e diante da pergunta sobre as alegações de Havana sobre as supostas relações de *Encuentro* com a CIA, afirmou:

Eso es una falsedad, puesto que el patrocinio inicial de *Encuentro* fue de la Agencia Española de Cooperación Internacional (AECI). Fue el único patrocinio con el que contamos para poner en marcha el proyecto. A partir de ahí, empezamos a solicitar y recibir subvenciones de la Fundación Pablo Iglesias, el Centro Internacional Olof Palme, la Fundación ICO, The Open Society Institute, la Junta de Andalucía y la National Endowment for Democracy (NED), que es una institución bipartidista que representa a los dos partidos mayoritarios de EE UU. La NED también financió la campaña del 'NO' a Pinochet y sigue financiando a la Fundación de Nuevo Periodismo Latinoamericano de García Márquez.

(...).

Más tarde entró la Fundación Ford, que también nos ha financiado regularmente. La dirección que lleva el tema de América Latina está basada en México y jamás nos ha puesto ningún tipo de condición. La otra fuente importante ha sido la Comisión Europea, con cuya ayuda llevamos a cabo el proyecto de Internet, conjuntamente con la Fundación Ford. Simplemente nos ajustamos a sus normativas, que tienen que ver con el buen uso de los fondos, pero nunca con una línea política. También nos ha ayudado mucho The Open Society, de George Soros. Las fuentes son tan diversas que incluso algunas están ideológicamente en las antípodas. (RODRÍGUEZ, 2006).

É provável que um dos primeiros ataques mais específicos (e, de certa forma, contundentes) que se passaram na web sobre essa questão tenha ocorrido em abril de 2002, com o número 50 de *La Jiribilla*, quando o jornalista José Antonio García Miranda teve amplamente divulgado seu dossiê “Encuentros, desencuentros”<sup>81</sup>. Entre várias críticas realizadas a partir de análises informativas de textos e assuntos publicados pela revista impressa até então, e amparado pela pesquisa bastante divulgada em Cuba da historiadora britânica Frances Stonor Saunders sobre as relações entre fundações norte-americanas (como a Fundação Ford ou a Farfield, por exemplo) e a CIA para patrocinar revistas culturais e literárias durante a Guerra Fria<sup>82</sup>, García

<sup>81</sup> Segundo Rafael Rojas (2017a), antes desse dossiê de *La Jiribilla* na internet, no ano de 2000 a UNEAC já havia editado o que ele chamou de “manual”, com o título *Encuentros, desencuentros, reconocimiento y autorreconocimiento*, também assinado por José Antonio García Miranda. Não nos foi possível o acesso a tal publicação, por isso nos baseamos no material do dossiê publicado na internet (que certamente teve maior divulgação fora da Ilha) para nossas considerações.

<sup>82</sup> Trata-se do livro *The Cultural Cold War: The CIA and the World of Arts and Letters* (2000), onde Saunders descreve com detalhes como fundações como a Ford ou a Farfield haviam sido usadas pela CIA

Miranda acusou *Encuentro* de ser subvencionada pela CIA através da Fundação Ford e da National Endowment for Democracy (NED), esta última uma agência de fundos semiprivados oficializada desde 1982 pelo Congresso dos Estados Unidos e que, segundo García Miranda (2002), vinha sendo usada para fomentar a “subversão” em Cuba por meio do envio de recursos para organizações independentes da dissidência interna como bibliotecas e agências de notícias<sup>83</sup>.

Uma importante questão que nos interessa do dossiê para *La Jiribilla* de José Antonio García Miranda diz respeito às alegações advindas de sua leitura crítica da linha editorial da revista impressa e do diário digital. Segundo ele, *Encuentro* teria passado por uma mudança ideológica em sua perspectiva de atuação depois da publicação do número 18 no segundo semestre de 2000, entrega que incluiu o “Dossiê Miami” (organizado por Carlos Espinosa Domínguez<sup>84</sup>), dedicado à literatura cubana contemporânea produzida nessa cidade norte-americana. Para García Miranda, nos primeiros números “La revista se presentaba ante los intelectuales residentes en Cuba como una alternativa ‘flexible’, ‘tolerante’ y ‘comprensiva’”, chegando a reconhecer que ela “exhortaba a la reconciliación y al diálogo con la cultura nacional desde una posición equidistante de lo que calificaba como extremismos de derecha y de izquierda”

---

com repasses de fundos para mobilizar a guerra política contra o comunismo. Dentre os casos mais conhecidos, está a do financiamento pela Fundação Farfield a partir de 1953 da revista britânica *Encounter* (curiosamente homônima à revista cubana), fundada pelo poeta Stephen Spender, através de recursos destinados ao Congresso pela Liberdade da Cultura, que, por sua vez, nos anos 60 também financiaria outra importante revista latino-americana publicada desde Paris que foi *Mundo Nuevo*, fundada por Emir Rodríguez Monegal em 1963. Sobre este tema do patrocínio da CIA a revistas de intelectuais da esquerda não comunista durante a Guerra Fria e as acusações provenientes desde Cuba, como as da revista *Casa de las Américas*, ver ARNAIZ (2010).

<sup>83</sup> Na mesma entrevista citada, ao ser indagada sobre a possibilidade de haver alguma influência na linha editorial de *Encuentro* por parte dos patrocinadores, afirmou Annabelle Rodríguez (2006): “La NED jamás nos ha preguntado por nuestra línea editorial. Simplemente vio el proyecto, le interesó y a partir de ese momento nos financió. ¿En qué medida damos cuenta de esa financiación? Pasamos anualmente auditorías que demuestran que el dinero ha sido gastado en el pago de aquello para lo que se solicitó: equipos, salarios, actividades, etc. Pero eso ocurre con todos los patrocinadores por igual” (idem).

<sup>84</sup> Carlos Espinosa Domínguez, em entrevista por nós realizada, não entende o “Dossier Miami” publicado no Nº 18 como um “punto de inflexión en las reacciones críticas” à revista, identificando no “Dossier *Encuentro* en LASA 2000” publicado no número anterior, o de 16/17, um material muito mais incômodo para o regime cubano. O organizador do “Dossier Miami” recorda que o que foi publicado no Nº 18 foi um material dedicado à produção literária (poesia e narrativa) de cubanos nessa cidade norte-americana, sendo que o material publicado no Nº 16/17 trouxe os textos das intervenções dos participantes da mesa organizada por *Encuentro* no congresso ocorrido em Miami e que, como vimos, repercutiu polemicamente com a publicação de textos de “Réplica” e “Dúplica” no interior da seção “Miradas Polémicas” trazida no Nº 18 (ver DOMÍNGUEZ, C., 2021).

(MIRANDA, 2002). Mas as razões de García Miranda supunham uma tendência política de *Encuentro* agora mais voltada para a direita: “Este momento de viraje de *Encuentro*, que se ubica en los finales del año 2000, y que se refuerza con la aparición de su versión digital, significa el cierre definitivo de los devaneos ‘centristas’” (ibidem, 2002).

De fato, é bastante provável que a alegação estratégica de um “viraje” discursivo na política editorial da revista por parte do oficialismo cubano e de seus defensores seja um reflexo do acúmulo de conflitos “tolerados”, trocas de acusações “suportadas”, ou ataques e contra-ataques retóricos “de menor intensidade” ao longo dos primeiros anos da incômoda existência de *Encuentro*, como observamos anteriormente. Nesse sentido, após a publicação do “Dossiê Miami”, a consequente crítica de Havana ao denominado “centrismo” ideológico da publicação de Madri poderia ser entendida como o acontecimento limitante propiciador do momento oportuno para a defesa da política revolucionária, sobretudo no que se refere ao antiimperialismo<sup>85</sup>. Parece-nos plausível tal reação, uma vez que não deve ter sido nada fácil para os dirigentes culturais do país terem que ler o novo posicionamento de Jesús Díaz sobre Miami, exposto na “Introducción” desse número:

Lo cierto es, sin embargo, que el Miami cubano constituye la comunidad exiliada más exitosa de la historia contemporánea, que lo que en 1959 era apenas un pobladón adormecido se ha convertido en la ciudad más fulgurante del Atlántico norteamericano después de Nueva York, y que esa hazaña fue posible en primer lugar gracias al trabajo, a la iniciativa y a la capacidad de superación de los cubanos.

(...).

Lo cierto es, por último, que en un futuro democrático de economía abierta Cuba no podrá darse el lujo de prescindir del capital y la experiencia acumulados por los hermanos de Miami, y que éstos, a su vez, requerirán de la Isla como del aire para seguir desarrollando libremente su identidad. (DÍAZ, 2000b, p. 7).

---

<sup>85</sup> Rojas (2017a) identifica nesse mesmo contexto o arrefecimento das investidas críticas condenatórias desde Havana com o período da chamada “Batalla de Ideas”, sobretudo entre 2001 e 2006. *EcuRed* assim define a “Batalla de ideas”: “Acción política de la Revolución cubana donde se desarrolla un debate de carácter ético en defensa de sus avances en la justicia social, de la integridad nacional y el internacionalismo. Se acompaña por un conjunto de programas (más de doscientos) que se llevan a cabo en las diferentes esferas de la sociedad y que ha contribuido a la realización de importantes cambios positivos en la calidad de vida de los cubanos. Esta Batalla de Ideas surgió a partir del secuestro del niño cubano Elián González por la mafia miamense” (BATALLA de ideas, 2021), este fato ocorrido entre 1999 e 2000.

A essa clara provocação de Jesús Díaz, somada ainda à aparição do estratégico diário digital que seguramente passaria a ter uma infiltração na Ilha de difícil controle, Havana não podia deixar de reagir com mais veemência.

Interessantes foram os contra-argumentos de Rafael Rojas sobre esse assunto. Mesmo antes de assumir a direção da revista depois da morte de Jesús Díaz em 2002, e diante do impacto das acusações surgidas com o “Dossiê Miami”, já em 2001 (03/08) ele reagia em *Encuentro en la red* através do seu artigo “¿Por qué molesta *Encuentro*?”, questionando as acusações contra a revista por ela ter se convertido em uma “caja de resonancia de la ‘derecha cubanoamericana’ y del exilio de Miami”, pela questão do financiamento norte-americano e a CIA, e manifestando sua opinião a favor da existência democrática de “una derecha civilizada y flexible” como uma “posición imprescindible de cualquier debate nacional que se respete”<sup>86</sup> (ROJAS, 2001). Anos depois, em 2017, por meio do texto “La derecha postfidelista y la cruzada contra el ‘centrismo’” publicado em seu *blog Libros del crepúsculo*, ele afirmaria:

*La Jiribilla, Cubadebate, Ecured, La Pupila Insomne...*, se convirtieron en la plataforma de una nueva derecha, que desde una versión superficial y homogénea del "nacionalismo revolucionario", atacó lo que llamaban "terrorismo mediático", un monstruo de mil cabezas donde se juntaban los diarios *Encuentro en la Red* y *El Nuevo Herald*, Jesús Díaz y Raúl Rivero, Oswaldo Payá y Elizardo Sánchez, los congresistas cubanoamericanos y Carlos Alberto Montaner. (ROJAS, 2017b).

Assim retificando historicamente as alegações do regime de “derechización de *Encuentro*” (ROJAS, 2001), que serviram de desqualificação política da revista, através de uma reversão de perspectiva ideológica que agora identificava no grupo “neoconservador” que havia tomado o poder com a saída de Fidel Castro a existência de uma nova direita cubana pós-fidelista<sup>87</sup> na Ilha.

---

<sup>86</sup> Um pouco antes e nesse mesmo ano, a revista impressa havia publicado seu ensaio “Las ventajas de una buena derecha” (Nº 20), que poderia então ser lida também como uma resposta às acusações da suposta “viraje” de *Encuentro*.

<sup>87</sup> Afirmou Rojas nesse mesmo artigo: “La noción de ‘centro’ irrita a los neoconservadores porque desdibuja la polaridad y el binarismo que constituyen el eje de la ‘mentalidad naufragada’ de la reacción, como ha escrito Mark Lilla. No puede haber centro porque en ese patético mundo schmitteano sólo caben dos posiciones, con la Revolución o contra la Revolución, con Martí o con Varona, con Marinello o con Mañach. Al aplicar esa obsesión antitética no sólo al presente, sino al pasado, esos ideólogos

Porém, as tensões acumuladas com o “Dossiê Miami”, o surgimento de *Encuentro en la red*, a morte de Jesús Díaz e a polêmica de Guadalajara encontrariam seu ápice com as aqui já mencionadas prisões e os fuzilamentos acontecidos em Havana durante março e abril de 2003. Junto à publicação do especial “Represión en Cuba” no número 28/29 a que nos referimos anteriormente, *Encuentro* publicou o dossiê “Financiación, totalitarismo y democracia”, cujo objetivo declarado em sua apresentação era “poner a disposición de los lectores un análisis de cómo funciona el mecenazgo en las sociedades democráticas y en los regímenes totalitarios”, assim como esclarecer acerca “de las fuentes de financiación de nuestro proyecto” (REDACCIÓN, 2003a, p. 232), justificando tal propósito já que “Es una práctica habitual del gobierno cubano rehuir el debate ideológico con sus críticos y opositores, sustituyéndolo por la deslegitimación” (ibidem, p. 233). Através do texto “Un ejercicio de infamia” a redação da revista (o texto não apareceu assinado) fez uma detalhada descrição de sua política de subvenções, além de traçar um panorama histórico relacionando os ataques das autoridades de Cuba com a guerra fria cultural patrocinada pela CIA após a Segunda Guerra Mundial, e oferecer um contraponto com o que se passou também no lado soviético. Em forma de anexo, o dossiê ofereceu um interessante detalhamento dos projetos financiados em vários países do mundo pelos principais patrocinadores de *Encuentro* e por outras fundações e agências também fomentadoras de atividades de instituições na Ilha<sup>88</sup>.

Ao pensarmos nas estratégias discursivas adotadas pela revista *Encuentro* e pelos representantes do oficialismo que permeiam o histórico de conflitos que acompanhamos até o contexto de publicação desse dossiê, é possível notar o quanto a revista impressa procurou manter uma constante segurança e confiança nos seus propósitos editoriais lançados desde o primeiro número em 1996, mesmo que muitas vezes tendo que enfrentar sérias acusações que beiraram o escândalo. De acordo com o dossiê em questão, “el gobierno cubano y sus intelectuales orgánicos no se han atrevido

---

caricaturizan la historia intelectual y política de Cuba. Hacen de la historia un panfleto incapaz de convencer a las nuevas generaciones, pero fácil de memorizar por una burocracia cada vez más ignorante. Son antimarxistas y antiliberales, a la vez, como todos los conservadores, de fines del XIX para acá”. (ROJAS, 2017b).

<sup>88</sup> Apenas como um dado curioso e bastante perspicaz dos responsáveis pelo dossiê, esse anexo trouxe a informação de que a Fundação Ford havia repassado recursos para a Fundación Amistad Inc., por sua vez responsável pela modernização da biblioteca de Casa de las Américas (REDACCIÓN, 2003a, p. 258).

jamás a entablar un debate intelectual con nuestras publicaciones” (REDACCIÓN, 2003a, p. 253), preferindo o *modus operandi* baseado em campanhas de desqualificações e ameaças, que chegou ao extremo de aprisionar jornalistas e escritores por publicarem textos na revista<sup>89</sup>. Frente a isso, ainda que tenha manifestado uma visível indignação (algo que, conforme Habermas (2008a), ao se converter em ressentimento se torna nada mais do que uma impotente expressão de um juízo moral) a revista propôs discursivamente um debate “que presupone el respeto a las ideas del otro, el reconocimiento de su derecho a expresarlas, la disposición propia a analizarlas y a considerar en qué medida pueden convencernos” (REDACCIÓN, 2003a, p. 232), ressaltando o prestígio de um “talante conciliador” (ibid., p. 250) em seu espaço representativo, adquirido sobretudo sob a direção de Jesús Díaz, e muito próximo do pensamento habermasiano sobre a impossibilidade de superação de conflitos de “modo monológico”: “lo necesario es una argumentación ‘real’ en la que participen de modo cooperativo los afectados” (HABERMAS, 2008a, p. 77-78).

Alguns críticos à revista como a argentina María Eugenia Mudrovcic (2010) discordam desse propósito de equanimidade de *Encuentro*. Em seu ensaio “*Encuentro de la Cultura Cubana: Economía de subvenciones y políticas de lucha en la Pos Guerra Fría*”, ela chegou inclusive a afirmar que os “mitos unificadores para consumo masivo” construídos pela revista estão longe do entendimento em prol de um acordo segundo a perspectiva habermasiana<sup>90</sup> (MUDROVCIC, 2010, p. 222). Pesquisadora acadêmica dos processos polêmicos relacionados às acusações que vincularam as revistas *Encounter* e *Mundo Nuevo* com a CIA<sup>91</sup>, segundo ela *Encuentro* proporcionou uma continuidade dessas práticas de intervenção cultural agora sob a lógica globalizadora e tendo a NED como suporte financeiro e também ideológico (ibidem, p. 202). Baseada nas afirmações de García Miranda, Mudrovcic também aproximou a “agresividad del lenguaje” a partir do “Dossiê Miami” e do surgimento de *Encuentro en la red* à direita miamense, ao jornal *El Nuevo Herald*, à Radio Martí, assim como à *Revista Hispano Cubana*

---

<sup>89</sup> Foram nove intelectuais colaboradores de *Encuentro* presos na Ilha, por esse e outros motivos, em abril de 2003, segundo o dossiê (REDACCIÓN, 2003a, p. 253).

<sup>90</sup> Mudrovcic (ibidem, p. 222) diz ainda ser Habermas o “nombre tutelar” da “ideología editorial” de *Encuentro*.

<sup>91</sup> Ver *Mundo Nuevo. Cultura y Guerra Fría en la década del 60* (1997).



madrilenha, questionando ideologicamente a proposta editorial da revista e insistindo no aspecto belicoso da herança polemista: “En el reto de sustituir una metáfora (Revolución) por otra (Democracia), las guerras del lenguaje que desvelan a *Encuentro* buscan, desde una lógica de fines y medios, el conflicto más que la comunicación: ratificar la diferencia en lugar de convocar al diálogo”<sup>92</sup> (ibidem, p. 221).

Segundo nosso entendimento até aqui, ao exumar um distante processo de quase meio século, tal rememoração de Mudrovcic da guerra fria cultural a partir do início dos anos 2000 em realidade parece mais refletir uma longeva continuidade por parte do governo cubano e de seus defensores do uso de um “estilo guerra fría de discursar, forcejear, hacer proselitismo, alzar triunfos” (ARNAIZ, 2010, p. 108), características discursivas persistentes desde os anos 60 e resistentes a mudanças epistemológicas que contemplassem novas perspectivas<sup>93</sup>. Ao compararmos essa resiliente postura e seu indiscutível desgaste retórico ao longo dos anos com aquilo proposto pela revista *Encuentro* e por seus idealizadores, é notório o quanto estes últimos souberam no decorrer da existência da publicação fortalecer um discurso alternativo ao do oficialismo, mais acorde com as mudanças culturais surgidas durante os anos que definiram a virada do milênio. A proposta de um deslocamento conceitual (ROJAS, 2006) que contornasse as identidades binárias tradicionalmente referidas no conflito como “revolucionários” versus “contrarrevolucionários” (ou “comunistas” versus “anticomunistas”, “castristas” versus “anticastristas” etc.) poderiam reforçar o quanto *Encuentro* foi hábil em perceber como a partir dos anos 90 o desentendimento passou a se sobressair naquilo que dizia respeito à dimensão simbólica em torno do legado nacional e da herança cultural do país, sobretudo no terreno da memória.

---

<sup>92</sup> Em nota, a pesquisadora disse usar para essa ideia de substituição metafórica a mesma retórica oferecida por Elizabeth Burgos em “La carta que nunca te mandé” publicada por *Encuentro* na “Homenaje a Jesús Díaz” (Nº 25).

<sup>93</sup> Dentro do próprio marxismo, e para citarmos aqui um exemplo por sua vez importante no interior do pensamento voltado à reflexão sobre a cultura, ao se dedicar a analisar o eficaz processo de incorporação inerente a uma cultura dominante, o britânico Raymond Williams criticou aquilo que considerou muitas vezes como algo subestimado em noções de superestrutura: “(...) O processo [de incorporação] está continuamente ativo e adaptando-se; não se trata apenas do passado, de embalagens vazias de uma ideologia que pode ser mais facilmente descartada. O processo só pode funcionar, em uma sociedade complexa, se for algo mais substancial e flexível do que qualquer ideologia abstrata imposta. Assim, temos de reconhecer os significados e valores alternativos, as opiniões e atitudes alternativas, até mesmo alguns sentidos alternativos do mundo, que podem ser acomodados e tolerados dentro de uma determinada cultura efetiva e dominante” (WILLIAMS, 2011, p. 54-55).

## 1.5 - Uma revista diaspórica: a circulação de *Encuentro*

### 1.5.1 - A diáspora cubana

Algumas reflexões conceituais nos parecem apriorísticas para aqui tratarmos da circulação da revista *Encuentro* por sua geografia cultural. Ao ter Madri como ponto nuclear de distribuição de seus exemplares, se por um lado isso estabeleceu uma distância espacial de Cuba, por outro facilitou a articulação de uma considerável rede por diversos países, uma vez que a maior cidade ibérica pode ser vista como um estratégico ponto geográfico na dinâmica global de intercâmbios de produtos. Sem dúvida, além de sua privilegiada localização europeia, *Encuentro* soube aproveitar uma vantagem mercadológica em muito amparada por novas tecnologias e facilidades logísticas para alcançar diferenciados públicos em múltiplos espaços intercontinentais, inserindo-se habilmente no chamado mundo globalizado graças a uma organização empresarial que, como vimos, foi bem estruturada a partir do eficaz acesso a fontes de financiamento. O que pretendemos trazer à discussão, antes de descritivamente nos ocuparmos com essa logística, é justamente o quanto ela foi fortalecida por meio de um amplo entrelaçamento de fluxos migratórios cubanos que, mais ou menos no mesmo período de surgimento da publicação, passou a ser pensado sob novas referências teóricas, como as relacionadas a uma diáspora cubana e a consequente atenção que se passou a dar à questão espacial como categoria analítica.

Uma das primeiras referências que encontramos à inclusão no interior da perspectiva diaspórica dos intensos movimentos migratórios cubanos, proporcionados pela Revolução Cubana em 1959 e intensificados após sua adesão ao socialismo em 1962, se deu com o pesquisador da Universidade de Colorado William Safran (1991), ainda que de forma apenas sugestiva em relação àqueles que tiveram os Estados Unidos como destino<sup>94</sup>. Safran procurou apoiar sua visão sobre o conceito de diáspora aplicado às sociedades modernas a partir do que elas poderiam ter de semelhanças e de diferenças, assim intencionando traçar um modelo (baseado no “‘ideal type’ of the Jewish Diaspora” (SAFRAN, 1991, p. 84)) em que se encontravam os seguintes parâmetros básicos: a dispersão coletiva desde um centro original; a manutenção de

---

<sup>94</sup> Safran foi assertivo, mesmo reconhecendo que na medida em que “the Castro regime endures, and as Cubans become more involved in United States politics, the myth of return becomes attenuated with the second generation” (SAFRAN, 1991, p. 90).

memórias e mitos de origem; as dificuldades de aceitação pelo país hospedeiro; a crença em um eventual retorno, ainda que constantemente adiado; o comprometimento com o cuidado ou a restauração de suas origens; e a consciência comunitária e de solidariedade em constante definição através do relacionamento com a pátria de origem.

Questionando essa concepção essencialista de Safran, por sua vez James Clifford (1994), desde a Universidade da Califórnia, contribuiu para expandir a compreensão sobre o conceito frente aos desafios da atualidade sugerindo que até mesmo formas “puras” de concepção do termo diáspora são ambivalentes, inclusive em conflito com parâmetros básicos ou reducionistas. Para Clifford, dependendo dos seus diferentes momentos históricos, “societies may wax and wane in diasporism, depending on changing possibilities—obstacles, openings, antagonisms, and connections—in their host countries and transnationally” (CLIFFORD, 1994, p. 306). De acordo com essa noção, uma larga apropriação do discurso diaspórico vem ocorrendo no mundo contemporâneo, graças a distintos motivos estimulados principalmente por processos como os de “decolonization, increased immigration, global communications, and transport” (idem), assim proporcionando verdadeiras hibridizações discursivas sob novas condições globais<sup>95</sup>. A flexibilidade conceitual de Clifford chegou, inclusive, a fazer objeção a um dos principais recursos fundacionais da ideia de diáspora defendida por Safran como a da manutenção de um comprometimento primário com a pátria de origem:

I have already stressed, for example, that the transnational connections linking diasporas need not be articulated primarily through a real or symbolic homeland—at least not to the degree that Safran implies. Decentered, lateral connections may be as important as those formed around a teleology of origin/return. And a shared, ongoing history of displacement, suffering, adaptation, or resistance may be as important as the projection of a specific origin. (Idem).

A nosso ver, e em concordância com Elena Palmero González (2015), as críticas de Clifford à ideia de perda e à teleologia da origem e do retorno conduzem a se pensar a diáspora de maneira distanciada do território de um Estado-nação e, por conseguinte, de qualquer nacionalismo. Isso nos parece fundamental para uma compreensão da

---

<sup>95</sup> Segundo Braga e Gonçalves (2014, p. 39), Ellis Cashmore chamou a atenção para o uso indiscriminado do termo diáspora, indicando autores como William Safran, James Clifford, Robin Cohen, Stuart Hall e Paul Gilroy para uma leitura mais rigorosa.

proposta editorial como a da revista *Encuentro* e todo o escopo de reflexão de seu discurso ensaístico sobre esse tema. Além disso, a significativa revisão do conceito de diáspora por Clifford, mais acorde com uma ideia de globalização e de transnacionalismo, mostra-se interessante para que possamos verificar como a revista *Encuentro* procurou se inserir de maneira estratégica na geopolítica da virada do milênio no que diz respeito às tecnologias de comunicação e transporte, bem como às migrações por trabalho. Interconectada desde o seu surgimento a uma rede cubana que não só testemunhou a adoção da inovação tecnológica da internet como rapidamente soube se adequar aos seus benefícios (por exemplo, através do diário digital *Encuentro en la red*), veremos aqui como a circulação da revista por um espaço concreto de divulgação de seus exemplares impressos – que teve uma triangulação por Madri, Havana e Miami como pontos principais de intersecção – foi favorecida pela condição diaspórica da comunidade cubana.

Outro interessante pensador que se dedicou ao entendimento da aplicação do conceito de diáspora para se pensar a contemporaneidade foi Stuart Hall. Considerando-se a si mesmo como um “intelectual diaspórico” (HALL, 2006b, p. 18) e direcionando a discussão para a problemática caribenha<sup>96</sup>, o pensador britânico de origem jamaicana da Universidade Aberta do Reino Unido também se posicionou contrário à noção “fechada” de diáspora apoiada “sobre uma concepção binária de diferença” (ibidem, p. 32). Partindo dos hibridismos históricos inerentes à cultura do Caribe, “impuras” (ibid., p. 34) no sentido antropológico segundo o autor, ele fez objeção à ideia de exclusão fundada sobre uma fronteira que opõe rigidamente o de dentro ao de fora, origem e cópia, “fonte primária e reflexo pálido” (idem). Para Hall, as culturas caribenhas e suas diásporas necessitam ser compreendidas entre si, relacionando uma diáspora com a outra, questionando assim a utilidade do referencial nacional:

Portanto, é importante ver essa perspectiva diaspórica da cultura como uma subversão dos modelos culturais tradicionais orientados para a nação. Como

---

<sup>96</sup> Behar (1996) e González, E. (2015) atentam para uma proximidade entre as ideias de Stuart Hall e as de Paul Gilroy (1994), tanto no que concerne à noção de que “uma política e uma poética da diáspora são termos indissociáveis” (GONZÁLEZ, E., 2015, p. 95); quanto a de que “Paul Gilroy's focus on ‘roots’ and ‘routes’ in *The Black Atlantic* suggests that dwelling-in-diaspora has always been embedded in the way African-descended people have imagined the meaning of homeland. Similarly, Stuart Hall, in a fascinating essay [“Cultural Identity and Cinematic Representation”] on cinematic representation, attempts to rethink the ‘positionings and re-positionings of Caribbean cultural identities’ in relation to the African presence” (BEHAR, 1996, p.147).

outros processos globalizantes, a globalização cultural é desterritorializante em seus efeitos. Suas compreensões espaço-temporais, impulsionadas pelas novas tecnologias, afrouxam os laços entre a cultura e o “lugar”. Disjunturas patentes de tempo e espaço são abruptamente convocadas, sem obliterar seus ritmos e tempos diferenciais. As culturas, é claro, têm seus “locais”. Porém, não é mais tão fácil dizer de onde elas se originam. O que podemos mapear é mais semelhante a um processo de repetição-com-diferença, ou de reciprocidade-sem-começo. (Ibidem, p. 36).

Com ele podemos notar tanto esse distanciamento do determinante nacional, quanto seu entendimento de “afrouxamento” dos laços entre a cultura e o lugar impellido pela tecnologia, o que de certa maneira aproximam o pensamento de Hall sobre a diáspora ao de Clifford, também assim contribuindo para nos ajudar a compreender a dinâmica do projeto de *Encuentro*.

Trazendo propriamente a discussão para o caso cubano, como já aludimos antes, segundo Méndez Rodenas (2000) as reflexões da antropóloga cubana Ruth Behar (1996) poderiam ser tomadas dentre as que começaram a se voltar com maior particularidade a essa questão<sup>97</sup>. Acadêmica vinculada à Universidade de Michigan, Behar partiu de uma condição que envolveu a sua história pessoal de origem judaica para, fazendo uso da etnografia e da memorialística, enquadrar-se duplamente numa experiência diaspórica. Pondo em questão a possibilidade de retorno como preceito diaspórico – ao comparar o caso cubano com o judaico (sobretudo no que diz respeito à diferenciação entre nação e estado: “the Cuban diaspora likewise makes a distinction between the wandering nation of Cuba and the revolutionary state headed by Fidel Castro, in which history both begins and ends”, (BEHAR, 1996, p. 146)) –, e ainda acrescentando a ideia de exílio interior (“*insilio*”) ao fenômeno migratório (ibidem, p. 144, grifo da autora), as reflexões de Behar nos parecem algo interessante para pensarmos em termos do que Clifford propôs como apropriação do discurso diaspórico.

---

<sup>97</sup> Trabalho precursor com o uso da perspectiva diaspórica para o caso cubano foi o organizado por Ruth Behar (junto a Juan Leon) para as entregas especiais de *Michigan Quarterly Review* (partes 1 e 2, respectivamente publicadas durante o verão e o outono de 1994) intituladas “Bridges to Cuba: Puentes a Cuba”, e que contaram com as colaborações de inúmeros cubanos moradores da Ilha como, por exemplo, Jorge Luis Arcos, Abilio Estévez, Víctor Fowler, Nancy Morejón, Senel Paz, Reina María Rodríguez, Miguel Barnet, Pablo Armando Fernández; e de fora da Ilha como Lourdes Casal, Alan West, Coco Fusco, José Kozler, Iraida H. López, Gustavo Pérez Firmat, Eliana Rivero, Madeline Cámara, entre outros. Trata-se de um exemplo de publicação que se somou à série de eventos ocorridos naquele momento que pretenderam uma reaproximação entre cubanos insulares e extrainsulares.

Há, porém, uma publicação, ou mais especificamente uma série de publicações iniciadas a partir de 1993 e que se estenderiam anualmente até 1996, que comprovam o quanto a intelectualidade cubana desde Havana estava atenta às discussões levadas em franca maioria, como vimos, no interior das universidades norte-americanas ou europeias. Intitulado “Los dossiers sobre la literatura de la diáspora”, *La Gaceta de Cuba* passou a publicar em forma do que eles chamaram de notas alguns textos de Ambrosio Fonet que, mesmo que sem propriamente se dedicar a refletir sobre o conceito de diáspora, assumiu o uso dessa noção para divulgar a obra de escritores cubanos que escreviam desde o estrangeiro e eram desconhecidos na Ilha. Ainda que diferentes textos tenham sido dedicados por ele para comentar os trabalhos literários de ensaístas e críticos (“Para una reflexión colectiva”, set-out. 1993), contistas (“(Otros) cuentos cubanos”, mar-abr. 1994) e poetas (“El discurso de la nostalgia”, jul-ago. 1995)<sup>98</sup>, houve um texto específico intitulado “El (otro) discurso de la identidad” (set-out. 1996) em que Fonet aproveitou para discorrer algumas questões direcionadas criticamente àqueles intelectuais ocupados em pensar a cultura a partir de concepções correlatas a de diáspora, como as de globalização e desterritorialização:

Quienes creen vivir en la ‘aldea global’ –el espacio sin fronteras creado por el desarrollo de los medios electrónicos de comunicación– rechazan de plano la noción de Identidad, tanto si se refiere al concepto de Nación como a la categoría de Cultura. Bajo esa óptica –y en vísperas ya del nuevo milenio– la idea de ‘cultura nacional’ parece un risible anacronismo. De ahí que se insista en la necesidad de pensar la cultura situándola por encima de un espacio geográfico determinado –lo que se llama, con un término casi impronunciable, desterritorializar la idea de cultura–, negándose por tanto a valorarla como la concreción, a nivel simbólico, de una experiencia histórica precisa. Para quienes no vivimos en los centros hegemónicos de la aldea global esa pretención carece de sentido. (FORNET, 2000, p. 91).

Parece-nos algo improvável que com essas colocações desaprovadoras Fonet não estivesse também enviando um recado desde Cuba a então recém-lançada revista *Encuentro*, sobretudo se lembramos que naquele primeiro número de junho de 1996 havia sido publicado o provocativo ensaio de Rafael Rojas, “La relectura de la nación”,

---

<sup>98</sup> Não nos foi possível o contato direto com os textos publicados nesse periódico da UNEAC, baseando-nos aqui no livro que depois os reuniu, organizado pelo próprio Fonet sob o título de *Memorias recobradas – Introducción al discurso literario de la diáspora* (2000).

do qual nos ocuparemos adiante. Ao aceitar o termo diáspora no lugar daquilo que o regime insiste em denominar como emigração para se referir à comunidade extrainsular, mesmo que se opondo terminantemente à ideia de desterritorialização da cultura cubana, Fornet assim aparentava (ao menos retoricamente) demonstrar a disposição do oficialismo em dar um passo atrás à intolerância em sua política cultural, mas deixando bem claro que a memória da cultura do país deveria ser recobrada desde o interior da Ilha.

Os pontos principais levantados até aqui acerca do conceito de diáspora aplicados ao caso cubano, aproximam-nos a algumas questões que são bastante importantes para se pensar sua especificidade enquanto massivo movimento migratório, proporcionado por um trauma coletivo de desarraigamento com características preponderantemente políticas. Mas, sobretudo, tais questões nos servem para ajudar a compreender a forma como a revista *Encuentro* procurou se inserir nesse discurso diaspórico, não somente em termos de alinhamento conceitual, mas também no que diz respeito a seu planejamento e prática materiais, como os de sua distribuição e circulação enquanto publicação seriada. Nesse sentido, por exemplo, correspondemos com Méndez Rodenas (2000) de que a experiência cubana aponta mais para uma discordância com o a ideia de Clifford (1994) de que a diáspora não se articula primariamente pelo vínculo com a pátria de origem, uma vez que a possibilidade de regresso para os cubanos, ao não se estabelecer como “un derecho de nacimiento, sino un privilegio adquirido, teñido de matices políticos” (RODENAS, 2000, p. 47), adquire um significado essencial. Parece-nos evidente que uma das principais motivações de *Encuentro* tenha sido justamente a da manutenção de um vínculo inquebrantável entre os sujeitos diaspóricos e sua pátria originária, acima de qualquer prescrição de um descentramento ou de conexões laterais transnacionais como mais significativas (CLIFFORD, 1994). Também acreditamos ser relevante a proposição de Ruth Behar de incluir o “insilio” como parte do fenômeno diaspórico, inclusive como ideia transgressora em consonância com um dos mais explícitos desígnios da política editorial de *Encuentro* de se opor à divisão dos cubanos “en dos bandos que suelen ser presentados como irreconciliables” (REDACCIÓN, 1996, p. 3).

Mas, provavelmente, algo que mais possa colaborar para absorver a ideia de diáspora e sua aplicabilidade na análise da revista seja aquilo que há de articulação de

uma referência simbólica em torno do território de origem, da necessidade constatada para o caso cubano também por Adriana Méndez Rodenas (2000) de uma “imaginación diaspórica”, ocupada em “representar la geografía insular, ya no en términos de la ‘Cuba real’, territorio fuera de límites para el arraigo, sino en términos más radicales” (RODENAS, 2000, p. 49). Dessa forma, o que nos interessa para este estudo sobre *Encuentro* poderia ser ampliado por essa ousada sugestão de Méndez Rodenas, um recurso de conversão do que há de negativo no impedimento de regresso a “Cuba real” para algo inventivo, através de uma espécie de “obsesión recurrente” “que el lenguaje artístico plasma en una serie de íconos o representaciones de la insularidad”, assim resultando na criação de um “espacio simulacro”, de uma “Cuba inventada o re-imaginada” (ibidem, p. 50). A radicalização que propõe essa mudança na representação de um espaço territorial para uma “Cuba inventada” surge assim como um interessante caminho para abordar a produção discursiva da revista. Ainda que Méndez Rodenas tenha se referido mais especificamente à imaginação criativa presente na literatura produzida, sobretudo, por romances publicados a partir dos anos 90, cremos ser compreensível uma análise que tome por *corpus* alguns ensaios divulgados por *Encuentro* enquanto conjunto narrativo dotado de uma “imaginación diaspórica”.

### **1.5.2 - O alinhamento editorial à perspectiva diaspórica**

Levando em conta o cerne das reflexões anteriores, ou seja, o que considera como factual a presença dispersa de milhares de cubanos pelo mundo motivado direta ou indiretamente por um trauma político, pensamos que desde sua primeira entrega *Encuentro* já procurava deixar bem claro que um dos seus objetivos editoriais primordiais era enfrentar a divisão entre cubanos de dentro e cubanos de fora do território nacional. Mas seu estratagema discursivo inicial não se pautou pelo uso autoconsciente de uma possível noção da revista como diaspórica, sendo evidente o quanto o próprio conceito de diáspora foi sendo introduzido aos poucos por seus colaboradores, sobretudo pela crítica literária, e só mais tarde por sua direção. Por exemplo, podemos notar como no primeiro número, em sua “Presentación”, o termo diáspora não está presente, mas sim o termo exílio. Ao folharmos seus cinco primeiros números (correspondentes a quatro entregas), podemos verificar um crescente emprego



do termo no interior de resenhas ou ensaios<sup>99</sup>, culminando com a entrega dupla 4/5 celebratória de um ano de existência da revista, quando, explicitamente, Jesús Díaz praticamente anuncia o alinhamento da política editorial à perspectiva diaspórica com o editorial “Un año de *Encuentro*”:

En efecto, en todos y cada uno de los números han publicado escritores y artistas cubanos residentes en la isla, así como otros que viven en algunos de los diversos y en ocasiones remotos lugares a donde nos ha conducido este exilio que, con toda justicia, se ha dado en llamar la diáspora.

(...)

Desde sus orígenes la cultura cubana se alimentó de sí y del mundo; nunca como hoy nos han hecho tanta falta la isla y sus misterios. Y nunca, tampoco, semejante cantidad de cubanos hemos vivido fuera de la patria, en contacto íntimo y vital con tantas y tan diversas culturas, idiomas y civilizaciones. Cuba es hoy por hoy el país más internacional del planeta. Entre cubanos puede trazarse una geografía sobrecogedora, que será también estimulante y promisorio cuando tengamos la oportunidad de ubicar su epicentro en la isla. (DÍAZ, 1997b, p. 3).

Editorial que assim servia de abertura para um conteúdo que por primeira vez dedicava espaço para o tema específico da diáspora, com destaque inaugural para o ensaio de Iván de la Nuez (desde Barcelona), “El destierro de Calibán – Diáspora de la cultura cubana de los 90 en Europa”, assim como o de Alan West (desde Boston), “Los paradigmas perdidos: la manigua del significado”<sup>100</sup>.

Valem aqui alguns breves comentários sobre os indícios de fricções entre os conceitos de exílio e diáspora. Como sabemos, e para não irmos historicamente para além do êxodo proporcionado pela Revolução Cubana, a ideia de “exílio histórico” relacionada aos desterrados que a partir desse período foram obrigados a deixar o país em direção, sobretudo, aos Estados Unidos, esteve vinculada ao conflito político-ideológico como seu causador determinante e ao longo de suas inúmeras levas alimentou entre os exilados um indubitável sentimento de nostalgia pela pátria perdida.

<sup>99</sup> Os primeiros usos da palavra diáspora na revista foram: na resenha de José Prats Sariol, “Las memorias de Díaz Martínez”, sobre o livro *Memorias para el invierno* (Nº 1); no ensaio de Pedro Pérez Sarduy, “¿Y qué tienen los negros en Cuba?”, no de Manuel Fernández Santalices, “Notas para una historia del catolicismo cubano contemporáneo”, e na resenha de Orestes Hurtado, “Palabra de Kozel”, sobre o livro *et mutabile* (Nº 2); e novamente em outra resenha de Prats Sariol (que curiosamente naquele momento ainda vivia em Havana), “Rito doble para Lina de Feria”, sobre o livro *Los rituales del inocente* (Nº 3).

<sup>100</sup> Aos quais ainda podemos somar, de certa forma, os de Madeline Câmara, “Hacia una utopía de la resistencia”, e o de César A. Salgado, “Las mutaciones del escándalo: *Paradiso hoy*”.

Graças a tal motivo político e frente àquela muitas vezes inevitável resignação proporcionada pela constantemente duvidosa possibilidade de retorno, algo que sem dúvida exigiu uma adaptação forçada ao país hospedeiro, o exílio sob essas condições acabou por gerar um tipo de discurso mais agressivo em sua resistência combativa, cujo modelo político e cultural se desenvolveu intensamente na comunidade cubano-americana centralizada em Miami. Já a ideia de diáspora para se referir aos movimentos migratórios cubanos, como viemos até aqui analisando, remetem a uma reformulação conceitual a partir dos anos 90 cujas mudanças de paradigmas – mais acordes às novas condições socio-culturais globais suscitadas ainda nos então recentes anos 80 – passaram a ser direcionadas para um renovado entendimento sobre o assunto. Barkan e Shelton (1998), por exemplo, assim procuraram diferenciar os termos exílio e diáspora:

“(...) exile connoted suffering, a negative term evoking displacement, refugee status, and above all the myth of an eventual, and possibly soon return (...). If exile had been an infliction, diaspora was viewed as a privilege, a solution, a wrong solution”. (...) “diaspora is a culture without a country, ironically, the exact antithesis of the internal coherence and integration implied by the notion of national culture. Diaspora is about choice”. (BARKAN; SHELTON (1998) apud LÓPEZ, 2004b, p. 358).

Reflexões que nos levariam a destacar, acima das próprias buscas de definição de um e de outro termo, uma possivelmente problemática comparação entre eles (ROJAS, 1999). De qualquer forma, a conotação mais negativa para a ideia de exílio e sua tensão recorrente de um provável retorno do exilado após reajustes políticos no país de origem nos levam a ela associar algo de “fatalidad” (ARCOS, 2007a, p. 1), enquanto a caracterização acima sugerida de “solution” para a ideia de diáspora poderia levar consigo algo de “aventura del espíritu” (idem).

Adentrando brevemente à revista com algumas interpretações sobre o assunto, chegaríamos de maneira conclusiva, por hora<sup>101</sup>, ao seu aqui já referido alinhamento com a perspectiva diaspórica<sup>102</sup> através do ensaio de estreia de Iván de la Nuez em

<sup>101</sup> Propomos uma análise mais aprofundada dessa discussão levada a cabo pelos ensaios publicados pela revista no segundo capítulo deste estudo.

<sup>102</sup> Podemos encontrar essa mesma constatação em algumas pesquisadoras como Iraidia H. López (2004b), Ana Belén Sevillano (2013) ou Andrea O’Reilly Herrera (2007). Desta última, vale à pena transcrever a seguinte cita: “The new ideological trajectory that Cuban diasporic studies would follow was evidenced in two journals: *Postmodern Notes* (1991) and *Encuentro* (Madrid, 1996). There, critics such as Rafael

*Encuentro*, “El destierro de Calibán – Diáspora de la cultura cubana de los 90 en Europa”, por exemplo. Nele, o ensaísta, que acabava de ser oficialmente incluído na composição do seu primeiro grupo de Redação com o número 4/5, procurava identificar alguns providenciais contornos políticos na reformulação conceitual que conduzia do uso do termo exílio para o de diáspora:

El término diáspora es sin duda apropiado, tanto desde el punto de vista cartográfico, como por el hecho de que logra englobar a los artistas cubanos que salen al mundo, sea o no definitivo su destierro. Hay que admitir, sin embargo, que en el sentido ideológico este término surge precisamente como un maquillaje a otra palabra que al Estado cubano le disgusta en extremo: *exilio*. Aun así, este concepto, de raíz insular, nos va a conducir a una serie de preguntas que están en el límite de la nación, la modernidad y la territorialidad cubanas. (NUEZ, 1997, p. 140, grifo do autor).

Reafirmando assim o quanto o então novo termo estava sendo perspicazmente difundido entre os intelectuais da Ilha, como comprovam os textos de Ambrosio Fonet publicados por *La Gaceta de Cuba*<sup>103</sup>.

Por último, valeria destacar outra importante referência interior à revista com Rafael Rojas, ensaísta que (desde Cidade do México), sem dúvida procurou um maior esclarecimento sobre essa questão. Em seu ensaio “Diáspora y literatura – Indicios de una ciudadanía postnacional”, publicado no número 12/13 (1999), Rojas, ao afirmar preferir não estabelecer uma “relación excluyente entre los conceptos de diáspora y exilio”<sup>104</sup> (ROJAS, 1999, p. 140), concluiu:

Desde mediados de los 80 los autores cubanoamericanos abrieron un campo literario que rechaza la idea de *exilio*, por su infatuada política de la

---

Rojas, Ivan de la Nuez, Enrique Patterson, Alejandro de la Fuente, Lourdes Gil, and others began to question what some refer to as *the grand narrative* of Cuban diasporic discourse by raising provocative questions regarding marginality, hegemony, and legitimacy” (HERRERA, 2007, p. 4, grifo da autora).

<sup>103</sup> Em tons irônicos, disse ainda Jorge Luis Arcos sobre a adequação do termo diáspora em Cuba: “Como advertía muy sagazmente un periodista cubano, Alejandro Armengol, en Cuba el discurso oficial rehuye el término de exilio porque sería al menos embarazoso calificar de exiliados a casi dos millones de personas, y se prefiere el eufemismo de ‘comunidad cubana en el exterior’, y, en el plano de la cultura, se tolera el concepto de diáspora, sobre todo porque el propio gobierno sabe que es un fenómeno que lejos de decrecer aumenta año tras año”. (ARCOS, 2007a, p. 4).

<sup>104</sup> Ao comentar rapidamente em uma nota o ensaio de Víctor Fowler, “Miradas a la identidad de la literatura de la diáspora”, publicado pela Revista *Temas* (Nº 6, abr-jun. 1996), Rojas incluiu ainda uma sutil mas significativa observação: “Mi único reparo a este magnífico ensayo sería, precisamente, que su autor sugiere una contraposición binaria entre los conceptos de *diáspora* y *exilio*” (idem, grifos do autor).

nostalgia; ahora, a fines de los 90, ese campo literario, en tanto figuración de un *ethos* minoritario dentro de los Estados Unidos, probablemente se cierre ante la emergencia de poéticas diaspóricas, cuya representación de la frontera es más móvil, desterritorializada y, en resumidas cuentas, más cosmopolita. Paradójicamente, muchos intelectuales de la isla también rechazan la noción de exilio, por su carga política, y prefieren el término neutro de *emigración*, aunque algunos ya aceptan el concepto de diáspora. (Ibidem, p. 138, grifos do autor).

Ratificando algumas colocações que expusemos anteriormente sobre o simultâneo uso do conceito de diáspora tanto dentro como fora da Ilha, guardadas as diferenças entre seus específicos usos.

### 1.5.3 - A geografia cultural da revista

Mas, afinal, por onde então circulou *Encuentro*? Interessante começar radialmente por seu epicentro concreto: Madri (assumindo, portanto, Havana como seu epicentro imaginário). E, se preferirmos, começar mais enfocadamente no próprio interior de suas páginas, onde algumas informações surgem como fundamentais. Desde o número 1 até o número 16/17, a publicação teve como endereço comercial a Calle de Luchana, nº 20, localizada no bairro de Trafalgar em Chamberí, para, a partir do número 18 até o 53/54, situar-se na Calle de Infanta Mercedes, nº 43, bairro de Cuatro Caminos em Tetuán. Desde o número 2, *Encuentro* mostrou eficiência comercial ao já passar a anunciar em sua última página, com uma constância raramente quebrada até deixar de ser divulgada a partir do número 39, a lista de contatos de estabelecimentos distribuidores (presentes em praticamente todas as regiões da Espanha) e de exportadores<sup>105</sup>. Junto à frequente divulgação de informações sobre assinaturas, inicialmente com envios de exemplares para o próprio interior da Espanha, assim como a Europa e América, para a partir do número 6/7 passar também a enviar para África, Ásia e Oceania, podemos ter uma ideia do alcance global almejado por seus responsáveis. Se aqui recordarmos ainda as breves menções divulgadas pelo jornal *El País* (CASTILLA, 1996) quando do lançamento do número 2 da revista, anunciando

---

<sup>105</sup> De uma maneira geral, essa lista sofreu algumas alterações no decorrer dos anos, com uma progressiva diminuição na quantidade de pontos de distribuição (passando de um total de treze iniciais até chegar a um mínimo de cinco estabelecimentos) e um pequeno aumento na de exportadores (de dois iniciais para três, sendo dois pontos em Barcelona).

sua venda em “librerías especializadas” com uma tiragem de 3000 exemplares, temos assim uma noção inicial do panorama de circulação de *Encuentro*.

Outra importante informação que podemos extrair de suas páginas refere-se aos apoios institucionais à revista. Além de nos situar a respeito da articulação político-cultural da diretoria da Asociación Encuentro de la Cultura Cubana, representada pela figura bastante hábil de Annabelle Rodríguez, e da aptidão persuasiva de Jesús Díaz como maior responsável pela publicação, as parcerias com diversas instituições culturais, literárias e acadêmicas ainda nos apontam alguns focos de irradiação da revista por vários países. Por exemplo, no texto “Introducción” (REDACCIÓN, 2002b, p. 4) trazido junto à entrega de número 25 que prestou uma extensa homenagem a Jesús Díaz após seu falecimento, encontramos uma lista de agradecimentos a instituições acolhedoras de seminários, conferências ou apresentações organizadas por *Encuentro* em várias ocasiões, como a Fundación Ortega y Gasset, a Casa de América, a Universidad Complutense de Madrid, a Sociedad General de Autores de España (SGAE), o Círculo de Bellas Artes (todos em Madri); o Centro de Cultura Contemporánea (em Barcelona); o Juan Carlos Center da New York University (NYU) (em Nova Iorque); a revista Letras Libres e o Palacio Nacional de Bellas Artes (na Cidade do México); o Centro Cultural Español e o Teatro Tower (em Miami); e a Casa de Colón (em Las Palmas de Gran Canaria)<sup>106</sup>.

Passemos então ao epicentro imaginário da revista. Constantemente é possível encontrar dentre seus argumentos mais incisivos o da significativa participação de cubanos moradores da Ilha como colaboradores. Através de uma rápida observada em suas nômimas sempre publicadas na penúltima página de cada entrega, vemos nomes

---

<sup>106</sup> Além disso, graças a variadas referências a lançamentos de novos números da revista em diversas ocasiões presentes na seção de atualidades “La Isla en Peso”, ficamos sabendo de alguns eventos organizados em tais instituições (e outras mais), normalmente informados no número posterior ao lançado. Dentre os quais localizamos: o lançamento do N° 8/9 no Instituto Cervantes de Nova Iorque; o de N° 15 no Centro de Cultura Contemporánea de Barcelona e no Centro Cultural Español de Miami; o de N° 20 no Palacio de Bellas Artes da Cidade do México; o de N° 23 na Universidade de São Paulo; o de N° 24 na Casa de América de Madri; o de N° 25 na Feria Internacional del Libro de Miami, na Feria Internacional del Libro de Guadalajara (FIL), em La Maison de l’Amérique Latine em Paris, na livraria El Cóndor em Zurique; o de N° 33 no Centro Cultural Español de Miami; o de N° 34/35 em La Maison de l’Amérique Latine em Paris; o de N° 37/38 no Centro Cultural Español de Miami; o de N° 39 na livraria LaTertulia em San Juan de Porto Rico; o de N° 40 na Casa de América de Madri; o de N° 41/42 novamente na Casa de América de Madri, e em suporte digital durante o IV Simposio Internacional “Migraciones y procesos identitarios: África-Brasil-Caribe” em Caldas Novas, Brasil; o de N° 50 no Centro Cultural Español de Miami; e o de N° 50 durante o IV Congreso Internacional sobre Creación y Exilio “Con Cuba en la distancia” em Valencia.

como os de José Prats Sariol, Raúl Rivero, Jorge Luis Arcos, Lina de Fera, Antonio José Ponte, Rafael Alcides, César López, Josefina de Diego, Rolando Sánchez Mejías, Efraín Rodríguez Santana, Reina María Rodríguez, Emilio Ichikawa, Pedro Juan Gutiérrez, Abilio Estévez, dentre vários outros, lembrando que aqui nos referimos ao momento de suas participações com textos ou ajudando a organizar homenagens (como, por exemplo, o caso do material sobre Fina García Marruz para o número 11 organizado por Arcos) e que muitos atualmente já não estão mais em Cuba. Sabemos ainda que alguns desses colaboradores foram responsáveis por facilitar a distribuição de exemplares pela Ilha. Mas como eles entravam, uma vez que por ela era oficialmente proibida a sua circulação?

Em uma entrevista de Jesús Díaz ao editor francês François Maspero publicada no jornal *Le Monde* (29/05/1998) e divulgada por *Encuentro* na entrega N° 10 no mesmo ano, Díaz disse que “De tres mil ejemplares de tirada, mil se envían a Cuba a través de amigos, viajeros... En la Isla, cada ejemplar lo leen más de treinta personas. La policía ha visitado a nuestros amigos y colaboradores, pero ellos han decidido continuar” (DÍAZ, 1998c, p. 101). Em realidade, as informações sobre os meios de ingresso “extraoficiais” de exemplares na Ilha, se divulgadas com algumas reservas no começo, certamente visando evitar maiores comprometimentos ou repressões aos envolvidos nessa distribuição informal, com o passar dos anos foi se tornando algo mais natural de serem comentadas. Annabelle Rodríguez, na aqui já referida entrevista a [www.cubaencuentro.com](http://www.cubaencuentro.com) em comemoração aos dez anos da revista, afirmou: “Hemos conseguido distribuirla por muchas vías informales distintas: amistades, personas que viajan y de muchas otras maneras, para que llegue desde Oriente a Pinar del Río”<sup>107</sup> (RODRÍGUEZ, 2006), tendo sido publicada pelo próprio portal na internet a seguinte informação:

*Encuentro* tiene una tirada de 4.500 ejemplares, de los que 2.000 se envían gratuitamente a Cuba. Éstos se distribuyen principalmente entre académicos, estudiantes, investigadores, economistas, historiadores, sociólogos, escritores, artistas plásticos, de teatro, cineastas, medios eclesiásticos, funcionarios estatales, etc. Es decir, entre las capas de mayor formación

<sup>107</sup> Durante a festa celebratória dos dez anos de *Encuentro* com o lançamento do N° 40 na Casa de América em Madri, ao se referir à circulação da revista na Ilha, Raúl Rivero preferiu usar a expressão “de San Antonio a Maisí” (REDACCIÓN CE, 2006).

cultural y política, las que se pueden considerar formadoras de opinión y probables protagonistas de una futura transición política del país. Los 2.500 ejemplares restantes cubren pedidos de bibliotecas, universidades, instituciones culturales y centros de investigación, principalmente en Europa, Estados Unidos y América Latina, así como de los lectores cubanos de la diáspora y otros especialistas o interesados en cualquiera de los múltiples aspectos de la realidad y la cultura de Cuba. (WWW.CUBAENCUENTRO.COMUNIDAD apud RABELO, 2006, p.39-40).<sup>108</sup>

Mas onde podemos verificar com mais precisão a atmosfera transgressora das entradas e distribuições de exemplares na Ilha é por meio de algumas entrevistas que levamos a cabo para este nosso estudo. Por exemplo, interessantes são os testemunhos de José Prats Sariol e Jorge Luis Arcos, ambos destacados intelectuais com atividades públicas em Havana até os inícios dos anos 2000 antes de saírem para o exílio, sendo o primeiro professor na Escuela Nacional de Arte e em outros centros educativos do Ministerio de Cultura e o segundo diretor da revista *Unión*, os dois escritores membros da UNEAC, cujos depoimentos mostraram muita convicção em suas formas de ajudar a revista. Prats Sariol, inclusive, além de afirmar ter sido o primeiro introdutor de exemplares em Cuba, ainda foi responsável por distribuir os pagamentos iniciais aos colaboradores, uma vez que estava presente em Madri quando do lançamento do número 01 em junho de 1996: “Regresé a Cuba con los ejemplares del número inaugural, los primeros que entraron al país. Y con el dinero para pagar las primeras colaboraciones, trabajo que compartí con una amiga, cuyo nombre debe revelar ella, porque reside en Cuba y las represiones no han cesado” (SARIOL, 2021)<sup>109</sup>. Quando perguntado sobre pessoas, instituições ou organizações que facilitaram a circulação da revista pela Ilha, ele afirmou:

---

<sup>108</sup> Graças à volatilidade de muitas notícias ou dados obtidos junto à web, não nos foi possível ter acesso direto a tais informações.

<sup>109</sup> Ainda sobre essa questão dos pagamentos, diz Prats Sariol: “Por mi casa pasaron muchos escritores a cobrar la colaboración y firmar la lista del recibo. *Encuentro*, como *Cuadernos Hispanoamericanos* o *Vuelta*, pagaba modestamente los textos que publicaba. Aunque ese acto normal suscitara que los asalariados de la dictadura nos llamaran ‘mercenarios’. En este aspecto del pago, que yo sepa, nunca se comprometió a diplomáticos, aunque sí a visitantes extranjeros. Toca a ellos decirlo. Prefiero la discreción, mientras Cuba siga bajo la represiva élite militar y sus cuerpos de inteligencia y contrainteligencia” (idem).

Por supuesto, aunque hubo decomisos en el aeropuerto José Martí de La Habana, como a un profesor de Poitiers. Pero en general se lograba que entraran. Se debe agradecer a las embajadas de España (principalmente), Holanda, Venezuela y alguna otra, a algunos consejeros culturales (en especial a los españoles Ión de la Riva y Carlos Barbáchano) y a algunos corresponsales extranjeros. Siempre hay “algunos” que rompen los muros, como ocurrió en la Unión Soviética y ocurre en la China actual.

*Encuentro* –en Guanabacoa o Manzanillo o donde fuera– nunca se llevaba a la vista, como *Tres tristes tigres* de Cabrera Infante, sino envuelta en un periódico *Granma* o dentro de una jabita como la que usó Virgilio Piñera, propia de viandas, vegetales y pomitos ambarinos para café.

Para el Departamento de Orientación Revolucionaria (DOR) del Comité Central del Partido Comunista de Cuba, *Encuentro* era “propaganda enemiga”. Las instituciones culturales reprimían en consecuencia, nos estampaban el membrete de opositores, cuando no de vendidos o mercenarios. Claro, los dirigentes de las instituciones, solapadamente, no se perdían un número. Había, hay, una complicidad bajo cuerda entre intelectuales no fanáticos, no extremistas; aderezados por el sol del Caribe, capaz de derretir, según Lezama Lima, los tres tomos de *El capital* de Marx si se exponen a las dos de la tarde en la Plaza de la Revolución<sup>110</sup>. (Idem).

Algo coincidente afirma Jorge Luis Arcos sobre o ingresso de exemplares à Ilha, estrategicamente enviados sob proteção diplomática:

Bueno, la revista *Encuentro* se le enviaba a sus colaboradores dentro de la isla a través de la Embajada española. Tanto, primero Carlos Barbáchano, como después Ión de la Riva, y luego Ana Tomé, en su función como agregados culturales, hicieron una ingente labor cultural dentro de la isla, que siempre fue muy mal vista (Carlos y Ana terminaron expulsados). Yo doy fe de esa labor extraordinaria. Pero el síndrome de la sospecha, del enemigo encubierto, etc, era inevitable dentro de una dictadura. (...). Cuando yo colaboraba en la revista, algo que fue muy frecuente, me enviaban a la Embajada mis ejemplares. Los iba a buscar allí, pero siempre me daban varios, y yo regalaba a mis colegas los ejemplares. Esos seguramente después circulaban de mano en mano. Sucedía lo mismo con los otros colaboradores, que no eran pocos, por cierto, como ya precisé. (ARCOS, 2021).<sup>111</sup>

---

<sup>110</sup> Acerca dessa leitura de *Encuentro* entre os dirigentes cubanos, Prats Sariol, ironicamente, diz que “ciertos ‘oficialistas’ de ahora mismo” “disfrutan temblorosamente las herejías” (idem). Algo semelhante narrou Annabelle Rodríguez em tons anedóticos: “Una vez, un escritor español que fue a Cuba y estaba en el despacho del ministro de Cultura, cuenta que de pronto llegó el jefe de escolta de Fidel Castro, entró y le preguntó al ministro: ‘¿ya tienes las revistas *Encuentro* que te pidió el jefe?’...” (RODRÍGUEZ, 2006).

<sup>111</sup> Em uma conversa pessoal, ocorrida no dia 06/04/2018 na Universidad Nacional de Córdoba, Argentina, Antonio José Ponte ainda nos acrescentou a relevância de algumas “paróquias de la Iglesia Católica” em Cuba para a distribuição de exemplares.



Outra importante fonte de referências que nos traçam um verdadeiro mapa dentro de Cuba dando sinais de lugares por onde os exemplares andavam circulando é a seção “Cartas a *Encuentro*”, também incluída nas últimas páginas da revista<sup>112</sup>. Na realidade, curiosos comentários de leitores e suas procedências desde diversos países da diáspora ajudam a compor um interessante mapa mais amplo, mas, para os fins que aqui nos propomos, façamos apenas algumas breves observações às cartas emitidas desde a Ilha<sup>113</sup>. Como foi possível por nós verificar, inúmeros foram os elogios à revista e poucas as críticas depreciativas ou mais polêmicas, sendo a maioria dessas valorizações voltadas ao que bem identificou Maria Martha Rabelo (2006, p. 123) em torno de “experiência” de leitura com uma “expectativa” de futuro mais democrático para o país, inclusive almejando que a revista passasse a ser publicada dentro de Cuba<sup>114</sup>. São

---

<sup>112</sup> Essa seção foi iniciada com o Nº 2 e seguiu até o Nº 45/46, quando a revista anunciou o seu fim com a seguinte informação: “Con el propósito de dinamizar la relación de nuestra revista con los lectores, invitamos a quienes deseen debatir o polemizar a propósito de los contenidos publicados en *Encuentro* a que nos hagan llegar sus opiniones a [comentario-revista@encuentro.net](mailto:comentario-revista@encuentro.net). Los comentarios enviados a esta redacción podrían sustituir la sección ‘Cartas de los lectores’, habitualmente elogiosa. Queda abierta la puerta” (REDACCIÓN, 2007, p. 301)

<sup>113</sup> Dentre as variadas opiniões, denúncias, críticas, pedidos ou observações que a seção “Cartas a *Encuentro*” publicou, destacamos a seguir alguns exemplos: “*Encuentro* vuela en Cuba como pan caliente” (Mayda Royero, desde Havana, Nº 4/5, p. 252); “Tengo cola de gente para que le dé un ejemplar y hasta hay quien me pide dos” (Tania Quintero, desde Havana, Nº 11, p. 192); “Las cadenas para pasarlas de mano en mano son interminables y a veces hay que leérsela en una noche. Aún así, vale la pena pasar la noche en vela” (Otilia Ramos, desde Havana, Nº 19, p. 203); “Envíen todos los ejemplares posibles a la Isla. Las Bibliotecas Independientes son centros culturales con capacidad de recepcionar todas sus publicaciones” (Ramón Colás, s/l, Nº 28/29, p. 374); “Para mí, leer *Encuentro* es prácticamente un acto de soberanía” (Josefa Rodríguez, desde Havana, Nº 28/29, p. 375); “Todos los prisioneros de conciencia de Cuba merecen inmediata libertad” (Madres y esposas cubanas, desde Havana, Nº 30/31, p. 300); “En medio de la Feria del Libro, el número de la revista es tema de conversación, comidilla a causa del nivel literario y de tantos nuevos colaboradores de acá” (Luisa González, desde Havana, Nº 32, p. 313); “Desde aquí, mi madre consiguió en Pinar del Río un par de números de la revista *Encuentro*, y está alucinando y disfrutando mucho con ella. Me mandó a decir que goza con el artículo de Ivette Leyva sobre la comida cubana. Hasta lo recopió en la computadora para quedarse con él” (Selma Ríos, desde Pinar del Río, Nº 34/35, p. 337); “Conozco de amigos que cruzan de una provincia a la otra por compartir un número que no han leído, sé de viajes desde la capital hasta Oriente, con la carga *maldita*, en esa gran batalla que significa entrar, estar o salir de La Habana, más si vienen de esa parte del país de la que hablo” (Jairo, desde Havana, Nº 37/38, p. 337, grifo do autor); “Que ya esto ni es país ni es nada, todo está en ruinas: las casas, los carros, los hospitales y, lo que es peor... la gente” (María Eugenia Díaz, desde Pinar del Río, Nº 39, p. 273); “¿cuándo los demócratas europeos y la izquierda latinoamericana dejará [sic] de aplicarnos el estereotipo de la utopía caribeña?” (José Carlos Águila, desde Camagüey, Nº 40, p. 295); “A muchos nos gustaría participar, al menos opinar, pero no hay un solo medio de comunicación dentro del país que publique otras ideas que las oficiales” (Un grupo de estudiantes de la Universidad de la Habana, Nº 43, p. 297).

<sup>114</sup> Para uma análise mais aprofundada dessas cartas dirigidas à revista em termos de recepção e da significância do leitor como sujeito, ainda que ocupadas apenas das entregas de Nº 2 a de Nº 25, ver Rabelo (2006).

dignos de atenção os perfis dos leitores moradores da Ilha que se conhece com uma seção como essa: além de alguns intelectuais colaboradores da própria revista, a maioria foi jovens estudantes universitários, passando por alguns participantes de círculos de leitura caseiros, muitos participantes ou usuários de Bibliotecas Independientes, chegando ainda a profissionais de gastronomia ou a donas de casa. Vários desses leitores relatam uma mistura de indignação com resignação pelas dificuldades de acesso aos exemplares e se declaram utilizadores da “biblioteca circulante ‘De mano en mano’” (como Jorge García, desde Havana, N° 11, p. 193). Um destaque especial vale para a carta de Douglas Miguel Arias, prisioneiro político do Centro Penitenciario Combinado del Este, publicado repetidamente por equívoco em dois números, os de 24 e 26/27, onde se lê: “No dejen de publicar la verdad, no dejen de publicar *Encuentro*, pues en vuestra revista nos llega otra literatura que nos ensancha los horizontes y nos hace libres de la tiranía de otras” (desde Havana, N° 24, p. 386). De uma forma geral, e para o que aqui bastante nos contribui, com tais cartas enviadas desde a Ilha somos capazes de identificar aqueles possíveis sujeitos do “insilio” considerados por Behar (1996) como tão diaspóricos quanto os que fizeram parte dos movimentos migratórios extrainsulares, muitos deles “ilustres desconhecidos” que desde cidades como Camagüey, Pinar del Río, Santiago de Cuba, Esmeralda, Holguín, Ciego de Ávila, Matanzas ou Cienfuegos, ainda que a maioria sendo de Havana, comprovam o quanto podem ser considerados sujeitos deslocados no interior do próprio regime, muitas vezes tão desvinculados de sua nação quanto qualquer outro cubano nos Estados Unidos ou na Europa.

Ainda em relação à publicação de mensagens dos leitores à revista, e assim nos ajudando a unir os pontos de intersecção da triangulação que aludimos acerca da sua circulação, a enorme quantidade de cartas enviadas desde Miami comprovam ainda não só a atenção voltada à *Encuentro* de muitos cubano-americanos moradores a apenas 90 milhas de Havana, como também a importância que a revista relegou a essa cidade visivelmente considerando-a como enorme centro irradiador de suas proposições editoriais. Nesse sentido, entendemos que além desse vínculo em muito demarcado por tais cartas, corroboram a entender a íntima relação entre *Encuentro* e Miami a própria quantidade de escritores ou artistas colaboradores, que incluiu (obviamente que cada um em seu momento de estância definitiva ou não) nomes como Uva de Aragón, Carmelo Mesa-Lago, Nicolás Quintana, Eugenio Florit, Carlos Espinosa Domínguez, Wilfredo

Cancio Isla, Umberto Peña, Carlos Victoria, Enrique Patterson, Marifeli Pérez-Stable, Madeline Cámara, Emilio Ichikawa, dentre muitos outros; assim como também os mencionados eventos de lançamentos de números ocorridos durante alguns anos no Centro Cultural Español e até na Feria Internacional del Libro em 2002, ou a aqui já aludida mesa organizada por *Encuentro* e intitulada “Los intelectuales y la democracia en Cuba”, durante o congresso da Latin American Studies Association (LASA) no ano de 2000. Mas, seguramente, nada melhor para tal comprovação do que o conteúdo dedicado pela revista à Miami cubana como já exemplificamos aqui com o polêmico “Dossier Miami”, publicado no número 18 em 2000, em que Díaz teceu lúcidos elogios ao “hermanos de Miami” (DÍAZ, 2000b, p. 7).

Quando visualizamos a geografia cultural de *Encuentro* somos levados a procurar compreender melhor como a revista fez uso de uma possível “imaginación diaspórica” (RODENAS, 2000) em prol do repto de superação da divisão da população cubana – espalhada por tantos países além de Madri, Havana e Miami –, apontado por Jesús Díaz no primeiro número como objetivo maior, e tão bem resumido por Iván de la Nuez (1997, p. 140) ao propor desestabilizar “la dictadura de la historia sobre la geografía”:

Dominados por La Revolución, La República, La Patria, El Exilio o La Causa, los cubanos hemos vivido hasta la saturación, demandados por los grandes problemas (los problemas con mayúscula). Es decir, se ha vivido de frente a la historia. Desde su transterritorialidad, los cubanos tienen ahora la posibilidad de vivir de frente a la geografía. (Ibidem, p. 140).

Interessante como a questão do espaço adquire uma imprescindível relevância para se pensar a revista *Encuentro* a partir dessas observações conceituais e dos traços de sua circulação que trouxemos. Torna-se quase inexequível deixar de abordá-la levando em consideração uma leitura “cartográfica” que poderia ser estendida a inúmeras outras interseções, cruzamentos, rotas, fluxos, zonas etc. em alinhamento com seu discurso editorial. Constatações como essa nos levam, portanto, a no seguinte capítulo deste estudo tratar do entrelaçamento do espaço imaginário de atuação da revista – ou seja, este em que uma revista se localiza idealmente por meio de uma “bricolage” (SARLO, 1992, p. 12) intelectual composta pelas diferentes (e muitas vezes contraditórias) vozes discursivas presentes em suas páginas – com o gênero do ensaio e

seu uso consciente e privilegiado enquanto categoria literária bastante afim ao espaço hemerográfico, e que seguramente adquiriu relevo discursivo no caso de *Encuentro*.

## Capítulo 2.

### “Palavras dos intelectuais”: decisivas perspectivas do ensaísmo na revista

“El ensayo es, en su más alta expresión, trabajo artístico sobre el lenguaje, voluntad de estilo, poética del pensar: una poética de la interpretación.”

Liliana Weinberg  
*Situación del ensayo*

#### 2.1 - A revista como espaço cultural

##### 2.1.1 - O espaço é um lugar praticado

Se fizemos o exercício de retomar aquela nossa averiguação do início do capítulo anterior (mais especificamente no final da seção 1.1.3) e que se referiu a certa constância nos estudos sobre revistas culturais ou literárias em considerá-las ou abordá-las como espaços discursivos ("espacio dinámico" (SCHWARTZ; PATIÑO, 2004, p. 647), "espacio privilegiado" (CRESPO, 2010, p. 9), "espacio de consagración" (GILMAN, 2003, p. 78-79), "espacio de mediación" (ROCCA, 2004, p. 16)), depois da leitura introdutória à revista *Encuentro de la Cultura Cubana* que realizamos, chegamos até aqui com maior clareza a respeito da significância dessa perspectiva e consequentemente da importância do espaço como constructo analítico para nosso objeto. Diante disso, e de certa forma algo já prognosticado, cremos ser interessante propor um próximo passo metodológico: a convergência de tal perspectiva agora em direção ao gênero literário que ocupou rigorosamente o espaço interior e se mostrou como fundamental para a proposta editorial da revista: o ensaio. Nossa motivação em muito se baseia nos próprios vestígios encontrados em suas páginas (mas também fora delas), e isso sem dúvida nos leva a empreender a busca por um entendimento do uso do ensaio como parte estrutural desse espaço hemerográfico, observando-o como praticável unidade espaço-discursiva cuja associação com outras unidades discursivas (elementos tipográficos, demais gêneros ou seções, como sugere Osuna (1998)) termina por estabelecer a composição (“arranjo”, segundo Barthes (1970)) de cada entrega de *Encuentro* como publicação seriada e sequenciada. Vale ainda lembrar que, para além

dessa identificação física, material, espacial do objeto revista, nossa proposição tem ainda como objetivo comprovar a função do ensaio como verdadeiro meridiano para suas coordenadas simbólicas.

Mas antes é necessária uma melhor compreensão das ideias de espaço que nos interessam. Algo que chama a atenção de antemão são as diferentes formas como a própria revista se autorrefere enquanto publicação, seja se apropriando de termos como “lugar”, presente na divisa de Gastón Baquero “La cultura nacional es un lugar de encuentro” (BAQUERO, 1996, p. 4), seja usando um termo mais abrangente como “mapa” (“un mapa de gran pluralidad y diversidad geográfica, generacional, estética y política” (“Diez años de *Encuentro de la Cultura Cubana*”, REDACCIÓN, 2006a, N° 40, p. 203). Porém indiscutivelmente a palavra mais usada é “espaço”, como podemos averiguar desde o texto “Presentación” no N° 1 (“La revista *Encuentro de la Cultura Cubana* tendrá como objetivo primordial el constituirse en un espacio abierto al examen de la realidad nacional” (REDACCIÓN, 1996, p. 3)); também no editorial “A nuestros lectores” que anunciou a morte de Jesús Díaz no N° 24 (“espacio para la libertad intelectual” (REDACCIÓN, 2002a, p. 3)); no texto “Introducción” da homenagem a Díaz no N° 25 (“espacio plural y democrático para nuestro país” (REDACCIÓN, 2002b, N° 25, p. 4)); na introdução ao dossiê “Financiación, totalitarismo y democracia” no N° 28/29 (“un verdadero espacio democrático cubano en el que todas las voces tengan cabida” (REDACCIÓN, 2003a, p. 232)) e também no texto “Un ejercicio de infamia” no mesmo dossiê (“un solo espacio de diálogo” (REDACCIÓN, 2003a, p. 249)); no editorial “Ampliación del Consejo de Redacción de *Encuentro*” no N° 34/35 (“el espacio de convivencia abierto por nuestra publicación” (REDACCIÓN, 2004/2005, p. 4)); assim como no “Editorial” do N° 41/42 (“espacio de libertad de expresión” (REDACCIÓN, 2006b, p. 3)); e no último editorial intitulado “Un hasta luego” no N° 53/54 (“un espacio de referencia de la cultura cubana” (REDACCIÓN, 2009, p. 4)).

A preferência pelo termo espaço por parte da Redação de *Encuentro* demonstra não apenas uma autoconsciência bastante reiterativa e coerente sobre sua estrutura e sentido de representação, como ainda comprova uma sintonia com as definições sugeridas por pesquisadores e estudiosos de revistas culturais. Diante disso, primeiramente propomos como exercício para um maior esclarecimento do uso desse vocábulo a diferenciação entre, por exemplo, os conceitos de “espaço” e de “lugar”,

com o intuito de ratificar a acertada preferência pelo primeiro nas páginas da revista cubana. Como bem constatou Michel de Certeau (1994) em seus exames sobre as práticas de espaço relacionadas ao cotidiano, a noção de “lugar” estaria associada a “uma configuração instantânea de posições”, assim implicando “uma indicação de estabilidade” (CERTEAU, 1994, p. 201). Já a noção de “espaço” estaria vinculada a uma ideia de “cruzamento de móveis”, ou seja, de “espaço” como uma extensão animada pelo “conjunto de movimentos que aí se desdobram” (ibidem, p. 202). Certeau nos parece muito preciso ao concluir com esta assertiva: “o espaço é um lugar praticado” (idem), sustentando tal definição através de referências como as de Merleau-Ponty e sua *Fenomenologia da percepção* ao distinguir o “espaço geométrico” do “espaço antropológico”, este último o “espaço existencial” de uma experiência de um sujeito com o mundo; também a referência equiparativa em que “o espaço estaria para o lugar como a palavra quando falada”, execução em que a palavra sofre mudanças de convenções e é modificada por transformações associativas; e ainda a referência do relato (discursos sobretudo narrativos) como forma de transformar “lugares em espaços ou espaços em lugares” (ibidem, p. 203), determinados sejam por objetos reduzidos a um “*estar-aí*”, sejam por ações de “*sujeitos históricos*” (idem, grifos do autor)<sup>115</sup>.

Se aplicarmos a distinção pensada por Certeau ao caso da revista *Encuentro*, seria viável, portanto, afirmar: se a cultura nacional é um “lugar” de encontro, a revista *Encuentro* é um “espaço” para a prática da cultura nacional. Como vimos, tal conclusão justifica-se amplamente desde os seus já referidos usos autodefinidores do termo “espaço” enquanto revista até a constatação do seu próprio alinhamento diaspórico como conceito indiscutivelmente espacial<sup>116</sup>. Mas, com auxílio das reflexões de Certeau, conseguimos principalmente justificar a afirmação acima levando em

---

<sup>115</sup> Partindo dessa distinção proposta por Certeau, mas procurando situá-la basicamente em termos inversos, Marc Augé ressaltou os usos indiferenciados do conceito de espaço e preferiu ocupar-se da noção de “lugar antropológico” para nele incluir “la posibilidad de los recorridos que en él se efectúan, los discursos que allí se sostienen y el lenguaje que lo caracteriza”, destinando à noção de espaço, “por el hecho mismo de su falta de caracterización”, a utilidade de um uso para se referir “a las superficies no simbolizadas del planeta” (AUGÉ, 1993, p. 87). Segundo Augé, “Si un lugar puede definirse como lugar de identidad, relacional e histórico, un espacio que no puede definirse ni como espacio de identidad ni como relacional ni como histórico, definirá un no lugar”, assim trazendo a hipótese de que “la sobremodernidad es productora de no lugares, es decir, de espacios que no son en sí lugares antropológicos (...)” (ibidem, p. 83).

<sup>116</sup> Curioso como María Zambrano associou o exílio à imagem de um deserto, um “espacio indeterminado”, “espacio sin lugar” (ZAMBRANO, 2014, p. 29).

consideração o “conjunto de movimentos” que na revista se desdobraram, procurando pensá-la como “um lugar praticado” por ações e colaborações de sujeitos transformadores que através dessa experiência converteram o “lugar” em um “espaço”. Nesse sentido, a prática do ensaísmo em *Encuentro* pode então ser tomada como determinante para essa definição da revista enquanto espaço, pois, como procuraremos comprovar nas páginas seguintes deste estudo, o uso transformador do ensaio pela publicação “movimentou” inúmeros pensamentos e imagens sobre a realidade cubana, despertou várias polêmicas em torno de juízos críticos que muitas vezes se chocaram, narrou como nenhum outro gênero literário os encontros e desencontros de acontecimentos indispensáveis para a colaboração da revista *Encuentro* à imaginação de outra noção de cubanidade.

### 2.1.2 - A desterritorialização da cultura

Feito tal esclarecimento, é preciso recordar que, de acordo com Teixeira Coelho (1997), o uso do conceito de espaço nas ciências humanas é relativamente recente, tendo sido necessário um acúmulo de estudos em diferentes áreas do conhecimento para que ele “perdesse sua aparência de *dado imediato, postulado*” para passar a ser visto como um “constructo”, “portanto passível de análise e de uma atribuição de significados e significações tão variáveis quanto os contextos abordados” (COELHO, 1997, p. 166, grifo do autor). Já Luis Alberto Brandão (2007) chama a atenção para certo cuidado com a noção de espaço e sua “vocação transdisciplinar” como categoria, uma vez que ele é “fonte não somente de uma abertura crítica estimulante, já que articul ria, agregadora”, como também pode acabar por proporcionar “uma série de dificuldades devidas   inexistência de um significado unívoco, e ao fato de que o conceito assume fun es bastante diversas em cada contexto teórico específico”<sup>117</sup> (BRANDÃO, 2007, p. 207).

---

<sup>117</sup> Referindo-se   categoria espaço desde os estudos de Teoria Literária, diz ainda Brandão: “as correntes formalistas e estruturalistas tendem a não considerar relevante a atribui o de um valor ‘empírico’, ‘mimético’,   no o de espaço como categoria literária; e a defender a existência de uma ‘espacialidade’ da própria linguagem. Na dire o oposta, as correntes sociológicas ou culturalistas interessam-se justamente por adotar o espaço como categoria de representa o, como conteúdo social – portanto reconhecível extratextualmente – que se projeta no texto” (idem). No que diz respeito a este nosso estudo, na medida do possível procuraremos observar com interesse o que houve de proveitoso em termos literários em ambas as correntes.



Mas se o caráter abstrato do termo espaço em algum momento tenha causado maiores imprecisões por sua falta de aplicação nas humanidades, Fernando Aínsa procurou ser decisivo sobre sua aplicabilidade como categoria:

El valor intrínseco de la abstracción no se resume en los metros que miden el interior de un espacio o en las coordenadas –longitud, latitud, altitud– que lo dividen con precisión geométrica, o los puntos cardinales que lo orientan, sino que va mucho más allá. Gracias a las sugerentes representaciones simbólicas que la extensión abstraída de la geometría suscita, el determinismo físico, la visión única y absoluta de la ciencia geográfica, se ha abierto a un pluralismo teórico y conceptual, capaz de describir el espacio a través de una multiplicidad de lenguajes, órdenes y formas que no necesitan ser recíprocamente excluyentes. (AÍNSA, 2002, p. 21-22).<sup>118</sup>

Esse valor da abstração trazido por Aínsa, ainda que voltado para uma “dilatación del espacio literario” (ibidem, p. 24), corrobora para além de uma interpretação espacial no sentido simplesmente geométrico ou geográfico e aponta para uma descrição do espaço enquanto “representación simbólica” aberta a um “pluralismo teórico y conceptual”, dessa forma provocando uma expansão nocional que alcançaria o que ele propõe como geopoética (AÍNSA, 2002) para a leitura do espaço imaginário latino-americano, ou seja, aquela que procura superar o “profundo divorcio entre geografía e historia”<sup>119</sup> (ibid., p. 16) por meio da maior valorização de uma projeção imaginária que privilegie o *logos* sobre o *topos*<sup>120</sup>.

Também em proveito de uma validação do uso abstrato do termo espaço como categoria adequada para nossa leitura, importante verificar como ele se comporta quando cotejado com outro a ele associado, como é o caso do termo “território”. Convencidos pela orientação de Aínsa (2002) no sentido de uma geopoética, assim

---

<sup>118</sup> Interessante como Gastón Bachelard parece ter servido de base para ambas as conclusões de Certeau e de Aínsa, como podemos ver, ainda que brevemente, nesta passagem de *A poética do espaço*: “O espaço compreendido pela imaginação não pode ficar sendo o espaço indiferente abandonado à medida e reflexão do geômetra. É vivido. E é vivido não em sua positividade, mas com todas as parcialidades da imaginação” (BACHELARD, 1978, p. 196).

<sup>119</sup> Importante identificação também trabalhada, como vimos, por Iván de la Nuez no ensaio “El destierro de Calibán - Diáspora de la cultura cubana de los 90 en Europa” (Nº 4/5).

<sup>120</sup> Disse ainda Aínsa: “Construir y habitar han concretado el lugar, el *topos*; al describirlo lo han convertido en *logos*. El espacio imaginario resultante puede reflejarlo, trascenderlo o desmentirlo; en todo caso lo significa y enriquece” (AÍNSA, 2002, p. 15, grifos do autor).

como pela importância adquirida por uma imaginação poética como a sugerida por Bachelard<sup>121</sup> (1978) e ainda pela anteriormente aludida imaginação diaspórica provocada por Méndez Rodenas (2000), procuramos tomar o uso da ideia de espaço para uma ressignificação do termo e aplicá-lo à revista *Encuentro* passando aqui a observá-la como um legítimo “espaço cultural”, dessa forma pretendendo expandir o sentido da expressão normalmente utilizada para designar edificações (casas, prédios etc.) ocupadas por práticas culturais. Com essa ressignificação, nosso intuito, por um lado, é justamente o de comprovar a flexibilidade do termo espaço que, agora designado por um modificador, demonstra seu caráter de “constructo” (COELHO, 1997); e, por outro, o de transpor o entendimento sobre o que significa um espaço cultural enquanto local urbanístico para a própria revista enquanto publicação, tecendo algumas reflexões sobre ela também como um espaço cultural.

Por exemplo, e aqui retomamos a questão do território, com as observações de Teixeira Coelho sob o ângulo da política cultural nos aproximamos de uma melhor compreensão sobre a relação entre espaço cultural e território, uma vez que segundo ele “a expressão ‘espaço cultural’ é usada, de modo genérico, para designar qualquer lugar destinado à promoção da cultura”, e que é “sob este aspecto que se destaca, pela força sugestiva, seu caráter de contraposição às noções de território e territorialidade da cultura” (ibid., p. 168). O que o leva a tal afirmação é a ideia de que

Um espaço cultural, como atualmente é entendido, implica, de fato, uma desterritorialização da cultura ou dos modos culturais: práticas inicialmente exercidas num determinado lugar passam a sê-lo num outro lugar com o qual não estão historicamente e socialmente ligadas, num primeiro momento. (Ibid., p. 167).

Com efeito, pode-se notar um distanciamento consciente por parte da Redação de *Encuentro* do uso de uma noção de território em seus editoriais ou menções autorreferenciais, o que de alguma maneira demonstra a implicação de uma

---

<sup>121</sup> Sem ocuparmos a fundo da ideia de uma “fenomenologia da imaginação” de Bachelard, ou seja, a que ele propõe como “um estudo do fenômeno da imagem poética no momento em que ela emerge na consciência como um produto direto do coração, da alma, do ser do homem tomado na sua atualidade” (BACHELARD, 1978, p. 184), interessa-nos suas observações a respeito de uma “*partida da imagem* numa consciência individual” que nos ajude “a restituir a subjetividade das imagens e a medir a amplitude, a força, o sentido da transubjetividade da imagem”, frisando para isso que “a imagem existe *antes* do pensamento” (ibid., p. 185, grifos do autor).

desterritorialização da cultura praticada por um espaço cultural. O interessante é que essa ideia que desvincula o território de origem da prática cultural do próprio espaço cultural em si – e aqui pensamos nos inúmeros textos, fotografias, imagens de pinturas, esculturas ou instalações de artes plásticas produzidos por cubanos desde tão variados lugares do mundo e reproduzidos nas páginas da revista – vai de encontro à condição de desterritorialização diaspórica que a publicação soube usar a seu favor. Nesse sentido, o último editorial publicado na entrega 53/54 se mostra bastante eloquente, seja imaginária ou concretamente: “Desde su nacimiento, **Encuentro** ha sido una revista sin territorio, o destinada a ese país virtual que es la diáspora y al país real que le cierra sus puertas y donde casi la mitad de su tirada ha debido circular por vías informales durante todos estos años” (REDACCIÓN, 2009, p. 3, grifo do autor)<sup>122</sup>.

Agregamos a esse distanciamento da noção de território, inclusive, um perceptível cuidado da Redação em promover uma ruptura epistemológica ocupada simultaneamente com a supressão de paradigmas associados ao processo revolucionário cubano assim como com a filtragem de novas correntes teóricas multiculturalistas. Importante lembrar que “territorio liberado” foi uma expressão vigente durante a Guerra Fria que alimentou utopicamente a esperança de libertação dos povos latino-americanos a partir das experiências revolucionárias em Cuba, Nicarágua e Chile, propagada por um discurso austero que não só estruturou as práticas culturais como ajudou a aproximar a vanguarda artística da vanguarda política (FRANCO, 2003). Também notamos que as reflexões em torno a uma ressignificação da ideia de território e territorialidade levada a cabo por Estudos Culturais, Subalternos ou Pós-coloniais (sobretudo as de Edward Said, Gayatri Spivak, Homi Bhabha, por exemplo), ainda que pondo em cheque o discurso do nacionalismo e identificando a territorialidade como base crítica à legitimação do poder

---

<sup>122</sup> Complementarmente e ratificando esse distanciamento do uso da noção de território, interessante as palavras de Ottmar Ette sobre a revista *Encuentro*: “Siendo quizás la creación mejor lograda del escritor e intelectual Jesús Díaz, fallecido recientemente, cuyo mérito ha sido el intercambio entre las diversas islas cubanas, desde el título esa revista alude ya no a una residencia fija sino a un punto de Encuentro de la cultura cubana, donde no se trata de una territorialización sino del mayor número posible de puntos de cruce y tangenciales. Así se esboza un espacio de acción para una literatura sin residencia fija que ha aumentado considerablemente sus coeficientes de movimiento tanto del lado de acá como de allá de una escritura diaspórica” (ETTE, 2005, p. 751). Como poucos contrapontos a esse distanciamento, vale também lembrar a aqui já referida entrevista de Pío E. Serrano a Elizabeth Burgos para o Nº 45/46 (ver nota 61), em que ele usa a expressão “territorio virtual” para se referir à revista (SERRANO, 2007, p. 114); assim como o testemunho de Raúl Rivero para o especial “Diez años de *Encuentro de la Cultura Cubana*”: “Lo que Jesús proponía era un sitio para encontrarnos todos. (...) un territorio sin aduanas” (RIVERO, R., 2006, p. 204).

do Estado-nação, dificilmente foram tomadas como referências principais para os ensaios mais impactantes publicados por *Encuentro*<sup>123</sup>. Tais cuidados, como pretendemos melhor averiguar neste capítulo com a leitura dos ensaios, apontam para o intuito (anunciado desde o início da revista) de exame dos pressupostos culturais e políticos nacionais, em consonância, como veremos, com a busca e seleção de perspectivas de interpretação dos fenômenos socioculturais contemporâneos.

### 2.1.3 - Outras compreensões sobre a cultura nacional

#### 2.1.3.1 - A vocação de encontro contra a fragmentação da cultura

Retornemos, por enquanto, às constatações anteriores que se mostraram estreitamente vinculadas: se a cultura nacional é um “lugar” de encontro e a revista *Encuentro* é um “espaço” para a prática da cultura nacional, a partir dessa ideia a revista pode ser tomada como um legítimo “espaço cultural”, o que de certa forma subverteria a concepção dessa denominação geralmente aplicada para edificações urbanísticas. Portanto, isso nos impulsiona, *a priori*, a buscar em suas páginas uma melhor compreensão acerca daquilo que os praticantes desse espaço (realizadores, intelectuais e

---

<sup>123</sup> Frente a essa constatação, uma orientação conceitual para nossa pesquisa que adotasse amplamente as premissas pós-coloniais não nos pareceu o caminho mais adequado para a leitura da revista *Encuentro*. Por exemplo, a teorização em torno às ideias de diáspora e espaço que levou Bhabha a propor uma concepção de “terceiro espaço” (*The location of culture*. Londres: Routledge, 1994) para se referir ao híbrido local de antagonismo e tensão caótica ocupado por produtores de cultura na diáspora, ainda que ela traga interessantes discussões sobre a questão, entendemos que essa noção de “terceiro espaço” em muito se ocupa da consequente negociação da identidade cultural e produção de mutantes representações de diferença cultural, algo que *a priori* não parece ter sido o principal interesse conceitual da revista. De certa forma em diálogo com a proposição de Bhabha, mas procurando alternativas teóricas ao contar principalmente com as reflexões de Henri Lefebvre (mas também com a da crítica feminista, pós-colonial, e de Michel Foucault), Edward Soja (1996) sugeriu o “terceiro espaço” como um modo crítico flexível e transdisciplinar voltado para o entendimento das transformações da espacialidade da vida humana, uma categoria em constante fluxo que considere terceiros espaços concretos e discursivos para além de perspectivas binárias. Apesar de nosso estudo procurar também compreender a origem discursiva de *Encuentro* desde a diáspora cubana na Espanha, o que poderia ser analisado como um terceiro espaço opcional ao eixo Cuba-Estados Unidos, e mesmo levando em conta a ideia de Tanya N. Weimer (2008) que nos leva a considerar que terceiros espaços discursivos existem mesmo dentro das fronteiras geográficas desses países por perturbarem discursos dominantes sem necessariamente acatar ao oposto, nossa leitura da revista como objeto para análise procura se ocupar de seus espaços a partir de uma amplitude cartográfica e polifônica que, a nosso ver, dificultaria a aplicação da categoria crítica de Soja. Para um melhor entendimento da aplicabilidade dessa categoria a casos de análises literárias de obras produzidas por cubanos desde o México (*Informe contra mí mismo*, de Eliseo Alberto, e *Livadia*, de José Manuel Prieto), ver *La diáspora cubana en México – Terceros espacios y miradas excéntricas*, de Tanya N. Weimer (2008).

artistas colaboradores) discutiram e procuraram pensar como cultura, ou, mais especificamente, como “cultura nacional”.

Indícios podem ser encontrados em alguns dos próprios editoriais ou textos introdutórios de apresentação dos números ou de posicionamento da publicação diante de alguma questão. Além da divisa de Baquero invocada no número 1 e que nos serve de premissa, por exemplo, no já referido texto “Presentación” também desse número inaugural são aludidas propriedades da cultura cubana como as de “vitalidad”, “esperanza” e, sobretudo, características que destacam a “diversidad” (“su vocación contemporánea e internacional”) no interior de sua integralidade (“resulta evidente que la cultura cubana es una”) (REDACCIÓN, 1996, p. 3). Ao completar um ano de atividades, Jesús Díaz reafirma tal linha de raciocínio em seu texto “Un año de *Encuentro*” (Nº 4/5), através de um argumento complementar que se aproxima mais a uma advertência ao afirmar que “La cultura cubana está trágicamente fragmentada” (DÍAZ, 1997b, p. 3). Tal aviso voltaria a ser frisado no texto “De fiesta” do número 8/9 (“La cultura cubana está enferma y fragmentada”), mas dessa vez identificando-a ainda como “viva y pujante”, trazendo a “extraordinaria fuerza creativa” como “una respuesta a la crisis” e a “vocación de encuentro” como uma resposta à fragmentação (DÍAZ, 1998b, p. 4). Nova referência à cultura como “esperanza” é retomada no texto “Cinco años de *Encuentro*” de seu número 20 (DÍAZ, 2001, p. 3) e à sua “diversidad” em “Ampliación del Consejo de Redacción de *Encuentro*” no número 34/35 (REDACCIÓN, 2004/2005, p. 4). O estímulo ao desenvolvimento de uma “cultura democrática” é apontado como uma das vocações da publicação no texto “Cambios en el Consejo de Redacción de *Encuentro*”, no número 21/22 (REDACCIÓN, 2001, p. 5), e outro destaque para a autorreferencialidade da própria revista veio com o texto “Introducción”, da entrega 25 em homenagem a seu fundador, onde lemos que a trajetória da publicação está marcada pela “pluralidad” de conteúdo por meio de um “abanico de temas culturales que ha abordado —literatura, ecología, arte, música, sociedad, economía, historia, arquitectura, ciencia, política...—” (REDACCIÓN, 2002b, p. 3).

Tendo em vista os propósitos de nosso estudo, a verificação em alguns ensaios publicados ao longo dos anos de algumas questões relacionadas a diferentes noções de cultura e de cultura nacional terminam por comprovar um significativo alinhamento

conceitual entre destacados praticantes deste espaço cultural, ainda que, como veremos, em algum momento chegaram a proporcionar polêmicas. Esses ensaios se mostram também, de certa maneira, pautados por indícios orientadores como os verificados acima, sobretudo no que diz respeito a ideias como as de fragmentação, integralidade, diversidade ou pluralidade, esperança, pujância, e apontam para uma melhor compreensão daquilo que podemos tomar como linhas-guias da perspectiva editorial de *Encuentro* – desde um amálgama discursivo sem dúvida polifônico – em relação ao considerado como “cultura democrática”. Significativo esclarecer, então, que a seleção dessa amostra do *corpus* para um exercício analítico procura extrair fundamentos discursivos que contribuem a uma caracterização do imaginário da revista, levando em consideração seu intrínseco aspecto coletivo, mas conformado a partir de enunciados de ordem individual. Não se pode perder de vista tal consideração anterior para o estudo de um objeto naturalmente conjuntivo como uma revista cultural.

Um aspecto relevante com que nos deparamos ao selecionar esses ensaios para nossa leitura está no fato de não identificarmos texto algum dedicado exclusivamente ao tema “cultura”, em termos conceituais, desde uma abordagem direta e definidora. Ensaios como os de Rafael Rojas ou Iván de la Nuez, dois dos mais presentes e constantes intelectuais com reflexões que englobam assuntos culturais, são os que mais se acercam ao tema desde perspectivas diaspóricas com atenção ao pós-nacionalismo. A maioria dos que em algum momento refletem com maior substância sobre o conceito de cultura, ou sobre possíveis características do que é considerado como cultura, tem publicados ensaios que tratam do campo da literatura, seja dele se servindo no intuito de comprovação de alguma hipótese socio-histórica cubana, seja de forma a complementar criticamente seus argumentos interpretativos sobre determinadas obras ou conjuntos de obras literárias, como os de Gustavo Pérez Firmat ou Lourdes Gil. Isso nos leva já a identificar um fator muito sobressalente de *Encuentro* que diz respeito a sua maior ocupação ensaística com a literatura dentro do anteriormente aludido “abanico de temas culturales” (REDACCIÓN, 2002b, p. 3).

### **2.1.3.2 - Cultura diaspórica e a inclinação pós-nacional**

Um interessante exemplo pode ser verificado com o aqui também já mencionado ensaio “La relectura de la nación”, de Rafael Rojas, trazido no primeiro número (1996).

A partir da constatação da perda da ideia de uma cidade letrada (Angel Rama) em Cuba, Rojas afirma existir un “vacío ensayístico” (ROJAS, 1996, p. 43) na literatura cubana que passou a ser ocupado desde os anos 80 por “un grupo de letrados sin ciudad” (ibidem, p. 44) responsável por “el testimonio más elocuente del cambio cultural de la isla” (ibid., p. 43). Para ele, “El nacimiento de esta escritura quizás sea el reverso intelectual de una crisis en el orden simbólico de la Revolución. Los valores, los símbolos, las ideas, las prácticas y las instituciones del socialismo cubano experimentan un severo reajuste” (idem). A força da pertinência desse ensaio trazido no número inicial de publicação de *Encuentro*, hoje bastante verificável, nos leva a valorar editorialmente sua presença sob vários aspectos, justamente por se ocupar de questões fundamentais para o próprio futuro da revista. Além desse reconhecimento do ensaio enquanto gênero apto ao “examen de conciencia”, afirmamos a uma “promiscuidad literaria” propícia a “formular una poética generacional” (ainda que ao mesmo tempo desprotegido e censurável por sua transparência) (id.), Rojas também é preciso ao identificar para esse “reajuste” a relevância de alguns grupos de intelectuais reunidos por meio de “publicaciones precarias”, talvez não totalmente conscientes de sua corporeidade, fato inevitável que inclusive não permite a ele próprio deixar de reconhecer as limitações de sua consciência como ensaísta, uma vez que “Toda comunidad, sea política o cultural, es una invención o, simplemente, la vivencia de una fantasía” (ibid., p. 44).

É notório como sua maior preocupação nesse ensaio está voltada ao uso político por parte do discurso revolucionário da imagem histórica da cultura nacional cubana. O que Rojas propõe é distinguir a ocupação da ensaística deste “grupo de letrados sin ciudad” em se opor à dissecação política do legado cultural nacional por parte da autoridade revolucionária, demonstrando para isso o quanto alguns pontos essenciais da *cubanía* haviam sido manipulados. Partindo de três significativas comemorações então ocorridas na primeira metade dos anos 90, o centenário da morte de Julián del Casal no ano de 1993, o cinquentenário da revista *Orígenes* em 1994 e o centenário da morte de José Martí em 1995, Rojas demonstra as estratégicas abordagens de ensaístas como Antonio José Ponte, Ernesto Hernández Busto, Víctor Fowler, Pedro Marqués, Rolando

Sánchez Mejías e Iván de la Nuez<sup>124</sup> para, dentre outros movimentos críticos, trazer à tona correntes estéticas e de pensamento que haviam sido propositadamente relegadas ao esquecimento por parte da intelectualidade estabelecida do imaginário histórico teleológico predominante nas últimas décadas. Importante destacar que, com isso, segundo Rojas emergem desde uma tradição niilista da cultura cubana (que poderia ser representada por autores como Julián del Casal, Virgilio Piñera, Lorenzo García Vega, Guillermo Cabrera Infante e Reinaldo Arenas), até interpretações desmascaradoras do uso oficial da poética originista, ou devolutivas da autonomia poética dos textos martianos em contraposição a sua insuflação política e moral<sup>125</sup>.

Tais constatações contribuem ao que então ele propõe como um “patriotismo suave”, ou seja, “un discurso tenue y sensitivo” que assuma a pátria como “superfície” (ROJAS, 1996, p. 47) e que proporcione uma releitura do legado cultural nacional mais propensa a sentir o peso ou a leveza da tradição. Para ilustrar o que entende por “patriotismo suave”, Rojas cita um trecho do ensaio “Un fragmento en las orillas del mundo”, de Iván de la Nuez, e que aqui reproduzimos por trazer uma importante reflexão que aponta para uma possível revalorização dos vínculos estagnados entre a ideia de cultura e a de nação:

Tratamos con el vicio *clásico* de entender las culturas en términos lineales y progresivos, mediante un *continuum* poseedor de los secretos del drama griego: *presentación-nudo-desenlace*. Y con la repetición, no casual, del teatro que la cultura occidental ha construido de sí misma y de las otras. Una operación que nos suscribe a esos modos y nos dibujan con sus signos. La persecución de ese modelo y la necesidad imperiosa de pertenecerle, marcan extraordinariamente la conducta cultural cubana. En correspondencia con un discurso decimonónico que nos induce a percibir la cultura como una moral; con el desplazamiento intelectual que relaciona el concepto de origen y de nación en cualquier otro análisis, como si todo antecedente o subyacencia concurriera inevitablemente hacia éstos, o todo en ellos ya previera o determinara nuestra experiencia del presente. Es allí –y algo anterior a su banalización– donde se provee una cultura sobredeterminada por los criterios fuertes y autocentrados de la identidad nacional... Cuando la

---

<sup>124</sup> Para isso, utilizou-se de ensaios como “La lengua de Virgilio”, “Casal contemporáneo”, “El libro perdido de los originistas” e “Por los años de Orígenes” (Ponte); “Una tragedia en el trópico”, “La república modernista” e “Modernismo, modernidad y liberalismo. La república de Martí” (Hernández Busto); “La reconstrucción del sujeto Casal” (Fowler); “Estertores de Julián del Casal” (Márquez); “Olvidar Orígenes” (Sánchez Mejías); “Un fragmento en las orillas del mundo” (de la Nuez); entre outros.

<sup>125</sup> Essas questões eram retomadas ao longo deste capítulo para alguns aprofundamentos interpretativos.



nación, quizá, ya no sea el refugio privilegiado de nuestra cultura. (NUEZ apud ROJAS, 1996, p. 51, grifos do autor).

Aproveitemos essa citação para comentarmos outro ensaio de Iván de la Nuez aqui também já mencionado e que foi publicado na entrega de número 4/5 (1997) da revista, “El destierro de Calibán - Diáspora de la cultura cubana de los 90 en Europa”. Como vimos, por primeira vez nas páginas da revista um ensaio ocupa seu espaço para discorrer sobre o tema específico da diáspora cubana, partindo da imagem shakespeareana apropriada por Roberto Fernández Retamar, tão difundida principalmente pela esquerda cultural durante os anos 70 e propagada até então pela vertente multiculturalista norte-americana, como bem diz de la Nuez (1997). Mas a proposta do ensaísta é usar outro recurso shakespeareano, o “*envés de la trama*” (NUEZ, 1997, p. 139, grifo do autor), para dedicar-se a imaginar o abandono da ilha por Calibán de regresso à Europa, assim reapropriar-se da metáfora para renegar o arquétipo e pensar a diaspórica cultura cubana.

Algumas reflexões significativas surgem com esta nova imagem que bem pode representar a enorme proporção populacional de cubanos exilados (entre 15 e 20%, segundo o autor) em cidades diversas. A primeira é a constatação fundamental de que “se ha perdido el centro” de difusão da cultura cubana uma vez que havia sido “cancelado el contrato entre cultura nacional (...) y territorio” (idem). Outra, conseqüente da anterior, é a ideia de perda de exclusividade de cidades como Havana e Miami como produtores mais importantes de cultura cubana, que teriam passado a “operar como espacios centrífugos desde los cuales se escapa la ‘cubanidad’”, já que havia sido “abierta una extensión de espacios productores de cultura con raíces o aristas cubanas, desplazadas desde los antiguos núcleos y opuestas, muchas veces, a la determinación territorial de éstos” (id.). Além disso, de la Nuez identifica ainda um “malestar generalizado de la cultura cubana” (ibidem, p. 142) cuja maior responsabilidade estaria na maneira como a Revolução estabeleceu uma determinada ideia de cultura:

Reconozcámoslo, la Revolución universaliza la cultura cubana hasta un punto en que esta cultura se cree *la* universalización. Esa vanidad es el núcleo perverso del nacionalismo: comienza a merodear tanto en *su* problema que éste, muy pronto, se convierte en *el* problema. Se intoxica tanto de *su* mundo,

que éste se le convierte en *el mundo* (...). (NUEZ, 1997, p. 143, grifos do autor).

Ainda que não use a expressão “necropolítica”<sup>126</sup>, ele reconhece na imposição de uma constante referência à morte, presente nessa ideia de cultura revolucionária tomada por *slogans* como “Independencia o Muerte”, “Patria o Muerte”, “Socialismo o Muerte” e inclusive no refrão do próprio hino nacional cubano “Morir por la Patria es vivir”, um dos fatores definidores do que chama como “era de la fuga generalizada en la cultura y el arte cubanos” (ibid., p. 142). Diante dessa dissolução cultural, “La cultura cubana –y en particular su arte– comienza a experimentar una reconstrucción de su conciencia geográfica” (ibid., p. 139). Ao concluir esse ensaio, de la Nuez evoca a interessante metáfora dos cubanos como “argonautas”, navegantes de um “otro sistema cultural”, para redefinir a identidade cubana diante de uma realidade ineludível:

Si todo lo anterior fuera mínimamente posible, estos cubanos que habitan en el territorio del éxodo y del viaje, en el envés de la trama del Calibán insular, navegarán como argonautas de otro sistema cultural, cubano y posnacional, insular y transterritorial, cuyo arte consistiría en activar la fuga como un modo diferente de vivir y reproducir la cultura, la sociedad y los propios hombres. (Ibid., p. 144).

Algo que podemos destacar desses ensaios de Rafael Rojas e de Iván de la Nuez é uma afinidade de perspectivas conceituais – dentre as quais ressalta a noção de cultura diaspórica de tendência pós-nacional – para suprir de forma mais ajustada o entendimento dos principais fenômenos culturais cubanos sob evidentes efeitos do embate entre o desgastado imaginário revolucionário e as ondas irrefreáveis da globalização. Além disso, é possível também afirmar que tal afinidade vai literalmente de encontro àquele indício acima identificado para orientação editorial da revista, e que cuida da disposição de “saúde” da cultura cubana, perceptível tanto naquilo que Rafael Rojas (1996) anuncia como falta de consciência da corporeidade da comunidade cubana de letrados sem cidade; como ainda verificável no ensaio de Iván de la Nuez (“malestar generalizado”, NUEZ, 1997, p. 142); tendo sido depois mencionado por Jesús Díaz (“enferma y fragmentada”, DÍAZ, 1998b, p. 4). Também a própria constatação de

---

<sup>126</sup> A mesma ideia voltará a ser tratada no ensaio “Registros de un cuerpo en la intemperie” publicado no número 12/13 (1999), dessa vez já se utilizando dessa expressão.

fragmentação cultural, ao permear tais textos direta ou indiretamente, aponta para esse alinhamento, como subjaz na própria ideia de “letrados sin ciudad” de Rojas e na base diaspórica dos argumentos de de la Nuez.

Questões como essas em seguida voltariam a ser ensaiadas nas páginas da revista. Iván de la Nuez com seu ensaio “Registros de un cuerpo en la intemperie” publicado no número 12/13 (1999), parte de sua própria experiência pessoal na Ilha e depois em sua trajetória no exílio para demonstrar sua “afinidad —desde mis años cubanos— con las formas postnacionales de la cultura contemporánea” (NUEZ, 1999c, p. 124). A imagem da fragmentação cultural é dessa vez trazida por meio da ideia de uma verdadeira explosão localizada temporalmente em 1991, ano de início do que identifica como massiva fuga de cubanos ao exílio:

La cultura cubana ha conocido el estallido de una bomba de tiempo. Se ha astillado en múltiples fragmentos, impensadas aristas, que nos colocan en esa multiplicidad precaria pero fértil que Antonio Vera León ha identificado como una Cuba cubista. Esta especie de Big Bang tiene detonantes globales, y podemos situar el inicio de su cronología en el estallido del Muro de Berlín así como en las inundaciones que a un lado y otro del mundo se han sucedido después de 1989. (Ibidem, p. 125).

Como vemos, apesar do que há de trágico nesse fenômeno, ele não deixa de destacar algo de “fertilidade” no processo (a “Cuba cubista” sugerida por Antonio Vera León), dessa forma convergindo para o que Jesús Díaz também já havia apontado ao verificar uma “extraordinaria fuerza creativa” como “una respuesta a la crisis” e propor a “vocación de encuentro” como uma resposta à fragmentação (DÍAZ, 1998b, p. 4).

Por sua vez, Rafael Rojas, com seu ensaio “Diáspora y literatura - Indicios de una ciudadanía postnacional” também publicado nesse mesmo número 12/13 (1999) de *Encuentro*, propõe para o caso cubano “el nacimiento de otra noción” (ROJAS, 1999, p. 136) com a ideia de cultura pós-nacional, segundo o autor, particularmente estimulada “por el doble hecho de hacer frontera con los Estados Unidos y ser también un país migratorio, construido por inmigrantes y emigrados” (ibid., p. 137). Sua atenção nesse ensaio voltada inicialmente ao hibridismo cultural cubano-americano, sobretudo, para a produção literária (Calvert Casey, Oscar Hijuelos, Virgil Suárez, Cristina García,

Roberto Fernández, Gustavo Pérez Firmat, Antonio Vera León, José Kozler, Orlando González Esteva), sugere que com esse biculturalismo ocorre uma verdadeira “estetización del limbo” (ibid., p. 138), sendo a experiência cubano-americana não somente “la más híbrida de la diáspora por su densidad demográfica, sino por el hecho de transcurrir dentro de una comunidad multiétnica y multinacional por antonomasia” (ibid., p. 139). Ao passar a amplificar sua reflexão sobre a comunidade de cidadãos pós-nacionais e sua produção cultural (literária) para um âmbito mais abrangente em termos globais, Rojas se vale também da imagem da fragmentação: “la cultura cubano-americana es sólo un lugar de la diáspora y no toda o la única diáspora, ya que el término alude, justamente, a un descentramiento, a una atomización traslaticia, a una fragmentación del territorio por medio de la errancia (...)” (ibid., p. 140).

### 2.1.3.3 - Coordenadas cubano-americanas

Outros dois ensaios que nos oferecem algumas considerações que podem nos ajudar para um melhor esclarecimento sobre o alinhamento editorial em torno da noção de cultura nacional presente em *Encuentro*, ambos publicados no mesmo número 14 (1999), são “El doble discurso literario de la extrainsularidad”, de Lourdes Gil, e “Cuba sí, Cuba no - Querencias de la literatura cubano/americana”, de Gustavo Pérez Firmat. No primeiro, ocupado principalmente com os efeitos discursivos impactados pelo processo de acomodação envolvido na produção de cultura desde o exílio cubano, Lourdes Gil procura reacender o significado histórico do pensamento nacional elaborado desde a extraterritorialidade, com particular foco nos Estados Unidos (com destaque a Félix Varela e José Martí). Com isso, e desde um viés mais contemporâneo, resulta a urgência de se “reorganizar el corpus literario cubano” pois “Nuestro discurso ya es otro. Se ha quebrado y rehecho; se ha bifurcado y reencontrado” (GIL, 1999, p. 146). Trazendo referências ao pensamento de Rafael Rojas<sup>127</sup> no que diz respeito à sua preocupação pela discontinuidade espacial e temporal da natureza insular provocada pela polarização discursiva revolucionária depois de 1959, o ensaio de Gil procura observar esse fenômeno desde uma ampliação contextual que abarca transformações geopolíticas no século XX e que influenciaram diretamente na peregrinação de

---

<sup>127</sup> Gil citou o ensaio de Rojas “Viaje a la semilla: Instituciones de la antimodernidad cubana”, incluído no livro dele *Isla sin fin – Contribución a la crítica del nacionalismo cubano* (1998).

escritores. Como consequência, “Las rupturas traumáticas y la transgresión de los espacios geográficos han subvertido las nociones de la cultura y han desestabilizado las fronteras de las literaturas nacionales” (ibidem, p. 148), fato que indubitavelmente terminou por proporcionar o surgimento de uma outra sensibilidade cultural, mais acorde às transformações das coordenadas espaciais:

La cubanía no puede eludir una redefinición dentro de las coordenadas de estas nuevas dimensiones. El disloque territorial y el desajuste histórico de la nación transmutan el entorno y la geografía; la conciencia y la intimidad; el paisaje nativo “rodeado de agua por todas partes” y el paisaje interior, delimitado por esas mismas aguas. Forzosamente, la diáspora nos conduce a una relectura que permita abarcar la (des)configuración del discurso; a replantear la relación elemental entre los espacios: el mítico y el real; el mental y el físico. (GIL, 1999, p. 148).

Ainda diante de toda essa reformulação da subjetividade – e isso nos parece muito relevante para a conclusão trazida pelo ensaio –, de certa forma Lourdes Gil deixa transparecer a mesma “esperanza” que *Encuentro* procurava alimentar desde sua fundação ao acreditar que “el arsenal de códigos primarios insulares prevalece, se afianza y amplía intra y extra territorialmente. La tradición que lo compuso en el tiempo trasciende las adherencias lingüísticas y culturales más recientes” (ibid., p. 153).

Com o ensaio de Gustavo Pérez Firmat, “Cuba sí, Cuba no - Querencias de la literatura cubano/americana”, além de notarmos a cada vez mais manifesta ocupação de ensaios na revista dedicados à literatura, mas que não deixam de incluir a cultura como tema de reflexão, também nos permite adentrar algumas verificações que derivam do hibridismo cultural cubano-americano tratado por Rojas em seus dois ensaios aqui referidos. Com um estilo ensaístico mais solto e por vezes irônico, Pérez Firmat estrutura seu texto através do que ele observa literariamente como embate dialético entre a “tradición cubana del no” (Casal, Piñera, Sarduy, Arenas) e a “tradición cubana del sí” (Guillén, Lezama, Mañach, Vitier) (FIRMAT, 1999, p. 132), assim retomando as perspectivas que, como vimos, também já haviam sido trabalhadas por Ponte e Rojas. Firmat parte dessa identificação para questionar em qual tradição se enquadra a literatura “cubano/americana”<sup>128</sup>, cuidando de brevemente comentar obras de Cristina

---

<sup>128</sup> O autor preferiu não usar a expressão “cubano-americana” por achar que o hífen sugere uma conjunção improvável entre as duas nacionalidades.

García, Oscar Hijuelos, Ricardo Pau-Llosa, Roberto Fernández, Pablo Medina, Virgil Suárez e a produzida pelo próprio autor. Além de verificar que para aquelas escritas em inglês algo de rancor parece sobressair, ele sugere que “Por mucho que insistamos en la índole exterritorial de la cultura cubana, afirmar lo cubano en inglés es ya una tácita negación” (ibidem, p. 134). Firmat ainda toca em uma questão interessante que sem dúvida envolve a produção cultural desde a condição diaspórica: frente aos dilemas do estranhamento e do exotismo aos quais muitos são obrigados a passar quando imersos em outra cultura que não a sua de origem, conclui que “Lo extraño sacude estereotipos; lo exótico es un instrumento de apropiación mediante el cual una cultura se protege contra la extrañeza de culturas ajenas” (FIRMAT, 1999, p. 132), dessa forma reafirmando, para esse caso, a complexidade entre a sensibilidade envolvida na realização da obra e o público a quem ela está dirigida. Curiosamente, sua conclusão diante do embate dialético lançado pelo ensaio para o caso cubano-americano alcança ares de pragmatismo ao propor uma possível “tradición del quizás”:

A la vez mitificadora y nihilista, constructiva y demoleadora, la literatura cubano / americana vacila entre idiomas y culturas. No se decide, no se entrega. Afirma negando, pero niega con ansia de afirmación. A la tradición cubana del no y del sí tal vez haya que sumarle la tradición del tal vez —el acaso cubano, o *the Cuban-American maybe*. (Ibidem, p. 137, grifo do autor).

Ainda dentro deste tema da cultura cubano-americana, um interessante princípio de polêmica se dá com três leituras do livro de Louis A. Pérez Jr., *On Becoming Cuban. Identity, nationality & Culture* (1999), ocorrido com os ensaios “Las amistades peligrosas”, de Velia Cecilia Bobes (Nº 18); “La cultura: ¿clave de los problemas en las relaciones cubanonorteamericanas?”, de Jorge Domínguez; e “Una proeza poco esclarecedora”, de Víctor Batista, estes dois últimos publicados no Nº 20. Por tratar-se de um extenso trabalho de sociologia, o livro de Pérez Jr. gera distintas observações entre esses ensaístas (sendo as de Bobes e Domínguez mais favoráveis e a de Batista mais contrariamente crítica) que não seria o caso de aqui adentrar mais detalhadamente. O que nos interessa desses textos é apenas comentar brevemente algo do que eles podem nos acrescentar acerca da ideia de cultura em questão, agora sob uma ótica mais específica em termos de conceitualização sociológica.

O próprio ensaio de Velia Cecilia Bobes começa procurando se estabelecer por meio de uma definição de cultura que destaca a importância da alteridade, por se tratar de um dos principais eixos do livro:

*On Becoming Cuban* es un libro que trata precisamente de esto: de la importancia del otro en la definición y construcción de la identidad, la nacionalidad y la cultura cubanas; y lo hace bien; exhaustivo hasta el detalle delicioso, se adentra por un camino poco transitado, el de la cultura en su sentido (geertziano) de sistema de significados compartidos y transmitidos a través de símbolos que orientan e informan las prácticas y los sentidos asociados a ellas, a la vez que define los límites y contextos en los cuales se actúa (especialmente en la vida cotidiana). (BOBES, 2000, p. 65).

Assim dando início a suas observações a respeito do caminho proposto por Pérez Jr. para discutir as formas como a cultura cubana adentrou no imaginário norte-americano em termos de “lugar de placer, romance, sensualidad y exotismo” (ibidem, p. 66), sentido este que depois reingressaria de maneira incômoda na narração da própria cubanidade. De acordo com Cecilia Bobes, o livro procura demonstrar a histórica participação dos cubanos na hegemonia do país vizinho, algo que, complementarmente, explicaria a influência norte-americana na formação da identidade nacional cubana desde o momento de sua fundação. Tal hipótese, portanto, permitiria a desconstrução de uma ideia de confrontação permanente (“punto nodal de nuestros discursos identitarios (tanto culturales como políticos)” (idem)) alimentada, sobretudo, pelo “nacionalismo beligerante” (id.) das últimas décadas. O principal ponto de discordância de Bobes sobre as perspectivas analíticas do autor, e ao qual dedica boa parte de seu ensaio, reside no que ela constata em termos de ausência de reflexões mais direcionadas a aspectos políticos e de funcionamento do espaço público envolvidos nos processos identitários, uma vez que, segunda ela,

la nación no sólo cumple la función psicosocial de otorgar a los individuos un principio clasificatorio que los iguala al conjunto de los hombres que comparten su espacio social y los identifica con una tradición cultural, un pasado común y un proyecto de futuro también común, sino que cumple además la función claramente política de dar integración y cohesión a la sociedad y legitimación a un cierto orden. (Ibidem, p. 67).

Já a leitura de Jorge Domínguez com seu ensaio “La cultura: ¿clave de los problemas en las relaciones cubanonorteamericanas?” traz no próprio título uma dúvida que seu autor, em certo sentido complementar ao ensaio de Bobes, procura se ocupar ao inicialmente identificar os principais argumentos do livro de Pérez Jr., para em seguida tentar compreender como tais experiências culturais por ele discutidas terminam por ser politizadas e convergirem ao processo revolucionário no final dos anos 50. Domínguez aponta os seguintes quatro argumentos centrais do livro: no século XIX “Los cubanos optaron por la *americanización* para diferenciarse de la cultura y el poder colonial españoles” (DOMÍNGUEZ, J., 2001, p. 242); depois “Cuba abrazó el proceso de *americanización* como su camino hacia la modernidad” (idem); também o argumento de que “los cubanos tardaron en darse cuenta de que la percepción que de ellos tenían los norteamericanos distaba mucho de ser la que hubieran preferido” (ibid., p. 243) (imagens da Ilha paradisíaca, exótica e primitiva); e finalmente o de que “el proceso de americanización impidió que los cubanos se preparasen para vivir en Cuba” (sobre a penetração do estilo de vida norte-americano e a carência de recursos para eles consumirem de acordo com esse modelo). Dito isso, e após apontar os principais nacionalistas pré-revolucionários responsáveis por setores importantes da administração pública cubana (economia, comunicações, obras públicas) como pessoas próximas culturalmente aos Estados Unidos por terem se formado em universidades deste país, Domínguez afirma, dentre as propostas conclusivas do livro, que o poder da cultura estadunidense (“el ‘poder blando’”) pode resultar “contraproducente para sus intereses generales” pelo que ele gera de ressentimento com tal influência, mas que, no caso de Cuba, tal ressentimento aparenta ser “limitado y reversible” (ibid., p. 247).

Publicado nas páginas da revista logo na sequência ao ensaio de Domínguez, ambos dentro da seção “Miradas polémicas” do mesmo número 20, o ensaio “Una proeza poco esclarecedora”, de Víctor Batista, vai em sentido contrário aos ensaios de Bobes e Domínguez por, basicamente, discordar da “indiferencia para lo autóctono o lo específicamente cubano” (BATISTA, 2001, p. 249) sugerida pelo livro de Pérez Jr.. Para Víctor Batista, a obra deste autor “Parte fundamentalmente de la creencia en la cultura como epifenómeno o reflejo de una infraestructura económica y política” (ibidem, p. 250), dessa forma criticando sua visão “funcional” da cultura que se ocupa a compreender o nível ou o estilo de vida norte-americano e seus efeitos consumistas



como algo equivalente à própria ideia de cultura. Ele procura tecer críticas à análise do livro que enxerga, como consequência da crise política e econômica republicana dos anos 50, “un fuerte sentimiento de auto-afirmación nacional” (ibid., p. 252). Segundo Batista, tal proposta atribui mais à “frustración de las expectativas económicas” do que “a la corrupción o a la tiranía política” (idem) da ditadura batistiana a causa do nacionalismo que levou à Revolução. Seja no âmbito das elites como das classes populares, Víctor Batista acredita que

La forja de una conciencia común que aspire a una nacionalidad plena, enriqueciéndose con la incorporación de elementos en principio marginales o dispares, no responde a esquemas políticos determinados. La cultura cubana, en fin, ha sido mucho más autónoma y su relación con lo social, económico o político más compleja que lo que el autor sugiere. (BATISTA, 2001, p. 252).

#### 2.1.3.4 - Cultura e esperança

Como vimos, este nosso exercício procurou analisar a ideia de cultura que transitou por entre diferentes noções, abordagens e argumentos suscitados por alguns ensaios publicados nas páginas da revista, relacionando-os. Mais do que encontrar pontos em comum, é interessante concluir que foram observados elementos complementares nas formas de compreensão daquilo que poderia ser visto como a base estrutural do “espaço cultural *Encuentro*”, ou seja, a própria noção de cultura em si e suas mais importantes características em amplitude e diversidade. Se alguns indícios demonstraram a existência de afinidades entre tais entendimentos, outros implicaram em divergências, ainda que em menor intensidade. De qualquer forma, se mostrou bastante visível o funcionamento de um alinhamento editorial em torno de uma proposta de “cultura democrática”, nesse sentido de abertura à perspectiva da diversidade ou pluralidade, ou daquilo que se amplia a partir do conflitivo e inclusive do polêmico. Se por um lado a convergência de entendimentos sobre a fragmentação da cultura cubana provocou uma intensa inquietação entre os praticantes desse espaço, por outro, a proposta de encontro cultural carregou uma inequívoca esperança de futuro.

Nesse sentido, o ensaio de Antonio Benítez Rojo, “La cultura cubana hacia el nuevo milenio”, trazido também no número 20 em 2001, ao proporcionar um verdadeiro exercício de futurologia sobre os próximos acontecimentos relacionados à sobrevivência

cultural cubana na primeira metade do século XXI, acaba por oferecer um panorama sem dúvida alentador:

me gustaría hacer más las palabras de Fernand Braudel con relación al sistema de la cultura, y éstas son, que de los cuatro sistemas en que podemos estudiar los cambios de los pueblos del mundo —es decir, el político, el social, el económico y el cultural—, el que más se resiste a las transformaciones es el sistema cultural. Esto se comprende enseguida si pensamos que la ley fundamental de la cultura es la conservación de los componentes que entran en su sistema. Si no fuera así, nuestras respectivas identidades estarían no ya en estado flujo —que sin duda ya lo están—, sino en estado de franca turbulencia. Si nos sentimos cubanos es, precisamente, porque el ajiaco es un plato que existe entre nosotros desde el siglo XVI. Así, podemos pensar que por mucho que cambien los escenarios políticos, sociales y económicos de Cuba, tanto el ajiaco como el culto a la Virgen de la Caridad, como la conga, el bolero, la rumba y la coexistencia de la religión católica con las creencias afrocubanas, continuarán presentes en nuestro mapa cultural. (ROJO, 2001, p. 77).

#### **2.1.4 - Ensaio sobre o intelectual cubano**

##### **2.1.4.1 - A revista, o intelectual e a prática do ensaio**

Algumas questões são fundamentais para uma leitura dos perfis de intelectual e das suas funções na sociedade cubana discutidos nas páginas de *Encuentro* e que, sem dúvida, remetem à autoconsciência da publicação enquanto espaço de prática cultural. A primeira é que as revistas culturais ou literárias, ao longo do século XX ocidental, se consolidam significativamente como espaços públicos privilegiados para ações intelectuais e artísticas, verdadeiras plataformas de lançamentos de ideias, tribunas privilegiadas para posicionamentos muitas vezes polêmicos, vitrines luminosas para exposições de obras culturais. A segunda, particularmente no interior da questão anterior, é que as revistas cubanas (em sua ampla definição intra e extrainsular) adquirem uma posição bastante relevante neste processo de consolidação, graças à visibilidade pública alcançada a partir de uma mescla fecunda entre quantidade e qualidade de publicações editoriais, resultante de uma intensa atividade intelectual no âmbito cultural e político; e a terceira, independente (mas não indiferente) ao que há de social e culturalmente trágico envolvido, é que tais publicações cubanas sofrem uma notória potencialização editorial na segunda metade do século com o advento da

Revolução, fossem tais práticas intelectuais dedicadas à sua sustentação, questionamento ou rechaço, mantendo de qualquer forma significativa relevância como referências editoriais latino-americanas.

Como publicação de origem finissecular, também através do ensaísmo *Encuentro* compreende a oportunidade de trazer à discussão um balanço sobre temas políticos-culturais cubanos desde o viés da prática intelectual, sobretudo aqueles que atravessam os anos ocupando anseios por uma questionável sedimentação histórica, mas sem deixar de assumir a difícil perspectiva de voltar-se para o futuro desde um presente crítico. Com essa lógica e levando em conta a proeminência adquirida pelo polêmico embate em torno da figura do intelectual suscitado pelos líderes revolucionários, esse é um importante tema também levantado pela revista que o aproveita para debatê-lo constantemente, seja como forma de desconstrução discursiva, seja como proposta alternativa de configuração de uma função mais acorde com as mudanças implicadas pelo contexto contemporâneo. Essa compreensão traz consigo não apenas a consciência do papel de uma revista como espaço público privilegiado para a prática intelectual e artística, como também a consciência da intensidade protagônica da própria atuação intelectual cubana com suas publicações. Além disso, se mostra como a ocasião propícia para a crítica a um dos aspectos mais contraditórios da política cultural revolucionária, que foi justamente o de estimular o surgimento de revistas culturais e literárias ao passo que cerceava o papel sociocultural do intelectual. Nossa leitura aqui se baseia, portanto, na dupla perspectiva acima aludida (olhos no passado e no futuro), observando por meio de alguns ensaios do *corpus* quais são os caminhos desse processo de reflexão sobre o intelectual e seu papel na sociedade, leitura que seguramente colabora para a melhor compreensão da linha editorial proposta pela revista<sup>129</sup>.

#### 2.1.4.2 - Genealogia do intelectual revolucionário

Dito isso, importante ressaltar que para esse tema é possível verificar em *Encuentro* um claro propósito sobressalente de releitura do passado, sobretudo o revolucionário (ainda que este com alguma frequência em cotejo com o período

---

<sup>129</sup> Alguns textos de outros gêneros, além do ensaio (dossiês, cartas, artigos de opinião principalmente), também foram usados pela revista como suporte para essa discussão e procuraremos a eles nos referir de forma complementar ao nosso interesse principal sobre a produção ensaística.

republicano). Isso poderia ser explicado pela persistência, por mais de meio século, de uma visão restritiva e utilitária sobre a função do intelectual, que se nos anos 60 adquiriu inicialmente um sentido mais bélico como “arma” da Revolução a partir dos dois textos-chave da política cultural revolucionária, “Palabras a los intelectuales” (1961) de Fidel Castro e “El socialismo y el hombre en Cuba” (1965) de Che Guevara, em seguida esse utilitarismo foi direcionado a um sentido apolítico e até antiintelectual radicalizado com o Primer Congreso Nacional de Educación y Cultura, de 1971, e a preponderância da ideia problemática do intelectual orgânico gramsciana. A permanência do regime e de seus preceitos durante tantos anos (fato, inclusive, que engloba o próprio contexto de todo o período de publicação da revista), justificaria, portanto, uma releitura dos principais fundamentos desses preceitos e seus ecos no contexto da revista, sendo o questionamento da função do intelectual cubano na Ilha um estratégico objetivo de *Encuentro*.

Desde seus números iniciais *Encuentro* dá sinais de como levaria adiante tal objetivo, sendo os aqui já comentados textos “Carta abierta a los escritores cubanos”, de Rolando Sánchez Mejías; “Ser (o no ser) intelectual en Cuba”, de Abel Prieto (ambos publicados no Nº 1); e “Carta abierta. Ser intelectual en Cuba: ficción (o realidad)”, de Ricardo Alberto Pérez e Rolando Sánchez Mejías (Nº 2), bons (e polêmicos) exemplos. Outro exemplo interessante vem na entrega de número 16/17, com o também já aludido Dossier *Encuentro* en LASA 2000, ocorrido em março desse ano. Com o título de “Los intelectuales y la democracia en Cuba”, como vimos a revista organizou uma mesa no congresso da Latin American Studies Association (LASA) que contou com as presenças de dois estrangeiros colaboradores da revista, o espanhol Ignacio Sotelo e o mexicano Carlos Monsiváis, além de participantes da equipe editorial, Rafael Rojas, Marifeli Pérez-Stable e Jesús Díaz, publicando nesse número suas respectivas intervenções<sup>130</sup>.

---

<sup>130</sup> A publicação posterior dos textos dessas intervenções poderia problematizá-los em termos genéricos, uma vez que ao terem inicialmente servidos como apresentações de conferências orais, ou seja, lidos para um público, eles flexibilizaram um sentido mais rígido de ensaio que poderia pressupor um tipo de reflexão escrita direcionada à leitura individual. Mas a caracterização mais importante que nos orientou para uma definição de tais textos como ensaios ou não foram suas próprias marcas internas em termos de enunciação subjetiva, estando o de Carlos Monsiváis num extremo de distanciamento da experiência pessoal de um sujeito enunciador ao ser escrito em terceira pessoa, e o de Jesús Díaz (“El fin de otra ilusión”) em outro extremo ao intensificar o acento íntimo da voz em primeira pessoa ao ponto de o texto se aproximar mais de uma memória (identificação que o mesmo autor afirma em algumas passagens). Já os textos de Ignacio Sotelo e Rafael Rojas, por estarem voltados a refletir sobre o valor daquilo que discutiram desde um enunciado subjetivo, ambos mais centrados no conteúdo, permitiram seus enquadramentos no interior de uma caracterização mais clássica de ensaio.

Dentre eles, o texto de Monsiváis, “La Revolución Cubana: los años del consenso”, chama a atenção por descrever a gradual mudança da imagem revolucionária de intelectual combativo para a de uma ideia sectária de antiintelectualismo.

Um dos momentos em que esse objetivo da revista alcança um significativo nível simbólico é com o número 43 (2006/2007), ao publicar dois materiais importantes envolvendo intelectuais cubanos. Um deles é o Especial “1961: Palabras de los intelectuales” que traz reveladores fragmentos da transcrição de uma das reuniões ocorridas em junho de 1961 na Biblioteca Nacional em Havana, publicada sob o título de “Encuentro de los intelectuales cubanos con Fidel Castro”, além de artigos de Manuel Díaz Martínez (“La pistola sobre la mesa”), Rafael Rojas (“Confesión de timidez”) e Antonio José Ponte (“Una reunión de miedo”), e uma compilação de textos publicados em livros ou pela imprensa de alguns importantes testemunhos de intelectuais como Guillermo Cabrera Infante, Alfredo Guevara, Lisandro Otero, Heberto Padilla, Carlos Franqui, entre outros. Apesar de aqui não nos ocuparmos diretamente desse material que comprova a maneira impositiva e intimidadora de como foram lançados alguns pressupostos cruciais da política cultural revolucionária, parece-nos relevante frisar o seu significado emblemático para uma compreensão da perspectiva questionadora por parte de *Encuentro* sobre as restrições de liberdade crítica dos intelectuais e artistas, propondo uma ressignificação discursiva a partir da “sobreescrita” de “Palabras de los intelectuales” a “Palabras a los intelectuales”. O outro material especial publicado nesse mesmo número 43, “2007: Contra los censores”, traz um conjunto de declarações de intelectuais e artistas cubanos protestando contra o ressurgimento público de figuras repressoras do regime aos meios culturais nos anos 60 e 70 (dentre eles o então temido Luis Pavón). Com fragmentos de textos com opiniões indignadas de residentes na Ilha como Desiderio Navarro, Antón Arrufat, Ena Lucía Portela, Reina María Rodríguez, Víctor Fowler, Wendy Guerra; ou no exterior como Jorge Luis Arcos, Eliseo Alberto, Amir Valle, entre outros, esse material adquire uma interessante função complementar ao Especial anterior por revelar um estado atualizado da situação sociocultural do intelectual em Cuba em termos de responsabilidade crítica<sup>131</sup>.

---

<sup>131</sup> Também de forma complementar, ver ainda os textos sobre a atividade intelectual cubana nos Estados Unidos publicados no Nº 15 (1999/2000) dentro do dossiê Cuba, 170 años de presencia en Estados Unidos: “Prólogo a un exilio prolongado”, de Mons. Carlos Manuel de Céspedes; “Martí en las entrañas

Mas voltando ao anteriormente referido Dossier Encuentro en LASA 2000, há nele um ensaio de Rafael Rojas “El intelectual y la revolución - Contrapunteo cubano del nihilismo y el civismo” que nos estimula a fazer alguns comentários. Como diz o próprio subtítulo, ele procura reforçar o traçado de uma tradição niilista da cultura cubana que, como vimos, já havia sido sugerido por Rojas na revista em “La relectura de la nación” (publicado no Nº 1). Por meio de uma visão diacrônica que vai desde os anos românticos de José María Heredia, de poemas de Juan Clemente Zenea, Gertrudis Gómez de Avellaneda, Juana Borrero e Julián del Casal, passando pela primeira época republicana com Regino Boti e José Manuel Poveda ou com alguns romances de Jesús Castellanos e Carlos Loveira, para chegar até as duas últimas décadas pré-revolucionárias (época em que “la frustración política de los intelectuales alcanzó los enunciados más sombríos” (ROJAS, 2000c, p. 82)) com José Lezama Lima, com Virgilio Piñera, José Rodríguez Feo e a revista *Ciclón*; Rafael Rojas desenreda um vasto percurso que, de acordo com ele, comprova a existência secular de uma perspectiva niilista, melancólica, decadente, de “repulsión con que el intelectual se asomaba al terreno político” (idem). Ainda que sem duvidar do perfil de alguns escritores públicos como Ramiro Guerra e Francisco Ichaso, reconhece que “entre todos ellos, los dos más refinados, los más cercanos a nuestra inconstante versión del Gran Estilo, Ortiz y Mañach, siempre oscilaron entre civismo y nihilismo” (ibidem, p. 85).

Tal percurso tem um propósito bastante evidente: apontar que o “vaivén entre ilusión y desencanto” (id.) acumulado ao longo dos anos republicanos foi o legado moral que recebeu a geração dos anos 50 formada por intelectuais como “Guillermo Cabrera Infante y Severo Sarduy, Heberto Padilla y Roberto Fernández Retamar, Antón Arrufat y Pablo Armando Fernández, Lisandro Otero y Edmundo Desnoes, Ambrosio Fornet y César López” (id.), para sobre o final desse percurso, concluir: “Sólo a partir de la larga incubación del nihilismo y de la ausencia de un imaginario cívico puede explicarse la entrega mística de aquellos intelectuales a ese orden revolucionario que se construyó, al vapor, entre 1959 y 1961” (ibidem, p. 86), entrega a que não se abstiveram sequer Ortiz e Lezama. Interessante esse raciocínio de Rojas para nele encontrar a

---

del monstruo”, de Rafael Rojas; “El lugar de la escritura”, de William Luis; “De Mariel a los balseros”, de Carlos Victoria; e o aqui já comentado “La apropiación de la lejanía”, de Lourdes Gil.

justificativa da adesão desses intelectuais e de seus serviços ao arrebatamento revolucionário, ou seja, uma dedicação movida mais por um processo de expiação pela culpa de um niilismo ou pela falta de uma vocação cívica do que pelo assomo convicto ao novo regime. E mais, a partir dessa constatação e adentrando aos primeiros anos do regime revolucionário, Rojas identifica que todo o despotismo exercido pela nova elite no poder sobre a atividade de escritores e artistas esteve baseado “en la infernal y persistente dialéctica entre el apoliticismo de los intelectuales y el antiintelectualismo de los políticos”<sup>132</sup> (ibid., p. 87).

De certa forma, em um sentido complementar a esse ensaio e ampliando sua abordagem crítica da história das relações entre a Revolução cubana e os intelectuais<sup>133</sup>, mais tarde ele tem publicado outro ensaio, “Anatomía del entusiasmo - La Revolución como espectáculo de ideas” no número 45/46 (2007) da revista, agora cuidando de observar tais relações desde uma ótica mais expandida ao incluir as diferentes posturas de alguns intelectuais de esquerda latino-americanos, europeus e norte-americanos. Partindo da mesma oscilação entre o entusiasmo e o desencanto também proporcionado pela Revolução Cubana ao pensamento ocidental, algumas de suas observações iniciais incluem intelectuais como Régis Debray, Michael Löwy, Roque Dalton, Pablo Neruda, Simone de Beauvoir, Hans Magnus Enzensberger, Allen Ginsberg, Jorge Edwards e Oscar Lewis, para em seguida deter-se como base argumentativa do texto em algumas ideias de Jean-Paul Sartre e Charles Wright Mills sobre o processo cubano. Entre essas principais observações de Rojas que nos parecem importantes destacar, está a da paradoxal capitalização simbólica envolvida pelas relações da esquerda ocidental com Cuba, algo que, ao estimular a valorização de “símbolos turísticos, sexuales, religiosos y revolucionarios como atributos de una comunidad políticamente alternativa”,

---

<sup>132</sup> Ideia inspirada por sua leitura de Norberto Bobbio, *La elección y la duda. Intelectuales y poder en la sociedad contemporánea* (1998).

<sup>133</sup> Algumas particularidades do trabalho crítico de Rafael Rojas fazem com que seus ensaios sejam de significativa relevância para nossa pesquisa. Além de ele ter se especializado em temas ligados à história intelectual e cultural cubana, com particular atenção à literatura, sua extensa colaboração com *Encuentro* (por ele dirigida entre 2002 e 2006) do primeiro ao último número o levou a ser um dos maiores participantes da revista (cerca de 50 colaborações textuais assinadas, sendo 15 ensaios, e tendo ainda 7 livros de sua autoria resenhados na seção “Buena Letra”). Também 6 ensaios seus por ela publicados foram depois incluídos no livro *Tumbas sin sosiego – Revolución, disidencia y exilio del intelectual cubano* (Prêmio Anagrama de Ensaio 2006). Diante disso, é possível identificar uma importante relação entre seu pensamento e a política editorial de *Encuentro*, algo comentado pelo próprio autor em entrevista por nós realizada (ROJAS, 2021).

terminaram por resultar “muchas veces amenazantes para el poder insular, ya que cuestionan su andamiaje de estereotipos” (ROJAS, 2007, p. 4).

Rojas procura mostrar como alguns conceitos de Sartre (por sua vez influenciados por Frantz Fanon) em torno da ideia de descolonização, como, por exemplo, os de alienação e vanguarda, influenciariam diretamente o Che Guevara de “El socialismo y el hombre en Cuba”: “Ya en la conversación de Sartre con los intelectuales cubanos, a inicios del 60, aparecían casi todos aquellos temas abordados en *El socialismo y el hombre en Cuba*”, dentre os quais Rojas procura destacar alguns como “la alienación, la ‘jaula invisible de la ley del valor’, el compromiso, la crítica del ‘realismo socialista’, la descolonización, el racismo, Argelia...” (ibid., p. 8). Além disso, parte do ensaio é dedicada a discutir o quanto a noção de subdesenvolvimento também foi outra das ideias que chamaram a atenção da esquerda internacional a partir da experiência revolucionária cubana, com destaque para o desenvolvimento crítico sociológico de Wright Mills desde a academia norte-americana. Segundo Rojas, além de Wright Mills dar “voz a los dirigentes cubanos dentro de la opinión pública norte-americana” (ibid., p. 10), seus argumentos sobre a noção de subdesenvolvimento permearam tanto os debates ideológicos sobre a Revolução Cubana na América Latina como, sobretudo, os que se deram no interior da própria cultura cubana.

E é a partir dessa espécie de genealogia ideológica e de conceitos que o ensaio de Rojas nos ajuda a compreender melhor como se deram algumas assimilações, adaptações, contraposições, refutações ou deturpações por parte da intelectualidade insular em relação aos pensamentos, sentimentos e expectativas internacionais, fatos que seguramente influenciaram a transformação da função social e cultural do intelectual dentro da Revolução no decorrer dos anos. O mesmo ensaio nos traz alguns exemplos, como os do romance *Memorias del subdesarrollo* (1965), de Edmundo Desnoes, ou do filme homônimo (1967) de Tomás Gutiérrez Alea, em cujos discursos “reaparecían no pocos tópicos de la tradición intelectual ilustrada, liberal, positivista y eugenésica que, desde Europa, había identificado el mundo latinoamericano con la barbarie” (ibid., p. 10-11); também o da posição de Ambrosio Fornet frente às vanguardas ocidentais com seu ensaio “El intelectual y la Revolución” (1968) apresentado no Congreso Cultural, em que ele apontava a contradição de serem “socialistas cubanos” e se manterem aferrados à produção cultural do ocidente, cabendo



portanto a eles serem algo mais do que simples porta-vozes da esquerda ocidental; e finalmente o do ensaio de Roberto Fernández Retamar, *Calibán* (1971), onde, de acordo com Rojas, Retamar previu que o bárbaro então “podrá mirar su entorno antillano y latinoamericano sin sentirse amenazado por una identidad subdesarrollada que cree haber dejado atrás” (ibid., p. 13). A conclusão deste ensaio de Rafael Rojas poderia, portanto, ser resumida com este seguinte trecho:

Entre 1968 e 1971, esa opción, la de un humanismo occidental descolonizador, sería cancelada en Cuba por la inserción de la Isla en el bloque soviético de la Guerra Fría. Desarrollarse y descolonizarse implicará, entonces, romper con el humanismo occidental y con la izquierda democrática del primer mundo. (Idem).

#### 2.1.4.3 - Intelectual dogmático, intelectual crítico, antiintelectual

Alguns textos publicados na revista anteriormente ao de Rojas já traziam essa discussão sobre as mudanças sofridas pelas posturas dos intelectuais cubanos e dos intelectuais estrangeiros de esquerda com a Revolução. Um deles é o inusual ensaio trazido no número 40 (2006), “Caja negra de la fiesta - Fragmentos de *La fiesta vigilada*”<sup>134</sup>, de Antonio José Ponte, em que o futuro diretor de *Encuentro* relata detalhes curiosos da viagem de Jean-Paul Sartre pela Ilha em 1960. Exemplo de ensaio com “arranque de novela”, como ressaltaria o próprio autor (PONTE, 2007, p. 23)<sup>135</sup>, ao narrar inúmeras situações e compromissos de Sartre e Beauvoir durante esse período de visita, Ponte insere algumas impressões e comentários do francês (fragmentos de “Huracán sobre el azúcar”, incluído em *Sartre visita a Cuba* (La Habana: Ediciones R, 1960)), sob um olhar por vezes irônico ou reprovador do ensaísta cubano, e assim traz elementos que auxiliam a compreender as mudanças que estavam por vir. Dentre tais

<sup>134</sup> Além de “Caja negra de la fiesta”, *Encuentro* também publicou “Un paréntesis de ruinas” (Nº 37/38, 2005), ensaios cujos títulos seriam depois usados para dois capítulos do livro *La fiesta vigilada* (2007).

<sup>135</sup> Como sugeriu Adorno, a “lei formal mais profunda do ensaio é a heresia” (2003, p. 45), e Ponte assume as vezes de herege e se vale do ensaio como forma para provar os domínios da literatura ao procurar com ele dissolver as distinções de gênero, explorando, assim, os limites de sua autonomia estética. Mas, algo que nos parece ainda mais importante do que isso, ao cruzar a prosa do crítico literário com um estilo imagético repleto de metáforas que o aproxima do narrador, tal engenho expande seu sentido contestador para além do literário em termos de linguagem e assim se justifica como verdadeiro subterfúgio de política da escrita, como sugeriu Basile (2009).

comentários, Ponte cita a famosa frase pronunciada no diálogo público de Sartre com os escritores cubanos: “No olviden que los intelectuales no se encuentran jamás felices en ninguna parte” (SARTRE apud PONTE, 2006, p. 56), assim condensando em poucas palavras uma advertência que, como a ela se refere Rojas (2007), a maioria dos intelectuais cubanos não soube ler as entrelinhas e se entregou ao frenesi revolucionário.

Também nos serve de exemplo o ensaio “Radiografía de un desencanto – Carlos Fuentes y a Revolución Cubana”, da ensaísta espanhola Ana Pellicer Vázquez (Nº 41/42), em que através de um ensaio convencional, mais esquemático no sentido acadêmico, ela narra o percurso da relação do escritor mexicano com o processo revolucionário. Com isso, Pellicer Vázquez aproveita para delimitar os desencontros entre um tipo de intelectual independente e individualista, mais voltado ao que tanto Fuentes como Mario Vargas Llosa entendiam como liberdade de uma função crítica permanente, e o perfil de intelectual dogmático, com uma visão mais unívoca, que aos poucos foi sendo implantado pelo regime sob crescente orientação ideológica marxista. Para ilustrar a nova exigência cubana por um novo compromisso intelectual, em que “el intelectual nominal y el intelectual funcional deben ser, por fin, la misma persona” (VÁZQUEZ, 2006, p. 262), vale aqui citar o trecho trazido por ela da participação de Roberto Fernández Retamar na mesa redonda “El intelectual y la sociedad”, publicado pela revista *Casa de las Américas* em 1969 (Nº 56):

El intelectual que cumple o cree cumplir una ‘función crítica permanente’ en el seno de la sociedad capitalista, se considera idealmente desvinculado de su sociedad: en la práctica, permanece con frecuencia integrado al sistema, que lo retiene y usa a través de sus editoriales, revistas, incluso, en algunos casos, premios, cargos, etc. Su crítica suele ser meramente ideal, suele carecer de eficacia práctica. (RETAMAR apud VÁZQUEZ, 2006, p. 262).

Outro exemplo de ensaio, ocupado com o propósito de *Encuentro* de releitura do passado em prol de uma desconstrução do discurso revolucionário, ilustra bem esse perfil de intelectual gramsciano<sup>136</sup> aludido até aqui. “Antiintelectualismo y género

---

<sup>136</sup> Recordemos, com a ajuda de Edward W. Said, algo do que propunha Antonio Gramsci em seus *Cadernos do cárcere*: “all men are intellectuals, one could therefore say: but not all men have in society the function of intellectuals” (GRAMSCI apud SAID, 1996, p. 3). Said assim resumiu a divisão de Gramsci entre “tradicional intellectuals” (professores, padres, administradores) e “organic intellectuals”: “Gramsci believed that organic intellectuals are actively involved in society, that is, they constantly struggle to change minds and expand markets; unlike teachers and priests, who seem more or less to

policial en Cuba”, de Daylet Domínguez (cubana então doutoranda da Universidade de Princeton), é publicado na última entrega da revista (Nº 53/54, 2009) e se baseia na demonstração de como o gênero do romance policial foi sendo incentivado pela política cultural radicalizante dos princípios dos anos 70 junto à intensificação do discurso antiintelectual. Para a pesquisadora, “el género policial en la década del 70 aspiró a resolver varias tensiones con respecto al lugar del intelectual y su relación con el poder” (DOMÍNGUEZ, D., 2009, p. 206), ao pôr em discussão o protagonismo do escritor e do artista como figuras centrais da produção cultural, idealizados como representantes de consciência crítica e caracterizados como grupo de poder. Ao estimular a imagem do investigador policial como materialização do conceito gramsciano de intelectual, ou seja, a de um novo protagonista mais próximo organicamente do povo, a adoção do gênero do romance policial buscava aproximar a arte da massa, resolvendo assim a problemática reserva entre o escritor e o público, ao mesmo tempo em que incentivava o surgimento de novos escritores fiéis ao ideal revolucionário e a estética do compromisso que então se pleiteava. Com isso, estabelecia-se uma vertente antiintelectual que, ao intervir diretamente no debate sobre vanguardismo e realismo, surgia dentro do próprio grupo intelectual e questionava a autonomia dos escritores e artistas em relação aos poderes oficiais. Nas palavras de Domínguez:

El antiintelectualismo se oponía al concepto de intelectual como grupo de poder, al intelectual como conciencia crítica de la sociedad, y rechazaba la concepción del escritor y del artista como seres excepcionales. En este sentido, se proponía la proletarización y sociabilización de la figura del intelectual exaltando tanto el compromiso de la obra como el compromiso del autor. Frente a la categoría tradicional de intelectual, el movimiento antiintelectual apostó por las nociones de intelectual revolucionario, intelectual orgánico, escritor revolucionario, escritor funcional y escritor operativo. La Revolución Cubana, en su papel de fundadora de nuevas discursividades, utilizó la retórica del intelectual revolucionario para desacelerar la oposición entre las categorías de letrado y militante, homologar ambas nociones y terminar absorbiendo la figura del escritor/artista dentro de las fuerzas políticas. (Idem).

---

remain in place, doing the same kind of work year in year out, organic intellectuals are always on the move, on the make” (SAID, 1996, p. 4).

Essas referências acima que se dedicam a discutir as transformações do papel do intelectual na sociedade ocorridas ao longo do processo revolucionário, além de exporem a intensa preocupação da revista em desfazer a imagem predominante do intelectual cubano na Ilha, sem dúvida possibilitam simultaneamente a abertura do imaginário cultural para a visualização de outros perfis que incluam a condição diaspórica.

#### **2.1.4.4 - Entre a representação, a memória e a responsabilidade**

Como dissemos anteriormente, ao mesmo tempo em que *Encuentro* procura analisar essa “retórica do intelectual revolucionário” (id.), como foi possível observar através dos ensaios que vimos até aqui, a revista também está ocupada em trazer reflexões mais contemporâneas ao seu contexto de atuação<sup>137</sup>. Como espaço intelectual, artístico, político e fundamentalmente público, dedicado à prática de uma cultura com visíveis marcas diaspóricas, reiteramos que *Encuentro* se mostrou atenta às implicações de perspectivas críticas que buscassem uma melhor compreensão das transformações geopolíticas da virada do milênio e das conseqüentes rupturas que influenciaram na peregrinação de escritores. No momento do surgimento da revista, a cultura cubana há décadas estava submetida ao regime autoritário e o conseqüente esgotamento da atividade intelectual na Ilha, em seu sentido de intervenção na esfera pública com opiniões e ideias críticas. Tal exaustão, proporcionada pela rigidez do perfil intelectual revolucionário sob engessados moldes marxistas, não havia a eles deixado alternativa a não ser a obediência, a oposição ou o exílio<sup>138</sup> (ROJAS, 2006).

Nesse sentido, parece-nos acertada a proposição de Rafael Rojas em ressaltar os vínculos entre a figura do intelectual, sua responsabilidade e o que ele sugere como “política de la memoria”. No livro *Tumbas sin sosiego* (2006), ao assumir que o arquétipo do intelectual foi o que sofreu as maiores relocalizações na cultura contemporânea, ele procura basear suas observações acerca do papel do escritor na

---

<sup>137</sup> Como sabemos, as primeiras entregas de *Encuentro* aconteceram durante a intensificação do embargo econômico com a Lei Helms-Burton (1996) e os últimos anos oficiais decretados pelo governo cubano para o Período Especial em Tempos de Paz (1991-1999).

<sup>138</sup> Ver o melancólico testemunho desde Havana de Ángel Santiesteban-Prats, em “La generación extraviada” (*Encuentro*, Nº 51/52, 2009), sobre os destinos de muitos de seus amigos escritores que se ocuparam com a literatura a partir dos anos 80.

Modernidade levando em consideração as ligações entre “la representación, la memoria y la responsabilidad” (ROJAS, 2006, p. 33), com diferentes dilemas em torno da suas relevâncias em cada determinado contexto, mas sem dúvida sempre conservando seu aspecto de projeção pública. No caso cubano, observando o papel do intelectual que se mantém na Ilha e pensando-o para além da criação de sentido de suas práticas poéticas, em termos de produção pública de opiniões e ideias sua postura não tem escolha a não ser apoiar acriticamente o regime revolucionário ou respaldá-lo de maneira restritamente crítica. Para Rojas (2006), em Cuba o intelectual plenamente crítico ou está na marginalidade, ou na dissidência, ou no presídio, cabendo aos que pretendem fazer uso da crítica ao sistema revolucionário recorrerem, como recurso discursivo, “a un código de mensajes indirectos, ambiguos o, al menos, polisémicos, que abusa de la alegoría, el símil y la paráfrasis” (ibidem, p. 39), fato que o leva a interpretar o enorme exílio de intelectuais cubanos nas últimas décadas como um “fenómeno de liberación narrativa” (id.).

É possível notar que alguns ensaios trazidos por *Encuentro* são hábeis em apontar que, entre os escritores que naquele momento influenciavam direta ou indiretamente a política cultural do regime, havia um reconhecimento do desgaste retórico revolucionário e das limitações críticas impostas à prática intelectual. O próprio Rojas, em seu ensaio “Los nudos de la memoria - Cultura, reconciliación y democracia en Cuba” publicado no número 32 (2004), identifica uma mudança discursiva estratégica por parte de alguns significativos escritores:

En la última década se ha producido un notable desplazamiento del viejo tópico del “intelectual y la revolución” hacia otras zonas más complejas de asunción del compromiso ideológico y la crítica pública que no recurren a la tradicional identidad entre la sociedad civil y el Estado. Varios escritores cubanos residentes en la Isla (Ambrosio Fornet, Leonardo Padura, Arturo Arango, Rafael Hernández, Desiderio Navarro) se han acercado al tema por medio de un sutil abandono de la función del intelectual, en tanto sujeto plenamente adscrito a los aparatos ideológicos del Estado, y de una recuperación cuidadosa del rol de “conciencia crítica” en la sociedad civil. Estos autores articulan un nuevo discurso de la autonomía intelectual, inscrito generalmente en una concepción gramsciana de la sociedad civil, que cuestiona el vínculo simbólico entre los intelectuales y la Revolución y

acentúa el deslinde entre la crítica pública y la ideología estatal. (ROJAS, 2004, p. 100).<sup>139</sup>

Por essa mesma linha de readaptação de política cultural e conseqüentemente discursiva, poderíamos novamente lembrar a introdução ao debate canônico de alguns escritores cubanos diaspóricos por parte de Ambrosio Fornet em *La Gaceta de Cuba* a partir de 1993.

Também expandindo em termos políticos esse tema, o sociólogo cubano Haroldo Dilla Alfonso tem publicado em *Encuentro* um ensaio esclarecedor no que se refere a uma reconfiguração de espaço crítico no interior da atividade intelectual, “Los socialistas cubanos y el síndrome de la mujer barbuda”, trazido no número 51/52 (2009). Suas reflexões partem da constatação da existência de uma “franja crítica” entre o sistema revolucionário e sua oposição dentro da Ilha, cujos componentes transitam ideologicamente entre a esquerda e a direita, e que abarca importantes porções do Partido Comunista. Dilla Alfonso identifica nessa franja a possibilidade de existência de uma “crítica socialista interna en Cuba” (ALFONSO, 2009, p. 56), procurando assim compreender por que não amadurece uma esquerda intelectual crítica no país. Alguns importantes exemplos de projetos político e intelectuais de esquerda “reprimidos con algo más que *violencia simbólica*” (ibidem, p. 57, grifo do autor) servem de base para suas reflexões, como, por exemplo, o caso da revista *Pensamiento Crítico* (1967-1971)<sup>140</sup>, o do Centro de Estudios sobre América – CEA (1990-1996)<sup>141</sup> e, mais

---

<sup>139</sup> No artigo “Cuba y los intelectuales: una reflexión necesaria” trazido pela revista em seu número 3 (1996/1997), Enrico Mario Santí já havia opinado sobre a importância de se rediscutir a responsabilidade do intelectual cubano em termos de reconfiguração da sociedade civil: “La mejor respuesta a las llamadas ‘Palabras a los Intelectuales’, cuyos 35 años el Ministro Hart acaba de celebrar hace dos semanas, con bombos y platillos, en La Habana, es la respuesta solitaria, el testimonio honesto, que cada uno de nosotros pueda dar de lo que ‘dentro de la revolución’ llegó verdaderamente a significar. Hacerlo supone no sólo un acto de constitución del sujeto histórico cubano, su reintegración moral después de un holocausto, sino la proyección de una cultura política para el próximo milenio: la construcción de una sociedad civil” (SANTÍ, 1996/1997, p. 95).

<sup>140</sup> Lembrando que Jesús Díaz, como nos referimos anteriormente, havia tido uma significativa atuação no Conselho de direção dessa publicação.

<sup>141</sup> Como lembrou o autor, “Este centro fue concebido como una institución de excelencia llamada a facilitar un diálogo calificado entre los departamentos de relaciones internacionales del Partido Comunista (y, en particular, su Departamento América) y las academias latinoamericana y estadounidense. Por ende, desde un principio estaba programada su fuga del paupérrimo pelotón de las Ciencias Sociales cubanas, embargadas por sus vínculos con la academia soviética” (ibid., p. 59-60). Ainda que com alguma diversidade teórica e ideológica, esse centro nunca teve uma projeção programática, afirmando Dilla Alfonso que sua sobrevivência durante esse período confuso do início dos

recentemente, o do grupo de acadêmicos reunidos em torno da figura de Pedro Campos, cujas propostas, que amadureceram a partir do discurso de Fidel Castro na Universidad de La Habana (em 17/11/2005) sobre uma hipotética reversibilidade do socialismo em Cuba, segundo o autor, chegaram a demonstrar um niilismo político e programático (ALFONSO, 2009).

Um dos maiores obstáculos que o ensaio traz para uma projeção autônoma dessa esquerda socialista ao longo dos anos é a reconhecida incapacidade de rompimento com a elite política revolucionária liderada por Fidel Castro. Inclusive, como bem aponta o autor, os recentes projetos como os do CEA e de Pedro Campos esbarraram na ambivalência de procurar mudanças sem comprometer os líderes históricos ou de direcionar suas críticas à burocracia imobilista do “socialismo de Estado” em bancarrota (ALFONSO, 2009). Ao vincular a moral e a política, o regime fundacional havia decretado a “infallibilidad moral da ley” (ibid., p. 58) e fundido num só corpo o legislador e a comunidade, ou seja, criticar o legislador (Fidel e “dentro de la Revolución todo, contra la Revolución nada”) significa criticar a própria comunidade. Quando esse sistema passa a demonstrar sua inviabilidade frente às novas gerações e à crise dos anos 90, Dilla Alfonso reconhece que “la clase política fue lo suficientemente hábil como para tolerar algunos espacios autónomos” (id.), mas a incapacidade dos grupos intelectuais de rompimento com o sistema, “Sea por mimetismo, por instinto de conservación, por pura fe, por conveniencias tácticas o por cualquier otro motivo”<sup>142</sup>, os obrigou a compartilhar com a classe política um ajuste na agenda socialista que chegou a deixá-la irreconhecível (ALFONSO, 2009). Retornando ao aspecto crítico como algo imprescindível tanto para prática intelectual como para a política, Dilla Alfonso acredita que para a esquerda socialista e seus intelectuais a “crítica es la manera más eficaz de evitar tanto la retractación como el arrepentimiento” (ibid., p. 63), e assim poder convencer a sociedade “de que su programa de igualdad, participación, democracia, desarrollo y ambientalismo es la mejor opción cultural” (ibid., p. 64).

---

anos 90 se deu mais por um vazio de políticas, fato que o levou a justificá-la graças a uma “*tolerancia por omisión*” (ibid., p. 60, grifo do autor).

<sup>142</sup> Em um artigo do psicólogo e professor universitário Raudelio Machín, residente em Havana, “La resistencia imaginaria - Notas sobre la crisis de la institución cubana” (*Encuentro*, Nº 20, 2001), é possível reconhecer um testemunho dessa incapacidade.

Passemos, portanto, a dois últimos ensaios selecionados da revista que nos mostram como a discussão avançava em termos de contemporaneidade<sup>143</sup>, de certa forma remetendo aos vínculos entre representação, memória e responsabilidade para a atividade intelectual sugeridos por Rafael Rojas (2006).

Em “Curso y excursio sobre el intelectual cubano” (Nº 50, 2008), desde Miami Emilio Ichikawa nos mostra os parâmetros envolvidos na configuração cultural do artista e do intelectual bem sucedido na sociedade de mercado, trazendo uma imagem que se afasta da ideia de gênio incompreendido, identificando que “el diseño del comportamiento público del creador se ha moderado bastante” (ICHIKAWA, 2008, p. 63) e que isso influenciou o papel do artista e sua função intelectual no espaço público. O vínculo explícito da obra de arte com a política, sobretudo no caso cubano, tornou-se problemático, assim impondo o compartilhamento de uma ética conservadora: “En ningún caso la política ha sido objeto de interés, lo que demuestra la relativa desarticulación entre el ser intelectual (conciencia pública) y el perfil artístico que se va desarrollando en Miami” (ibidem, p. 64). Por outro lado, segundo Ichikawa, curiosamente ao mesmo tempo em que ocorria tal distanciamento das obras artísticas de significados políticos, coube ao artista depurar sua atuação no interior de uma cultura política, ou seja, aproximar-se de um discurso de sustentação da arte com “cierta habilidad civil, diplomática, política”, algo que o ensaísta entende como uma “politización de la creación” (idem):

La mimesis o confusión entre el creador y el político equivalen a la desaparición del intelectual en el sentido clásico, entendido como un artista o escritor que, gracias al prestigio conseguido con su obra, es capaz de opinar en la esfera de lo público, de lo político. Y, específicamente en el caso de

---

<sup>143</sup> De forma complementar, também recomendamos a leitura do artigo de opinião do escritor espanhol Antonio Muñoz Molina, “El artista consentido”, publicado dentro da seção “Textual” do número 33 (2004) e tomado de *El País* (17 de abril de 2004). Ainda que não seja um ensaio, o texto trouxe uma interessante discussão acerca do perfil do intelectual e do artista dentro da sociedade democrática europeia, em termos de benefícios, regalias e até de rentabilidade comercial. Ao traçar algumas breves diferenciações entre os modelos de intelectual espanhol, soviético e norte-americano (“Asombrosamente, el intelectual europeo reúne todos los privilegios del sistema de protección y, a la vez, todos los del liberal, la seguridad soviética sin censura y la libertad norteamericana sin irrelevancia civil y sin la cruda angustia del mercado” (MOLINA, 2004, p. 210)), Muñoz Molina acabou por verificar um curioso paradoxo que nos serve como contraponto ao caso cubano: “El intelectual europeo disfruta de libertades que nadie pone en duda y de privilegios que no están al alcance de la mayoría de sus conciudadanos, pero al mismo tiempo aspira a conservar el aura del rebelde o el profeta y la dignidad del perseguido” (ibidem, p. 211).



Cuba, se han desdibujado las fronteras y perfilado por lo menos dos tendencias:

1. La de nuevos políticos que entienden la política literariamente, periodísticamente, teatralmente, etc.
2. La de los artistas y escritores que entienden el arte y la literatura política, administrativa y diplomáticamente.

No se trata de aquel viejo dictum castrista que, a partir de un “dentro-fuera”, establecía fronteras a la creación. Se trata de la desaparición de la frontera, de la superposición del “dentro” y el “fuera” a nivel de obra y obrador. (Ibidem, p. 65)

Ichikawa assim alerta que a representação de um papel político por parte do intelectual e do artista, em seu amplo sentido de comunicação, mediático e de “celebridade”, implica numa atuação distante da provocação, envolvendo-o numa aparência de correção e de responsabilidade, de “medianía”, que para o ensaísta aponta para uma “situación de franca mediocridad” (ibid., p. 66). E a intelectualização do novo político cubano, por sua vez, acarreta um equivalente prejuízo: “La defensa de la verdad puede dispersar fuerzas o enemistar a un aliado; la autoría y la defensa del prestigio puede conducir al autoritarismo; la consideración de valores vinculados a la información o la erudición puede establecer una escala errada de prestigios” (id.).

Essa discussão lançada por Ichikawa, sem dúvida, traz um importante questionamento acerca do papel tanto do intelectual quanto do político em um almejado futuro processo de democratização cubana. As críticas por ele emitidas a partir de sua experiência desde Miami (“El trueque de funciones es uno de los grandes extravíos de la cultura política cubana de todas estas décadas” (id.)) buscam comprovar o quanto a projeção dessa “medianía” ou “aceptación acrítica” entre os intelectuais traz consigo, politicamente, “una falsa interpretación del pacifismo” (ibidem, p. 69) e uma compreensão mediática e sem profundidade do sentido de “diálogo”, tornando-o um dos “lugares comunes” que encontra o criador cubano nessas circunstâncias (“nuestra discursividad se estanca en la pretensión de balance y en la prudencia” (idem)). Interessante que esse ensaio, ao questionar a prática que prevalece entre intelectuais cubanos exilados em Miami desde uma perspectiva com maior acento naquilo que há de representatividade envolvida, aqui nos serve de contraponto àquela que vemos observando por meio de ensaios ocupados com a desconstrução narrativa revolucionária, de certa forma mais focada no aspecto da memória, ainda que ambas as perspectivas tenham claramente como base de sustentação discursiva a responsabilidade do intelectual frente a cenários tão extremos.

Já o ensaio de Iván de la Nuez, “El hombre nuevo en Berlín”, publicado por *Encuentro* no número 41/42 (2006), faz uso de uma abordagem menos convencional em termos ensaísticos ao mesclar momentos narrativos de experiências pessoais do autor com reflexões mais generalizantes derivadas de tais vivências. Ao se autoidentificar como “hombre nuevo” (ou seja, “aquellos que no tuvimos el ‘pecado original’ del capitalismo” (NUEZ, 2006b, p. 36), como quis vaticinar Che Guevara em *El socialismo y el hombre en Cuba*), o autor critica essa inscrição numa “tradición de seres contruidos” (idem); aponta o anacronismo de uma utopia que acabou por estabelecer esse “hombre nuevo” como “fuera de lugar” (id.), marginalizado quando se tratava de o situar no futuro (“marginalmente latinoamericano, marginalmente comunista, marginalmente poscomunista, marginalmente occidental, marginalmente liberal” (id.)); além de reconhecer o problema existencial de viver como “sujetos incómodos y escrutados”, “simpre bajo sospecha” (id.), marcados dentro do sistema capitalista por seu passado comunista, marcados na diáspora entre seus semelhantes de acordo com seu perfil de exilado (“escorias”, “exilio de terciopelo”, “quedaditos” (ibidem, p. 38)), marcados ao compartilhar “los motivos del orden burgués en términos declamatorios” (id.).

Iván de la Nuez ainda observa o quanto o sentido de utopia foi percebido de maneiras diferentes entre intelectuais do Ocidente (John Reed, Jean-Paul Sartre, Noam Chomsky) em relação aos do mundo comunista, ao pretenderem o próprio comunismo como um paraíso buscado, um sonho, uma fantasia alternativa ao individualismo; enquanto para aqueles que viviam sob o regime comunista ele não era mais do que um paraíso perdido, um pesadelo, uma asfixia pela individualidade (NUEZ, 2006b). Diante disso, com a ajuda das “armas revolucionarias” de “tres pensadores muy útiles para una cultura poscomunista” (ibidem, p. 38) como Paul Lafargue e sua “reivindicación de la ‘pereza’” (ibid., p. 39), Bertrand Russell e sua “vindicación de la ‘ociosidad’” (id.) e Slavoj Žižek e seu reclamo do “goce como factor político” (ibid., p. 43), de la Nuez sugere a persistência na reivindicação do lugar do indivíduo como talvez a única opção para um real sentido da ideia de utopia:

Quizá, lo más significativo de esta condición futura se deba al resurgir de un nuevo tipo de humanismo, pero sin las coartadas que el existencialismo, el marxismo o el liberalismo propusieron para él. Se trata de un humanismo en

el cual la elección y la experiencia prevalecen por encima de la esencia –fija e invariable– con la que suelen teñirse las ideologías que se consideran eternas”. (Ibid., p. 37).

Exercícios como esse de Iván de la Nuez que buscam contribuir com novos rumos humanísticos para as perspectivas de atuação intelectual do cubano, ainda que pontualmente colocados mais em forma sugestiva do que prescritiva, podem ser identificados nos argumentos de alguns dos ensaios aqui abordados, como os de Ichikawa em termos de representatividade, o de Dilla Alfonso no sentido da responsabilidade crítica, ou os de Rojas ocupados com aspectos da memória, se pensarmos sob a própria orientação epistemológica deste último (ROJAS, 2006). Junto aos outros ensaios comentados, observá-los de maneira panorâmica como aqui fizemos sem dúvida resulta em um painel bastante útil para a compreensão da política editorial de *Encuentro* e sua autoconsciência enquanto espaço cultural. Mostra-se de maneira evidente que a revista procura estimular outras perspectivas para a prática de seu espaço, ao dar voz a intelectuais com reflexões críticas sobre seus próprios papéis desde o viés de uma sociedade democrática. Para esse intuito, nada mais simbólico do que propor deslocamentos discursivos como, por exemplo, o trazido com o especial “1961: Palabras de los intelectuales” (Nº 43, 2006/2007). Ao inverter o sentido na linha discursiva estabelecida entre o poder e o intelectual, sustentando a necessidade de se falar possíveis verdades a tal poder e que este a escutasse, a revista assim transmite uma de suas maiores mensagens.

## **2.2 - A dimensão literária**

### **2.2.1 - O ensaio como unidade espacial da revista**

#### **2.2.1.1 - A imaginação estrutural**

Como vimos constatando, nossa proposição para a leitura de *Encuentro* está baseada em reflexões sobre a revista que se mostram mais coerentes com o auxílio de uma perspectiva de análise centrada no espaço como categoria fundamental. Junto a isso, parece-nos interessante experimentar uma aproximação a certa abordagem de

influxo estruturalista – intuito que também viemos sugerindo por meio de alguns comentários anteriores – que não esteja necessariamente pautada por uma atividade analítica estruturalista *stricto sensu*, ou seja, aquela que, como na Linguística Saussuriana, procura se ocupar das noções de estrutura ou de sistema para definir fatos linguísticos; ou, como na perspectiva antropológica trazida por Lévi-Strauss, se mostra interessada pelas análises das relações sociais através de estruturas abstratas simbólicas. Muito menos pretendemos considerar o texto como estrutura sujeita a certas regras ortodoxas ou reduzir o contexto a uma mera referencialidade. A experimentação que propomos, portanto, estaria mais próxima da que Roland Barthes buscou aplicar sobre os estudos literários ou artísticos, sem que propriamente almejemos uma comprovação prática de seus conceitos metodológicos ao objeto revista. Nosso propósito, no sentido barthesiano, estaria mais interessado em uma imaginação estrutural, aquela que contribui para compor um imaginário como modo em que se vive mentalmente a estrutura (BARTHES, 1970).

Tendo isso em vista, algo que pode nos ajudar é a ideia de simulacro como Barthes propõe para se pensar a estrutura: “A estrutura é, pois, de fato, um *simulacro* do objeto, mas um simulacro dirigido, interessado, já que o objeto imitado faz aparecer algo que permanecia invisível, ou, se se preferir, ininteligível no objeto natural” (BARTHES, 1970, p. 51). Acrescenta ainda o crítico francês:

Vê-se, pois, por que é necessário falar de atividade estruturalista: a criação ou a reflexão não são aqui ‘impressão’ original do mundo, mas fabricação verdadeira de um mundo que se assemelha ao primeiro, não para copiá-lo mas para o tornar inteligível. Eis por que se pode dizer que o estruturalismo é essencialmente uma atividade de imitação, e é nesse ponto que não há, a bem dizer, nenhuma diferença *técnica* entre o estruturalismo científico erudito de um lado e a literatura em particular, a arte em geral, de outro lado: ambos vêm de uma *mimesis*, fundada não sobre a analogia das substâncias (como na arte dita realista), mas sobre a das funções (...). (Idem, grifos do autor).

Assim, no interior dessa perspectiva, pensamos ser favorável a preocupação com o funcionamento de um objeto como uma revista cultural, procurando encontrar, na analogia da sua estrutura enquanto simulacro (a revista como espaço cultural) assim como na analogia das funções de suas unidades estruturais (relacionada aos ensaios, como veremos aqui), um modo de análise que nos auxilie com interpretações. Por

exemplo, em termos de procedimento analítico, Barthes sugere basicamente duas operações para uma atividade estruturalista que bem podem ser aproveitáveis para o caso como o de uma revista: “desmontagem” e “arranjo” (ibidem, p. 52), cabendo à primeira desmontar o objeto em fragmentos ou unidades móveis cujas variações em suas configurações estão diretamente relacionadas ao conjunto; e à segunda fixar as regras de associação entre tais unidades no contínuo da composição. Ele ainda chama a atenção para a consciência de que “todas essas unidades (...) só têm existência significativa por suas fronteiras”, sendo elas “que as separam das outras unidades atuais do discurso (...), e também as que as distinguem de outras unidades virtuais, com as quais elas formam uma certa classe (que os linguistas chama de *paradigma*)” (ibid., p. 52-53, grifo do autor). Além disso, a operação de arranjo deve levar em consideração a “submissão a constrangimentos regulares”, ou seja, as recorrências dessas unidades: “é pela volta regular das unidades e das associações de unidades que a obra aparece construída, isto é, dotada de sentido” (ibid., p. 53-54).

De fato, as colocações anteriores nos provocam a transpor tais procedimentos para uma leitura de inspiração “estruturalista” de *Encuentro* como algo complementar a uma leitura sócio-histórica da revista, principalmente se levarmos em consideração sua especificidade de objeto “seriado”, publicado em uma sequência periódica ao longo de um específico intervalo de tempo e, portanto, suscetível diacronicamente a recorrências de suas unidades nesse marco contextual. Ao afirmarmos isso, o que nos interessa é, para além da identificação de quais são as unidades estruturais da revista e de como se comportam sintaticamente em conjunto, destacar sim a função do gênero ensaio (classe/paradigma) como unidade de extrema relevância para o simulacro (estrutura), por sua vez também visto como categoria funcional. Ao estimular uma noção de simulacro, a ideia de uma atividade “estruturalista” aqui nos serve, portanto, como instrumento analítico aberto a que retomemos aquilo que Méndez Rodenas (2000) traz como “imaginação diaspórica”, orientada a “representaciones de la insularidad” através da criação de um “espacio simulacro” que termine por proporcionar uma “Cuba inventada o re-imaginada” (ibidem, p. 50), ocupada, enfim, com o processo de atribuição de sentidos a objetos como uma revista cultural com as características de *Encuentro*.

É preciso esclarecer ainda que, com o que afirmamos acima, nosso intuito não é somente problematizar o lugar do ensaio na revista, mas, sobretudo, discutir o ensaio enquanto unidade espacial da revista, enquanto prática de espaço a partir da enunciação subjetiva de intelectuais e artistas cubanos diaspóricos fazendo uso de uma linguagem crítica e interpretativa fortemente marcada pela relação entre experiência e sentido, voltada para uma discussão sobre a situação da cultura fragmentada de uma comunidade pelo mundo em seu grave presente enunciativo. As anteriores análises iniciadas neste capítulo sobre o ensaísmo praticado por *Encuentro* – ocupadas introdutoriamente com aspectos como o cultural e o intelectual – nos instigam agora ao próximo passo de pensar a revista e o seu conjunto de ensaios em termos de um simulacro, que represente o desejo de pertencimento a uma cultura distanciada de essencialismos e de binarismos ideológicos, aberto a uma imaginação acorde com a necessidade de novas mudanças epistemológicas. Portanto, somos assim provocados a direcionar a análise do *corpus* ensaístico da revista para sustentar tal imaginação, precisando uma estrutura que nos permita pensá-la como *mimesis* ocupada com uma analogia de sua função cultural.

#### **2.2.1.2 - O ensaio e o pensamento: fragmentos em movimento**

Antes é necessário então identificar o ensaio como prática de espaço, como uma unidade espacial estrutural da revista, unidade ocupada como inequívoca fração discursiva provida de alguma função. Como afirmamos anteriormente, o uso do ensaio “movimenta” na publicação reflexões sobre a realidade cubana, muitas vezes polemizando por meio de juízos críticos de intelectuais sobre acontecimentos culturais cruciais ao que aqui propomos como imaginação de outra concepção de nação. Se relembremos a significação de Certeau (1994, p. 201) sobre a noção de “espaço” como um “cruzamento de móveis”, como uma extensão animada pelo “conjunto de movimentos que aí se desdobram”, a ideia de “movimento” assim adquire singular importância para essa prática por “sujeitos históricos”. Com isso em mente, podemos assim buscar visualizar uma noção que se aproxime da definição do ensaio a partir do que nele há de “movimento” de ideias, de deslocamentos de pensamentos e de imagens sobre a extensão espacial de natureza prosaica de uma escrita literária; lembrando que, tão importante quanto, é também pensar o ensaio através de sua essência de liberdade formal, aberta tanto ao hibridismo (“centauro de los géneros” para Alfonso Reyes

(1959, p. 403)) quanto ao pensar em fragmentos sem quaisquer tipos de prejuízo ou de comprometimento de apreensão discursiva.

Interessantes são as reflexões de Adorno sobre esses aspectos do ensaio. Em seu famoso “O ensaio como forma”, além de chegar a afirmar a descontinuidade como algo essencial ao ensaio (“O ensaio pensa em fragmentos, uma vez que a própria realidade é fragmentada; ele encontra sua unidade ao buscá-la através dessas fraturas, e não ao aplinar a realidade fraturada”, ADORNO, 2003, p. 35), Adorno vê como estimulante a observação do movimento interno do ensaio e daquilo que está em jogo quando o compreendemos como um verdadeiro pensamento em marcha:

No ensaio, elementos discretamente separados entre si são reunidos em um todo legível; ele não constrói nenhum andaime ou estrutura. Mas, enquanto configuração, os elementos se cristalizam por seu movimento. Essa configuração é um campo de forças, assim como cada formação do espírito, sob o olhar do ensaio, deve se transformar em um campo de forças. (Ibidem, p. 31)

Essa constatação do ensaio como um “campo de forças” é trazida por Adorno para se referir à maneira como o ensaio se apropria de elementos conceituais para simultaneamente renunciar qualquer certeza absoluta, tendo assim o pensador alemão colocado em relevo a essência utópica do gênero. Ela nos convida a imaginar sua extensão textual como um espaço sujeito a forças proporcionadas pelos conceitos através de seus movimentos, cujos distanciamentos acabam por criar um campo de interação, de atração e repulsão, de choques, ou, por fim, de estabilidade entre pensamentos fragmentados. Assim, ao visualizarmos tal imagem do ensaio como um espaço literário sob influência de forças conceituais, sustentamos uma compreensão de sua função propulsora de ideias para o conjunto estrutural da revista, uma unidade singular que, ainda que não aplicada para a construção de qualquer “andaime ou estrutura” como diz Adorno (idem), termina por criar um campo vigoroso que sem dúvida serve como uma das principais fontes impulsionadoras de forças discursivas.

Conseguimos encontrar em outras abordagens mais recentes de estudos sobre o ensaio algumas significativas relações com a compreensão anterior de Adorno. Por exemplo, Beatriz Sarlo, em seu ensaio “Del otro lado del horizonte”, nos traz uma curiosa analogia para tratar da importância do movimento para a configuração da forma do ensaio:

El ensayista no dice lo que ya sabe sino que hace (muestra) lo que va sabiendo, sobre todo indica lo que todavía no sabe. En el ensayo se dibuja un movimiento más que un lugar alcanzado. Como la flecha del arquero zen, el ensayo es el trayecto más [que] dar en un blanco. Pero, a diferencia de la flecha, el movimiento discurre en varias direcciones, exploratorio, muchas veces incierto. Si hay alguna seguridad en el ensayo, ella, más que de su argumento, es un atributo de su escritura que se precave de una incertidumbre completa<sup>144</sup>. (SARLO, 2001a, p. 16).<sup>145</sup>

Essa comparação do movimento do ensaio com o de uma “flecha del arquero zen”, ainda que sob a peculiaridade de discorrer em diversas direções, além de remeter àquela identificação de Adorno acerca da renúncia sobre qualquer certeza absoluta assumida pelo gênero – incompletude que Sarlo afirma como “regla” do ensaio (ibidem, p. 17) – de alguma forma também reforça a ideia da mobilidade do pensamento exploratório no interior do “trayecto”, ou do “campo”, enfim, do espaço ensaístico como unidade estrutural. A suposição de “un movimiento más que un lugar alcanzado” faz ressaltar a importância da prática sobre o lugar, assim ratificando a noção do espaço entendido sob a ótica da definição de Certeau (1994) e favorecendo nossa compreensão espacial do ensaio na revista *Encuentro*.

Outro interessante exemplo podemos encontrar em João Barrento (2010). Ao transitar suas reflexões entre o ensaio e o fragmento, ele constata que o ensaio ganha em capacidade expressiva e força crítica ao ser pensado em fragmentos, já que “A sua extrema brevidade [a do fragmento] é diretamente proporcional a um alto grau de expressividade” (BARRENTO, 2010, p. 67)<sup>146</sup>. Muitas vezes desmantelando propriedades discursivas ao remeter mais a momentos de enunciação, o fragmento

<sup>144</sup> Vale aqui complementar tal afirmação com outra, presente neste mesmo ensaio, e que nos parece pertinente: “Cuando el ensayo presenta una certidumbre, sucede como con el aforismo: se la comparte o se la rechaza. Por eso, es convencional hablar de la fragmentariedad del ensayo” (ibidem, p. 26).

<sup>145</sup> Outra interessante referência que se mostrou em diálogo direto com a de Sarlo é a do também argentino Alberto Giordano, principalmente em seu estudo *Modos del ensayo – de Borges a Piglia* (2005). Este, ao retomar como eixo de sua abordagem a axiomática conclusão por ela trazida no referido texto acima, a de que “No hay tipologías, hay solamente modos del ensayo” (ibid., p. 31), reafirmou o caráter exploratório do gênero: “‘Determinada por su indeterminación’ (Maurice Blanchot), la búsqueda del ensayo es errática. El ensayista se encuentra siempre, para decirlo de algún modo, dispuesto a los juegos del azar, y en su búsqueda suele encontrar algo que no buscaba o, lo que es lo mismo, algo que buscaba (que se buscaba) sin saber.” (GIORDANO, 2005, p. 232, grifo do autor).

<sup>146</sup> Wilfrido Corral (1996) chamou a atenção também para a leitura do fragmento no sentido de sua consideração como “una totalidad breve” (CORRAL, 1996, p. 464).



poderia ser visto como unidade seminal de um processo sempre aberto, em oposição a uma noção de entendimento totalizador, e que, pelo aspecto de inacabamento de sua infinitude, acaba por favorecer seu uso pelo ensaio. Também notamos em Barrento (2010) uma similitude com as anteriores abordagens em torno do ensaio e sua relação intrínseca com o movimento, por sua vez amparado por outras metáforas que ajudam a observar a questão sob novos pontos de vista:

(...) no ensaio, como na dança, “cada movimento tem um centro de gravidade, e basta dirigir este ponto, no interior da figura [do pensamento], para que os membros obedeam”<sup>147</sup> e o pensar se anime de uma graciosidade e de uma justeza que só podem ser paradisíacas. (...) O ensaio não tem limites: impõe-se limites. Brota de qualquer pedra e começa a explorar caminhos, a demarcar um terreno. Mais por veredas de floresta que não levam a lugar nenhum do que pela estrada real (...). (BARRENTO, 2010, p. 20-21).

Por um lado, ao propor um “centro gravitacional” para o ensaio a partir de sua analogia com a dança, de certa forma reencontramos a sugestão de Adorno sobre o “campo de forças” (lembramos que, para a ciência Física, a força gravitacional é um dos exemplos de forças de campo), assim como tal alusão nos remete à importância dada por Blanchot (1987) para o centro móvel de atração de um livro que se desloca por sua própria pressão e pelas circunstâncias de sua composição<sup>148</sup>. Segundo Barrento, tanto o movimento do pensamento no ensaio como o dos membros do corpo na dança alcançam um equilíbrio por meio do direcionamento desse ponto central, o que implica no consciente controle de sua mobilidade por parte do ensaísta ou do dançarino. Por outro lado, o caráter móvel e exploratório do ensaio ganha força imagética com sua associação a “veredas de floresta que não levam a lugar nenhum”, trazendo ainda uma dimensão espacial cujos limites (abertura e fechamento do ensaio) são colocados sob questionamento<sup>149</sup>.

<sup>147</sup> Barrento aqui citou um trecho do livro de Heinrich von Kleist, *Sobre o teatro de marionetas*.

<sup>148</sup> Neste sentido, a análise de Blanchot da obra de Mallarmé se mostra como essencial. Ver “A experiência de Mallarmé”, (in *O espaço literário*, 1987).

<sup>149</sup> No livro de João Barrento que aqui serve para nossas considerações, *O gênero intranquilo – anatomia do ensaio e do fragmento* (2010), como curiosidade, acreditamos ser também intrigante citar algo da comparação interpretativa sobre a ideia de movimento que o autor fez entre as diferentes perspectivas metafóricas e definitórias de Montaigne e de Bacon acerca do ensaio e do tratado, respectivamente: enquanto para o primeiro o ensaio seria “passeio, deambulação, voo de borboleta, viagem aventureira de

Procurando expandir a compreensão conceitual sobre o gênero ensaio e suas heterogêneas implicações literárias, Liliana Weinberg (2006), mais do que explorá-lo em um sentido de abstração metafórico, prefere abordá-lo desde uma perspectiva espacial utilizando coordenadas mais científicas. Por exemplo, ao questionamento que identificamos acima em Barrento sobre os limites do ensaio em termos de abertura e de fechamento em sua extensão espacial, Weinberg agrega ainda a atenção aos pontos de articulação entre o “adentro” e o “afuera” do texto, à dinâmica que nos convida a estabelecer o vínculo “entre la *descripción* de sus rasgos inmanentes y su *inscripción* en el ámbito histórico, social, cultural de sentido” (WEINBERG, 2006, p. 30, grifos da autora). Também neste sentido de exploração em maior profundidade, ela sugere que o ensaio nos obriga a repensar as ideias de “subjetividad” e de “objetividad”, e assim “encontrar un nuevo punto de articulación para ese momento en que la experiencia íntima de pensar el mundo se vuelve forma estéticamente objetivada” (ibidem, p. 31). De certa forma, notamos nas reflexões de Weinberg uma rigorosa busca por compreender, através do ensaio enquanto gênero literário, os reais laços entre a escrita e a vida, partindo da base “sujeito”, “linguagem” e “mundo” como as essenciais noções reguladoras.

Para isso, uma atenta observação sobre o que ela identifica como “puntos de articulación fundamentales” (ibidem, p. 52) se mostra necessária para se evitar um aplanamento da leitura do ensaio. Seriam eles: o “acto poiético”, ato fundador prévio à organização discursiva em que se estabelece aquilo que se pode dizer; o “punto de vista” e sua dupla remissão entre o ensaio e o mundo; os “actos sociales de dotación de sentido”, ou seja, o uso de “conceptos y símbolos preformados culturalmente” que reforçam o “vínculo entre proceso representativo y mundo representado” (ibid., p. 53); outro ponto seria aquele que se dá “entre el proceso de configuración y la forma del ensayo”, algo que inscreve o texto em “ciertas instituciones y campos” (literário, intelectual, político, filosófico etc.) (id.); também um ponto fundamental seria o que “vincula la situación del ensayista” com “el horizonte de sentido”, deixando “marcas rastreables en el texto” (ibid., p. 54); assim como o “carácter dialógico” do ensaio, seu diálogo com um leitor em particular ou com comunidades de interpretação. Finalmente,

---

balão, aventura e descoberta”, para o segundo o tratado seria “marcha forçada, passo de elefante, voo num avião de carreira, expedição científica” (ibidem, p. 42).

um desses pontos que nos chamou a atenção é “el acto enunciativo y reflexivo en tiempo presente”, cuja importância remete à “continua reactualización de los procesos de intelección del mundo propios del ensayo” (ibid., p. 53) e que, segundo Weinberg, possibilita que o ensaio seja simultaneamente uma forma estruturada e um agrupamento de fragmentos:

El presente del ensayo permite por lo demás ese doble movimiento de abrazar el universo pero también el fragmento; es la catedral al mismo tiempo que es cada uno de sus ladrillos en el momento de su componerse; es la confluencia de tiempos constructivos y conclusivos y permite ver el momento en que conviven ambos. (Ibid., p. 72).

Parece-nos importante nos deter ainda que descritivamente nesses pontos de articulação elencados por Weinberg porque, de uma forma geral, o que eles fazem é prescrever movimentos que consideramos muito esclarecedores para serem pensados nos exercícios de interpretação textual que aqui temos sobre o *corpus*. Mas, acima de tudo, porque eles possibilitam aquilo que ela propôs como “tercera dimensión” em que “radica la clave del ensayo” (ibid., p. 52), um olhar em profundidade que permite ampliar a perspectiva de abordagem crítica para além da consideração do ensaio como unidade espacial planiforme.

## **2.2.2 - Abrindo espaços no *canon cubensis* da literatura**

### **2.2.2.1 - O ensaio e o mosaico da literatura cubana**

No interior do amplo espectro que abrange os campos de atuação da revista *Encuentro*, sem dúvida o da literatura cubana é o mais significativo em termos de representatividade e de espaço praticado em suas páginas. Além de inúmeros ensaios dedicados à crítica e ao estudo de literatura – dentre os quais aqui nos ocupamos de alguns que julgamos importantes – são constantes as publicações de poemas, contos, capítulos de romances<sup>150</sup>, resenhas, artigos, textos de conferências sobre obras e autores,

---

<sup>150</sup> Dentre alguns textos literários relevantes, e apenas para exemplificar, destacamos o capítulo do livro *Informe contra mí mismo*, “Los años grises”, de Eliseo Alberto (Nº 1) e fragmentos do “Epílogo” (Nº 25) da mesma obra; “Poemas inéditos” de Gastón Baquero (Nº 2); “Poemas inéditos” (Nº 12/13) e o texto também inédito “Historia de pastores” (Nº 26/27), ambos de Eliseo Diego; “Los zapatos vacíos”, de Reinaldo Arenas (Nº 12/13), considerado seu primeiro conto; “Poemas inéditos”, de Virgilio Piñera (Nº

entrevistas com escritores, assim como várias homenagens a determinadas figuras literárias<sup>151</sup> que acabam por perfazer um enorme pan-óptico desse campo tão reconhecido da cultura cubana. Tal fato poderia levar, inclusive, a ela ser tomada como uma revista literária se não fosse a simultânea ocupação de *Encuentro* com outros campos como os de música, cinema, artes plásticas, teatro, dança, fotografia, arquitetura, também em importantes graus de profundidade, sem falarmos de áreas como a dos esportes ou as do conhecimento como economia, história, filosofia, sociologia ou religião. De qualquer forma, algo indiscutível é que o ensaio foi o gênero privilegiado pelos colaboradores da revista como instrumento de reflexão sobre todos esses campos e áreas.

Diante disso, interessa-nos a relevância do ensaísmo dedicado à literatura porque ele pode nos ajudar a configurar uma estrutura-simulacro de expressivas dimensões que dê conta de uma representatividade mais próxima do real significado da literatura (extra e intransular) para a cultura cubana. Não nos ocorre uma ideia mais cuidadosa para esse fim do que procurar imaginar um vasto painel cuja superfície se mostre revestida por um mosaico formado por diferentes padrões visuais, imagens estas por sua vez criadas pela justaposição de diversos fragmentos de distintos formatos, texturas, cores e tamanhos. Através desse simulacro, poderemos relacionar os ensaios publicados pela revista como parte do conjunto desses fragmentos, que ao serem aglomerados com os fragmentos relacionados às obras literárias (ou aos de outros gêneros dedicados à literatura) se tornarão passíveis de observação e entendimento de suas funções enquanto unidades estruturais do que aqui iremos considerar como mosaico da literatura cubana. Importante, portanto, ressaltar que esse exercício de estabelecimento de analogia entre

---

14); “El escritor y el exilio”, texto memorialístico inédito de Heberto Padilla (Nº 19); *Los siete contra Tebas*, peça dramática de Antón Arrufat (Nº 20); “El pianista árabe”, conto de Jesús Díaz (Nº 20); fragmento inédito do livro de memórias *El oficio de perder*, de Lorenzo García Vega (Nº 21/22); “Poemas inéditos” de José Kozler (Nº 37/38); “De ‘Un paréntesis de ruinas’” (Nº 37/38) e “Caja negra de la fiesta” (Nº 40), fragmentos inéditos de *La fiesta vigilada*, de Antonio José Ponte; “Inéditos”, textos de Manuel Díaz Martínez (Nº 40); “Patillas de hacha” e “¡Oh, Pitágoras!”, contos de Guillermo Rosales (Nº 47).

<sup>151</sup> Algumas “Homenajes” literárias trazidas pela revista: Gastón Baquero (Nº 2); Eliseo Diego (Nº 3); Homenaje a Mariel (Nº 8/9); Fina García Marruz (Nº 11); Julio Miranda (Nº 12/13); Virgilio Piñera (Nº 14); César Lopez (Nº 16/17); Heberto Padilla (Nº 19); Antón Arrufat (Nº 20); Lorenzo García Vega (Nº 21/22); Antonio Benítez Rojo (Nº 23); Jesús Díaz (Nº 25); Reina María Rodríguez (Nº 30/31); Rafael Alcides (Nº 36); José Kozler (Nº 37/38); Nivaria Tejera (Nº 39); Manuel Díaz Martínez (Nº 40). A partir do número 43, as “Homenajes” passaram a se chamar “En persona”, com destaques para Carlos Victoria (Nº 44) e Abilio Estévez (Nº 51/52).

os fragmentos incrustados no mosaico (habitualmente chamados de peças, ladrilhos, pastilhas, cacos, estilhaços) e os ensaios dedicados à literatura aos que aqui nos ocuparemos, para além de uma correspondência simplesmente imagética, pretende, como bem salientou Barthes (1970), estabelecer semelhanças entre suas respectivas funções.

Uma abordagem de imaginação estrutural como a que aqui propomos pretende contribuir para a análise de certos ensaios dentro da discussão sobre alguns processos literários de inclusão e exclusão canônicos de obras e autores, debate bastante estimulado pela revista. Sem dúvida também se trata de um processo praticamente intrínseco à atividade de publicação de uma revista tão ocupada pelo campo literário, ainda mais se levamos em conta sua condição de realização desde uma posição de exílio político e de questionamento da própria política cultural do governo cubano e seus movimentos consagradores. Mas a amplitude e a profundidade alcançadas por esse debate trazido por *Encuentro* chegou a adquirir uma significância primordial para seu claro objetivo de evitar que a fragmentação da cultura cubana se tornasse ainda mais danosa, sobretudo para aqueles cubanos há tanto tempo exilados ou então submetidos a processos diaspóricos. A imaginação de uma estrutura como a de um mosaico composto por abundantes fragmentos literários surge, portanto, como algo condizente com o objetivo de confluência e reordenação de uma realidade estilhaçada.

Mas para essa recomposição a ser realizada por meio de nossa leitura, certamente o que está em jogo é compreender com atenção quais as imagens formadas com as justaposições de tais estilhaços. Fazemos então uma importante observação: nos parece fundamental termos consciência de que não haveria maneira de conseguir razoáveis padrões visuais sem que a revista tivesse discutido publicamente questões sobre o funcionamento dos mecanismos canônicos, algo que nos permite pensar em termos de técnicas de montagem do mosaico, de seus procedimentos de escolha dos fragmentos adequados assim como do material usado para suas devidas fixações, por exemplo. Além disso, não podemos esquecer que, como se trata de um processo conjuntivo, há uma necessária relação entre cada um desses pedaços com o todo que se pretende conceber. Em seu livro *A república mundial das letras* (2002), um dos argumentos utilizados por Pascale Casanova em busca da compreensão dos processos de autonomização do campo literário diz respeito à concepção inicialmente sugerida

pelo escritor Henry James de que todo texto literário precisa ser visto como um pequeno elemento constitutivo da totalidade da literatura mundial. A metáfora do “motivo no tapete”, amoldada por Casanova, se mostra suficientemente convincente para ilustrar a ideia de que as obras produzidas, quando consideradas literárias, surgem “através e contra” essa totalidade e que “cada obra, como ‘motivo’, só poderia ser decifrada a partir do conjunto da composição, só brotaria em sua coerência reencontrada em ligação com todo o universo literário” (CASANOVA, 2002, p. 17). Esse exemplo nos ajuda a visualizar que, apesar de que a “totalidade” referencial para a revista *Encuentro* fosse a da literatura cubana, isso poderia ser tomado como um movimento canônico primordial e necessário para uma devida referencialização universal *a posteriori*<sup>152</sup>.

### 2.2.2.2 - José Martí livre de altares ou pedestais

Ao propormos a discussão sobre alguns ensaios trazidos pela revista enquanto unidades estruturais da literatura cubana, afirmamos que primeiramente pensamos ser necessário procurar compreendê-los como práticas de espaço, como unidades espaciais da própria revista. Se anteriormente apontamos a extensão do campo literário em suas páginas, é importante frisar que sua parte mais significativa, graças a uma feliz conjunção de qualidade com quantidade, está ocupada por ensaios<sup>153</sup>. Mesmo ao levarmos em consideração a enorme quantidade de ensaios dedicados criticamente aos outros campos e áreas acima aludidos além dos literários, é notório o quanto os de crítica literária de obras, de reflexões sobre aspectos da história da literatura, de estudos sobre revistas literárias ou, o que aqui mais nos interessa, ensaios de discussão sobre o *canon cubensis* da literatura surgem em maior proporção. Isso nos diz muito a respeito da importância dada pela linha editorial de *Encuentro* à literatura como provavelmente

---

<sup>152</sup> Considerando o entendimento da autonomia literária como orientação básica, ao argumento inicial da relação literária “texto/totalidade da estrutura” Casanova agregou outro que dizia respeito à existência de “territórios e fronteiras literárias independentes dos traçados políticos” (CASANOVA, 2002, p. 18), raciocínio este baseado nas ideias de “internacional intelectual” de Valery Larbaud e sua defesa de uma assimetria entre os mapas políticos e os mapas intelectuais do mundo. Como consequência, esse percurso discursivo chegou a um dos pontos fundamentais para seu estudo e que ocupou bastante das suas atenções em *A república mundial das letras*: o das limitações proporcionadas pelos nacionalismos literários, assim delineando o questionamento da apropriação política nacional dos fatos literários que, por sua vez, ao se converterem em história passam a compor o cânone conformador daquilo que se conhece como patrimônio nacional.

<sup>153</sup> Conclusão referendada, por exemplo, por Jorge Luis Arcos em entrevista a nós concedida: “el peso mayor de la revista radicó en el ensayo, en el pensamiento crítico” (ARCOS, 2021).

uma das frentes mais proveitosas para colocar em xeque os critérios e paradigmas revolucionários para esse campo, e, conseqüentemente, para o da cultura cubana como um todo.

Interessantes primeiras demonstrações acerca do ensaio enquanto prática do espaço interno da revista poderiam ser tomadas a partir das releituras da obra de um dos autores mais apossados e manuseados ideologicamente pela Revolução: José Martí. Repensar como absorvê-lo na cultura cubana após um século de sua morte se mostrou simbolicamente como uma tarefa imprescindível para alguns escritores em *Encuentro*. José Kozer, por exemplo, em “Martí, una ansiedad” (Nº 3), híbrido de ensaio com memórias, confessa haver passado sua vida literária evitando e se esquivando de Martí em seus poemas, graças, dentre outras razões, aos “tediosos e insoportables actos cívicos” (KOZER, 1996/1997, p. 63) presenciados em sua infância, ou à excessiva admiração por sua “lenguaje total” e absoluto “sentido ético de la vida” (ibidem, p. 64) que o levam a concluir: “Imposible vivir a tal altura” (idem). Tal peso insustentável não lhe permite outra escolha pessoal a não ser continuar apenas vivendo-o interiormente:

Es lo mejor, evitarlo. Lo mejor es seguir viviendo esta ansiedad; esta ansiedad de su influencia y martirologio, la del Martí, mártir: lo mejor es dejar a Martí quieto, vivo como una interioridad personal, quieta y tranquila, y no como un objeto de poesía, un objeto de retórica, un fácil y socorrido recurso retórico que lo único que produce son malos poemas, malos discursos, mala oratoria, y pésimas y empobrecedoras consignas. (Ibid., p. 65).

Também fazendo uso do hibridismo genérico por meio de um texto ensaístico com recursos narrativos, em “El abrigo de aire” (Nº 16/17) Antonio José Ponte habilmente ocupa-se de conferir alguma leveza à imagem histórica de Martí. A partir de histórias como a de um casaco (“sobretudo marrón”) perdido por ele em Nova Iorque em 1895 e cujo destino final parece ter sido o de ser rasgado numa briga de cachorros; ou a da ocasião em que o poeta Eliseo Diego, diante da visita de jovens escritores, haveria comparado Martí ao ar que se respira; Ponte aproveita para questionar a posição tão superiorizada outorgada ao “apóstolo” dentro do panteão literário: “Lo primero sería considerarlo un autor. Un autor como otros, uno más en el anaquel. Nada de anaqueles aparte, nada de puestos primordiales” (PONTE, 2000, p. 48-49). A utilização de procedimentos narrativos termina por criar uma imagem aérea, leve, mais humanizada

do poeta solar do imaginário cultural revolucionário, continuamente elevado a símbolo e densamente mitificado como mártir. Assim, o que temos é um exemplo de operação crítica (“*deslectura*”, como apontou Teresa Basile (2009, grifo da autora)) baseada num critério estético com o visível fim de sobrepor-se à narrativa canônica revolucionária. Sem propriamente se preocupar com o uso de abordagens que resvalam em certa iconoclastia, Ponte, inclusive, não deixa de assumir o pendor “sacrílego” de sua proposta: “Para soportar a Martí es preciso destruirlo, hay que reírse de él, burlarse, tirarlo a choteo” (ibidem, p. 52). *Choteo* tal que não poderia faltar nas ideias conclusivas do próprio ensaio: “Dentro de las destrucciones a ejecutar en José Martí una de las más voluminosas pertenece a la crítica literaria: sacarlo del museo de las santas escrituras muertas e hincarle el diente por todos los flancos” (id.).

Já Rafael Rojas, por meio do ensaio “Martí en las entrañas del monstruo”<sup>154</sup>, texto apresentado no seminário Cuba, 170 años de presencia en Estados Unidos<sup>155</sup> e publicado no número 15 da revista (1999/2000), parte da constatação sem dúvida provocativa de que os Estados Unidos foi o país que mais ocupou a escrita de José Martí depois de Cuba, dessa forma contraindo uma enorme dívida com a cultura e a política norte-americana da segunda metade do século XIX (ROJAS, 1999/2000). Com isso em mente, Rojas passa a identificar alguns importantes elementos que seduziram Martí nos paradoxos da modernidade vivida pelo país vizinho, entre um intenso processo industrial, comercial, urbanístico e uma poesia e filosofia centradas na Natureza e no Espírito. Lendo e interpretando “el discurso literario norteamericano como una fuga de esa modernidad” (ibidem, p. 36), sem ignorar suas implicações políticas, o ensaio é dedicado em boa parte às leituras realizadas por Martí de escritores como Alcott, Emerson, Whitman ou Thoreau, “hombres naturales”, “intelectuales cuya cultura está ligada a una vocación comunal o solitaria de experimentar el paisaje” (ibid., p. 40). Demonstrando um alinhamento com o que acima vimos enquanto proposta de releitura de crítica literária sugerida por Ponte, afirma Rojas:

---

<sup>154</sup> Do autor sobre Martí, ver também em *Encuentro* o texto “Otro gallo cantaría - Ensayo sobre el primer republicanismo cubano”(Nº 24).

<sup>155</sup> Ocorrido nos dias 4, 5 e 6 de novembro de 1999 no King Juan Carlos Center da Universidade de Nueva York, organizado pela revista *Encuentro* com a colaboração do Centro de Estudios Latinoamericanos y del Caribe da universidade, em parceria com a Fundación Ford e apoio do Instituto Cervantes. Cerca de dois terços da entrega de número 15 da revista foram ocupados com os resultados desse seminário, divididos nos seguintes grupos temáticos: Introducción; Una aproximación demográfica; Intelectuales; Música; Deportes; Artes; Homenaje a Luis Cruz Azaceta; e Política.



Es en este sentido que puede afirmarse que la escritura de Martí no sólo contiene una “narrativa del nacimiento de la nación cubana”, sino, también, y en grado poco advertido por la crítica, una “narrativa del renacimiento de la nación norteamericana”. E incluso, se podría ir más allá y afirmar que no pocas de las ideas que Martí compromete en su obra de fundación nacional, en Cuba, provienen de su experiencia del exilio neoyorkino. (Ibid., p. 45).

A atração e absorção de Martí pela cultura e pela política dos Estados Unidos, portanto, seriam fundamentais em seu projeto de uma “República con todos y para el bien de todos” (idem), constatação explicitamente endereçada àquela dessacralização aludida por Ponte.

De uma forma geral, interpretações como as anteriores nos servem como exemplo do consciente uso da extensão textual do ensaio como vigoroso espaço de movimentação de ideias e de imagens, de impulsionador de forças discursivas. Ainda que este ensaio de Rafael Rojas não seja propriamente estruturado em seu espaço textual interno como um campo de choques entre distintos argumentos conflitivos, por não apresentar textualmente articulações diretas com interpretações opositoras àquelas mais importantes trazidas pelo próprio ensaísta, é bastante perceptível seu propósito de alimentar extratextualmente um campo de forças entre os principais argumentos do ensaio e os produzidos pelo discurso revolucionário.

Emilio Ichikawa, por sua vez, no ensaio “Cuba es la noche” publicado dentro do dossiê “Nuevas lecturas de Martí” no número 30/31 da revista (2003/2004), explora com intensidade o campo de forças interno do espaço textual. São constantes os movimentos de repulsão entre os argumentos/conceitos emitidos pelo ensaísta e os que foram estabelecidos pela leitura ideológica revolucionária, através de noções como as de “*nacionalismo sacrificial*” (ICHIKAWA, 2003/2004, p. 197, grifo do autor) (presente no próprio hino nacional e seu lema “morir por la patria es vivir”, como também vimos em termos de necropolítica com de la Nuez); por meio de censuras como a realizada ao poema “Carta abierta a Néstor Ponce de León” na publicação das *Obras completas* de José Martí, realizada pela Editorial Ciencias Sociales, poema que trouxe uma ambiguidade do autor em relação aos anexionistas; também pelo conveniente silêncio crítico em torno da polêmica obra *La cubanidad negativa de José Martí*, de Arturo de Carricarte, publicada em 1934; ou ainda pela fastidiosa persistência “ritual”

contemporânea cujo exemplo seria a publicação da revista *Bohemia* (Nº 2, ano 94, 2002), dedicada a celebrar mais um aniversário de nascimento do apóstolo. Vasto e repetitivo manuseio político assim resumido por Ichikawa:

Lo anterior revela entonces que con el uso político de Martí pasa algo bien distinto a la simple persistencia en un error avisado; se trata de un código, un estilo, de algo así como el abecé de la política cubana. Esto previene sobre un asunto muy importante que podemos ubicar en el campo del *marketing político*: a pesar de todo el hastío que parte de la intelectualidad cubana, y una parte mayor aún del resto de la población, siente por los usos (que han llegado a ser abusos) públicos de José Martí, ninguna demagogia política será exitosa si no se afina en la *autoridad apostólica* del legado martiano. (Ibidem, p. 202, grifos do autor).

Além disso, é notória a força discursiva proporcionada pelo ensaio a partir dos movimentos que possibilitam choques argumentativos resultantes das análises realizadas por Ichikawa dos próprios textos martianos. Dentre os principais resultados, podemos destacar o questionamento da “fabricación de lo nacional que recomienda la inmolación personal (individual, familiar y comunal) como liturgia de la religión nacionalista” (ibid., p. 198) trazida, por exemplo, em *Abdala*, obra realizada por Martí durante a juventude; também a dúvida sobre a legitimidade de um discurso reivindicador do americanismo desde a perspectiva da “otredad invasora”, da ameaça do “bárbaro extranjero”, presente em poemas como “Al extranjero”, “Odio el mar” ou no “artigo” [sic] “Nuestra América”, segundo Ichikawa escritos desde o “epicentro de la modernidad anglosajona”; ou a incerta confiabilidade como fonte documental da coleção de aforismos reunidos no volume *Granos de oro*, algo que expõe certas manobras editoriais para a divulgação de sua obra. Não menos proveitosas são suas observações sobre os movimentos interpretativos presentes no livro de Arturo de Carricarte, que trazem uma problematização da cubanidade de Martí sob aspectos ambivalentes.

Ainda que brevemente vistos como exemplos de releituras de Martí e de revisão sobre o excesso de dimensão histórica de sua obra, e apenas para esboçar momentaneamente os principais traços imagéticos que se delineam sobre o que aqui estamos nos referindo como mosaico da literatura cubana, esses ensaios de Kozer, Ponte, Rojas e Ichikawa publicados por *Encuentro*, ao serem vistos como conjuntos de peças fragmentárias de diferentes funções literárias, servem para ilustrar um novo

padrão visual da crucial figura de José Martí. O resultado, ainda que parcial para o amplo painel que aqui nos interessa, já se mostra menos magnânimo, menos glorioso ou ainda menos romanticamente idealizado como apóstolo do ideal nacionalista. Uma desmistificada imagem martiana passa assim a compor esse mosaico de maneira menos desproporcional se comparados com o tamanho de outros ícones literários nele presentes, sem propriamente ofuscá-los. Sob o nosso ponto de vista analítico, a função principal desses fragmentos dispostos precisamente sob reordenada distribuição espacial foi a de possibilitar a horizontalização do acesso público à obra literária de Martí, apresentando assim uma visualização de sua imagem livre de altares ou pedestais.

### 2.2.2.3 - Origenismo: ponto de fuga no centro do mosaico

Sem lugar a dúvidas, convergem para o centro das atenções literárias da revista *Encuentro* e de seus colaboradores os ensaios dedicados a autores e obras do grupo Orígenes. Isso não apenas demonstra uma aberta inserção de sua linha editorial no movimento de reavaliação do legado origenista proposto por alguns escritores e críticos desde os anos 80, mas corrobora a relevância determinante desse legado para a literatura cubana no século XX. Lembremos que a própria revista teve suas “origens” diretamente ligadas ao evento La Isla Entera, realizado em Madri em 1994, e que contou como motivo principal a comemoração dos 50 anos da revista *Orígenes*, como vimos anteriormente<sup>156</sup>. Mas o maior fundamento de nossa afirmação se mostra pela intensidade que diversos textos de e sobre os origenistas (não apenas ensaios) são largamente publicados ao longo dos anos, dessa forma ainda evidenciando o quanto esse legado adentra o século XXI sem mostras de ter esgotada sua contribuição para a literatura cubana. Muito pelo contrário, como pretendemos aqui comprovar, o que *Encuentro* acaba fazendo é estender espacialmente o cânone origenista – e assim explorá-lo ainda mais em termos discursivos – ao se dedicar à revalorização de nomes e obras menos promovidos pelo oficialismo cultural na Ilha a partir do início dos anos 90.

Esse alinhamento canônico empreendido pela revista tem, por sua vez, um perceptível objetivo. Vejamos as seguintes palavras de Duanel Díaz Infante sobre a

---

<sup>156</sup> A “acta fundacional” considerada por Jesús Díaz (1997b, p. 4).

extensão da presença origenista, trazidas em seu ensaio “Límites del origenismo”<sup>157</sup> no número 33 (2004):

Me interesan también los avatares de Orígenes después de *Orígenes*, la situación y funciones del origenismo en la cultura cubana durante las tres últimas décadas: censurado en los 70 bajo las fáciles etiquetas de “evasión”, torremarfilismo y apoliticismo; recuperado en los 80 por jóvenes escritores que buscaban una alternativa al marxismo dogmático predominante y modelos para una literatura más rica que la que en la década anterior apenas produjo obras de calidad; Orígenes fue rehabilitado en los 90. Si formó parte de la que Iván de la Nuez llamó la “cultura disonante” de la década de los 80, en la siguiente el origenismo se vuelve consonante. La conmemoración en 1994 del medio siglo de la aparición de la revista significó la plena rehabilitación oficial de Orígenes y el reconocimiento de su decisiva influencia sobre las generaciones posteriores, pero también fue ocasión para que un sector de vanguardia de la generación de los 80 manifestara su distanciamiento crítico del “origenismo clásico”, inseparable de su ostensible toma de partido a favor de los origenistas disidentes: Lorenzo García Vega, autor de *Los años de Orígenes*, y sobre todo Virgilio Piñera. (INFANTE, 2004, p. 110).

Díaz Infante aqui se refere ao evento ocorrido meses antes ao de Madri, em junho de 1994 na Casa de las Américas, em Havana, com o Coloquio Internacional Cincuentenario de *Orígenes*, acontecimento que marcou a “rehabilitación oficial de Orígenes”, como bem disse o ensaísta. Diante disso, podemos deduzir a postura editorial crítica de *Encuentro* frente a tal movimento oficial como uma manifestação de anuência ao que Díaz Infante traz como “distanciamiento crítico del ‘origenismo clásico’”, uma perspectiva mais consonante com aquilo que já vinha sendo proposto antes por ensaístas avessos à dissecação oficialista, como Antonio José Ponte ou Rolando Sánchez Mejías<sup>158</sup>, por exemplo<sup>159</sup>.

<sup>157</sup> Versão da introdução do livro homônimo publicado pela editora Colibrí em 2005.

<sup>158</sup> A través de ensaios de Ponte como “La lengua de Virgilio”, “El libro perdido de los origenistas” e “Por los años de Orígenes”; ou de Mejías como “Olvidar Orígenes”.

<sup>159</sup> Interessantes as palavras de James Buckwalter-Arias, em seu ensaio “Discurso origenista y Cuba postsoviética” (Nº 36), sobre essa questão: “Sin rechazar la posibilidad de que Lezama y el grupo Orígenes en su conjunto tengan algo estable o universal que decir acerca de la condición humana —tal como sustentaría una crítica humanista tradicional—, el presente planteamiento se erige sobre la hipótesis de que recordar, recuperar o reconstruir un pasado cultural se hace de acuerdo con expectativas y exigencias contemporáneas. Las historias, individuos y legados culturales que se eligen (y elegir siempre significa, desde luego, rechazar lo no elegido) responden de una forma u otra a necesidades actuales. Nos son útiles hoy, en gran medida, porque nos sirven para imaginar un mañana diferente. Rescatar para la memoria cultural legados y figuras que han sido sistemáticamente reprimidos o marginados es, desde

Mas antes de dedicar seu posicionamento a favor de figuras marginais do originismo como Virgilio Piñera e Lorenzo García Vega, já mencionamos aqui que *Encuentro* procura inicialmente estabelecer uma revalorização da obra de outro autor vinculado a essa genealogia: Gastón Baquero, ainda que sua filiação ao grupo encabeçado por Lezama Lima possa até ser questionada<sup>160</sup>, sendo talvez mais preciso associá-lo por meio de um aspecto geracional. De qualquer forma, adotar o poeta como “patriarca” da poesia cubana, como afirmou Jesús Díaz no editorial “Un año de *Encuentro*” do N° 4/5 (1997), como um exemplo conciliador que havia muito se encontrava exilado em Madri, mostra-se algo bastante acertado e proveitoso em termos literários para o estabelecimento das primeiras diretrizes editoriais da revista. Homenageado ainda em vida em suas páginas na entrega de número 2 (1996), são inúmeras as referências a Baquero, com maior intensidade pelo menos nos cinco primeiros números de *Encuentro* através da publicação de poemas inéditos, artigo de sua autoria, entrevista, diálogos epistolares com Eliseo Diego, resenha de seu livro *La fuente inagotable*, além de textos a ele dedicados, como um poema de José Kozer, um testemunho de Pío E. Serrano e um ensaio de Efraín Rodríguez Santana.

Já avançada a trajetória de publicação da revista, *Encuentro* ainda chega a publicar um ensaio de José Prats Sariol, “De cuando Gastón Baquero se sentaba a caminar con César Vallejo” (N° 47), em que o ensaísta realiza o exame de alguns poemas de Baquero sob certo aspecto de “adecuación” estilística com a do peruano César Vallejo, interessante exercício crítico sustentado pela tese acerca do “agón” de Harold Bloom em que, de acordo com Prats Sariol, evita-se “exagerar contextualizaciones, priorizar *fenómenos* que, en última instancia, apenas rozan la creación artística” (SARIOL, 2007/2008, p. 3, grifo do autor). Nossa menção aqui a essa leitura de Prats Sariol apoiada em Bloom, e que dentre outras justificativas do ensaísta permitem verificar que “La comunión estética fragua la filiación pluralista, libre de sectarismos anquilosantes, de bacterias diseminadas por la demagogia política”

---

luego, una tarea digna y necesaria por sí misma; representa, por ejemplo, un valiosísimo instrumento de resistencia contra-hegemónica, y en el caso de Lezama una estrategia antitotalitaria. Si bien tal recuperación se hace inevitablemente desde una óptica idiosincrásica e ideológica, estos parámetros no merman en nada la importancia del proyecto” (BUCKWALTER-ARIAS, 2005, p. 56).

<sup>160</sup> O próprio Díaz Infante (2004) recordou que Baquero publicou unicamente no primeiro número da revista *Orígenes*.

(ibidem, p. 5), serve de primeira aproximação a uma questão que mais adiante discutiremos em relação à importância da referência do crítico norte-americano para alguns argumentos sobre o cânone cubano presentes em determinados ensaios publicados pela revista.

Antes que *Encuentro* dedicasse uma homenagem a Virgilio Piñera no número 14 em 1999, a revista já havia feito o mesmo com Gastón Baquero (Nº 2), Eliseo Diego (Nº 3) e Fina García Marruz (Nº 11)<sup>161</sup>, de certa forma assim validando sua inscrição originista junto a ensaios, resenhas e textos relacionados a estes e ainda a outros autores dessa filiação. Mas se os casos de Diego e de García Marruz poderiam ser tomados como mais esperados e até previsíveis, pertencentes ao chamado “origenismo clásico”, o de Piñera termina por adquirir um significado ideológico, um assumido posicionamento político-literário de objeção ao cânone revolucionário. Isso porque, como sabemos, Piñera conheceu nos últimos anos de vida a intensificação daquele tipo de censura e proibição chamada por ele mesmo como “muerte civil” (PONTE, 1999), condenação a um ostracismo que impediu que obras suas fossem publicadas ou que peças fossem encenadas. Assim, no último ano antes da virada do século, *Encuentro* procura fazer a sua parte neste processo de resgate histórico<sup>162</sup>. Publicado dentro dessa homenagem, o ensaio “La ópera y la jaba”, de Antonio José Ponte, traz algo da decadência imposta ao importante escritor, oferecendo, também por meio de seu estilo híbrido de ensaísmo/narrativa, uma verdadeira atmosfera de indignação:

Su heroísmo de escribir hasta la muerte, cifrada la apuesta en alguna posteridad reivindicadora, se entrelazó entonces con el heroísmo de agotar actos menudos bastante imposibles: unos dulces, juegos de mesa para cada día, el hábito de un restaurante, gestos de epicúreo en circunstancias estoicas. Se ocupaba en salvar, a contracorriente, lo que la revolución desterraba, postergaba, censuraba o prohibía: las recompensas más inmediatas, el arte de vivir, la memoria del cuerpo. (PONTE, 1999, p. 16).

Mais tarde, já no número 28/29 (2003), a revista publica um sarcástico texto de autoria de Carlos A. Aguilera e Pedro Marqués de Armas, “La Zorra y el Erizo - Notas

---

<sup>161</sup> Sobre Eliseo Diego e Fina García Marruz, recomendamos a leitura de ensaios como “Sobre la narrativa de Eliseo Diego”, de Julio E. Miranda (Nº 3) e “Fina”, de Jorge Luis Arcos (Nº 11).

<sup>162</sup> Vale ainda lembrar que a revista nomeou como “La isla en peso” a seção de informações e atualidades culturais presente nas páginas finais de cada entrega durante toda sua existência.

sobre política y lenguaje”, também estruturado por meio de um misto discursivo de ensaio com notas fragmentárias (além de apresentado oralmente no “Evento Internacional sobre Poesía del Lenguaje” em Havana, 2001), que traz algumas considerações sobre Lezama Lima, Virgilio Piñera e suas respectivas literaturas. Ademais de discorrer descontraidamente sobre alguns aspectos da literatura cubana (“Lo que resulta una fatalidad en la literatura cubana es su predestinación geográfica, su recortería insular”, (AGUILERA; ARMAS, 2003, p. 287); “Hoy no existe literatura-nación. No porque haya migrado o permanezca sujeta al límite de costa. Si algo la sostiene es pura violencia, puro tejemaneje de una identidad marionetesca”, (ibidem, p. 289)), o ensaio procurava identificar como a linguagem literária de Piñera se relacionou com sua condição incômoda dentro dos parâmetros socioculturais revolucionários:

Nadie entendió mejor la relación horror-lenguaje que Virgilio Piñera. No sólo porque siempre vivió al límite (gay, poeta, pobre), sino porque ese límite trazado sobre su cabeza era la puesta en escena del absurdo, de un absurdo montado ahora como política de control total. (Idem).

Esse simples trecho de uma das notas do ensaio, ao comprovar aquilo que João Barrento afirma sobre a força discursiva do fragmento (“A sua extrema brevidade é diretamente proporcional a um alto grau de expressividade” (BARRENTO, 2010, p. 67)), sintetiza o motivo político-literário que a releitura promovida pela revista procurava promover.

Interessante que *Encuentro* em seus 54 números não dedica homenagens a Lezama Lima ou a Cintio Vitier. No caso de Lezama, tal ausência se justificaria por uma “onipresença” lezamiana nos textos sobre os originistas. Se seu posto no panteão literário cubano a partir dos anos 90 apontava, inclusive, para uma aparente “convergência valorativa” entre o oficilismo e a dissidência cultural, tal confluência não era mais do que ilusória e a revista não deixa de trazer em suas páginas críticas incisivas sobre os interesses por trás das releituras revolucionárias da obra de Lezama levadas a cabo a princípios do Período Especial. Ainda em 1997, um ensaio do professor portorriquenho Cesar A. Salgado, “Las mutaciones del escándalo: *Paradiso* hoy”<sup>163</sup> (Nº 4/5), alerta para os riscos à própria obra magna lezamiana com novas leituras do

---

<sup>163</sup> Ao lê-lo temos conhecimento que se tratou de um texto apresentado na abertura de uma mesa de debates sobre o romance *Paradiso*, que contou com as presenças de pesquisadores acadêmicos como Arnaldo Cruz-Malavé, Gustavo Pellón, Irleamar Chiampi e Ben Heller. A publicação não informou de qual evento se tratava.

romance que procurassem desproblematizá-lo, erroneamente buscando aparentá-lo fácil e legível, ao mesmo tempo que expõe o que havia nessas releituras em termos de rentabilidade e promoção:

En la década de los noventa, los sendos coloquios en La Habana dedicados a los cincuenta años de *Orígenes* y a los treinta de *Paradiso*, han resuelto para el oficialismo cubano la pregunta de si Lezama estaba o no con la Revolución: se interpreta el legado de Lezama como uno de resistencia a la pseudo-república y como anuncio de la “era imaginaria” de la Revolución; el catolicismo de su obra se enarbola como preludeo a la reconciliación del régimen con la Iglesia (el recibimiento del Papa en el Palacio de la Revolución será escena digna de una crónica lezamiana); se usa a Lezama para desradicalizar la ideología y reencaminarla a un nacionalismo inclusivista; y estratégicamente (tras años de abismales descuidos) se restaura la casa de Lezama en un museo para consumo del deslumbrado extranjero. (SALGADO, 1997, p. 176).

Salgado ainda quer deixar claro que o processo de releitura de *Paradiso* havia sido iniciado nos anos 80 por uma juventude intelectual interessada no diálogo com a crítica estrangeira ou com aquela realizada por intelectuais cubanos diaspóricos, assim como reconhece que tal releitura de Lezama havia proporcionado o surgimento de “una nueva voz en la poesía y la prosa joven de Cuba” (ibidem, p. 177).

É possível verificar uma reafirmação dessa vertente ainda em outro ensaio publicado por *Encuentro* (Nº 33), “La lengua nómada - Orígenes y la diáspora de los 90”, de Isabel Álvarez Borland, em que a pesquisadora se ocupa em tentar compreender como a poética lezamiana e suas noções de “imaginación retrospectiva” e “asimilación creativa”, basadas em mecanismos da memória, impactaram culturalmente alguns escritores diaspóricos. Em concordância com o que Antonio José Ponte havia afirmado em *El libro perdido de los originistas* (2002), Borland recorda que

(...) los novelistas que nacen durante la primera década de la Revolución denotan un profundo interés en releer a los autores originistas como Lezama, Baquero y Piñera, no para aceptar la versión oficial de estos autores, sino para examinarlos, criticarlos y también asimilarlos en su literatura (...). (BORLAND, 2004, p. 267).

Constatando ainda que “(...) si la labor originista consistía en crear un canon basado en la literatura cubana del xix, los escritores de los 80 quieren releer de manera similar a los originistas y de cierta manera ajustar cuentas con ese legado” (idem). A questão



trazida pelo ensaio se mostra interessante para o entendimento de como a tendência pós-nacional da narrativa diaspórica procurava se reconciliar com a poética nacionalista dos autores que – como Ponte segundo Borland – produziam suas obras dentro da Ilha. De qualquer forma, frente à separação entre a vertente oficialista de um “origenismo clásico” e outra de “origenistas disidentes”, para seguirmos a sugestão de Duanel Díaz Infante (2004), é possível inferir que, no que diz respeito a Lezama Lima, a revista opta por certo cuidado para não se associar ingenuamente com o movimento canônico empreendido pelo oficialismo cultural revolucionário, preferindo manter o reconhecimento da importância da obra lezamiana através de um viés de questionamento desse movimento e reiterando a necessidade de se explorar o origenismo por outras frentes.

Em relação a Cintio Vitier, mesmo sendo um originista “clásico”, nos deparamos com pouca atenção crítica à sua obra nas páginas de *Encuentro* se comparada à dedicada aos que até aqui mencionamos. A única exceção de maior significado a essa constatação é o ensaio de Rafael Rojas, “Cintio Vitier: poesía e historia” (Nº 26/27, 2002/2003), motivado pelo Prêmio Juan Rulfo outorgado a Vitier em 2002. Nele, Rojas não esconde sua admiração ao escritor ao afirmar a justiça pelo prêmio, mas tampouco deixa de reconhecer que sua escrita múltipla como poeta, narrador e ensaísta tenha proporcionado uma “ambigüedad, un espejismo de valoraciones, en el que la crítica y la historia se vuelven vías de afirmación de un discurso poético o histórico e, incluso, de una ideología” (ROJAS, 2002/2003, p. 197-198). Após traçar um breve panorama sobre a lírica de Vitier, Rojas adentra ao ensaísmo e chega até *Lo cubano en la poesía* (1958) para descrevê-lo como “el más sofisticado intento de arqueología de las ‘esencias de la cubanidad’ a lo largo de la tradición lírica de la isla”, admitindo também que “a pesar de las múltiples objeciones que se han hecho, y todavía se harán, a ese canon, tan autoritario y excluyente como cualquier otro” (ibidem, p. 202), ele considera *Lo cubano en la poesía* como “un ensayo clásico de la literatura hispanoamericana” (ibid., p. 203).

Apesar dessa posição assumida publicamente por Rojas com o ensaio trazido pela revista, algo que poderia ser entendido como certa honestidade intelectual por parte do ensaísta, a tímida presença de Vitier nas páginas de *Encuentro* demonstra a dificuldade de a revista enaltecer um escritor que simbolizava como poucos o perfil do

intelectual revolucionário, um ícone vivo do oficialismo cultural<sup>164</sup>. Ainda que repleto de loas à obra de Vitier, o ensaio de Rojas é “honesto” tanto ao tratar com alguma naturalidade as conversões do originista primeiro ao catolicismo e depois ao campo revolucionário, quanto por não deixar de criticar a tentativa de Vitier incluir os escritores de sua geração como revolucionários, principalmente Lezama Lima:

La lectura revolucionaria de Lezama, emprendida por Vitier, se apoya en los testimonios de rechazo a la política republicana que, en efecto, abundan en la obra lezamiana y en algunos textos incidentales, en favor de la Revolución, que escribiera el poeta en los años 60. Sin embargo, dicha lectura, además de ocultar la incomodidad que Lezama sintió al final de su vida, bajo el orden revolucionario, y que expresó, sobre todo, en las cartas a su hermana Eloísa, desvirtúa y, en cierto modo, vulgariza una política intelectual, formulada desde la autonomía del campo literario y diferida a un vínculo secreto con la ciudad que se establece dentro de la poesía, es decir, en la práctica de una escritura o, incluso, en la historia de una expresión, pero jamás dentro de la Razón de Estado. (Ibidem, p. 206).

Por último, talvez não seja demais ainda constatar que mesmo que Rojas sequer tenha mencionado em seu ensaio o conhecido desdém à poesia de Virgilio Piñera no *canon cubensis* realizado por Vitier em *Lo cubano en la poesía*, o posicionamento favorável de *Encuentro* ao poeta de “La isla en peso” poderia ser tomado como outra dificuldade de incorporação de Vitier à releitura originista empreendida pela revista.

Com a entrega de número 21/22 em 2001, *Encuentro* finalmente publica a “Homenaje” a Lorenzo García Vega após sua ausência quase total nas páginas da revista. A demora para que essa homenagem aparecesse somente depois das prestadas a Gastón Baquero (Nº 2), Eliseo Diego (Nº 3), Fina García Marruz (Nº 11) e Virgilio Piñera (Nº 14), localizando-o como o último originista a ocupar tal espaço, além de poder ser interpretada como resultante de uma visão hierarquizante da “linhagem” originista por parte da direção de *Encuentro*, até então encabeçada por Jesús Díaz,

---

<sup>164</sup> Nesse sentido, é digna de curiosidade e maior atenção a “Homenaje” a Fina García Marruz publicada no número 11. Além do mérito a Jorge Luis Arcos por ter logrado tal feito ao se incumbir da organização da homenagem desde a Ilha, destacamos as palavras de Jesús Díaz no texto que serviu de editorial para essa entrega de 1998/1999, “Un encuentro inevitable”: “*Encuentro de la cultura cubana* dedica su homenaje de este número a la extraordinaria poeta y ensayista Fina García Marrúz. Quizá sea necesario insistir en que la obra de Fina nos pertenece a todos, vivamos donde vivamos y sea cual sea nuestra opción política. Si algo debe y puede unir un cuerpo roto, ese algo es la poesía” (DÍAZ, 1998/1999, p. 3).

comprova o lugar incômodo representado por García Vega dentro dessa genealogia. Nesse mesmo sentido, estaria também justificada a maior presença em *Encuentro* de García Vega com seus próprios textos (“Es un cleptómano de cajitas visuales” (Nº 33); “Devastación en el Hotel San Luis” (Nº 44); “Taller de desmontaje” (Nº 48/49); “Maestro por penúltima vez” (Nº 53/54)) sob as direções de Rafael Rojas e principalmente de Antonio José Ponte<sup>165</sup>, o que nos conduz ainda a ratificar o que aqui anunciamos anteriormente em termos de expansão do cânone origenista no interior do próprio *canon cubensis* promovido pela revista.

A “Homenaje” organizada por Carlos Espinosa Domínguez conta com alguns ensaios de significativos nomes contemporâneos como Carlos A. Aguilera, Enrique Saínz e Víctor Fowler, desde Cuba; Lourdes Gil e Carlos Victoria, desde os Estados Unidos<sup>166</sup>. Por exemplo, em “Suite para la espera: la herencia vanguardista”, Enrique Saínz explora os aspectos vanguardistas da poesia de García Vega anteriormente observados por Lezama e Vitier para em seguida distanciá-lo desses autores:

El pensamiento origenista se manifiesta en García Vega de un modo altamente creador en el sobrepensamiento que lo cotidiano alcanza en su escritura, textos de una riqueza que pocos admiten porque ni siquiera han leído las páginas que se niegan a reconocer, o las han leído deseosos de encontrar lindezas y resonancias afectivas que nada tienen que ver con el autor. (SAÍNZ, 2001, p. 35-36).

Já Carlos A. Aguilera, em “El último de los origenistas”, identifica na obra de García Vega a necessidade de ele por “a girar toda su literatura alrededor del concepto ‘ilusión’” (AGUILERA, 2001, p. 28), algo que leva o ensaísta a caracterizá-lo como um escritor problemático, em conflito constante com o contexto, com o poder, com as diferentes culturas com que convive e, inclusive, com o cânone cubano e a própria ideia de literatura. Para Aguilera, a escrita de García Vega é modelada

---

<sup>165</sup> “El oficio de perder”, fragmento do então inédito livro de memórias de García Vega, foi o único texto do autor publicado por *Encuentro* (Nº 21/22) sob a direção de Díaz.

<sup>166</sup> Além do anteriormente citado fragmento de *El oficio de perder*; de uma entrevista concedida pelo autor a Espinosa Domínguez; do testemunho do ex-colaborador da revista *Orígenes*, Carlos M. Luis; e da reprodução do texto de Lezama Lima lido quando García Vega havia ganhado o Premio Nacional de Literatura por *Espirales del cuje* em 1952.

*en tensión* con lo que ya el mismo Lezama nombraba La Generación de la Revista *Orígenes*; generación o grupo que sin dudas podría definirse por ciertas posiciones idílicas: la pobreza irradiante, la teleología insular, la utopía de la nación..., y por una mala lectura de los concepticos poesía e historia, donde la primera a partir de un extraño rodeo debía reencarnar en la segunda o mapear un territorio donde ética y misterio se complementasen. Lo que no significa que Lorenzo pueda ser sacado de posiciones que lo emparentan con su generación: que lo hacen salir y entrar a la vez en ella; tampoco que no logre libros en total forcejeo con una ideología pastoral y románticoliteraria. (Ibidem, p. 29, grifos do autor).

Por sua vez, Víctor Fowler, com “De un notario incómodo”, trata de identificar na poesia do autor seu processo de rupturas que o distanciaram cada vez mais da poética origenista, em sua maior parte sistematizada por Lezama: primeiramente com seu desprendimento territorial ao sair para o exílio; em seguida com uma mudança de temas e sentidos discursivos que o levou a “desnudar la voz” e assim iniciar a “erosión de los cimientos del proyecto origenista” (FOWLER, 2001, p. 40); e, por fim, a superação de Orígenes, segundo Fowler, iniciada a partir do poema “Haikú mañanero”, cujo mecanismo está em suprimir “cualquier noción de la poesía como misterio o la noción romántica de que la imagen nos debe conducir a una revelación”, passando a conceber o poema como “una construcción, suerte de arquitectura mental” (ibidem, p. 41).

Mas somente alguns anos mais adiante, com o número 45/46 da revista em 2007, que podemos encontrar através dos comentários de Jorge Luis Arcos à reedição de *Los años de Orígenes* em Buenos Aires, uma maior clareza a respeito do real significado da polémica consagração de García Vega na literatura cubana<sup>167</sup>. Seu ensaio<sup>168</sup> “Nuevos años de Orígenes”, ao partir da intervenção de Ponte durante o Coloquio Internacional Cincuentenario de *Orígenes* em 1994, lembra como Lorenzo García Vega via Ponte “terminó aguando la fiesta origenista” naquele contexto “sombrio” do Período Especial: “En el mismo momento de la apoteosis de Orígenes, el desvío, la fuga, la negación, el oscuro reverso” (ARCOS, 2007b, p. 226). Notamos que a crítica negadora de Ponte assim dá continuidade àquela tradição do “no” na literatura cubana (como vimos tratada

<sup>167</sup> *Encuentro* chegou ainda a publicar, no número 50 (2008), um ensaio de Rogelio Saunders, “La escritura en falta”, onde ele faz uso de uma escrita aparentemente “esquizofrênica” para tratar da “literatura esquizofrênica” de García Vega.

<sup>168</sup> Ainda que o próprio ensaísta tenha aparentemente pensado escrever uma resenha, é notório que a densidade adquirida por suas considerações com esse texto ultrapassa os limites de uma simples resenha, adentrando-o no âmbito de um ensaio.

depois como “niilista” por Rojas) ao identificar em García Vega um dos seus maiores expoentes. Tomemos aqui a liberdade de transcrever a extensa consideração de Arcos sobre essa questão em grande parte provocada por *Los años de Orígenes*:

Y dentro de esa enorme explosión o necesario caos, este librito cumplió una función subversiva, desmitificadora. En primer lugar, porque acentuó una tendencia muy entronizada dentro de la llamada generación de los 80: la de una relectura de la tradición. Orígenes también hizo una relectura de la tradición insular. Las primeras generaciones de la Revolución también intentaron hacer la suya (Fernández Retamar o Heberto Padilla o Mirta Aguirre, *et al.*). Ahora sucedía una nueva ruptura, con doble movimiento: desde dentro y desde el exilio. Esta última acaso pueda llamarse ya la de la *posrevolución*, por aquello de la ulterior, la postrera..., pero que también ha intentado *construir* su relectura ¿póstuma? Relectura, esta última, con muchos puntos de contacto con la de Lorenzo, de ahí que una parte significativa de la intelectualidade insular más reciente haya encontrado en García Vega a un parigual, a un adelantado, en esta suerte de mirada arrasadora, desmitificadora (lúdica, irónica y paródica, aunque también trágica), tampoco, para nada, ausente, en cada uno a su modo, en un Virgilio Piñera o en un Reinaldo Arenas. (Ibidem, p. 228, grifos do autor).

A essa averiguação de Arcos, há de se acrescentar ainda outra que a antecede e que se poderia tomar como equiparável em desalento, onde o ensaísta recorda que a “oficialización” do origenismo já a havia observado García Vega desde muito antes, quando ele associou a “claudicación” do origenismo ao castrismo (via Vitier) como uma verdadeira traição do sentido primordial de Orígenes.

Voltando novamente a nosso mosaico da literatura cubana em suas amplas dimensões de painel, com as observações fragmentárias retiradas dos ensaios publicados por *Encuentro* que trouxemos sobre a questão origenista, se mostra patente que elas terminam por contribuir para conformar uma das sobressalentes áreas imagéticas centrais<sup>169</sup> desse painel. Evidentemente, aquilo que aqui estamos trazendo são apenas amostras conjuntivas do “arranjo” empreendido pela revista à configuração desse mosaico, mas nosso ponto de vista permite até aqui tomar conhecimento de uma

---

<sup>169</sup> Com essa ideia de centralidade do origenismo que fazemos desde a leitura literária de *Encuentro*, de alguma forma ampliamos o que João Barrento (2010) sugeriu como “centro gravitacional” para o movimento do pensamento no interior do ensaio a partir de sua analogia com a dança, agora pensando o próprio conjunto de ensaios sobre o origenismo ou seus fragmentos discursivos como suscetíveis a um campo de forças maior no interior da revista que os direcionou àquilo que aqui chamamos de ponto de fuga central do mosaico da literatura cubana.

perspectiva que remete ao origenismo como verdadeiro ponto de fuga, ao qual, na profundidade do painel, parecem convergir distintas linhas imaginárias da literatura cubana. Tais linhas seriam verificáveis, portanto, através de obras, autores e respectivas críticas direcionadas para específicos conjuntos de ideias e práticas proporcionadoras de diferentes tendências literárias ou grupos geracionais. Orígenes surge então como um padrão visual de indubitável força imagética, não apenas pela diversidade de autores, críticos ou historiadores de virtude que a ajudaram criar, mas também por ter se convertido possivelmente no centro do cânone da literatura cubana nas páginas da revista *Encuentro*.

#### 2.2.2.4 - Critérios ecléticos para intervenção no cânone

Em um ensaio publicado no número 37/38 (2005) de *Encuentro*, “Sobre el canon cubano (da capo)”<sup>170</sup>, o ex-diretor da revista *Unión* Jorge Luis Arcos e então recentemente exilado em Madri reconhece a literatura cubana como um “territorio minado para la crítica” (ARCOS, 2005, p. 223). Sem dúvida, a singularidade proporcionada pela condição revolucionária a partir de 1959, como bem afirma o ensaísta, terminou por suscitar como em nenhuma outra literatura em nosso continente um padecimento tão intromissivo da política que a fizesse visivelmente sobressair a questões estéticas. A metáfora bélica se mostra mais uma vez profícua<sup>171</sup> para tratar de um campo que, até que se prove o contrário, não teve como não sofrer interferências das lutas ideológicas e de suas consequências, algo a que seguem submetidos escritores cubanos desde os mais diferentes espaços intra e extrainsulares. Mas mesmo frente à constatação desse condicionamento promotor de tantas polêmicas – ou justamente por causa dele –, o próprio Arcos faz questão de defender que aquilo que torna um autor canônico não deve estar meramente submetido aos “desastres de la Historia” (idem). A partir dessa dificuldade, procuraremos a seguir realizar alguns comentários sobre importantes ensaios trazidos pela revista sobre o assunto, dedicando-nos a traçar caminhos por entre as “minas”, para, em seguida, compreendermos melhor os critérios

<sup>170</sup> Texto que continuou com as reflexões iniciadas em “Notas sobre el canon. Introducción a un texto infinito sobre el canon cubano”, publicado na revista *Unión* (Nº 50, 2003).

<sup>171</sup> Metáfora que vimos, para citar apenas alguns exemplos, em títulos de livros como *La CIA y la guerra fría cultural* (1999), de Frances Stonor Saunders; *La utopía desarmada* (1993), de Jorge Castañeda; *Entre la pluma y el fusil* (2003), de Claudia Gilman.

usados por *Encuentro* para a configuração do que visualizamos como um mosaico da literatura cubana, montado a partir de fragmentos provenientes de “detonações” de variados níveis ao longo das décadas revolucionárias.

O impasse sobre quais são os mais eficazes ou justos critérios de seleção de uma obra ou autor para adentrar o cânone da literatura, de certa forma, sintetiza as perspectivas de inteligência da arte literária e perpassa várias dinâmicas de produção de sentido das obras no interior do sistema literário. As contribuições de críticos, historiadores, professores, pesquisadores, editores, comerciantes, publicações e leitores em geral, vinculados ou não a alguma instituição, e, obviamente, a dos próprios autores adscritos em diferentes estéticas e em seus naturais interesses de serem lidos (e se possível reconhecidos), juntas compõem uma complexa gama de elementos variáveis de influência e de decisão que estão longe de convergirem para o estabelecimento de uma normatividade consensual. Nesse sentido, o papel de uma revista cultural, literária, ou de perfil semelhante como suplementos de jornal se mostra indispensável para o debate em torno do processo de leituras e releituras – complexa e determinante função metadiscursiva de caráter polifônico –, cuja atribuição de responsabilidade para a intervenção canônica, no caso cubano, bem poderia ser exemplificada por publicações como *Orígenes*, *Ciclón*, *Lunes de Revolución*, *Casa de las Américas*, *El Caimán Barbudo*, *Mariel*, *Cuban Studies* ou *Encuentro de la Cultura Cubana*.

*Encuentro* surge em 1996 logo em seguida à publicação do famoso livro de Harold Bloom, *O cânone ocidental. Os livros e a escola do tempo* (1994), onde o crítico norte-americano faz a defesa da importância da existência do cânone como parâmetro de vitalidade de obras e da escolha estética como orientação para definição desse cânone. Como sabemos, Bloom é categórico ao criticar o frenesi multiculturalista<sup>172</sup> e a perspectiva ideológica para os princípios de seletividade, insistindo que o processo agônico de influência entre artistas, sempre interpretativo, é que de fato engendra o valor estético. De alguma maneira interessado em pôr em discussão a pertinência das considerações de Bloom para a literatura cubana, logo Rafael Rojas teria publicado seu livro *Un banquete canónico* (2000), ensaio no qual, dentre observações que se mostram atentas aos estudos culturais e suas vertentes, Rojas acaba por resvalar em uma daquelas

---

<sup>172</sup> “Podemos obrigar a tradição a abrir-nos espaço acotovelando-a de dentro, por assim dizer, e não de fora, como querem que façamos os multiculturalistas?” (BLOOM, 1995, p. 36).

“minas” e provocar uma detonação de efeitos polêmicos logo registrados por *Encuentro*: ao verificar que um terço dos nomes presentes na lista latino-americana do cânone ocidental de Bloom eram cubanos, Rojas atribui diretamente a Roberto González Echevarría, colega de Bloom na Universidade de Yale, a responsabilidade por tal consagração visivelmente excessiva.

Antes de prosseguirmos com tais efeitos, dentre os quais está o da publicação na revista do famoso ensaio de Echevarría, “Oye mi son: el canon cubano” (Nº 33), parece-nos oportuno lembrar um importante aspecto do ensaio enquanto gênero literário aberto ao dialogismo, a uma espécie de necessidade de despertar no “outro” um ímpeto de resposta, à sua possível busca de completude na alteridade. Vários foram os estudiosos que chamaram a atenção para esse caráter peculiar do ensaio, como Fernando Aínsa ao destacar sua necessidade de um leitor com o qual “establecer una complicidad basada en la sensación de sincera autenticidad que es capaz de comunicar” (AÍNSA, 2006, p. 83); Beatriz Sarlo ao preferir tomar sua incompletude como regra, “porque si el ensayo se completara daría cierre a una forma que se caracteriza (...) por desafiar la clausura” (SARLO, 2001a, p. 17); Liliana Weinberg ao ressaltar a “‘buena fe’ en el decir para una escucha, su sinceridad, su responsabilidad”, recordando que além de um leitor em particular, o ensaio entra em diálogo com “una comunidad hermenéutica en general, y también con comunidades interpretativas particulares ligadas a campos de interés particulares” (WEINBERG, 2006, p. 54); assim como Jean Starobinski invocando Montaigne para afirmar a importância do ensaio em forçar o leitor “a pensar e a sentir intensamente”, a “sorpreendê-lo, escandalizá-lo, provocá-lo à réplica”, já que “a palavra é metade de quem fala, metade de quem a ouve” (STAROBINSKI, 2011, p. 21).

Aliás, é justamente também recorrendo a Montaigne que Roberto González Echevarría, bem antes de dar continuidade à polêmica iniciada por Rafael Rojas, procura se referir ao dialogismo do gênero em outro ensaio publicado por *Encuentro*, “Versiones y perversiones de Alejo Carpentier” (Nº 14), ao reconhecer que “Carpentier no fue un gran ensayista” e afirmar que

El ensayo es un género dúctil, fluido, que parte de un yo cuya situación e interioridad están en juego, y que dialoga con el lector. En efecto, su origen en el siglo XVI —en Montaigne— no es otro que el diálogo clásico, de donde proviene el tono conversacional de los interlocutores, uno de los



cuales, por separado, se convertirá en el ensayista. (ECHEVARRÍA, 1999, p. 67).

Com essa observação de Echevarría, vale por último também rememorar que os cubanos há muito demonstram ter consciência da força do ensaio provocativa ao diálogo e, como poucos, sabem explorar os limites desse potencial ao muitas vezes induzirem interlocuções ao nível da polémica.

Rojas foi perspicaz ao direcionar a polémica provocada por seus comentários em *Un banquete canónico* para as páginas da revista *Encuentro*, a qual dirigia em 2004 quando publica no número 33, logo como primeiro texto da entrega e dentro da “Homenaje” ao próprio Echevarría, o inédito ensaio “Oye mi son: el canon cubano”<sup>173</sup>. No texto, Echevarría de antemão justifica sua motivação a escrevê-lo para além da provocação de Rojas, explicando também que o move o fato de ser obrigado constantemente a responder a curiosos em geral sobre quais eram seus livros da literatura cubana que mais gostava. Dessa forma, anuncia sem pudor, que independentemente de ser um importante acadêmico (fato por ele atenuado) ou um crítico periodístico (*New York Times*, *Wall Street Journal*, *Miami Herald*), seu principal critério é guiado pelo “gosto”. Confessa ainda que ao assessorar Bloom com o cânone latino-americano, o fez mais por amizade do que por convicção nos princípios orientadores da obra, reconhecendo seu anglocentrismo, mas também a vigência que acabou dando à noção de cânone, inclusive em relação ao seu valor comercial. Para Echevarría, Bloom havia feito uma “llamada al orden” (ECHEVARRÍA, 2004, p. 8) frente às politizações do cânone literário, e que “de un golpe sacó del clóset de la crítica contemporánea el juicio de valor, y con éste la ineludible misión del crítico de, como decía José Martí, ‘ejercer el criterio’” (ibid., p. 7-8).

Ao justificar a defesa do cânone a partir de sua atividade como crítico, Echevarría também sustenta que o uso de “métodos” seriam uma tentativa de “desplazar o cancelar la autoridad del crítico”, segundo ele “una de las formas más burdas de la hipocresía, porque todos, para empezar precisamente con la selección de nuestro objeto

---

<sup>173</sup> Emilio Ichikawa (2004/2005) chamou a atenção que o impacto do ensaio de Echevarría chegou a ofuscar até mesmo a presença de Fidel Castro na revista, com a publicação facsimilar (em 39 páginas) de sua entrevista ao jornalista norte-americano Andrew St. George em 1958 (ainda em Sierra Maestra), algo que outrora teria provocado uma avalanche de críticas negativas, como vimos com o que ocorreu com o lançamento do primeiro número em 1996 e a incômoda presença de Raúl Castro.

de estudio o análisis, hacemos juicios de valor, que en primera y última instancias se basan en nuestras preferencias y gustos” (ibid., p. 8). Como vemos, Echevarría “dobra a aposta” ao responder a Rojas e demais curiosos sobre a questão do cânone de Bloom, aproveitando ainda para afirmar sua compreensão acerca do exercício do critério crítico:

Lo que tenemos que admitir, contra los teóricos, es que nuestra labor está condenada a la imperfección y para usar una palabra lezamiana: la “incompletez” —más a la melcocha que al papel cuadriculado, pero que no por eso debemos abandonarla o hacernos esclavos de métodos que prometen contenerlo y clasificarlo todo sin dejar residuos—. Lo que caracteriza lo que hacemos, lo que sigue siendo parte integral de las humanidades, es justamente la imperfección de lo humano. Lo que practicamos, como el objeto de nuestro estudio, es en última instancia arte, no ciencia; también por la continuidad que existe entre nosotros y nuestro objeto de estudio, ambos estamos fraguados en el mismo lenguaje. (Ibid., p. 9).

Para, por fim, desvelar seu alinhamento à posição de Bloom contrária à “Escola do Ressentimento”<sup>174</sup>, alegando a necessidade de se impossibilitar a redução da literatura latino-americana a um *status* de marginalidade como algo inerente:

Hay que descartar la vocación de víctima que se supone aqueja a toda nuestra cultura y reconocer que en sus más altas manifestaciones la literatura latinoamericana no es subalterna de ninguna, ni los latinoamericanos subalternos de nadie. Los críticos y supuestos teóricos son los subordinados de doctrinas que aprenden en Europa o Estados Unidos a las que aspiran someter la literatura latinoamericana. (Ibid., p. 10).

E é justamente com as considerações acima que voltamos ao impasse antes aludido. Ele é discutido por Emilio Ichikawa no ensaio “En vez de maldecirte - Roberto González Echevarría y el ensayo de la discordia” publicado na seguinte entrega da revista, a de número 34/35, quando o ensaísta enxerga nos argumentos de Echevarría algumas “piruetas” discursivas. Ao assumir que confia no “gosto” literário, “un juicio formado en base al *disfrute empírico y sostenido* de la obra de arte”, algo em que sem dúvida contam elementos como “la sensibilidad del receptor, la casualidad, la amistad”, o professor de Yale se declara contrário ao “escrutinio científico: lingüístico,

---

<sup>174</sup> Forma como o crítico norte-americano se referiu a correntes multiculturalistas como a dos Estudos Culturais, dos Estudos Subalternos ou dos Estudos Pós-coloniais.

económico, estadístico, sociológico” (ICHIKAWA, 2004/2005, p. 127, grifos do autor).

Para Ichikawa,

Resulta que la posición científicista, que debería proponer una lectura e interpretación con resultado monovalente (una pretensión lógica de “verdad demostrada”, como es tradicional en la ciencia), cae en el relativismo: las muchas lecturas y la muchas interpretaciones, que son el resultado obligado de la existencia de “muchas” literaturas. Aparece aquí una ciencia deformada y promiscua respecto a su ideal autónomo moderno, pues ya no trata de ser *verdadera* o exacta sino *justa*.

(...).

Este resultado le viene al científicismo relativista literario por la predeterminación política y, en lo epistémico, por tratar de suponer que, en tanto sociedad, la verdad es el *historicismo* y lo correcto el *multiculturalismo*. (Ibidem, p. 127-128, grifos do autor).

Dessa forma, ele põe em contradição o posicionamento do acadêmico Echevarría em defesa do “gosto” como juízo de valor, ao ser questionado justamente sobre a congruência entre a autoridade do crítico institucionalizado (a teoria) e a consequência dos critérios por ele utilizados (a prática). Ichikawa inicia seu ensaio tratando, precisamente, da “indiferença” entre teoria e prática no que ele determina genericamente como “tiempo de Occidente” (ibid., p. 125).

Mas há outras “piruetas” identificadas por Ichikawa. Ao “atenuar” sua função como “portero del canon” (ECHEVARRÍA, 2004, p. 6), dessa forma o crítico e professor se coloca modestamente ante a função, sem dúvida, de um “sujeto privilegiado del canon” (ICHIKAWA, 2004/2005, p. 128). Isso leva Ichikawa a indagá-lo, a partir dos casos de desempenho da própria função como sujeito crítico relatados por Echevarría em termos de boas e más leituras (e não de leituras corretas e incorretas), assim trazendo a discussão para a questão de uma “*ética de la lectura* formalmente tolerante si consideramos *el método de establecimiento del canon* (la libre interpretación, el juego intelectual)” (idem, grifos do autor). A dúvida de Ichikawa sobre o uso categorial das leituras do crítico, ao derivar para uma ética implicada no “juego intelectual”, é assim ainda exemplificada:

Es decir, hay una consecuencia moral que deriva directamente del proceso de leer y que funciona más allá del libro. Como vemos en el propio homenaje que la revista *Encuentro* organiza al profesor, ese desbordamiento moral alcanza cuando menos una ética de la amistad, a una *filia* de profesión. La

simpatía moral que transpiran los textos encargados y escritos a propósito de Roberto González Echevarría, incluyendo el que es de su autoría, nos habla más de una *familia letrada* que de la ya humildemente utópica *ciudad* que nos legara Ángel Rama. (Idem, grifos do autor).

O que está assim sendo colocado em jogo – nas entrelinhas uma vez que Ichikawa não traz a discussão para estes termos – é se a postura justificada pelo próprio ensaio “Oye mi son: el canon cubano” em termos de oposição a abstrações de método em obediência a motivos políticos como ocorre em Cuba (ECHEVARRÍA, 2004), ao final, também não está ambigualmente submetida a uma “*filia*” de cultura política.

Como último comentário crítico, Ichikawa ainda chega a verificar outra ambivalência discursiva quando, após as verificações de exercício de humildade presentes ao longo do ensaio, numa espécie de retorno da autoridade canônica Echevarría conclui o texto afirmando em autodeclarada “hipócrite modestia” que “Mis juicios son míos” (ibid., p. 18). Para Ichikawa, tal franqueza implica em uma leitura de que “lo absoluto empieza a hablar con apariencia singular a través de él” e “Lo subjetivo deja de serlo y deviene universal, canónico” (ICHIKAWA, 2004/2005, p. 128).

Se o ensaio enquanto gênero incita o diálogo, com o anterior tivemos um bom exemplo de, ao menos, um princípio de interlocução. O que nos chama a atenção é que ele demonstra uma complexidade de variáveis de influência, às vezes contraditórias, sobre o estabelecimento do cânone como aquilo que Bloom identifica como “um metro de vitalidade, uma medida que tenta mapear o imensurado” (BLOOM, 1995, p. 46). Como se pode perceber, nos interessam aqui mais os mecanismos de estabelecimento referencial para esse “metro” do que necessariamente quais são os nomes que “son” ou que “no son” incluídos nas listas canônicas como as de Bloom ou de Echevarría. Nesse sentido, as críticas de Ichikawa ao ensaio de Echevarría surgem inclusive como proveitosas para compreendermos algo sobre o *modus operandi* da própria revista *Encuentro*, ao ficarem expostos em suas páginas dilemas sobre o cânone que poderiam ser observáveis, como dissemos, em variadas dinâmicas de produção de sentido das obras no interior do sistema literário, pra não dizermos em todas. A questão é: no interior de qualquer juízo de valor, quais são as fronteiras entre critérios baseados em influências de ordem política e critérios de ordem essencialmente estética?

Em defesa de uma perspectiva baseada em valores estéticos, e apesar de sua incisiva oposição a aqueles que insistem que sempre há uma ideologia por trás de todo

cânone, Bloom reconhe influências psicológicas, espirituais e sociais sobre um valor, mas para ele seu maior elemento devia ser necessariamente estético: “A gente só entra no cânone pela força poética, que se constitui basicamente de um amálgama: domínio da linguagem figurativa, originalidade, poder cognitivo, conhecimento, dicção exuberante” (ibidem, p. 36). Trilhando os mesmos passos, Echevarría também deixa indicados alguns dos seus critérios quando disse, por exemplo, que “Para mí la obra tiene que tener dimensión, aliento, monumentalidad sublime”, que “la obra debe tener elevación”, também que “Las obras que más disfruto retienen un residuo o, mejor, un reducto impenetrable, un secreto o arcano cuya presencia percibimos, pero no podemos del todo nombrar y menos describir o analizar” (ECHEVARRÍA, 2004, p. 11), ou ainda que “la obra debe por lo menos reciclar la tradición de forma novedosa” e que “No hay obra grande sin estilo propio, sin esa humilde pero trascendental tarea de poner una palabra detrás de otra con un ritmo suyo” (ibidem, p. 12). Porém, uma vez estando claros os critérios estéticos, por que tanta veemência no caso de Bloom em renegar influências ideológicas (não seria a intolerância a susceptibilidades ideológicas também uma ideologia?) e no caso de Echevarría, ainda que menos manifesto, por que deixar de reconhecer o que há de político no ato de ajudar o amigo a elaborar uma lista (ele ajudaria Bloom se ele fosse um multiculturalista?)?

Em parte, as perguntas dos parágrafos anteriores poderiam ser respondidas por meio de um retorno ao ensaio de Jorge Luis Arcos com que iniciamos essas reflexões, trazendo assim outro exemplo da força dialógica provocada pelo ensaio “Oye mi son: el canon cubano”. Basicamente, Arcos defende em seu ensaio “una valoración más objetiva de una realidad literaria tan alterada” por interesses políticos (ARCOS, 2005, p. 215), em que manipulações e exclusões interromperam o “sentido de continuidad de la tradición literaria cubana” (ibidem, p. 217). Utiliza como contraponto à tentativa de estabelecimento do cânone revolucionário, por exemplo, a recuperação do grupo de Orígenes realizada pela geração de escritores dos anos 80 em busca da “reincorporación de una cosmovisión” (ibid., p. 216) peculiar sobre a tradição, algo que atendesse melhor as exigências da contemporaneidade:

La perseverancia de la literatura es más fuerte que cualquier política, o que la “mala política”. Es lo terrible y lo patético de esa “mala política”: hace mucho daño pero, a la postre, apuntala las obras y autores que niega. La

imagen regresa siempre. Lo que Lezama llamó ‘el cubrefuego de la imagen’. Por eso la disolución del canon es imposible”. (Ibid., p. 217).

A reiteração de Arcos sobre os prejuízos de uma “mala política” na frase anterior nos convida a pensar sobre uma inevitabilidade da influência da política em suas diversas manifestações sobre a vida civil ou cultural, seja através de efeitos de discurso ou efeitos de prática que organizam pessoas em grupos ou comunidades, proporcionados por uma cultura política; seja por meio do favorecimento de determinada tendência ou visão de mundo por meio de uma política cultural.

Apesar de ter consciência, a partir de sua própria experiência como pesquisador, professor, editor e escritor em Cuba, de que o “conocimiento siempre ha sido secundario” (ibid., p. 218) para a política cultural revolucionária, Arcos naquele momento reconhece alguma esperança de que o conhecimento era ainda possível a partir de releituras como as empreendidas por ensaístas da geração dos anos 80, insulares ou diaspóricos<sup>175</sup>. É nesse ponto que ele procura demonstrar uma concordância com a valoração estética de Bloom, naquilo que diz respeito à angústia das influências e a necessidade de se utilizar tal perspectiva para o estudo de “*algunas zonas*” da literatura cubana<sup>176</sup>.

Mas o que nos parece muito relevante em “Sobre el canon cubano (da capo)” é que Arcos é peremptório ao elogiar o ensaio de Echevarría como “brillante”, ao destacar como “algo verdaderamente valiente en nuestros días” sua honestidade em assumir a subjetividade da crítica: “Coincido con el crítico en el valor, por relativo que sea, de esa subjetividad” (ibid., p. 222). Suas considerações procuram, basicamente, centrar-se no “gosto” e nas escolhas de Echevarría: mostra-se comovido pela “universalidad canónica de Lezama” por sobre a do próprio Carpentier (como sabemos, tão íntimo dos estudos de Echevarría), algo que o ensaísta assumiu contrariando expectativas, divergindo, inclusive, do juízo de Bloom; exalta como “convicentes, inteligentes y muy profundas”

---

<sup>175</sup> Referindo-se, por exemplo, a Rafael Rojas, Hernández Busto, Víctor Fowler, Antonio José Ponte, Iván de la Nuez.

<sup>176</sup> Como exemplos de tais zonas, citou a distinção entre um origenismo clássico ou ortodoxo (Lezama, Vitier, Diego, García Marruz, Smith, Gaztelu, Baquero) e um marginal ou dissidente (Piñera, García Vega); assim como a contraposição entre as cosmovisões de origenistas clássicos e de *Ciclón*; ou a contestação geracional dos filhos de *Ciclón* desde *Lunes de Revolución*; e ainda uma mais recente oposição entre lezamistas e piñerianos (ARCOS, 2005).

as argumentações sobre Cabrera Infante, Arenas e Barnet, o que “demuestran la calidad del crítico” (idem); e não deixa ainda de qualificar como “errados” (id.) os juízos sobre Vitier e Kozer. Dessa forma, Arcos opta por uma afinidade com a maneira como Echevarría, do alto de sua já inegável experiência com a literatura, declara compreender o exercício do critério em sua missão como crítico, independentemente do peso que recaía sobre seus ombros o fato de ser um renomado professor de Yale.

Isso nos remete às perguntas anteriores que levantamos. Apesar de não serem explicitamente direcionadas aos questionamentos trazidos por Ichikawa sobre o relativismo cientificista, ou sobre as possíveis contradições envolvidas em uma toma de posição tão honesta como a de Echevarría pelo critério subjetivo para o sujeito crítico, as opiniões no ensaio de Arcos transparecem uma lucidez intelectual bastante considerável em seu discernimento prático e inclusive moral. Sem banalizar relativismos ou sem terminantemente desconsiderar questões éticas ou estéticas e suas prováveis influências na função crítica, as fronteiras entre critérios de ordem política e critérios de ordem estética se apresentam para Arcos como flexíveis ou até mesmo transponíveis: “Quiero decir que, a esta altura del estado de la crítica, apuesto por una crítica de matices, de vasos comunicantes” (ibid., p. 221). Ao confessar, por exemplo, que no jogo literário acaba por pender mais para a perspectiva estética e agonista de Bloom do que a de Rafael Rojas em *Un banquete canónico*, ainda que legítima e necessária, acredita que esta última não deve ser confundida com a “Escola do Ressentimento”:

No debemos caer en el espejismo de las contraposiciones infantiles, de la guerra fría entre esteticistas y multiculturalistas, etc. De acuerdo a la propia tradición cubana de un eclecticismo creador, y a la más reciente de un Lezama caníbal, creo que ambas perspectivas deben coexistir, incluso confundirse. (Idem).

Desde o nosso ponto de vista, com esse ensaio as opiniões anteriores de Arcos passam criticamente ilesas pelo campo minado da literatura cubana.

Com constatações como as anteriores, concluímos que as publicações de ensaios como os que aqui observamos oferecem uma mostra de como a revista *Encuentro* procurou conduzir a discussão em torno do cânone literário cubano, estimulando o exame de seus critérios de consagração e de marginalização, de sua vigência frente a

constantes transformações de caráter estético e político, por fim, de sua acomodação às exigências de um presente sem dúvida incômodo. Para além de exercer uma autoridade canônica ao elencar determinadas obras ou autores para ocuparem suas páginas, feito por si só interferente no cânone, constatamos a saudável atividade metadiscursiva de exposição dos funcionamentos interiores ao campo literário. Ao mesmo tempo em que com a leitura da revista verificamos ensaios cujas escolhas de interpretação de obras de escritores se dão sob influência interartística, é notório também o critério de priorização de autores excluídos ou renegados pelo oficialismo revolucionário, fato de interferência ideológica em realidade nunca negado pela publicação mesmo sob um discurso editorial conciliador. Tampouco podemos excluir para algumas decisões editoriais a existência daquela “*familia letrada*” apontada por Ichikawa, ainda que sob a ponderação e a sensatez de não se deixarem levar desregradamente pelo mero estímulo de um “nepotismo”.

Diante disso, a função protagonista que o gênero do ensaio assume é fundamental. Sua ocupação textual privilegiada nas páginas da revista nos permite visualizar a prática de um espaço sujeito a movimentos de interação e de choques, de atração e de repulsão entre pensamentos e conceitos, assim originando uma decisiva força discursiva. Mas, para além de uma observação planiforme, os diálogos entre ensaios como os de Echevarría, Ichikawa e Arcos parecem sugerir um olhar em profundidade, uma possível “tercera dimensión” (WEINBERG, 2006) convidativa a ampliar as perspectivas críticas. Sabemos que o ensaio, ao estabelecer um vínculo entre si e aquilo que é ensaiado, entre expressão e conceito, proporciona a mediação de sua interpretação na condução até o surgimento de uma nova ordem facultadora de sentidos. Ademais de ocupados com a intrínseca função de interpretar interpretações, ensaios como os que aqui vimos, mais do que abrangerem questões sobre a compreensão do que propriamente seja a literatura, também abarcaram as dinâmicas sobre o próprio processo dessa compreensão, aprofundando assim a dimensão da observação.

#### **2.2.2.5 - Mosaico de infinitudes**

Isso nos leva a algumas observações, por hora conclusivas, sobre o painel montado pelo processo de criação do mosaico da literatura cubana que viemos até aqui configurando, útil estrutura-simulacro em nosso auxílio para a análise de *Encuentro*. A



inicial é que a composição de uma *mimesis* que delineasse uma visão ampla de manifestações literárias indica que a revista faz uso de critérios abrangentes e pluralistas<sup>177</sup> de escolha, ao menos quando observada desde um ponto de vista limitado como o nosso, ocupado somente com leituras de ensaios como unidades estruturais. Apesar de não nos determos aqui detalhadamente sobre cada conjunto imagético ou cada padrão visual formado por outras unidades como fragmentos de romances, como poemas, contos, resenhas, artigos, entrevistas, etc, ainda assim poderíamos concluir que a lista de autores presentes nesta grande figura é bastante vasta e inclusiva, composta por uma interessante mescla de diferentes cânones (origenista, revolucionário, vanguardista, niilista, cubano-americano, diaspórico, feminista, afrocubano, homoerótico) resultante de convergências entre critérios estéticos e políticos. Portanto, poderíamos identificar tal característica pluralista como adequada à maneira como a linha editorial da revista entende o significado de democracia, sendo a nova composição de uma imagem menos proeminente da obra de Martí um exemplo desse entendimento de horizontalidade.

Outro comentário que nos parece importante é sobre a centralidade do origenismo neste mosaico, em sua maior parte proporcionada pela intensidade ensaística ocupada por variadas e muitas vezes conflitivas interpretações. Segundo pudemos apreender de nossa leitura de *Encuentro*, visualizar Orígenes como ponto de fuga dessa grande imagem literária seria um resultado acorde com a tradição literária cubana, seja pela leitura canônica do século XIX empreendida por boa parte do grupo, seja pelo resgate realizado pela geração de escritores dos anos 80, depois em contraposição à “dissecação” do legado almejado pelo oficialismo a partir dos anos 90. Além disso, tal

---

<sup>177</sup> A modo de sugestão, registramos a seguir alguns ensaios sobre a literatura cubana trazidos pela revista que poderiam ainda estimular interessantes reflexões relativas ao cânone: “Las prisiones de Reinaldo Arenas”, de Fabio Murrieta (Nº 2); “Sobre la narrativa de Eliseo Diego”, de Julio E. Miranda (Nº 3); “Hacia una utopía de la resistencia”, de Madeline Cámara (Nº 4/5); “Los cuentos de Carlos Victoria: de Cuba a Miami, idas y vueltas”, de Liliane Hasson (Nº 4/5); “Fina”, de Jorge Luis Arcos (Nº 11); “1898: hispanismo y guerra”, de Arcadio Díaz Quiñones (Nº 11); “La mano izquierda de San Ignacio”, de Rafael Zequeira (Nº 12/13); “Diálogos”, de Magali Espinosa Delgado (Nº 14); “El lugar de la escritura”, de William Luis (Nº 15); “Imposible sobrepasar mi sombra”, de Nivaria Tejera (Nº 19); “Octavio Smith: un esplendor desconocido”, de Enrique Sáinz (Nº 19); “Heredia: iniciador de caminos”, de Alejandro González Acosta (Nº 26/27); “Comentarios a una antología”, de Duanel Díaz Infante (Nº 30/31); “En el barrio de Reina María”, de José Prats Sariol (Nº 30/31); “Las ceremonias del recuerdo: viaje a La laguna sagrada de Lydia Cabrera”, de Madeline Cámara Betancourt (Nº 34/35); “El poeta solo – Eugenio Florit entre *Órbita Órbita* y *Jiribilla*”, de Pablo de Cuba Soria (Nº 34/35); “Travesías de la memoria”, de Luis Manuel García (Nº 44); “La escritura imaginaria de Abilio Estévez”, de Armando Valdés Zamora (Nº 51/52).

padrão visual estaria potencializado pelo próprio valor atribuído ao imagético por Lezama, por exemplo, tendo ele explorado o uso da imagem originalmente através da complexidade de sua dicção singular ocupada pela sistematização poética do mundo. Mas a força do imaginário origenista, sem dúvida em muito intensificada pela configuração lezamiana, adquire uma amplitude de grande imanência quando observada em conjunto com o grupo ou geração de Orígenes, algo bastante dilatável no sentido canônico e que é consideravelmente ensaiado nas páginas da revista. O resultado desse conjunto que compõe a imagem origenista do mosaico, inclusive, convida a um olhar em profundidade em que confluem diferentes linhas da literatura cubana, em que são voltadas atenções convergentes de distintas tendências literárias e grupos geracionais, olhar este que nos direciona a um ponto que consideramos central do mosaico.

Por último, vimos que a revista procura estimular o debate sobre os procedimentos de formação do cânone, o que para nosso intuito de configuração de uma estrutura-simulacro poderia ser entendido como a forma como se realizou o arranjo dos fragmentos do mosaico. Sem dúvida *Encuentro* procura recolher conjuntos de peças fragmentárias em variados espaços literários e em muitas comunidades cubanas espalhadas pelo mundo, no interior e no exterior de uma possível triangulação formada entre cidades como Madri, Havana e Miami, sem aparentemente priorizar determinados indivíduos, comunidades ou instituições. Ou seja, utiliza para a montagem desde fragmentos provenientes de autônomos ou autodidatas do ensaísmo até especialistas acadêmicos, de intelectuais com vasta experiência a jovens iniciantes, de artistas consagrados a artistas esquecidos ou marginalizados pela cultura oficial, algo que nos leva a concluir que há uma preocupação por sim manter uma qualidade desses conjuntos fragmentários, mas isso ocorrendo simultaneamente à abertura a certa política do ecletismo. Os alcances dessa nossa leitura se referem, certamente, a aspectos ideológicos. Em termos de formatos, tamanhos, materiais, texturas ou cores dessas peças, é possível afirmar que a diversidade também predomina esteticamente falando. Já em termos de fixação para suas justaposições, tomamos aqui de uma liberdade poética para considerar que o cimento é feito como um composto de “celulose com muito suor”.

Mas se há algo que merece ser consignado em nossa conclusão é que terminamos por entender o ensaio como uma unidade estrutural que potencializa a profundidade dimensional desse mosaico. Ao aqui fazermos uma análise interpretativa

de um gênero disponível à interpretação de interpretações literárias, o efeito é enxergarmos imagens penetrantes muitas vezes não visíveis através de leituras superficiais das obras. Uma provável explicação para tal aprofundamento estaria na constatação de que, ademais de sermos levados a considerar cada ensaio como um conjunto de fragmentos do mosaico, somos simultaneamente convidados a associar cada unidade de ensaio com um fragmento do mosaico, fragmento por sua vez composto por outros menores fragmentos, assim sucessivamente, até percebermos que nessa infinitude do ensaio se encontraria sua essência como arte literária.

## **2.3 - Relendo a nação: a *cubanía* como *tópos* ensaístico**

### **2.3.1 - A identidade em jogo**

#### **2.3.1.1 - A urgência do presente**

A *mimesis* que vimos acima resulta de uma abordagem interpretativa favorecida pela perspectiva da atividade estrutural, por associações figurativas a partir de certa imaginação estrutural que contribuem a proveitosas leituras do ensaísmo publicado por *Encuentro*, ao contarem com categorias como a de espaço enquanto constructo e de noções como a de movimento do pensamento fragmentário enquanto prática de espaço ensaístico. Mas, como dissemos anteriormente, para a devida atribuição de sentidos a partir de identificações de funções sugeridas pelo que aqui propomos como atividade estrutural, acreditamos que tal instrumental deve servir de complemento ao exercício da interpretação sócio-histórica da revista e de sua geografia cultural tanto no aspecto concreto como no imaginário. Em realidade, nosso interesse investigativo objetiva o uso desse viés estruturalista como dispositivo crítico-analítico que permita uma melhor compreensão da publicação e de suas ações culturais e políticas, sempre tendo em vista a busca de interferência no tempo presente que toda revista cultural, direta ou indiretamente, ambiciona.

Em relação a este último tema, interessante como revista e ensaio coincidem no intuito de remetimento ao presente da enunciação, como bem observa Sarlo (1992) em relação ao acento público de uma revista, como também conclui Weinberg (2006, p. 20)

sobre a situação do ensaio e a “presencia del presente”, assim configurando ambos a abertura para uma significativa convergência de papéis e de sentidos. Weinberg procura definir o ensaio como um “texto en prosa que manifiesta un punto de vista bien fundamentado, bien escrito y responsable del autor respecto de algún asunto del mundo” (ibidem), pondo assim em relevo a relação entre experiência, interpretação e sentido, seu juízo pessoal sobre a realidade. Além disso, ela procura também observar no gênero o seu caráter exploratório e não exaustivo; seu desejo de estilo; suas tensões entre o fragmentário e a totalidade, entre subjetividade e objetividade; seu trânsito entre os campos literário e científico; em suma, sua importância como “acto de entender” que termina por realizar uma verdadeira “poética del pensar”<sup>178</sup> (ibidem, p. 23). Diante desse contorno revelador, o ensaísta, portanto, surge como um “especialista de la interpretación” cuja ocupação com as circunstâncias e com a situação do presente se mostra não apenas necessária como urgente.

Essa necessidade de interpretação da realidade nos leva a não perder de vista algo que, no caso cubano, levou o ensaio a atravessar o século XX ocupado com aquilo que Hernández e Rojas (2002, p. 8) chamam de “concepción humanística del saber” – tão presente em Fernando Ortiz ou Lydia Cabrera, em Jorge Mañach ou Cintio Vitier – e que esteve em muito voltada para a reflexão em torno da nacionalidade e da identidade cubanas, como frisa Gastón Baquero (1998). Na verdade, ampliando para o âmbito continental, Perrone-Moisés (2007, p. 44) chega à conclusão de que a identidade latino-americana é “um *tópos* obsessivo de nossa ensaística”, destacando ainda o que há de paradoxal nessa busca por uma essência nacional que reforça o localismo com o objetivo de provar seu valor universal<sup>179</sup>. Ou seja, o ensaísmo cubano, assim como o latino-americano em geral, demonstrou ao longo dos anos uma inevitável necessidade de estar retomando motivos para a reafirmação da identidade nacional, como se o objetivo mais urgente dos diversos “momentos presentes”, tão caros ao ensaio, fosse o

<sup>178</sup> Segundo a própria Weinberg (ibid., p. 55), esta ideia ela toma de Jacques Rancière em seu *Los nombres de la historia: una poética del saber* (1992), quem, por sua vez, na leitura do livro *El Mediterráneo y el mundo mediterráneo en la época de Felipe II*, de Fernand Braudel (1949), procura observá-lo no sentido de uma poética da história.

<sup>179</sup> Interessante também a percepção de Perrone-Moisés sobre a ideia de nação como um conjunto de imagens constituídas por metáforas, algo que, no caso dos discursos identitários latino-americanos possibilitou observar as dificuldades em torno de sua autoimagem, como podemos ver através de metáforas tão empregadas como: Novo Mundo/Velho Mundo; civilização/barbárie; Caliban/Ariel; aldeia/mundo; centro/periferia (PERRONE-MOISÉS, 2007, p. 33-34).

de sempre procurar superar as dificuldades de formação e de manutenção de vínculos de pertencimento a uma comunidade independente ou autônoma. Isso, de alguma forma, evidencia uma histórica instabilidade cultural e política que, em muitos países de nosso continente, exige de seus pensadores e criadores uma prática intelectual de reflexão e de interferência sobre a realidade que o ensaio parece suprir muito bem.

### 2.3.1.2 - A identidade nacional e a “diferença” em questão

Com vistas a tais considerações, antes da leitura do *corpus* acreditamos ser interessante fazer algumas breves reflexões conceituais sobre o nacionalismo enquanto uma expressão de identidade. Em realidade, a própria noção de identidade em si nos parece importante de ser aprioristicamente aqui pensada. Desde um ponto de vista tradicional, de acordo com Maria Ligia Coelho Prado (2009, p. 66) “As identidades são construídas pelo discurso e constituem o real, integram o jogo conflituoso dos imaginários e das representações e, ao mesmo tempo, tocam os corações e despertam a sensação de pertencimento do indivíduo a uma coletividade”, agregando ainda a delicada constatação de que “Para se construir identidades é imprescindível apagar as diferenças, ocultar os conflitos e as hierarquias, escamotear as diversidades e, sobretudo, as contradições” (ibidem). Algo crucial nessa perspectiva de Coelho Prado nos parece a controversa questão da diferença, que, se trazida para ser pensada na problemática do nacionalismo cubano, ressalta como um dos principais pontos de exclusão a um pertencimento homogeneizador. Importante também para que reflitamos complementarmente sobre tal questão, sabemos ainda com Coelho Prado que “as identidades não estão imunes a mudanças, readaptações e ressignificações, passando por um processo incessante de construção/reconstrução” (ibidem, p. 68).

Já ao pensarmos a respeito da identidade nacional, partimos da conhecida definição de nação proposta por Benedict Anderson (1993, p. 23), a que a considera como “una comunidad política imaginada como inherentemente limitada y soberana”, definição que se sustenta sobre uma imagem de comunhão de liberdade, por uma fraternidade horizontal, no interior de fronteiras definidas. Sugerida basicamente para se discutir as origens e as difusões do nacionalismo, é provável que a rigidez da definição de Anderson nos exija que a repensemos enquanto base em questionamento para se definir uma noção de identidade nacional na transição do século XX ao XXI, sobretudo

se considerarmos as anteriores colocações de Coelho Prado sobre a identidade nacional e seu incessante processo de mudanças<sup>180</sup>. Isso nos leva ao interesse por concepções de identidade nacional que estejam mais em consonância com os deslocamentos proporcionados pela globalização, como a que nos traz Stuart Hall (2006a) com suas reformulações frente aos preceitos culturais pós-modernistas.

Hall sugere (a partir do que defende Ernest Gellner em *Nations and nationalism* (1983)) que pertencer a uma nação não é um inerente atributo da humanidade (HALL, 2006a, p. 48), não é uma “coisa” com a qual nascemos, e que a identidade nacional é “formada e transformada no interior da *representação*”, ou seja, a nação é algo que produz sentidos, é uma “comunidade simbólica”, um “*sistema de representação cultural*” (ibidem, p. 49, grifos do autor). Assim, ao considerar uma cultura nacional como um discurso, ele propõe ainda uma discussão a respeito das diferentes narrativas sobre ela proporcionadas pelos diferentes membros da “comunidade imaginada”, como as mais tradicionais e popularmente arraigadas no imaginário por sua representatividade histórica; ou aquelas que priorizam a ênfase na intemporalidade essencial do caráter nacional desde suas origens; as que pressupõem uma “invenção da tradição” através da repetição de valores, normas e comportamentos, algo que pode dar a entender se tratar de antigo, mas não é; também as narrativas da existência de um “mito fundacional”; e aquelas que idealizam um povo “puro” e original. De qualquer forma, segundo Hall (em concordância com Ernest Renan<sup>181</sup>), resumidamente, devemos nos ater a três conceitos básicos para se imaginar uma nação: “as *memórias* do passado; o *desejo* por viver em conjunto; a perpetuação da *herança*” (ibid., p. 58, grifos do autor). Soma-se a essa conclusão – e isso nos parece muito importante para o contexto em que se inseriu a revista *Encuentro* – o questionamento sobre a identidade nacional como algo unificador que anula as diferenças culturais, destacando a significância de uma ideia da cultura nacional como um “*dispositivo discursivo* que representa a diferença como unidade ou

---

<sup>180</sup> Mesmo tendo em conta a afirmação de Anderson, datada do início dos anos 80 em que foi publicada a primeira edição em inglês do livro *Comunidades imaginadas - Reflexiones sobre el origen y la difusión del nacionalismo* (1983), que diz: “La realidad es evidente: el ‘fin de la era del nacionalismo’, anunciado durante tanto tiempo, no se encuentra ni remotamente a la vista. En efecto, la nacionalidad es el valor más universalmente legítimo en la vida política de nuestro tiempo” (ANDERSON, 1993, p. 19).

<sup>181</sup> Hall se refere ao texto de Renan, “What is a nation?” (in Bhabha, H. (org.) *Narrating the nation*. Londres: Routledge, 1990).

identidade” uma vez que “*As nações modernas são, todas, híbridos culturais*” (ibid., p. 62, grifos do autor).

No que tange ao caso cubano, mais especificamente à questão do manejo político-social da diferença e suas consequências culturais, há que se ressaltar que o próprio motivo de existência de uma revista como *Encuentro de la Cultura Cubana* a partir de 1996 deriva de uma exaustiva condução política, ao longo de décadas por parte do Estado, baseada na intolerância à diferença por motivos principalmente ideológicos. Para a revista não há dúvidas de que a associação identitária entre o Estado e a ideia de nação, entre o governo e o povo, entre a sociedade civil e as instituições, como bem disse Rafael Rojas, levou a uma “*dissección del legado nacional*” de Cuba (ROJAS, 1996, p. 43). Para ele, o nacionalismo revolucionário, maniqueísta e violento, “*además de un elemento de deslinde y jerarquía dentro de la cultura nacional, es un instrumento de expurgación política de la historia*” (ROJAS, 2006, p. 40-41). Ao estabelecer um “*sistema de representación cultural*” (HALL, 2006a, grifo do autor) através de uma narrativa teleológica que levou a uma concepção essencialista de identidade nacional ao excluir a diferença, o Estado cubano ambicionou uma verdadeira clausura preservacionista de sua cultura ao “*dar as costas*” às transformações provocadas pelos processos de globalização, assim pretendendo afastá-la de uma representação da “*diferença como unidade ou identidade*” como a sugerida por Hall (2006a). Porém, frente ao desenvolvimento de crescentes exigências e pressões globalizadoras, sobretudo as proporcionadas inicialmente por aspectos econômicos, a partir do princípio dos anos 90 é possível localizar a emergência de uma nova postura oficial do Estado cubano ao sinalizar algumas “*frestas*” nessa clausura cultural, por exemplo, como as que aqui vimos em relação ao uso de critérios seletivos para o uso da noção de cultura diaspórica. É justamente nesse contexto de maior pressão contrária ao preservacionismo retrógrado de Cuba que a revista encontra uma debilidade do oficialismo e explora com intensidade esse campo de atuação.

### **2.3.1.3 - A *cubanía* em processo**

Logo no número 2 da revista, ainda em 1996, *Encuentro* publica um longo ensaio de Enrique Patterson que havia sido apresentado junto ao Instituto de Estudios Cubanos (IEC), com sede em Miami, intitulado “*Cuba: discursos sobre la identidad*”,

onde o ensaísta justifica o debate sobre a identidade nacional de forma bastante contundente: “la identidad es una enfermedad de pueblos jóvenes, los pueblos de antigua tradición no se preguntan lo obvio” (PATTERSON, 1996, p. 49). Segundo ele, as identidades dos povos, “fáciles de percibir, son difíciles de definir” (idem), e a principal causa que se leva até a pergunta sobre a identidade nacional seria a seguinte:

Se inquiere o reflexiona sobre la misma, a mi juicio, en los casos en que la sociedad –abiendo recorrido un trecho breve– considera a éste una dimensión suficiente que hace posible –en la reflexión o en la pregunta– fijar ciertas constantes, ciertos rasgos estables, en momentos en que está sometida a violentos o acelerados cambios. (Idem).

Ou seja, Patterson procura associar a questão ao momento presente de intensificação de mudanças a que se encontram submetidos os povos, sendo mais importante “*quién hace la pregunta y por qué*” (id., grifos do autor).

E não são poucas as vezes em que se pergunta sobre o tema nas páginas da revista, sendo muito perceptível seu estímulo a essa discussão. De uma forma geral, para suas considerações a maioria dos ensaios procura partir, direta ou indiretamente, da definição de Benedict Anderson (1993) sobre a nação como uma “comunidade imaginada”, mas quase sempre buscando agregar uma visão complementar. Apenas para citar brevemente alguns exemplos, Velia Cecilia Bobes no aqui já comentado ensaio “Las amistades peligrosas” (Nº 18) centra suas atenções no aspecto da “otredad” e da “diferencia” para seu entendimento de identidade nacional, sem esconder certo desconforto com a questão da limitação por fronteiras para se definir uma nação:

Si algún proceso de construcción simbólica necesita de la existencia del otro, ese es la identidad. La otredad y la diferencia son esenciales para definir un sí mismo que sólo en estos términos —en tanto diferente del otro— puede percibir su mismidad. La nación, como comunidad imaginada, se figura siempre soberana (por lo tanto “sueña” con un Estado que garantice esa soberanía) y limitada por fronteras finitas (aunque flexibles) más allá de las cuales existen otras naciones. Juntas, identidad colectiva y nación, forman un dispositivo simbólico de gran valor emocional, en las cuales las fronteras se subjetivizan y se tornan encuentro con el otro. (BOBES, 2000, p. 65).



Já o crítico Emilio Bejel, em “Cuerpos peligrosos en una nación de héroes”<sup>182</sup> (Nº 41/42) agrega uma abordagem importante à ideia de nação de Anderson ao imaginar a comunidade como um corpo, trazendo a discussão para a diferença de uma “identidad homosexual” (BEJEL, 2006, p. 76) e sua necessária inclusão no discurso sobre o nacional. Para Bejel, nos últimos tempos em Cuba “el cuerpo de la nación” se projeta como um termo positivo em constante confrontação com “el no cuerpo o la no sociedad” do caos e da decadência, cabendo ao “cuerpo heroico nacional” redimir a sociedade dessa situação como “un constante acto de diferir la diferencia” (idem). Por sua vez, Alan West, com seu ensaio “Los paradigmas perdidos: la manigua del significado” (Nº 4/5), destaca as distintas perspectivas de políticos e artistas na imaginação de Cuba e de sua história: “Los políticos cubanos la han imaginado como una fábrica de inicua explotación o bien como una utopía, ambas abstractas por igual, vagas. Los artistas cubanos han evocado un mundo histórico mágico y antiguo: ideas, sueños, imaginaciones, representaciones y recuerdos” (WEST, 1997, p. 155). Através das maneiras de aproximação como as anteriores, ensaios como esses se mostram abertos a explorar aquilo que de “imaginativo” estaria relacionado a uma concepção de nação e de identidade nacional.

Sem se referir à noção de Anderson e desde uma visão mais pragmática, Vicente Echerri em seu ensaio “De la plantación a la nación: un viaje de ida y vuelta” (Nº 12/13) procura se ocupar de uma definição incisivamente crítica ao que ele identifica como “envilecimiento” (ECHERRI, 1999, p. 68) do ambiente cubano, marcado pela incapacidade e tirania do governo e por suas consequências na sociedade cubana:

Definamos que una nación no es el equivalente a la sociedad políticamente organizada, es decir, no es el Estado, al cual en muchos casos antecede (...) ni es tampoco esa formulación geopolítica-espiritual que llamamos patria. Nación es en sí un segmento de la sociedad humana que ha alcanzado una identidad que la separa del resto del mundo, porque sus integrantes comparten la posesión de un suelo propio, o la aspiración a poseerlo, así como una común civilización, costumbres, lengua, etc. (ECHERRI, 1999, p. 69).

---

<sup>182</sup> Ensaio publicado dentro do dossiê “Literatura homoerótica”, organizado por Carlos Espinosa Domínguez e trazida pelo número 41/42 em 2006.

Acrescentando a essa ideia aquilo que há de responsabilidade comum através do que ele chama de “un acto de *complicidad histórica*” frente a “siniestros orígenes —conquista, esclavitud, etc.— de los que participan de la herencia de un suelo y de unas tradiciones empeñados en un proceso vivo que endereza hacia un superior estadio moral” (idem, grifos do autor). Partindo da compreensão influenciada por Levi Marrero de que a nação e a identidade cubana deveriam ser vistas mais como um projeto, uma *cubanía* em processo, tal visão de maior amplitude histórica serve para o ensaísta tratar do tema a partir de uma abordagem sobre a gênese e o desenvolvimento desse projeto e seu virtual fracasso: “El origen de una identidad nacional hay que ir a buscarlo al pasado como si fuese una partida de nacimiento. Cuando esa identidad se ve amenazada, como lo está la nuestra en el presente, esa búsqueda adquiere rango de deber” (idem).

Essa afirmação de *cubanía* em processo diante do presente ameaçado, sem dúvida, é uma das bases em que se assenta o “deber” da revista *Encuentro* para trazer uma releitura da nação e da identidade cubana. A necessidade desse exercício, além de se mostrar em consonância com o entendimento contemporâneo de constante construção/reconstrução de definições para a identidade coletiva (PRADO (2009); HALL (2006a)), comprova uma consciência significativa dos ensaístas trazidos pela revista, ao justamente sustentarem seus argumentos sob tal entendimento em contraposição a uma concepção monolítica e reacionária de identidade nacional como algo já plenamente estabelecido, convicção que há muito predominava no oficialismo cultural cubano. Pío E. Serrano é um dos que toma tal compreensão como premissa ao definir sua ideia de nação, como podemos ver no ensaio “Cinco reflexiones sobre la realidad cubana poscastrista”<sup>183</sup> (Nº 6/7):

Uno de los peligros del totalitarismo se encuentra en su concepción de la nación como ente definitivo, ciclo cerrado, inamovible culminación de la “astucia de la razón” hegeliana. Todo lo contrario, la nación deberá ser concebida como un territorio espiritual y material en continuo proceso de definición. Y ello sólo será posible gracias a los múltiples vectores que libremente confluyan en su suceder. Y estos vectores —cuerpo plural de la

---

<sup>183</sup> Que serviu para sua apresentação no seminário internacional “Cuba a la luz de otras transiciones”, organizado pelo Instituto de Estudios Cubanos e pela revista *Encuentro* na Universidad Complutense de Madrid, em 1997. Os textos apresentados nas conferências desse evento foram publicados na entrega de número especial 6/7 da revista, ocupando-a praticamente por completo.

sociedad civil—, disímiles en sus razas, en sus procedencias, en sus hablas, en sus placeres, en los límites de sus cuerpos, deberán ser los responsables principales en la formación de una nueva sociedad poliédrica. (SERRANO, 1997, p. 220-221).

Diante de exemplos argumentativos como os anteriores, podemos afirmar que noções como as de diferença e de identidade cultural em processo são parâmetros fundamentais para a sustentação discursiva de *Encuentro*. Através das reflexões de alguns importantes colaboradores mais próximos a discussões que transitam entre a história e a sociologia da cultura, a revista oferece a seus leitores referências conceituais atualizadas que vinham sendo proporcionadas por distintas correntes de pensamento.

#### 2.3.1.4 - Dosagem multiculturalista

Dentro dessa lógica de constante construção/reconstrução nacional, no ensaio já acima mencionado “Las amistades peligrosas” (Nº 18) Velia Cecilia Bobes se apoia em Cornelius Castoriadis (basicamente no livro *La institución imaginaria de la sociedad* (1989)) para auxiliar seu ponto de vista, chamando a atenção para o papel discursivo desempenhado por espaços públicos (aos quais poderíamos incluir a própria revista *Encuentro*) nos embates sobre distintas concepções de identidade nacional:

Como ha demostrado Castoriadis los símbolos son efectivos porque son imprecisos, por tanto contribuyen a dar realidad a las fronteras de la comunidad con la suficiente fluidez como para que los mismos significantes sean dotados de diversos significados y viceversa. La nación como comunidad imaginada se construye en un largo proceso cuyos avatares deciden en cierto sentido las formas que asumirá. Por ende, dice bien el autor cuando afirma que la identidad nacional no es un substrato ontológico fijo en el tiempo sino un constructo flexible y cambiante, pero —yo agregaría— siempre es también un terreno de competencia, y es en el espacio público y en sus discursos político intelectuales donde los diversos grupos ponen a disputar diferentes concepciones de nación. (BOBES, 2000, p. 68).

Pensar a revista *Encuentro* como um espaço público aberto ao que Bobes traz como “competencia” ou “disputa” entre “diferentes concepciones de nación” nos conduz a procurar quais seriam, portanto, essas possíveis diferentes concepções em conflito em suas páginas. Porém, tal discrepância não se mostra tão visível ou de fácil identificação, predominando um alinhamento discursivo que demonstra tanto aquela

consonância a que nos referimos acima, quanto a preocupação de seus diretores com uma coesão, no mínimo, providencial.

Por exemplo, poderíamos aqui trazer os comentários de Rafael Rojas em seu ensaio “Diáspora y literatura - Indicios de una ciudadanía postnacional” (Nº 12/13) sobre a polêmica ocorrida no mundo intelectual norte-americano e italiano a partir das declarações de Richard Rorty, quem, desde a esquerda acadêmica, criticou o multiculturalismo pós-moderno. Segundo Rorty, suas críticas não se davam por ter o multiculturalismo institucionalizado a “Escola do Ressentimento” referida por Harold Bloom, mas porque em “nombre de una política de la diferencia repudiara la idea de la identidad nacional y la emoción del orgullo nacional”<sup>184</sup>. A partir desse caso, somos levados a considerar que a presença dosificada do multiculturalismo em *Encuentro* não se dá da forma como essa criticada por Rorty, muito pelo contrário.

O próprio entusiasmo de Rojas com a linha multiculturalista mostra limitações, sendo algumas vezes mais visíveis como, por exemplo, em seu livro *Un banquete canónico* (2000), mas, ao menos em seus ensaios publicados por *Encuentro*, entendemos que Rojas procura fazer uso de uma perspectiva mais próxima da “crítica de matices, de vasos comunicantes”, como a defendida por Jorge Luis Arcos (ARCOS, 2005, p. 221) para o caso cubano. Ainda que seja possível percebermos a influência de tal linha no pensamento de Rojas em considerações como esta feita no mesmo ensaio “Diáspora y literatura - Indicios de una ciudadanía postnacional”:

El nacionalismo cubano es una mentalidad, un discurso y una práctica cultural de ciertas élites criollas, sobre todo blancas y mestizas, de los dos últimos siglos; pero la nación cubana es la hechura social de pequeñas y grandes inmigraciones, como la africana, la española, la china, la judía, la norteamericana o la rusa. (ROJAS, 1999, p. 137).

A nosso ver, seu raciocínio em torno da identidade nacional não se inclui naquilo que Arcos denomina como “el espejismo de las contraposiciones infantiles” (idem), aqui emblemada sob os signos de cosmopolitismo e de nacionalismo, aproximando-se, inclusive, daquela saída “aristotélica” que o próprio Rojas identifica nos posicionamento de alguns intelectuais norte-americanos: “ni cosmopolitismo

---

<sup>184</sup> Richard Rorty et al, *Cosmopolitas, o patriotas* (1997). (Apud ROJAS, 1999, p. 136).

antipatriótico ni nacionalismo antiuniversal” (ibidem, p. 136). E essa constatação nos parece de suma importância se levarmos em conta o aqui já referido influxo desse ensaísta na linha editorial da revista.

Por hora, o que se mostra interessante inferir a partir desse exemplo é que o “cosmopolitismo” sobressalente do discurso de *Encuentro*, curiosamente, poderia ser entendido como algo que procura o diálogo com um “nacionalismo não oficial”, um “nacionalismo indireto”, digamos assim, ao incluir vozes cubanas e não cubanas defendendo a *cubanía* desde os mais longínquos cantos do mundo, inclusive de dentro da Ilha; e, para tornar ainda mais complexa a leitura dos propósitos da revista nesse sentido, de certa forma poderíamos dizer que esse “nacionalismo indireto” não deixa de mostrar suas ambições com a universalização de seus problemas. Diante disso, *Encuentro* não poderia ser eximida dos paradoxos do nacionalismo levantados por Perrone-Moisés (2007) ao verificar que a busca por reforçar o localismo termina por objetivar a comprovação de seu valor universal. E, guardadas as devidas proporções, tampouco de ser atingida indiretamente por aquela crítica de Iván de la Nuez, que vimos no ensaio “El destierro de Calibán - Diáspora de la cultura cubana de los 90 en Europa” (Nº 4/5), à universalização da cultura cubana com o regresso ao discurso nacionalista promovido pela própria Revolução, algo que ele identifica como uma “vanidad” que seria o “núcleo perverso del nacionalismo” (NUEZ, 1997, p. 143).

Se voltarmos à questão trazida por Rorty (via Rojas), a crítica do norte-americano ao multiculturalismo se deu sobre a “política de la diferencia” em contraposição à “emoción del orgullo nacional”, mas, como aqui já demos algumas mostras, em *Encuentro* a diferença aparece inversamente como fator para o fortalecimento identitário, numa espécie de fusão dessa “política” multiculturalista com o “nacionalismo indireto” proporcionado por muitos dos ensaios publicados sobre esse tema. A diferença como fator identitário aparece como um dos mais constantes argumentos presentes, como vimos nas atenções ao aspecto da “otredad” de Cecilia Bobes, ou na crítica de Emilio Bejel ao corpo heróico nacional ao constantemente “diferir la diferencia”. Também Alan West, em seu ensaio aludido, localiza essa questão como um dos principais divisores de forças entre a sociedade revolucionária e a do exílio:

La imaginación social y cultural de Cuba se ha visto formada en los últimos treinta y seis años por fuerzas tanto centrípetas como centrífugas. Las fuerzas centrípetas son bien conocidas: el establecimiento de una sociedad revolucionaria donde nación, pueblo y estado deberían constituir una sola entidad; un antiimperialismo que exige una unidad y una obediencia completas; una solidaridad de clases que considera la diversidad y el disenso como una traición. Dicho de una forma breve, un camino hacia la libertad pavimentado de paranoia. Las fuerzas centrífugas tampoco nos son desconocidas: el exilio, la diferencia (sexual, de clase), el pluralismo y la desconfianza. (WEST, 1997, p. 156).

E no julgamento de Pío E. Serrano é necessário caminhar na direção de “una nueva cultura de la diferencia” (SERRANO, 1997, p. 221), historicamente opacada pelo “factor blanco-criollo-hispánico” (ibid., p. 218) que favorece um discurso nacional homogêneo e unívoco:

Estamos ante una sociedad que ha vivido en una homogeneidad impuesta, donde la diferencia mata. La sociedad civil, por definición es plural y heterogénea. Todo lo contrario a los discursos desde el poder, siempre excluyentes y perfectamente tipificados: desde el falocentrismo de una sociedad machista, pasando por la importación de una doctrina extraña, el marxismo, hasta la desesperada implantación de un nacionalismo martiano apócrifo. (Ibid., p. 220).

Essa invocação do pluralismo, de uma “cultura de la diferencia” como disse Serrano, apesar de constantemente perpassando a linha editorial da revista, no nosso entendimento é ministrada ao longo dos anos sem incorrer num hasteamento de bandeiras de grupos marginalizados. A revista inquestionavelmente ocupa seu espaço com vozes excluídas, mas não ao ponto de se tornar um espaço representativo das chamadas “minorias” (étnicas, comportamentais, etc.), termo que, de fato, se mostra bastante impreciso no caso cubano. Se houve bandeiras levantadas, estas foram para causas mais amplas, essenciais, inclusive, a todos e quaisquer grupos marginalizados cubanos, e um bom exemplo nesse sentido é o clamor pelo respeito aos direitos humanos e à liberdade de expressão, visivelmente abraçado pelo diretor Manuel Díaz Martínez<sup>185</sup> e cujo ápice se dá após os fatídicos acontecimentos de março e abril de

---

<sup>185</sup> Como é possível confirmar em entrevista a nós concedida pelo próprio Martínez (ver MARTÍNEZ, M. D., 2021).

2003<sup>186</sup>. O pluralismo se mostra em seu significado abarcador de abertura de espaço para a diversidade cultural, incluindo, de forma pontual, temas, manifestações, artistas e autores marginalizados dentro ou fora de Cuba, distribuídos por seus números através de especiais, dossiês ou simplesmente por meio de artigos e ensaios. O próprio dossiê “Literatura homoerótica” (Nº 41/42) nos serve como referência para ilustrar a ocupação desse espaço, onde podemos, inclusive, verificar uma confluência entre as ideias de “diferença” e “direitos” através do texto de introdução ao dossiê, “Homosexualismo y literatura”, do organizador Carlos Espinosa Domínguez: “En conjunto, este puñado de textos<sup>187</sup> indican que, tras una larga historia de silencio y afrenta, los cubanos han empezado a comprender que el ser diferente es uno de los tantos derechos de los que hemos sido despojados” (DOMÍNGUEZ, C., 2006a, p. 75).

Se voltarmos ao ensaio de Emilio Bejel, nele encontramos uma consciência em torno do quanto a “diferença” homossexual, verdadeiro tabu comportamental para os moldes revolucionários, poderia simbolizar a ameaça ao “cuerpo heroico nacional” (BEJEL, 2006, p. 76), cumprindo um papel negativo em um discurso nacional que almeja coerência numa sociedade indubitavelmente heterogênea. Bejel identifica que estar “afuera” ou “adentro” do discurso nacional não é uma condição “totalizante o absoluta”, mas sim constantemente “porosa, conflictiva y problemática”, precisando nessa “grieta constitutiva” a possibilidade de ressignificação (ibidem, p. 77). Sua conclusão nos parece expressiva para o tipo de discurso contestador e inclusivo fomentado pela revista:

Es así como podemos decir que en la encrucijada entre el discurso moderno del nacionalismo y la fragmentación de la condición posmoderna, surge una imagen paradójica del cuerpo de la nación y del ciudadano ideal. Acaso

---

<sup>186</sup> Aqui nos referimos à prisão de 79 opositores políticos na Ilha, entre eles o jornalista e poeta Raúl Rivero, colaborador direto de *Encuentro* desde sua fundação, e ao fusilamento de três jovens que sequestraram uma embarcação para fugirem aos Estados Unidos. Involucrada nos processos judiciais que condenaram sumariamente o grupo de jornalistas independentes, já mencionamos aqui a publicação pela revista, em seu número 28/29, do especial “Represión en Cuba”.

<sup>187</sup> Fazem parte desse dossiê os seguintes textos: “Cuerpos peligrosos en una nación de héroes”, de Emilio Bejel (desde a Califórnia); “Historiar en el vacío - Arte, gays y espacio social en Cuba”, de Norge Espinosa Mendoza (desde Havana); “Apuestas para el siglo XXI: literatura homosexual en Cuba, de Luis Cremades (desde Madri); “El precio de la diferencia”, de autoria coletiva da Equipe de Investigadores *Alma Mater* (desde Havana); “Ito: el ‘raro’ en la literatura infantil cubana”, de Antonio Orlando Rodríguez (desde Miami). Além disso, o dossiê incluiu uma “Bibliografía” de autoria do organizador e veio acompanhado da publicação de um conjunto de Poesía homoerótica, com poemas de vários autores.

desde esta inestabilidad discursiva se pueda repensar de manera fundamental una narrativa de la nación que permita imaginar las posibilidades mutuas entre lo nacional y otras formas contestatarias de identificación cultural. (Ibidem, p. 81).

### 2.3.1.5 - Sobre os negros, o poder e a resistência

Aprofundando o aspecto constitutivo da identidade cultural cubana e retomando o carácter interferente da revista sobre problemáticas do momento presente, vimos aqui com Patterson (1996) e Echerri (1999) que frente a uma identidade nacional ameaçada ou submetida a violentas transformações, há que se retomar suas origens como busca pelo entendimento das condições atuais. No que se refere à *cubanía*, sabemos que a presença dos negros e sua importância definidora remete à base identitária cubana e são vários os estudiosos sobre o tema que têm ensaios publicados nas páginas de *Encuentro*. Como veremos a seguir, o sentido maior dessa atenção se relaciona com uma compreensão mais justa diante da enorme contradição estruturante, que se por um lado não pode evitar o reconhecimento da relevância da contribuição dos negros à cultura cubana, por outro os mantém sob condições sociais desiguais quando comparadas às dos brancos. Paradoxalmente, o parâmetro da diferença aqui adquire um sentido pejorativo, de teor político, relacionando-se à desigualdade de direitos e oportunidades; e a ameaça à própria identidade nacional no momento presente reside na falta de mudanças, na estagnação de uma situação muitas vezes amparadas pelo racismo e pela imposição do silêncio.

Um primeiro exemplo da crucial presença dos negros na cultura cubana, podemos encontrar no mesmo ensaio de Enrique Patterson que aqui tratamos, dele destacando interessante questão relativa a uma característica enriquecedora da cultura e que ainda se relaciona com aquela consciência da identidade enquanto constructo em permanente processo de definição. Segundo ele, adentrado o período republicano em Cuba, já era possível verificar que os negros se mostravam como

Productos ellos mismos de una síntesis, siguen sintetizándose con todo lo que llega. Habiendo dejado atrás el estadio de la criollez; su desarrollo está en enriquecer su cubanía, no en hacerla. No ha habido un grupo social que haya desarrollado una batalla más larga y exitosa preservando el carácter de una nación. Pero su mayor hazaña y aporte ha sido la permanencia contra viento y marea, y la propuesta de vivir la cubanía como la concreción y el desarrollo



de un permanente enriquecimiento cultural. Siempre apostando por la apertura y la asimilación sin perder el carácter, por la creación. (PATTERSON, 1996, p. 56).

Através de uma abordagem diacrônica, o ensaísta estrutura sua leitura da identidade cubana tendo como eixo a presença e a interferência dos negros nesse processo de construção, desde seus inícios ligados à sacarocracia e aos criollos; às visões de Arango y Parreño, de Saco, de Martí; passando pela República; pelas interpretações de Ortiz; pela Revolução e chegando ao exílio, sempre procurando realizar contrapontos entre a predominância dos discursos da elite de cada momento com as condições ditadas pela realidade<sup>188</sup>.

Ainda que não ocupado com um panorama totalizador<sup>189</sup>, o ensaio de Antonio Benítez Rojo, “La cuestión del negro en tres momentos del nacionalismo literario cubano” (Nº 3), também aqui nos serve de parâmetro por trazer importantes reflexões sobre a histórica construção da cultura cubana pelos negros. Talvez o mais interessante do ponto de vista de Benítez Rojo seja sua identificação inicial de que “En su momento de organización, que sitúo entre 1792 y 1812, el discurso nacional nace escindido claramente en dos ramales, poder y resistencia, en torno a la cuestión del azúcar y de la esclavitud, es decir, en torno a la plantación” (ROJO, 1996/1997, p. 78), argumento que lhe servirá de guia para verificar na literatura cubana referências de resistência dos negros ao projeto nacional do poder açucareiro<sup>190</sup>. Após tecer alguns comentários sobre

---

<sup>188</sup> De maneira até certo ponto aproximada em termos de estrutura temporal evolutiva – ainda que não centrado no protagonismo negro e sim no da elite enquanto “clase orientadora” (ECHERRI, 1999, p. 74) –, por sua vez Echerrri propôs um “cuidadoso replanteo” frente à “reconstrucción nacional”, (ibidem, p. 70), indo desde as origens ligadas ao sistema de “plantación” sustentada pela mão de obra escrava e os aspectos orientadores fundacionais do nacionalismo aristocrata; percorrendo as contradições sociais do projeto nacional baseado no fator racial com a escravidão e o comércio de negros; passando pela influência norte-americana desde muito antes do processo de independentismo da Espanha; prosseguindo pelo período republicano e a constatação de que “Los vicios que aquejan a la nación son permanentes, no transitorios” (ibidem, p. 79); para finalmente chegar ao “secuestro” proporcionado pela reescrita histórica do projeto nacional revolucionário, a consequência do exílio, e o retorno ao sistema de “plantación” devolvido por tal projeto.

<sup>189</sup> Apesar de que o próprio Benítez Rojo tenha iniciado o texto afirmando que não se tratava de um artigo e sim de uma proposta de pesquisa, tomamos aqui a liberdade de discordar verificando no texto elementos suficientes para considerá-lo um ensaio, tomando em conta aquela orientação preliminar de Weinberg ao definir o ensaio como um “texto en prosa que manifiesta un punto de vista bien fundamentado, bien escrito y responsable del autor respecto de algún asunto del mundo” (WEINBERG, 2006, p. 20).

<sup>190</sup> Uma avaliação sintética de Benítez Rojo sobre o tema poderíamos visualizar neste seguinte raciocínio: “Ampliando algo la cuestión literaria, habría que recordar que las letras nacionales, iniciadas por Heredia,

um segundo momento do nacionalismo literário entre 1880 e 1898, ocupando-se especificamente do romance *Cecilia Valdés*, de Cirilo Villaverde, que nos levam a recordar que “la emergente Nación Cubana seguiría dividida entre blancos y negros del mismo modo injusto de antes” (ibid., p. 81), ele passa a se ocupar do período revolucionário a partir de 1959 para concluir com importantes verificações. Um delas é que, apesar de reconhecer que “millones de negros y mulatos, más que nada por ocupar el escalón más bajo de la estructura social, mejoraron a corto y a mediano plazo sus condiciones laborales, sociales, educacionales”, isso teve como preço o de “no agruparse públicamente como negros, de no exhibir públicamente sus creencias y de no aspirar seriamente al poder político” (ibid., p. 83). Dentro dessa constatação, ele lembra ainda que no que se refere à literatura, um autor branco como Manuel Cofiño López em suas novelas associou a santería à contrarrevolução, e que o romance *Adire y el tiempo roto* (1967), do escritor negro Manuel Granados, havia sido censurado após sua publicação. Outra verificação é que mesmo que tenha havido um parcial reconhecimento de crenças afrocubanas a partir dos anos 90 (o ensaio é de 1996), “la situación actual del negro en Cuba dista considerablemente de ser la misma que la del blanco, a pesar de que la mayoría de la población es negra y mulata” (ibid., p. 84), e que “en Cuba la esfera de poder por lo general no se refiere directamente a los negros; allí todos son cubanos supuestamente iguales” (ibid., p. 85), assim comprovando, agregamos, a perdurabilidade da concepção martiana expressada no artigo “Mi raza” (1893)<sup>191</sup>. Por último, Benítez Rojo tampouco poupa suas críticas ao exílio:

También quiero llamar la atención de algo que realmente me inquieta: no conozco de algún grupo o asociación en el exilio, de amigos del diálogo o

---

se desarrollan mayormente en el círculo de Delmonte, siendo la excepción más notable la novela *Sab* de Gertrudis Gómez de Avellaneda. En la mayoría de ellas –hablo sobre todo de las obras de Juan Francisco Manzano, Cirilo Villaverde, Félix Tanco, Ramón de Palma, Anselmo Suárez, José Morillas, José María de Cárdenas y la Avellaneda– se critica el statu quo de la sociedad de plantación, bien censurando las costumbres de la clase plantadora (Palma, Cárdenas), o mirando con simpatía al negro esclavo o libre (Villaverde), o criticando abiertamente la esclavitud (Manzano, Tanco, Suárez, Morillas, Avellaneda)”. (Ibidem, p. 80).

<sup>191</sup> Onde se lê: “En Cuba no hay temor alguno a la guerra de razas. Hombre es más que blanco, más que mulato, más que negro. Cubano es más que blanco, más que mulato, más que negro. (...) En la vida diaria de defensa, de lealtad, de hermandad, de astucia, al lado de cada blanco, hubo siempre un negro. (...) Los derechos públicos, concedidos ya de pura astucia por el gobierno español e iniciados en las costumbres antes de la independencia de la isla, no podrán ya ser negados...”. (Apud PATTERSON, 1996, p. 54).

enemigos del diálogo, de amigos o enemigos del embargo, de defensores y defensoras de los derechos humanos, que se hayan dirigido a la población cubana en tanto población mayoritariamente negra y mulata, ni que le hayan asegurado a ésta seriamente, con la insistencia y la especificidad que la cuestión se merece, que en la Cuba del futuro dichas organizaciones serán las primeras en trabajar por una sociedad donde negros y blancos tengan las mismas oportunidades laborales y sociales. (Idem).

Como afirmamos anteriormente, um discurso como esse de Benítez Rojo, sem dúvida marcado por um “ressentimento” com o caso específico da questão dos negros em Cuba, aparece em *Encuentro* de forma pontual e não é usado pela revista como voz predominante, uma vez que se há algum “ressentimento” constantemente emergindo de sua polifonia discursiva esse é o da condição de cubanos expulsados de seu país, algo comum à maioria dos colaboradores e também trabalhado de maneira equalizada.

Outra reflexão sobre esse assunto e que se relaciona com o silêncio identificado por Benítez Rojo tanto no oficialismo na Ilha quanto na dissidência no exílio, podemos verificar com o ensaio “La ‘raza’ y los silencios de la cubanidad” (Nº 20), de Alejandro de la Fuente, que bem pode ilustrar por seu tema a ambígua e delicada situação que emerge ao se discutir a relevância da presença dos negros para a identidade nacional, simultânea à perenidade de sua precária condição social. Basicamente, frente às dificuldades para essa discussão que gravita em torno do racismo – que sabemos que no momento presente da revista não deixa de envolver desde a legitimidade da predominância de uma voz branca, a maioria das vezes de origem acadêmica e impregnada daquele “rancor” tão criticado pela corrente crítica esteticista –, as questões centrais trazidas por de la Fuente são estas: “¿Pero es realmente pecaminoso hablar de un tema tan central en el proceso de formación y representación de la cubanidad? ¿O debemos, por el contrario, reservar la *excommunicatio* para aquellos que se han empeñado en institucionalizar el silencio alrededor de este y otros temas?” (FUENTE, 2001, p. 107, grifo do autor).

Visivelmente arriscando tratar do tema – ainda que sujeito a questionamentos que o poderiam incluir na mesma condição de poder por ele criticada no ensaio –, de la Fuente demonstra preferir não ser conivente com qualquer tipo de silêncio e para isso contrapõe duas interpretações históricas dominantes no interior do discurso nacional, naquilo que se refere ao papel da “raça” na formação da cubanidade. Por um lado, “Una interpretación, sostenida fundamentalmente por los grupos de poder (que en Cuba han

sido mayoritariamente, pero no exclusivamente blancos)”, e que “ha presentado a la nación ‘con todos y para todos’ de Martí como algo logrado, un proceso concluido o a punto de concluir” (FUENTE, 2001, p. 108), visão esta que, segundo o ensaísta, inclui intelectuais e políticos como Jorge Mañach ou Carlos Prío Socarrás. Por outro lado, uma perspectiva alimentada por um “grupo de intelectuales y profesionales negros y mulatos” (ibidem, p. 110) que desde o início da República questionou sistematicamente a interpretação predominante:

Mientras los grupos de poder se referían al llamado problema racial —una denominación que en sí misma tendía a evadir la responsabilidad de los racistas— como algo “delicado” y difícil, sobre el que era mejor echar un manto de patriótico silencio, los intérpretes populares defendieron la necesidad del hablar sobre el tema, de discutirlo públicamente y de colocarlo en el centro mismo de la atención nacional. (Idem).

Ou seja, um “nacionalismo popular” articulado por vítimas do racismo republicano, que, por exemplo, contou com vozes como as de Juan de Dios Cepeda, um dos líderes do Partido Independiente de Color, da ativista negra Inocencia Silveira, a de Ricardo Batrell Oviedo y Alejandro Nenínger, ou a do advogado negro Juan René Betancourt. Esta verificação de de la Fuente, que inclui ainda exemplos de periódicos e publicações de ativistas e intelectuais negros, nos parece importante porque, uma vez que melhor analisada e difundida, poderia pôr em xeque a afirmação de Patterson de que “El discurso sobre la identidad siempre ha sido un discurso blanco” (PATTERSON, 1996, p. 67), interpretação seguramente predominante entre estudos e pesquisas sobre o tema e que poderia ser literalmente matizada.

Como notamos, e assim finalizamos por enquanto nossas observações, há uma similitude em termos de poder e resistência que aproxima a perspectiva de de la Fuente à de Benítez Rojo, e que é ainda perceptível em ambas abordagens sobre esse silêncio e a forma como a Revolução o reforçou. Em seu ensaio, de la Fuente também reconhece que a implementação de programas sociais revolucionários acabaram com as bases institucionais do racismo por meio da “socialización de los servicios públicos, la creación de nuevas fuentes de empleo, las campañas educacionales y otras políticas de distribución”, assim criando “identidades sociales no racializadas (‘compañero’, ‘trabajador’, ‘revolucionario’, ‘pueblo’)” (ibidem, p. 116). Porém, ao mesmo tempo,

los cambios que se esperaba ocurrieran a nivel de la conciencia social nunca se produjeron. Y es que el racismo no es sólo un problema de distribución desigual de recursos, sino un sistema de ideas, valores y percepciones sociales que es necesario desarraigar a través de la acción social sistemática. (Idem).

Exemplos de ensaios como esses de Patterson, Benítez Rojo e de la Fuente, como vimos, acabam por reforçar a denúncia de prolongamento ao longo do século XX de uma herança colonial sobre a forma como a questão dos negros e a identidade nacional é tratada pelo poder. Longe de poder ser ignorada, a revista *Encuentro* demonstra a importância de se ter mais do que apenas consciência da necessidade de se discutir a questão e, impreterivelmente, procura discuti-la<sup>192</sup>.

### **2.3.2 - A comunidade desejada**

#### **2.3.2.1 - Incongruências do “comum”**

Chegamos até aqui com verificações importantes a serem pensadas: nossa leitura de ensaios publicados por *Encuentro* ocupados com a revisão da identidade cultural cubana encontrou caminhos através de proposições amparadas, por exemplo, pela ideia de identidade em constante suscetibilidade de transformações (PRADO, 2009), e pela cultura nacional na pós-modernidade como um discurso que representa a diferença como unidade ou identidade (HALL, 2006a). Mas, de certa forma entremeando-se com tais questões, surge, portanto, a necessidade de se esclarecer até que ponto é possível se imaginar uma comunidade diaspórica como um espaço de pertencimento, uma

---

<sup>192</sup> São numerosos os textos que se ocuparam sobre o tema nas páginas da revista, dentre os quais poderíamos sugerir a leitura dos seguintes: “Música y nación. El rol de la música negra y mulata en la construcción de la nación cubana moderna”, de Antonio Benítez Rojo (Nº 8/9); “La imagen que se evade”, de Eliseo Altunaga (Nº 12/13); “El renacimiento religioso en Cuba - Elementos formadores de la conciencia religiosa del cubano”, de Jorge Pomar (Nº 12/13); “El Caribe y la conexión afroatlántica”, de Antonio Benítez Rojo (Nº 36); “Azúcar/Poder/Texto”, de Antonio Benítez Rojo (Nº 37/38); “Negro sobre blanco: blanco sobre negro... Y no hace falta Malévich”, de Saylín Álvarez Oquendo (Nº 39); “Entre ademanes de lo posible y ardidés de lo permitido - Hablar de racismo en Cuba”, de Pedro Alexander Cubas Hernández (Nº 53/54); “Colores sin Benetton, pero a ritmo de reguetón”, de Alan West-Durán (Nº 53/54); “Contra el argumento racista”, de Víctor Fowler Calzada (Nº 53/54); estes quatro últimos incluídos no dossiê Raza y racismo en Cuba trazido pelo número 53/54; “El personaje del negro en la narrativa breve de los Novísimos (1985-2000)”, de Carlos Uxó (Nº 53/54).

fraternidade horizontal acolhedora que estimule um sentimento de identificação cultural sob aqueles três conceitos básicos propostos por Hall (2006a, p. 58, grifos do autor) para se imaginar uma nação: “as *memórias* do passado; o *desejo* por viver em conjunto; a perpetuação da *herança*”. A relevância desse esclarecimento se dá pelo fato de *Encuentro* alimentar um sentimento de pertencimento diferenciado à *cubanía*, independentemente do espaço onde se encontram os seus leitores, como se ao ler a revista o cubano se sinta verdadeiramente um cubano. Uma vez posto isso, o que pretendemos é alcançar uma melhor reflexão sobre qual ideia de “nacionalismo” estamos tratando quando lemos a revista.

A própria noção de “comunidade” enquanto conjunto de indivíduos ligados por interesses comuns, irmanados por uma mesma herança cultural e histórica, por um lado não é reconhecida por estudiosos desse assunto quando referida especificamente à população de imigrantes cubanos em países receptores como Espanha ou México (BERG, 2011; WEIMER, 2008), para citar dois dos maiores exemplos onde podemos identificar grandes quantidades de cubanos diaspóricos; sendo, por outro, de reconhecimento praticamente consensual para o caso dos Estados Unidos (BEHAR, 1996; DUANY, 2001; LÓPEZ, 2004). Para Mette Louise Berg, “(...) the concept of community all too often essentializes and reifies migrant groups, eclipsing internal division and stratification as well as cross-group dynamics”, concluindo que “Cubans in Spain do not form an ethnic community in any meaningful sense of the term” (BERG, 2011, p. 4). Já Tanya Weimer alinha-se com a socióloga Velia Cecilia Bobes para rejeitar a existência de uma comunidade cubana no México, acrescentando algo que nos parece importante: “Las nuevas historias de las más recientes comunidades cubanas no dependen tampoco de la unidad, o de la totalidad, sino de las posibilidades” (WEIMER, 2008, p. 10). Se ainda ampliarmos o ponto de vista, a falta de comunidades organizadas formal ou informalmente em países com tão numerosa população de cubanos implica, então, que reflitamos sobre a impossibilidade de se imaginar uma comunidade transnacionalizada ou diaspórica no sentido sociológico do termo.

A exigência dessa reflexão nos conduz inclusive a se questionar qual conceito de comunidade seria mais adequado para as circunstâncias globalizantes a que esteve inserida a publicação da revista *Encuentro*. Alguns exemplos podem nos ajudar nesse sentido. Para pensadores como Giorgio Agamben (1996), a noção de uma “comunidad

que viene” afasta-se de qualquer êxito utópico para ser aproximar de algo continuamente por acontecer, indefinida, sempre incompleta, cujas “singularidades” não se encontram “ligadas por propiedad alguna común, por identidad alguna”, estando “expropiadas de toda identidad para apropiarse de la pertenencia misma” (AGAMBEN, 1996, p. 14). Algo de certa forma próximo nos sugere Zygmunt Bauman (2005), ao dizer que o notável da comunidade é que ela “siempre existirá en el futuro” (BAUMAN, 2005, p. 9), idealizada ou sonhada como “un lugar ‘cálido’, un lugar acogedor y comfortable” (ibidem, p. 7), onde podemos contar com “la buena voluntad mutua” (ibid., p. 8). Mas, segundo ele, diante da dura realidade, “la realidad reconocidamente ‘no-comunal’”, nos deparamos com uma “comunidad realmente existente” que nos exige “obediencia estricta a cambio de los servicios que nos ofrece o que promete ofrecernos” (ibidem, p. 10). Jean-Luc Nancy (2000) procura pensar uma definição de comunidade com o intuito de esclacrer o horizonte que se abre desde o passado<sup>193</sup> para nos trazer um melhor entendimento sobre o deslocamento da comunidade que, aparentemente, constitui a experiência formadora dos tempos modernos:

Distinta de la sociedad (que es una mera asociación y distribución de las fuerzas y de las necesidades) y opuesta a la expropiación (que disuelve a la comunidad sometiendo los pueblos a sus armas y a su gloria), la comunidad no sólo es la comunicación íntima de sus miembros entre ellos, sino también la comunión orgánica de sí misma con su propia esencia. No sólo está constituida por una justa distribución de las tareas y de los bienes, ni por un feliz equilibrio de las fuerzas y de las autoridades, sino que está hecha ante todo con el reparto y con la difusión o la impregnación de una identidad en una pluralidad donde cada miembro, al mismo tiempo, sólo se identifica a través de la mediación suplementaria de su identificación con el cuerpo viviente de la comunidad. (NANCY, 2000, p. 21).

Definição à que somaríamos finalmente a de Alan Badiou, assim ressaltando uma perspectiva que procura se pautar sobre a aproximação entre “impossível” e “comunidade”:

---

<sup>193</sup> Nancy nos lembra de que a história chega até nós trazendo a ideia de comunidade como algo perdido que se deve reencontrar ou reconstituir, uma vez que “siempre se trata de alguna edad perdida en que la comunidad se tejía con vínculos estrechos, armoniosos e irrompibles, y en que sobre todo se daba a sí misma, en sus instituciones, en sus ritos y en sus símbolos, la representación, o mejor la ofrenda viviente de su propia unidad, de su intimidad y de su autonomía inmanentes” (NANCY, 2000, p. 21). E nos chama a atenção da necessidade de se suspeitar dessa “conciencia retrospectiva de la pérdida de la comunidad y de su identidad”, sobretudo porque, afirma o filósofo, ela parece acompanhar o imaginário ocidental desde seus primórdios (idem).

El don impalpable de la comunidad es aquello de lo cual el mundo nos dice hoy que es propiamente lo imposible del mundo, de todo mundo (en cuanto un mundo no se sostiene solo sobre una consistencia consensual). Comunidad, comunismo: lo que sucede bajo nuestros ojos probaría que se trata de los entrecruzamientos criminales de una inconsistencia del mundo. Más que la facilidad del goce o del consumo, más que el obtuso egoísmo y el consenso en la rapiña, en la injusticia y en la libertad como expulsión de toda verdad, lo que se dice, o más bien lo que cada uno se dice a sí mismo (...) es esto: lo imposible del mundo, hoy y por siempre, es la comunidad. Porque no existe más que la gestión racional, el capital, los grandes equilibrios. O las comunidades. Pero nada se opone más a la Idea de comunidad que la sustancia comunitaria, hebrea, árabe, francesa u occidental. Nada pone más a la Idea de comunidad frente a su imposible que la alianza realista entre la economía y los territorios culturales comunitarios. Y, consiguientemente, lo real del mundo es precisamente la comunidad en cuanto imposible. O también: la política real, la que nos suministran, excluye toda Idea. Ser del mundo no es otra cosa que hacer propio este imposible; lo cual significa –y es el imperativo de nuestra época–: gobierna todas tus acciones y tus pensamientos en modo tal que estas acciones y estos pensamientos atestigüen que la comunidad es imposible. O más aún: actúa sin Idea (...). (BADIOU, 1993 apud CALDARONE, 2013, p. 302-303).

Tais acercamentos servem para nos mostrar o quanto a própria ideia de comunidade tornou-se relativizada por suas transformações nas últimas décadas, proporcionando, inclusive, a abertura para se enxergar interações entre os entendimentos acima naquilo que há de indeterminação e de incompletude, de porvir, de desejo mais do que de pertencimento real, de procura por uma comunhão, e até, por fim, de impossibilidade. Diante de um mundo repleto de tantas incongruências no que diz respeito à existência do “comum” entre indivíduos, nos parece que o processo de reconstrução da identidade nacional se tornou um desafio cada vez menos essencialista.

### 2.3.2.2 - Possibilidades do “comum”

No interior da revista, junto aos elementos culturais, simbólicos, étnicos (raciais, linguísticos, religiosos), políticos ou históricos, alguns vestígios podem nos mostrar também quais seriam prováveis valores, atributos ou interesses, que, de alguma maneira, ensaístas procuraram se ocupar para um melhor entendimento das noções de “comum” que permeiam cubanos distribuídos por tantos espaços distintos, e que, ao final, os levam a provavelmente mais sentir do que compreender o porquê de suas identificações com a *cubanía*.



Retomemos agora aquela importante assertiva lançada já no primeiro número de *Encuentro* pelo ensaio de Rafael Rojas, “La relectura de la nación”, da seguinte forma: “Toda comunidad, sea política o cultural, es una invención o, simplemente, la vivencia de una fantasía” (ROJAS, 1996, p. 44), afirmação que vimos ao cuidar das concepções de cultura presentes em *Encuentro*. Frente à condição diaspórica, ao expor a impossibilidade de existência de uma comunidade cultural cubana nos moldes de uma cidade letrada, Rojas propõe a ideia de um grupo de “letrados sin ciudad” composto por escritores que carecem “de una esfera pública donde articular su discurso” (idem), ou que resistem a dela participar. Isso se mostra como algo interessante porque o que se dá naquele momento é exatamente o surgimento de uma revista, ou seja, de um espaço na esfera pública que, portanto, permitiria “inventar” uma comunidade onde “letrados sin ciudad” poderiam virtualmente incursionar. A associação da definição de comunidade com a ideia de invenção sugerida por Rojas assim favorece a expectativa de futuro para uma provável “comunidade inventada” por *Encuentro*. Além disso, ao flertar (mesmo que não explicitamente) com o conceito de “invenção da tradição” discutido, por exemplo, por Hobsbawm e Ranger (1984), o ensaio de Rojas ainda sugere para a revista a possibilidade de continuidade com o passado histórico, enquanto revista que passa a se inserir na tradição de publicações do exílio, autoconsciência mais tarde comprovável no número 40 com o dossiê “Revista cubanas del exilio – Reinvenición de un espacio nacional”, organizado por Jorge Ferrer e trazido na mesma entrega junto ao especial “Diez años de *Encuentro*”.

Mas se ampliamos esse entendimento para além de uma comunidade cultural, verificável apenas pela presença de intelectuais ou artistas, e passamos a nos ocupar de uma noção que inclua vários componentes da sociedade intra e extrainsular, o que encontramos na revista, ao observarmos as reflexões sobre a identidade cubana e o sentimento de pertencimento a tal concepção mais abrangente, é a tentativa de invenção de uma comunidade cubana possível ainda que dispersa espacialmente. Vale recordar que ao se referir às condições para se imaginar uma nação na contemporaneidade, ademais das existências das “memórias do passado” e do sentido de “perpetuação da herança”, Hall precisa ainda como condição um “desejo por viver em conjunto” (2006a, p. 58, grifos do autor), dessa forma constatando como mais importante um desejo/vontade de comunhão do que propriamente uma necessidade de convivência

física no interior de fronteiras definidas, como havia definido anteriormente Benedict Anderson (1993) ao estudar as origens das noções de nação e nacionalismo. E foi nessa readequação conceitual a um mundo globalizado que entendemos que a imaginação se abre à invenção e termina por consentir a probabilidade de existência de uma comunidade como a desejada por *Encuentro*<sup>194</sup>.

No ensaio “Otra pelea cubana contra los demonios” (Nº 6/7), texto que havia sido apresentado em sua intervenção no seminário internacional “Cuba a la luz de otras transiciones” (1997), Jesús Díaz trata de recordar como no final dos anos 70 Fidel Castro, movido por interesses econômicos sobre as remessas de dólares enviadas por cubanos desde os Estados Unidos, declarou em uma transmissão por televisão o fim do uso do termo “gusanos”, decidindo mudá-lo por “Comunidad Cubana en el Exterior” (assim convertendo os “gusanos” em “mariposas”, de acordo com o imaginário popular), apelativo que Díaz chama de “aséptico” (DÍAZ, 1997, p. 206) e que bem poderia exemplificar o alcance genérico de sua conotação política ao fortalecer o sentimento de fraternidade entre cubanos, o que sabemos que acabou se mostrando como um erro político de Fidel. O caso nos mostra que bastou uma simples alteração semântica por parte da origem discursiva repressora para que aflorasse com intensidade um sentimento de irmandade latente entre cubanos distanciados, comprovando que por mais que privados de seus direitos como cidadãos, os exilados mantinham fortes os laços de pertencimento identitário e o desejo/vontade de comunhão. Em sua participação nesse mesmo seminário com o ensaio “La negociación de la transición”, também publicado no número 6/7, o economista cubano residente no Chile, Francisco León, ressalta o que determina o carácter excepcional dessa comunidade:

La comunidad cubana en el exterior es diferente a la de otros países latinoamericanos, por lo numerosa, por su proximidad cultural y territorial, y por su importancia económica para Cuba y América Latina. A diferencia de los intereses y fuerzas internas, ella tiene gran identidad y está más

---

<sup>194</sup> Apesar de não se referir especificamente à questão cubana, a historiadora brasileira Sandra Jatáhy Pesavento, em seu ensaio “Un cierto modo de ser brasileño” publicado por *Encuentro* (dossiê Brasil, Nº 48/49), procurou também estar atenta à ideia de “invenção” e de “sensação” presentes na própria noção de identidade: “Una identidad es una comunidad simbólica de sentidos que se inscribe en el orden de las sensibilidades y no en el del mundo racional; es una sensación de pertenencia, una percepción de la realidad y de sí misma; una “invención” o una construcción imaginaria de significado. Las identidades tienen la tendencia a afirmar una perennidad: todo había sido así desde tiempos inmemoriales” (PESAVENTO, 2008, p. 120).

organizada, pero en función de la política local y del diferendo Cuba / Estados Unidos. (LEÓN, 1997, p. 82-83).

Seguramente este “diferendo” entre Cuba e Estados Unidos propicia uma particularidade ao caso cubano em termos de fortalecimento identitário entre membros da “Comunidad Cubana en el Exterior”. No aqui já referido ensaio “Las amistades peligrosas” (Nº 18), Velia Cecilia Bobes também nos lembra que desde suas origens enquanto nação Cuba se autoimaginou uma futura comunidade política ligada a “la modernidad, la civilización y el progreso” tendo os Estados Unidos como modelo (BOBES, 2000, p. 66). Ademais, ela ainda se refere à necessidade de a identidade nacional estar associada a “un tipo de solidaridad que se logra a través de un discurso (ideológico) que justifica la existencia del grupo, las más de las veces en una relación de conflictividad con enemigos definidos (“nosotros” y “ellos”)” (ibidem, p. 68), assim reforçando aquilo que vimos anteriormente também com ela desde o ponto de vista da “otredad”.

Há ainda algo importante na abordagem da socióloga Cecilia Bobes porque em ensaios como esse publicados por *Encuentro* ela procura basicamente refletir sobre a concepção de comunidade desde uma perspectiva política, complementarmente à de comunidade cultural. De acordo com ela, a necessidade de se discutir a dimensão política da cubanidade passa pela relação entre pertencimento nacional e suas delimitações fronteiriças, algo que na modernidade esteve associado a definições de âmbito político e, na maioria das vezes, de conformação ou existência de um Estado-nação. Passa também pela significância para a existência de um campo homogêneo ocupado com a integração e a coesão da sociedade, onde “las prácticas de los individuos y los sentidos subjetivos asociados a ellas garantizan la identificación de los mismos con las instituciones” (ibid., p. 67). Parece-nos que uma das maiores questões, portanto, “enfrentada” por *Encuentro* para a realização do desejo de comunidade cubana em um sentido abrangente de “Isla Entera”, assim ampliando o entendimento sobre o cubano para além da divisão entre comunidade insular e “Comunidad Cubana en el Exterior”, reside justamente na discussão sobre perspectivas convergentes de comunidade cultural e comunidade política.

Em outro ensaio, publicado no número 32, “Democracia e imaginario ciudadano”<sup>195</sup>, Cecilia Bobes traz considerações sobre o espaço simbólico da identidade política junto a noções como as de espaço público e de sociedade civil, pautando importantes questões sobre a configuração de um imaginário cidadão e os critérios ou virtudes de pertencimento a uma ideia de nação. Suas reflexões nesse ensaio sobre as relações entre indivíduo e Estado no que se refere a direitos e deveres, onde “la institución estatal representa a la nación como comunidad imaginaria” (BOBES, 2004, p. 152), se mostram importantes porque se trata de um ponto fundamental que, no caso da Cuba revolucionária, é incisivamente questionado por Rafael Rojas em seu ensaio “La relectura de la nación”<sup>196</sup>. A partir da busca por uma melhor definição de cidadania, Cecilia Bobes procura averiguar “su impacto en la conformación de una constelación simbólica” (ibidem, p. 153) que de alguma forma explique as demarcações de inclusão ou exclusão na categoria de cidadão. Em termos de valores e comportamentos políticos no interior do imaginário cidadão “de los cubanos comunes” moradores da Ilha, suas conclusões identificam “un repertorio diverso y contradictorio” para a participação cidadã democrática:

intolerancia, intransigencia, falta de moderación, rechazo al diálogo y la negociación, tendencia a valorar la unanimidad, falta de capacidad para el asociativismo autónomo, imposibilidad de generar agendas movilizativas o de presión desde la sociedad hacia el Estado, escepticismo sobre la independencia de los órganos de prensa y demás medios de comunicación, percepción de la inutilidad del voto, rechazo a la política como tal, desconfianza hacia cualquier forma de campaña política, carencia de experiencia y habilidades para elegir en condiciones de competencia real, y rechazo a las minorías. (Ibid., p. 163).

---

<sup>195</sup> Texto apresentado na conferência “Cuba: los retos del futuro”, organizada pela Universidade Humboldt e pela New School University (de Nueva York), na Casa das Culturas do Mundo, Berlim, entre os dias 2 e 4 de outubro de 2003. A entrega número 32 de *Encuentro* publicou uma seleção das apresentações desse evento.

<sup>196</sup> Como aqui já vimos, por exemplo, com as seguintes palavras de Rojas: “La identidad entre el Estado y la Nación, el gobierno y el pueblo, la sociedad civil y el sistema institucional, ha politizado la imagen histórica de la cultura cubana” (ROJAS, 1996, p. 43). Complementarmente a essa questão, ver ainda outro ensaio de Rojas publicado na revista, “Políticas invisibles” (Nº 6/7), onde são feitas algumas discussões sobre a ideia de sociedade civil em Cuba.

Contando ainda com um significativo adicional a esse repertório: “la exclusión de la comunidad emigrada se ha instituido como algo ‘natural’ e incontestado que acepta hoy, sin la más mínima discusión, la ciudadanía de la Isla” (idem). Por sua vez, no que diz respeito a essa comunidade emigrada, Cecilia Bobes verifica que ela “comparte en general la intolerancia, el rechazo al diálogo, la falta de moderación y la valoración de la violencia política y, en particular, algunos de sus grupos más visibles exhiben sin el menor pudor actitudes revanchistas y claman por venganzas de diversa índole” (idem). E, por último, dentre as qualidades que ela considera como favoráveis à atuação democrática, estariam os “altos niveles educativos y culturales”; um “fuerte sentido igualitario” que possibilitaria “una participación basada en la solidaridad y la cooperación sociales”; um “mínimo de bienestar y seguridad social”; e, entre os emigrados, “valores de convivencia y participación” por terem sido socializados “en sistemas políticos y electorales democráticos” (idem).

Notamos o quanto entre as averiguações da socióloga se mostram mais identificáveis não valores do que propriamente valores para a vivência política de uma comunidade democrática, sobretudo entre cidadãos insulares. Isso poderia conduzir a uma maior aproximação àquela dura “realidad reconocidamente ‘no-comunal’” sugerida por Bauman (2005, p. 10), ou ainda aquele ceticismo com que nos deparamos em Badiou: “lo imposible del mundo, hoy y por siempre, es la comunidad” (BADIOU, 1993, apud CALDARONE, 2013, p. 303). Daí, talvez, a inevitabilidade de uma predisposição à invenção, ou da “vivencia de una fantasía” como propõe Rojas (1996, p. 44), por meio de uma confluência de perspectivas entre comunidade política e comunidade cultural que sirva de estímulo à identidade no interior de uma comunidade simbólica transnacional, ou pós-nacional, de sentidos plurais e democráticos.

Por meio desse raciocínio, o aprendizado do exílio parece favorecer o desejo pela vivência de uma comunidade imaginada através da invenção de novas sensibilidades, novos sentimentos, outros afetos. No ensaio “Tecnologías de la palabra: el secreto y la escritura en José Martí”<sup>197</sup> (Nº 30/31), Jossianna Arroyo vai novamente ao encontro das experiências migratórias de Martí para o auxílio de suas reflexões sobre essa questão, trazendo ainda algumas identificações que se mantêm pertinentes no momento atual:

---

<sup>197</sup> Incluído no dossiê “Nuevas lecturas de Martí” (Nº 30/31).

El exilio, como eje significativo de las transformaciones en nuestra sociedades contemporáneas, se hace a partir de mapas afectivos en los que el exilado pasa a ser un sujeto dramático. En este *dramatis personae*, el individuo se expande, se fragmenta y se rehace, volcándose, quiéralo o no, hacia nuevas comunidades amorosas, familiares o políticas. (ARROYO, 2003/2004, p. 161, grifos da autora).

Arroyo se vale do exílio martiano no México para procurar observar, para além da subjetividade e de seu entorno, “nuevas prácticas escriturales para y desde la comunidad” através de “espacios de fraternidad ciudadana” como a “logia masónica” (ibidem, p. 162). Ela enxerga nesta leitura comunitária de Martí algo como uma “intención espiritual”, isto é,

la de construir y rehacer este cuerpo fragmentado, deshecho, frágil y tambaleante, a partir de una comunidad, de unas “políticas de la amistad” [Derrida], en los lugares en que vivió. Es así como leo en Martí un tipo de “materialidad del espíritu”, un espíritu de comunidad, que aunque se ha leído desde el imaginario de Cuba como la nación futura, delata una permeabilidad subjetiva, una praxis, un don. (Idem).

Ensinaamentos como os de Martí, sabemos, são elementares enquanto referências fundacionais do nacionalismo cubano, e menos do que uma intenção de escrutínio de como se dá o processo de sua “invenção” de uma comunidade nacional, esse ensaio de Arroyo aqui nos ajuda ao exemplificar como a vivência comunitária martiana no exílio esteve relacionada à sua necessidade escritural e o surgimento de outras sensibilidades.

Com isso, a partir da nossa leitura de alguns ensaios trazidos pela revista, poderíamos concluir concordando com Weimer (2008) que as histórias contemporâneas das comunidades cubanas dependem menos de “unidad” ou de “totalidad” e mais de “posibilidades” (WEIMER, 2008, p. 10). A ideia de comunidade diaspórica cubana com que nos deparamos desde o amálgama interpretativo polifônico de *Encuentro* implica em um entendimento desobstruído para a imaginação no sentido da invenção. Isso a afasta daquela “impossibilidade” sugerida por Badiou (1993, apud CALDARONE, 2013) e, em certo sentido, também da proposição de Agamben (1996), pois para ele uma “comunidad que viene”, em sua indefinição e incompletude, possui “singularidades” que não se encontram “ligadas por propiedad alguna común, por identidad alguna” (AGAMBEN, 1996, p. 14). Nossa leitura, pelo contrário, depara-se

nas páginas da revista justamente com a constante valorização daquilo que há de “comum” entre cubanos insulares e diaspóricos, declarada resistência à fragmentação cultural, ao mesmo tempo em que com isso procurando vieses menos essencialistas. Como vimos, as atenções de alguns ensaios ao sentimento de pertencimento à *cubanía* se mostram sustentadas por uma concepção mais abrangente de comunidade, ocupando-se complementarmente em termos culturais e políticos, dessa forma estimulando uma aproximação a uma proposição futura de comunidade democrática. Frente à impossibilidade de convivência entre cubanos no interior de fronteiras definidas, *Encuentro* prioriza a necessidade de um “desejo” de comunhão e para isso imagina uma comunidade cubana possível em sua invenção, mesmo que dispersa espacialmente.

### **2.3.3 - Nacionalismo: do “trans” ao “pós”?**

#### **2.3.3.1 - A consciência transnacional**

Vale lembrar que, ao passo que nas últimas décadas do século XX novos processos de internacionalização e de transnacionalização são intensificados em termos de dinâmicas econômicas e culturais através de redes interdependentes em escala mundial, também novos conceitos nas ciências humanas procuram uma melhor compreensão desses processos. Néstor García Canclini (2003), por exemplo, identifica na ideia de transnacionalização um segundo movimento formado inicialmente a partir da internacionalização econômico-cultural, por meio do surgimento de “organismos, empresas e movimentos cuja sede não se encontra exclusiva nem predominantemente numa nação”, mas cujas “interconexões ainda trazem a marca das nações originárias” (CANCLINI, 2003, p. 42). Através dessa perspectiva, Canclini propõe o entendimento da globalização da produção, circulação e consumo de bens, serviços, informações e finanças como resultante desses processos desterritorializantes, facilitados pelos sistemas tecnológicos de comunicação e de transporte em nível planetário, e intensificados pelos fluxos migratórios que acabam por proporcionar uma expansão de imaginários multiculturais.

A historiadora Barbara Weinstein (2013), pensando o viés transnacional desde uma abordagem historiográfica, observa a emergência de uma “virada transnacional” nas interpretações históricas desde os anos 90 como “um desafio ao domínio da nação

como o sujeito ou a categoria organizadora das narrativas históricas”<sup>198</sup> (WEINSTEIN, 2013, p. 13). Ela identifica tal emergência originalmente desde os estudiosos da América Latina, vendo-a mais como um movimento de renovação do que de inovação, com ênfase mais na ideia de circulação cultural de um contexto para outro do que no modelo de difusão ou disseminação desde um único ponto de origem. Weinstein observa que “a ótica transnacional entende a imigração no sentido de um circuito em que existem muitas redes de contato, compromisso, intercâmbio e várias formas de movimento e identidade” (WEINSTEIN, 2013, p. 20), chamando a atenção para uma diferença conceitual com a ótica cristalizada sobre a ideia de globalização graças à suposição que esta traz sobre o declínio da nação, assim entendendo a globalização como um conceito profundamente comprometido com o neoliberalismo. Afirma a historiadora: “Longe de ver o transnacional apagando o nacional, os dois mostram como ligações além da nação servem para fortalecer a posição de certo grupo ou tendência dentro da nação” (ibidem, p. 21).

Interessante é a proposição de Ana Belén Martín Sevillano (2013) sobre as revistas culturais como agentes transnacionais do campo cultural cubano no século XXI, dessa forma indicando a articulação de parte constitutiva de uma sociedade que não se estabelece exclusivamente sobre a ideia de um Estado-nação. De acordo com Sevillano,

La transnacionalización de la sociedad cubana implicaría entonces no sólo el flujo de personas y de capital, sino también de información, a través de redes que se articulan con el Estado nación y entre la comunidad dispersa (...). Es en ese entramado de redes de comunicación en el que la cultura cubana se reformula como un espacio transnacional que se manifiesta tanto dentro como fuera de los límites físicos de la nación. Se define como transnacional precisamente en tanto que deja de operar sobre la base dicotómica ideológica del ‘adentro’ y del ‘afuera’, dando así paso a un campo cultural heterogéneo y plural, donde diferentes perspectivas se cruzan. (SEVILLANO, 2013, p. 8-9).

Dentre as constatações da pesquisadora, destacamos a do seu entendimento em relação àquilo que observamos como sinais de algumas “frestas” na clausura cultural de Cuba a partir dos anos 90. Sevillano reconhece movimentos do governo cubano de “intento de

---

<sup>198</sup> Disse ainda a pesquisadora norte-americana: “Enquanto seguirmos pensando na história das Américas do ponto de vista da nação, fica difícil construir uma historiografia que não privilegie o protagonismo dos Estados Unidos” (ibidem, p. 15-16).



institucionalizar la diáspora, despolitizándola y explicándola como efecto de la globalización económica”<sup>199</sup> (SEVILLANO, 2013, p. 11), assim corroborando com o nosso anterior apontamento exemplificado pelas publicações sobre o tema por Ambrosio Fornet em *La Gaceta de Cuba*<sup>200</sup>. Segundo a autora, dentre os principais interesses por parte do oficialismo em relação a esse movimento, estaria o de facilitar a entrada e saída de pessoas do país em virtude das necessidades econômicas, assim ressaltando a importância desse fluxo de remessas financeiras pelos emigrados para seus familiares no interior da Ilha. Apesar disso, tal estratégia de despolitização estaria muito distante de “apagar a diferença” entre as condições de “exílio” e as de “diáspora”, desse modo demonstrando ainda uma consciência do perigo político do trabalho cultural de intelectuais e artistas fora da Ilha em franca oposição ao regime totalitário:

La nueva concepción institucional de la diáspora como brazo transnacional del pueblo cubano ha excluido a los intelectuales que hayan planteado o planteen una crítica política o social, quienes sí siguen siendo “exilio” para el gobierno cubano, puesto que no se les permite regresar y se les excluye del imaginario nacional construido desde las instancias oficiales y oficialistas. Pese a ello, es la labor de un número de intelectuales y creadores que salen de Cuba a partir de los años noventa la que ha conseguido construir un campo cultural que opera de manera transnacional como un espacio cultural alternativo al campo cultural interno, con el que siempre mantiene un diálogo. (SEVILLANO, 2013, p. 11).

Com isso, Sevillano conclui identificando a revista *Encuentro* como “una de las primeras revistas cubanas en explicitar la conciencia de la existencia de una dinámica cultural cubana transnacional” (ibid., p. 18), destacando ainda revistas de menor projeção como *Diáspora(s)* e *Cubista Magazine*, todas elas realizadas sob consciência

---

<sup>199</sup> De acordo com Jorge Duany (2001), dentre tais movimentos estariam desde a criação de um escritório ligado ao Ministerio de Relaciones Extranjeras para cuidar de assuntos da comunidade cubana no exterior, que ainda contou com a criação da revista *Correo de Cuba* em 1995 para divulgar suas atividades; o aqui já referido simpósio “Cuba – Cultura e identidad nacional” realizado pela UNEAC e a Universidad de La Habana em junho do mesmo ano; assim como a segunda conferência “La nación y la emigración” que reuniu representantes da diáspora cubana de vários países em Havana no mês de novembro, também de 1995.

<sup>200</sup> Sevillano ainda reconhece alguns indícios de transnacionalização em outros periódicos publicados na Ilha como as revistas culturais *Arte Cubano*, *Casa de las Américas*, *Revolución*, *Revolución y Cultura* e *Unión*. Mas a vontade de transnacionalização, de acordo com ela, sem dúvida estaria em propostas editoriais de publicações independentes como a impressa *Diáspora(s)* ou as digitais *Cacharro(s)*, *Desliz* e *Voces* (esta também em versão impressa) (SEVILLANO, 2013).

de uma “comunidad desplazada y descentralizada”, pautadas pelo “diálogo” e ocupadas com a “elaboración de la identidad en función de ello” (ibid., p. 21).

### 2.3.3.2 - Novos rumos conceituais

E é justamente sob essa configuração delineada por reformulações conceituais que passam do exílio à diáspora e do internacionalismo ao transnacionalismo, que adentramos, conclusivamente, à checagem de uma noção de pós-nacionalismo como concepção de entendimento possivelmente mais acorde com o espectro político-cultural a que nos referimos. Jürgen Habermas (1989), um dos principais articuladores iniciais do conceito, voltado a um processo de universalização ainda sem propriamente estar sob a pressão da globalização<sup>201</sup>, sugere a identidade cultural sob uma nova forma de patriotismo mais abstrata centrada nos princípios constitucionais, assim procurando um elo entre o cidadão e um Estado sem nação. Crítico da identidade nacional que pressupõe a necessidade de cada nação se organizar em um Estado para ser independente, para ele “el Estado con una población nacional homogénea ha sido siempre una ficción” e, ainda que considere o lugar privilegiado ocupado pelas tradições nacionais para fixar formas de vida, as identidades coletivas correspondentes “ya no necesitan de un *punto central* en que hubieran de agavillarse e integrarse formando la identidad nacional” (HABERMAS, 1989, p. 102, grifo do autor). Habermas então prevê “la idea abstracta de universalización de la democracia y de los derechos humanos” como “la materia dura en que se refractan los rayos de las tradiciones nacionales –del lenguaje, la literatura y la historia– de la propia nación” (ibidem).

Recentes estudos sobre a cultura cubana propõem uma atenção cada vez maior à noção de identidade pós-nacional, ainda que não se possa afirmá-la como uma corrente homogênea. Alguns como Jorge Duany (2019) preferem seguir pensando a questão da identidade cubana em termos de transnacionalismo, uma vez que “las afiliaciones colectivas de los cubanos emigrados suelen oscilar entre el territorio insular y los

---

<sup>201</sup> Seu ensaio “Conciencia histórica e identidad post-tradicional – La orientación de la República Federal hacia Occidente”, de 1987, foi escrito para demonstrar seu posicionamento contrário aos movimentos de normalização do Holocausto no debate levado por historiadores alemães nos anos 80. Habermas questionou se a inclusão da República Federal ao Ocidente deveria estar baseada numa nova consciência nacional, proposta por grupos mais conservadores, em que uma atualização histórica deveria contar com certo assentimento sobre o período nacionalsocialista.

lugares donde se han relocalizado”<sup>202</sup> (DUANY, 2019, p. 95). Gallo e Mourelo (2019), ao proporem situar a migração cubana no interior da perspectiva pós-nacional, proporcionam um esclarecimento sobre essa importante diferença entre transnacionalismo e pós-nacionalismo apontada por Duany:

Mientras que el transnacionalismo continúa refiriéndose a la nación intermitentemente, como una entidad íntegra que se pone en contacto con otra, el postnacionalismo sugiere que la nación es una colectividad fluida y en movimiento. La identidad transnacional se origina en las fronteras mediante los movimientos políticos, humanitarios o afectivos que desencadenan las comunidades emigrantes, o también mediante la actividad de comunidades pertenecientes a diversas naciones que se mantienen unidas por el interés en diversas campañas las luchas fronterizas, medioambiente, control de armas y derechos del trabajo, de la minorías y de la mujer (...). Sin embargo, de las comunidades transnacionales no emerge, al menos no inevitablemente, una identidad opuesta o superpuesta a la nacional. Por contraste, la identidad postnacional sí participa de un colectivo que no se adscribe a un territorio geopolítico concreto. Es importante señalar, no obstante, el papel fundamental de los transnacionalismo en la formación de ciudadanías postnacionales (...). (GALLO; MOURELO; 2019, p.23).

Nosso interesse por observar com atenção a perspectiva pós-nacional advém de sinais interiores às próprias páginas da revista *Encuentro*, com especial destaque para ensaios de Rafael Rojas como o aqui já mencionado “Diáspora y literatura: indicios de una ciudadanía postnacional” (Nº 12/13, 1999). As próprias colocações de Gallo e Mourelo (2019) ao proporem uma possível aproximação do caso cubano ao pós-nacionalismo, seja por meio da exploração de cenários de bilinguismo, biculturalismo, do transnacional ou do pós-moderno, preferem não buscar respostas definitivas para a superação de conflitos e a construção de uma convivência para além de diferenças discursivas. Enxergamos em buscas como essa mais a presença de “indícios”, como propõe Rojas, do que de conclusões. Ao constatarem na celebração de identidades pós-nacionais uma integração da pluralidade em oposição a uma de homogeneização, Gallo e Mourelo demonstram uma atenção aos debates europeus em torno das relações entre cidadania política e direitos civis, direitos humanos e identidade cultural em termos de

---

<sup>202</sup> Entendendo a diáspora cubana como uma variante da migração transnacional, Duany (2001) também destaca o excepcionalismo cubano dentro dessa perspectiva transnacional, uma vez que até há pouco tempo os cubanos perdiam praticamente todos os seus direitos de cidadão ao saírem definitivamente de Cuba.

religião, idioma ou etnia, implicadas nos movimentos migratórios que têm como destinos países da Europa Ocidental. A partir disso, reconhecem uma crescente tendência em que “Las nuevas generaciones relegan a un segundo plano la identidad nacional y se da prioridad a la igualdad social y reconocimiento de derechos a todos los niveles, tanto a los nacidos en el país como a los inmigrantes” (ibidem, p. 21).

Diante disso, nos parece interessante, para encerrarmos nossas observações sobre a releitura da nação realizada pela revista, ao menos identificar algumas ideias de como *Encuentro* utiliza do ensaio para promover o debate transfronteiriço em torno de uma possível reelaboração de espaços diaspóricos trans e pós-nacionais, assim deixando apontado um caminho importante para futuras discussões. Como vimos, a *cubanía* se mostra como um recorrente *tópos* ensaístico, o que sem dúvida evidencia o uso do ensaio para aquilo que o mesmo Rafael Rojas sugere no primeiro número da revista como “el gesto que podría esbozar nuestra nueva edad cultural” (ROJAS, 1996, p. 44), destacando sua capacidade de refletir sobre as mudanças imagéticas através do tempo:

Desde finales de los años 80 se viene escribiendo, en Cuba, un nuevo ensayo de la nacionalidad. (...). La revisión de la forma histórica actual del Estado, que ha sido presentada – teleológicamente – como el completamiento político de la identidad cultural, suscita una relectura de la nación misma. Y el ensayo ha sido, desde los textos fundadores de Montaigne y Bacon, ese género propicio para el examen de conciencia, esa construcción reflexiva que da fe del tránsito entre una y otra imagen del tiempo. Por eso el testimonio más elocuente del cambio cultural de la isla es el que articulan los ensayistas. (ROJAS, 1996, p. 43).

### 2.3.3.3 - Indícios pós-nacionais

Comentamos anteriormente que Iván de la Nuez havia sido o primeiro ensaísta em *Encuentro* a discutir de forma mais específica o conceito de diáspora aplicado à emigração cubana, com seu ensaio “El destierro de Calibán - Diáspora de la cultura cubana de los 90 en Europa”, trazido no número 4/5 em 1997. De fato, de la Nuez nesse texto procura uma interpretação da realidade cubana mais condizente com o estado de acontecimentos transformadores que põem em questão muitas das prédicas revolucionárias. Seus argumentos procuram pôr à prova limites conceituais em torno de ideias-chave como, por exemplo, as de nação e nacionalismo:

La Nación de la diáspora es una nación en fuga –física, cultural– donde la supervivencia nos remite, directamente, a un escape. No se trata de la consigna duradera e inmutable de la identidad mayúscula sino de lo transitorio del viaje, del estatuto móvil de ese “escapar”. Es la quiebra de la opción entre los extremos cubanos (Patria o Muerte) para entrar sin lo uno, ni lo otro, a jugarse el destino de las nuevas formas culturales en este fin de milenio. Ese escapar constituye, en los últimos años, la mayor experiencia de globalización cultural de los cubanos (...). (NUEZ, 1997, p. 143-144).

Sendo interessante que para ele a discussão sobre o nacionalismo pautado pela Revolução naquele momento é entendida como uma armadilha, propiciadora de um verdadeiro mal-estar da cultura cubana:

Siempre he asumido –y no tengo ningún indicio para abandonar esta formulación– que el nacionalismo, en la medida que se convierte en *el problema cubano* (como se ha reinventado en la última década) disuelve las diferencias culturales entre los gobernantes de Cuba y los del exilio. Ambos tienen –discurso ideológico aparte– una misma manera de entender la “cubanidad” y de armar su epistemología. Ambos continúan en la raíz católica de identidad nacional que se nos obliga a asumir hoy día. Ambos tienen la llave maestra para excluir, censurar, expulsar de La Nación.

(...).

La Revolución –que excluyó a sus contrarios– abrió la posibilidad de un mundo sin síntesis. Y ésta es la gran trampa del regreso al discurso Nación por parte del Estado cubano y de sus intelectuales orgánicos en la actualidad. Implica una síntesis no-revolucionaria, del mismo modo que la revolución implica una exclusión no-nacional. Creo que ahí está la paradoja del malestar de la cultura cubana. (Ibid., p. 143, grifos do autor).

E diante de constatações importantes como essas, com o mesmo ensaio de la Nuez acaba por também ser o introdutor do termo “pós-nacional” nas páginas de *Encuentro*, utilizando-o como um possível farol conceitual a guiar cubanos em fuga: “(...) estos cubanos que habitan en el territorio del éxodo y del viaje (...) navegarán como argonautas de otro sistema cultural, cubano y posnacional, insular y transterritorial (...)” (ibidem, p. 144)<sup>203</sup>.

---

<sup>203</sup> Alguns poucos números depois, no ensaio “Registros de un cuerpo en la intemperie” (Nº 12/13), Iván de la Nuez voltaria a afirmar sua “afinidad —desde mis años cubanos— con las formas postnacionales de la cultura contemporánea” (NUEZ, 1999c, p. 124), reforçando também sua compreensão associativa entre diáspora e pós-nacionalismo: “Entiendo, en fin, por escritura de la diáspora —sobre todo por mi escritura de mi diáspora—, la de una cultura que ha entrado en su fase postnacional y en el cuerpo de identidades y diferencias que tienen lugar en esa circunstancia” (ibidem, p. 133-134).

Mesmo que sem propriamente discorrer em termos definidores seu entendimento sobre esse conceito, ao lançar luz sobre a afinidade com essa orientação pós-nacional, desde Barcelona, de la Nuez demonstra atenção atualizada acerca de um debate já corrente no ambiente europeu<sup>204</sup>. Desde os Estados Unidos, alguns ensaios publicados pela revista apontam para uma verificação muito próxima sobre o desgaste e a incapacidade do nacionalismo cubano finissecular para conseguir compreender a realidade diaspórica. Por exemplo, em dois ensaios publicados na entrega de número 15 e que haviam servido para apresentações no seminário “Cuba, 170 años de presencia en Estados Unidos”, em 1999, notamos a presença tanto de uma crítica à visão estabelecida sobre a relação nacionalismo/emigração quanto da busca por precisar características discursivas da diáspora cubana predominantes nos Estados Unidos. Em “A 90 millas”, Marifeli Pérez-Stable, ao reiterar sua convicção de que “la diáspora actual es un componente esencial de la nación” (PÉREZ-STABLE, 1999/2000, p. 195), conclui que historicamente “Nuestro nacionalismo (...) nació desfasado, o al menos así parece un siglo después, y en el decursar del XX no hemos sabido o podido componer un sentido de nación más acorde con las realidades internacionales y el bienestar de los cubanos” (ibidem, p. 196). Para ela, somente uma política moderna seria capaz de conviver com as diferenças e de negociar a reintegração, algo que se mostra ainda distante do que realmente está acontecendo: “Ni la visión de ‘nación y emigración’ que impera en la Cuba oficial ni la tajante separación que intentan mantener los sectores más recalcitrantes del exilio son compatibles con una reintegración en el nuevo siglo” (idem).

Já em “La apropiación de la lejanía”, também apresentado no mesmo seminário, Lourdes Gil identifica algumas características do discurso diaspórico cubano no interior da cultura norte-americana que, ainda que não explicitamente, já apontam para um provável entendimento ulterior desde a perspectiva pós-nacional: “el fenómeno discursivo de la diáspora cubana en Estados Unidos sólo puede ordenarse desde los epítomes que rigen su singularidad: el aislamiento, la hibridez, la discontinuidad, la falta de centro, la conciencia marina, la lejanía” (GIL, 1999/2000, p. 63). Tais traços sinalizam o percurso para que ela transite por inúmeras referências de escritores

---

<sup>204</sup> Sobretudo na Alemanha, como pudemos observar a partir de algumas reflexões de Habermas (1989).

cubanos que foram viver e produzir suas obras nos Estados Unidos<sup>205</sup>, terminando por conduzi-la até uma dúvida que indica certo desconforto com os parâmetros analíticos disponíveis: “¿Cómo valorar la escritura extrainsular desde un matiz postideológico, cuando nuestro país vive aún la más fiera división de su historia?” (íbidem, p. 65). A ensaísta demonstra um estímulo para responder essa questão ao dedicar algumas observações à obra de Roberto Fernández, como *Holy Radishes!* (1995), ao frisar que por escrever em inglês o autor “se desentiende de la preocupación por la identidad, la pérdida o la nostalgia”, e concordar com Isabel Álvarez Borland (*Cuban-american Literature of Exile: From Person to Persona* (1998)) que “Fernández trasciende la temática intimista para concentrarse en un mundo postdiaspórico” (íbid., p. 68). Segundo Gil, “valiéndose del humor y de la sátira”, os romances de Fernández “reconocen las tensiones étnicas y conflictos de valores, la hostilidad de la sociedad dominante norteamericana frente al submundo cubano de Miami, y la lucha de los exiliados por construir una réplica de la Cuba en que soñaron vivir o que dejaron atrás” (íbid., p. 68-69).

Outro ensaio que nos chama a atenção por sua discussão limítrofe, sobretudo no que se refere à noção de transnacional, foi “De exilios, diásporas e identidades híbridas - A propósito de *Discursos desde la diáspora*, de Eliana Rivero” (Nº 41/42), do ensaísta Julio Rodríguez Luis. Seus comentários sobre o livro de Rivero partem de algumas verificações da autora sobre a “nueva cubanía ‘multiétnica’ o ‘transnacional’” (LUIS, 2006, p. 283) existente nos Estados Unidos – como, por exemplo, a de que “La cubanía se conserva, incluso cuando está combinada con otras identidades nacionales o supranacionales” (RIVERO, E., apud LUIS, 2006, p. 283) – para com ela concordar atestando que os cubano-americanos “son islas, apéndices de continentes, penínsulas apenas unidas al continente, puentes; seres híbridos, situados fuera del centro, mas que parecen, al mismo tiempo, estar reclamando una identidad colectiva (...)” (LUIS, 2006, p. 284). Mas, algumas importantes dúvidas são trazidas pelo ensaio, como a de que se a visão de Eliana Rivero sobre o caso cubano-americano seria aplicável para outras identidades cubanas extraterritoriais:

---

<sup>205</sup> Gil cita Lydia Cabrera, Novás Calvo, Lorenzo García Vega, Labrador Ruiz, Octavio Armand, Hilda Perera, José Kozler, Lourdes Casal, Reinaldo Arenas, René Ariza, Carlos Victoria, Benítez Rojo, Heberto Padilla, Armando Fernández, Irida Iturralde, Pablo Medina, Gustavo Pérez Firmat, Virgil Suárez, Ricardo Pau-Llosa, Roberto Fernández.

Me pregunto (...) cuánto más puede durar esa cubanía trasplantada, dislocada, híbrida, en fin; es decir, más allá de una segunda generación<sup>206</sup>, y aun y cuando apoye su existencia, o supervivencia, mejor dicho, la cultura de los demás “latinos” –puesto que esos cubanos no serían ya sólo cubanos, sino cubano-latinos. (Idem).

Pondo ainda mais em questão a persistência da *cubanía* em países hispânicos ou latinos, se ela não duraria mais como “entidad endógena, sin mezcla de otras nacionalidades” (ibid., p. 289) e também por menos tempo. Ademais, em termos literários, Rodríguez Luis ainda acrescenta que “Una literatura no puede existir en una lengua extranjera a la cultura donde se asienta sino de modo temporal o vicario” (ibid., p. 288), de fato uma colocação bastante contrastante com a visão de Rivero sobre o caso cubano-americano.

Ensaio como os anteriores nos parecem úteis para exemplificarmos o quanto o nacionalismo é entendido pelos colaboradores da revista como sendo algo inapropriado para as condições socioculturais e políticas cubanas finisseculares, levando-se em conta a ascensão da globalização. Diante disso, ainda que mais sob forma de indícios de orientação conceitual do que de aplicação teórica interpretativa, alguns textos chegam a se voltar para o debate sobre o pós-nacionalismo procurando saídas para melhores compreensões dessa realidade. Apesar de não terem sido muitos<sup>207</sup>, acreditamos que alguns últimos comentários sobre eles podem ser bastante elucidativos.

Um deles é o de Juan Antonio García Borrero, “Un posnacional en Hollywood” (Nº 45/46), incluído na homenagem ao cineasta León Ichaso (“León Ichaso en persona”), onde são discutidas as dificuldades específicas para a realização cinematográfica em termos de identidades e nacionalidades. Uma polêmica havia surgido quando o livro *Cine cubano: nación, diáspora e identidad* (2006), organizado pelo autor do ensaio, fora questionado pela forma como sugeriu a existência de um cinema cubano fora da Ilha, indagando-se se a simples nacionalidade do diretor era suficiente para essa inclusão. Perante isso, García Borrero então propõe o caso de

<sup>206</sup> Dúvida também trazida por Safran (1991), como vimos.

<sup>207</sup> Além dos ensaios que aqui comentamos, também resenhas estiveram flertando com a ideia de pós-nacionalismo, principalmente algumas escritas por Rafael Rojas (como, por exemplo, “Inventario de asombros” (Nº 10), sobre o romance *Caracol Beach* (1998), de Eliseo Alberto; “Humanismo frívolo” (Nº 11), sobre *Enciclopedia de una vida en Rusia* (1998), de José Manuel Prieto; “La fiesta que viene” (Nº 18), sobre outro romance de Eliseo Alberto, *La fábula de José* (1999); “Semántica de un gesto” (Nº 23), sobre o ensaio de Iván de la Nuez, *El mapa de sal - Un postcomunista en el paisaje global* (2001)); e também Adriana Méndez Rodenas, em “Con todas y para el bien de todos” (Nº 25), sobre *Cuba sin caudillos. Un enfoque feminista para el siglo XXI* (1994), de Ileana Fuentes.



Ichaso como exemplo precursor entre os cineastas cubanos de um “cine posnacional” (BORRERO, 2007, p. 75). Segundo o ensaísta, a maioria dos críticos e historiadores internacional considera a nacionalidade de um filme, primeiro, a partir de sua origem de produção, em seguida pela temática, e em terceiro através do idioma utilizado, mas para a “indústria” cinematográfica revolucionária, “cine nacional” é somente aquele realizado no território físico insular. Isso o leva a afirmar:

Por “nacionalismo filmico” entiendo esa producción audiovisual que sacrifica el análisis de las diferencias, en pos de una síntesis que sólo sirve para reafirmar una identidad colectiva imaginada, pero no real. Esa identidad sirve para legitimar la visión que una determinada elite propugna, pero es inútil a la hora de describir aquellas subjetividades que no cumplen con los parámetros de cubanía que esas elites intentan fijar como intocables. (Ibidem, p. 79).

Contrário a qualquer essencialismo de identidade, García Borrero identifica na obra de León Ichaso (em filmes como *Piñero* (2001) ou *El cantante* (2007), por exemplo) a preocupação universalista por “encarar la realidad humana como un todo complejo”, concluindo que “esa dolorosa humanidad sólo la podrá mostrar en su exacta dimensión un cine posnacional” (ibid., p. 82).

Retornando à literatura, ao analisar o romance de Zoé Valdés, *Querido primer novio* (1999), Isabel Álvarez Borland em seu ensaio “La lengua nómada - Orígenes y la diáspora de los 90” (Nº 33) observa que alguns romances da diáspora como *Enciclopedia de una vida en Rusia* (1998) e *Livadia* (1999), de José Manuel Prieto, ou *Historias de Olmo*, de Rolando Sánchez Mejías (2001), comprovam a “esencia posnacional de la producción artística de esta generación” (BORLAND, 2004, p. 266). Como contraponto dentro dessa mesma geração de escritores, ela cita o livro de ensaios de Antonio José Ponte, *El libro perdido de los originistas* (2002), como um caso de orientação nacionalista ao realizar sua releitura de autores originistas como Lezama, Baquero e Piñera. Com estas referências em contraste, pergunta Borland: “¿Cómo se reconcilia el carácter posnacional de la narrativa de la diáspora de los 90 con la poética nacionalista de aquellos escritores de la misma generación que, como Ponte, escriben desde la Isla?”. É justamente a partir dessa questão que ela procura entender como o romance de Valdés se mostra marcado por esse redescobrimento do originismo. No que diz respeito ao caráter pós-nacional das obras citadas, Borland sustenta sua análise

justamente a partir das referências de Rafael Rojas e Iván de la Nuez e seus dois ensaios trazidos por *Encuentro* aos quais aqui nos ocupamos.

Quando observamos tais ensaios, se em “El destierro de Calibán - Diáspora de la cultura cubana de los 90 en Europa” a noção de pós-nacionalismo se mostra mais tangenciada por de la Nuez, em “Diáspora y literatura - Indicios de una ciudadanía postnacional” (Nº 12/13), Rafael Rojas se ocupa em delimitar melhor seu entendimento sobre o conceito – ainda que embrionário em suas próprias reflexões –incluindo alguns exemplos que aqui podem também nos ajudar nessa compreensão. Suas impressões iniciais partem da afirmação de que por causa do duplo fato de estar próximo dos Estados Unidos (“una comunidad multiétnica y multinacional por antonomasia” (ROJAS, 1999, p. 139)) e de por si mesmo ser um país formado por migrantes, Cuba naquele contexto já sentia “los efectos de una cultura postnacional” (ROJAS, 1999, p. 137). Referindo-se ao “*etnos* minoritario” de cubanos em Miami, mas também a tantos “cubano-españoles, cubano-mexicanos, cubano-colombianos, cubano-puertorriqueños” (ibidem, p. 140), Rojas recorda que “La globalización, como advierte Saskia Sassen<sup>208</sup>, produce en los *ghettos* de inmigrantes un desplazamiento del ‘nacionalismo cerrado’ por el ‘etnicismo abierto’” e que “a principios del siglo XXI más de 3 millones de cubanos conformarán una ciudadanía postnacional étnica y culturalmente heterogénea” (idem).

Um de seus principais interesses com este ensaio talvez esteja em averiguar através de algumas obras literárias qual o tipo de cidadania narrada pelos escritores da diáspora cubana:

Guillermo Cabrera Infante en Londres, María Elena Blanco en Viena, René Vázquez Díaz en Estocolmo, Zoe Valdés en París, Jesús Díaz en Madrid, Eliseo Alberto en México, Carlos Victoria en Miami, Leonardo Padura Fuentes en La Habana... narran el mismo lugar del futuro desde distintos lugares del presente. (Ibidem, p. 141).

E sua comprovação de um perfil comum de caracterização social entre muitas das obras desses e de outros autores se mostra bastante convincente:

---

<sup>208</sup> Refere-se a *Globalization and its Discontentes. Essays on the New Movility of People and Money* (1998).

La nueva fauna social que describe esta narrativa viene siendo algo así como una taxonomía o un carnaval de los sujetos del siglo XXI: macetas, jineteros, balseros, empresarios postcomunistas, disidentes, salseros, rockeros, dealers, emigrantes buscavidas, travestis, expolicías..., es decir, toda una picaresca que, como en la España del Siglo de Oro, anuncia la muerte de un mundo y el nacimiento de otro. (Idem).

Sendo os romances *La travesía secreta* (1994), de Carlos Victoria, e *Máscaras* (1997), de Leonardo Padura Fuentes, citados como casos de narrativas onde, por estarem inscritos “sujetos tan diferenciados”, é possível verificar um ““signo indicial”<sup>209</sup> de la constitución de ciudadanos postnacionales” (ibidem, p. 145); algo también constatável, segundo Rojas, em outros romances como *La piel y la máscara* (1996), de Jesús Díaz; e *Café Nostalgia* (1997), de Zoé Valdés. Mas é principalmente com *Caracol Beach* (1998), de Eliseo Alberto, que Rojas sugere a existência de uma “ficción postnacional”, que propõe um lugar “habitado por criaturas caprichosamente híbridas” e descreve “la antiutopía de la nacionalidad”. Para ele, “Caracol Beach es esa ‘comunidad postnacional que viene’, poblada de ciudadanos con orígenes diversos, identidades traslaticias y destinos electivos” (ibid., p. 146). Apesar de toda uma incitação por interpretar tais obras como possíveis averiguações de uma perspectiva pós-nacional, Rojas termina o ensaio com um tom bastante incerto ao direcionar suas atenções para o que provavelmente se passava na Ilha:

El filósofo inglés David Miller<sup>210</sup>, quien ha escrito la más persuasiva defensa del nacionalismo a fines de este siglo, reconoce con lucidez que, aunque el principio de la nacionalidad no sufra una decadencia irreversible, eso que los modernos hemos llamado *nación*, durante casi doscientos años, será cada vez más parecido a una miniatura del mundo. De ahí que los indicios literarios de una ciudadanía postnacional en Cuba tal vez no sean más que el vislumbre, acaso fallido, de una nación sin nacionalismo. (Idem, grifo do autor).

Com isso, podemos encerrar nossas observações reiterando aquilo que viemos apontando: mais do que propriamente ser provável afirmar com os ensaios analisados que *Encuentro* tenha se dedicado com alguma profundidade a uma compreensão da vertente teórica pós-nacionalista como parâmetro para se discutir a *cubanía*, a

<sup>209</sup> Termo usado por Rojas a partir de Carlo Ginzburg (*Mitos, emblemas, indicios. Morfología e historia* (1994)).

<sup>210</sup> Refere-se ao livro *Sobre la nacionalidad* (1997).

identidade e até mesmo a fragilidade de uma ideia de nacionalismo (ou ao menos ter se orientado em direção a ela com maior discernimento), não entendemos isso como algo verificável em maior amplitude. Seja pela falta de uma disseminação conceitual entre seus colaboradores ensaístas, seja pelo incipiente estado de discussão teórica durante o período em que a revista foi publicada, as principais características do ensaísmo publicado não nos permitem afirmar esse direcionamento. Diante disso, parecem-nos mais precisas verificações como a de Sevillano (2013), sobre as revistas culturais como agentes transnacionais do campo cultural cubano no século XXI; ou a de Duany (2019), ao preferir pensar a identidade cubana em termos de transnacionalismo por conta da manutenção dos fortes elos ainda identificáveis e que ligam os espaços ocupados por cubanos emigrados com o território insular.

Por outro lado, procurando complementar a linha de raciocínio traçada por Rojas para a literatura, alguns indícios pós-nacionais discutidos por ensaios em *Encuentro* poderiam servir para futuras reflexões sobre os processos de transformações ocorridos com as formas de pertencimento identitário nacional, dentre os quais destacamos: a debilidade de um ponto central emanador de identidade nacional; a não adscrição de um coletivo a um território geopolítico concreto; a conformação de comunidades multiétnicas, híbridas e compostas por cidadãos de origens diversas, identidades transláticas e destinos eletivos (ROJAS, 1999); a preferência pela integração da pluralidade em oposição a de homogeneização; a preocupação universalista com a realidade humana e com preceitos como os de democracia, igualdade social, cidadania política, direitos civis e direitos humanos. Ainda que um tanto genéricas em termos sociopolíticos e sem contar com uma visualização de preceitos estéticos mais definidos, os vestígios acima, ao menos, indicariam plausíveis linhas de investigação.

### Capítulo 3.

## Cuba virtual: configuração metadiscursiva e imaginação diaspórica

"La jarra suda su agua estancada, y de esa podredumbre estática, donde se sientan los insectos a esperar, la flor conduce su testa en la frialdad aconsejable para su frente. A la maravilla de que entre esos saltos se establecen interposiciones, imágenes, queda esa distancia vacía evidenciada en la metáfora. Las vicisitudes de un hombre que se desplaza y las vivencias de ese desplazamiento llegan a nosotros como un todo que ni exhala ni absorbe, pues la red de las imágenes forma la imagen (...)."

Lezama Lima

*Las imágenes posibles*

### 3.1 - *Encuentro*, as revistas e o imaginário nacional

#### 3.1.1 - Aportes à memória hemerográfica cubana

##### 3.1.1.1 - Revistas como cidades abertas

Em uma breve entrevista ao editor francês François Maspero publicada pelo jornal *Le Monde* (29 de maio 1998), “*Encuentro*, entre la isla y el exilio”, e depois republicada pela própria revista dentro da seção “Textual” em seu número 10, ao tratar da representatividade de *Encuentro* em termos geracionais Jesús Díaz identifica o “surgimiento de un grupo de ensayistas, historiadores, aspirantes a filósofos que se han propuesto como meta pensar el país”, e se refere também a aparição de novos poetas e narradores, muitos deles vítimas do que chama de “tragedia de Cuba” (DÍAZ, 1998c, p. 102). De fato, o grande encontro provocado pela revista é bastante marcado pelo cruzamento de diferentes gerações de intelectuais cubanos, basta darmos uma olhada na lista de colaboradores<sup>211</sup> que vai de Gastón Baquero, passando por Antonio Benítez

---

<sup>211</sup> Desde a entrega de número 1, a revista criou uma lista junto ao expediente com os nomes dos principais colaboradores que haviam publicado algo em suas páginas. Tal lista foi crescendo tão largamente no decorrer dos anos que, a partir do número 43, passou a ocupar toda a última página de cada entrega.

Rojo, até Antonio José Ponte, só para citar alguns dentre os mais conhecidos. Mas o que queremos aqui ressaltar do testemunho de Díaz a Maspero é que o diretor de *Encuentro*, além de assim mostrar a necessidade da existência dessa publicação para dar voz a uma nova geração de escritores, associa a meta de se “pensar el país” tanto ao surgimento de tal grupo de intelectuais quanto ao objetivo da revista. Em concordância com Díaz, vimos que o cumprimento dessa meta por *Encuentro* foi em sua maior parte alcançada através do uso estratégico do ensaísmo, com destaque justamente para essa nova geração que incluiu, entre outros, pensadores como Rafael Rojas, Iván de la Nuez, Emilio Ichikawa, Antonio José Ponte, Jorge Luis Arcos, Velia Cecilia Bobes.

Mas em nossa leitura dos ensaios trazidos por *Encuentro* visualizamos algo mais do que “pensar el país”. O que encontramos é o estímulo de muitos deles à criação de alternativas culturais e políticas à “tragedia de Cuba”, através de ideias como as que interpretamos em termos de “comunidade desejada”, “reimaginação da nação” ou “constante transformação da *cubanía*”. Essas perspectivas poderiam ser sintetizadas pela proposta de Adriana Méndez Rodenas (2000) de uma “imaginación diaspórica” e, inclusive, utilizadas como forma de colocar em relevo o aspecto literário do ensaio em seu sentido de expressão criativa, ou de uma “poética de la interpretación” como define Liliana Weinberg (2006)<sup>212</sup>. Assim, através do ensaísmo de *Encuentro* somos conduzidos a compreender a revista em sua representatividade e simbolismo como espaço de prática cultural, um espaço inovador para a “Isla entera”, onde a desterritorialização da cultura cubana e suas manifestações intelectuais e artísticas têm condições de coexistir em convergência e conciliação, sem delimitações de fronteiras físicas ou ideológicas.

Essa nossa constatação interpretativa que termina por vincular imaginativamente a revista com a ideia de um espaço nacional, virtual e alegórico, se mostra amparada no interior mesmo de *Encuentro* por outras interessantes sugestões. Duanel Díaz Infante, em “Límites del origenismo” (Nº 33), por exemplo, recorda que Lezama Lima em várias ocasiões se referiu em seus escritos à definição de Orígenes, enquanto grupo e

---

<sup>212</sup> Ao cuidar da relação entre o ensaio e o conhecimento mediada simbolicamente pela interpretação, e dentro de suas observações sobre o ensaio em sua “tercera dimensión”, Weinberg afirmou que ele “cumple con los requisitos propios de la obra artística: densidad sintáctica, densidad semántica, saturación relativa, ejemplificación, referencia múltiple y compleja” (WEINBERG, 2006, p. 150).

poética, como uma “*ciudad-estado*”<sup>213</sup>, imagem que talvez tenha ajudado o próprio Díaz Infante a se referir a publicações como *Ciclón* e *Lunes de Revolución* enquanto “*ciudades intelectuales*” (INFANTE, 2004, p. 109, grifo nosso) que representaram desafios ao originismo. Essa ideia interessa ao ensaísta, sobretudo, para compreender como o originismo defendido por Cintio Vitier e Fina García Marruz, ao se pautar na oposição do absoluto à limitação, acabou por estabelecer outro limite, “erigiéndose en guardianes de una ciudad poética cuya muralla es el absoluto de la poesía (...) más allá de la cual se extienden las tierras bárbaras de la vanguardia, la literatura y la crítica, tierras baldías de una modernidad que supuestamente no ‘nos’ pertenece” (ibidem, p. 110).

Uma noção de revista enquanto cidade intelectual como a sugerida por Díaz Infante já vinha sendo explorada constantemente por Rafael Rojas em *Encuentro* desde sua primeira colaboração, como pudemos ver inicialmente com o ensaio “La relectura de la nación” (Nº1) ao identificar as revistas como “ciudades letradas” a partir de um paralelo com a ideia de Ángel Rama. Mas também por meio de outras metáforas político-geográficas, como na resenha “Bájate de esa nube” (Nº 6/7) dedicada ao livro *Las palabras perdidas* (1997), de Jesús Díaz, quando compara o projeto da revista *El Güije Ilustrado* por parte dos quatro protagonistas do romance com a “precaria versión de una República de las Letras bajo el comunismo” (ROJAS, 1997, p. 241, grifo nosso), uma “pequeña comunidad estética que, desde un perfil singular, renovarí­a toda la cultura cubana” (ibidem, p. 242). Em outro ensaio aqui também já tratado, “El intelectual y la revolución - Contrapunteo cubano del nihilismo y el civismo” (Nº 16/17), Rojas voltou à ideia de cidade letrada: “(...) la utopía romántica de una literatura regida por leyes propias, que el modernismo difundió en Hispanoamérica y que animó la edificación de unas cuantas *ciudades letradas* a mediados del siglo XX (*Contemporáneos, Sur, Orígenes...*), se repite demasiado en la cultura cubana” (ROJAS, 2000c, p. 80, grifo nosso). Isso seria mais tarde por ele melhor justificado com a entrevista coletiva a Jorge Ferrer, “El peso de las huellas” (Nº 40):

---

<sup>213</sup> A imagem originista de “ciudad-estado” serviu para Díaz Infante exemplificar sua abordagem a Orígenes por meio de uma perspectiva de transcendência de limites: “En los escritos de Lezama abunda, por ejemplo, la definición de Orígenes como ciudad-estado, metáfora a la cual subyacen dos nociones fundamentales: la de un espacio bautizado, sustraído a una barbarie exterior y amenazante, y la del triunfo del orden sobre el caos, de la voluntad sobre lo amorfo” (ibidem, p. 108).

En uno de los editoriales de *Horizon*, Cyril Connolly decía que una revista no es más que una *ciudad abierta de la literatura*: un ágora moderna que se ofrece como espacio de confluencia para la producción cultural –siempre dispersa por instinto– de una sociedad determinada. Si esto es válido para cualquier revista literaria, insertada en la esfera pública de una sociedad abierta, lo es más para las revistas creadas por una comunidad intelectual exiliada, que ha escapado de una dictadura y ha encontrado refugio en una democracia foránea. En el exilio, la ansiedad de representación nacional es mayor”. (ROJAS apud FERRER et al., 2006, p. 159, grifo nosso).

### 3.1.1.2 - Algumas revistas cubanas em *Encuentro*

Sem dúvida, um olhar retrospectivo pelas páginas de *Encuentro* pode comprovar que as atenções da revista estiveram mais voltadas para essas “cidades abertas” cubanas criadas desde o exílio<sup>214</sup>. Mas, dentre as produzidas dentro da Ilha, além do manifesto interesse pela revista *Orígenes* e pela literatura do grupo com ela identificado<sup>215</sup> – a que já nos referimos como “ponto de fuga” central da nossa proposta de “mosaico” da literatura cubana –, verificamos ainda a presença em forma de resgate histórico da *Revista Cubana de Filosofía* (1946-1958), com destaques para os trabalhos de Alexis Jardines<sup>216</sup> e José Prats Sariol. Este último, em seu ensaio “Ortega y Gasset en la *Revista Cubana de Filosofía*” (Nº 19), a partir de suas observações ao número da revista dedicado ao filósofo espanhol em 1956 (jan-jun, Nº 13), procura aproveitá-lo como referência de debate democrático baseado na discordância sem intolerância. Já sobre as revistas lançadas a partir da Revolução, temos como exemplos o ensaio de Idalia Morejón Arnaiz, “Testimonio de una casa” (Nº 40), em que ela analisa o processo de instituição do gênero textual do testemunho pela revista *Casa de las Américas* como

---

<sup>214</sup> Aqui nos referimos principalmente aos textos críticos, jornalísticos ou historiográficos com que nos deparamos com nossa leitura de *Encuentro*. De qualquer forma, vale lembrar que a revista dedicou durante toda a sua existência uma subseção, intitulada “Pasar revista”, dentro da seção “La isla en peso”, com breves comentários e atualidades sobre publicações tanto intra quanto extrainsulares, além de inúmeras referências internacionais.

<sup>215</sup> Sobre a revista *Orígenes*, além do ensaio de Duanel Díaz Infante aqui mencionado, vale a menção ao ensaio “Orígenes en la poesía de *Orígenes*”, de César López (Nº 2), que havia sido por ele apresentado durante o colóquio pelos 50 anos de fundação da revista, ocorrido em junho de 1994 na Casa de las Américas, em Havana.

<sup>216</sup> Desse autor, ver os textos “Rescate de la filosofía republicana” (Nº 34/35) e “Los números ‘fantasmas’ de la *Revista Cubana de Filosofía*” (Nº 41/42).



dinâmica de subordinação do literário ao político; também o ensaio de Tony Évora, “Plomo, papel y tinta” (Nº 44), onde o ex-diretor artístico do suplemento literário *Lunes de Revolución* (1959-1961) relata desde sua intimidade com os processos tipográficos como eram feitos os números do suplemento; além dos textos “El fin de otra ilusión – A propósito de la quiebra de *El Caimán Barbudo* y la clausura de *Pensamiento Crítico*” (Nº 16/17), memórias de Jesús Díaz que tratamos anteriormente, e “La carta que nunca te envié” (Nº 25), de Elizabeth Burgos, que traz complementarmente ao texto de Díaz um olhar também memorialístico sobre a importância da revista *Pensamiento Crítico*<sup>217</sup>.

Mas, como dizíamos, é notória a preocupação de *Encuentro* em oferecer seu espaço para que seja narrada a história não oficial de revistas culturais e literárias produzidas desde o exílio, onde, segundo Rojas, “la ansiedad de representación nacional es mayor” (idem). Vale dizer que, ao nos atermos a essa leitura, retomamos aqui a ideia de contribuição de *Encuentro* à continuidade de uma tradição inventada (HOBSBAWM; RANGER, 1984; HALL, 2006a) e ressaltamos a autoconsciência de seu papel como parte simultaneamente atuante e formadora dessa narrativa, ou seja, enquanto publicação diaspórica que se insere ativamente como parte dessa tradição ao mesmo tempo em que se coloca como uma das reponsáveis pela manutenção desse legado. Além disso, algo que nos parece importante para nossas conclusões e que aqui visualizamos com as imagens de “cidade letrada”, “cidade aberta” ou de “República das Letras”, é que atestamos também a possibilidade de derivar dessa narrativa trazida por *Encuentro* algumas imagens-simulacro que transmitam a força de um simbolismo desafiador àquele desgastado produzido desde Cuba – tradicional pólo emanador de símbolos, então em franca decadência e que há anos recorria àquilo que Rojas (1997) trata como usura da reserva simbólica<sup>218</sup> – ao observarmos as publicações do exílio ou diáspora enquanto imaginativa abertura de espaços públicos suscetíveis a analogias ou comparações.

---

<sup>217</sup> Recomendamos ainda a leitura do curioso ensaio de César López, “Presencia y ausencia de una revista de poesía” (Nº 23), em que o poeta realizou o imaginativo exercício de criar uma revista de poesia para aquela geração que, segundo o autor, não teve uma publicação própria de poesia e que incluiu, além de si mesmo, nomes como os de Heberto Padilla, Fayad Jamís, Francisco de Oraá, Manuel Díaz Martínez, Antón Arrufat, Rafael Alcides, Roberto Fernández Retamar, Pablo Armando Fernández, José Triana, Severo Sarduy, entre outros.

<sup>218</sup> Ver em *Encuentro* o ensaio de Rojas, “Entre la revolución y la reforma” (Nº 4/5, 1997).

Basicamente, essa história foi desenvolvida pela revista por meio de ensaios, artigos, entrevistas, homenagem e dossiê que juntos poderiam, digamos, traçar uma linha diacrônica das revistas produzidas fora de Cuba, ainda que tais textos tenham se ocupado em sua quase totalidade de revistas publicadas nos Estados Unidos. Por exemplo, o próprio Jesús Díaz demonstra sua preocupação com essa narrativa nas páginas de *Encuentro* ao entrevistar Víctor Batista em “Víctor Batista: Retrato de un editor” (Nº 28/29)<sup>219</sup>, fundador responsável pela revista cultural *Exilio* (1965-1974) em Nova Iorque e financiador da revista literária *Escandalar* (1980-1985) na mesma cidade<sup>220</sup>. Com essa entrevista conhecemos algo sobre a atmosfera em que foram criadas ambas as revistas, também sobre a confessa “obsessão” de Batista com o tema cubano, com destaques para a sua afirmação sobre a ocupação de *Exilio* naquele momento com os fundamentos da identidade cubana, e para sua filiação originista. Outro texto que traz importantes informações históricas é “Aportes a los estudios sobre Cuba y América Latina” (Nº 34/35), de Jorge I. Domínguez, dentro da “Homenaje” ao economista Carmelo Mesa-Lago, em que conhecemos melhor a trajetória da revista acadêmica *Cuban Studies/Estudios Cubanos* (1970-atual), fundada por Mesa-Lago e publicada desde a Universidade de Pittsburgh, de ampla gama temática, aberta a controvérsias e debates, antidogmática e pluralista, segundo as observações de Domínguez.

Muito contribui também para esse panorama das publicações cubanas nos Estados Unidos o artigo da jornalista Ivette Leyva Martínez, “Revistas literarias: desafiando los rigores del páramo” (Nº 18), por si só um farto catálogo desses empreendimentos levados a cabo na cidade de Miami e que relata as atividades

---

<sup>219</sup> Publicada postumamente em 2003, na introdução à entrevista ficamos sabendo se tratar da última contribuição que Díaz havia preparado para *Encuentro*.

<sup>220</sup> A entrevista também trouxe informações sobre a Editorial Colibrí, fundada por Batista em Madri em 1998 e especializada em ensaios, e que trabalhou em alinhamento com *Encuentro* ao publicar obras de vários ensaístas colaboradores da revista, como Rafael Rojas, Marifeli Pérez-Stable, Roberto González Echevarría, Gustavo Pérez Firmat, Julián Orbón, Alejandro de la Fuente, Enrico Mario Santí, Carmelo Mesa-Lago, Jorge Ferrer, Alexis Jardines, Duanel Díaz Infante, Ernesto H. Busto, Jorge Luis Arcos, Jorge I. Domínguez, entre outros. Batista, inclusive, nesta entrevista deixou explícito o vínculo entre a editora e a revista: “En primer lugar, hay una revista, que es *Encuentro*. Sin embargo, sí había una necesidad de publicar libros. Era una cuestión de oportunidad. Fue la oportunidad. Surgió por ti, porque tú me lo propusiste. A mí me pareció muy acertada la proposición”. (BATISTA, 2003, p. 80).

intelectuais de escritores e artistas cubanos em seus pioneirismos<sup>221</sup>. O artigo conta brevemente as experiências de *Cuadernos Desterrados*, *Resumen Bimestral de Arte y Cultura*, *Nueva Generación*, *Punto Cardinal*, *El Alacrán Azul*, *Enlace*, *Guángara Libertaria*, *Mariel*, *Apuntes Postmodernos*, *Újule*, *Catálogo de Letras*, *Nexos* e *Revista Cultural Baquiana*<sup>222</sup>. Ainda que apenas em parte tendo Miami como referência, uma vez que sabemos que a revista *Mariel* teve somente sua segunda etapa mais centrada nessa cidade, antes desse artigo de Leyva Martínez *Encuentro* havia publicado o ensaio de Jesús J. Barquet, “La generación del Mariel”, até onde conseguimos identificar o primeiro texto com observações específicas sobre uma revista cubana realizada no exílio aparecido em suas páginas, trazendo informações históricas sobre a revista *Mariel* e caracterizando-a em termos de angústia, de fúria, mas também de irreverência, de antidoutrinarismo, além de sua polêmica vigilância ideológica anticastrista. Esse ensaio de Barquet havia sido incluído na “Homenaje” a *Mariel* organizada por Iván de la Nuez, na entrega de número 8/9, ocupada sobretudo com a “Generación de Mariel” em seu diverso espectro cultural de atuação.

---

<sup>221</sup> Interessante suas observações sobre a dinâmica desse processo em termos de memória: “El empeño y la tenacidad de varias generaciones de cubanos, escritores o gente sencilla con inclinaciones intelectuales, muchos perdidos hoy en los laberintos de la memoria colectiva, transformaron el panorama editorial al tiempo que contribuyeron a mostrar los matices de una comunidad tradicionalmente percibida de forma monocromática”. (MARTÍNEZ, I. L., 2000, p. 155).

<sup>222</sup> A seguir, algumas informações complementares trazidas por Leyva Martínez: *Cuadernos Desterrados* (1964-1967), revista cultural fundada por Mauricio Fernández; *Resumen Bimestral de Arte y Cultura* (1966-1977), boletim dirigido por Wilfredo Alcover; *Nueva Generación* (1965-1969), revista socialcristã dirigida por José S. Prince; *Punto Cardinal* (1967-1969), a primeira revista literária cubana em Miami, também dirigida por Mauricio Fernández; *El Alacrán Azul* (1970-1971), efêmera mas significativa revista literária cujos responsáveis foram José A. Arcocha e Fernando Palenzuela; *Enlace* (em duas etapas: 1975-1976, 1984-1985), outra revista literária também fundada por Mauricio Fernández, agora ao lado de Orlando Rossardi; *Guángara Libertaria* (1980-1992), publicação anarquista dirigida por Frank Fernández; *Mariel* (1983-1985), ainda que essa conhecida revista literária tenha sido publicada inicialmente em Nova Iorque, liderada por Reinaldo Arenas, para em sua segunda etapa (1986-1987) transladar-se para Miami sob direção de Marcia Morgado e Juan Abreu; *Apuntes Postmodernos* (1990-?), revista de reflexão teórica e acadêmica dirigida por José A. Solís; *Újule* (1994-1995), revista de arte e literatura dirigida por Lorenzo García Vega, Carlos A. Díaz, Octavio Armand e Manuel Díaz Martínez; *Catálogo de Letras* (1994-?), publicação dirigida por Soren Triff; e, por último, as publicações eletrônicas em internet, *Nexos* (1997-?), dirigida, por entre outros, Carlos Sotuyo; e *Revista Cultural Baquiana* (1999-?), dirigida por Maricel Mayor Marsán. Os dados acerca dos períodos de atividade das publicações foram reunidos pela jornalista no ano de 2000 e não nos foi possível revisá-los.

### 3.1.1.3 - Revistas reinventando a nação

Retomando a ideia acerca de uma proveitosa interpretação das revistas a partir do uso de imagens-simulacro, chegamos conclusivamente ao dossiê “Revistas cubanas del exilio - Reinención de un espacio nacional” (Nº 40), organizado por Jorge Ferrer, que bastante nos ajuda para a compreensão de uma concepção metafórica de revista naquilo que se refere a sua representatividade. Já no texto de Ferrer, “Introducción”, é possível perceber que as linhas-guias traçadas para o dossiê armam uma abordagem diferenciada sobre as revistas do exílio, sustentada mais por noções como as de espaço, de desarraigamento e conseqüentemente de ausência de “entelequias nacionales que adorar” (FERRER, 2006, p. 108). A proposta é entender as revistas como estímulos “para echar a andar una máquina cultural desterritorializada”, sendo o objetivo mesmo dos textos do dossiê contar uma “historia jalonada de fracasos y sinsabores”, “ahora que la literatura se va despojando por fin y por doquier de la sujeción a un territorio, ahora que se consagra su ánimo posnacional, un magnífico ejemplo de desasimiento” (ibidem, p. 107). Portanto, com esse dossiê dedicado às revistas extrainsulares, fica claro que para uma futura função maior de se escrever a memória hemerográfica cubana será necessário pautar-se pelo entendimento de sua condição fragmentada, dispersa, descentralizada.

O seguinte texto do dossiê, o artigo em forma de “breve y sucinto inventario” (DOMÍNGUEZ, C., 2006b, p. 115) de Carlos Espinosa Domínguez, “Un proceso activo e imparable”, trata de exemplificar com detalhamento esse panorama histórico fragmentado através de referências a uma grande quantidade de publicações de revistas e suplementos literários. Muitos deles, os que se relacionam com Miami, já haviam sido mencionados pelo artigo de Leyva Martínez, mas ao expandir seu interesse para além dessa cidade norte-americana, o “inventario” de Espinosa Domínguez se mostra mais abrangente. Assim, ao lado de revistas como *Areíto* (1974-1984), *Escolios* (1976-1978), *Unveilling Cuba* (1982-1985), *Término* (1982-1984), *Linden Lane Magazine* (1982-atual) e inúmeras outras publicadas em diferentes lugares dos Estados Unidos, são mencionadas também algumas realizadas em cidades como Madri, a exemplo do *Resumen Literario El Puente* (1979-1981), *Revista Hispano Cubana* (1998-2013) e a própria *Encuentro*; também em Paris, como *Sin Visa* e *Trazos de Cuba*; ou até em

Varby, na Suécia, como *Cuba Nuestra*<sup>223</sup>. Enquanto informação de nosso interesse, vale ainda dizer que Espinosa Domínguez ressaltava uma importante característica de algumas revistas por seu esforço para publicar autores moradores da Ilha, são os casos de *Nueva Generación*, *Areíto* e *Catálogo de Letras*.

Seguindo as linhas-guias do dossiê, no ensaio “Un trazo de *Apuntes Postmodernos*” José Antonio Solís Silva justifica conceitualmente os objetivos da revista em termos de rompimentos entre Modernidade e Pós-modernidade, ressaltando deslocamentos como os da subjetividade, apontando a centralidade da linguagem em sua historicidade e modulação para a interpretação, rechaçando uma metanarrativa dominante, aceitando a diferença como articuladora do conhecimento. Segundo o diretor da revista, discutir o cânone cubano e sua interpretação é tido como principal trabalho editorial: “Subvertir (deconstruir) las hagiografías de la ‘cubanidad’, abrir horizontes interpretativos nuevos a asuntos petrificados por la fijación ideológica” (SILVA, 2006, p. 126). Apoiado pela imagem do palimpsesto, Solís Silva a utiliza para explicar a concepção de identidade nacional pensada pela revista, afirmando que uma nação “existe solamente en la tensión interpretativa, multiforme, dinámica y fluida” (idem).

Interessante como os ensaios trazidos pelo dossiê procuram explorar a relação entre revista do exílio/diáspora e a ideia de nação. Román de la Campa, por exemplo, em “Revista *Areíto*: herejía de una nación improbable” interpreta a revista liderada por Lourdes Casal como um “ajuste del sentimiento nacionalista cubano” (CAMPA, 2006, p. 137), como um prelúdio que confeccionou “líneas de fuga ante la nación escindida” (ibidem, p. 140). O ensaísta, assim, confessa seu aprendizado com a revista para ajudá-lo a compreender a cubanidade tensionada, sobretudo após 1989, e a significância da concepção de nação para a ordem epistemológica de cânones ou modelos científicos acadêmicos enquanto valor como capital simbólico. Reconhecendo que a história cubana contemporânea desafia qualquer tentativa disciplinária (“la nación quizá se haya acercado a una realidad irreconocible o ingobernable, más allá de los presupuestos políticos de la derecha o la izquierda” (idem)), de la Campa conclui afirmando que pessoalmente prefere manter distância das duas Cubas enquanto entidades acostumadas

---

<sup>223</sup> O autor não informou os períodos de publicação dessas últimas referências.

a discursos monolíticos, ao mesmo tempo em que se aproxima às duas enquanto “comunidades o multitudes que sostienen una cultura nacional que ya no responde a un solo idioma o un solo territorio” (ibidem, p. 141).

Francisco Morán, diretor da revista eletrônica *La Habana Elegante* (1998-2015), em “Cuba.com - Escapes, descosidos y reinención del espacio nacional”, amplia a discussão ao entender as revistas impressas cubanas do exílio como contribuições à desterritorialização cultural e as publicações eletrônicas em sua eficácia para questionar a homogeneização da burocracia cultural de Cuba, já que “el virtual no tiene fronteras” (MORÁN, 2006, p. 152). Ao mesmo tempo, sua compreensão desse processo empreendido pelas revistas digitais nos parece determinante para uma noção de “reinención del espacio nacional”, ao reafirmarem “la diásporización y las fugas” da cultura cubana e a capacidade de “infiltração” cultural dessas revistas virtuais. Assim, com as observações de Morán se ratifica uma nova concepção de revista, agora virtual e disponível em rede mundial, independente de espaços físicos para sua publicação:

Estas revistas no están obsesionadas con la representación de Cuba, si bien la están representando. Sólo que al decir *representación*, lo hago pensando, no en la formulación de una identidad sin fisuras, sino, por el contrario, en una identidad porosa, concebida como fractura. *Las revistas mismas son*, pudiéramos decir, *fracturas*; ellas contribuyen a deslavar la imagen sólida, nítida, de una nación que ahora menos que nunca pueden fijar las cartografías políticas de la nacionalidad, no importa dónde o al servicio de qué intereses continúen produciéndose. (Ibidem, p. 153, grifo do autor, grifo nosso).

Com observações como as trazidas por esse dossiê fica claro para nós que mais do que “pensar el país”, como sugere Jesús Díaz, ao cumprir sua meta a revista *Encuentro* termina por favorecer uma proposta para sua própria leitura e as das revistas cubanas extrainsulares como um todo, direcionada para a “reinvenção de um espaço nacional”, para a “reimaginação da nação”. Entre a imaginação e a invenção, encontramos um campo profícuo para o surgimento de uma imagem necessária que não apenas simbolize a revista *Encuentro* e seu papel diante da *cubanía*, mas a defina em sua própria identidade enquanto revista cultural. Nesse sentido, verificamos como algo fundamental para um entendimento mais atualizado da função cultural dessas publicações contemporâneas, incluindo *Encuentro*, o fato de a revista estimular o

desenvolvimento da narrativa histórica das publicações cubanas do exílio/diáspora. Tal exercício, mesmo que palimpséstico, ainda que mais voltado para a experimentação de novas interpretações do que o lançamento de conclusões categóricas, certamente aponta futuros caminhos a serem percorridos, claro, não isentos do surgimento de novas dúvidas. Por enquanto, muito há que se pensar ainda sobre a pergunta de Jorge Ferrer: “Todas as revistas del exilio, ¿meras mónadas en el archipiélago del destierro? ¿Un continuum? ¿Un espacio común?”<sup>224</sup> (FERRER et al., 2006, p. 160).

### 3.1.2 - A identidade de *Encuentro* através de imagens

#### 3.1.2.1 - Alguns detratores e o exercício democrático

Vamos agora dedicar alguns comentários a respeito da forma como a direção e a redação de *Encuentro*, alguns colaboradores e também detratores procuram construir/desconstruir a identidade da própria revista a partir do uso frequente de simulacros, metáforas ou alegorias. Isso nos interessa, sobretudo, porque como veremos foi notória a relação entre as imagens utilizadas e a noção de espaço como constructo definidor do objeto revista, cujas referências e alusões, conforme vimos, são constantes em suas páginas. Sobretudo no caso dos textos trazidos pela própria publicação, além de essas associações de características espaciais demonstrarem uma importante autoconsciência enquanto revista cultural diaspórica, ou seja, aquela decisivamente estruturada através de sua geografia cultural, elas terminam por tocar em um aspecto simbólico também propositalmente utilizado pela revista em seu objetivo de desconstrução da narrativa histórica oficialista e de elaboração de uma alternativa democrática. Através dos próximos comentários, acreditamos de alguma maneira acercar nossa leitura de *Encuentro* àquela imaginação diaspórica – que por meio dos ensaios entendemos como tão significativa para a cultura cubana contemporânea – responsável por preencher a *cubanía* com renovadas ideias de representação. A partir de tal leitura sobre aspectos da própria identidade da revista esperamos, portanto, poder também contribuir para uma concepção de memória hemerográfica mais abrangente.

---

<sup>224</sup> Uma das intrigantes perguntas do organizador do dossiê na entrevista coletiva, “El peso de las huellas”, que contou com a presença de Juan Abreu, Rafael Rojas, Víctor Batista e Belkis Cuza Malé.

Mas, antes de adentrarmos em um imaginário afirmativo do significado da revista, vale aqui recuperar primeiramente algo daquilo que discutimos quando nos referimos à sua recepção nos meios culturais cubanos, e que diz respeito às críticas de alguns intelectuais detratores desde diferentes ângulos de perspectivas. Importante ressaltar que muitas delas aparecem nas páginas mesmo de *Encuentro*, e outras tantas em publicações de internet como jornais, revistas e *blogs*, sendo algumas dessas vozes dissonantes pertencentes à própria lista de colaboradores da revista. Basicamente, a maioria de tais críticas surge em forma de notas, cartas e artigos jornalísticos, priorizando argumentos baseados em informações defensivas e/ou acusativas. Por exemplo, algo que podemos ver com o aqui já mencionado texto “¿Elefantes en la cristalería?” do diretor da revista *Temas*, Rafael Hernández (Nº 3 de *Encuentro*), ao afirmar que “Pretender representar el primer paso en tender *un puente de diálogo* en el terreno de la cultura entre Cuba y su emigración es por lo menos un exceso pioneril” (HERNÁNDEZ, 1996/1997, p. 139, grifo nosso), assim defendendo as publicações culturais de dentro da Ilha como precursoras na comunicação com a “emigração” a partir daquilo que Cintio Vitier, segundo Hernández, chama de “‘estado pensante’ a nivel nacional” (idem). Ele justifica seu argumento citando exemplos já desenvolvidos antes de *Encuentro*, como os intercâmbios entre pesquisadores da Latin American Studies Association (LASA) com instituições acadêmicas da Ilha e as publicações de *La Gaceta de Cuba*<sup>225</sup> sobre a literatura da diáspora.

Já dissemos também que a revista faz uso da publicação de textos críticos a si mesma nos moldes desse anterior como forma de pôr em prática a ideia de tolerância à discordância enquanto exercício democrático, porém, importante dizer também que se mostra evidente que tal exercício não é nada fácil. Comprova isso nossa constatação de que a presença de tais publicações se dá somente durante o período de direção de Jesús Díaz, certamente o maior impulsionador dessa prática. O último exemplo publicado foi a aqui também já aludida “Carta a *Encuentro de la cultura cubana*”, de Guillermo Rodríguez Rivera e trazida no número 20, onde este reafirma sua opinião de que o número 18 de *Encuentro*, com o dossiê Miami, simboliza a aproximação da revista às

---

<sup>225</sup> Lembrando que esse artigo de Rafael Hernández havia sido tomado deste mesmo periódico (Nº 5, set./out. de 1996, ano 34).



posições clássicas do exílio histórico<sup>226</sup>. Outro exemplo podemos verificar com o texto desde Cuba de Miguel Saludes García, membro do Consejo Coordinador del Movimiento Cristiano de Liberación, intitulado “Encuentros que no lo son” (Nº 11), onde ao contestar alguns pontos de vista de Rafael Rojas em seu ensaio “Políticas invisibles” (Nº 6/7) acerca das dificuldades para a oposição em Cuba atuar em termos políticos, acaba por enviar um conselho para a revista associando-a com possíveis imagens de “voz” e de “instrumento” da dissidência: “Sea la revista una voz de ésos que aún no la poseen en Cuba y *altavoz* de los que ya la tienen pero se le dificulta el expresarla. No sea *instrumento del silencio* y mucho menos de los que se prestan para aplastarles en medio de tanta desinformación e intereses torcidos” (GARCÍA, M. S., 1998/1999, p. 158, grifo nosso)<sup>227</sup>.

Um dos textos que inaugura a seção “Miradas polémicas” no número 16/17 é “Mi reino por el caballo: las dos memorias de Lisandro Otero”, de Enrico Mario Santí. Como afirmamos antes e comprovando o carácter dialógico do ensaio, ele gera ainda o prolongamento do debate publicado no número seguinte (Nº 18) com os textos agrupados sob o título de “Final de una polémica” (“Carta”, de Lisandro Otero; “Respuesta”, de Jesús Díaz; “Réplica”, de Lisandro Otero; e “Dúplica”, de Enrico Mario Santí), assim se aproximando provavelmente ao que Jesús Díaz imagina como uso ideal do espaço dessa seção. Em “Carta”, Lisandro Otero reclama do teor segundo ele insultante da crítica de Santí e questiona o papel da própria revista como “vehículo del diálogo”: “Lamento que *Encuentro* muestre una tendencia a sumarse a la empresa del ultraje y comience a abandonar el perfil mantenido hasta ahora. De continuar por ese camino la revista se invalidará como *vehículo del diálogo*” (OTERO, 2000, p. 186, grifo nosso). Em “Respuesta”, Díaz reconhece a “compleja tarea” de se dar continuidade à proposta da seção “Miradas polémicas” e oferece as páginas da revista para que Otero volte a publicar suas reflexões, assim reafirmando seu carácter público: “*Encuentro* se concibe a sí misma como una *plaza pública*, democrática y civilizada, donde tengan

---

<sup>226</sup> Recordando também que essa carta havia sido motivada como resposta às alegações de Emilio Ichikawa em sua “Carta a la revista *Encuentro de la cultura cubana*” (Nº 19), onde Ichikawa defendeu que não houve mudanças na linha editorial da revista, mas sim na política cultural cubana no sentido de endurecimento dos ataques a *Encuentro*.

<sup>227</sup> O texto foi publicado junto à resposta de Rafael Rojas, “Un desencuentro superable”, em que ele negou que seu ensaio tenha sido “un instrumento que se presta para aplastar a los disidentes cubanos” (ROJAS, 1998/1999, p. 159).

espacio puntos de vista diferentes, contradictorios e incluso opuestos ya sean producidos en la isla o en el exilio” (DÍAZ, 2000c, p. 187, grifo nosso).

Fora das páginas da revista, naquilo que foi possível para o alcance de nossa pesquisa, tivemos acesso a textos bastante contrários à publicação, à sua linha editorial e à sua política de subvenções, dentre os quais aqui nos deteremos a alguns que nos pareceram significativos. Por exemplo, na mesma época do dossiê “Revistas cubanas del exilio - Reinención de un espacio nacional” (Nº 40, 2006) com o texto “*Linden Lane Magazine*”, Belkis Cuza Malé teve publicado o texto “¿Censura en ‘Encuentro’?” na publicação *Panorama/Nuevo Horizonte*, (4 mar 2007)<sup>228</sup> onde ela se queixa por não ter sido convidada a colaborar à “Homenaje” a Heberto Padilla (Nº 19) logo após a morte dele, alega que havia sido publicada uma “supuesta entrevista a Heberto, donde ponían en boca suya insultos a mi persona”<sup>229</sup> (MALÉ, 2007) e que havia sido ainda acusada de roubo do patrimônio de Padilla em um dos textos dessa “Homenaje”<sup>230</sup>. Segundo ela, ao procurar a revista impressa e *Encuentro en la Red* para publicarem suas versões contrárias a essas acusações e de outras por quais se sentia vitimada, não havia recebido a devida atenção, o que a leva a dizer nesse texto a que nos referimos que “**Encuentro** y sus directores no sirven a ‘las dos orillas’, sino a una *piña muy acoplada*<sup>231</sup> que se cree con derecho a usar los dólares de las instituciones norteamericanas, mientras a su vez ejercen la censura y el ‘apartheid cultural’” (idem, grifo nosso), trazendo assim com essa acusação de censura a razão de que “Si no vives en Cuba, si no respondes a sus intereses, no puedes publicar en **Encuentro**” (idem).

Nessa mesma linha básica de questionamento das fontes de ingressos de recursos para os projetos geridos pela Asociación Encuentro de la Cultura Cubana, Jorge

---

<sup>228</sup> Não nos foi possível confirmar se esse texto foi escrito antes ou depois de sua participação no dossiê. Nosso acesso a ele se deu através do *blog* de Cuza Malé em internet (<http://belkiscuzamale.blogspot.com/2007/03/heberto-padilla-en-uno-de-los-almuerzos.html>), consultado em 25 jan. 2021.

<sup>229</sup> Cuza Malé provavelmente se referia ao texto memorialístico de autoria de Padilla “El escritor y el exilio”, inédito e não terminado, publicado pelo dossiê, cujo manuscrito estava nas mãos de Andrea O’Reilly Herrera e que seria incluído no livro por ela organizado, *Remembering Cuba: The Legacy of a Diaspora* (2001).

<sup>230</sup> Refere-se às alegações de Padilla trazidas por Lourdes Gil no texto “El invierno del poeta”.

<sup>231</sup> Em Espanha e alguns outros países, “piña” é um termo usado para se referir a um conjunto de pessoas ou coisas unidas estreitamente.

Pomar, em seu *blog El Abicú Liberal*, faz em 2009 um *post* intitulado “Hernández Busto sobre las finanzas de la AECC” (3 jan.) que, ao reproduzir outro *post* trazido anteriormente por Hernández Busto em seu *blog Penúltimos días* (2 jan. 2008)<sup>232</sup>, “¿Cuánto dinero ha recibido la Asociación Encuentro de la Cultura Cubana del Ministerio español de Asuntos Exteriores?”, reacendeu a duradoura polêmica naquele que seria o último ano de atividades da associação. O texto de Hernández Busto expunha os dados das entradas de dinheiro fornecidos pelo Boletín Oficial del Estado Español (BOE) para, segundo ele, comprovar que se tratava do “proyecto cultural —y periodístico— más caro en la historia de la cultura cubana contemporánea” (apud POMAR, 2009) e questionar, no caso de *Encuentro en la Red*, como ele pretendia ser um diário digital independente subvencionado daquela forma. Por sua vez, Pomar aproveita para então criticar a associação e sua “condición de *agujero negro* por donde se va el grueso de unas subvenciones mal distribuidas” (POMAR, 2009, grifo nosso).

Para encerrar estes breves comentários sobre as imagens usadas para a identificação de *Encuentro* por seus detratores, retomamos aqui o curioso fato de o quanto que a revista e o projeto Encuentro como um todo recebem ataques tanto da esquerda como da direita dentro do espectro político. Desde Havana, o caso dos artigos de José Antonio García Miranda, agrupados sob o título de “Encuentros, desencuentros” em *La Jiribilla* (2002), talvez tenha sido o que mais repercutiu negativamente para a revista ao ser desqualificada como “*instrumento* para frustrar, desviar y desnaturalizar los vínculos que se han ido estableciendo con la emigración” (MIRANDA, 2002, grifo nosso). Mas desde Madri, as objeções à idoneidade da revista são mais visíveis por parte da imprensa de cunho liberal conservadora, como vimos com o caso dos artigos de Juan Palomo no jornal *ABC Madrid*, e ao qual aqui juntamos o longo artigo de César Leante publicado na revista *La Ilustración Liberal* (Nº 19/20, jul 2004), “El largo brazo de Castro”. Leante faz uma severa crítica negativa que procura se estender desde os inícios da revista, através de comentários sobre as composições do seu expediente, sobre perfis de colaboradores, alguns ensaios e artigos, financiamento, lançamento nos Estados Unidos, com especial destaque para a trajetória pessoal de Jesús Díaz e,

---

<sup>232</sup> Esse *blog* foi encerrado e seu conteúdo retirado da internet, portanto, ao comentá-lo desde a publicação de Pomar de 2009, comprovamos como os questionamentos às subvenções de *Encuentro* se multiplicaram com significativa constância durante toda a existência da revista.

inclusive, algumas hipóteses que poderiam dar a entender a morte de Díaz como resultante de assassinato<sup>233</sup>. Acreditamos que muito dos motivos de leituras como a de Leante se deve àquilo que ele mesmo reconhece em sua crítica: “*Encuentro*, según confesión propia, no está ni con unos ni con otros. Ni con los demócratas ni con los castristas. Esto, en cubano paladín, se llama ‘cerca’” (LEANTE, 2004, grifo nosso), comprovando o quanto o incômodo lugar ideológico da revista, provavelmente por sua porosidade, é por muitos utilizado como fácil alvo de ataques.

### 3.1.2.2 - Definições afirmativas da revista

Dentre os textos favoráveis a *Encuentro* que são publicados nas páginas da própria revista, observamos a tendência a se elogiar seu intuito conciliador em busca da reaproximação entre cubanos dispersos pelo mundo, sua existência enquanto espaço público plural e democrático, sua proposta de imaginar a nação sob novos parâmetros epistemológicos. Na entrevista de Jesús Díaz a François Maspero, por exemplo, na introdução o francês se refere a *Encuentro* como “*un espacio de debate*”, uma “*Puente de unión por encima de todos los antagonismos*” (apud DÍAZ, 1998c, p. 101, grifos nossos). Alguns números depois (Nº 16/17), Uva de Aragón teve publicado o texto “Palabras por *Encuentro*”, usado para a apresentação da revista no Centro Cultural Español em Miami (23 mar. 2000), do qual extraímos o seguinte parágrafo que bem poderia resumir a autoimagem trabalhada pela revista:

Eso es la *Revista Encuentro*: un lugar físico, una revista en que se dan la mano, se leen, se palpan, se huelen, se reconocen, generaciones de creadores que han sido víctimas de este largo y cruel desencuentro. Sus páginas buscan tender una red a través de los géneros literarios, los mares, las edades, las ideologías para ofrecernos a todos un espacio donde decir, meditar, soñar, recordar, idear. Nos ayuda a rescatar la memoria histórica; nos insta a forjar un proyecto de nación futura. (ARAGÓN, 2000, p. 130, grifo nosso).

Dessas palavras de Uva de Aragón, acreditamos que seja interessante destacar sua referência à noção de “lugar físico”, onde sua estrutura material estimula sentidos como

---

<sup>233</sup> Teoria defendida pelo escritor cubano Servando González, desde os Estados Unidos, que em seu artigo “El extraño encuentro de Jesús Díaz con la muerte” (inédito) explorava a possível conexão de Díaz com os serviços de inteligência castristas e que, supostamente, poderiam tê-lo assassinado. Tal hipótese, ao que parece, foi corrente entre alguns exilados cubanos à época de sua morte, mas a entendemos como aparentemente sem maiores fundamentos.

o tato, o olfato, a visão; e à noção de “espacio” para possibilitar ações, aberturas a movimento de ideias; observações que aproximam a escritora daquelas reflexões lançadas por Michel de Certeau (1994) que versam sobre o espaço como um lugar praticado.

Em outro texto publicado dentro da seção “Textual” e nessa ocasião retirado do jornal *El País* (30 ago. 2000), “La revista ‘Encuentro’, otra hazaña cubana” (Nº 18), Ignacio Sotelo afirma que “Un buen indicador de la situación en que se halla la cultura de un país es el número y, sobre todo, la calidad de las revistas culturales” (SOTELO, 2000, p. 169) e, desde um já seguro lugar confirmador do êxito da revista em seus quatro primeiros anos, identifica como “El carácter más definitorio al que, justamente, hace mención el nombre de la revista es que trata de superar la línea divisoria entre la cultura del interior y la del exterior, como tienden a marcar tanto el mundo castrista como el del exilio” (idem). Assim, o sociólogo espanhol, ele mesmo colaborador, divulga seu apoio à revista em um meio europeu de grande circulação, legitimando-a: “*Encuentro* se justifica plenamente por ofrecer *una plataforma al pensamiento crítico y a la literatura inconformista* que surja en la isla o en el exilio, que es, justamente, lo que legitima a cualquier revista cultural, se publique donde se publique” (ibidem, p. 171, grifo nosso).

Outro não cubano, o crítico peruano Julio Ortega, na ocasião da morte de Jesús Díaz em que é realizada pela revista uma extensa “Homenaje” ao seu fundador (Nº 25), diz em seu texto “Concurrencias de Jesús Díaz”:

(...) En una época en que los cubanos del exilio solían saldar cuentas entre ellos, no sin encarnada aplicación, Jesús Díaz fundó *Encuentro* para dar a todos el beneficio de la palabra. Esta revista se convirtió en *la esfera pública de una república cubana del exilio*, allí donde asomaban unos y otros, de pronto tocados por la civilidad de los turnos. En una *república* de más condenados que salvados, donde cada quien ha ejercido de juez y parte de los otros, Jesús les vino a demostrar a todos que *Encuentro* era *un lugar de recuperaciones*; en primer lugar, de la credibilidad mutua. He aquí un exiliado reciente que viene a Madrid a acoger a los exiliados en su humanidad bien dicente. Contra la sospecha y los malos hábitos, Jesús llamó a los atrincherados a dejarse oír en un *espacio convergente*. Desde *Encuentro*, el exilio cubano se ha convertido en un interlocutor fundamental de la cultura actual latinoamericana. (ORTEGA, 2002, p. 26, grifos nossos).

Novamente nos deparamos com a ideia de república associada a uma revista, metáfora que, como vimos, já havia sido usada nas páginas de *Encuentro* por Rafael Rojas (1997) para comparar uma revista a certa República das Letras, por exemplo, e que não deixa de se relacionar com aquela imagem de Lezama Lima recordada por Duanel Díaz Infante (2004) sobre o grupo Orígenes e uma cidade-estado. Ainda nesta mesma “Homenaje” a Díaz, vale mencionarmos outras referências como as trazidas pelo jornalista Miguel Rivero em seu texto “Correspondencia personal”, comparando *Encuentro en la Red* como uma “bola de nieve, que después de lanzada no cesaría de crecer” (RIVERO, M., 2002, p. 90, grifo nosso); e, principalmente, a interessante observação final da carta de Elizabeth Burgos a Jesús Díaz, que associa ele mesmo, *Encuentro* e Cuba em uma relação metafórica, no texto “La carta que nunca te envié”:

Has cubierto un territorio inmenso y tu singularidad radica en el sentido que le has dado a tu compromiso con la época y con la historia; haciendo tu obra indisoluble de tu vida. Pío E. Serrano sostiene que por eso eres una metáfora de Cuba. ¿Cómo sustituir a una metáfora? Es el reto que enfrenta *Encuentro*. (...). (BURGOS, 2002, p. 61).

Seguramente a revista compreende o desafio que é lidar com a ausência de Díaz, e nos interessa aqui com esta leitura justamente também mostrar como, mesmo após esse enorme revés, ela prossegue gradualmente proporcionando outras associações que apontam cada vez mais para uma relação de identificação de *Encuentro* com Cuba, ou seja, uma relação metonímica entre revista e nação.

Interessantes exemplos verificamos tanto na revista impressa quanto no portal [www.cubaencuentro.com](http://www.cubaencuentro.com) por motivo da comemoração dos dez anos da publicação em 2006. Na aqui já citada entrevista ““Encuentro” creó un terremoto en Cuba” divulgada pelo portal, quando perguntada pela Redação sobre o papel de *Encuentro* em um cenário de futura transição, Annabelle Rodríguez se mostra otimista de que a revista possa ser publicada na Ilha, assim se tornando “una ventana abierta al mundo” (RODRÍGUEZ, 2006, grifo nosso) com informações confiáveis. Além disso, ela afirma que juntos, revista e diário digital, formam o “mapa de la intelectualidad cubana” (idem, grifo nosso) mais importante que já havia existido no exílio e que *Encuentro* poderia “canalizar” profissionais para a modernização do país (idem, grifo nosso). Nessa mesma entrevista, Rodríguez ainda faz questão de comentar sobre a atuação do portal

[www.cubaencuentro.com](http://www.cubaencuentro.com) comparando-o a uma “*Cuba virtual*”, “con toda la información relevante sobre nuestro país, base de especialistas, proyectos de todo tipo, enlaces con publicaciones, centros de estudios e investigación, galerías de arte, etc.” (idem, grifo nosso). O próprio portal ainda publica outro texto sugestivo, a reportagem “‘Encuentro de la Cultura Cubana’ celebró por todo lo alto su décimo aniversario”, assinada pela Redação do portal, sobre a celebração do décimo aniversário de *Encuentro* com o lançamento de seu número 40 na Casa de la América, em Madri (20 jun. 2006). Nela podemos ler tanto o depoimento de Raúl Rivero comentando sobre a importância da revista dentro da Ilha, “*un sitio plural*”, acrescentando que ela era “un espacio que produce siempre *un laberinto de sentimientos* donde se hacen más visibles el asombro y la alegría” (apud REDACCIÓN CE, 2006, grifos nossos); quanto a declaração de Manuel Díaz Martínez, afirmando que a revista “ha fomentado el debate y ha tendido *puentes* entre posturas políticas y estéticas disímiles” (apud REDACCIÓN CE, 2006, grifo nosso).

Mas é na revista impressa onde podemos verificar algumas das observações mais proveitosas para nosso interesse interpretativo, justamente por sua abundância metafórica presente em alguns comentários publicados sobre *Encuentro*. Isso se dá particularmente com a publicação do especial comemorativo pelos “Diez años de Encuentro” na entrega de número 40, que traz importantes testemunhos de amigos e apoiadores como o mesmo Raúl Rivero, Jorge Luis Arcos, o mexicano Jesús Silva-Herzog, os franceses Serge Gruzinski e Régis Debray, assim como o portorriquenho Juan Duchesne Winter. Portanto, interessante constatar o quanto esse número da revista trazido em 2006 termina por se configurar como uma entrega “hemerofílica”, sobretudo se lembrarmos a presença de outros materiais sobre revistas como o de Idalia Morejón Arnaiz, o do dossiê “Revistas cubanas del exilio” e o da própria constante subseção “Pasar revista”<sup>234</sup>.

---

<sup>234</sup> Como mencionamos, a subseção “Pasar revista” cuidava de anunciar publicações periódicas em atividade pelo mundo, informando alguns dados sobre o expediente e o conteúdo de cada uma de suas entregas. Apenas para ilustrar, trazemos aqui a lista com os títulos de revistas (impressas e digitais) lançadas na ocasião desse número 40 de *Encuentro*: *Amanecer*, *El Caimán Barbudo*, *Casa de las Américas*, *Espacio Laical*, *Esquífe*, *La Gaceta de Cuba*, *Palabra Nueva*, *Vitral* (Cuba); *Afro-Hispanic Review*, *Carta Lírica*, *Decir del agua*, *Revista Literaria Baquiana*, *Teatro Mundial*, *La Voz Católica* (Estados Unidos); *América Latina Hoy*, *Cuadernos Hispanoamericanos*, *Letra Internacional*, *Piedra del Molino*. *Revista de Poesía*, *Quórum*, *Revista Hispano Cubana* (Espanha); *Comunisme* (França); *Disidente Universal* (Porto Rico); *Iberoamericana* (Alemanha); *Letras Libres* (México); *Misceláneas de Cuba*. *Revista de Asignaturas Cubanas* (Suécia); *Revista Brasileira do Caribe* (Brasil). Além disso, nesta

Na apresentação, texto não assinado que, portanto, se pressupõe como de responsabilidade da Redação e que tem como título “Diez Años de *Encuentro de la cultura cubana*”, a revista novamente é identificada como “*un mapa de gran pluralidad y diversidad geográfica, generacional, estética y política*” (REDACCIÓN, 2006a, p. 203, grifo nosso), graças à rede de colaboradores e amigos formada com o passar do tempo. Em seguida, o especial traz o texto “Contar una revista”, de Raúl Rivero, que, após reconhecer a dificuldade para se contar a história de uma revista, usa inúmeras imagens associativas a *Encuentro* para narrar brevemente sua trajetória como publicação: “*un sitio para encontrarnos todos*”, “*un territorio sin aduanas, una parroquia*” (RIVERO, R., 2006, p. 204, grifos nossos) contrária à redução entre os de dentro e os de fora; “*una puerta abierta*” (ibidem, p. 205, grifo nosso) por ele percebida ao ver a revista “correr de mano en mano” dentro da Ilha, “*una fuente de esperanza y oxígeno*” (idem) para o jornalismo independente realizado a duras penas em Cuba.

Já a contribuição de Jesús Silva-Herzog Márquez procura defender a revista de acusações como a de “*vil látigo del imperio para destruir la Revolución*” (MÁRQUEZ, 2006, p. 207, grifo nosso), não a entendendo como uma revista de oposição: “No lo es porque, a mi juicio, no se trata, en un sentido estrecho, de una revista política. La política aparece, por supuesto, en las páginas de la revista. Aparece con frecuencia. Pero no es otra publicación de denuncia” (idem). Sobretudo, parece-nos muito significativa a resposta dada por ele para sua própria pergunta sobre o que busca *Encuentro*: “(...) busca imaginar una nación cubana de ciudadanos. Si las naciones son producto de la imaginación, *Encuentro* es esa cabeza que imagina la nación. La nación de la Isla entera” (idem), afirmação tal proporcionada pela identificação nas páginas da revista de “(...) los tres ámbitos tradicionales de la nación: los recuerdos que pueden unir, los hábitos que cohesionan a una comunidad, la esperanza” (idem). A nosso ver, Silva-Herzog se mostra preciso com essas colocações ao tocar em uma das essências editoriais de *Encuentro*, caracterizando-a ainda por levar “*la brújula de la ciudadanía*” (ibidem, p. 208, grifo nosso) e por pensar “la nación sin el nacionalismo” (idem).

Interessante a imagem sugerida por Juan Duchesne Winter, em “La ciencia de la Libertad”, no que diz respeito à convivência equilibrada entre política e estética na

---

ocasião “Pasar revista” ainda anunciou a publicação fac-similar dos dez números da revista cubana *Nadie Parecía*. “*Cuaderno de lo Bello con Dios*” (1942-1944).



revista: “Política y estética comparten su condición de bordes sin territorio propio: por ello se encuentran pero no se funden, imbricándose como las superficies reversibles de una cinta moebius” (WINTER, 2006, p. 221). Além disso, Winter ainda utiliza outra comparação curiosa, agora no sentido de contraponto, a partir de sua leitura do livro *Fulguración del espacio* (2002), de Juan Carlos Quintero Herencia, entre o “cierre poético-político” de uma revista como *Casa de las Américas*, cujos discursos culturais se fecham “en torno a su propio cerco de vigilancia y control” (idem), e a abertura ao exterior de *Encuentro*, cuja exterioridade corresponde “a la manera en que sus escrituras despliegan una espacialidad expuesta y sin territorio propio” (idem). Para ele, em *Encuentro* “la estética es zona nómada potenciada por la fragmentación” e a política “se presenta como encuentro de singularidades y opacidades irreductibles a un sentido único” (idem).

Já Régis Debray, em sua breve nota “Al servicio de una reconciliación”, refere-se à presença da política em uma revista de cultura como *Encuentro* em termos de que “la política pasa pero la cultura queda”, ou de que “la cultura es lo que queda cuando ya no recordamos nada de la política” (DEBRAY, 2006, p. 219), algo que acaba por indicar certo desencanto do ex-guerrilheiro com a política. Ele ainda procura reforçar a importância do trabalho de *Encuentro* baseado na reconstrução a partir das diferenças e para isso tampouco vê outra imagem melhor para ilustrá-la do que a de uma “puente” (idem, grifo nosso). Por sua vez, Serge Gruzinski, em “Híbridos: contradicciones y complejidad”, percebe na hibridez em perpétua construção de *Encuentro* alguns elementos de resposta às dúvidas sobre o contato dos intelectuais e artistas latino-americanos com o “imperio americano” (GRUZINSKI, 2006, p. 216).

Para finalizar, citamos aqui o trecho de um dos mais reflexivos e cuidadosos textos sobre a revista *Encuentro*, o do membro de seu Conselho de Redação e ex-diretor da revista *Unión*, Jorge Luis Arcos. O ensaio “Diez años de *Encuentro* en Cuba” parte da experiência de Arcos como colaborador da revista, desde muito tempo antes de sua saída ao exílio em 2004, para testemunhar as reações do oficialismo cultural à chegada de *Encuentro* na Ilha e assim comentar alguns aspectos contraditórios da política cultural do projeto revolucionário. Considerada por ele como “peligrosa alternativa” (ARCOS, 2006, p. 211) ao desenho dessa política, Arcos procura observar a trajetória da revista naquilo que a referia às estratégias do regime contrárias a projetos como esse,

por meio de censuras e repressões a colaboradores, por exemplo. Destacamos aqui o parágrafo conclusivo desse ensaio, dotado de uma força imagética crítica que bem pode exemplificar o significado para seu autor daquele “fenómeno de liberación narrativa” aludido por Rafael Rojas (2006):

La existencia misma de una publicación independiente, que ha apostado durante diez años por un futuro democrático para la Isla, a partir precisamente de la conformación de una imagen de una cultura crítica y democrática, es el *espejo* —y todo *espejo* es erótico, copulador, multiplicador de imágenes— más subversivo para una cultura hasta cierto punto demediada por una política que pretende enmascarar su naturaleza totalitaria—y que en la práctica es paradójica y constantemente desbordada por una vigorosa literatura, tanto de dentro como de fuera de la Isla—, política cultural que sólo puede mirar la máscara que se pone a sí misma, la capucha del verdugo que no puede ocultar con ese gesto suicida su verdadero rostro. (Ibidem, p. 215, grifos nossos).

Definições afirmativas de *Encuentro* iguais as que acabamos de observar demonstram, ao lado das imagens detratórias de alguns opositores à revista, o quanto entre cubanos o poder imagético para a expressão crítica adquire um sentido digno de atenção. Inclusive, quando verificamos como sua própria identidade hemerográfica é trabalhada por ela mesma através do uso de imagens, percebemos que o exercício democrático de expor metáforas afirmativas ao lado de negativas a fortalece ainda mais no objetivo de se estabelecer enquanto espaço representativo da ampla comunidade diaspórica cubana. Dessa forma, *Encuentro* dá prosseguimento ao papel cultural e político anteriormente desenvolvido por outras revistas culturais e literárias do exílio de disponibilizar seus espaços para a reinvenção da nação cubana. Mais do que contribuir para a memória hemerográfica do país, ela mantém ativa e ainda mais vigorosa a responsabilidade dessas publicações em suas funções identitárias, tanto criativa como criticamente falando, de alimentar o imaginário nacional.

#### 4. Conclusões

##### *Encuentro de la Cultura Cubana: uma comunidade sem fronteiras*

#### 4.1 - A imagem discursiva polifônica

Há uma questão conclusiva importante que interfere diretamente no resultado desta pesquisa e que nos direciona nestas últimas considerações: em algumas ocasiões durante este trabalho nos referimos à polifonia da revista, isto é, à sua combinação de múltiplas vozes guiadas pelos mais diferentes sentidos críticos e sensibilidades criativas, ora caracterizadas como conjunto harmonioso de juízos e interpretações, ora como debate conflituoso de ideias e imaginações, opiniões e informações. Assim, temos consciência de que esse amálgama de vozes foi resultante de um empreendimento intelectual e artístico que se projetou como espaço público democrático, portanto, aberto a concordâncias e controvérsias. *Encuentro de la Cultura Cubana* visivelmente buscou fazer jus a seu nome e prezou pelo pluralismo em termos de representatividade, abrindo seu espaço para que muitas vozes cubanas ou não cubanas se colocassem frente a frente, se reunissem, se chocassem, se achassem. A questão que surge, e que basicamente remete de forma intrínseca a um objeto cultural com características coletivas como essa revista, é como extrair desse conjunto polifônico de vozes subjetivas uma imagem discursiva comum que melhor identifique a linha editorial da publicação, ou seja, como revelar uma expressão imagética resultante dessa combinação simultânea e convergente de discursos que identifique a revista com a comunidade cubana desejada.

Pensamos que a resposta, em sua maior medida, provém de uma leitura crítica sobre o *corpus*, aqui selecionado junto ao ensaísmo praticado pela revista, mas temos consciência de que outros importantes fatores contribuem para resolver esta questão. Usualmente, um deles é, de fato, oriundo daquela voz que emana na maioria das revistas desde a orientação incumbida aos editoriais (ou introduções, apresentações, comemorações de aniversário), normalmente existentes nas primeiras páginas de cada número. A função orientadora desses textos de sentido informativo, opinativo e imaginativo voltada à condução do leitor pelos mais importantes temas e trabalhos publicados pela entrega, sem dúvida explícita bastante o interesse dos editores e do grupo redacional em termos de construção de identidade hemerográfica. Mas, no caso

de *Encuentro*, pudemos verificar que a prática dessa condução não foi constante e que dos seus 54 números (38 entregas), apenas 25 (17 entregas) trouxeram textos com características de editorial, sendo os mais significativos durante a direção de Jesús Díaz<sup>235</sup>. Isso demonstra que, ainda que tais textos tenham trazido fundamentais direcionamentos para a manutenção da coerência serial da proposta da revista, a nosso ver, conforme se passaram os anos a autonomia e a legitimidade do seu “nosotros” foram se compondo cada vez menos pela orientação de um mentor individual e cada vez mais como uma mistura de vozes sob a identificação generalizante do grupo de Redação, assim se distanciando de uma autoridade única, fato de grande relevância para caracterizar a revista.

As observações anteriores nos levam a considerar que uma expressão imagética definidora da revista *Encuentro* esteja estreitamente vinculada com as premissas de sua política editorial. Nesse sentido, vale ressaltar que outros momentos em que se fez presente a exposição das linhas-guias que arquitetaram a política da revista se deram com os textos introdutórios aos dossiês, homenagens e especiais, que terminaram comprovando um alinhamento discursivo não apenas muito útil para a leitura sequenciada de *Encuentro* como também imprescindível para o melhor entendimento da manutenção de seus princípios ao longo do tempo. Pudemos verificar que importantes dossiês como “Financiación, totalitarismo y democracia” (Nº 28/29) ou “Revistas cubanas del exilio - Reinención de un espacio nacional” (Nº 40), por exemplo; também “Homenajes” como as realizadas a Gastón Baquero (Nº 2), a Fina García Marruz (Nº 11), a Virgilio Piñera (Nº 14), etc.; assim como especiais como “1961: Palabras de los intelectuales” (Nº 43); perfizeram, ao lado dos textos editoriais, uma espécie de fio condutor dos principais propósitos de *Encuentro*. Tratou-se de uma interessante divisão de funções na orquestração da polifonia discursiva que esteve a cargo de colaboradores como Carlos Espinosa Domínguez, Felipe Lázaro, Pío E. Serrano, Iván de la Nuez, Jorge Luis Arcos, Jorge Ferrer, entre muitos outros, demonstrando o quanto a voz coletiva da revista era regida auxiliariamente desde os mais distantes espaços da cubanidade. Um caso bastante relevante nesse sentido foi o do dossiê “Financiación,

---

<sup>235</sup> Identificamos onze textos que cumpriram as vezes de editoriais (como introduções, apresentações, comemorações de aniversário) durante o período de direção de Díaz (nos números 1; 4/5; 6/7; 8/9; 11; 12/13; 15; 18; 20; 21/22; 24) e somente seis após a sua morte (nos números 25; 34/35; 41/42; 43; 50; 53/54).

totalitarismo y democracia”, uma vez que, ao trazer a defesa dos princípios éticos da revista, veio publicado sem um nome específico por trás de sua organização, levando-nos a atribuí-la, portanto, à assinatura coletiva da Redação.

De uma maneira mais gritante e explícita por sua presença pouco propícia a intermediações, a seção “Cartas a *Encuentro*” poderia ser tomada como um canal direto para a manifestação da voz da comunidade representada por *Encuentro*. Como vimos ao tratar da sua geografia cultural, foram muitas e variadas as opiniões e imagens projetadas, ainda que tenham se sobressaído mais elogios e comentários laudativos do que críticas negativas ou questionamentos sobre a revista. A constância de uma seção como essa para o perfil da revista, aberta à franqueza do pensamento e até a certa comunhão com a intimidade do leitor, talvez tenha se mostrado demasiada repetitiva para a sua manutenção, ou simplesmente perdeu o fôlego. Se em algum momento ela possa ter contribuído para atestar uma autenticidade para as denúncias de *Encuentro*, através dos relatos agônicos de seus leitores no “insilio” ou no “exilio” que depositavam na revista uma esperança de futuro (RABELO, 2006) para uma nação democrática, ao se converter em um espaço maiormente usado para julgamentos favoráveis à publicação se mostrou esvaziada de sentido, fato perspicazmente notado pela direção e que, como dissemos, levou ao término de “Cartas a *Encuentro*” com a entrega 45/46.

De uma forma menos marcada, digamos assim, também foi possível observar nos textos informativos e de atualidades em uma seção permanente como “La Isla en peso” a presença dessa harmonia enunciativa, ainda que por meio de uma padronização de formatação para a apresentação de eventos culturais, obras artísticas, publicações de revistas, livros recebidos, premiações, chamadas de editais etc. Seja pela escolha dos objetos de tais informações e seu teor múltiplo que incluiu manifestações cubanas dos mais matizados perfis ideológicos, seja pelo uso de uma linguagem um tanto objetiva – mas que não deixou de transparecer o apreço pela coerência do “nosotros” da publicação – a existência dessa seção durante todos os números da revista pode ser entendida como um significativo espaço estrutural homogeneizador para a sua caracterização editorial, um complemento direto na transitividade sintática da revista. Também discreta, apesar de que mais próxima da função desempenhada pelo ensaísmo, outra seção a se levar em conta em termos de filtragem discursiva foi a “Textual”, espaço que se mostrou, em realidade, como de uso estratégico para incorporar vozes de

textos que haviam sido publicados originalmente por outros meios, dessa forma fortalecendo o discurso polifônico da revista ao ampliá-lo em distintas ocasiões através do respaldo de renomados veículos da imprensa internacional como *El País*, *El Nuevo Herald*, *The Miami Herald*, *Le Monde*, *Le Figaro*.

Tais espaços como aos que acima nos referimos foram ocupados por textos em sua maioria informativos, voltados a orientações, descrições, relatos, notícias, e por mais que deles tenham se sobressaído também imagens ou opiniões, o grau de subjetividade envolvido esteve imerso mais no objetivismo de sua função referencial. Seria interessante, através de uma proposta de leitura analítica específica, em outra ocasião procurar observar como se deu a contribuição ao amálgama discursivo de *Encuentro* de narrativas ficcionais, presentes nos contos, fragmentos de romances ou nas resenhas de livros como as da seção “Buena Letra”; também em poemas, memórias ou entrevistas, possivelmente assim avaliando de maneira complementar como a prática estética de uma subjetividade diaspórica de influxo pós-nacional ajudou a conformar imageticamente o conjunto discursivo polifônico da revista. Ainda que isso tenha ficado à margem nesta nossa pesquisa, consideramos que o aspecto literário do ensaio em seu sentido de uma “poética de la interpretación”, como definiu Liliana Weinberg (2006), cumpra suficientemente com os requisitos próprios de uma obra artística para que dele possamos revelar uma expressão imagética identificadora e representativa da revista.

#### **4.2 - Ensaísmo crítico, comunidade desejada e imaginação diaspórica**

A partir de nossas verificações, podemos afirmar com certo grau de segurança que foi com o ensaísmo crítico publicado por *Encuentro* que nos aproximamos de uma resposta mais adequada para a busca de uma imagem discursiva da revista. Nossa seleção da amostra do *corpus* para o exercício analítico procurou extrair fundamentos discursivos que sem dúvida contribuíram para a caracterização do imaginário criado pela revista, conformado a partir de enunciados de ordem subjetiva, porém levando em consideração seu intrínseco aspecto coletivo. Com isso comprovamos que a revista soube ocupar importantes espaços no interior daquele “vacío ensayístico” (ROJAS, 1996, p. 43) identificado por Rafael Rojas na literatura cubana, ao estimular que “un

grupo de letrados sin ciudad” (ibidem, p. 44) se responsabilizasse por trazer “el testimonio más elocuente del cambio cultural de la isla” (ibid., p. 43).

O interesse de nossa pesquisa por esses ensaios esteve evidentemente direcionado para a observação da natureza das relações entre sujeito e objeto, e alguns enfoques sobre tais relações mereceram certo destaque, como, por exemplo, o da liberdade de espírito enquanto desafio expressivo, isto é, aquele “fenómeno de liberación narrativa”, sugerido também por Rojas (2006, p. 39), com que se depararam muitos intelectuais diaspóricos; ou o de releituras do passado histórico, como meio de desconstrução da narrativa teleológica revolucionária, e as consequentes reflexões sobre mudanças imagéticas da identidade cultural; assim como a presença de novas referências epistemológicas mais adequadas ao contexto de publicação da revista, como a advinda com a ideia de descentralização do sujeito e de prefiguração de uma sociedade plural, algo explorado consideravelmente pela revista e por seus ensaístas e que terminou por colocar ainda mais em relevo o significado de sua pluralidade de vozes.

Podemos afirmar que nos deparamos com uma interessante heterogeneidade do ensaísmo e o estabelecimento de um movimento em profundidade entre a imagem e o conceito, fato que nos permitiu abordar a função do ensaio como profícuo meridiano para coordenadas simbólicas. Nesse sentido e pensando naquilo que vimos a respeito da noção de cultura democrática prezada pela revista, emergiram desses ensaios ideias emblemáticas como as de fragmentação e integralidade, diversidade e pluralidade, esperança e pujância, que em muito puderam elucidar a relevância da oscilação entre a experiência individual de vidas em dissidência política e a experiência coletiva de uma comunidade cultural desejada e representada por *Encuentro*. Assimilações como essa foram propiciadas ao discutirmos o ensaio enquanto unidade espacial da revista, enquanto prática intelectual e artística, diaspórica e transnacional, de uma linguagem crítica, interpretativa e imagética fortemente marcada pela relação entre experiência e sentido, voltada para a discussão sobre a fragmentação cultural de uma comunidade pelo mundo em seu trágico presente enunciativo.

Iván de la Nuez, em entrevista a Antonio José Ponte publicada no número 47 da revista, afirmou que "Ensayar es ensanchar" (NUEZ, 2007/2008, p. 34). Isso nos estimulou a pensar a definição do ensaio a partir do que nele há de ação, de movimento

de ideias, de deslocamentos de pensamentos e de imagens sobre o espaço de natureza prosaica de um gênero literário extremamente proteico. Procuramos imaginar sua extensão textual como um espaço sujeito a forças conceituais em movimento, distanciados no interior de um campo de interação estabelecido com atrações e repulsões, choques ou uma estabilidade entre pensamentos em fragmentos. Entendemos que o uso do ensaio pela revista “movimentou” reflexões sobre a realidade cubana, em ocasiões polemizando através de juízos críticos sobre importantes manifestações culturais, e isso nos levou a aqui propor uma abordagem sobre tais movimentos tendo em vista a imaginação de outra concepção de nação. Sua abertura ao hibridismo formal para a prática do juízo e da interpretação desde uma enunciação subjetiva se mostrou bastante proveitoso, não só para o exame de consciência individual para cada ensaísta, mas principalmente como meio de exame conjuntivo de consciência nacional. Portanto, fomos direcionados por tais constatações a analisar o corpus ensaístico da revista para sustentar tal imaginação.

Ao nos dedicarmos a “interpretar interpretações” sobre a literatura cubana por meio de uma abordagem referenciada por concepções de certo influxo a que chamamos de “estruturalista”, visualizamos a possibilidade de se conceber a revista como uma estrutura-simulacro que nos permitisse pensá-la como *mímesis* ocupada com uma analogia de sua função cultural. A partir da imaginação de uma estrutura como a de um mosaico composto por fragmentos literários, o que se mostrou como algo condizente ao objetivo de reorganização de uma realidade estilhaçada, tivemos um exemplo de simulacro bastante proveitoso para fins analíticos, mas também útil para nos estimular a concluir a pesquisa propondo o mesmo à revista como um todo. Além disso, diálogos entre alguns ensaios permitiram uma profundidade ao olhar crítico para além de uma observação planiforme, sugerindo a ampliação de perspectivas a uma possível “tercera dimensión” (WEINBERG, 2006) como característica comportamental do gênero. Ao estabelecer um vínculo entre si e aquilo que é ensaiado, entre expressão e conceito, compreendemos como o ensaio assim media a interpretação até o surgimento de uma nova ordem facultadora de sentidos. Neste caso, mais do que abranger questões sobre a compreensão do que seja a literatura, os ensaios analisados trouxeram à tona dinâmicas sobre o próprio processo dessa compreensão, aprofundando assim a dimensão da observação.



Essas compreensões propiciadas pelo ensaísmo praticado por *Encuentro* auxiliaram muito para que chegássemos à revelação – acreditamos que justificada o necessário – de uma expressão imagética para identificar a revista com a comunidade cubana desejada. A combinação entre ensaio e imaginação diaspórica, como a trazida pela revista, se mostrou construtiva ao misturar juízos interpretativos sobre a realidade com representações ou reproduções, alegorias, visões ou evocações imagéticas. Pudemos verificar com esse ensaísmo diaspórico uma nova configuração discursiva que buscou por em prática aquilo que Lourdes Gil sugeriu como releitura voltada a “replantear la relación elemental entre los espacios: el mítico y el real; el mental y el físico” (GIL, 1999, p. 148). Tal reconfiguração abriu caminho para saltos epistêmicos entre “imaginação” e “invenção” de outra comunidade, cultural e também política, dessa forma servindo de estímulo a uma identidade simbólica transnacional (com vestígios de influências pós-nacionais) de sentidos plurais e democráticos. As inúmeras experiências do exílio e da diáspora seguramente favoreceram para que nesses ensaios transparecesse o desejo pela vivência de uma comunidade imaginada através da invenção de novas sensibilidades e sentimentos.

Portanto, ratificamos a conclusão de Tanya N. Weimer de que as histórias contemporâneas das comunidades cubanas dependem menos de “unidad” ou de “totalidad” e mais de “posibilidades” (WEIMER, 2008, p. 10). O desejo de existência de uma coesa comunidade cubana com que nos deparamos por meio do amálgama discursivo polifônico de *Encuentro*, ao estimular uma compreensão desimpedida para a imaginação no sentido da invenção e ao valorizar o que há de “comum” entre cubanos insulares e diaspóricos em declarada resistência à fragmentação cultural, possibilitou nossa leitura do sentimento de pertencimento à *cubanía* sustentado por uma concepção abrangente de comunidade democrática. Ainda que dispersa espacialmente e impossibilitada da convivência no interior de fronteiras físicas, a comunidade desejada por *Encuentro*, sem dúvida, se mostrou como um espaço virtual de transformação da perspectiva identitária cubana.

#### **4.3 - O arquipélago de papel: Cuba imaginada por *Encuentro***

Ao procurarmos esclarecer elementos da gênese e da sustentação do discurso cultural de *Encuentro de la Cultura Cubana*, terminamos nossa pesquisa em

concordância com Rafael Osuna de que uma revista deve ser considerada como uma “comunidad intersubjetiva de comunidades” (OSUNA, 1998, p. 56). Mas, para além disso, o que a nós acabou se tornando cada vez mais claro para o caso de *Encuentro* foi seu potencial para se estabelecer uma equivalência entre o espaço social real e o espaço da revista (ibidem, p. ), espécie de hiper-representatividade baseada em um provável grau extremo de identificação entre sujeitos insulares, exilados e diaspóricos com a publicação, ao ponto de ela poder ser imaginada como uma Cuba virtual que oferecesse a alternativa de uma comunidade democrática. Portanto, dentre as que viemos aqui propondo como relevantes conclusões – ademais da que como revista cultural latino-americana *Encuentro* tenha sido aquilo que Schwartz e Patiño entenderam em outras revistas como “un espacio dinámico de circulación e intersección de discursos” (SCHWARTZ; PATIÑO, 2004, p.647) –, está principalmente a de que *Encuentro* pode ser identificada como um “espacio-simulacro” (RODENAS, 2000) de uma renovada comunidade cubana: uma comunidade desejada, por que não, em um sentido utópico.

Frente a isso, notamos como proveitoso nosso cruzamento de propostas conceituais ou interpretativas como as de “comunidade imaginada” (ANDERSON, 1993), “imaginação estrutural” (BARTHES, 1970) e “imaginação diaspórica” (RODENAS, 2000) para se pensar a aparentemente aporética situação de uma identidade cultural fragmentada como a cubana da virada do milênio. O caminho desvelado pelas emergentes relações entre cultura e nação, trilhado habilmente pela revista ao tangenciar os buracos da política ideológica com sua linha editorial, se mostrou suficientemente aproximador para as relações entre cubanos espalhados por tantos países, verdadeiras “ilhas de *cubanía*”. Ao se ocupar da cultura nacional como um discurso, pudemos verificar que *Encuentro* não deixou de imaginar a nação com atenção aos conceitos de memórias do passado, de desejo de viver em conjunto e de perpetuação da herança de Cuba (RENAN apud HALL, 2006a). Com o fim de lidarmos com a complexidade da condição diaspórica para se pensar a nação sob tais conceitos, a ideia de Adriana Méndez Rodenas em termos de maior radicalismo para a representação da geografia insular (RODENAS, 2000), principalmente através de obras literárias, nos ajudou também a visualizar uma perspectiva que considerasse a atribuição de novos sentidos a objetos como uma revista cultural com as características de *Encuentro*, sendo, para isso, muito útil a imaginação estrutural no sentido barthesiano de contribuição para

se compor um imaginário como modo em que se vive mentalmente a estrutura (BARTHES, 1970).

A questão da desterritorialização da cultura proporcionada pela diáspora nos levou a abordar preliminarmente a revista como um “espaço cultural”, ou seja, um espaço convergente de desterritorialização de práticas culturais originalmente exercidas em outros tantos diversos espaços (COELHO, 1997). Essa abordagem pôs em relevo o quanto a publicação soube usar favoravelmente a situação dispersiva ao se desvincular, enquanto “espaço cultural”, do território de origem de práticas culturais e assim lançá-las ao imaginário de uma comunidade virtual. Contribuíram como interessantes justificativas a essa perspectiva noções como as pensadas por Iván de la Nuez em termos de perda de centro de difusão da cultura cubana diante do cancelamento do “contrato” entre cultura nacional e território, averiguação que o levou a afirmar logo nos primeiros números de *Encuentro* que “La cultura cubana –y en particular su arte– comienza a experimentar una reconstrucción de su conciencia geográfica” (NUEZ, 1997, p. 139), em contraposição ao tradicional predomínio da ocupação com sua consciência histórica propugnada pela Revolução. Com isso, sugerimos a visão preambular de uma imaginação estrutural para a ressignificação do termo “espaço cultural” – usualmente associado a edificações arquitetônicas – ao aplicá-lo expansivamente à revista em um sentido mais centrípeto do que centrífugo.

Essa transposição de sentidos, do significado corrente de espaço cultural como local urbanístico para o de uma revista enquanto publicação, favoreceu que nossa leitura se ocupasse, complementarmente às análises interpretativas dos ensaios, da constância com que a definição de *Encuentro* esteve associada a inúmeras imagens em sua significação representativa. Aliás, pudemos, inclusive, constatar o quanto a reflexão crítica sobre a hemerografia cubana fez uso de metáforas para se referir a revistas culturais e literárias ao associá-las a ideias de “ciudad abierta”, “ciudad-estado”, “ciudad intelectual”, “ciudad letrada”, “República de las Letras”, “ágora moderna”, dessa forma comprovando nossa constatação trazida desde o início deste estudo que definiu a revista essencialmente como um espaço, e ainda especificando tal definição em termos urbanísticos e geográficos. Em seu ensaio “Anatomía del entusiasmo - La Revolución como espectáculo de ideas” publicado no número 45/46 (2007) de *Encuentro*, Rafael Rojas (quem se mostrou adepto desse uso metafórico nas próprias

páginas da revista) chegou a definir Cuba como uma “metrópoli de símbolos”, destacando o quanto signos, palavras ou imagens foram uma constante prática de difusão cultural revolucionária, fato que sintetiza o perspicaz uso reificador de imagens por parte de certa crítica cultural cubana. Atenta a isso, *Encuentro* soube estimular debates no interior da dimensão simbólica, sobretudo, no que se referiu à herança cultural do país, e entendemos que isso também tenha influenciado para que a própria revista fosse definida por meio do uso de tantas imagens por seus colaboradores, apoiadores ou detratores.

Assim, atingimos aqui uma proposta terminante de identificação entre a expressão imagética discursiva de *Encuentro de la Cultura Cubana* e sua comunidade desejada, sustentada pelo uso reiterado de imagens figuradas para caracterizar sua eficácia como revista. Vimos que, dentre elas, foram constantes ideias que a associaram a elementos de uma possível edificação, como as de “ventana”, “puerta”, “espejo”, “fuente” e até “laberinto”, algo que também demonstra uma conformidade de nossa sugestão preliminar de simulacro com a ideia de “espaço cultural”. Porém, ao verificarmos em suas páginas ainda a associação também corrente entre revistas e cidades, isso nos move a destacar as inúmeras referências a partes constituintes de uma urbe, como, por exemplo, as de “puente”, “sitio”, “plaza pública”, “parroquia”, “plataforma”, ou as de instrumentos de orientação geográficas como “mapa” e “brújula”. Se agregarmos ainda os modificadores que vieram relacionados a algumas de tais imagens, como “brújula de la ciudadanía”, “un mapa de gran pluralidad y diversidad geográfica, generacional, estética y política”, “un sitio para encontrarnos todos”, somos, então, levados a expandir a imagem de um “espaço cultural” para o de uma “cidade aberta” ao encontro da *cubanía* entre cubanos e não cubanos, um espaço mais amplo para atividades de convivência, de diálogo, de liberdade de expressão, de exame crítico da realidade nacional, enfim, um espaço plural e democrático.

Mas, vale lembrar que iniciamos este estudo relacionando o surgimento do projeto da revista a um evento chamado “La Isla Entera”, jornadas literárias que reuniram em Madri exitosamente cubanos insulares, exilados e diaspóricos, verdadeira “acta fundacional” da revista *Encuentro* como afirmou Jesús Díaz (1997b, p. 4). Isso demonstrou um desejo de representatividade ainda mais estendido do que a possibilitada por uma “cidade aberta”, mais conforme à situação de cubanos espalhados

pelo mundo ao invocar a ideia de integralidade e plenitude insular em seu sentido metafórico. Também nos parece interessante que algumas das imagens usadas para a definição de *Encuentro* se referissem a ideias como as de “república cubana del exilio”, “territorio sin aduanas”, “red” e, sobretudo, a de “Cuba virtual”, associações que de alguma forma remetiam àquela identificação lezamiana de Orígenes como uma “ciudad-estado”. Frente a tal latente admissibilidade de amplificação propomos conclusivamente, como expressão imagética discursiva que identifique a revista *Encuentro* tanto à sua comunidade real quanto à ideal, a figura de um “arquipélago” de “ilhas de *cubanía*” dispersas pelo globo, uma “revista-arquipélago”, ou, ainda mais distintivamente, um “arquipélago de papel”, onde, em conformidade com o texto “Presentación” de seu número inaugural, “la cultura cubana es una” e aparece “en su diversidad, en su vocación contemporánea e internacional, como una de las principales esperanzas de la nación” (REDACCIÓN, 1996, p. 3).

Propomos a imagem de um “arquipélago de papel”, portanto, para se referir ao sistema em rede de realizadores e colaboradores, leitores e participantes, detratores ou apoiadores da revista *Encuentro de la Cultura Cubana*, aqui concebidos como uma ampla corrente de ilhas cubanas transnacionalizadas espalhadas por vários mares e continentes, desejada como uma comunidade inteira, plena em sua identidade cultural, cujas obras e referências mais significativas encontraram seus espaços de prática e crítica desterritorializadas nas páginas impressas dessa publicação. Em sua proficuidade de acepções, essa expressão emerge conclusivamente para nosso trabalho de pesquisa como um espaço-simulacro que identifique a revista a partir da força de seu discurso coletivo, e que intencione simbolizar nossa percepção simultânea da magnitude e da fragilidade da cultura de um povo submetido a tantas intempéries.

## Referências

### Geral

A GORTÁZAR no parece preocuparle perjudicar a Aznar ante los cubanos demócratas al propugnar que el PP financie la revista 'Encuentro'. **ABC Madrid**, Madri, p. 6, 27 jun. 1996.

ADORNO, Theodor W. O ensaio como forma. In: \_\_\_\_\_. **Notas de literatura I**. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2003. p. 15-46.

AGAMBEN, Giorgio. **La comunidad que viene**. Valencia: Pretextos, 1996.

\_\_\_\_\_. **O que é o contemporâneo e outros ensaios**. Chapecó: Argos, 2009.

\_\_\_\_\_. **Profanaciones**. Buenos Aires: Adriana Hidalgo, 2005.

AÍNSA, Fernando. **Espacios del imaginario latinoamericano**: propuestas de geopoética. Havana: Editorial Arte y Literatura, 2002.

\_\_\_\_\_. Función crítica y estética del ensayo hispanoamericano. **Revista de Occidente**, Madri, Nº 301, p. 59-89, jun. 2006.

AIRA, Cesar. El ensayo y su tema. **Boletín del Centro de Estudios de Teoría y Crítica Literaria**, Rosario, Nº 9, p. 9-15, 2001. Dossiê El ensayo de los escritores.

ALTAMIRANO, Carlos. (Org.). **Historia de los intelectuales en América Latina**. Buenos Aires: Katz Editores, 2008.

ALTAMIRANO, Carlos; SARLO, Beatriz. **Literatura/Sociedad**. Buenos Aires: Librería Hachette, 1983.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas** – Reflexiones sobre el origen y la difusión del nacionalismo. México: Fondo de Cultura Económica, 1993.

ARAGÓN, Uva de. **El caimán ante el espejo**: un ensayo de interpretación de lo cubano. Miami: Ediciones Universal, 2000.

ARCOS, Jorge Luis. **Desde el légamo**: Ensayos sobre pensamiento poético. Madri: Editorial Colibrí, s.d..

\_\_\_\_\_. *Encuentro* se convirtió muy rápidamente en un referente para la intelectualidad cubana dentro y fuera de la isla. Entrevista concedida a Vítor Kawakami. **Rialta Magazine**, Querétaro/México, 07 jun. 2021. Disponível em: <<https://rialta.org/jorge-luis-arcos-revista-encuentro/>>. Acesso em: 07 jun. 2021.

\_\_\_\_\_. **Kaleidoscopio**: La poética de Lorenzo García Vega. Madri: Editorial Colibrí, s.d..

\_\_\_\_\_. Notas (para una conversación) sobre la diáspora cubana. **Otro Lunes**, Madri, Nº 1, maio 2007a. Disponível em: <<http://otrolunes.com/archivos/01/html/sumario/este-lunes/este-lunes-n01-a03-p01-200705.html>>. Acesso em: 17 fev. 2020.

\_\_\_\_\_. Notas sobre el canon. Introducción a un texto infinito sobre el canon cubano. **Unión**, Havana, Nº 50, p. 60-64, abr.-jun. 2003.

\_\_\_\_\_. **Orígenes**: la pobreza irradiante. Havana: Editorial Letras Cubanas, 1994.

ARENAS, Reinaldo. La represión (intelectual) en Cuba. **escandalar**, Nova Iorque, Nº 13, p. 90-93, 1980.

ARFUCH, Leonor. **El espacio biográfico** – Dilemas de la subjetividad contemporánea. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2010.

\_\_\_\_\_. (Org.). **Identidades, sujetos y subjetividad**. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2005.

ARMAND, Octavio. ¿Borrón y cuenta nueva? **escandalar**, Nova Iorque, Nº 13, p. 81-83, 1980a.

\_\_\_\_\_. Minicurso para borrar al escritor cubano del exilio. **escandalar**, Nova Iorque, Nº 10, p. 86-89, 1980b.

ARNAIZ, Idalia Morejón. Posiciones irreconciliables. In: \_\_\_\_\_. **Política y polémica en América Latina** – Las revistas *Casa de las Américas* y *Mundo Nuevo*. México D. F.: Ediciones de Educación y Cultura, 2010. p. 98-106. (Coleção Polémicas).

AUGÉ, Marc. **Los “no lugares” espacios del anonimato**. Una antropología de la sobremodernidad. Barcelona: Gedisa, 1993.

AZUELA, Arturo et al. ¿Qué es y para qué sirve una revista literaria? **Texto Crítico**, México, Nº 20, p. 105-126, 1981.

BACHELARD, Gaston. A poética do espaço. In: \_\_\_\_\_. **A filosofia do não; O novo espírito científico; A poética do espaço**. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Os Pensadores). p. 180-354.

BAQUERO, Gastón. **Entrevistas a Gastón Baquero**. Madri: Editorial Betania, 1998.

BARBÁCHANO, Carlos. **Gastón Baquero**: el hombre que ansiaba las estrellas. Madri: Editorial Betania, 2015.

BARRENTO, João. **O gênero intranquilo** - anatomia do ensaio e do fragmento. Lisboa: Assírio & Alvim, 2010.

BARTHES, Roland. A morte do autor. In: \_\_\_\_\_. **O rumor da língua**. São Paulo: Brasiliense, 1988. p. 65-78.

\_\_\_\_\_. **Crítica e verdade**. São Paulo: Perspectiva, 1970.

\_\_\_\_\_. **O grau zero da escrita**. Lisboa: Edições 70, 1973.

BASILE, Teresa. Interiores de una isla en fuga. El “ensayo” en Antonio José Ponte. In: \_\_\_\_\_ (Org.). **La vigilia cubana: sobre Antonio José Ponte**. Rosario: Beatriz Viterbo, 2009. p. 163-248.

\_\_\_\_\_. La ciudad, la urbe, el orbe, la novela. In: PONTE, Antonio José Ponte. **Un seguidor de Montaigne mira La Habana**. Buenos Aires: Corregidor, 2014. p. 7-31.

BATALLA de ideas. In: EcuRed. Disponível em: <[https://www.ecured.cu/Batalla\\_de\\_ideas](https://www.ecured.cu/Batalla_de_ideas)>. Acesso em: 13 ago. 2021.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidad** – En busca de seguridad en un mundo hostil. Madrid: Sigl XXI, 2005.

BEHAR, Ruth; LEÓN, Juan (Orgs.). Bridges to Cuba / Puentes a Cuba (part one). **Michigan Quarterly Review**, Ann Arbor, Vol. XXXIII, N° 3, verão 1994. Número especial.

\_\_\_\_\_. (Orgs.). Bridges to Cuba / Puentes a Cuba (part two). **Michigan Quarterly Review**, Ann Arbor, Vol. XXXIII, N° 4, outono 1994. Número especial.

\_\_\_\_\_. Going to Cuba: Writing Ethnography of Diaspora, Return, and Despair. In: \_\_\_\_\_. **The vulnerable observer** – Anthropology that breaks your heart. Boston: Beacon Press, 1996. p. 136-160.

BEHAR, Sonia. **La caída del Hombre Nuevo: Narrativa cubana del Período Especial**. Nova Iorque: Peter Lang, 2009.

BEIRED, José Luis B. **Sob o signo da nova ordem**. Intelectuais autoritários no Brasil e na Argentina. São Paulo: Loyola, 1999.

BENEDETTI, Mario. **El escritor latinoamericano y la revolución posible**. Caracas: Latinoamericana de Ediciones, 1977.

BERG, Mette Louise. **Diasporic generations** – memory, politics and nation among Cubans in Spain. Nova Iorque/Oxford: Berghahn Books, 2011.

BHABHA, Homi. O terceiro espaço: Uma entrevista com Homi Bhabha. Entrevista concedida a Jonathan Rutherford. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, Rio de Janeiro, N° 24, p. 35-41, 1996.



BLANCHOT, Maurice. La ausencia del libro. In: \_\_\_\_\_. **La ausencia del libro.** Nietzsche y la escritura fragmentaria. Buenos Aires: Caldén, 1973. p. 25-39.

\_\_\_\_\_. **O espaço literário.** Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

BLOOM, Harold. Uma elegia para o Cânone. In: \_\_\_\_\_. **O Cânone Ocidental. Os livros e a escola do tempo.** Rio de Janeiro: Objetiva, 1995. p. 23-47.

BOBBIO, Norberto. **Direita e esquerda.** Razões e significados de uma distinção política. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

\_\_\_\_\_. **Os intelectuais e o poder:** Dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea. São Paulo: Editora Unesp, 1997. 190 p.

BOBES, Velia Cecilia. **La nación inconclusa.** (Re)constituciones de la ciudadanía y la identidad nacional en Cuba. México: Editorial Flacso, 2007. 188 p.

BONFIGLIO, Florencia. El ensayo que se repite o el Caribe como *lugar-común* (Antonio Benítez Rojo, Édouard Glissant, Kamau Brathwaite). **Anclajes**, La Plata, Vol. 18, Nº 2, dez. 2004. Disponível em: [http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S185146692014000200002&lng=en&tlng=en](http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S185146692014000200002&lng=en&tlng=en). Acesso em: 21 fev. 2019.

BOSCHETTI, Anna. **Sartre et "Les Temps modernes":** une entreprise intellectuelle. Paris: Editions de Minuit, 1985. 326 p. (Série Le Sens Commun).

BOURDIEU, Pierre. A conquista da autonomia. A fase crítica da emergência do campo. In: \_\_\_\_\_. **As regras da arte.** São Paulo: Cia das Letras, 1996. p. 63-132.

BRAGA, Cláudio R. Vieira; GONÇALVES, Glaucia R. Diáspora, espaço e literatura: alguns caminhos teóricos. **Revista Trama**, Marechal Cândido Rondon, Vol. 10, Nº 19, p. 37-47, 1º semestre de 2014.

BRANDÃO, H. N.. **Introdução à análise do discurso.** Campinas: Editora da Unicamp, 2012.

BRANDÃO, Luis Alberto. Espaços literários e suas expansões. **Aletria**, Belo Horizonte, Vol. 15, p. 207-220, jan.-jun. 2007.

BRUNNER, José Joaquín. Tradicionalismo y modernidad en la cultura latinoamericana. In: REYNA, José Luis. (Org.). **América Latina a fines de siglo.** México: Fondo de Cultura Económica, 1995.

BURKE, Peter. **Perdas e ganhos:** exilados e expatriados na história do conhecimento na Europa e nas Américas, 1500-2000. São Paulo: Editora Unesp, 2017.

BUSTAMANTE, Lissette. El PP no descarta subvencionar a la polémica revista cubana 'Encuentro'. **ABC Madrid**, Madrid, 26 jun. 1996. Cultura, p. 56.

BUSTO, Ernesto Hernández. **Inventario de saldos**: Apuntes sobre literatura cubana. Madrid: Colibrí, s. d..

\_\_\_\_\_. **Perfiles derechos**: fisionomías del escritor reaccionario. Barcelona: Península, 2004.

BUTAZZONI, Fernando. Yo siempre sospeché de Jesús Díaz. **Revista Cine Cubano**, Havana, N° 104, p. 120-121, 1983.

CALDARONE, Rosaria. La comunidad de los otros. A partir de Jean-Luc Nancy. **Thémata. Revista de Filosofía**, Sevilla, N° 47, p. 301-313, 2013.

CÁMARA, Madeline. Thirds options: beyond the border. **Michigan Quarterly Review**, Ann Arbor, Vol. XXXIII, N° 4, p. 723-731, outono 1994. Número especial Bridges to Cuba / Puentes a Cuba (part two).

CAMARGO, Maria Lucia de Barros. Sobre revistas, periódicos e Qualis tais. **Outra Travessia**, Florianópolis, N° 40/1, p. 21-36, 2º semestre de 2003. Dossiê Revistas literárias revisitadas.

CAMBRON, Micheline; LÜSEBRINK, Hans-Jürgen. Presse, Littérature et espace public: de la lecture et du politique. **Études françaises**, Montreal, Vol. 36, N° 3, p. 127-145, 2000. Número Presse et littérature – la circulation des discours dans l'espace public.

CAMPA, Román de la. La latinidad de Norteamérica: retos y equívocos. In: Nuez, Iván de la. (Org.). **Paisajes después del Muro**. Disidencias en el poscomunismo diez años después de la caída del muro de Berlín. Barcelona: Península, 1999. p. 222-241.

CANCLINI, Néstor García. A globalização: objeto cultural não-identificado. In: \_\_\_\_\_. **A globalização imaginada**. São Paulo: Iluminuras, 2003. p. 41-68.

CAPELATO, Maria Helena. Intelectuais latino-americanos: o “caráter nacional” em questão. **Revista Anos 90**, Porto Alegre, Vol. 15, N° 28, p. 59-79, 2009.

CASANOVA, Pascale. **A república mundial das letras**. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

CASTAÑEDA, Jorge. **La utopía desarmada**. Intrigas, dilemas y promesa de la izquierda en América Latina. Barcelona: Editorial Ariel, 1995.

CASTILLA, Amelia. Los cubanos de dentro y fuera de la isla dialogan en la revista literaria 'Encuentro'. **El País**, Madrid, 09 dez. 1996. Disponível em: <[https://elpais.com/diario/1996/12/10/cultura/850172407\\_850215.html](https://elpais.com/diario/1996/12/10/cultura/850172407_850215.html)>. Acesso em: 23 jan. 2021.

CASTRO, Fidel. Palabras a los intelectuales. **La Jiribilla**, Havana, N° 8, jun. 2001. Disponível em: <[http://epoca2.lajiribilla.cu/2001/n8\\_junio/209\\_8.html](http://epoca2.lajiribilla.cu/2001/n8_junio/209_8.html)>. Acesso em: 03 set. 2016.

CELLA, Susana. (Org.). **Dominios de la literatura acerca del canon**. Buenos Aires: Losada, 1998. 177 p.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer 1**. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHIAMPI, Irlemar. Teoría de la imagen y teoría de la lectura en Lezama Lima. *Nueva Revista de Filología Hispánica*, México/D.F., Vol. 35, N° 2, 1987, p. 485-501.

CINO, Waldo Pérez. **El tiempo contraído** – Canon, discurso y circunstancia de la narrativa cubana (1959-2000). Leiden: Almenara, 2014.

CLIFFORD, James. Diasporas. **Cultural Anthropology**, Arlington/EUA, Vol. 9, N° 3, p. 302-338, ago. 1994.

COELHO, Teixeira. **Dicionário crítico de política cultural**. São Paulo: Iluminuras, 1997.

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria: Literatura e senso comum**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

CORRAL, Wilfrido H. Las posibilidades genéricas y narrativas del fragmento: formas breves, historia literaria y campo cultural hispanoamericanos. **Nueva Revista de Filología Hispánica**, México, Vol. 44, N° 2, p. 451-487, 1996.

COSTA, Adriane Vidal. **Intelectuais, política e literatura na América Latina: o debate sobre revolução e socialismo em Cortázar, García Márquez e Vargas Llosa (1958-2005)**. 2009. 413 f. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, UFMG, Belo Horizonte, 2009.

COUTO, Cristiano Pinheiro de Paula. Revistas político-culturais como cifra da história intelectual latinoamericana. **História, imagem e narrativas**, Rio de Janeiro, N° 20, abr. 2015. Disponível em: <<https://ptdocz.com/doc/917222/revistas-pol%C3%ADtico-culturais-como-cifra-da-hist%C3%B3ria-intele>>. Acesso em: 19 abr. 2019.

CRESPO, Regina Aída. Revistas culturais e literárias latino-americanas: objetos de pesquisa, fontes de conhecimento histórico e cultural. In: FRANCO, Stella Maris S.; JUNQUEIRA, Mary Anne (Orgs.). **Cadernos de Seminário de Pesquisas**, São Paulo, Vol. 2, p. 98-116, 2011. Disponível em: <<http://www.historia.fflch.usp.br/sites/historia.fflch.usp.br/files/CSP2.pdf>>. Acesso em: 02 out. 2012.

\_\_\_\_\_. (Org.). **Revistas en América Latina: proyectos literarios, políticos y culturales**. México, D.F.: UNAM/Ediciones Eón, 2010.

CUBA: CULTURA E IDENTIDAD NACIONAL, 1995, Havana. **Memorias del encuentro...** Havana: Ediciones Unión, 1995.

CUESTA, Leonel de la. Las revistas literarias de los exiliados entre 1959 y 1979. In: CUBA: EXILIO Y CULTURA - CONGRESO DEL MILENIO, 1999, Miami. **Memoria...** Miami: Ediciones Universal, 2002. p. 103-109.

DAHLET, Véronique. O proceder da pesquisa: quais as relações entre problemática, dissertação e corpus? **Revista Letras**, Nº 21, p. 127-132, dez. 2000.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Kafka**: Por uma literatura menor. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. 160 p.

\_\_\_\_\_. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia vol. 4. São Paulo: Editora 34, 1997.

\_\_\_\_\_. **O anti-Édipo**: capitalismo e esquizofrenia 1. São Paulo: Editora 34, 2010.

DÍAZ, Jesús. Asaltar el cielo: Función de la cultura revolucionaria. **Revista Cine Cubano**, Havana, Nº 84/85, p. 82-85, 1973.

\_\_\_\_\_. Cuba, los anillos de la serpiente. **El País**, Madrid, 12 mar. 1992. Sección Opinión. Disponible em: [http://elpais.com/diario/1992/03/12/opinion/700354805\\_850215.html](http://elpais.com/diario/1992/03/12/opinion/700354805_850215.html). Acesso em: 12 set. 2016.

\_\_\_\_\_. **De la patria y el exilio**. Havana: Ediciones Unión, 1979.

\_\_\_\_\_. **Dime algo sobre Cuba**. 3ª ed. Madrid: Espasa, 1998a.

\_\_\_\_\_. El marxismo de Lenin. **Pensamiento Crítico**, Havana, Nº 38, p. 06-59, mar. 1970.

\_\_\_\_\_. Entrevista con Lilliam Oliva Collman. Entrevista concedida a Lilliam Oliva Collman. **Cuban Studies**, Pittsburgh, Nº 29, p. 155-175, jan. 1999a.

\_\_\_\_\_. **La piel y la máscara**. Barcelona: Anagrama, 1996.

\_\_\_\_\_. **Las iniciales de la tierra**. [1ª ed. 1987] 2ª ed. Havana: Editorial Letras Cubanas, 1988.

\_\_\_\_\_. **Las palabras perdidas**. México, D. F.: Fondo de Cultura Económica, 2002.

\_\_\_\_\_. **Los años duros**. Havana: Editorial Letras Cubanas, 1981.

\_\_\_\_\_. Para una cultura militante (tres notas sobre arte). **Revista Cine Cubano**, Havana, Nº 66/67, p. 94-99, 1971.

\_\_\_\_\_. Provocaciones sobre el cine documental y literatura. **Revista Cine Cubano**, Havana, N° 101, p. 139-142, 1982.

\_\_\_\_\_. Vivir es muy duro. Entrevista concedida a Ladislao Aguado. **Otro Lunes**, Madri, N° 2, jul. 2007. Disponible em: <<http://otrolunes.com/archivos/02/html/otro-lunes-conversa/otro-lunes-conversa-n02-a01-p01-2007.html>>. Acceso em: 12 dez. 2019.

DÍAZ, Jesús; VALDÉS-PAZ, Juan. Vanguardia, tradición y subdesarrollo. In: RIERA, Ignasi (Org.). **Literatura y arte nuevo en Cuba**. Barcelona: Editorial Laia, 1977. p. 65-82.

DÍAZ, René Vázquez. (Org.). **Bipolaridad de la cultura cubana** – Estocolmo, 25-28 de mayo de 1994. Estocolmo: The Olof Palme International Center, 1994.

DOMÍNGUEZ, Carlos Espinosa. Encuentro fue un espacio abierto para los cubanos de ambas orillas. Entrevista concedida a Vítor Kawakami. **Rialta Magazine**, Querétaro/México, 16 ago. 2021. Disponible em: <<https://rialta.org/carlos-espinosa-encuentro-fue-un-espacio-abierto-para-los-cubanos-de-ambas-orillas/>>. Acceso em: 16 ago. 2021.

\_\_\_\_\_. (Org.). **Todos los libros, el libro**. Farmville: Los Libros de las Cuatro Estaciones, 2004. 228 p.

\_\_\_\_\_. Un amoroso y terco empecinamiento. In: \_\_\_\_\_. **El peregrino en la comarca ajena**. Boulder: Society of Spanish and Spanish-American Studies, 2001. p. 343-349.

DUANY, Jorge. Lazos transnacionales e identidades postnacionales de la diáspora cubana. In: GALLO, Laura P. Alonso; MOURELO, Belén Rodríguez. (Eds.). **Identidad y postnacionalismo en la cultura cubana**. Valencia: Aduana Vieja, 2019. p. 81-95.

\_\_\_\_\_. Reconstructing cubanness – Changing discourses of national identity on the island and in the diaspora during the twentieth century. In: FERNÁNDEZ, Damián J.; CÁMARA, Madeline. (Eds.). **Cuba, the elusive nation: interpretations of national identity**. Gainesville: University Press of Florida, 2000. p. 17-42.

\_\_\_\_\_. Redes, remesas y paladares: la diáspora cubana desde una perspectiva transnacional. **Nueva Sociedad**, Buenos Aires, N° 174, p. 40-51, jul.-ago. 2001.

EAGLETON, Terry. **A ideia de cultura**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

ECHEVARRÍA, Roberto González. **Lecturas y relecturas** – Estudios sobre literatura y cultura. Santa Clara: Capiro, 2015.

EDWARDS, Jorge. **Persona non grata**. Santiago de Chile: Debolsillo/Random House Mondadori, 2012.

EL ENCUENTRO de poetas cubanos llama al diálogo cultural entre las dos orillas. **El País**, Madri, 25 nov. 1994. Cultura. Disponible em:

<[https://elpais.com/diario/1994/11/26/cultura/785804401\\_850215.html?prm=enviar\\_em\\_ail](https://elpais.com/diario/1994/11/26/cultura/785804401_850215.html?prm=enviar_em_ail)>. Acesso em: 20 maio 2021.

ENCUENTRO DE LA CULTURA CUBANA. Madri: Asociación Encuentro de la Cultura Cubana, 1996-2009. (54 números). Trimestral. ISSN 1136-6389.

ESPI, Pablo Díaz. Encuentro en la Red sentó las bases de la prensa independiente cubana de hoy. Entrevista concedida a Vítor Kawakami. **Rialta Magazine**, Querétaro/México, 01 set. 2021. Disponível em: <<https://rialta.org/pablo-diaz-espi-encuentro-en-la-red-entrevista/>>. Acesso em: 01 set. 2021.

\_\_\_\_\_. Tres pasados, un presente. **Diario de Cuba**, Madri, 13 jan. 2012. Disponível em: <[http://www.lajiribilla.co.cu/2012/n563\\_02/zoe3.htm](http://www.lajiribilla.co.cu/2012/n563_02/zoe3.htm)>. Acesso em: 19 nov. 2019.

ESQUENAZI-MAYO, Roberto. **A survey of Cuban Revistas – 1902-1958**. Washington: Library of Congress, 1993.

ETTE, Ottmar. Una literatura sin residencia fija. Insularidad, historia y dinámica sociocultural en la Cuba del siglo XX. **Revista de Indias**, Madri, Vol. LXV, N° 235, p. 729-754, 2005.

FERNÁNDEZ, Damián J.; CÁMARA, Madeline. Interpretations of national identity. In: \_\_\_\_\_. (Eds.). **Cuba, the elusive nation: interpretations of national identity**. Gainesville: University Press of Florida, 2000. p. 1-13.

FERREIRA, Maria Nazareth. América Latina: Globalização e Cultura. In: \_\_\_\_\_. **Globalização e identidade cultural na América Latina: a cultura subalterna no contexto do Neoliberalismo**. São Paulo: CEBELA, 1995. p. 29-34.

FIRMAT, Gustavo Pérez. **The Cuban condition: Translation and identity in modern Cuban literature**. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

\_\_\_\_\_. **Vidas en vilo: La cultura cubanoamericana**. Madri: Colibrí, 2000.

FONSECA, Vilma L. da. *Encuentro de la Cultura Cubana: intelectuais dissidentes e revistas culturais*. **Revista Brasileira do Caribe**, Vol. VII, N° 13, p. 243-288, jul.-dez. 2006.

FORNET, Ambrosio. A propósito de *Las iniciales de la tierra*. **Casa de las Américas**, Havana, Ano XXVIII, N° 164, p. 148-153, set/out 1987.

\_\_\_\_\_. **Memorias recobradas – Introducción al discurso literario de la diáspora**. Santa Clara: Ediciones Capiro, 2000.

\_\_\_\_\_. Nación, cultura nacional y ciudadanía. **La Jiribilla**, Havana, N° 766, mar. 2016. Disponível em: <<http://www.lajiribilla.cu/articulo/nacion-cultura-nacional-y-ciudadania>>. Acesso em: 15 abr. 2017.

\_\_\_\_\_. Simplificando. **Casa de las Américas**, Havana, Año XXVIII, N° 168, p. 150-158, maio-junho 1988.

FORNET, Jorge. **El 71: Anatomía de una crisis**. Havana: Editorial Letras Cubanas, 2013.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2003.

FRANCO, Jean. **Decadencia y caída de la ciudad letrada**. La literatura latinoamericana durante la Guerra Fría. Barcelona: Random House Mondadori, 2003.

GALLO, Laura P. Alonso; MOURELO, Belén Rodríguez. A modo de introducción: Identidad y postnacionalismo en la cultura cubana. In: \_\_\_\_\_. (Eds.). **Identidad y postnacionalismo en la cultura cubana**. Valencia: Aduana Vieja, 2019. p. 11-41.

GARCÍA, Daniel. (Ed.). **Cuba: Cultura e Identidad Nacional**. Havana: Ediciones Unión, 1995.

GARRAMUÑO, Florencia. **Mundos en común**. Ensayos sobre la especificidad en el arte. Buenos Aires: FCE, 2015.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.

GILMAN, Claudia. **Entre la pluma y el fusil**. Debates y dilemas del escritor revolucionario en América Latina. Buenos Aires: Siglo XXI, 2003.

GIORDANO, Alberto. Del ensayo. In: \_\_\_\_\_. **Modos del ensayo – de Borges a Piglia**. Rosario: Beatriz Viterbo, 2005. p. 223-247.

\_\_\_\_\_. **El giro autobiográfico de la literatura argentina actual**. Buenos Aires: Mansalva, 2008.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar**. Rio de Janeiro: Record, 1999.

GÓMEZ-MARTÍNEZ, José Luis. **Teoría del ensayo**. México: Unam, 1992.

GONZÁLEZ, Elena Palmero. Discursos da memória na literatura da diáspora cubana nos Estados Unidos. **Revista Brasileira do Caribe**, São Luís, MA, Vol. XVI, N° 30, p. 91-107, jan-jun 2015.

GONZÁLEZ, Servando. El extraño encuentro de Jesús Díaz con la muerte. **Guaracabuya**, maio 2002. Disponível em: <<http://amigospais-guaracabuya.org/oagsg012.php>>. Acesso em: 21 jan. 2021.

GRENIER, Yvon. Jesús Díaz, 1941-2002: The Unintentional Deviationist. **Cuban Studies**, Pittsburgh, Vol. 45, p. 115-131, 2017.

GRÜNER, Eduardo. El ensayo, un género culpable. **Revista Sitio**, Nº 4/5, p. 51-, maio 1985.

GRUPO AREÍTO. **Contra vento e maré**. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1980.

GUEVARA, Ernesto. El socialismo y el hombre en Cuba. **Marcha**, Nº 1246, 12 março 1965. Disponível em: <<http://juventudguevarista.cl/>>. Acesso em: 15 abr. 2018.

HABERMAS, Jürgen. **Conciencia moral y acción comunicativa**. Madri: Editorial Trotta, 2008a.

\_\_\_\_\_. **Identidades nacionales y posnacionales**. Madri: Tecnos, 1989. 121 p.

\_\_\_\_\_. **Más allá del Estado nacional**. Madri: Trotta, 2008b. 185 p.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006a.

\_\_\_\_\_. **Da diáspora: Identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006b.

HERENCIA, Juan Carlos Quintero. **Fulguración del espacio: Letras e imaginario institucional de la Revolución Cubana (1960-1971)**. Rosario: Beatriz Viterbo Editora, 2002.

HERNÁNDEZ, Rafael; ROJAS, Rafael. (Orgs.). **Ensayo cubano del siglo XX**. México: Fondo de Cultura Económica, 2002.

HERRERA, Andrea O'Reilly. Introducción. In: \_\_\_\_\_. (Ed.). **Cuba: Idea of a Nation Displaced**. Nova Iorque: State University of New York Press, 2007. p. 3-11.

HOBSBAWM, Eric. Introdução. In: HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984. p. 9-23.

INFANTE, Duanel Díaz. **Límites del origenismo**. Madri: Colibrí, 2005.

ISLA, Wilfredo Cancio. Aumentan los escritores de la isla que publican en revista del exilio. **El Nuevo Herald**, Miami, 20 jul. 2000. Disponível em: <<https://www.cubanet.org/htdocs/CNews/y00/jul00/20o1.htm>>. Acesso em: 25 jan. 2021.

\_\_\_\_\_. Revista *Encuentro* despide a empleados. **El Nuevo Herald**, Miami, 10 out. 2009. Disponível em: <<https://www.elnuevoherald.com/ultimas-noticias/article1999842.html>>. Acesso em: 08 dez. 2020.

JIMÉNEZ, David. **Poesía y canon**. Bogotá: Norma, 2002.



JITRIK, Noé; ROSA, Nicolás; SARLO, Beatriz. El rol de las revistas culturales. **Espacios**, Buenos Aires, N° 12, p. 1-16, dez. 1992.

KANZEPOLSKY, Adriana. ¿Yo no soy el tema de mi libro? *La fiesta vigilada* de Antonio José Ponte. **Revista Abehache**, São Paulo, Vol. 1, N° 1, p. 59-69, 2011.

KAWAKAMI, Vítor. Antonio Benítez Rojo, Cuba e o Caribe: do livro *La isla que se repite* à revista *Encuentro de la Cultura Cubana*. **Caracol**, São Paulo, N° 18, p. 185-208, jul.-dez. 2019. Dossiê Estudios caribeños: ficciones y metáforas del presente. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/caracol/article/view/155734>>. Acesso em: 11 dez. 2019.

\_\_\_\_\_. Encuentros entre literatura, cine y política: la producción literaria de Jesús Díaz en el exilio. In: EL CARIBE EN SUS LITERATURAS Y CULTURAS: PERSPECTIVAS DESDE EL SUR, 2019, Córdoba/Argentina. **Atas...** Córdoba: Universidad Nacional de Córdoba, 2019. p. 173-179.

KERMODE, Frank. El control institucional de la interpretación. In: SULLÀ, Enric. (Org.). **El canon literario**. Madri: Arco/Libros, 1998. p. 91-112.

KOHUT, Karl; MERTINS, Günter. (Eds.). **Cuba en 1995** – Un diálogo entre investigadores alemanes y cubanos. Augsburg: Universidade de Augsburg, dez. 1995. (Serie Mesa Redonda, Neue Folge N° 3).

LA REVISTA Encuentro de la Cultura Cubana cumple su primer año con cambios en su dirección. **La Prensa del Caribe**, Madri, N° 3, p. 16, sept. 1997.

LAGARDE, M. H. (Org.). **Centrismo en Cuba**: otra vuelta de tuerca hacia el capitalismo. Havana: Editorial Cubasí, 2017.

\_\_\_\_\_. Hombre del Renacimiento. **La Jiribilla**, Havana, N° 82, nov. 2002. Disponível em: <[http://www.lajiribilla.co.cu/2002/n82\\_noviembre/1911\\_82.html](http://www.lajiribilla.co.cu/2002/n82_noviembre/1911_82.html)>. Acesso em: 13 out. 2017.

LEANTE, César. El largo brazo de Castro. **La Ilustración Liberal**, Madri, N° 19-20, jul. 2004. Disponível em: <<https://www.clublibertaddigital.com/ilustracion-liberal/19-20/el-largo-brazo-de-castro-cesar-leante.html>>. Acesso em: 02 dez. 2020.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico**: de Rousseau à internet. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

LIMA, Lezama. Coloquio con Juan Ramón Jiménez. In: \_\_\_\_\_. **Analecta del reloj**. Havana: Orígenes, 1953. p. 40-61.

\_\_\_\_\_. Las imágenes posibles. In: \_\_\_\_\_. **Analecta del reloj**. Havana: Orígenes, 1953. p. 151-182.

LÓPEZ, Iraida H.. De *Alacrán Azul* a *Apuntes Posmodernos*: exilio, etnicidad y diáspora cubana. **Revista Iberoamericana**, Vol. LXX, N° 207, p. 455-471, abr/jun. 2004a.

\_\_\_\_\_. Exilio y “desexilio” en las revistas culturales cubanas de la diáspora. In: CONGRESO DE LA ASOCIACIÓN INTERNACIONAL DE HISPANISTAS, 14, 2001, Nova Iorque. **Actas...** Newark, Delaware: Juan de la Cuesta Hispanics Monographs, Vol. IV, 2004b. p. 353-359.

MAINGUENEAU, Dominique. **Termos-chave da análise do discurso**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

MALÉ, Belkis Cuza. ¿Censura en “Encuentro”? **Panorama/Nuevo Horizonte**, Fort Worth/Texas, 04 mar. 2007. Disponível em: <<http://belkiscuzamale.blogspot.com/2007/03/hebertopadillaenunodelosalmuerzos.html>>. Acesso em: 25 jan. 2021.

MARTÍNEZ, Manuel Díaz. **Poesía inconclusa**. Havana: Editorial Letras Cubanas, 1985.

\_\_\_\_\_. Yo pensaba que al exilio cubano le sería muy útil un espacio de pensamiento y debate como Encuentro. Entrevista concedida a Vítor Kawakami. **Rialta Magazine**, Querétaro/México, 21 maio 2021. Disponível em: <<https://rialta.org/manuel-diaz-martinez-espacio-pensamiento-como-encuentro/>>. Acesso em: 21 maio 2021.

MATO, Daniel. (Org.). **Estudios Latinoamericanos sobre cultura y transformaciones sociales en tiempos de globalización**. Vols. 1 e 2. Buenos Aires/Caracas: Clacso, 2001.

MESA-LAGO, Carmelo. **Dialéctica de la Revolución Cubana**: del idealismo carismático al pragmatismo institucionalista. Madri: Editorial Playor, 1979.

MIRANDA, José Antonio García. Encuentros, desencuentros. **La Jiribilla**, Havana, N° 50, 2002. Disponível em: <[http://epoca2.lajiribilla.cu/2002/n50\\_abril/1274\\_50.html](http://epoca2.lajiribilla.cu/2002/n50_abril/1274_50.html)>. Acesso em: 19 jul 2017.

MISKULIN, Sílvia Cezar. **Cultura ilhada**. Imprensa e Revolução Cubana (1959-1961). São Paulo: Xamã, 2003. 216 p.

\_\_\_\_\_. **Os intelectuais cubanos e a política cultural da Revolução (1961-1975)**. São Paulo: Alameda, 2009.

MONEGAL, Emir Rodríguez. La CIA y los intelectuales. **Mundo Nuevo**, Paris, N° 14, p. 11-20, ago. 1967.

MORAÑA, Mabel. Revistas culturales y mediación letrada en América Latina. **Outra Travessia**, Florianópolis, N° 40/1, p. 67-73, 2º semestre de 2003. Dossiê Revistas literárias revisitas.

MUDROVICIC, María Eugenia. *Encuentro de la Cultura Cubana: Economía de subvenciones y políticas de lucha en la Pos Guerra Fría*. In: \_\_\_\_\_. **Nombres en litigio**. Las guerras culturales en América Latina: del happening desarrollista a la posguerra fría. Rosario: Beatriz Viterbo Editora, 2010. p. 201-226.

NANCY, Jean-Luc. **La comunidad inoperante**. Tradução Juan Manuel Garrido Wainer. Santiago de Chile: Universidad Arcis, 2000. Disponível em: <[https://monoskop.org/images/9/92/Nancy\\_Jean-Luc\\_La\\_comunidad\\_inoperante.pdf](https://monoskop.org/images/9/92/Nancy_Jean-Luc_La_comunidad_inoperante.pdf)>. Acesso em: 09 abr. 2021.

NUEZ, Iván de la. (Org.). **Cuba y el día después: doce ensayistas nacidos con la Revolución imaginan el futuro**. Barcelona: Mondadori, 2001. 233 p.

\_\_\_\_\_. De la tempestad a la intemperie. Travesías cubanas en el poscomunismo. In: \_\_\_\_\_. (Org.). **Paisajes después del Muro**. Disidencias en el poscomunismo diez años después de la caída del muro de Berlín. Barcelona: Península, 1999a. p. 163-175.

\_\_\_\_\_. 'Encuentro' fue una ilusión transterritorial. Entrevista concedida a Vítor Kawakami. **Rialta Magazine**, Querétaro/México, 28 jun. 2021. Disponível em: <<https://rialta.org/ivan-de-la-nuez-encuentro-ilusion-transterritorial/>>. Acesso em: 28 jun. 2021.

\_\_\_\_\_. **Fantasia roja**. Los intelectuales de izquierdas y la Revolución cubana. Barcelona: Random House Mondadori, 2006a. 144 p.

\_\_\_\_\_. **La balsa perpetua**. Soledad y conexiones de la cultura cubana. Barcelona: Casiopea, 1998.

\_\_\_\_\_. (Org.). **Paisajes después del Muro**. Disidencias en el poscomunismo diez años después de la caída del muro de Berlín. Barcelona: Península, 1999a.

OLMOS, Ana Cecilia. Literatura latino-americana e representatividade cultural - Uma leitura dos ensaios de Héctor Libertella e Jorge Volpi. **Varia Historia**, Belo Horizonte, Vol. 33, Nº 62, p. 345-362, maio/ago 2017.

ORLANDI, Eni. P.. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 2012.

ORTEGA, Julio. **Relato de la utopía**. Notas sobre narrativa cubana de la Revolución. Barcelona: La Gaya Ciencia, 1973. 236 p.

ORTIZ, Fernando. **Contrapunteo cubano del tabaco y el azúcar**. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1987.

OSPINA, Alfredo Laverde. Estudios culturales/crítica literaria: ¿una contradicción insuperable? **Acta Literaria**, Concepción/Chile, Nº 49, p. 159-179, 2º semestre 2014.

OSUNA, Rafael. **Las revistas del 27: Litoral, Verso y Prosa, Carmen, Gallo**. Valencia: Pre-textos, 1993.

\_\_\_\_\_. **Las revistas literarias: un estudio introductorio**. Cádiz: Universidad de Cádiz, 2004.

\_\_\_\_\_. **Tiempo, materia y texto: una reflexión sobre la revista literaria**. Kassel: Edition Reichenberger, 1998.

OVIEDO, José Miguel. **Breve historia del ensayo hispanoamericano**. Madri: Alianza Editorial, 1991.

PADILLA, Heberto. **Fuera del juego** – Edición conmemorativa 1968-1998. Miami: Ediciones Universal, 1998.

PADILLA, Ignacio. **La isla de las tribus perdidas: La incógnita del mar latinoamericano**. Barcelona: Random House Mondadori, 2010.

PADURA, Leonardo. *Las iniciales de la tierra: a favor o en contra*. **Casa de las Américas**, Havana, Año XXVIII, N° 164, p. 154-156, set/out 1987.

PALMER, Margarita Mateo. La literatura latinoamericana y el posmodernismo. In: \_\_\_\_\_. **Ella escribía poscrítica**. Havana: Editorial Letras Cubanas, 2005. p. 11-28.

PALOMO, Juan. La resaca. **ABC Madrid**, Madri, 21 jun. 1996a. ABC literario, La papelera, p. 6.

\_\_\_\_\_. Levantisco otoño. **ABC Madrid**, Madri, 05 jul. 1996b. ABC literario, La papelera, p. 6.

PATIÑO, Roxana. América Latina – Literatura e crítica em revista(s). In: SOUZA, Eneida Maria de; MARQUES, Reinaldo. (Orgs.). **Modernidades alternativas na América Latina**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009. p. 456-470.

PÉREZ-ROLO, Martha et al. El socialismo y el hombre en Cuba: una mirada en los 90. **Temas**, Havana, N° 11, p. 105-119, jul/set 1997.

PÉREZ-STABLE, Marifelli. **Looking Forward: Comparative Perspectives on Cuba's Transition**. Notre Dame, Indiana: University of Notre Dame Press, 2007.

PERRONE-MOISÉS. Paradoxos do nacionalismo literário na América Latina. In: \_\_\_\_\_. **Vira e mexe, nacionalismo**. Paradoxos do nacionalismo literário. São Paulo: Cia. das Letras, 2007. p. 28-49.

POMAR, Jorge A. Hernández Busto sobre las finanzas de la AECC. **El Abicú Liberal**, Colonia/Alemania, 03 jan. 2009. Disponível em: <<http://abiculiberal.blogspot.com/2009/01/herndezbustocontraencuentrocuentas.html>>. Acesso em: 02 maio 2019.

PONTE, Antonio José. **El libro perdido de los origenistas**. México: Aldus, 2002a.

\_\_\_\_\_. Entrevista concedida a Vítor Kawakami em 12 jun. 2021.

\_\_\_\_\_. **La fiesta vigilada**. Barcelona: Anagrama, 2007.

\_\_\_\_\_. **Las comidas profundas**. Angers: Deleatur, 1997.

\_\_\_\_\_. **Un seguidor de Montaigne mira La Habana**. Buenos Aires: Corregidor, 2014.

PONTES, Heloísa. **Destinos mistos**. Os críticos do Grupo Clima em São Paulo (1940-1968). São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

PORTUONDO, José Antonio. En busca de la expresión estética de una “nación para sí”. In: \_\_\_\_\_. **Ensayos de estética y de teoría literaria**. Havana: Editorial Letras Cubanas, 1986. p. 78-82.

PRADO, Maria Ligia Coelho. Uma introdução ao conceito de identidade. **Cadernos de Seminário Cultura e Política nas Américas**, Assis, Vol. 1, p. 66-71, 2009.

PRATES, Thiago Henrique Oliveira. *Encuentro de la Cultura Cubana*: exílio intelectual, identidade cubana e dissidência política. **Temporalidades**, Belo Horizonte, Vol. 6, Nº 1, p. 84-99, jan.-abr. 2014.

\_\_\_\_\_. **"O Mundo Não Acaba no Malecón"**: Exílio, Intelectuais e Dissidência Política nas Revistas *Encuentro de La Cultura Cubana* e *Revista Hispano-cubana* (1996-2002). 2015. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-graduação em História, Fafich – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

\_\_\_\_\_; COELHO NETO, Raphael. Revistas de intelectuais exilados como objeto de pesquisa: o caso de Araucaria de Chile e Encuentro de la Cultura Cubana. **Faces da História**, Assis-SP, Vol.1, Nº1, p. 124-146, jan.-jun., 2014.

PROST, Antoine. Social e cultural indissociavelmente. In: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François. **Para uma história cultural**. Lisboa: Estampa, 1998. p. 123-137.

QUIÑONES, Arcadio Díaz. Caribe y exilio en *La isla que se repite* de Antonio Benítez Rojo. **Orbis Tertius**, La Plata, Vol. 12, Nº 13, 2007. Disponível em: <[https://www.orbistertius.unlp.edu.ar/article/download/OTv12n13d02/pdf\\_132/](https://www.orbistertius.unlp.edu.ar/article/download/OTv12n13d02/pdf_132/)>. Acesso em: 21 fev. 2019.

\_\_\_\_\_. **Sobre los principios**: los intelectuales caribeños y la tradición. Bernal: Universidad Nacional de Quilmes, 2006.

RABELO, Maria Martha Luíza Cintra. **Cultura e política em Cuba sob o prisma da revista “Encuentro de la Cultura Cubana”**. 2006. 175 p. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2006.

RAMA, Ángel. La riesgosa navegación del escritor exiliado. **Nueva Sociedad**, Nº 35, p. 5-15, mar/abril 1978.

\_\_\_\_\_. Literatura y cultura. In: \_\_\_\_\_. **Transculturación narrativa en América Latina**. Buenos Aires: Ediciones El Andariego, 2008. p. 15-65.

\_\_\_\_\_. Política y naturaleza de los exilios latinoamericanos. **escandalar**, Nova Iorque, Nº 4.1, p. 77-80, 1981.

RAMOS, Julio. Límites de la autonomía: periodismo y literatura. In: \_\_\_\_\_. **Desencuentros de la Modernidad en América Latina: literatura y política en el siglo XIX**. México: Fondo de Cultura Económico, 1989. p. 82-111.

RANCIÈRE, Jacques. **Política de la literatura**. Buenos Aires: Libros del Zorzal, 2011.

RESENDE, Beatriz. Territórios culturais e espaços pós-nacionais. **Cultura – Revista de História e Teoria das Ideias**, Lisboa, Vol. 37, p. 63-71, 2018. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/cultura/4866>>. Acesso em: 11 mar. 2021.

RESINA, Joan Ramon. Pós-nacionalismo: a nova palavra da moda? Argumento em defesa das nações na era dos mercados globais. **Revista USP**, São Paulo, Nº 61, p. 174-195, março-maio 2004.

RESUMEN LITERARIO EL PUENTE. Madri: Ediciones La Gota de Agua, 1979-1988. (50 números).

RETAMAR, Roberto Fernández. Entrevista concedida a Idalia Morejón Arnaiz e Irlomar Chiampi. **Cubista Magazine**, Los Angeles, Nº 4, outono 2005. Disponível em: <[https://rialta.org/wp-content/uploads/2021/04/4.4\\_Idalia\\_Entrevista-Retamar.pdf](https://rialta.org/wp-content/uploads/2021/04/4.4_Idalia_Entrevista-Retamar.pdf)>. Acesso em: 6 set. 2016.

\_\_\_\_\_. **Todo Caliban**. San Juan: Ediciones Callejón, 2003.

REYES, Alfonso. Las nuevas artes. In: \_\_\_\_\_. **Obras completas**. Tomo IX. México: Fondo de Cultura Económico, 1959. p. 400-403.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. Tomo III. Campinas: Papirus, 1997.

RIERA, Ignasi (Org.). **Literatura y arte nuevo en Cuba**. Barcelona: Editorial Laia, 1977.

RIVERO, Eliana. **Discursos desde la diáspora**. Cádiz: Editorial Aduana Vieja, 2005.

RIVERO, Raúl. **Provas de contato**. São Paulo: Barcarolla, 2005. 250 p.

ROCCA, Pablo. Por qué, para qué una revista (Sobre su naturaleza y su función en el campo cultural latinoamericano). **Hispanamerica**, College Park/Maryland, Año XXXIII, N° 99, p. 3-19, dez. 2004.

RODENAS, Adriana Méndez. **Cuba en su imagen: Historia e identidad en la literatura cubana**. Madri: Verbum, 2002.

\_\_\_\_\_. Diáspora o identidad: ¿A dónde va la cultura cubana?. **Revista Hispano Cubana**, Madri, N° 8, p. 43-56, out.-dez. 2000.

RODRIGUES, Helenice; KOHLER, Heliane. (Orgs.). **Travessias e cruzamentos culturais: A mobilidade em questão**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.

RODRÍGUEZ, Annabelle. Con 'Encuentro' queríamos dibujar una Cuba sin exclusiones de ningún tipo. Entrevista concedida a Vítor Kawakami. **Rialta Magazine**, Querétaro/México, 28 jun. 2021. Disponível em: <<https://rialta.org/annabelle-rodriguez-encuentro-cuba-sin-exclusiones/>>. Acesso em: 28 jun. 2021.

\_\_\_\_\_. Ensayo de democracia. Entrevista concedida a Yaiza Santos. **Letras Libres**, México/D.F., N° 14, 30 nov. 2002. Disponível em: <<https://letraslibres.com/revista-espana/revistasensayo-de-democracia/>>. Acesso em: 15 nov. 2020.

ROJAS, Rafael. Entrevista concedida a Vítor Kawakami em 07 abr. 2021.

\_\_\_\_\_. Gallery of cuban writing. In: FERNÁNDEZ, Damián J.; CÁMARA, Madeline. (Eds.). **Cuba, the elusive nation: interpretations of national identity**. Gainesville: University Press of Florida, 2000a. p. 240-259.

\_\_\_\_\_. **Isla sin fin: contribución a la crítica del nacionalismo cubano**. Miami: Ediciones Universal, 1998.

\_\_\_\_\_. Jesús Díaz: el intelectual redimido. **Istor**, Año II, N° 10, p. 166-177, 2002a.

\_\_\_\_\_. La campaña contra Cuba Posible y el manual del anticentrismo, 16 jul. 2017a. Disponível em: <<http://www.librosdelcrepusculo.net/search?q=encuentro+de+la+cultura+cubana>>. Acesso em: 16 nov. 2020.

\_\_\_\_\_. La derecha postfidelista y la cruzada contra el "centrismo", 11 jul. 2017b. Disponível em: <<http://www.librosdelcrepusculo.net/search?q=encuentro+de+la+cultura+cubana>>. Acesso em: 16 nov. 2020.

\_\_\_\_\_. **La vanguardia peregrina:** El escritor cubano, la tradición y el exilio. México: Fondo de Cultura Económica, 2013.

\_\_\_\_\_. **Tumbas sin sosiego:** revolución, disidencia y exilio del intelectual cubano. Barcelona: Anagrama, 2006. 510 p.

\_\_\_\_\_. **Un banquete canónico.** México: Fondo de Cultura Económica, 2000b. 168 p.

ROJO, Antonio Benítez. Azúcar/Poder/Literatura. **Cuadernos Hispanoamericanos**, Madri, N° 451/452, p. 195-215, 1988.

\_\_\_\_\_. **La isla que se repite** – El Caribe y la perspectiva posmoderna. Hanover: Ediciones del Norte, 1989.

\_\_\_\_\_. Reflexiones sobre identidad nacional y globalización cultural. In: PLOTKIN, Mariano; LEANDRI, Ricardo G. (Orgs.). **Localismo y globalización** – Aportes para una historia de los intelectuales en Iberoamérica. Madri: Consejo Superior de Investigaciones Científicas – Instituto de Historia, 2000. p. 47-53.

ROJO, José Andrés. La presentación de la revista 'Letras Libres' desencadena la ira de la izquierda radical. **El País**, Madri, 03 dez. 2002. Disponível em: <[https://elpais.com/diario/2002/12/03/cultura/1038870002\\_850215.html](https://elpais.com/diario/2002/12/03/cultura/1038870002_850215.html)>. Acesso em: 13 out. 2017.

ROSSARDI, Orlando. Instituciones y revistas culturales cubanas. In: MORALES, Humberto López. (Org.). **Enciclopedia del español en los Estados Unidos**. Madri: Santillana, 2009. p. 567-592. Anuario del Instituto Cervantes 2008.

ROVIRA, José Carlos. **Ciudad y literatura en América Latina**. Madri: Editorial Síntesis, 2005.

SÁ, Maria Elisa Noronha de. (Org.). **História intelectual latino-americana:** itinerários, debates e perspectivas. Rio de Janeiro: Editora PUC-RIO, 2016.

SAFRAN, William. Diasporas in modern societies: myths of homeland and return. **Diaspora - A Journal of Transnational Studies**, Vol. 1, N° 1, p. 83-99, 1991.

SAID, Edward W. **Cultura e política**. São Paulo: Boitempo, 2003.

\_\_\_\_\_. **Reflexiones sobre el exilio:** Ensayos literarios y culturales. Barcelona: Random House Mondadori, 2005.

\_\_\_\_\_. **Representations of the intellectual:** The 1993 Reith lectures. Nova Iorque: First Vintage Books, 1996.

SALAS, Roger. Una inevitable polémica política marca el encuentro de poetas cubanos en Madrid. **El País**, Madri, 20 nov. 1994. Cultura. Disponível em:



<[https://elpais.com/diario/1994/11/21/cultura/785372401\\_850215.html](https://elpais.com/diario/1994/11/21/cultura/785372401_850215.html)>. Acesso em: 02 out. 2020.

SANTAMARÍA, Enrique. (Ed.). **Retos epistemológicos de las migraciones transnacionales**. Barcelona: Anthropos Editorial, 2008.

SAPIRO, Gisèle. Elementos para uma história do processo de autonomização: o exemplo do campo literário francês. **Tempo Social**, Vol. 16, Nº 1, p. 93-105, 2004.

SARDIÑAS, Osvaldo Rodríguez. Instituciones y revistas culturales cubanas. In: MORALES, Humberto López. (Ed.). **Enciclopedia del Español en los Estados Unidos**. Madri: Instituto Cervantes/Santillana, 2008. p. 567-592.

SARIOL, Jorge. Rumbo a Guadalajara. **La Jiribilla**, Havana, Nº 80, nov. 2002. Disponível em: <[http://www.epoca2.lajiribilla.cu/paraimprimir/nro80/2150\\_80\\_imp.html](http://www.epoca2.lajiribilla.cu/paraimprimir/nro80/2150_80_imp.html)>. Acesso em: 13 out. 2017.

SARIOL, José Prats. 'Encuentro' fue agua fresca para la cultura cubana. Entrevista concedida a Vítor Kawakami. **Rialta Magazine**, Querétaro/México, 03 nov. 2021. Disponível em: <<https://rialta.org/jose-prats-sariol-encuentro-fue-agua-fresca/>>. Acesso em: 03 nov. 2021.

SARLO, Beatriz. Del otro lado del horizonte. **Boletín del Centro de Estudios de Teoría y Crítica Literaria**, Rosario, Nº 9, p. 16-31, 2001a. Dossiê El ensayo de los escritores.

\_\_\_\_\_. Intelectuais. In: \_\_\_\_\_. **Cenas da vida pós-moderna – Intelectuais, arte e vídeo-cultura na Argentina**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997. p. 159-182.

\_\_\_\_\_. Intelectuais: cisão ou mimese? In: \_\_\_\_\_. **Paisagens imaginárias: intelectuais, arte e meios de comunicação**. São Paulo: Edusp, 2005. p. 141-155.

\_\_\_\_\_. Intelectuales. In: \_\_\_\_\_. **Tiempo presente**. Notas sobre el cambio de una cultura. Buenos Aires: Siglo XXI editores, 2001b. p. 195-235.

\_\_\_\_\_. Intelectuales y revistas: razones de una práctica. **América - Cahiers du Criccal**, Press de la Sorbonne Nouvelle, Nº 9-10, p. 9-15, jan. 1992. Número Le discours culturel dans les revues latino-américaines de 1940 à 1970.

SCHWARTZ, Jorge; PATIÑO, Roxana. Introducción. **Revista Iberoamericana**. Pittsburgh, Nº 208-209, p. 647-650, jul.-dez. 2004. Número Revistas literarias/culturales latinoamericanas del siglo XX.

SERRANO, Pío E. Encuentro, un territorio capaz de acoger los disímiles discursos en torno a la cultura cubana. Entrevista concedida a Vítor Kawakami. **Rialta Magazine**, Querétaro/México, 09 maio 2021. Disponível em: <<https://rialta.org/pio-e-serrano-un->

[territorio-virtual-capaz-de-acoger-los-disimiles-discursos-en-torno-a-la-cultura-cubana/>](#). Acesso em: 09 maio 2021.

\_\_\_\_\_. La agonía del pequeño editor. **Cuadernos Hispanoamericanos**, Madri, N° 564, p. 37-41, jun. 1997.

SEVILLANO, Ana Belén Martín. Las revistas culturales como agente transnacional del campo cultural cubano del siglo XXI. **Iberoamericana**, Berlim, Vol. XIII, N° 49, p. 7-24, 2013.

\_\_\_\_\_. **Sociedad civil y arte en Cuba: Cuento y artes plásticas en el cambio de siglo (1980-2000)**. Madri: Editorial Verbum, 2008.

SILVA, María Guadalupe. Antonio José Ponte: el espacio como texto. **Iberoamericana**, Berlim, N° 53, Vol. XIV, p. 69-83, mar. 2014.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (Org.). **Por uma história política**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2003. p. 231-270.

SKIRIUS, John. Este centauro de los géneros. In: \_\_\_\_\_ (Org.). **El ensayo hispanoamericano del siglo XX**. 5ª ed. México: Fondo de Cultura Económica, 2004. p. 9-37.

SOJA, Edward W. **Thirdspace**. Journeys to Los Angeles and other real-and-imagined places. Oxford: Blackwell Publishers, 1996.

SOSNOWSKI, Saúl (Ed.). **La cultura de un siglo**. América Latina en sus revistas. Buenos Aires: Alianza Editorial, 1999.

STAROBINSKI, Jean. É possível definir o ensaio? **Remate de males**, Campinas, Vol. 31, N° 1-2, p. 13-24, jan./dez. 2011.

STEINER, George. **Extraterritorial: a literatura e a revolução da linguagem**. São Paulo: Cia. das Letras, 1990. 183 p.

TEDESCHI, Stefano. La escritura de la ciudad: La Habana en el ensayo cubano. In: CASTILLEJA, Diana; HOUVENAGHEL, Eugenia; VANDEBOSCH, Dagmar (Orgs.). **Ensayo hispánico y sociedad: diálogos de un género en movimiento**. Genebra: Librairie Droz, 2014. p. 79-89.

TÉLLEZ, Hernando. El intelectual y el político. In: \_\_\_\_\_. **Textos no recogidos en libro**. (Tomo II). Bogotá: Instituto Colombiano de Cultura, 1979. p. 585-588. (Colección Autores Nacionales).

TODOROV, Tzvetan. **O homem desenraizado**. Rio de Janeiro: Record, 1999.

VALDÉS, Zoé. Dormir de un solo lado y bajo techo de vidrio. **¡Libertad, verdad y vida!**, Paris, 5 jan. 2012. Disponível em: <<https://zoevaldes.net/2012/01/05/DORMIR-DE-UN-SOLO-LADO-Y-BAJO-TECHO-DE-VIDRIO/>>. Acesso em: 19 nov. 2019.

\_\_\_\_\_. Pero todavía no han dicho quién paga ese diario. **¡Libertad, verdad y vida!**, Paris, 13 jan. 2012. Disponível em: <<https://zoevaldes.net/2012/01/13/PERO-TODAVIA-NO-HAN-DICHO-QUIEN-PAGA-ESE-DIARIO/>>. Acesso em: 19 nov. 2019.

VALCÁRCEL, Javier Lasarte. (Org.). **Territorios intelectuales: Pensamiento y cultura en América Latina**. Caracas: Fondo Editorial La Nave Va, 2001.

VARELA, María Elena Cruz. Reflexiones sobre un ‘Encuentro’. **ABC Madrid**, Madrid, 24 jul. 1996. Tribuna Abierta, p. 38.

VEGA, Lorenzo García. **Los años de Orígenes**. Caracas: Monte Ávila, 1978.

VILLAÇA, Mariana. **Cinema cubano: Revolução e política cultural**. São Paulo: Alameda, 2010.

VIVIESCAS, Víctor. La cuestión latinoamericana como problemática de las historias de la literatura latinoamericana. In: PEÑALOZA, Carmen Elisa Acosta. **Representaciones, identidades y ficciones: lectura crítica de las historias de la literatura latinoamericana**. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia, 2010. p. 31-88.

WEIMER, Tanya N. **La diáspora cubana en México: Terceros espacios y miradas excéntricas**. Nova Iorque: Peter Lang, 2008.

WEINBERG, Liliana. El ensayo: presentación y representación. In: MAÍZ, Claudio. (Ed.). **El ensayo latinoamericano – Revisiones, balances y proyecciones de un género fundacional**. Mendoza: Universidad Nacional de Cuyo, 2010. p. 139-148.

\_\_\_\_\_. **Situación del ensayo**. México: Unam, 2006.

WEINSTEIN, Barbara. Pensando a história fora da nação: a historiografia da América Latina e o viés transnacional. **Revista Eletrônica da ANPHLAC**, Nº 14, p. 13-29, 2013/1.

WILLIAMS, Raymond. **A política e as letras: entrevistas da New Left Review**. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

\_\_\_\_\_. Base e superestrutura na teoria da cultura marxista. In: **Cultura e materialismo**. São Paulo: Editora Unesp, 2011. p. 43-68.

\_\_\_\_\_. **Cultura**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

ZAMBRANO, María. **El exilio como patria**. Barcelona: Anthropos; Morelia/México: Universidad Michoacana de San Nicolás de Hidalgo, 2014.

**Textos consultados em *Encuentro de la Cultura Cubana***

**Parte 1 - corpus**

AGUILERA, Carlos A. El último de los origenistas. **Encuentro de la Cultura Cubana**, Madri, N° 21/22, p. 28-32, 2001. Homenaje a Lorenzo García Vega.

AGUILERA, Carlos A.; ARMAS, Pedro Marqués de. La Zorra y el Erizo - Notas sobre política y lenguaje. **Encuentro de la Cultura Cubana**, Madri, N° 28/29, p. 287-290, 2003.

ALFONSO, Haroldo Dilla. Los socialistas cubanos y el síndrome de la mujer barbuda. **Encuentro de la Cultura Cubana**, Madri, N° 51/52, p. 56-65, 2009. Dossiê Cuba en la nueva geopolítica.

ARCOS, Jorge Luis. Nuevos años de Orígenes. **Encuentro de la Cultura Cubana**, Madri, N° 45/46, p. 226-231, 2007b.

\_\_\_\_\_. Sobre el canon cubano (da capo). **Encuentro de la Cultura Cubana**, Madri, N° 37/38, p. 215-224, 2005.

ARROYO, Jossianna. Tecnologías de la palabra: el secreto y la escritura en José Martí. **Encuentro de la Cultura Cubana**, Madri, N° 30/31, p. 161-173, 2003/2004. Dossiê Nuevas lecturas de Martí.

BATISTA, Víctor. Una proeza poco esclarecedora. **Encuentro de la Cultura Cubana**, Madri, N° 20, p. 248-253, 2001.

BEJEL, Emilio. Cuerpos peligrosos en una nación de héroes. **Encuentro de la Cultura Cubana**, Madri, N° 41/42, p. 76-82, 2006. Dossiê Literatura homoerótica.

BOBES, Velia Cecilia. Democracia e imaginario ciudadano. **Encuentro de la Cultura Cubana**, Madri, N° 32, p. 152-163, 2004. Dossiê Cuba: los retos del futuro.

\_\_\_\_\_. Las amistades peligrosas. **Encuentro de la Cultura Cubana**, Madri, N° 18, p. 65-70, 2000.

BORLAND, Isabel Álvarez. La lengua nómada - Orígenes y la diáspora de los 90. **Encuentro de la Cultura Cubana**, Madri, N° 33, p. 265-274, 2004.

BORRERO, Juan Antonio García. Un posnacional en Hollywood. **Encuentro de la Cultura Cubana**, Madri, N° 45/46, p. 74-83, 2007. León Ichaso En Persona.

BUCKWALTER-ARIAS, James. Discurso origenista y Cuba postsoviética. **Encuentro de la Cultura Cubana**, Madri, N° 36, p. 54-65, 2005.

DÍAZ, Jesús. Otra pelea cubana contra los demonios. **Encuentro de la Cultura Cubana**, Madri, N° 6/7, p. 200-211, 1997a. Especial Cuba a la luz de otras transiciones.

DOMÍNGUEZ, Daylet. Antiintelectualismo y género policial en Cuba. **Encuentro de la Cultura Cubana**, Madri, N° 53/54, p. 205-212, 2009.

DOMÍNGUEZ, Jorge. La cultura: ¿clave de los problemas en las relaciones cubanonorteamericanas? **Encuentro de la Cultura Cubana**, Madri, N° 20, p. 241-247, 2001.

ECHERRI, Vicente. De la plantación a la nación: un viaje de ida y vuelta. **Encuentro de la Cultura Cubana**, Madri, N° 12/13, p. 68-82, 1999.

ECHEVARRÍA, Roberto González. Oye mi son: el canon cubano. **Encuentro de la Cultura Cubana**, Madri, N° 33, p. 05-18, 2004. Homenaje a Roberto González Echevarría.

\_\_\_\_\_. Versiones y perversiones de Alejo Carpentier. **Encuentro de la Cultura Cubana**, Madri, N° 14, p. 65-68, 1999.

FIRMAT, Gustavo Pérez. Cuba sí, Cuba no - Querencias de la literatura cubano/americana. **Encuentro de la Cultura Cubana**, Madri, N° 14, p. 131-137, 1999.

FOWLER, Víctor. De un notario incómodo. **Encuentro de la Cultura Cubana**, Madri, N° 21/22, p. 38-43, 2001. Homenaje a Lorenzo García Vega.

FUENTE, Alejandro de la. La 'raza' y los silencios de la cubanidad. **Encuentro de la Cultura Cubana**, Madri, N° 20, p. 107-118, 2001.

GIL, Lourdes. El doble discurso literario de la extrainsularidad. **Encuentro de la Cultura Cubana**, Madri, N° 14, p. 144-153, 1999.

\_\_\_\_\_. La apropiación de la lejanía. **Encuentro de la Cultura Cubana**, Madri, N° 15, p. 61-69, 1999/2000. Especial Cuba, 170 años de presencia en Estados Unidos.

ICHIKAWA, Emilio. Cuba es la noche. **Encuentro de la Cultura Cubana**, Madri, N° 30/31, p. 197-207, 2003/2004. Dossiê Nuevas lecturas de Martí.

\_\_\_\_\_. Curso y excursión sobre el intelectual cubano. **Encuentro de la Cultura Cubana**, Madri, N° 50, p. 63-71, 2008.

\_\_\_\_\_. En vez de maldecirte - Roberto González Echevarría y el ensayo de la discordia. **Encuentro de la Cultura Cubana**, Madri, N° 34/35, p. 125-130, 2004/2005.

INFANTE, Duanel Díaz. Límites del origenismo. **Encuentro de la Cultura Cubana**, Madri, N° 33, p. 103-111, 2004.

KOZER, José. Martí, una ansiedad. **Encuentro de la Cultura Cubana**, Madri, N° 3, p. 62-65, 1996/1997.

LEÓN, Francisco. La negociación de la transición. **Encuentro de la Cultura Cubana**, Madri, N° 6/7, p. 74-84, 1997. Especial Cuba a la luz de otras transiciones.

LUIS, Julio Rodríguez. De exilios, diásporas e identidades híbridas - A propósito de *Discursos desde la diáspora*, de Eliana Rivero. **Encuentro de la Cultura Cubana**, Madri, N° 41/42, p. 282-290, 2006.

NUEZ, Iván de la. El destierro de Calibán - Diáspora de la cultura cubana de los 90 en Europa. **Encuentro de la Cultura Cubana**, Madri, N° 4/5, p. 137-144, 1997.

\_\_\_\_\_. El hombre nuevo en Berlín. **Encuentro de la Cultura Cubana**, Madri, N° 41/42, p. 33-44, 2006b.

\_\_\_\_\_. Registros de un cuerpo en la intemperie. **Encuentro de la Cultura Cubana**, Madri, N° 12/13, p. 123-135, 1999c.

PATTERSON, Enrique. Cuba: discursos sobre la identidad. **Encuentro de la Cultura Cubana**, Madri, N° 2, p. 49-67, 1996.

PÉREZ-STABLE, Marifeli. A 90 millas. **Encuentro de la Cultura Cubana**, Madri, N° 15, p. 195-202, 1999/2000. Especial Cuba, 170 años de presencia en Estados Unidos.

PONTE, Antonio José. Caja negra de la fiesta - Fragmentos de *La fiesta vigilada*. **Encuentro de la Cultura Cubana**, Madri, N° 40, p. 54-63, 2006.

\_\_\_\_\_. El abrigo de aire. **Encuentro de la Cultura Cubana**, Madri, N° 16/17, p. 45-52, 2000.

\_\_\_\_\_. La ópera y la jaba. **Encuentro de la Cultura Cubana**, Madri, N° 14, p. 14-17, 1999. Homenaje a Virgilio Piñera.

ROJAS, Rafael. Anatomía del entusiasmo - La Revolución como espectáculo de ideas. **Encuentro de la Cultura Cubana**, Madri, N° 45/46, p. 03-15, 2007.

\_\_\_\_\_. Cintio Vitier: poesía e historia. **Encuentro de la Cultura Cubana**, Madri, N° 26/27, p. 197-208, 2002/2003.

\_\_\_\_\_. Diáspora y literatura - Indicios de una ciudadanía postnacional. **Encuentro de la Cultura Cubana**, Madri, N° 12/13, p. 136-146, 1999.

\_\_\_\_\_. El intelectual y la revolución - Contrapunteo cubano del nihilismo y el civismo. **Encuentro de la Cultura Cubana**, Madri, N° 16/17, p. 80-88, 2000c. Dossiê *Encuentro* en LASA 2000.

\_\_\_\_\_. La relectura de la nación. **Encuentro de la Cultura Cubana**, Madri, N° 1, p. 42-51, 1996.

\_\_\_\_\_. Los nudos de la memoria - Cultura, reconciliación y democracia en Cuba. **Encuentro de la Cultura Cubana**, Madri, N° 32, p. 88-101, 2004. Dossiê Cubas: los retos del futuro.

\_\_\_\_\_. Martí en las entrañas del monstruo. **Encuentro de la Cultura Cubana**, Madri, N° 15, p. 34-49, 1999/2000. Especial Cuba, 170 años de presencia en Estados Unidos.

ROJO, Antonio Benítez. La cuestión del negro en tres momentos del nacionalismo literario cubano. **Encuentro de la Cultura Cubana**, Madri, N° 3, p. 78-85, 1996/1997.

\_\_\_\_\_. La cultura cubana hacia el nuevo milenio. **Encuentro de la Cultura Cubana**, Madri, N° 20, p. 75-79, 2001.

SAÍNZ, Enrique. Suite para la espera: la herencia vanguardista. **Encuentro de la Cultura Cubana**, Madri, N° 21/22, p. 33-37, 2001. Homenaje a Lorenzo García Vega.

SALGADO, Cesar A. Las mutaciones del escándalo: *Paradiso* hoy. **Encuentro de la Cultura Cubana**, Madri, N° 4/5, p. 175-178, 1997.

SARIOL, José Prats. De cuando Gastón Baquero se sentaba a caminar con César Vallejo. **Encuentro de la Cultura Cubana**, Madri, N° 47, p. 03-10, 2007/2008.

SERRANO, Pío E. Cinco reflexiones sobre la realidad cubana poscastrista. **Encuentro de la Cultura Cubana**, Madri, N° 6/7, p. 217-221, 1997. Especial Cuba a la luz de otras transiciones.

VÁZQUEZ, Ana Pellicer. Radiografía de un desencanto – Carlos Fuentes y a Revolución Cubana”. **Encuentro de la Cultura Cubana**, Madri, N° 41/42, p. 257-267, 2006.

WEST, Alan. Los paradigmas perdidos: la manigua del significado. **Encuentro de la Cultura Cubana**, Madri, N° 4/5, p. 155-173, 1997.

## **Parte 2 - Outros**

ARAGÓN, Uva de. Palabras por *Encuentro*. **Encuentro de la Cultura Cubana**, Madri, N° 16/17, p. 129-131, 2000.

ARCOS, Jorge Luis. Diez años de *Encuentro* en Cuba. **Encuentro de la cultura cubana**, Madri, N° 40, p. 209-215, 2006. Especial Diez años de *Encuentro*.

BAQUERO, Gastón. La cultura nacional es un lugar de encuentro. **Encuentro de la Cultura Cubana**, Madri, N° 1, p. 4, 1996.

BATISTA, Víctor. Víctor Batista: Retrato de un editor. Entrevista concedida a Jesús Díaz. **Encuentro de la Cultura Cubana**, Madri, N° 28/29, p. 71-82, 2003.

BONALD, José Manuel Caballero. La piel y la máscara. **Encuentro de la Cultura Cubana**, Madri, N° 1, p. 137-138, 1996.

BURGOS, Elizabeth. La carta que nunca te envié. **Encuentro de la Cultura Cubana**, Madri, N° 25, p. 51-61, 2002. Homenaje a Jesús Díaz.

CAMPA, Roman de la. Revista *Areíto*: herejía de una nación improbable. **Encuentro de la cultura cubana**, Madri, N° 40, p. 137-141, 2006. Dossiê Revistas cubanas del exilio – Reinención de un espacio nacional.

CASA DE LAS AMÉRICAS. Con nuestra Gaceta. **Encuentro de la Cultura Cubana**, Madri, N° 4/5, p. 201, 1997.

CASTRO, Raúl. Fragmento del informe del Buró Político, presentado por Raúl Castro, y aprobado en el V Pleno del Comité Central del Partido Comunista de Cuba, celebrado en La Habana el 23 de marzo de 1996. **Encuentro de la Cultura Cubana**, Madri, N° 1, p. 18-24, 1996.

DEBRAY, Régis. Al servicio de una reconciliación. **Encuentro de la cultura cubana**, Madri, N° 40, p. 219, 2006. Especial Diez años de *Encuentro*.

DÍAZ, Jesús. Cinco años de *Encuentro*. **Encuentro de la Cultura Cubana**, Madri, N° 20, p. 3, 2001.

\_\_\_\_\_. De fiesta. **Encuentro de la Cultura Cubana**, Madri, N° 8/9, p. 3-4, 1998b.

\_\_\_\_\_. El fin de otra ilusión. A propósito de la quiebra de *El Caimán Barbudo* y la clausura de *Pensamiento Crítico*. **Encuentro de la Cultura Cubana**, Madri, N° 16/17, p. 106-119, 2000a. Dossiê *Encuentro* en LASA 2000.

\_\_\_\_\_. *Encuentro*, entre la isla y el exilio. Entrevista concedida a François Maspero. **Encuentro de la Cultura Cubana**, Madri, N° 10, p. 101-103, 1998c.

\_\_\_\_\_. Introducción. **Encuentro de la Cultura Cubana**, Madri, N° 18, p. 7-8, 2000b.

\_\_\_\_\_. La clave de un gran universo literario. **Encuentro de la Cultura Cubana**, Madri, N° 12/13, p. 213-214, 1999b.

\_\_\_\_\_. Las responsabilidades de David. **Encuentro de la Cultura Cubana**, Madri, N° 15, p. 5-10, 1999/2000. Dossiê Cuba, 170 años de presencia en Estados Unidos.



\_\_\_\_\_. Respuesta. **Encuentro de la Cultura Cubana**, Madri, N° 18, p. 187-188, 2000c.

\_\_\_\_\_. Un año de *Encuentro*. **Encuentro de la Cultura Cubana**, Madri, N° 4/5, p. 3-5, 1997b.

\_\_\_\_\_. Una delicada bomba de tiempo. **Encuentro de la Cultura Cubana**, Madri, N° 3, p. 132-133, 1996/1997.

\_\_\_\_\_. Un encuentro inevitable. **Encuentro de la Cultura Cubana**, Madri, N° 11, p. 3, 1998/1999.

DÍAZ, Rolando. Mi hermano Jesús: ráfagas de la memoria. **Encuentro de la Cultura Cubana**, Madri, N° 25, p. 75-82, 2002. Homenaje a Jesús Díaz.

DOMÍNGUEZ, Carlos Espinosa. Homosexualismo y literatura. **Encuentro de la Cultura Cubana**, Madri, N° 41/42, p. 74-75, 2006a. Dossiê Literatura Homoerótica.

\_\_\_\_\_. Un proceso activo e imparable. **Encuentro de la Cultura Cubana**, Madri, N° 40, p. 109-116, 2006b. Dossiê Revistas cubanas del exilio – Reinención de un espacio nacional.

ECHEVARRÍA, Roberto González. El puente de Ponte. **Encuentro de la Cultura Cubana**, Madri, N° 44, p. 235-240, 2007.

FERRER, Jorge. Introducción. **Encuentro de la cultura cubana**, Madri, N° 40, p. 106-108, primavera 2006. Dossiê Revistas cubanas del exilio – Reinención de un espacio nacional.

FERRER, Jorge et al. El peso de las huellas. **Encuentro de la cultura cubana**, Madri, N° 40, p. 159-163, 2006. Dossiê Revistas cubanas del exilio – Reinención de un espacio nacional.

FORNET, Ambrosio. Jesús en la memoria. **Encuentro de la Cultura Cubana**, Madri, N° 25, p. 42-50, 2002. Homenaje a Jesús Díaz.

GARCÍA, Miguel Saludes. Encuentros que no lo son. **Encuentro de la Cultura Cubana**, Madri, N° 11, p. 156-158, 1998/1999.

GRUZINSKI, Serge. Híbridos: contradicciones y complejidad. **Encuentro de la cultura cubana**, Madri, N° 40, p. 216-218, 2006. Especial Diez años de *Encuentro*.

HERNÁNDEZ, Rafael. ¿Elefantes en la cristalería? **Encuentro de la Cultura Cubana**, Madri, N° 3, p. 136-140, 1996/1997.

ICHIKAWA, Emilio. Carta a la revista *Encuentro de la Cultura Cubana*. **Encuentro de la Cultura Cubana**, Madri, N° 19, p. 134-136, 2000/2001.

\_\_\_\_\_. Martí y Cuba en Rafael Rojas. **Encuentro de la Cultura Cubana**, Madri, N° 20, p. 339-343, 2001.

ISLA, Wilfredo Cancio. El periodismo en Cuba: otra vuelta de tuerca. **Encuentro de la Cultura Cubana**, Madri, N° 02, p. 31-38, 1996.

MÁRQUEZ, Jesús Silva-Herzog. El encuentro de Jesús Díaz. **Encuentro de la cultura cubana**, Madri, N° 40, p. 206-208, 2006. Especial Diez años de *Encuentro*.

MARTÍNEZ, Ivette Leyva. Revistas literarias: desafiando los rigores del páramo. **Encuentro de la Cultura Cubana**, Madri, N° 18, p. 155-162, 2000.

MEJÍAS, Rolando Sánchez. Carta abierta a los escritores cubanos. **Encuentro de la Cultura Cubana**, Madri, N° 01, p. 90-92, 1996.

\_\_\_\_\_; PÉREZ, Ricardo Alberto. Carta abierta. Ser intelectual en Cuba: ficción (o realidad). **Encuentro de la Cultura Cubana**, Madri, N° 02, p. 95-96, 1996.

MOLINA, Antonio Muñoz. El artista consentido. **Encuentro de la Cultura Cubana**, Madri, N° 33, p. 209-213, 2004.

MORÁN, Francisco. Cuba.com – Escapes, descosidos y reinención del espacio nacional. **Encuentro de la cultura cubana**, Madri, N° 40, p. 152-158, 2006. Dossiê Revistas cubanas del exilio – Reinención de un espacio nacional.

NUEZ, Iván de la. El intelectual, el corazón y la piel. **Encuentro de la Cultura Cubana**, Madri, N° 25, p. 39-41, 2002. Homenaje a Jesús Díaz.

\_\_\_\_\_. “Ensayar es ensanchar” - Iván de la Nuez entrevistado por Antonio José Ponte. Entrevista concedida a Antonio José Ponte. **Encuentro de la Cultura Cubana**, Madri, N° 47, p. 25-35, 2007/2008.

\_\_\_\_\_. Ni Guerra Fría ni Muerte – Cuba y el cambio en los intelectuales de izquierda. **Encuentro de la Cultura Cubana**, Madri, N° 28/29, p. 208-212, 2003. Especial Represión en Cuba.

ORTEGA, Julio. Concurrencias de Jesús Díaz. **Encuentro de la Cultura Cubana**, Madri, N° 25, p. 24-27, 2002. Homenaje a Jesús Díaz.

OTERO, Lisandro. Carta. **Encuentro de la Cultura Cubana**, Madri, N° 18, p. 186, 2000.

PARANAGUÁ, Paulo Antonio. Diálogo y contemporaneidad en el cine de Jesús Díaz. **Encuentro de la Cultura Cubana**, Madri, N° 25, p. 28-33, 2002. Homenaje a Jesús Díaz.

PATTERSON, Enrique. Cuba: la nación a la luz de las transiciones. **Encuentro de la Cultura Cubana**, Madri, N° 6/7, p. 222-236, 1997. Especial Cuba a la luz de otras transiciones.

PÉREZ-STABLE, Marifelli. La Cuba posible. **Encuentro de la Cultura Cubana**, Madri, N° 4/5, p. 188-190, 1997.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Un cierto *modo* de ser brasileño. **Encuentro de la Cultura Cubana**, Madri, N° 48/49, p. 120-131, 2008. Dossiê Brasil.

PONTE, Antonio José. De “Un paréntesis de ruinas”. **Encuentro de la Cultura Cubana**, Madri, N° 37/38, p. 111-125, 2005.

\_\_\_\_\_. Nueve telegramas sobre Rafael Alcides. **Encuentro de la Cultura Cubana**, Madri, N° 36, p. 35-37, 2005. Homenaje a Rafael Alcides.

\_\_\_\_\_. Una reunión de miedo. **Encuentro de la Cultura Cubana**, Madri, N° 43, p. 190-193, 2006/2007. Especial 1961: Palabras de los intelectuales.

PRIETO, Abel. Ser (o no ser) intelectual en Cuba. **Encuentro de la Cultura Cubana**, Madri, N° 01, p. 93-94, 1996.

QUIÑONES, Arcadio Díaz. Navegación riesgosa. **Encuentro de la Cultura Cubana**, Madri, N° 48-49, p. 251-252, 2008.

REDACCIÓN. A nuestros lectores. **Encuentro de la Cultura Cubana**, Madri, N° 24, p. 3, 2002a.

\_\_\_\_\_. Ampliación del Consejo de Redacción de *Encuentro*. **Encuentro de la Cultura Cubana**, Madri, N° 34/35, p. 3-4, 2004/2005.

\_\_\_\_\_. Cambios en el Consejo de Redacción de *Encuentro*. **Encuentro de la Cultura Cubana**, Madri, N° 21/22, p. 5, 2001.

\_\_\_\_\_. Diez años de *Encuentro de la cultura cubana*. **Encuentro de la cultura cubana**, Madri, N° 40, p. 203, 2006a. Especial Diez años de *Encuentro*.

\_\_\_\_\_. Dossier Financiación, totalitarismo y democracia. **Encuentro de la Cultura Cubana**, Madri, N° 28/29, p. 231-262, 2003a.

\_\_\_\_\_. Dossier Represión en Cuba. **Encuentro de la Cultura Cubana**, Madri, N° 28/29, p. 113-212, 2003b.

\_\_\_\_\_. Dossier 1961: Palabras de los intelectuales. **Encuentro de la Cultura Cubana**, Madri, N° 43, p. 146-193, 2006/2007.

\_\_\_\_\_. Editorial. **Encuentro de la cultura cubana**, Madri, N° 41/42, p. 3-4, 2006b.

\_\_\_\_\_. Introducción. **Encuentro de la Cultura Cubana**, Madri, N° 25, p. 3-4, 2002b. Homenaje a Jesús Díaz.

\_\_\_\_\_. Nota de fim da seção “Cartas de los lectores”. **Encuentro de la Cultura Cubana**, Madri, Nº 45/46, p. 301, 2007.

\_\_\_\_\_. Nueva publicación. **Encuentro de la Cultura Cubana**, Madri, Nº 18, p. 3-5, 2000.

\_\_\_\_\_. Presentación. **Encuentro de la Cultura Cubana**, Madri, Nº 1, p. 3, 1996.

\_\_\_\_\_. Un hasta luego. **Encuentro de la Cultura Cubana**, Madri, Nº 53/54, p. 3-4, 2009.

RIVERA, Guillermo Rodríguez. Carta a *Encuentro de la Cultura Cubana*. **Encuentro de la Cultura Cubana**, Madri, Nº 20, p. 254-258, 2001.

RIVERO, Miguel. Correspondencia personal. **Encuentro de la Cultura Cubana**, Madri, Nº 25, p. 85-90, 2002. Homenaje a Jesús Díaz.

RIVERO, Raúl. Contar una revista. **Encuentro de la cultura cubana**, Madri, Nº 40, p. 204-205, 2006. Especial Diez años de *Encuentro*.

ROJAS, Rafael. Bájate de esa nube. **Encuentro de la Cultura Cubana**, Madri, Nº 6/7, p. 241-243, 1997.

\_\_\_\_\_. Un desencuentro superable. **Encuentro de la Cultura Cubana**, Madri, Nº 11, p. 159, 1998/1999.

ROJO, Antonio Benítez. Azúcar/Poder/Texto. **Encuentro de la Cultura Cubana**, Madri, Nº 37/38, p. 94-109, 2005a.

\_\_\_\_\_. Cuba en el jazz. **Encuentro de la Cultura Cubana**, Madri, Nº 15, p. 81-85, 1999/2000. Dossiê Cuba, 170 años de presencia en Estados Unidos.

\_\_\_\_\_. El Caribe y la conexión afroatlántica. **Encuentro de la Cultura Cubana**, Madri, Nº 36, p. 45-53, 2005b.

\_\_\_\_\_. Entrevisto por *Encuentro*. Entrevista concedida à Redação. **Encuentro de la Cultura Cubana**, Madri, Nº 23, p. 9-15, 2001/2002. Homenaje a Antonio Benítez Rojo.

\_\_\_\_\_. Jesús en dos momentos. **Encuentro de la Cultura Cubana**, Madri, Nº 25, p. 96-97, 2002. Homenaje a Jesús Díaz.

\_\_\_\_\_. Música y nación – El rol de la música negra y mulata en la construcción de la nación cubana moderna. **Encuentro de la Cultura Cubana**, Madri, Nº 8/9, p. 43-54, 1998.

\_\_\_\_\_. Notas personales sobre *El peregrino en su patria*. **Encuentro de la Cultura Cubana**, Madri, Nº 33, p. 39-42, 2004. Homenaje a Roberto González Echevarría.

SANTÍ, Enrico Mario. Cuba y los intelectuales: una reflexión necesaria. **Encuentro de la Cultura Cubana**, Madri, N° 3, p. 92-95, 1996/1997.

SERRANO, Pío E. Pío E. Serrano: el pensamiento liberado. Entrevista concedida a Elizabeth Burgos. **Encuentro de la Cultura Cubana**, Madri, N° 45/46, p. 107-117, 2007.

SILVA, José Antonio Solís. Un trazo de *Apuntes Postmodernos*. **Encuentro de la cultura cubana**, Madri, N° 40, p. 117-127, 2006. Dossiê Revistas cubanas del exilio – Reinención de un espacio nacional.

SIMMEN, Andreas. Tras la muerte de Jesús Díaz. **Encuentro de la Cultura Cubana**, Madri, N° 25, p. 65-68, 2002. Homenaje a Jesús Díaz.

SOTELO, Ignacio. La revista 'Encuentro', otra hazaña cubana. **Encuentro de la Cultura Cubana**, Madri, N° 18, p. 169-171, 2000.

VICTORIA, Carlos. Cuentos de una isla que se repite. **Encuentro de la Cultura Cubana**, Madri, N° 23, p. 19-21, 2001/2002. Homenaje a Antonio Benítez Rojo.

WINTER, Juan Duchesne. La ciencia de la Libertad. **Encuentro de la cultura cubana**, Madri, N° 40, p. 220-223, 2006. Especial Diez años de *Encuentro*.

**Parte 3 - Textos consultados em *Encuentro en la red* - diario independiente de asuntos cubanos e em [www.cubaencuentro.com](http://www.cubaencuentro.com)**

ENCUENTRO EN LA RED. Guadalajara: Grupos de cubanos y mexicanos sabotean la presentación de 'Letras Libres'. **Encuentro en la red**, Año III, Edição 509, 05 dez. 2002a. Seção Noticiero. Disponível em: <<http://arch.cubaencuentro.com/cultura/noticiero/2002/12/05/11013.html>>. Acesso em: 13 out. 2017.

ENCUENTRO EN LA RED. Guadalajara: Reacciones ante la agresión a 'Letras Libres' protagonizada por la delegación cubana. **Encuentro en la red**, Año III, Edição 509, 05 dez. 2002b. Seção Noticiero. Disponível em: <<http://arch.cubaencuentro.com/cultura/noticiero/2002/12/05/11032.html>>. Acesso em: 13 out. 2017.

ENCUENTRO EN LA RED. 28 intelectuales exigen garantías para la presentación de la revista 'Encuentro' en la FIL. **Encuentro en la red**, Año III, Edição 509, 05 dez. 2002c. Seção Noticiero. Disponível em: <<http://arch.cubaencuentro.com/cultura/noticiero/2002/12/05/11032.html>>. Acesso em: 13 out. 2017.

MARTÍNEZ, Manuel Díaz. Una revista para la libertad – Los ataques a 'Encuentro' y la polarización de la pugna política cubana, 20 jun. 2006. Disponível em:

<<https://www.cubaencuentro.com/opinion/articulos/una-revista-para-la-libertad-20491>>. Acesso em: 30 nov. 2020.

PONTE, Antonio José. Presentación de la revista 'Encuentro' en la Feria del Libro de Guadalajara. **Encuentro en la red**, Año III, Edição 522, 24 dez. 2002b. Disponível em: <<http://arch.cubaencuentro.com/rawtext/cultura/2002/12/24/11293.html>>. Acesso em: 13 out. 2017.

REDACCIÓN CE. 'Encuentro de la Cultura Cubana' celebró por todo lo alto su décimo aniversario. Madrid: Asociación Encuentro de la Cultura Cubana, 21 ju. 2006. Disponível em: <<https://www.cubaencuentro.com/cultura/noticias/encuentro-de-la-cultura-cubana-celebro-por-todo-lo-alto-su-decimo-aniversario-20635>>. Acesso em: 02 jan. 2020.

RODRÍGUEZ, Annabelle. 'Encuentro' creó un terremoto en Cuba. Entrevista concedida a Redacción CE. Madrid: Asociación Encuentro de la Cultura Cubana, 21 jun. 2006. Disponível em: <<https://www.cubaencuentro.com/entrevistas/articulos/encuentro-creo-un-terremoto-en-cuba-20586>>. Acesso em: 02 jan. 2020.

ROJAS, Rafael. Guadalajara o la ingobernable diversidad de la cultura cubana. **Encuentro en la red**, Año III, Edição 495, 15 nov. 2002b. Disponível em: <<http://arch.cubaencuentro.com/rawtext/cultura/2002/11/15/10747.html>>. Acesso em: 13 out. 2017.

\_\_\_\_\_. ¿Por qué molesta *Encuentro*? **Encuentro en la red**, Nº 175, 3 ago. 2001. Disponível em: <<http://arch.cubaencuentro.com/opinion/2001/08/03/3413.html>>. Acesso em: 3 set. 2016.

\_\_\_\_\_. ¿Qué es la literatura cubana? **Encuentro en la red**, Año III, Edição 522, 24 dez. 2002c. Disponível em: <<http://arch.cubaencuentro.com/rawtext/cultura/2002/12/24/11294.html>>. Acesso em: 15 abr. 2019.

SARIOL, José Prats. Encuentros incruentos. Madrid: Asociación Encuentro de la Cultura Cubana, 22 jun. 2006. Disponível em: <<https://www.cubaencuentro.com/cultura/articulos/encuentros-incruentos-20641>>. Acesso em: 30 nov. 2020.

### Filmes consultados

ALICIA en el pueblo de maravillas. Dirección: Daniel Díaz Torres. La Habana: Instituto Cubano del Arte e Industria Cinematográficos (ICAIC), 1991. 94 min, son., color.

55 hermanos. Direção e roteiro: Jesús Díaz. Música: Sergio Vitier. La Habana: Instituto Cubano del Arte e Industria Cinematográficos (ICAIC), 1978. 77 min, son., color., 16mm.

CHARLANDO con Cervantes: entrevista Jesús Díaz. Nova Iorque: City University Television/Instituto Cervantes, 1998. 28 min., son., color.

CLANDESTINOS. Direção: Fernando Pérez. Roteiro: Jesús Díaz. La Habana: Instituto Cubano del Arte e Industria Cinematográficos (ICAIC), 1987. 90 min, son., color.

CONDUCTA impropia. Direção: Orlando Jiménez-Leal e Néstor Almendros. 1984. 115 min, son., color.

CRÓNICA de la victoria. Direção: Jesús Díaz/ Fernando Pérez. La Habana: Instituto Cubano del Arte e Industria Cinematográficos (ICAIC), 1975. 33 min, son., p/b.

EN TIERRA de Sandino. Direção: Jesús Díaz. La Habana: Instituto Cubano del Arte e Industria Cinematográficos (ICAIC), 1979. 74 min, son., color.

LEJANÍA. Direção e roteiro: Jesús Díaz. Produção: Humberto Hernández. Intérpretes: Verónica Lynn, Jorge Trinchet, Isabel Santos, Beatriz Valdés, Mónica Guffanti, Mauricio Rentería. La Habana: Instituto Cubano del Arte e Industria Cinematográficos (ICAIC), 1985. 90 min, son., color., 35mm.

## Apêndices

A revista revisitada:

ex-diretores e colaboradores refletem sobre *Encuentro* e seu papel para a cultura cubana

### APÊNDICE A - Entrevista com Jorge Luis Arcos

22 de junho de 2019

Autor: Vítor Kawakami

1. En 2006 Encuentro de la Cultura Cubana publicó un interesante texto de su autoría, "Diez años de Encuentro en Cuba" (Nº 40), donde relata el impacto que tuvo la revista entre los gestores de la política cultural oficial, y que llama la atención por el carácter determinante por usted atribuido a las jornadas de poesía La Isla Entera en 1994 (celebrando en Madrid los 50 años de la revista Orígenes) para cambios significativos en la forma como el patrimonio cultural cubano pasaría a ser cuidado en la Isla a partir de la divisa "la cultura cubana es una sola", lanzada por dicha reunión. ¿Cuáles fueron sus impresiones personales cuando leyó por primera vez una revista directamente relacionada con ese encuentro?

Antes de las jornadas La isla entera, hubo dos eventos importantes. El primero, una reunión en Estocolmo de algunos intelectuales que vivían en la isla y otros fuera: Reina María Rodríguez, Miguel Barnet, Pablo Armando Fernández, Antón Arrufat y Senel Paz, de dentro; y Lourdes Gil, Heberto Padilla, José Triana, Jesús Díaz y Manuel Díaz Martínez, de fuera. Puedes revisar la publicación "DE MI ARCHIVO / REUNIÓN DE ESCRITORES CUBANOS EN ESTOCOLMO", de Manuel Díaz Martínez, por ejemplo (<https://diazmartinez.wordpress.com/2010/01/10/de-mi-archivo-reunion-de-escritores-cubanos-en-estocolmo/>). Este encuentro, el primero de su tipo, tuvo un fuerte carácter político, y representó una suerte de exploración mutua y un experimento político cultural por ambas partes. El segundo, fue el coloquio celebrado en La Habana, en 1994, por el cincuentenario de la revista *Orígenes*, en Casa de las Américas. Este importante congreso fue organizado por la Cátedra de Estudios Literarios Iberoamericanos José



Lezama Lima de la Fundación Pablo Milanés, donde yo trabajaba entonces, y que creamos Víctor Fowler y yo (como director de la cátedra por la fundación). Aunque reducido al ámbito de Orígenes, en este congreso se analizó la obra, por ejemplo, de dos importantes miembros de Orígenes, exiliados: Gastón Baquero (quien después sería la figura emblemática de las jornadas de Madrid) y Lorenzo García Vega. Ya antes, en la revista de la fundación, *Proposiciones*, había publicado un texto de Antonio José Ponte sobre Baquero. La ponencia de Ponte sobre Lorenzo fue un momento de tensión y polémica intelectual importantísimo. Fue significativo el texto pero acaso más la discusión después de su lectura en salón plenario, donde se pusieron en evidencias las muchas tensiones acumuladas dentro de la ciudad letrada insular. Meses después fue el encuentro de Madrid, y, a mi regreso, comencé a trabajar en la UNEAC como director de la revista *Unión*, y en el primer número que hice publiqué el texto de Ponte, lo cual me valió algún comentario irónico por el entonces presidente de la UNEAC, Abel Prieto. Precisamente, Prieto, antes de las jornadas La isla entera, había prohibido que los intelectuales cubanos invitados tramitaran sus pasaportes. Fueron días de mucha tensión. Pero sucedieron varias cosas interesantes. Por un lado, él mismo me comentó que Roberto Fernández Retamar lo fue a ver para sugerirle lo conveniente de no prohibir la asistencia de los intelectuales cubanos. Pero sucedió algo más. Como yo trabajaba entonces en la Fundación Pablo Milanés, mis trámites migratorios los había hecho la Fundación y había decidido viajar a Madrid. Tuve una reunión personal con Pablo Milanés y le comenté lo que sucedía... Él, sin vacilar, me dijo que fuera a Madrid, que él se hacía responsable. Él estaba muy contento por la gran repercusión del encuentro en La Habana organizado por la cátedra de la Fundación. Cuando salí de esa reunión me dirigí a la oficina de la Presidencia de la UNEAC y le dije a Abel Prieto que iba a viajar a Madrid. Él se mostró muy preocupado. Me comentó lo de Fernández Retamar, y me preguntó sobre quién apoyaba a Pablo Milanés... Yo le contesté que no sabía, pero que me parecía que era sencillamente una decisión personal suya. Entonces ahí mismo, en ese momento, él tomó la decisión de tramitar los pasaportes de los cubanos invitados. Cuento esto para que se vean las tensiones internas, subterráneas, a pesar de que se esgrimía por ambas partes el lema de que la cultura cubana era una sola (obviamente, desde miradores diferentes). Luego, en Madrid, continuaron las tensiones, pero entre los de afuera. Guillermo Cabrera Infante, por ejemplo, publicó un lamentable

libelo contra Baquero. Algunos no quisieron asistir. La prensa española se hizo eco de esas tensiones. Por cierto, esa época coincidió con una apreciable relectura de Baquero por los poetas jóvenes cubanos dentro de la isla. Y, por supuesto, a partir de entonces se buscó el libro *Los años de Orígenes*, de Lorenzo, con fruición. Bueno, habría muchas anécdotas que contar del encuentro en Madrid, donde fue Heberto Padilla el centro de atención. Todo sucedió en un clima interno de respeto, e importantes reconciliaciones y/o rectificaciones, que alguna vez habrá que contar. A mi regreso a La Habana escribí para *La Gaceta de Cuba* un artículo o crónica titulado "Hacia la isla entera". Se publicó, pero los editores (sic) de *La Gaceta* le agregaron sin mi consentimiento una nota al pie muy obvia y grosera donde informaban del pasado "batistiano" de Baquero. Fue justamente durante las jornadas La Isla entera, donde Jesús Díaz, allí presente, anunció la creación de la revista *Encuentro de la Cultura Cubana*. Creo que todos los que asistimos a Madrid desde la isla fuimos colaboradores de la revista. Yo, al menos, lo fui siempre, mientras dirigía en Cuba la revista *Unión*, algo que terminó con ser muy mal visto por parte de la oficialidad cultural cubana. Hubo incluso una tensión entre las reseñas que se hacían en *Encuentro* sobre las publicaciones cubanas, donde se valorizaba positivamente los textos que publicaba *Unión*, y no tanto algunos que publicaba *La Gaceta*. Pero esto no me toca a mí valorarlo.

En la revista *Unión*, casi desde su inicio, publiqué una sección donde se comentaban los libros de cubanos o sobre Cuba publicados fuera de la isla. En *Unión* Enrique Saíenz y yo mantuvimos el principio de no exclusión. Enrique, por ejemplo, publicó un ensayo sobre Padilla, también publicamos textos de Lorenzo García Vega, en dos ocasiones. Yo comencé la difusión de la obra de José Kozer. Desde un principio, en *Encuentro*, Jesús Díaz comenzó a dedicar cada número a un autor importante, viviera o no dentro de Cuba. No tengo que decir que la revista *Encuentro* se convirtió muy rápidamente en un referente importante para la intelectualidad cubana tanto dentro como fuera de la isla. Y tanto dentro como fuera, hubo tensiones alrededor de la revista. Se ponía en el inicio de la revista los nombres de los colaboradores que se iban sumando a la revista, y fue tal la cantidad de colaboradores de la isla que sólo eso debió preocupar mucho a la oficialidad insular, amén de los contenidos de la publicación, que era obviamente lo más preocupante para ellos.

2. *A través de conversaciones con ex colaboradores de Encuentro, sabemos de las dificultades para la distribución de la revista dentro de la Isla. Partiendo de esa experiencia a la vez privada y colectiva que significa compartir la lectura de una revista prohibida, me gustaría que describiera un poco los modos en que circulaba la revista entre los intelectuales y escritores, cuando usted aún vivía en La Habana.*

Bueno, la revista *Encuentro* se le enviaba a sus colaboradores dentro de la isla a través de la Embajada española. Tanto, primero Carlos Barbáchano, como después Ión de la Riva, y luego Ana Tomé, en su función como agregados culturales, hicieron una ingente labor cultural dentro de la isla, que siempre fue muy mal vista (Carlos y Ana terminaron expulsados). Yo doy fe de esa labor extraordinaria. Pero el síndrome de la sospecha, del enemigo encubierto, etc, era inevitable dentro de una dictadura. Recuerdo una noche en que yo presentaba el poemario *Aquí*, de Roberto Fernández Retamar, en la sala Federico García Lorca, evento organizado por Barbáchano, y que Roberto me comentó, ya sentados en la mesa, antes de que comenzara mi presentación, que la "seguridad" siempre acusaba a Barbáchano de ser un agente foráneo, pero que él sólo conocía de su impecable gestión cultural. Con respecto a *Encuentro*, Carlos Barbáchano era amigo personal de Díaz, por ejemplo. Cuando yo colaboraba en la revista, algo que fue muy frecuente, me enviaban a la Embajada mis ejemplares. Los iba a buscar allí, pero siempre me daban varios, y yo regalaba a mis colegas los ejemplares. Esos seguramente después circulaban de mano en mano. Sucedió lo mismo con los otros colaboradores, que no eran pocos, por cierto, como ya precisé.

3. *¿Usted conoció a Jesús Díaz antes de que él saliera de Cuba en 1991? ¿Cómo veía su producción intelectual, principalmente sus participaciones en publicaciones como El Caimán Barbudo y Pensamiento Crítico en los años 60 e inicios de los 70? ¿Cómo usted entiende Encuentro en cuanto realización dentro del proyecto personal de Díaz?*

No, yo no conocí nunca personalmente a Jesús Díaz en Cuba. Tampoco como lector me interesaba lo que escribía entonces. Fue un fanático, primero, después vino la

conversión. La primera vez que hablé con él fue precisamente en Madrid, cuando se me acercó una noche después que leí un poema muy largo, "Epístola a José Luis Ferrer", con el tema de la diáspora. Ahí me comentó lo de *Encuentro*... Se puso muy contento cuando yo lo ayudé desde La Habana a armar el dossier dedicado a Fina García Marruz. No lo volví a ver nunca más. Luego, en Madrid, conocí muchos detalles, algunos conmovedores, por trágicos, pero honestos, de su conversión. En todo caso, una obra suya, y no la menos importante, fue la revista *Encuentro*. Cuando digitalicé en Madrid toda la revista, pude aquilatar al detalle la importancia de esa obra. Sí me gustó una novela de él, *Las palabras perdidas*. Por edad, no viví como escritor los acontecimientos de la década del sesenta y setenta, pero después, por supuesto, que leí esos textos, y como reconoció el propio Díaz muchas veces en Madrid, él fue entonces un ferviente revolucionario.

*4. Sus primeras colaboraciones con Encuentro datan del período en que usted era director de una de las publicaciones más importantes del oficialismo cultural cubano, la revista Unión, órgano de la UNEAC. También sabemos que Encuentro pronto se convertiría en uno de los objetivos principales de los ataques de ese oficialismo contra las estrategias político-culturales de los intelectuales cubanos disidentes. ¿Qué le llevó a decidir colaborar con la revista aun sabiendo de los riesgos políticos que usted corría?*

Era un problema de principios. Yo pertenecía a una generación en la que nunca me reconocí. Por eso me sentí siempre parte de la llamada generación de los ochenta y noventa. Creo que hubo un interesante corrimiento, o coincidencia (las generaciones siempre terminan por ser relativas), de algunos poetas de mi generación hacia las posteriores (Reina María Rodríguez, Efraín Rodríguez, Ángel Escobar, Soleida Ríos, Ramón Fernández Larrea, etc.). Yo nunca sentí que corriera un riesgo político. Al menos no me lo planteaba así. Me lo planteaba en términos de *límites*, como le dije una vez a Francisco López Sacha. Yo haría la revista *Unión*, mientras colaboraba en *Encuentro*, hasta donde me lo permitieran, o hasta donde mi conciencia lo soportara. Finalmente esos límites llegaron, cuando la expulsión de Ponte. Sencillamente renuncié

a *Unión*, y me fui del país. Claro que eso iba unido a un proceso personal donde cada vez los llamados límites eran sentidos o padecidos como más intolerables. Pero esas experiencias son diferentes en cada persona, cada una tiene su propio tiempo, sus diferentes momentos de cambio.

5. *Después de su ruptura con el régimen cubano y su establecimiento en Madrid en 2004, pronto se integra al Consejo de Redacción de la revista (Nº 34/35). ¿Cómo fue ese proceso? ¿Cuáles eran específicamente sus atribuciones como integrante de ese consejo?*

A pesar de que en Cuba sospechaban de que yo iba a trabajar en *Encuentro*, desde que decidí mi partida hacia España, yo no lo sabía. Podía imaginarme esa proposición, por razones obvias, porque yo era ya un colaborador habitual de la revista, pero no lo sabía. Pero sucedió. Anabel Rodríguez me visitó una noche en mi casa de Madrid y me lo planteó. Yo no dudé, y acepté enseguida ser miembro del Consejo de Redacción. Por entonces todavía era director de la revista Rafael Rojas, con quien siempre había tenido muy buena relación personal e intelectual, y a diferencia de mi escasa relación con Díaz, sí me sentía muy identificado con lo que escribía Rojas. También sucedieron en Cuba, antes de mi partida, algunas cosas que apresuraron mi radicalización. Le congelaron un tiempo el pasaporte a mi esposa, no le daban el permiso de salida. Se me acercaron algunos "colegas" a provocarme. Finalmente, el representante de la seguridad por La UNEAC me citó en mi oficina de la revista un viernes a la tarde (yo partía hacia España el domingo) y allí me dijo que ellos pensaban que yo iba a trabajar en la revista *Encuentro*. Recordé una frase de unos amigos: "absurdo de todo y respuestas neutras", pero no fue tan difícil hacer eso, por lo que ya expliqué antes. Aunque podía ser previsible, yo no lo sabía. Después, en el aeropuerto, sí fueron más groseros. Al menos para mí ese fue el límite que rebasó la copa. Y ya después, en Madrid, consumada mi pertenencia al Consejo de Redacción, y al publicar algunos textos cuando la llamada guerrita de los e-mails, sí me atacaron frontalmente (y *bajamente* para siempre) desde *La Jiribilla*. También trataron de presionar a dos importantes intelectuales españoles, uno de ellos entonces mi director en otra revista española, *La República de las Letras*,

donde trabajaba también como corrector de estilo y pruebas, y asiduo colaborador, para que me dejaran sin trabajo... Pero fue inútil todo.

6. *El período en que usted estuvo al frente de Unión es considerado por muchos intelectuales como una etapa ejemplar de revalorización de esa revista en términos de calidad editorial. ¿Cómo su experiencia de editor le ayudó (o no) en su participación en la revista Encuentro?*

Claro que me ayudó mucho esa labor previa (diez años en *Unión*), que había comenzado antes en la revista *Proposiciones*. Pero no fue nada difícil el cambio. Ya yo había cambiado mucho, además. Había un equipo de realización impecable, ya con Luis Manuel García como jefe de redacción, y con Ponte como director, y un importante consejo de Redacción y otro Editorial. Leer textos y valorarlos no podía ser nada ajeno para mí ¿no? Tampoco buscar colaboradores tanto dentro como fuera de Cuba. Tenía una red de amistades muy grande. Quizás influía en eso mi personalidad, y también por supuesto esa labor anterior que no me toca a mí valorar. Participaba en la confección de los *dossier* a escritores. Escribí mucho entonces, algunos ensayos y muchas reseñas críticas, hice entrevistas, digitalicé toda la revista, en fin, fue un trabajo muy creativo. Hacía lo que más me gustaba, escribir, además de las labores propias de un Consejo de redacción.

7. *Pensando en términos de sintaxis redaccional, ¿qué cambiarías dentro de la forma en que se planificó Encuentro? Entre sus secciones, ¿cuáles le agradaban más y en cuáles habría propuesto cambios o exclusiones?*

Si en *Unión*, a pesar de cierta marca personal inevitable que le conferimos Enrique Saínz y yo, siempre estuve conciente de que *esa* no era mi revista, lo mismo me sucedía en *Encuentro*, donde a diferencia de la otra, no fui director. Así que nunca traté de sugerir cambios. A mí personalmente me gustaban más las secciones literarias, porque eso es lo que yo soy, un escritor. Pero desde que entró Ponte como director, esa parte se enriqueció mucho o, al menos, se orientó más hacia una zona de la literatura cubana con

la que me sentía más identificado. Tanto Jesús Díaz, como después Rojas, tenían cierta inclinación natural hacia las llamadas ciencias sociales. (No sé si se conoce que Díaz en Cuba había sido profesor de marxismo-leninismo). Estas fueron muy importantes y necesarias para la proyección ideológica de *Encuentro*, por el obvio contrapunteo con lo que no se podía publicar en Cuba o con lo que se publicaba incluso, y ayudaron mucho a enriquecer el perfil, los colaboradores, la recepción y la función de la revista. Pero, claro, a mí me interesaba más lo literario. La revista ideal no existe, a no ser que sea una revista de grupo, como *Orígenes* o *Diáspora(s)*... Claro que uno tiene ideas políticas. Pero para mí la literatura es mi reino, el resto es selva... Creo que finalmente la revista *Encuentro* cumplió una función única en la cultura cubana, y por su perfil, extensión, etc., será valorada incluso (como ya lo está siendo) como un importante referente académico incluso dentro de las revistas culturales latinoamericanas. En cierta forma, cada número era un libro. Creo, además, que más allá de las improntas personales de sus directores, e incluyo también a Manuel Díaz Martínez, *Encuentro* terminó siendo una importantísima obra colectiva, gracias, en primer lugar, a su variado perfil (o perfiles), pero también a la calidad de sus colaboradores. La revistas se hacen paradójicamente para el aquí y el ahora, pero también para el futuro, para un lector desconocido. Es una labor amarga muchas veces. Uno dispone sólo de un tiempo limitado y de unos textos concretos también. Pocas veces un número te satisface del todo. Se hace además para diferentes lectores. Creo que Enrique y yo, durante los diez años de *Unión*, hicimos lo que pudimos, en aquel contexto, y con las limitaciones ya comentadas. Siempre supe que tendría un fin (es lo mejor para una revista, por cierto). Hablo de nuestro proyecto de revista, claro, porque después continuó de manera diferente. *Encuentro* también lo tuvo, y muy trágico. Fíjate que al final un grupo significativo de integrantes de la revista renunciamos públicamente a ella y sólo se pudo hacer un número más... (en parte con textos ya previamente recepcionados).

8. *Entre sus participaciones como colaborador, se destacan sus lecturas de poetas como Fina García Marruz, César López, Reina María Rodríguez, Rafael Alcides, José Kozar, Luis Lorente, Ángel Escobar, Raúl Hernández Novás, Isel Rivero, así como publicaciones de algunos poemas de su autoría. Teniendo en cuenta los 54 números de*

*Encuentro publicados, ¿cómo usted analizaría el espacio de la revista dedicado a la poesía?*

Excelente, qué quieres que te diga al respecto... No puedo hablar de mí mismo o sólo hasta cierto punto. Yo hubiera preferido una revista solo de poesía... Pero acaso *Encuentro* era exactamente la revista que se necesitaba, porque llenaba los vacíos, daba voz a quienes no tenían voz dentro de Cuba, o creaba otras voces, en fin, ya te dije, no existe la revista ideal. Pero, aparte de los clásicos, en su última etapa se publicó muy buena poesía, y también buenos textos sobre poesía.

*9. Volviendo a su texto "Diez años de Encuentro en Cuba", en él usted afirma que "Uno de los valores inobjetable de Encuentro es la calidad y profundidad del pensamiento crítico que detentan muchos de sus ensayos". Pensando hoy, a partir de los trece años que duró la publicación de la revista (1996-2009), cómo le parece que funcionó el ensayismo por ella publicado dentro de una propuesta de discutir temas como el del papel del intelectual cubano contemporáneo o el de la identidad cubana a partir de la condición de desterritorialización? ¿Sería el ensayismo su mayor legado?*

Yo creo que sí, más allá de su inobjetable gesto simbólico general, como proteico artefacto cultural. Pero con ser yo mismo un ensayista, aunque literario, a mí siempre el ensayo de proyección ideológica me parece que termina por resentirse un poco por la tensión entre la circunstancia y lo trascendente. Un buen poema, un buen cuento, no envejece nunca, pero un ensayo..., no estoy tan seguro, a no ser que sea alguno de Borges, y eso no es frecuente. Pero sí, el peso mayor de la revista radicó en el ensayo, en el pensamiento crítico.

*10. Todavía reflexionando acerca de esa identidad cubana fragmentada, en su opinión, ¿sería posible afirmar que la revista buscó pensar la conexión entre el patrimonio histórico del espacio natural delimitado por las fronteras del país y la Cuba imaginaria que acepta la idea de una cultura sin país, esparcida por el mundo? ¿Qué se hizo para*



*que la apuesta de la política editorial de la revista no cayera en una idea de reconciliación nacional idílica?*

Creo que son dos extremos, ambos igualmente nefastos, al menos como tú los planteas, dos aporías peligrosas, aunque si tuviera fatalmente que elegir una me quedaría con la última. Creo que *Encuentro* fue eso, un encuentro (pero los encuentros suelen ser provisorios, casi siempre se despeñan hacia su reverso, pero eso está bien..., porque como decía Paul Valery, "las regiones de la más alta serenidad están necesariamente desiertas"), una tensión entre ambos extremos. Quizá ahí radique su función, su efectividad y a la postre su perdurabilidad. Yo prefiero la ambivalencia, la tensión de entrada y salida, lo daimónico simultáneo, el imposible centro como utopía (ese centro roto o dañado, inaudito, sufriente, contradictorio...), a cualquier extremo, a cualquier definición, que suelen, como sabía Lezama, cenizar, congelar... *Ah que tú escapes en el instante en el que ya habías encontrado tu definición mejor...*, escribía el Etrusco de La Habana Vieja... O: "La ínsula distinta en el cosmos o, lo que es lo mismo, la ínsula indistinta en el cosmos", decía en "Razón que sea"... En fin, "esa impulsión alegre hacia lo desconocido", que también añoró Lezama...

*11. Un importante ensayo suyo también publicado en Encuentro (Nº 37/38, 2005) fue "Sobre el canon cubano (da capo)", que retoma una reflexión por usted anteriormente iniciada en otro ensayo publicado en la revista Unión ("Notas sobre el canon. Introducción a un texto infinito sobre el canon cubano", Nº 50, 2003). ¿Cuáles serían los principales aciertos y desaciertos de Encuentro en su papel reivindicado tan incisivamente dentro de esa discusión cultural sobre la formación o revisión canónica?*

No me gusta hablar de aciertos o desaciertos, pero ya retomar esa discusión del canon, siempre polémica, (abierta, o cerrada en su peor versión, o previsible, peor aún), cambiante, es algo bueno para el movimiento del pensamiento. Mi motivación personal e intelectual fue la siguiente. Por un lado mis lecturas de Bloom. Por otro lo cerrado, asfixiante, previsible, del canon tradicional cubano insular, para no hablar de lo contaminado por lo ideológico. Yo fui invitado a un importante evento en la

Universidad de Yale por los cien años de la República, organizado por mi colega y amigo Roberto González Echevarría. No nos dejaron ir esta vez a los invitados cubanos, que eran por cierto numerosos. El mismo personaje, Abel Prieto. Se lo dije personalmente, que no podía aceptar esa censura, que no me iba a callar, y fue lo que hice: escribir. Quise después hacer un evento sobre el canon en Cuba (yo era a la sazón, también, el presidente de la sección de ensayo y crítica de la UNEAC). Me dijeron que sí, pero que no podía invitar a Roberto González Echevarría. Desistí. Eran esos límites que te decía al principio, que llegaron, porque tenían que llegar porque eran parte estructural de un régimen totalitario. Sólo era cuestión de tiempo... Había que escapar de aquello, ya. Por eso retomé el tema en *Encuentro*, junto al propio Echevarría, y textos de Rojas, de Duanel Díaz...

*12. Para finalizar, ¿usted cree sinceramente que veremos la producción cultural del exilio o de la diáspora siendo observada de modo integrado a la producida por el régimen revolucionario o esa división proseguirá marcada ad infinitum en términos historiográficos cubanos y latinoamericanos?*

Esa división cesará, cuándo, no sé, pero cesará. Pero lo que pasó durante ya sesenta años, ya pasó. No es lo más importante, por cierto. Lo verdaderamente importante siempre trasciende esas fronteras provisionarias y previsibles. Creo que frases que tuvieron un sentido, como aquella de que la cultura cubana es una sola, ya ha perdido toda incitación. Ya ahora no creo que el interés pase por ahí. Creo que ya ha llegado el POS inacabable, que hablaba en otro texto, el epílogo de mi libro, a manera de confesión personal, *Desde el légame*. Me siento mejor ahí, en lo desconocido, en el reverso de toda certidumbre, en la intemperie. Ya se habla a nivel continental de lo irrelevante de conceptos como el de la literatura latinoamericana (¿Para qué hablar entonces de la cubana? ¿Para qué sirve eso? Ya se sabe, acaso sólo a los políticos les sirve para algo...). Algo ha cambiado, está cambiando. Ya sólo me interesan las singularidades, sin adjetivos nacionales o regionales, como alguna vez, al principio de todo, muy joven, sentía... Pero aquí me detengo para que no comience a difuminarse mi inmediata realidad con profecías estériles... *Incipit vita nova*, volver a empezar, buscar orígenes nuevos, como decía Lezama en "Mann o el fin de la grandeza"... O también: ese

misterio de las fuentes que nunca se podrá precisar... O Borges, cuando habla sobre la víspera, la *inminencia* de algo que se siente pero que no se revela... Lo monstruoso, por singular, es la única certidumbre. La furiosa y siempre extraña singularidad. Si hay que volver a algo en Cuba será, por ejemplo, al Zequeira de "La ronda", porque es un *algo* que siempre preservará su misterio, su extrañeza, su desconocido...

## **APÊNDICE B - Entrevista com José Prats Sariol**

**15 de novembro de 2020**

**Autor: Vítor Kawakami**

*1. Desde el primer número de Encuentro de la Cultura Cubana usted estaba ya presente como colaborador con la reseña del libro de memorias de Manuel Díaz Martínez, participación que se extenderá con el transcurrir de los años de existencia de la revista, ora con otras reseñas, ora con ensayos, teniendo solo unos pocos intervalos de ausencia en sus páginas (por ejemplo, del N°4/5 al N°12/13; del N°20 al N°28/29; del N°48/49 al N°53/54 final). ¿Podría comentar cómo conoció el proyecto inicial de la publicación de Encuentro y cómo fue la invitación para su participación?*

*Encuentro* fue agua fresca. Estaba de tránsito en Madrid en el verano de 1996, hospedado en el piso de Pío E. Serrano en la calle Eguilaz, cuando se acabó de “cocinar” el proyecto, gracias a las gestiones financieras de Annabelle Rodríguez García, con el PSOE y creo que con fundaciones europeas vinculadas a la Social Democracia; y de Pío E. Serrano con el Partido Popular. Ellas posibilitaron el nacimiento de la Asociación Encuentro de la Cultura Cubana, cuyas primeras gestiones se incubaron en el evento La Isla Entera, a finales de 1994.

La pluralidad de puntos de vista y la defensa de los derechos humanos, priman en la revista que dirigiera Jesús Díaz. Al negar el binarismo –revolucionarios versus contrarrevolucionarios– y la fragmentación, impidió el “desencuentro”, valga el prefijo. Basta un golpe de vista a su primer número, donde aparece un homenaje a Tomás Gutiérrez Alea (Titón), nuestro más importante director de cine, recién muerto en abril de ese año (1996), cuyo entierro despidió el oficialista Alfredo Guevara en el Cementerio de Colón, al doblar del ICAIC en El Vedado.

Jesús Díaz demostró ser un perspicaz disidente, crítico del sistema y de sus dirigentes, según evidencia, por ejemplo, en su polémica con Armando Hart. El valor de *Encuentro*, por lo menos mientras duró su curva de apogeo, hasta la repentina muerte de Jesús, estuvo en darnos un sitio para publicar. También en obligar al régimen a abrirse

un poco, suavizar la censura, quizás bajo la premisa de que nuestra influencia no era decisiva, no iba a precipitar cambio alguno.

*Encuentro* contó hasta su tercer número con Pío E. Serrano (Director Adjunto) y Felipe Lázaro (Secretario), dueños respectivamente de las editoriales Verbum y Betania. Sus experiencias laborales y relaciones favorecieron la nómina de colaboradores y la divulgación; además de la calidad tipográfica y de diseño. Ese fue el grupo inicial, hasta las desavenencias que provocan la salida de Pío E. Serrano y de Felipe Lázaro.

Alejada del llamado exilio duro, lo que favorecía nuestras colaboraciones desde Cuba, la Asociación Encuentro es hija del espíritu que fragua el evento madrileño La Isla Entera, iniciado el lunes 21 de noviembre de 1994 con la participación de los que no hemos dejado que políticas y políticos –de cualquier etiqueta– hipotequen nuestros juicios estéticos y artísticos.

Los enemigos de aquella fraternal reunión estuvieron dentro de los sectores más “conservadores” –soy benévolo en el calificativo– de los dos extremos: Abel Prieto (Entonces presidente de la UNEAC) mandó a mi casa –y a las de otros invitados– a sus amanuenses F. López Sacha y Marilyn Bobes para que renunciáramos a ir. Del otro lado, Gastón Baquero polemizó con los intelectuales que desde Miami –desde *El Nuevo Herald*– consideraron que participar era hacerle el juego a la dictadura.

El régimen autorizó al fin –la mañana del sábado 19 de noviembre– que pudiéramos viajar –esa misma tarde– gracias a su sector menos troglodita. Respondía el gobierno cubano al reclamo del ministro español de Exteriores, Javier Solana, que se interesó personalmente en que los escritores cubanos de la isla acudiéramos al encuentro. Desde luego, también respondía a la feroz necesidad de recursos. Deseaba ofrecer una imagen aperturista, acorde con los derrumbes del socialismo real en Europa, que posibilitara inversiones. Y, como siempre, estaba necesitado de que las remesas de los cubanos aumentaran, de ahí que organizara en La Habana la conferencia “La nación y la emigración”. No le convenía contradecirse de un modo tan burdo.

Volamos a Madrid en Iberia y la semana sobre poesía cubana, emblemáticamente titulada La Isla Entera, resonó en Casa de América, en las conferencias que dictamos en la universidad Complutense, en etílicos cafés cercanos a la Residencia de Estudiantes; como una inolvidable noche con Heberto Padilla y el canario J. J. Armas Marcelo,

empeñados en que un travesti visitara a César López en su recámara, famosa porque en ella había vivido Salvador Dalí.

Terminamos sin estar de acuerdo en algunos asuntos, por lo que nunca nos aburrimos. Hubo consenso en que el virus político entorpecía, lastraba, hipotecaba... Actuamos como cualquier élite literaria –sea en Brasil, Japón o Cuba– en lo que respecta a no tomarnos demasiado en serio, hablar mal de los ausentes y burlarnos de los gobernantes de turno. En España era Felipe González, que había bailado con la vedette Juana Bacallao en el Cabaret Tropicana, ante los aplausos de Fidel Castro.

La revista se opuso a cualquier sectarismo –políticos, sexuales, raciales, generacionales y hasta provinciales– como ajeno a la búsqueda de una nación armónica, por lo menos sin tensiones irreconciliables. Cierta epicureísmo, más fuerte que las inclinaciones ideológicas, me ayudó a identificarme con sus propósitos.

En su primer número Gastón Baquero deslinda la inclinación filosófica: “La cultura nacional es un lugar de encuentro”. En esa breve nota-pórtico está la clave. Por supuesto que aún hoy, en 2020, comparto el ideario que allí enuncia el poeta que junto a Virgilio Piñera, Fina García Marruz, Eliseo Diego y Cintio Vitier, forma el centro irradiante de la Galaxia Lezama, una de sus seis estrellas. Aunque tal *encuentro* sea una esperanza, como argumento en el ensayo “Lo cubano como ensoñación” (Cf. *Otro Lunes*, No. 51, junio 2019, año 13).

*1.1 ¿Sus colaboraciones ocurrieron siempre a partir de invitaciones de los directores de la revista o en alguna ocasión usted los buscó para publicar un texto suyo?*

Estábamos entre amigos de la misma generación, aunque yo participaba desde mi casa en Santos Suárez, al sur de La Habana. Lo que añadía un detalle por lo menos arriesgado. Me pedían o enviaba. Nunca me rechazaron ningún texto. Ni me preguntaron por qué no quería escribir sobre determinado autor o libro. El primero lo escribí y se lo di a Jesús en Madrid. Regresé a Cuba con los ejemplares del número inaugural, los primeros que entraron al país. Y con el dinero para pagar las primeras colaboraciones, trabajo que compartí con una amiga, cuyo nombre debe revelar ella, porque reside en Cuba y las represiones no han cesado.

2. Una información de difícil acceso para los investigadores que como yo no han tenido la oportunidad de visitar Cuba se refiere a la circulación de las entregas de *Encuentro por la Isla*. Eliseo Alberto, en la muy buena reseña “Desde las penas de la joven Lila” (Nº 34/35) dedicada a comentar su novela publicada en México (2004), afirma que “Lo prohibido siempre encanta”, y que “La buena literatura del exilio corre en la Isla de mano en mano, por canales secretos, y esa circulación le otorga una energía inesperada”. Además de esta distribución de ejemplares de “mano en mano” que probablemente ingresaron a través de personas que viajaron al extranjero o de visitantes extranjeros, ¿hubo otras personas, algunas instituciones u organizaciones que facilitaron esta circulación?

Por supuesto, aunque hubo decomisos en el aeropuerto José Martí de La Habana, como a un profesor de Poitiers. Pero en general se lograba que entraran. Se debe agradecer a las embajadas de España (principalmente), Holanda, Venezuela y alguna otra, a algunos consejeros culturales (en especial a los españoles Ión de la Riva y Carlos Barbáchano) y a algunos corresponsales extranjeros. Siempre hay “algunos” que rompen los muros, como ocurrió en la Unión Soviética y ocurre en la China actual.

*Encuentro* –en Guanabacoa o Manzanillo o donde fuera– nunca se llevaba a la vista, como *Tres tristes tigres* de Cabrera Infante, sino envuelta en un periódico *Granma* o dentro de una jabita como la que usó Virgilio Piñera, propia de viandas, vegetales y pomitos ambarinos para café.

Para el Departamento de Orientación Revolucionaria (DOR) del Comité Central del Partido Comunista de Cuba, *Encuentro* era “propaganda enemiga”. Las instituciones culturales reprimían en consecuencia, nos estampaban el membrete de opositores, cuando no de vendidos o mercenarios. Claro, los dirigentes de las instituciones, solapadamente, no se perdían un número. Había, hay, una complicidad bajo cuerda entre intelectuales no fanáticos, no extremistas; aderezados por el sol del Caribe, capaz de derretir, según Lezama Lima, los tres tomos de *El capital* de Marx si se exponen a las dos de la tarde en la Plaza de la Revolución.

*2.1 Entre los lectores de la revista residentes en la Isla cercanos a usted, ¿sería posible reconocer esta “energía inesperada” sugerida por Eliseo Alberto?*

En el dossier de Gastón Baquero que se conserva en la Cuban Heritage Collection de la Universidad de Miami, hay una carta de Roberto Fernández Retamar donde le manifiesta su renovada admiración y le pide colaboraciones para la revista *Casa*. De Retamar para abajo y para los costados de los intelectuales-burócratas, siempre podemos hallar goticas de esa “energía inesperada”. Y me parece bien que así sea. No sólo actuó de ese modo por oportunismo, creo que él y ciertos “oficialistas” de ahora mismo, disfrutaban temblorosamente las herejías.

Pero Lichi Diego más bien se reconoce en nosotros. Porque ese tipo de “energía” es más propia de intelectuales “sin mandato”, lectores de Canetti, Camus, Cioran..., asqueados de las estructuras piramidales de poder, tan represivas en regímenes como el castro-comunismo, por mucho que la geopolítica caribeña –*La isla que se repite*– matice, lime los bordes.

*2.1 ¿Tiene algún relato interesante sobre su acceso a los ejemplares de la revista que pueda ilustrar esta dificultad para leerla antes de que usted saliera de la Isla?*

Sé de un conocido bibliomaniaco –más que bibliófilo– al que mi difunto amigo José Catalán le prestó dos números, y alegó que se los habían robado en una guagua rumbo a su apartamento de Buena Vista, porque estaba ligeramente aguardientado. La víctima, conocedor del sujeto, sólo le exigió que en una semana se los devolviera o con el mismo aguardiente le quemaba la biblioteca con él adentro. Con los ejemplares de *Encuentro* no se jugaba.

*3. Todavía refiriéndome a la reseña de Eliseo Alberto, en ella le menciona a usted, junto a Enrique Saíñz y Jorge Luis Arcos, como intelectuales que actuaron de forma marginal a “las tribunas más apetitosas de la nomenclatura” oficial. Sabemos que ustedes fueron importantes colaboradores de Encuentro de la Cultura Cubana desde el interior de la Isla, al lado de otros nombres como Raúl Rivero, Lina de Feria, Antonio*



*José Ponte, Rafael Alcides, César López, Josefina de Diego, Rolando Sánchez Mejías, Efraín Rodríguez Santana, Reina María Rodríguez, Emilio Ichikawa, Pedro Juan Gutiérrez, Abilio Estévez, entre otros, y con diferentes grados de afiliación al proyecto iniciado en el exilio por Jesús Díaz. En diferentes momentos de los textos de su autoría en las páginas de la revista, podemos encontrar menciones críticas a la falta de “unidad en la diversidad” o de “ecumenicidad” en la cultura cubana (“Epístola moral a sí mismo”, N° 14); también elogios a la postura de Gastón Baquero por su “filiación pluralista, libre de sectarismos anquilosantes” (“De cuando Gastón Baquero se sentaba a caminar con César Vallejo”, N° 47); o incluso una referencia a la censura por parte de las autoridades oficiales por no permitir la publicación del libro *Los dientes del dragón* (1999) de Alberto Garrandés, en el Instituto Cubano del Libro, por causa de la programada lectura de su texto “Garrandés y el dragón” (publicado más tarde en el N° 16/17 de *Encuentro*). Antonio José Ponte, solo para citar un ejemplo, en el libro *La fiesta vigilada* (2007) relata las tensiones sufridas como escritor junto a la UNEAC por ser colaborador de *Encuentro*. ¿Usted también sufrió algún tipo de advertencia o amenaza por sus ensayos y reseñas publicados en la revista?*

Por supuesto que tuvieron la “generosidad” de advertirme, aconsejarme por “cariño”, para que no me fuera a equivocar por ingenuo o desconocedor. Lo hacían con inteligencia, sutilezas... Recuerdo cómo Lisandro Otero, en 1997, cenando en un restaurante de la Zona Rosa en Ciudad de México, se dedicó a burlarse del ego de Jesús Díaz. Y cómo Graziela Pogolotti –autoproclamada dinosauria, pero también muy influyente comisaria política– contrapuso la revista *Unión* a *Encuentro*, echándole la culpa al “imperialismo yanqui” de la división, de la escasez de fondos, de la necesidad de censurar, reprimir, porque Cuba era una islita ante el tiburón...

Entre los exiliados tampoco *Encuentro* estuvo exenta de críticos. En el enrarecido ambiente en que respira la intelectualidad cubana, suelen surgir fanáticos, gente gustosa de negar el arcoíris, casi siempre ignorantes o resentidos. Las dictaduras alimentan curiosas formas de paranoia.

*3.1 ¿De qué modo la revista efectuaba los pagos a los residentes de la Isla por estas colaboraciones?*

Por mi casa pasaron muchos escritores a cobrar la colaboración y firmar la lista del recibo. *Encuentro*, como *Cuadernos Hispanoamericanos* o *Vuelta*, pagaba modestamente los textos que publicaba. Aunque ese acto normal suscitara que los asalariados de la dictadura nos llamaran “mercenarios”.

En este aspecto del pago, que yo sepa, nunca se comprometió a diplomáticos, aunque sí a visitantes extranjeros. Toca a ellos decirlo. Prefiero la discreción, mientras Cuba siga bajo la represiva élite militar y sus cuerpos de inteligencia y contrainteligencia.

*3.2 ¿Cómo le fue a usted posible, y en qué medida tolerable por parte del oficialismo, conciliar las colaboraciones con Encuentro con sus funciones como profesor en la Universidad de La Habana, y, para no salirnos de los colaboradores cercanos a usted, también casos como los de Enrique Saíenz o de Jorge Luis Arcos, respectivamente editor y director de la revista Unión?*

Nunca pude ser profesor de la Universidad de La Habana. Ejercí la docencia en la Escuela Nacional de Arte y otros centros educativos del Ministerio de Cultura. Es en México y aquí en los Estados Unidos donde he podido ser profesor universitario.

Tengo el orgullo de no haber militado ni en la Unión de Jóvenes Comunistas ni en el Partido Comunista; de nunca haber sido confiable para el régimen, mucho menos para lo que aún llaman “formación de las nuevas generaciones”, aunque ellos mismos sepan que Internet ha logrado romper las urnas de bagazo de caña. Me tenían como una suerte de “disidente oficial”, producto de exportación. Se me permitía jugar con la cadena, pero no con el mono, según la tan repetida frase. Además, permanecía en el país, era una “muestra” de la “libertad de expresión” y de la “libertad de movimiento”. La hipocresía del acuerdo tácito nos embarraba.

Heberto Padilla afirmaba que mientras uno estuviera dentro del país era cómplice, en alguna medida, del régimen. Cada uno tiene su “medida”, muchos hasta con su almohada... En mi última década dentro de Cuba, hasta octubre de 2003, me obligaron a renunciar al trabajo docente porque cada vez manifestaba más las animadversiones al castro-comunismo, mientras sobrevivía gracias a mis conferencias y publicaciones en el extranjero.

4. Al leer sus textos en las páginas de la revista, es posible identificar algunas reflexiones puntuales sobre el ensayo como género literario que ayudan a pensar sus fronteras más convencionales. Por ejemplo, en el anteriormente mencionado “Garrandés y el dragón” (Nº 16/17) usted señala como valor para el ensayo el hecho de que el “aparato conceptual” no cubra el texto; en el ensayo “Ortega y Gasset en la Revista Cubana de Filosofía” (Nº 19) usted se refiere a los textos analizados indiscriminadamente como ensayos o conferencias, de esa forma llamando la atención sobre cierta flexibilidad entre sus destinos como textos para ser leídos o escuchados; en el ensayo “En el barrio de Reina María”, escrito en homenaje a Reina María Rodríguez para el dossier publicado en la entrega Nº 30/31, usted menciona su aprecio personal por cierto “boceto de opinión”, reclamando a su propio texto el “sentido que le otorgaba Montaigne” y no “el depredado por la crítica literaria de currículos”. Curiosamente, estas ideas podrían contrastar con un estilo de producción de artículos más académico, la mayor parte del tiempo encerrado en formalismos o hermenéuticas poco o casi nada maleables. Como ex profesor y ex investigador académico y pensando en la producción de sus ensayos a lo largo de su vida, ¿cómo trató de lidiar con la distinción entre artículo académico y ensayo literario?

Nunca los he distinguido. Las separaciones sólo son en última instancia estilísticas, porque considero que el ensayo –y la crítica como forma de ensayo– es ante todo un género literario. El primer atractivo tiene que ser su escritura, no su extensión o formato, Pero me molesta que se tome el término “académico” como sinónimo de aburrido o grisáceo. Falso. Nada que ver. El desprecio es a lo anodino, que puede cometerlo un periodista de un semanario cultural; a la trivialidad, que puede perpetrar el más romántico de los autodidactas; no a las universidades, aunque dentro de ellas y en sus revistas aparezcan textos espantosos, plagios encubiertos, tonterías semióticas y mucho esnobismo donde se extrapola de las ciencias la idea de progreso, de que un estudio sobre Góngora de este año “supera” (sic) los estudios de Dámaso Alonso, por el simple hecho de que son nuevos. La *novolatría* –como tantas imbecilidades– es infinita.

*4.1 Hablando en general y pensando en lo que quiere decir con su lectura de la entrega en 1956 de la Revista Cubana de Filosofía dedicada a Ortega y Gasset, cuando enfatiza la "lógica de la diversidad de niveles" de calidad entre los ensayos allí publicados, quisiera que comentara algo sobre la producción ensayística cubana publicada por Encuentro en términos de legitimación discursiva: ¿usted cree que la revista supo cuidar de una ecuanimidad valorativa frente al pluralismo democrático pretendido o estuvo más preocupada con una jerarquización que privilegiara el discurso de origen académico?*

Fui discípulo de El Curso Delfico que impartía Lezama en su casa de la calle Trocadero desde mis 17 años, hasta su muerte en 1976. Me acerqué a Husserl y el instrumental de la fenomenología. Estudié la Escuela germano-hispana y me afilié a la Escuela de Ginebra, que jerarquiza al autor. Proceso que aderecé con mis lecturas de Harold Bloom, de sus ensayos sobre Shakespeare y la poesía de habla inglesa; los rechazos al multiculturalismo y otros gérmenes populistas infiltrados en la estética, la teoría literaria y la crítica.

Montaigne no tuvo que padecer la plaga de demagogos, pudo darle una probadita –eso significa ensayo– a cualquier tema, sin que la extensión y el formato determinaran la calidad. Apenas cambia el ropaje, como las notas al pie, al final o de vacaciones.

*5. Ha pasado más de una década desde que terminó la publicación impresa de la revista Encuentro de la Cultura Cubana, lo que nos permite ubicarla con mayor precisión en la historia hemerográfica cubana. ¿Con qué afiliación de publicaciones de revistas culturales la identificaría?*

La polémica en la revista *Bohemia* (Octubre. 1949), entre Jorge Mañach –defendiendo la revista de *Avance*– y José Lezama Lima –defendiendo la revista *Orígenes*– (Cf. “Significación de la revista *Orígenes* en la cultura cubana contemporánea”, en *Lezama Lima o el azar concurrente*, Ed. Casa Vacía, Richmond, 2017, p. 83 y ss.), muestra que ninguna publicación se salva de la pertinaz nube de mediocres. De textos –sobre todo poemas, entrevistas y reseñas– francamente deplorables. *Encuentro* no fue una

excepción, aunque parece que apenas se mostró propensa a que los textos de académicos triviales u oscuros, y de “amistades peligrosas”, la empantanaran. La misma diversidad de los temas que trató, impide compararla con las más ceñidas a lo artístico-literario.

La valoración resalta, en general, su tendencia aperturista. Aunque es algo imposible de lograr a plenitud en una nación polarizada por una dictadura de corte comunista.

*Encuentro* es inexcusable en la cultura cubana contemporánea, a diferencia de la mayoría de las publicaciones coetáneas, tanto del insilio como del exilio. Demostró su relevancia intelectual gracias a fraguarse en un sitio casi libre de presiones exógenas (Madrid) y a una inclinación político-filosófica abierta al diálogo crítico.

Mis felicitaciones a Vitor Kawakami por iniciar con esmero y equilibrio, bajo la perspicaz tutoría de Idalia Morejón Arnaiz, un estudio inexcusable.

## APÊNDICE C - Entrevista com Pío E. Serrano

26 de março de 2021

Autor: Vítor Kawakami

*1. Con Jesús Díaz y Annabelle Rodríguez usted estuvo a cargo del proyecto inicial de Encuentro de la Cultura Cubana, siendo incluso el responsable de presentarlos el uno al otro durante el encuentro poético La Isla Entera, ocurrido en Madrid en noviembre de 1994. También fue usted quien facilitó el acercamiento de Gastón Baquero a la publicación durante los primeros números, lo que le permitió convertirse en su padrino intelectual, hecho muy valorado por la revista. Además, como Director Adjunto, usted aportó toda su experiencia editorial a los tres primeros números de Encuentro, incidiendo directamente en temas como formato y tipografía, entre otros. ¿Cuáles fueron las ideas iniciales de Jesús Díaz que motivaron su identificación con el proyecto?*

Sin que fuéramos propiamente amigos, traté a Jesús Díaz desde los años habaneros en los que coincidimos en el suplemento literario *El Caimán Barbudo*, que él fundara y dirigiera, y en el Departamento de Filosofía de la Universidad de La Habana, donde ambos éramos profesores, y había leído con gusto su novela-testimonio *Las iniciales de la tierra* (1987), así como *Las palabras perdidas* (1992), en las cuales asomaban indicios de un cierto desencanto. Jesús me llamó desde Berlín, donde había encontrado refugio político, para adelantarme que deseaba encontrarse conmigo en Madrid para conversar sobre un proyecto que tenía en mente. Convinimos en vernos en Madrid, donde, precisamente, se estaba desarrollando el encuentro literario *La Isla Entera*, al que invité como oyente y donde le presenté a Annabelle Rodríguez. Desde su llegada a Madrid comenzamos a conversar sobre su idea de fundar una revista cultural cubana que, más allá del debate entre las distintas posiciones irreconciliables de los intelectuales cubanos de ‘dentro’ y de ‘fuera’, se abriese un espacio de diálogo respetuoso entre ambas tendencias. En resumen, la idea concebía ese espacio, la revista, quizá ilusoriamente, como un territorio virtual capaz de acoger los disímiles discursos

en torno a la cultura cubana -fueran de autores cubanos o de extranjeros invitados- y favorecer así un razonable encuentro de ideas.

El proyecto de Jesús me pareció razonable y durante muchas noches caminábamos, insomnes, las madrileñas calles de Chamberí, mientras trazábamos las líneas maestras del proyecto, y al otro día continuábamos en mi despacho. A estos encuentros se unieron Elizabeth Burgos y Annabelle, quien, por su entusiasmo y capacidad de gestión, habría de ser uno de los factores decisivos en la consolidación del proyecto.

Coincidían aquellas ideas primeras con la postura que yo había asumido desde mi salida al exilio en 1974. A diferencia de otros cubanos del exilio, yo siempre me había mostrado renuente a considerar enemigos a los escritores que permanecían en la Isla, incluso si simpatizaban con el Gobierno, y únicamente excluía a los *apparátchik*, funcionarios profesionales de la gestión cultural del régimen. De hecho, desde la fundación de la editorial Verbum (1990), mi despacho se convirtió en una suerte de alternativo ‘consulado’ cubano, donde recibía la visita de numerosos escritores cubanos, de paso por Madrid y residentes en la Isla. Así, había alentado, junto a Annabelle Rodríguez, entonces funcionaria del ministerio español de Exteriores, el mencionado encuentro *La Isla Entera* que, de alguna manera, respondía a mis convicciones.

*1.1 ¿Por qué la asociación entre ustedes para la ejecución de estas ideas duró tan poco?*

Primero, un poco de precisión histórica. El número inicial de la revista *Encuentro de la cultura cubana* se presentó en Madrid el 25 de junio de 1996, en la Fundación Ortega y Gasset. Nos acompañaban a Jesús y a mí dos diputados españoles, Guillermo Gortázar por el Partido Popular y Luis Yáñez por el Partido Socialista. Poco antes se había constituido la Asociación Encuentro de la Cultura Cubana que habría de conferir el instrumento legal que permitiría a la revista solicitar la ayuda económica necesaria para la publicación de la revista y para el espacio digital *cubaencuentro.com* (2000). Como curiosidad documental, adjunto el texto con el que presenté aquella noche:

#### **Palabras para presentar la revista**

#### **ENCUENTRO DE LA CULTURA CUBANA**

Pío E. Serrano

Fundación Ortega, Madrid, 25 de junio de 1996

Hace 40 años, con la aquiescencia prácticamente mayoritaria de la población, producto del entusiasmo circunstancial y de las frustraciones acumuladas, la Nación cedió su palabra a una Voz. Esa Voz anunciaba un futuro inmediato de felicidad y abundancia, de libertad y democracia. Implícitamente se trataba de una cesión provisional, hasta tanto la sociedad civil se reconstruyese. Sin embargo, de manera progresiva los atributos de la Patria, de la Nación, del Estado, de la Sociedad nos fueron expropiados, para ser absorbidos y confundidos con los de la Voz. El diálogo armonioso, la polémica razonada, la discrepancia con tolerancia fueron sustituidos por un largo monólogo con el que la Voz sepultaba la presencia del Otro.

El monólogo excluyente silenció a las distintas corrientes políticas existentes, a los sindicatos, a los intelectuales, a los profesionales, a la prensa libre, a la religión; silenció a los disidentes, a los homosexuales, a los negros... La Voz, su monólogo inagotable, suplantaba la palabra de la Nación por estructuras ortopédicas que emanaban de su infatigable retórica, cada vez más autoritaria, al final, totalitaria. El discurso monocorde del Poder, en suma, terminó por secuestrar la realidad multicultural cubana.

La recuperación de la Nación nos exige reaccionar al perverso discurso monopolista de la Voz. Es un gesto más entre los otros muchos que cubanos –de dentro y de fuera de la Isla- han echado a andar. Se trata de oponer a la implantación de un modelo de sociedad unitario, unívoco y homogéneo el rescate del goce de la diferencia, del placer de la diversidad y de la fiesta de lo heterogéneo.

Desde la independencia con que nace *Encuentro de la cultura cubana*, nos proponemos ofrecer a la polifonía del pensamiento cubano un territorio plural y libre; un territorio donde se pueda convivir en la diferencia, con tolerancia, rigor y respeto; un territorio que estimule la polémica; un territorio para reidear la Nación y reducir el tono de destino trascendente, de lo extraordinario histórico y de epicidad cotidiana con que la Voz ha pervertido el rumbo de la Nación. Un territorio, en fin, desde donde se prefigure, se perfile el futuro destino democrático y sereno que añoramos.

Bienvenidos, pues, los cubanos y los amigos extranjeros que nos quieran acompañar con sus reflexiones en esta aventura de la razón en libertad.

Vuelvo a su pregunta. Fueron dos las razones que me alejaron de la dirección de la revista. En primer lugar, digamos, el temperamento vehemente de Jesús, tendente incluso a cierto autoritarismo -creo que como resultado del carácter que se dotara durante sus muchos años en Cuba dirigiendo distintas gestiones culturales-, aunque ello no me distanciaba del proyecto en sí ni mi relación con él. Por esta misma razón,



también abandonaron *Encuentro* el poeta y editor Felipe Lázaro y el periodista Carlos Cabrera, el primero de su puesto de Secretario de la Asociación y el segundo de Secretario de Redacción. Por mi parte, consideré, y esta es la segunda razón, que debía dejar a Jesús que lo condujese en solitario, proteger nuestra amistad y concentrar mi tiempo y esfuerzo en *Verbum*. Todavía continuaron apareciendo colaboraciones mías en los números 4/5, 6/7 y 10, y Jesús tuvo la cortesía de mantenerme en la lista de colaboradores hasta el número 13. Con todo, creo justo reconocer la eficacia y el acierto de la labor realizada por Jesús desde la dirección de *Encuentro* hasta su temprano fallecimiento, al situar internacionalmente la revista como un referente obligado y de máximo prestigio entre todos aquellos interesados por el ‘caso cubano’.

*1.2 Tras su repentina salida con sólo tres números publicados, su nombre continuó en la lista de colaboradores hasta el número 13, desapareciendo luego para volver a ella solo en el número 33 y, poco después, para ser incluido en el Consejo Editorial tras la entrega 34/35. Explique un poco cómo se produjeron estas idas y venidas de su participación en la revista.*

Desconozco las razones por las cuales desapareció mi nombre de la lista de colaboradores, aunque lo atribuyo a una distracción del nuevo equipo de redacción. Lo cierto es que con posterioridad al fallecimiento de Jesús en 2002, Manuel Díaz Martínez y Rafael Rojas asumieron la dirección de la revista, y que a partir del número 34/35 (otoño/invierno 2003/2004) me invitaron a formar parte del Consejo de Redacción, ofrecimiento que acepté, convencido como estaba de la vigencia del proyecto.

*2. Es posible identificar en las páginas de Encuentro un apoyo institucional y financiero español, estratégico para la publicación de la revista y sus actividades relacionadas (lanzamientos, seminarios, etc.), como el de la AECID (Agencia Española de Cooperación Internacional para el Desarrollo, en la época AECI), de la Casa de América o de la Universidad Complutense de Madrid, además de patrocinios como los del Ministerio de Educación, Cultura y Deporte (después Ministerio de Cultura), Gobierno de Cantabria, Gobierno de Aragón, Fundación Caja Madrid, entre otros, lo*

*que presupone un gran interés de estas instituciones españolas por la revista cubana. En su entrevista con Elizabeth Burgos publicada en la entrega 45/46 de Encuentro (“Pío E. Serrano: el pensamiento liberado”), también menciona el apoyo del Partido Popular (PP) y del Partido Socialista Obrero Español (PSOE) como primeros avalistas del proyecto antes del inicio de su ejecución. ¿A qué atribuye ese constante apoyo institucional español, teniendo en cuenta los diferentes contextos políticos locales entre 1996 y 2009, período de actividades de la revista?*

La simpatía y el apoyo institucional español se explica por la distancia que entonces tomaron los dos principales partidos políticos españoles con respecto al régimen de Castro. El primero en mostrar ese apoyo fue el gobierno socialista de Felipe González, quien autorizó a su ministro de Exteriores, Javier Solana, para que apoyara el encuentro literario La Isla Entera en 1994 y que solicitara a La Habana los permisos necesarios para que los escritores cubanos residentes en la Isla pudieran viajar a Madrid. Igualmente, desafecto hacia el régimen cubano fue el gobierno de José María Aznar del Partido Popular, que en 1998 apoyó económicamente la *Revista Hispano Cubana*, un órgano de reflexión sobre temas culturales y políticos cubanos bajo la dirección del diputado Guillermo Gortázar. Pudieron así disponer los exiliados cubanos de dos publicaciones de similares, no idénticos propósitos.

*2.1 Más allá de esta evidente y exitosa articulación política para el surgimiento y mantenimiento de Encuentro, ¿cómo usted percibió la acogida de la publicación por parte del público lector español en el transcurso de sus actividades, especialmente en relación con los intelectuales españoles?*

Desde el primer número la revista tuvo una acogida extraordinaria. No solo entre los intelectuales españoles, superado ya su entusiasmo inicial por la Revolución desde la década del 70 (‘caso Padilla’), sino en la comunidad internacional, al extremo que pronto se añadió al índice una nueva sección “La mirada del otro”, que daba cabida a las figuras extranjeras que respondían a la invitación de la revista o por propia iniciativa entregaban sus colaboraciones.

3. *En sus páginas, especialmente en la sección de reseñas Buena Letra, la revista Encuentro ofrecía un espacio considerable para comentar publicaciones de editoriales dirigidas por cubanos en el exilio o residentes fuera de la Isla, como, por ejemplo, Betania (Felipe Lázaro) o Aduana Vieja (Fabio Murrieta), Universal (Juan Manuel Salvat) o Plaza Mayor (Patricia Gutiérrez), Colibrí (Víctor Batista) o Verbum (Pío E. Serrano), también anunciando constantemente publicidad de sus libros. Incluso podemos identificar una especial atención a editoriales como Colibrí y Verbum, gracias a la realización de un trabajo editorial complementario, ya que usted y Víctor Batista en determinados momentos se mantuvieron alineados con Jesús Díaz en cuanto a publicar autores o temas cubanos, muchos de ellos impulsados por la revista en España, como los ensayistas Marifeli Pérez-Stable, Roberto González Echevarría, Carmelo Mesa-Lago, Rafael Rojas, Antonio José Ponte, Jorge Luis Arcos, Gustavo Pérez Firmat, Enrico Mario Santi, Jorge Ignacio Domínguez, Alejandro de la Fuente, Duanel Díaz Infante, José Prats Sariol, Pedro Marqués de Armas, Carlos Manuel de Céspedes. Quisiera que comentara esta perspectiva editorial y en qué medida ayudó a llamar la atención sobre la literatura cubana de manera integrada culturalmente, suavizando las distinciones entre la producida en la Isla o fuera de ella.*

Lo cierto es que en aquellos años se produjo una conjunción de proyectos editoriales que coincidieron en una voluntad de visibilizar a los autores cubanos generalmente ignorados por los grandes grupos editoriales, salvo las figuras mayores (Carpentier, Cabrera Infante, Sarduy, Lezama Lima). En realidad, esta preocupación había nacido mucho antes. El pionero lo fue José Manuel Salvat, quien fundara en Miami (1965) Ediciones Universal, cuyo catálogo reúne la mayor cantidad de títulos y autores cubanos de todas las épocas; y en Madrid, Playor, fundada por Carlos Alberto Montaner en 1971. Pero, efectivamente, desde la década de los 90, las editoriales que usted menciona han alcanzado una importante presencia de la literatura cubana en España, acogiendo autores residentes en la Isla como fuera de ella. En ese aspecto ha sido considerable dotar de identidad en Europa a los escritores residentes en EE UU, especialmente los de Miami, que han conformado un rico legado literario, injustamente no siempre advertidos fuera de su territorio.

4. *En la misma entrevista a Elizabeth Burgos mencionada anteriormente, usted identifica como “ingenuo” el objetivo inicial de la revista de establecer un “territorio virtual” para, en primer lugar, discutir libremente las diferencias entre los cubanos dispersos por el exilio y “soñar un futuro común”; y en segundo lugar, abrir un “sitio” para que los de dentro y fuera de Cuba pudieran “contraponer sus distintas perspectivas”; incluso usted se dio cuenta desde el principio que tal apertura era, de hecho, “imposible”. Aun así, sabemos que un argumento central de la política editorial de Encuentro a lo largo de los años fue precisamente ese aspecto de integración entre cubanos de la diáspora y residentes en la Isla, bajo el lema de Gastón Baquero de que “La cultura nacional es un lugar de encuentro”. Esta pertinacia discursiva de la integración, como eje editorial para la realización de un objetivo “imposible”, permite, stricto sensu, una lectura utopista de la revista. ¿Cree que este enfoque es apropiado?*

Bueno, me acojo a las palabras de Lezama Lima: “Solo lo difícil es estimulante”. Por otra parte, si consideramos el término ‘utopía’ (el buen lugar que no existe) desde su componente de actitud optimista, un *desiderátum*, pudimos asumir esa tentación utopista que necesariamente no implica que fuéramos ingenuos, pues el propio término acoge también la sugerencia, el sueño de atrapar lo inalcanzable, digamos, un exorcismo para vencer la tozuda *realidad*. También es conveniente precisar que esa voluntad de integración aspiraba a un movimiento de conciencias entre personas de buena voluntad, no exento de los condicionamientos de los vectores externos que se le oponen.

5. *En su conferencia “Cinco reflexiones sobre la realidad cubana poscastrista”, realizada en el seminario internacional Cuba a la luz de otras transiciones (Madrid, 1997) y publicada en la entrega especial de Encuentro N° 6/7, usted identifica como uno de los peligros del totalitarismo “la concepción de la nación como un ente definitivo”, oponiendo a él la idea de que “la nación deberá ser concebida como un territorio espiritual y material en continuo proceso de definición”. En otra ocasión, en la entrevista que realizó para la revista con Nivaria Tejera (“Nivaria Tejera entrevista*

por Pío E. Serrano”, N° 39), además de señalar en los propios escritos de la autora la revelación del “territorio de un ser des/orbitado”, usted también afirma que el “exilio ontológico” es una “suerte de suspensión de tiempo y lugar”. Creo que la condición de exilio acaba acarreado tal “suspensión” de forma tan extrema, que la necesidad de que un escritor revele un “territorio” al que pretende aferrarse, poner en discusión o simplemente para acomodarse, aunque dentro del alcance de la imaginación creativa político-cultural, se convierte en una motivación esencial e irresistible. Frente a esto y buscando ampliar un poco esta noción, ¿serían las revistas cubanas publicadas en el exilio o en la diáspora lo que más se acerca a un territorio nacional “en continuo proceso de definición”?

Ese “territorio nacional” habitado en las revistas a las que alude, y en particular a *Encuentro*, solo se puede aceptar como la convención de un sitio provisional y fragmentario, una suerte de ‘imaginación creativa político-cultural’ que ensaya un modelo de ‘proceso de definición’ realizable únicamente en el marco de la Nación, esta sí, la Nación ‘concebida como un territorio espiritual y material en continuo proceso de definición’. Precisamente, esta idea pretende negar la concepción estática del Estado totalitario ‘de la nación como un ente definitivo’ que clausura el devenir de la Historia.

5.1 En ese sentido y estando usted de acuerdo, ¿cuáles son los diferenciales de *Encuentro* que la hicieron tan relevante?

En primer lugar, su carácter polémico y nada doctrinario. Su apertura, más que al enfrentamiento, al roce y la fricción, la posibilidad de dos cuerpos en contacto que huyen de la cosificación del otro para aceptarlos como personas en discrepancia y no como enemigos. Aunque debo confesar que esta posibilidad se frustró en parte por el férreo control al que estaba sometida una de las partes. Se daba la circunstancia de que escritores residentes en Cuba y de paso por Madrid nos confesaban su simpatía con el proyecto de la revista pero que desde Cuba no se atrevían a participar en ella. En segundo lugar, haber huido de una restringida concepción literaria y junto a ella abrirse a un amplio debate de ideas. Otra característica de *Encuentro* fue la alta calidad y el rigor de los ensayos, artículos y obras de creación que se publicaban en cada número.

Una cuarta relevancia significativa fue la continuada participación de especialistas extranjeros, aportadores de enriquecedores puntos de vista que desbordaban y amplificaban temáticas no advertidas por los propios cubanos. Y, por supuesto, la calculada efectividad de su distribución, dirigida a los más importantes centros extranjeros interesados por la cultura y la política cubanas. Por las vías más imaginativas llegaban a Cuba, burlando la censura, ejemplares que ansiosamente se pasaban de mano en mano.

*5.2 Observando hoy el alcance cultural efectivo de la revista luego de sus trece años de actividad entre 1996 y 2009, ¿cómo usted observa en términos de legitimidad histórica este “territorio nacional” de Encuentro de la Cultura Cubana?*

Creo que me adelanté a esta pregunta en mi respuesta a su pregunta número 5.

## APÉNDICE D - Entrevista con Rafael Rojas

07 de abril de 2021

Autor: Vítor Kawakami

1. Su participación en *Encuentro de la Cultura Cubana* ocurrió durante toda la existencia de la revista, desde 1996 hasta 2009, sea como colaborador (con excepción de las entregas N° 14, 19, 30/31, 47, 51/52, 53/54), miembro del Consejo de Redacción (del N° 10 al 24), del Comité Editorial (del N° 43 al 53/54) y, principalmente, como Director (del N° 25 al 41/42). ¿Cómo surgió la invitación para su aproximación al proyecto de la revista?

1.1 ¿Cuáles serían los principales motivos que le llevaron a identificarse con la publicación iniciada por Jesús Díaz, Pío Serrano y Annabelle Rodríguez en Madrid?

1.2 Junto a Manuel Díaz Martínez (desde Las Palmas de Gran Canaria), usted codirigió la revista durante 4 años desde México. ¿Cuáles fueron las ventajas y desventajas encontradas debido al distanciamiento físico?

Yo había conocido brevemente a Jesús Díaz, siendo estudiante de Filosofía en la Universidad de la Habana a fines de los años 80. Lo admiraba como escritor y cineasta y, también, como fundador de revistas fundamentales de los años 60, como *El Caimán Barbudo* y *Pensamiento Crítico*. Ya radicado en México, a principios de los 90, cuando estudiaba historia en El Colegio de México, me reencontré con él en eventos celebrados en Barcelona y Miami. Desde 1993, probablemente, ya Jesús y Pío Serrano me comentaron del proyecto de la revista *Encuentro*, al que me sumé desde el primer número.

La revista nació y evolucionó en el momento en que me graduaba en México y comenzaba a escribir mis propios ensayos sobre Cuba. Hay una clara imbricación entre mis primeros libros, *El arte de la espera* (1998), *Isla sin fin* (1998), *José Martí: la invención de Cuba* (2000), *Un banquete canónico* (2000), y la revista misma. Los temas que me interesaban –las tradiciones intelectuales en Cuba, el canon nacional de las

letras, el nacionalismo y el republicanismo, los grandes tabúes, exclusiones y olvidos de la historia nacional- eran, también, los que interesaban a la revista.

Creo que esa familiaridad explica el peso de mis intervenciones en la revista, además de la cercanía personal que desarrollé, especialmente, con Jesús, con quien hablaba casi todos los fines de semana por teléfono. Cuando nos sorprendió su muerte, en 2002, se decidió que una buena solución era que Manuel Díaz Martínez y yo codirigiéramos la publicación.

*2. Ya en su primera colaboración en el N° 1 de Encuentro, con el ensayo “La relectura de la nación”, al lado del reconocimiento de un nuevo ensayismo cubano que surge en la Isla a partir del fin de los años 80, usted sugiere la idea de una relación entre los grupos intelectuales y sus revistas como “ciudades letradas”, con la cual llama la atención hacia lo que hay de “corporeidad” en la “invención” de estas comunidades culturales y sus discursos. En otro ensayo importante, “Diáspora y literatura – Indicios de una ciudadanía postnacional” (N° 12/13), al indagar cuál lugar o cuál ciudadanía narran los escritores de la diáspora cubana, usted busca posibles respuestas a partir de las lecturas de Michel de Certeau y la noción de que la literatura es siempre una “producción de lugares”; de Marc Augé y la idea de los “no lugares” como espacios del anonimato, y que usted considera como adecuados a la ciudadanía postnacional; de Carlo Ginzburg y la sugerencia de que la literatura produce indicios de subjetividad de una ciudadanía cultural y política; y, finalmente, de Giorgio Agamben, con la asociación que usted hace entre el “no lugar” de la ciudadanía postnacional y el territorio de la “comunidad que viene”. Ante el entrelazamiento de ideas literarias proporcionadas por esos dos ensayos, ¿estaría de acuerdo con la afirmación de que Encuentro de la Cultura Cubana fue una invención exitosa de un territorio cubano para la comunidad de una ciudadanía postnacional?*

*2.1 Si está de acuerdo, ¿qué papel usted reivindicaría en esa invención para el ensayismo practicado por la revista, teniendo en cuenta la presencia en sus páginas de escritores pertenecientes a diferentes grupos y generaciones del exilio, de la diáspora y residentes en la Isla?*



*2.2 Aún pensando en lo que fue publicado por Encuentro, ¿qué hay en común entre tales ensayismo y narrativa en relación a los lugares y perfiles de ciudadanía postnacional por ellos construidos?*

Aquellos primeros ensayos en *Encuentro*, que luego fueron formando parte de mis propios libros, intentaban plantear el problema de la historia intelectual de Cuba a partir de espacios de sociabilidad, con mayor o menor autonomía. Pensé entonces que una forma de hacerlo podría ser pluralizar la noción de “ciudad letrada” de Ángel Rama y proponer la historia cultural del país como una sucesión de “ciudades letradas”. De ahí la importancia que, desde entonces, adquirió en mi trabajo la relectura de revistas como *Avance*, *Orígenes*, *Ciclón* o *Lunes de Revolución*. Naturalmente, esa visión histórica buscaba desembocar en una idea de la comunidad cultural cubana, que incluyera a la diáspora, y que afirmara tanto su dimensión transnacional como de autonomía frente al poder.

Me pareció entonces que muchos ensayistas de mi generación, algunos residentes en la isla, como Antonio José Ponte, Víctor Fowler, Rolando Sánchez Mejías, Pedro Marqués de Armas y Carlos Aguilera –estos últimos encabezaban un proyecto de revista precisamente llamado *Diáspora(s)*–, y quienes habíamos emigrado ya, como Iván de la Nuez, Ernesto Hernández Busto y yo, compartíamos una mirada que podía ser sometida a algún ejercicio tipológico. Las demandas de representación de la propia revista, sin embargo, nos llevaban a proponer una integración del campo intelectual cubano, que trascendiera la identidad generacional.

*3. Hay una interesante cuestión derivada de la fragmentación de Cuba, sobre todo en lo que se refiere a las peregrinaciones de sus ciudadanos a la antigua Unión Soviética y al Este Europeo en los años 70 y 80, y a la diáspora poscomunista a partir de los años 90, con respecto a la diseminación de sus ciudadanos por el mundo y la consecuente proyección transnacional de su cultura. Al comentar el libro *Un arte de hacer ruinas en su reseña publicada en Encuentro*, “Partes del Imperio” (Nº 39), usted destaca de esa obra la alegoría propuesta por Antonio José Ponte de Cuba como una isla imperial que, como todo imperio, experimenta tal difusión “en el momento de decadencia, no en el de auge”. Complementariamente, me gustaría recordar algo que podría ser*

*entendido como un sentimiento de “excepción” cubana, tratado por usted en Encuentro en el ensayo “Anatomía del entusiasmo – La Revolución como espectáculo de ideas” (Nº 45/46), es decir, aquel que presume la existencia de un “hastío” de la inserción de Cuba en el Caribe y que, según sus palabras, está asociado a la “subsistencia de una añeja tradición criolla (...) interesada en localizar a Cuba en una órbita más plenamente occidental”. ¿Cree usted que la perspectiva de la propagación cultural, si observada como cierta inversión de los aspectos trágicos implicados, sumada a ese deseo de inscripción geopolítica, fue tomada por la revista Encuentro como parte de su línea editorial, más allá de su papel de integración de la cultura cubana?*

Un propósito muy bien trazado por Jesús Díaz, desde un inicio, fue reunir lo mejor del arte, la literatura, el cine, la música, la arquitectura y las ciencias sociales, producidos dentro y fuera de la isla. Ese objetivo chocó, desde luego, con la resistencia oficial, pero también con no pocos prejuicios dentro del exilio tradicional, que lo percibían a él y a muchos de quienes salimos de Cuba en los 90, no como verdaderos exiliados. Sin embargo, como puede constatarse en la revista, esos prejuicios no fueron tan poderosos como para impedir la colaboración de buena parte de la comunidad intelectual de la isla y de casi todas las generaciones del exilio.

No creo, realmente, que la perspectiva postnacional fuera adoptada como línea editorial de la revista. Esa era una perspectiva más bien generacional, de la diáspora de los 90, pero que no era compartida por los miembros de otras oleadas migratorias, por ejemplo, la generación del Mariel o la generación cubanoamericana o “uno y medio”, como la definió Gustavo Pérez Firmat, no compartían esa visión. Tampoco, por supuesto, el exilio histórico y muchos de quienes acompañaban la revista desde la isla suscribían una idea tan desterritorializada de la cultura cubana. Los editores de *Encuentro* éramos muy conscientes de la diversidad intrínseca de la revista y cuidamos un estilo ecuménico, que era indispensable para avanzar, justamente, en la integración del campo intelectual.

*4. En momentos recurrentes de sus ensayos publicados por Encuentro, que atraviesan un arco de prácticamente trece años de la virada del milenio, usted muestra un cuidado especial con la dimensión simbólica de la Revolución y sus consecuencias, no solo con*

*el imaginario político y cultural cubano, sino también con el que se proyecta en el mundo. Algunos ejemplos de su interés van de la fuerza simbólica del castrismo al desgaste revolucionario de la usura simbólica; del mercantilismo de Martí como ícono nacional a los respectivos conflictos proporcionados por su control autoritario; del país como un lugar simbólico alternativo a la democracia y al mercado global, hasta la definición de Cuba como una “metrópoli de los símbolos”. Quisiera que comentase un poco sobre algunas estrategias editoriales de Encuentro, en términos de eficacia y legitimación discursiva, para tratar con la oposición al régimen en esa dimensión simbólica.*

Sí, ese énfasis en la dimensión simbólica era y sigue siendo fundamental en mis estudios sobre Cuba, pero también en aquellos que tienen que ver con el lugar de la isla en América Latina o en los que se ocupan de temas de la historia cultural latinoamericana, sin una conexión explícita con la cuestión cubana. No se trataba, únicamente, de una estrategia opositora o de cuestionamiento del poderoso andamiaje simbólico e, incluso, mítico, del Estado cubano, sino de una apuesta académica por la historia intelectual, abastecida de lecturas de Foucault, Bourdieu, Ricoeur, pero también de Pocock, Skinner o Viroli. En este sentido, no creo que yo buscara centralmente – aunque entiendo que otros miembros del núcleo editorial, sí- una “eficacia en términos legitimación de una oposición al régimen”, si entendemos por esa “oposición” las organizaciones políticas que tradicionalmente se enfrentan al sistema cubano. A mí interesaba, sobre todo, la creación de una plataforma intelectual de crítica a la cultura política cubana, que me parecía, y me sigue pareciendo, profundamente antidemocrática.

*5. Creo que hay una significativa relación entre sus colaboraciones ensayísticas para Encuentro de la Cultura Cubana y su premiado libro Tumbas sin sosiego, publicado en 2006. Sobre la revista, sabemos que tuvo como principio una política editorial inclusiva orientada a la integración del fragmentado campo cultural cubano; en lo que se refiere al libro, pude identificar al menos seis ensayos publicados separadamente en diferentes números de Encuentro y previos a la publicación de Tumbas sin sosiego.*

*Complementando lo que afirmé al inicio de esta entrevista, más que un asiduo participante, tal vez usted haya sido el mayor colaborador de la revista, sea en cantidad como en calidad de sus escritos. Teniendo en cuenta aún el comentario de Jesús Silva-Herzog que, al reseñar Tumbas sin sosiego para la revista (Nº 41/42), acertadamente identifica en su libro una “estrategia de memoria que conceda espacio a la conciliación”, todo eso me lleva a preguntarle: ¿hasta qué punto la política editorial de Encuentro influyó en el propósito de Tumbas sin sosiego y hasta qué punto sus ensayos posteriormente publicados en ese libro contribuyeron a refinar el discurso editorial de la revista?*

Hay, sin dudas, una interrelación entre mis primeros ensayos en *Encuentro* y *Tumbas sin sosiego* (2006). Pero diría que es la misma relación, casi orgánica, que habría entre ese libro y otros anteriores, como *El arte de la espera* (1998) o *Isla sin fin* (1998). El enfoque de historia intelectual, especialmente volcado a la crítica del nacionalismo excluyente que rige la política cultural del Estado cubano, está presente en ese libro. Tal vez, lo nuevo, era allí un cuidado mayor en la cartografía de la heterogeneidad de tradiciones intelectuales cubanas, especialmente, en la primera mitad del siglo XX, y, al final, un avance hacia el trazado de esa “política de la memoria” que lidiara, tanto, con las fracturas espaciales como las temporales de la cultura cubana.

6. *En 2006, en la entrevista colectiva “El peso de las huellas” (Nº 40), al responder a la pregunta de Jorge Ferrer sobre la función de las revistas del exilio en la articulación de una literatura y un pensamiento nacionales, usted señala dos peligros para Encuentro después de diez años de actividades y su aspiración a la integración del campo intelectual cubano: “que el afán de representación equilibrada y plural de la cultura cubana rebaje el perfil polémico o merme la calidad de la publicación y que el actual ciclo integrador de la Isla y el exilio se agote o se sature”. En la misma respuesta, usted afirma que Jesús Díaz creía que el desmonte intelectual del totalitarismo junto al proceso integrador de la cultura nacional, proporcionados por Encuentro, culminarían con el tránsito a la democracia en la Isla. ¿Cree usted que el*

*fin de la publicación de Encuentro en 2009 ocurrió por causa de esos peligros que usted ya había identificado en aquella ocasión?*

*6.1 Pasados ya tantos años desde su respuesta a Jorge Ferrer (así como de la propia existencia de la revista) y teniendo en cuenta que el tránsito a la democracia en Cuba todavía no ha tenido lugar, ¿es posible decir que entre las consecuencias de ese desmonte del totalitarismo y de esa integración cultural realizados por Encuentro está también cierto desencanto entre sus ex participantes o ex colaboradores que, así como Jesús Díaz, creyeron en el protagonismo de la revista?*

Estoy convencido de que Jesús Díaz y el equipo que, encabezado por su hijo, Pablo Díaz, fundó *Encuentro en la Red*, a principios de los 2000, imaginaban su rol futuro, ligado a una eventual transición democrática en la isla. No estoy seguro de que esa fuera una certidumbre de consenso o plenamente arraigada en el núcleo editor de la revista impresa. Predominaba en todos, desde luego, una visión crítica del sistema político cubano, pero las expectativas de cambio de régimen o tránsito democrático tenían diversos rangos. No creo, la verdad, que esos peligros que señalaba en aquella entrevista decidieran el cierre de la publicación. La clausura de la publicación en 2009 tuvo que ver con un diferendo concreto en el grupo editor de Madrid.

Yo había renunciado a la dirección en 2006 por otras razones, no directamente relacionadas con las diversas visiones sobre la transición democrática sino con las diferencias, a mi juicio, indispensables entre el proyecto de la revista impresa y el diario electrónico. A mi juicio, la Asociación Encuentro de la Cultura Cubana, que editaba ambos medios y que presidía Annabelle Rodríguez en Madrid, no destinaba el mismo respaldo a la revista impresa, que circulaba muy precariamente. Tampoco se interesaba lo suficiente en aumentar la presencia de la publicación en América Latina, que para mí era una prioridad. Se había producido, a mi juicio, una confusión de identidad y propósito entre ambos medios.

*7. En su último ensayo publicado por Encuentro en 2008, “Dilemas de la nueva historia” (Nº 50), usted sugiere que entre tales dilemas de la historiografía cubana para las próximas décadas estarían, por ejemplo, “el abandono de la teleología*

*nacionalista revolucionaria y del rígido enfoque clasista del marxismo-leninismo”; la sustitución del concepto de “contrarrevolución” por el de “guerra civil”, siguiendo el modelo historiográfico dedicado a otras experiencias revolucionarias como la francesa, la rusa y la mexicana; el uso de un “nuevo concepto de revolución que quiebre las sinonimias del discurso oficial”. Nuevos abordajes como esos permitirían así una verdadera transformación epistemológica que, como usted afirma en el ensayo, ayudarían a “recomponer el campo intelectual cubano y a democratizar nuestra vida pública”. ¿Cómo usted piensa que Encuentro contribuyó, en términos epistemológicos, al avance de tales cambios?*

El aporte de la revista *Encuentro* a una visibilización incluyente del campo intelectual cubano y a la impulsión de un pensamiento crítico, lo mismo en la artes, la política, las ciencias sociales o, específicamente, la historiografía, me parece que está fuera de dudas. El abandono de estereotipos y exclusiones se aceleró en la vida cultural cubana, entre los 90 y 2000, gracias, entre otros factores, a *Encuentro*. No actuó sola esa revista, en aquel empeño de desmitificación e inclusión. Otras, como *Cuban Studies*, *Temas* o *La Gaceta de Cuba*, actuaron, muchas veces, en la misma dirección, aunque, editorialmente, las dos últimas jamás lo reconozcan. Creo, sinceramente, que en ese punto, el de la activación múltiple y plural de la crítica, la revista fue eficaz. La prueba es que más de diez años después de su cierre sigue siendo referencial para pensar muchos de los dilemas de la isla y la diáspora en el siglo XXI. Algunos de los mejores proyectos editoriales independientes, en la isla o la diáspora, de los últimos años, como *Cuba Posible*, *Hypermedia Magazine* o *Rialta*, así lo reconocen.

## **APÊNDICE E - Entrevista com Manuel Díaz Martínez**

**03 de maio de 2021**

**Autor: Vítor Kawakami**

*1. Me gustaría que nos contara cómo fue su acercamiento a Encuentro de la Cultura Cubana. ¿Cuáles fueron las razones que le hicieron creer en la publicación desde el principio?*

Jesús Díaz, creador de esta revista, me envió una carta en la cual me expuso su proyecto y me invitó a formar parte del mismo. Le respondí afirmativamente porque yo pensaba que al exilio cubano, del cual formábamos parte numerosos intelectuales, le sería muy útil un espacio de pensamiento y debate como la revista concebida por Jesús.

*1.1 ¿Cómo fue su participación en las actividades editoriales durante el período que formó parte de la Redacción, entre las entregas N° 4/5 y N° 24?*

En esa etapa colaboré con la revista aportando textos de mi autoría, ideas y temas relacionados con la historia y la actualidad cubanas y evaluando textos ajenos presentados al Consejo de Redacción para ser publicados.

*1.2 Usted fue director de la revista durante mucho tiempo, más que el propio Jesús Díaz, del N° 25 hasta la entrega final N° 53/54. ¿Qué le llevó a aceptar la difícil responsabilidad de dirigirla, a pesar de encontrarse físicamente lejos de Madrid?*

Acepté esa responsabilidad porque en Madrid permanecían, al frente de la revista, dos personas amigas mías, ambas muy competentes y de mi absoluta confianza: Annabelle Rodríguez, Presidenta de la Asociación Encuentro de la Cultura Cubana (editora de la revista), y Luis Manuel García, que se desempeñaba como Jefe de Redacción.

2. *Su primera colaboración para la revista fue con el testimonio “La carta de los diez” (Nº 2), texto en el que narra los hechos represivos por parte del gobierno cubano a los intelectuales que firmaron esta declaración, que reivindicaba libertades y derechos civiles, y en el cual relata los episodios indignantes por los que atravesaron sus firmantes, con énfasis en el linchamiento físico y el “acto de repudio” sufrido por María Elena Cruz Varela. En la misma línea, se siguieron publicando otros testimonios suyos, como “El caso Padilla: crimen y castigo” (Nº 4/5); también “Ah, la República” (Nº 24), en el que relata ejemplos de la estructura democrática que predominó durante el período republicano, especialmente en lo que respecta a la prensa; y aún “La pistola sobre la mesa” (No. 43), sobre las fatídicas reuniones de los artistas e intelectuales con Fidel Castro en la Biblioteca Nacional en 1961. Tales textos demuestran su gran empeño por narrar episodios cruciales para la historia de la cultura cubana de los cuales fue testigo, vinculados a la falta de libertad de expresión en el país luego de los primeros años revolucionarios. ¿Por qué eligió el testimonio en Encuentro, un género literario tan explorado por los relatos revolucionarios en Cuba, por encima de otros como el ensayo o el propio artículo de opinión?*

Me interesaba –y aún me interesa– aportar, en primer lugar a los historiadores, el testimonio de hechos importantes vividos o presenciados por mí, y nuestra revista era, por las características del lector al que estaba destinada, un vehículo estupendo para ello.

3. *Al revisar sus publicaciones en Encuentro, algo que también llama la atención es que, a pesar del significado e importancia de su trayectoria como poeta, haya publicado relativamente poca poesía en las páginas de la revista. En el homenaje que le rindió la revista en el Nº 40, Raúl Rivero, a través del texto “Prosa de poeta”, enfatiza la necesidad de un examen más profundo de sus artículos periodísticos, convencido de que su trabajo en este campo está relacionado con “su vocación de promotor de la cultura”. ¿Cree que sus artículos, testimonios, reseñas y entrevistas tuvieron un papel cultural más sustancial para el perfil de la revista que sus poemas?*



Para el perfil de la revista, desde luego que sí. *Encuentro* fue ideada, básicamente, como una revista de política, historia y sociología.

*4. Pensando aún en el tema de la represión en Cuba, Encuentro ocupó un lugar fundamental en la denuncia internacional (y, sin duda, nacional) de los hechos relacionados con las detenciones de 75 periodistas independientes en marzo de 2003, así como los que culminaron con el fusilamiento sumario de los tres jóvenes secuestradores de una embarcación para huir a los Estados Unidos. Luego de dedicar a estos episodios aproximadamente un centenar de páginas de la entrega N° 28/29, para el especial “Represión en Cuba”, usted publicó en el N° 30/31 el artículo de su autoría “¿Un callejón sin salida? La represión en Cuba”, insistiendo así en la necesidad de seguir informando a los lectores de la revista sobre las repercusiones y consecuencias de los actos represivos del gobierno cubano. En términos generales, ¿cómo evalúa hoy el papel denunciante de Encuentro en comparación con el esfuerzo conciliador expresado desde el editorial de su primer número?*

*Encuentro* es una revista que hacían intelectuales cubanos exiliados, ciudadanos que nos oponíamos frontalmente al régimen castrista, pero al mismo tiempo interesados en que el tránsito a la democracia en nuestro país se produjera de forma pacífica, o sea, civilizada. De ahí que en la revista combináramos la denuncia de los males que padecía la población de la isla con lo que usted llama “el esfuerzo conciliador”.

*5. Es notorio que en sus colaboraciones para las páginas de Encuentro se destaca la preocupación con temas relacionados a la libertad de expresión y a los derechos humanos. En “La pistola sobre la mesa” (N° 43), usted afirma: “La libertad de expresión es un derecho natural: responde a una necesidad de la inteligencia humana”. ¿Podría ser este su mayor reclamo cívico como escritor exiliado?*

Sí, sin lugar a dudas.

## APÉNDICE F - Entrevista con Iván de la Nuez

18 de maio de 2021

Autor: Vítor Kawakami

1. Usted participó en el grupo de Redacción de *Encuentro de la Cultura Cubana* desde su creación para el N° 4/5 (1997) hasta el N° 20 (2001). ¿Cómo se dio la invitación para su acercamiento al proyecto de la revista?

1.1 ¿Cómo era la dinámica de trabajo entre los miembros del grupo de Redacción?

1.2 ¿Qué le llevó a salir de él pasados cuatro años?

Esos datos no son exactos, mi primera conexión con *Encuentro* fue anterior a esos números y a la existencia misma de la revista. En el año 1995, por ejemplo, durante el proyecto *Cuba. La isla posible*, que realizamos en el Centro de Cultura Contemporánea de Barcelona (CCCCB), Jesús Díaz nos pidió a los organizadores un espacio para reunirse con los participantes, entre veinte y treinta, exponerles su idea de la revista y anunciar su lanzamiento inminente. También recuerdo alguna reunión previa en casa de Annabelle Rodríguez, en Madrid. Es decir, que estuve vinculado, de manera lateral, desde una fecha previa.

Ya en el número 4/5 Jesús me pide que formalice esa relación como parte del Consejo de Redacción, con vistas a darle un giro generacional, actualizar la perspectiva de algunos debates y tener un mayor acercamiento a las artes visuales.

Pese a lo que se pudiera pensar entonces, o se piense hoy, *Encuentro* nunca funcionó como una redacción normal y corriente (como a veces han supuesto sus críticos). Según mi experiencia, no se daban continuas reuniones conspirativas, al menos en el organigrama formal de la publicación, ni nos veíamos o hablábamos cada día. Yo vivía en Barcelona, y lo normal era que Jesús me dijera por teléfono lo que estaba pensando, me pidiera alguna opinión o escuchara alguna propuesta (como fue el caso de los números de homenaje a Mariel o a Luis Cruz Azaceta, ambos aceptados). Pero lo cierto es que mis reuniones eran esporádicas, bien aprovechando algún viaje mío a Madrid, bien porque Jesús pasaba por Barcelona, bien porque éramos convocados a una reunión,

algo que siempre, al menos en mi caso, se hacía a través de Annabelle Rodríguez, que llevaba el peso funcional de todo aquello. Recuerdo también un evento muy interesante en El Escorial o una reunión con Felipe González, que ya no era presidente aunque se cuidó de aclarar que todavía tenía poder.

Dejé la revista cuando consideré que ya había hecho mi parte, y la versión oficial del editorial que se publicó para explicarlo se pareció en parte a la realidad. A mí me habían nombrado director del Palacio de la Virreina (el centro de arte contemporáneo del Ayuntamiento de Barcelona por aquel entonces) y no tenía la energía necesaria para compartir esas dos tareas. En ese momento, tres espacios de arte de Barcelona –La Virreina, la Fundación Tàpies y el Centro Santa Mónica– eran dirigidos por personas jóvenes, ninguna nacida en la ciudad, y me absorbió el reto de aquella apuesta, así que quise devolverle a mi ciudad de acogida esa confianza.

Tampoco puedo negar que tuve roces con Jesús, aunque esos desencuentros no menguaron la admiración y el cariño. Jesús es un hombre de una gran personalidad y yo no tengo el mejor carácter del mundo. Eso sí, siempre le dije las cosas de frente en un momento en que me pareció que le rondaban de manera creciente unos cuantos *Yesmen*. Jesús Díaz forma parte de mi historia familiar y ninguna desavenencia quebró eso. La prueba es que después de mi marcha me llamó para que presentara su libro *Las cuatro fugas de Manuel* en Barcelona, cosa que hice con ilusión. Murió poco después y escribí un artículo de despedida para *El País*, viajé a su funeral y estuve incluso dando mi opinión en la reunión de donde salió más tarde la dirección conjunta de Manuel Díaz Martínez y Rafael Rojas. En la época de Antonio José Ponte la relación se mantuvo, hasta el punto que me dedicaron el “En persona” del número 47.

*2. En justas ocasiones durante la existencia de la revista, usted tuvo ensayos, reseñas y entrevistas publicados por Encuentro, así como reseñas de otros ensayistas dedicadas a lecturas de sus libros, constituyendo una presente atención a su producción intelectual (con excepción del período entre 2003 y 2006). Según su opinión, ¿cuáles fueron los principales temas y características de su obra como escritor que proporcionaron ese cuidado editorial por la revista?*

No lo sé con exactitud (tampoco recordaba las fechas de mi ausencia en la revista, que tú me refrescas ahora). Supongo que a una revista hecha en Madrid y que intentaba remover la bipolaridad de la cultura cubana, le encajaban bien mis tesis sobre la diáspora o la multipolaridad de esa condición nacional, asuntos de los que ya escribía desde finales de los años ochenta. O mi oposición sin condiciones al embargo norteamericano. Tal vez influyó mi inserción como curator y escritor en el medio español. De todos modos, estoy agradecido a lo que me aportó la revista. Y soy consciente de que lo que yo haya podido darle (sin ánimo de lucro y sin resultados lucrativos en términos absolutos) siempre estará por debajo de lo que recibí, tanto de la revista como de Jesús Díaz y Annabelle Rodríguez desde el punto de vista de su afecto personal.

*3. Algunos de sus principales ensayos publicados por Encuentro, como “El destierro de Calibán. Diáspora de la cultura cubana de los 90 en Europa” (Nº 4/5, 1997); “Registros de un cuerpo en la intemperie” (Nº 12/13, 1999); “Demócrata, poscomunista y de izquierdas” (Nº 20, 2001); y “El hombre nuevo en Berlín” (Nº 41/42, 2006); después de alteraciones, fueron luego también publicados en libros como La balsa perpetua (1998); El mapa de sal (2001); Cuba y el día después (2001); Fantasía roja (2006). ¿Usted escribió los ensayos pensando en la revista como destino para las divulgaciones? ¿Llegó a imaginar el espacio de la revista como impulsor de los contenidos de futuros libros ya planeados? Pregunto porque he notado que para los libros usted retocó considerablemente sus escrituras de Encuentro, algo que sugiere una inquietud con relación a los resultados por ella publicados.*

Así es. El ensayo es un territorio que te permite ir calibrando fragmentariamente cómo funcionan tus ideas en la lectura y cómo fluyen en la escritura. Los medios para mí siempre han sido eso: *medios*. Laboratorios para probar lo que quiero dejar después en un libro, o lo que no vale la pena repetir jamás.

De eso trata, en definitiva, el arte de ensayar. De ir tanteando en la escritura, la lectura, la forma de construir un tema. De darle vueltas y dejar que el lector perciba en tiempo real como avanzas o tropiezas, como llegas a tu destino o te descarrilas. O,

simplemente, cómo te desvías por otra ruta que te sorprende y ni siquiera te habías planteado.

*4. Rafael Rojas, al observar los ensayos de La balsa perpetua en la reseña “Una poética del éxodo” (Nº 10, 1998), apunta algún incómodo por el uso de la metáfora como eje (aunque invisible) narrativo del libro, por su figuración “absoluta” o por su “voluntad de representación totalizante”, comparándolo al uso del “ajiaco” de Fernando Ortiz como “cubanísimo metafórico”. En otra reseña, “Semántica de un gesto” (Nº 23, 2001/2002), que se ocupa de la lectura de El mapa de sal, él afirma que “las metáforas, fábulas y alegorías” (por ejemplo, la sal, el muro, el mapa, la silla eléctrica) son “demasiado plásticas, casi filmicas”. Más tarde, en su entrevista a Antonio José Ponte “Ensayar es ensanchar” (Nº 47, 2007/2008) usted dice considerar las exposiciones de arte como “ensayos visuales”. ¿Por qué la opción por una escritura ensayística tan fuertemente imagética como la de ese período?*

Cuando escribí sobre mi libro *La balsa perpetua*, Rafael Rojas hizo dos observaciones bastante definitivas. La primera, acerca de la tensión que se daba entre las dos prosas de mi ensayo. La segunda, que una de ellas, la más literaria digamos, saldría ganando. Y así fue. Mis ensayos quisieran ser *road movies* (cosa que no puedo hacer y por eso algunos se convierten en exposiciones). Estamos en la era de la imagen, así que escribo desde estímulos visuales por el simple hecho de que camino por la calle. Y porque, además, tengo un pie en el arte. También por reacción a una literatura hispanoamericana que tuvo durante mucho tiempo una relación anacrónica con las artes visuales. Un desfase contra el que siempre me interesó posicionarme.

*4.1 ¿Cuáles eran (o son) sus referencias a ensayos o a ensayistas dentro de la literatura cubana que le provocaban (o provocan) a escribir?*

Mis referencias son relativamente caóticas, pero ninguna por sí sola me llevó a escribir, sino a leer. Tampoco discrimino entre fuentes cubanas o no cubanas. Si me obligas a esa nacionalización, te diría –entre los cubanos– los nombres de José Antonio Saco, Paul

Lafargue, Lamar Schmeier, José Martí, Julio Antonio Mella, Fernando Ortiz, Lydia Cabrera, Che Guevara, Walterio Carbonell, Fernández Retamar, Severo Sarduy, Moreno Friginals, Benítez Rojo, Emma Álvarez Tabío Albo. Todos estos autores me han hecho repensar o modificar mis intuiciones. Sean a favor o en contra de ellos. Aparte de Álvarez Tabío Albo, el resto de mis contemporáneos y otros autores y autoras que vienen después han nutrido mis ensayos considerablemente. Pero, como te decía, no divido mis influencias en cubanas y no cubanas. Al ser cubano yo, todas pueden terminar siéndolo. Y al ser un cubano en diáspora, todas pueden terminar dejando de serlo. Eso es lo que de verdad me gusta, cambiarles su pasaporte, mezclarlas y molerlas a ver qué tipo de jugo soy capaz de sacar. Así que a Montaigne, Nietzsche, Vargas Vila, Marx, Rosa Luxemburgo, Foucault, Fannon, Paz, Sloterdijk, María Moreno, Damián Tabarovsky, Miguel Morey, Lucy R. Lippard, María Zambrano, Baudrillard, Joan Fontcuberta o Eloy Fernández Porta me gusta convertirlos en cubanos o ponerlos a hacer un poco de trabajo voluntario a ver si me sacan de mis atolladeros.

*4.2 ¿Cuáles serían sus referencias a obras o artistas del arte contemporáneo, cubanas o no?*

He escrito sobre un centenar de artistas de todas partes. He estado mano a mano con muchos de ellos. He podido descubrir a unos cuantos u ofrecerles primeras o segundas oportunidades a sus obras emergentes en mis proyectos, que es lo que más me gusta de mi trabajo en el arte. También he trabajado con artistas cuya obra está completamente consolidada o incluso con clásicos ya fallecidos. Para mí resultan tan o más importantes que las fuentes literarias, como ya hemos hablado. Pero no para ponerles una nota al pie o usarlos como ilustración de unas teorías. Sino para que me las hagan tambalear y para aprender de ellos de cara a la mecánica interior de mi escritura.

*5. Aprovechando la mención a Antonio José Ponte, percibo una interesante diferencia de escritura ensayística entre ustedes, aunque ambos hayan desarrollado características abiertas al tránsito entre la narración y el ensayo. Mientras él es atraído por algo menos marcado por modulaciones entre un género y otro, de esa*

*forma dando relieve a un estilo bastante narrativo, usted parece preferir algo más alternado, lo que es posible notar en conjuntos de ensayos como los de La balsa perpetua o de Fantasía roja, por ejemplo. De cualquier manera, ambos procuraron explorar las fronteras del género alcanzando resultados estimulantes. Pensando en ese carácter transitable del ensayo en su heterogeneidad, considera usted que él sería el género discursivo más adecuado para reflexionar sobre la condición transfronteriza de la diáspora de la cultura cubana?*

Todo lo que hago es ensayo, incluida una exposición. No lo considero ni ficción ni autoficción y me gusta desmarcarme lo máximo posible de esas tendencias, pese a que algunas críticas o editores que aprecio mucho han visto y publicado algún libro mío como narrativa (como ocurrió con *El mapa de sal* tanto en su edición con Mondadori como la que hizo Periférica). En el caso de Ponte, estamos hablando de un extraordinario ensayista y poeta, además de buen novelista. Así que su registro literario es más amplio que el mío. Intuyo que yo soy más de amalgamarlo todo en el ensayo; mientras que él es capaz de explorar distintos géneros por separado y saltar con facilidad de uno a otro.

No sé si el ensayo es el campo más adecuado para explorar el sentido diaspórico de la cultura cubana. En el arte, por ejemplo, hay casos como el de Luis Cruz Azaceta que expresa esto desde una perspectiva muy abarcadora. O Félix González-Torres. O Ana Mendieta.

Pero me parece que no es desacertado ver el ensayo como un territorio adecuado para explorar ese estallido cultural y humano de una nación, al menos en los tiempos que estamos viviendo. Decía Gore Vidal que el ensayo sería el género literario del siglo XXI, pues todo lo demás podría ser expandido y narrado mucho mejor desde otros medios. Y yo lo suscribo, pero no porque tenga muchas pruebas, sino porque, como he dicho en esta misma revista, es una afirmación que me conviene.

*6. Usted fue el editor de Cuba y el día después (2001), publicación que contó con un conjunto de ensayistas identificados como pertenecientes al movimiento del Nuevo ensayo cubano iniciado en los años 80 en La Habana. Ante la participación de algunos*

*de esos ensayistas en Encuentro, como, por ejemplo, Rolando Sánchez Mejías, Jorge Ferrer, Emilio Ichikawa, Omar Pérez, Víctor Fowler, Ernesto Hernández Busto (aunque después rígidamente contrario a la revista), así como usted y los anteriormente citados Rafael Rojas y Antonio José Ponte, ¿cree que tales colaboraciones lograron imprimir un diferencial literario en el interior de la diversidad de características de los ensayos publicados por la revista?*

Absolutamente. Esos autores no están escogidos porque publicaran en la revista sino porque compartían una experiencia biográfica común que en algún caso convivió con la revista, pero en casi todos era previa a esta. He publicado varias antologías y creo que sé dos cosas: la primera, que casi ninguna funciona comercialmente. La segunda, que todas ofrecen un mosaico colectivo insustituible para abordar un tema, una época, una generación o un estado de ánimo. Por eso las sigo haciendo cada vez que aparecen la oportunidad, el dinero y el tiempo.

*7. Volviendo al ensayo “El destierro de Calibán. Diáspora de la cultura cubana de los 90 en Europa” (Nº 4/5, 1997) es posible visualizar con claridad su preocupación, destacada por César Mora (Nº 15, 1999/2000) en la reseña del libro Paisajes después del Muro (1999), en “desestabilizar la dictadura de la historia sobre la geografía”, algo que remite directamente a las consecuencias políticas y culturales derivadas de la diáspora cubana y potencializadas durante los años 90, entre ellas la comprensión de las quiebras de modelos de pertenencia. Como bien ha identificado, la Revolución generó un verdadero malestar para la cultura cubana al excluir a sus contrarios y así posibilitar un mundo sin síntesis, lo que acabó por volverse una especie de “trampa” con el regreso al discurso nacionalista estimulado por el Estado cubano en el momento de intensificación de la diáspora, una vez que el nacionalismo, al convertirse en “el problema cubano”, acabó por disolver las diferencias culturales entre los dirigentes de Cuba y los del exilio. ¿Usted cree que propuestas como la de la revista Encuentro, al estimular la reinención de un espacio nacional a través de la rediscusión de la realidad cubana desde una perspectiva transterritorial, consiguió escapar de esa “trampa”?*



Yo hablaba, hace treinta años, del malestar de la cultura cubana en términos de una contradicción entre el origen de la Nación y el destino (internacionalista) de la Revolución. La primera, planteándose siempre en términos de síntesis: “Con todos y para el bien de todos” de Martí, la metáfora del ajiaco de Ortiz, la teología de la cultura de Cintio Vitier, etc. La segunda, abrazada al Bloque Socialista y a la vez diseminada por África, Asia, América Latina o Europa del Este. De modo que, para dogmatizar un poco el asunto y ponerme en modo *fast food*, si cumplías a rajatabla con los requisitos patrióticos de la Nación, era difícil ser revolucionario. Y si cumplías con el *dictum* internacionalista de la Revolución, entonces lo tenías difícil para ser nacionalista.

*Encuentro*, como proyecto transterritorial, tuvo momentos en los que sí escapó de esa trampa y en los que contribuyó a que la cultura cubana escapara de ella. (Y esto, curiosamente, tuvo su momento más acentuado bajo la dirección de su fundador, alguien que había sido enfáticamente revolucionario y enfáticamente nacionalista). Pero no fue algo irreversible, como lo testimonia el regreso tan fuerte a la bipolaridad Habana-Miami. O el retorno del patriotismo sobreactuado a favor y en contra. Con unas redes sociales que están masificando una cultura de militantes, sublimando el ping pong ideológico, la demagogia, o ese politiquero que no es más que la política en su dimensión obscena.

*Encuentro* permitió una cierta ilusión de no alineamiento con el maniqueísmo. De que la cultura no tenía que estar, obligatoriamente, sometida a la política ni esta constituirse en el canal principal de su legitimación. Quizá eso sea complicado entenderlo ahora, cuando estamos constreñidos entre distintas oficialidades que han sumergido a la cultura en la política. (Por lo general, una pésima política que la acaba llevando a su terreno y subordinándola).

Los enemigos de una revista (imagínate cuando el principal, aunque no fue el único, es un Estado con la capacidad de metralla que tiene el cubano), siempre intentarán colocarla en el lugar que ellos quieren y contaminarla con el lenguaje que dominan. Esos enemigos saben perfectamente que todos los proyectos no son iguales, pero saben también que necesitan equipararlos para ponerlos a bailar al son de su Western ideológico, que es donde se sienten más cómodos y donde siempre acaban ganando. Las grandes revistas -y no hablo de dimensiones ni dineros: *Escandalar*, *Mariel* o *Apuntes*

*Postmodernos* fueron, a su manera, grandes revistas de la diáspora- son aquellas que no caen en la trampa de sus enemigos y marcan su camino sin dejarse sacar de su órbita. La revista *Encuentro*, con todas sus contradicciones, fue un ejemplo de esa batalla por no descarrilar, y Jesús (que fue atacado de manera inmisericorde y casi exclusiva en su época) fue un ejemplo del talento y la fuerza que debe tener un director para sostenerla en su ruta.

*8. Para finalizar, algo que mucho me interesa en mi abordaje a la revista Encuentro es la posibilidad de pensarla en términos espaciales, tanto como producción literaria física y que incluye aspectos gráficos y de sintaxis, como también aspectos simbólicos de perfil metonímico que la proponen como un “territorio” de encuentro para la cultura de Cuba. Me parece que esa perspectiva, de cierta forma, va en un sentido convergente hacia una de las líneas principales de su pensamiento sobre la cultura cubana. Dada su experiencia, ¿cuáles serían los pros y los contras de ese enfoque de reflexión a partir de una resignificación del espacio para la cultura?*

En ausencia de una guerra civil o una invasión a la isla, para mí salidas indeseables, sólo queda el diálogo como el único espacio productivo de sociedad en sí mismo. Sobre todo, cuando el realismo te indica que no hay una contrahegemonía con capacidad para deponer al gobierno y cuando, al mismo tiempo, a ese gobierno se le ha acabado la posibilidad de seguir gobernando de manera homogénea, sin una contestación evidente y creciente. Mi tesis es que hoy estamos regidos por un Estado comunista que está obligado, sin embargo, a gobernar sobre una sociedad que ya es poscomunista. Y que esa paradoja, que lo marca todo, irá en aumento.

Dicho esto, considero que la cultura cubana ha fracasado en la creación de un espíritu democrático nacional y un respeto activo y generalizado por el que se mueve fuera de tu flanco. No puede ser que la ONU, el Parlamento Europeo, la Comisión de Derechos Humanos o cualquiera de estos organismos llenos de siglas sólo sean loables cuando te favorecen y deleznable cuando te desfavorecen. O que todo lo que yo haga sea excelso y todo lo que haga mi oponente sea despreciable. Porque, al final, eso ni siquiera responde a una posición política, sino que, como decía La Lupe, no es más que “puro

teatro, falsedad bien ensayada, estudiado simulacro”. (Esto es puro Baudrillard, mira tú).

Ese déficit endémico no solo es visible en nuestros dictadores, exdictadores o protodictadores, sino que descansa sobre un subsuelo cultural que produce y reproduce arquetipos autoritarios (y eso no se acaba en el Malecón ni con el socialismo, sino que pica y se extiende más allá del país y de una ideología concreta). Quizá valga la pena tomar conciencia de que trabajamos sobre esa derrota antropológica y dejar de vender panaceas o paraísos a la vuelta de la esquina. Digerir que si lo que de verdad quieres es salvar el socialismo, no podrás hacerlo solo con comunistas; y si lo que de verdad quieres es proyectar la democracia (ponle el apellido que quieras), no podrás hacerlo sin estos.

## APÊNDICE G - Entrevista com Antonio José Ponte

12 de junho de 2021

Autor: Vítor Kawakami

1. *¿En qué circunstancias usted conoció la revista Encuentro de la Cultura Cubana?*

1.1 *Su primera colaboración para la revista se produjo con la publicación de algunos poemas, en el N° 4/5, en 1997. ¿Cómo fue la invitación para esta participación inicial?*

Yo vivía en La Habana y la noticia me llegó tal como me llegaban las noticias del exilio. Con no muchas precisiones. Me llegó la noticia de que Jesús Díaz, a quien yo no conocía entonces, estaba por sacar una revista en Madrid. Antes había tenido noticias de su decisión de exiliarse, y conocía alguno de los textos que él había escrito acerca de esa decisión. Y supe también que Gastón Baquero estaba de algún modo relacionado con aquella revista, y yo había visitado a Baquero en su casa de Madrid, a comienzos de 1993, en mi primer viaje al extranjero.

Sé que la invitación a publicar no me llegó de Jesús Díaz, pero no recordó a través de quién fue. Pero antes de que publicara esos poemas que me dices, el número segundo de la revista había publicado una reseña de mi libro *Un seguidor de Montaigne mira La Habana* (Ediciones Vigía, Matanzas, 1995), escrita por Noemí Luis Gutiérrez, con quien había tenido por unos años una relación sentimental y que vivía en Madrid, y desde allí se ocupó de mi libro. Supongo que habré recibido ese número lo más pronto posible, y debió llegarme con ese número la invitación a publicar en la revista.

2. *Desde el inicio de la presencia de Encuentro en la Isla, usted fue uno de sus importantes colaboradores y defensores, llegando incluso a formar parte de la Redacción de la revista a partir del N° 21/22 (2001). Al leer La fiesta vigilada (2007), sabemos que más tarde esta toma de posición acabó por proporcionar una de las mayores justificaciones a su expulsión de la UNEAC y, en seguida, a su salida al exilio.*

*¿Alguna vez usted aquilató el peso que esa integración a la revista tendría para su vida intelectual y personal?*

Fue Jesús Díaz, en una llamada telefónica a La Habana, quien me ofreció formar parte de la redacción. Nos habíamos conocido personalmente en 1999, en una segunda visita mía a Madrid, donde conversamos largamente en un par de ocasiones. Primero en un restaurante coreano, junto a Anabelle Rodríguez y Noemí Luis Gutiérrez, y luego en una comida en su casa, donde hablamos a solas sobre gustos literarios en los que uno y otro no coincidíamos mucho. Él me dijo que nunca podríamos ponernos de acuerdo acerca de Eliseo Diego y José Lezama Lima, porque él pensaba que Diego era un poeta superior a Lezama Lima. Sin embargo, recuerdo haber compartido con él la admiración por las novelas breves Henry James, y recuerdo que le pedí algunas recomendaciones sobre novelistas españoles y él me recomendó a Rafael Chirbes, a quien luego yo le debería la publicación en Alemania de *La fiesta vigilada* traducida. A Chirbes y algún otro español que no recuerdo ya.

Y aproximadamente dos años después de esos dos encuentros, él me llamó a La Habana, me ofreció entrar en la redacción de la revista y me dijo que volvería a llamarme en un par de días para dejarme que lo pensara. Un plazo así obedecía a que habría que pensárselo, dadas las consecuencias que podría traer dentro de Cuba esa aceptación. Sé que fueron varios los llamados con esa misma invitación y, al final, solamente dos fueron los que aceptamos: Josefina (Fefé) Diego, hija de Eliseo Diego, y yo.

Jesús Díaz no tuvo que llamarme por segunda vez, porque en esa llamada donde me hice la invitación le di mi aceptación. Él me preguntó si estaba seguro, y le contesté que sí. Y durante varios números Fefé Diego y yo fuimos los dos únicos miembros de la redacción residentes en Cuba, y más adelante se incorporarían otros. Ya para entonces, cuando le di mi aceptación a Jesús Díaz, la revista estaba lo suficientemente mal vista por las autoridades culturales y políticas cubanas como para que yo supiera que aquello me traería consecuencias no agradables.

*3. Al asumir la codirección de Encuentro con Manuel Díaz Martínez desde el N° 44 (2007), ¿cuáles fueron sus mayores propuestas como editor y, entre las que usted logró publicar, cuáles destacaría?*

Según los créditos publicados, mi codirección comenzó en el número 44, pero en realidad había comenzado antes, en el número 43. Y si no fue reconocido así fue por cautelas políticas, para no obstaculizar la salida de mi pareja sentimental de entonces, que aún vivía en La Habana. Pero fue hermoso comenzar ese trabajo con un especial doble, sobre "Palabras de los intelectuales" (1961) y la luego llamada "Guerrita de los Emails", que sucedió en ese mismo momento en que armábamos el número.

Pido excusas por no ponerme a revisar ahora la decena de números que hice como codirector para elegir mis preferencias. Mencionaré solamente ese especial doble del que hablé antes, otro dedicado a arquitectura y urbanismos habaneros y un homenaje a Olga Guillot, que apareció en el último número, ya sin mi dirección (había renunciado), pero preparado por mí. Y menciono lo que para mí fue un hito: descubrir que existía en Madrid una copia de la transcripción de lo que los escritores y artistas le habían dicho a Fidel Castro en los tres encuentros de la Biblioteca Nacional en 1961, transcribir (casi tuve que traducir) lo que Virgilio Piñera le dijera entonces a Fidel Castro, y publicarlo por primera vez. Porque de esos encuentros solamente había trascendido lo que a la maquinaria propandística revolucionaria le interesara: el discurso de Fidel Castro. Y no se conocían más que por noticias o rumores lo que habían dicho sus interlocutores. Y especialmente, Piñera.

Digamos que tan solo por eso, me habría valido de mucho la experiencia de trabajo en la revista. Pero hubo más, claro. Para bien y para mal.

*3.1 ¿En su opinión, cómo funcionaba el equipo editorial responsable por la revista en el momento de su llegada a la misma? ¿Notó alguna señal que apuntara a una posible falta de fuerzas o una tensión de trabajo que de alguna manera ya presagiaba el final de su publicación?*

Aquí cabrán, probablemente, muchas inexactitudes mías. Para responder a cómo funcionaba el equipo editorial a mi llegada tendría que conocer cómo había funcionado

antes. Digamos que cuando llegué no había equipo funcionando. Rafael Rojas, que había sido director junto a Manuel Díaz Martínez, había accedido a quedarse dentro del Comité Editorial, pero no dirigía ya desde hacía varios números. Tanto él como Díaz Martínez no vivían en Madrid, de manera que con mi llegada hubo otra vez director en plaza. Annabelle Rodríguez, que había hecho posible la fundación de la revista junto a Jesús Díaz, fue la encargada de garantizar la pervivencia de la revista y debió ser ella quien eligiera juntar a dos directores para sustituir al difunto Jesús Díaz. Manuel Díaz Martínez y Rafael Rojas, primero. Luego, Manuel Díaz Martínez y yo. Fue el modo que ella debió encontrar de evitar un golpe de revista, tener un aliado firme, más cercano a su edad, en la dirección de la revista. Y ese aliado era Díaz Martínez.

Que apareciera primero el nombre de él en los créditos tenía una excusa alfabética, tanto en el caso en que compartiera dirección con Rojas como con Ponte, pero su peso en las decisiones no era el mismo que el de Rojas o el mío. Y digo esto con la tranquilidad de haber tenido excelentes relaciones de trabajo con Manuel Díaz Martínez, y de tenerle hoy el mismo cariño de cuando nos hablábamos o veíamos con más frecuencia.

Existían tensiones, tal como preguntas. Y eran tensiones que antecedían a mi llegada, así que tuve que moverme entre ellas, y reducirlas a lo más mínimo. Y creo que conseguí un ambiente de trabajo bastante armonioso, aunque no sabría decir cómo era antes de que llegara allí. En cualquier caso, nada me hizo pensar que en tres años llegaría el final, y antes que en el final lo que me preocupaba era el recomienzo, cómo recomenzar un trabajo tan bien hecho por quienes me antecedieran.

Curiosamente, cuando Annabelle Rodríguez me propuso codirigir la revista, yo puse algunas condiciones, razonables todas, y una de ellas era contar con cierta seguridad en el financiamiento del proyecto. Y, curiosamente, fue el plazo de tres años la seguridad que ella pudo darme. Y fue ese el plazo, al final.

*3.2 En cuanto a continuidad y/o cambios, ¿cuáles usted cree que se pudieron imprimir en la línea editorial de la revista, entre 2007 y 2009, durante los nueve números (44 al 52, seis entregas) publicados con su participación como codirector?*

Seré puntilloso: hice más de nueve números, si comencé en el número 43 y muchísimo de lo publicado en el número 53-54 es trabajo mío. Digamos una decena de números,

para no entrar en fracciones. Para mí la continuidad estuvo en sostener una revista donde política, historia, economía, ciencias sociales y otras disciplinas se combinaban, desde su fundación, con literatura y otras artes. Y el cambio estuvo en aumentar la cantidad de textos literarios, y especialmente poemas, en cada número. Supongo también que mi conocimiento personal de autores más jóvenes dentro de la isla habrá cambiado en algo la integración de la revista. Pero esto último no me atrevería a asegurarlo sin echarle un repaso al catálogo de la revista, algo que no voy a hacer.

*4. En su ensayo “Una ciudad para Lezama Lima”, presente en el libro Un seguidor de Montaigne mira La Habana (1995), al tratar de la tesis de ingeniería Triangulación de Matanzas, del personaje coronel Cemí en la novela Paradiso, usted se refiere a la influencia de los topógrafos para su lectura personal de espacios huidizos, que incluso le estimula a leer simbólicamente las ciudades como si leyera libros, y, una vez que ellas están presentes en los libros, señala el deseo del lector de recorrerlas como un peatón. ¿Cree que esta analogía espacial es posible para publicaciones en serie como las revistas?*

No lo creo. Sin embargo, la analogía serviría para explicar las lecturas y travesías en las que anduve metido entonces: una redacción de la cual salían revistas, una ciudad en la que empezaba a vivir sabiendo que no volvería ya a La Habana, una ciudad dentro de la ciudad: las copiosas librerías, y otra ciudad dentro de la ciudad: el Museo del Prado.

*4.1 ¿Y cómo sería la lectura topográfica de una revista diaspórica como Encuentro, que, a pesar de haberse editado desde Madrid, tenía en la transterritorialidad una de sus características más fuertes?*

Para responder esta pregunta tendría que volver a la revista, tendría que sentarme a hojearla y leerla, algo que no he hecho desde el final de la revista. De vez en cuando consulto algún número, pero no voy más allá. Y es cuestión que va más allá de la implicación biográfica en este asunto, porque nunca he sido capaz de leerme *Orígenes*,



cuya colección tengo. La verdad es que como lector no me entusiasman las colecciones ni las obras completas.

*5. Algunos de sus ensayos publicados en las páginas de Encuentro, como “La ópera y la jaba” (Nº 14) y “El abrigo de aire” (Nº 16/17), ambos más tarde incluidos en El libro perdido de los origenistas (2002), son muestras de lo que Emilio García Montiel (en su reseña “Orígenes: un ensayo esencial”, Nº 26/27) señaló como “desacralización” crítica no solo de temas como, por ejemplo, los martianos, sino también de la escritura ensayística en sí, ya que el foco de su libro está más en la “poética de vida” de los escritores que en la exégesis de sus obras, como lo ejemplifica el dedicado a Virgilio Piñera. ¿Sería esa la mayor razón para que practique la intersección entre narrativa y ensayo, es decir, para contribuir a desacralizar aún más ese tipo de ensayo literario interpretativo que parece estar cada vez más influenciado por el rigor académico?*

Soy un impenitente lector de biografías de escritores. Busco biografías de aquellos autores cuya obra me apasionan, diversas biografías. Voy a leerme todos los libros biográficos que encuentre sobre Marcel Proust, Jorge Luis Borges, Michel de Montaigne, Dante, T.S. Eliot, Anna Ajmátova, Virginia Woolf, los poetas clásicos chinos y los arcaicos griegos. Y otros. Tengo muchos de esos libros aquí en casa, leídos y por leer. Y en La Habana pude escuchar a muchos testigos referir historias de José Lezama Lima y de Virgilio Piñera, de Guillermo Cabrera Infante y de Reinaldo Arenas. Y debió llamarme la atención que esas historias no llegaran nunca a lo escrito y quedaran flotando solamente como anécdotas o chismes. A pesar de lo significativas y lo iluminadoras que pudieran ser. De modo que me habré empezado a interesarme entonces por esos nudos de vida y escritura, y habré empezado a aprovecharlos.

No es casual que esos dos ensayos que mencionas sean excursos a partir de objetos personales de autores muertos: la jaba de Piñera y el abrigo de Martí. Trabajar con esa clase de objetos me permite, no solamente desacralizar, sino crearme obrando bajo el poder de transmisión que esos objetos encierran. Son talismanes y fetiches. Ha sido una

manera que encontré para dialogar con unas figuras y unas obras, y salvar el hiato que existe entre ellos y yo.

*5.1 En cuanto al uso de tal intersección dentro de los movimientos canónicos cubanos centrados en la literatura, ¿qué ensayistas (cubanos o no) diría que se acercaron más a esta perspectiva y que le sirven de referencia?*

Al respecto para mí no abundan las referencias cubanas. Están, mayormente, en otras literaturas. Pero, por no dejar de pasar la oportunidad de agradecer algunas lecturas de compatriotas, menciono algunos textos. El retrato de Julián de Casal hecho por Martí, más algunos textos martianos sobre autores (pero no el tan querido por otros, dedicado a Emerson). Lezama Lima escribiendo sobre pintura y poesía en Cuba en los siglos XVIII y XIX. Fina García Marruz sobre Lezama Lima: "Estación de Gloria". Virgilio Piñera también sobre Lezama Lima: "Opciones de Lezama". Lorenzo García Vega en *Los años de Orígenes*. El Guillermo Cabrera Infante memorialista. El Reinaldo Arenas de sus memorias póstumas y de *El color del verano*. Menciono únicamente ensayos más o menos biográficos, y menciono a vuelamemoria, muchos habrán quedado afuera de esta lista de repente.

*5.2 ¿Cuál es su opinión sobre la efectividad del ensayismo de Encuentro para cuestionar el canon literario y cultural revolucionario?*

La mayor efectividad alcanzada en la revista, creo. Más aun si entendemos lo cultural en su sentido más amplio. Creo que hacer entender al lector cubano (y especialmente el lector cubano en la isla) este sentido amplio de la cultura fue una de las lecciones y de las delicias de la revista.

*6. Para concluir, más de una década después del final de la publicación, ¿cree que en la actualidad la crítica historiográfica cubana, en un posible sentido posnacional, ha otorgado la debida importancia cultural al legado de la revista Encuentro?*

Me temo que no. Pero siento tan maltrecho el panorama que, antes de pedir atención para el legado de esa revista, pediría atención para el estado de salud de la crítica historiográfica por la que me preguntas.

## APÊNDICE H - Entrevista com Annabelle Rodríguez

06 de julho de 2021

Autor: Vítor Kawakami

*1. No es difícil constatar que gran parte del éxito de la revista Encuentro de la Cultura Cubana –así como de Encuentro en la red - Diario independiente de cultura cubana– ocurrió gracias a las hábiles articulaciones de política cultural y de subsidios llevadas a cabo por la Asociación Encuentro de la Cultura Cubana, entre su fundación en 1995 y su cierre en 2009. Cuéntenos un poco sobre la estructura de la Asociación en cuanto al equipo y los roles que cada integrante desempeñaba para su funcionamiento.*

*1.1 En su caso personal, ¿cómo fue gestionar dos proyectos tan exigentes al mismo tiempo?*

Me preguntas por la dificultad de gestionar dos proyectos tan exigentes al mismo tiempo. En realidad, para mí era un solo proyecto con dos vertientes bajo el paraguas de *Encuentro*, y había otros afluentes de ese río que también me tocaba gestionar, como fueron todas las conferencias, seminarios y presentaciones de la revista a lo largo de 15 años.

No era la primera vez que asumía el diseño y gestión de un proyecto de cierta envergadura. En Cuba, en 1960, Ma. Teresa Freyre de Andrade, directora de la Biblioteca Nacional y mujer de un prestigio indudable en ese campo, me pidió que me hiciera cargo de coordinar la creación de una Red Nacional de Bibliotecas, un trabajo muy agradecido, que me hizo crecer en todos los sentidos.

En España, desde el Ministerio de Asuntos Exteriores, su entonces Secretario de Estado para la Cooperación y para Iberoamérica, Chenchó Arias, me encargó en 1993 el diseño y puesta en marcha de los tres Programas Educativos de las Cumbres Iberoamericanas, que eran de magnitud intercontinental. Se crearon las Becas Mutis, la TV Educativa Iberoamericana y los Programas de Alfabetización de Adultos, en los que participé personalmente en El Salvador y República Dominicana.

Por supuesto que en todo lo anterior, al igual que más tarde en *Encuentro*, el trabajo era obra de un grupo de personas muy comprometidas sin las cuales nada se habría conseguido. La mayor parte del tiempo la dedicaba, primero con Jesús y Pío, y después con un equipo ya experimentado, a la parte más creativa: imaginar el número, los dossiers que eran de mayor actualidad, escoger cuentos y poesía, escribir a los colaboradores con las conclusiones a las que llegábamos, decidir la plástica del número. El proceso de armar un número era una fiesta, pues además recibíamos constantemente ideas y textos del grupo más cercano. Lichi Diego, Rafael Rojas e Iván de la Nuez, eran puntales importantes de la revista. En Madrid, primero, y desde París después, estaba Elizabeth Burgos, que dominaba el panorama sociopolítico latinoamericano y fue decisiva para organizar varias presentaciones y seminarios en esa capital. Manolo Díaz Martínez, poeta y fantástico recreador de la memoria de su tiempo, era también un puente con los poetas cubanos de todas las generaciones, y una voz importante para tomar decisiones. Carmelo Mesa-Lago, el padre de la economía cubana, nos mantenía al día, con textos y asistencia frecuente a nuestras conferencias y mesas redondas. Carlos Espinosa, crítico literario, de cine y de cualquier tema cultural, era una enciclopedia viviente, capaz de abordar con éxito cualquier dossier que se le proponía. Pío Serrano, que había sido uno de los fundadores, se marchó demasiado pronto, pero fue fundamental para poner en marcha la revista.

Gastón Baquero, Víctor Batista, Marifeli Pérez-Stable, Haroldo Dilla, Cecilia Bobes, Josefina de Diego, Joaquín Ordoqui, Mauricio de Miranda y otros, participaron activamente en esos días inaugurales.

Mientras Jesús vivió, no quiso nunca contratar un jefe de redacción, pues decía que yo cubría esa necesidad. Al faltarnos él, yo me vi desbordada y tuve la suerte de poder contar con un excelente editor, Luis Manuel García, con el que trabajé hasta el cierre de la revista. Cada número se hacía, como decía Jesús, “en el Atlántico”, pues entre e-mails y llamadas de teléfono, eran un poco obra de todos.

Por supuesto que también había una parte administrativa, presentar el proyecto a posibles patrocinadores y obtener subvenciones para darle continuidad, preparar y supervisar presupuestos que se atuvieran a los términos de los contratos, dar cuenta de las actividades, pero siempre contamos con un asesor fiscal y una contable que llevaban el detalle de los pagos a Hacienda y las rendiciones de cuentas. Yo me ocupaba de

redactar los textos, en español e inglés, que debían detallar las actividades en las que se utilizaban los fondos y su utilidad para generar un intercambio de puntos de vista entre los profesionales cubanos, independientemente de donde vivieran.

En el diseño de *Encuentro*, que ya Jesús traía a medio cocinar en su cabeza, participamos muchas personas, para cada una su historia tiene una fecha y unas circunstancias distintas. Para mí fue Madrid, Casa de América, noviembre de 1994, una cena en la que ejercía de anfitriona, para dar la bienvenida a treinta autores cubanos, 15 residentes en la Isla y otros 15 que venían de distintos países, a presentar sus ideas y debatir libremente durante la semana que duraba el Seminario La Isla Entera, un homenaje a la revista *Orígenes* que habíamos organizado, con las aportaciones de Pío Serrano y Felipe Lázaro, Pilar Saro y yo, ambas asesoras ejecutivas del Secretario de Estado, y que se celebraba en la Universidad Complutense por las mañanas (sesiones académicas) y por las tardes en la Casa de América (sesiones informales y, esperábamos, un poco más polémicas).

Aquella noche, el inolvidable Guillermo Rodríguez Rivera, se me acercó sigilosamente para consultar si se podía sumar a la cena de bienvenida un escritor muy importante, recién llegado de Berlín, que resultó ser Jesús Díaz. A partir de ahí, Jesús se incorporó al grupo y organicé una cena en mi casa con Pío Serrano y Elizabeth Burgos para que pudiera contarnos su idea, que era publicar una revista que pudiera dar cabida a creadores de dentro y fuera de Cuba, de ideas y sensibilidades diferentes, con la sola exigencia de rigor y calidad. Pío se sumó a la idea, y Elizabeth y yo, ella desde su puesto como agregada cultural de la Embajada de Francia en Madrid y yo desde el Ministerio, nos entusiasamos con la idea de formar parte de esa aventura. Se estableció una codirección entre Pío y Jesús y fueron días de reuniones en Verbum, después en la oficinita que alquilamos, en plan *brainstorming*, contrastando ideas, redactando el primer Editorial, escogiendo el diseño más adecuado y, sobre todo, improvisando aquellos primeros números.

El diseño que presentó Carlos Caso era perfecto, pues conservaba la forma de libro, que permitía coleccionarla sobre un estante, pero desde el principio insistió en intercalar la plástica, lo cual le daba aire y la alegraba. Caso llevó a cabo una maquetación preciosista de *Encuentro* desde el primer al último número, apoyándose mucho en Iván de la Nuez, que dominaba el universo plástico y proponía ideas novedosas.

Sé que circula una leyenda urbana según la que yo solo me ocupé de buscar los medios y Jesús de los contenidos de la revista, pero la realidad es bien otra.

Jesús, Pío y yo realizamos juntos todas las gestiones iniciales para poner en marcha la Asociación y la oficina (por cierto, con muebles de uso que Pío y yo compramos en el Rastro), y de la misma manera nos entrevistamos con mi jefe, Chenchó Arias, para pedirle el apoyo de la Cooperación Española, con Emilio Lamo de Espinosa, para que apadrinara en el Instituto Ortega y Gasset la presentación del primer número (por cierto gracias al apoyo de Elizabeth Burgos, que presentó una carta de la Embajada de Francia solicitando la sala), y con las Embajadas, principales partidos políticos y personalidades culturales para darles a conocer el proyecto. Jesús y yo nos entrevistamos con el representante del Centro Internacional Olof Palme, y con Pío fuimos a ver a Alfonso Guerra que presidía la Fundación Pablo Iglesias. Con Iván de la Nuez, visitamos a Pasqual Maragall, presidente de la Generalitat de Cataluña. Y, por supuesto, acudimos también a la Moncloa, a pedir el apoyo del Gabinete de Relaciones Internacionales.

Más adelante, después que Pío decidió que no continuaba en la revista, Jesús viajó conmigo a Nueva York y Washington a entrevistarnos con las Fundaciones Ford, Rockefeller, la NED, la Mc Arthur y el Open Society Institute, de George Soros. En todas esas visitas, explicábamos a cuatro manos el sentido que tenía publicar una revista así, sin tabúes políticos ni literarios, abriendo el abanico a las ciencias sociales, la literatura, la economía, las artes plásticas, la ecología, la arquitectura, la música, en fin, a todas las disciplinas. Considerábamos imprescindible contar con la visión de los participantes que residían en Cuba, mucho más inmersos en la realidad del país, y por ello invitamos a escritores de todos los colores políticos a exponer sus ideas y sus textos. Partíamos de que ningún cubano era nuestro enemigo, solo que había interlocutores con los que discrepábamos y lo expresábamos libremente. Queríamos dibujar una Cuba sin exclusiones de ningún tipo, y proyectar en la revista un ensayo de democracia, un sitio donde los cubanos se habituaran a discutir sin considerarse enemigos.

La última gestión importante que Jesús y yo hicimos juntos fue en Bruselas, con la Comisión Europea, para solicitar una subvención que nos permitiría mudarnos, colocar la revista en internet y poner en marcha el diario digital.

A Jesús no le interesaba internet en aquella fecha, cuando se apareció en Madrid su hijo espiritual, Manuel Desdín, protagonista de su novela *Las cuatro fugas de Manuel* (pero esa es otra historia), un físico experto en informática, con la idea fija de colocar la revista en internet y sacar un diario de noticias y cultura cubana. Recuerdo aquella noche en la terraza de mi casa, Jesús negado a ampliar el proyecto, porque “¿de dónde vamos a sacar el dinero, no solo para iniciarlo, sino para mantenerlo vivo?”. Manuel, que no aceptaba una derrota, le dijo entonces: “Viejo, ¿tú me dejas hacer el proyecto con Annabelle? Yo me voy a Colombia, pero me entiendo con ella por e-mail y no te vamos a molestar para nada; ¿si conseguimos el dinero, me apoyas? Porque ese diario tiene que estar dentro de Encuentro, ser parte del mismo”. Y así fue como nos pasamos año y pico, con Manuel mandándome por e-mail listas de equipos y de gastos técnicos, el funcionamiento de la web que planeaba, y yo completando el presupuesto con lo que faltaba y elaborando la propuesta en inglés que había que literalmente venderle a la Comisión Europea y a la Fundación Ford, que finalmente cofinanciaron la puesta en marcha con un presupuesto para dos años, que estiramos a tres. Y que, como en todas las ocasiones anteriores, Jesús fue a defender conmigo a Bruselas, donde pudimos explicarle el proyecto hasta a Javier Solana, gracias al buen hacer de los diplomáticos de la Misión Española, que estaban convencidos de la necesidad de la revista.

Yo seguí trabajando en el Ministerio de Exteriores hasta 1996, pues con el cambio de gobierno cambian los asesores, pero me dio tiempo a organizar *La Isla Entera II*, dedicada a la narrativa, con la participación de un destacado grupo de escritores y con un formato igual al de la 1ª edición.

Jesús se había mudado al lado de mi casa, pues le preocupaba dejar sola a su hija Claudia (13 años) en sus frecuentes viajes a dar clases de guion de cine en cualquier punto de Europa, por el Programa MEDIA de la UE. De modo que Jesús atravesaba el portal y nos reuníamos por las tardes en mi casa a leer originales que nos llegaban, editar textos, hacer llamadas a colaboradores o corregir pruebas, lo que tocara. Habitualmente yo me ocupaba de proponer el Textual, editaba las Cartas a Encuentro, seleccionaba fragmentos de textos, y corregía las traducciones, o las hacía yo misma. Recuerdo un texto de Carlos Solchaga, escrito a mano por él con una letra minúscula, que me tocó descifrar. En otras ocasiones aparecía Caso con su propuesta de plástica para el número y entre los tres escogíamos, de entre un grupo de posibilidades, las que



finalmente saldrían a color, la portada y la contraportada. Para mí fue una época muy divertida.

*2. A lo largo de los años de publicación de la revista (1996-2009) podemos observar, a través de la sección “Cartas a Encuentro”, que hubo muchos lectores dentro de Cuba. Me gustaría que nos contara algo sobre las estrategias para la distribución de ejemplares en la Isla. ¿Cómo se creó la logística para esta distribución gratuita?*

La revista se enviaba a Cuba a través de las Embajadas, no recuerdo que ninguna nos rechazara. Allí se las entregaban a las personas que se habían brindado para repartirlas, algunas ya no están en Cuba, otras ni siquiera en este mundo, ha pasado mucho tiempo desde entonces. La verdad es que, una vez que las revistas llegaban a Cuba, a nosotros mismos nos sorprendía su recorrido, por las cartas inesperadas que nos llegaban, de gente de a pie que no conocíamos, y de lugares insólitos.

*3. Durante 13 años y 54 números, usted fue responsable de la publicación impresa de una de las revistas culturales cubanas contemporáneas más leídas y comentadas. ¿Cómo pudo resistirse a no publicar un solo texto de su propia autoría en las páginas de Encuentro?*

¿Qué por qué no publiqué? Nunca me dediqué a escribir, sino a leer, he sido una lectora voraz desde niña. Siempre he leído por placer, sin disciplina. Papá tenía una biblioteca interminable y lo mismo encontraba a Camus que me leía de un tirón el teatro de O’Neill. Creo que tengo buen gusto para distinguir lo auténtico, más allá de las modas. A veces me tienta escribir sobre las cosas que he vivido, la *petite histoire*, hay tantas anécdotas sabrosas..., pero sería políticamente muy incorrecta.

*4. En la entrevista “Encuentro creó un terremoto en Cuba” publicada por [www.cubaencuentro.com](http://www.cubaencuentro.com) dentro de la celebración de los diez años de la revista en*

*junio de 2006, usted dijo que la ilusión de Jesús Díaz con la creación de Encuentro en la red era que el diario en algún momento jugara un papel, en la transición política en Cuba, como los que en España tuvieron Cuadernos para el Diálogo o el diario El País, así como también Gazeta Wyborcza en Polonia, es decir, el papel de constituirse como “una ventana abierta al mundo” que permitiera “a los cubanos de dentro recibir una información fiable sobre las posibilidades que abre un proceso de transición, en los propios términos de su lenguaje y de sus códigos sociales”. Si bien aún no se ha producido la transición a la democracia en la Isla, ¿cómo usted ve el estado actual de la cultura y la política cubanas y cuáles fueron los aportes de la revista impresa y el diario digital a esta situación?*

Sí, una vez creado el diario, al que se incorporó Pablo Díaz, que venía de graduarse de la Escuela de Cine de Berlín, y de nuevo con el diseño de Carlos Caso y el software creado por Manuel Desdín, director del proyecto, Jesús acariciaba la idea de que fuera el germen de un periódico futuro, publicado algún día en La Habana, y no repito tus citas, pues son exactas. Era una época en la que todo parecía posible, y él pensaba que habría un entendimiento en algún punto del futuro próximo.

Apenas sé nada de la política cubana actual, pues me prometí desconectarme del tema cuando me jubilé, a los 70 años. Necesitaba descansar de una participación demasiado intensa, demasiado dolorosa en lo personal. Mantengo solamente relaciones familiares, como siempre hice, y casi todos mis mejores amigos ya no existen.

Sobre el aporte de la revista impresa a la vida cultural cubana, suscribo lo que han escrito los otros participantes. No lo podría decir mejor. *Encuentro* no solo rompió esquemas y tabúes dentro de la Isla, sino en Miami y otras capitales del exilio.

*5. Una vez finalizado el Proyecto Encuentro (Asociación, revista y diario), ¿qué se hizo con el archivo sustancial (originales, imágenes, cartas, documentos) acumulado durante el período de su ejecución?*

*5.1 En el caso del portal [www.cubaencuentro.com](http://www.cubaencuentro.com), ¿cómo fue el proceso de continuidad de sus actividades luego de la finalización de la Asociación? ¿Quiénes son los responsables por él hoy?*

Me alegro de que me preguntes por el archivo de *Encuentro*, porque esa es otra leyenda urbana. Cuando se inició el proyecto, todas las personas que participaban dominaban los ordenadores, cada uno tenía el suyo y se metían conmigo porque siempre había trabajado con una secretaria al lado, pero ese había sido mi mundo laboral.

De modo que nadie archivaba nada en papel, todo estaba en los ordenadores de cada uno. Únicamente yo, que no tenía cultura digital y sí muy mala visión, fui organizando poco a poco un archivo en papel de mi trabajo, las cartas o e-mails que escribía o recibía, las presentaciones que redactaba para solicitar ayudas, etc. Nunca tuve en ningún archivo mío nada de lo que escribía Jesús en su ordenador, ni Luis Manuel García cuando fue jefe de redacción, ni lo que tenía Pablo Díaz, ni ninguno de los periodistas que trabajaba con él. Cada uno de ellos se llevó al cierre su ordenador, con todo su contenido.

Lo que sí conservo es mi correspondencia con los colaboradores y los files de mis intervenciones en eventos, nacionales o internacionales, que fueron aumentando proporcionalmente al prestigio de la revista. En los últimos años me tocó participar en conferencias y seminarios en Berlín (2003 y 2007), Biarritz, La Cita, Homenaje a Jesús Díaz (2002), Praga, jornadas con Vaclav Havel (2005), Varsovia, invitada por Lech Walesa (2006 y 2008), Estocolmo (2006), París (2005), Bruselas, invitada por FRIDE como Moderadora de la mesa USA-EU (2005), Durban, Sudáfrica, como oradora principal en la Plenaria de 600 personas del WMD (2004), Miami, a presentaciones de la revista (2002, 2004, 2009), New York, invitada por la Ford Foundation (2002), Kiev, Ucrania, con el WMD (2008), Estambul con el WMD (2006).

Por cierto, que mi papelería siempre ha estado abierta a investigadores que han publicado textos y tesis sobre Cuba, *Encuentro* y/o Jesús Díaz, como Lucila Navarrete (UNAM, México), Romy Sánchez (La Sorbonne, París), Yvon Grenier (St. Francis Xavier University, Nova Scotia, Canada), Carlos Uxó (Monash University, Melbourne), Amina Damerджи (La Sorbonne, Paris).

6. *Entre los propios ex colaboradores de la revista, poco se sabe y mucho se especula sobre las divisiones internas que contribuyeron, junto con la falta de subsidios, a*

*terminar con la publicación de la revista Encuentro. ¿Le gustaría aprovechar este espacio para realizar algún comentario sobre este tema?*

En 2008, como sabes, hubo una quiebra internacional que se llevó por delante bancos, industrias, comercios y hasta países, como Grecia. Desde que empezó 2009 empezaron a fallar subvenciones. La Cooperación Española cortó a mitad de año un 33% de la cifra que ya estaba aprobada, y que lógicamente ya se había ido gastando. La Fundación Soros, que ya tenía aprobada una ayuda, nos notificó en agosto, unos días antes de la fecha prevista para recibirla, que habían cancelado ese año todos sus contratos. En España estaban cerrando revistas culturales emblemáticas. Con la cancelación de esos subsidios los fondos disponibles en septiembre apenas alcanzaban para despedir y pagar finiquitos y me vi obligada a avisar a todo el equipo que a partir de octubre cesarían todas las actividades. Fue un momento muy duro, muy tenso y entiendo que se dispararan los nervios de todos. Yo ya había avisado que me jubilaba ese fin de año y eso hice. Había trabajado y cotizado en la Seguridad Social desde que llegué a Madrid en el 71 hasta cumplir los 70, treinta y nueve años, y era hora de descansar.

En ese momento hubo un movimiento de dispersión, lógicamente cada uno buscó su acomodo. Manuel Desdín, que había sido el creador del proyecto de internet, estaba dispuesto a mantener la revista al acceso de los lectores, así como todas las ediciones del diario digital, que constituyen una valiosa hemeroteca de la Cuba de esos años. Otros proyectos preferían hacer borrón y cuenta nueva y no mantener en internet nada de lo anterior. Cada proyecto ocupó su espacio.

De cubaencuentro.com puedo decirte que se mantiene desde entonces sin ninguna subvención, solo por la vocación de Desdín de ser fiel a lo que hubiera deseado Jesús, y el interés de Alejandro Armengol, Carlos Espinosa y otros que escriben y publican sin cobrar nada. No es ahora un espacio noticioso, ni está suscrito a ninguna agencia, más bien es un espacio abierto a distintas opiniones, y es completamente vocacional.

Respecto a lo que me dices que se especula sobre lo que contribuyó, *junto con la falta de subsidios*, al cierre de *Encuentro*, tengo que decirte que *Encuentro se cerró así, súbitamente, POR la falta de subsidios*.

Más allá de que hubiera conflictos de opinión, como en toda obra humana, habíamos permanecido juntos, discutiendo, riendo, peleando o celebrando, desde 1995 hasta 2009,

catorce años, y créeme que dirigir un proyecto cultural es más difícil que pastorear gatos. Todos teníamos egos, y me incluyo.

Es cierto que había discrepancias en cuanto a si debíamos tratar de salvar al menos uno de los dos proyectos. Yo me sentía más comprometida con la revista, me parecía más importante que el diario digital. Otros pensaban lo contrario. Supongo que todos cometimos errores, que hubo malentendidos, que no nos dimos tiempo para aclararlos porque todo ocurrió demasiado rápido.

Visto con perspectiva, se estaba operando un cambio de ciclo que alteró todas las reglas del juego. Y ahora pienso que la revista surgió cuando tenía sentido su aparición, y cerró cuando cambiaron las circunstancias que la habían alimentado, no solo en el sentido económico, sino hasta en el interés social hacia Cuba y su futuro.

Habíamos vivido más de una década de actividades culturales frecuentes sobre Cuba, de convocatorias por parte de FRIDE, Casa de América, el Instituto Elcano, el Instituto Ortega y Gasset, Seminarios de la Universidad de Verano en El Escorial, por no hablar de nuestros viajes a eventos internacionales, todos para analizar distintos aspectos de la situación cubana.

De pronto, todo eso se evaporó, la crisis de 2008 lo borró, por decirlo de alguna manera. La sociedad, a nivel global, estaba enfocada a cosas más urgentes.

Pero creo que, si no hubiera existido esa crisis y por ende esa inesperada falta de subvenciones, ese momento crítico que forzó un cierre en menos de un mes de plazo, los dos proyectos habrían continuado sin mí y sin la necesidad de traumas, las discrepancias y malestares se habrían resuelto. De modo que sí, pienso que fue la falta de un presupuesto estable lo que violentó una situación que se hubiera resuelto de otra manera.

No obstante, me siento feliz por haber sido capaz de mantener vivo un proyecto que, además de su importancia cultural y política para Cuba, le brindó trabajo estable y reconocimiento social a un grupo de personas muy valiosas durante 14 años, incluso 8 años después de la muerte de Jesús, cuando todos pensaron que *Encuentro* se acababa.

## APÉNDICE I - Entrevista con Carlos Espinosa Domínguez

04 de agosto de 2021

Autor: Vítor Kawakami

*1. Se destaca en sus colaboraciones para Encuentro de la Cultura Cubana la cantidad y constancia de sus textos a lo largo de los años, lo que lo convierte en uno de los frequentadores más asiduos de la revista. Hasta el momento de la publicación de su primera colaboración (“Un ritual de la memoria crítica”, N° 8/9, 1998, sobre el grupo de teatro La Má Teodora), ¿cuáles fueron las características iniciales de Encuentro que le generaron tanto interés?*

En esencia, su propósito de constituirse en un espacio abierto para los cubanos de ambas orillas, que fue llevado a vías de hecho durante todos los años que duró la revista. La circunstancia que entonces se vivía, y que el régimen cubano hasta hoy se empeña en mantener, era la división entre los cubanos que vivían en la isla y los que tomaron el camino del exilio. En ese sentido, la cultura era un medio idóneo, pues además de ser un lugar de encuentro lleva implícito el hecho indiscutible de que la identidad cultural pertenece por igual a todos. Otro aspecto que me acercó a la revista fue el de no estar afiliada a ningún partido o organización política, pues evitar cualquier tipo de vínculos de esa índole es algo que yo siempre he seguido como norma.

*1.1 Usted vivió en España durante muchos años y su mudanza a Miami en 1998 ocurrió casi al mismo tiempo de la primera colaboración que cité. ¿Por qué su acercamiento a Encuentro no ocurrió antes?*

En realidad, yo colaboré en el primer número. Aparte del índice, a la izquierda aparece una lista de colaboradores en orden alfabético en la cual figura mi nombre. Eso se debe a que redacté la sección *La Isla en Peso*. Pero ocurrió que durante la preparación del número, los editores decidieron que esa sección debía salir sin firma. Lo lógico entonces era que a partir de la siguiente entrega se encargase de escribirla el secretario de

redacción. Por otro lado, eso corresponde a una etapa en la cual yo estaba concluyendo mi investigación sobre la literatura cubana del exilio. Ya tenía en mente irme a Estados Unidos, así que dediqué todo mi tiempo a finalizarla para poder llevármela y empezar a buscar editor.

*2. Su ingreso a la Redacción de la revista ocurrió en el N° 18 (2000) donde permaneció hasta la última entrega con el N° 53/54 (2009). ¿Cómo fue la invitación para esta participación?*

Recibí la invitación de Jesús Díaz y la acepté con mucho agradecimiento. Para entonces, la revista se había ganado un sólido prestigio y ser invitado a formar parte de su consejo de redacción junto a figuras de tanto peso intelectual era algo de lo cual se podía estar orgulloso, y como tal humildemente lo asumí. Haber sido parte de aquel fascinante y significativo proyecto constituye una experiencia que hasta hoy sigo considerando como una de las más gratificantes y enriquecedoras que me ha tocado en suerte vivir.

*2.1 Durante estos casi diez años de actividad editorial realizada a distancia y vía internet, ¿qué lo incentivó a dar continuidad a su trabajo para la revista? ¿El hecho de estar en Miami o cerca de la región le animó aún más a participar? ¿Por qué?*

En esos años, como tú apuntas, existían ya internet y el correo electrónico, que facilitan tanto la comunicación. De manera que estar en Estados Unidos no significaba un obstáculo para continuar realizando la labor iniciada en Madrid. Echando la vista atrás y hurgando un poco en los baúles de la memoria, no hallo diferencias en lo que para mí fue colaborar desde España o desde Estados Unidos. Puedo decir que hasta el final de la revista, mantuve el mismo interés y el mismo entusiasmo al participar en su elaboración.

*3. El número 18 publicado en el segundo semestre de 2000 puede considerarse un hito en la historia de Encuentro. Hasta entonces, el oficialismo cultural de La Habana había*

*mostrado cierta tolerancia hacia la revista y su línea editorial inclusiva pero, a partir de ese número la postura crítica de los líderes culturales del régimen se volvió más agresiva. Esta entrega de la revista, además de los elogios de Jesús Díaz en el editorial a la comunidad cubana en Miami y anunciar el inicio de las actividades de Encuentro en la red (Diario Independiente de Cultura Cubana), también publicó el dossier sobre literatura cubana contemporánea producida en esta ciudad norteamericana, que fue principalmente organizada por usted. Ante las reacciones críticas que empezaron a producir los partidarios de la política del gobierno cubano, ¿no cree que el número 18 de la revista era la oportunidad que estaban esperando para un cambio de postura?*

Hablando la verdad más verdadera, yo no estaba muy al tanto a cómo reaccionaba el oficialismo cultural cubano ante cada número de la revista. En todo caso, yo diría que casi desde el principio la recibieron mal, como era de esperar. En cuanto a que el número 18 marcara un punto de inflexión en las reacciones críticas, tras revisar de nuevo su contenido no estoy seguro de que fuese así. En primer lugar, el dossier sobre Miami solo recogía textos de poesía y narrativa. No pienso, pues, que esa fuese la razón de lo que consideras un cambio de postura. Un hecho que lo demuestra es que dos años después yo preparé la antología *Isla tan dulce y otras historias. Cuentos cubanos de la diáspora*, que fue publicada en Cuba.

Más bien lo que debió haber molestado fueron las ponencias presentadas en el panel que la revista organizó en el Congreso de la Latin American Studies Association, celebrado en Miami. Se publicaron en la entrega anterior y en la 18 se reprodujeron la entrevista a Aurelio Alonso en la revista *Revolución y Cultura* y la respuesta de Jesús Díaz a la misma. En esa entrevista, el susodicho se refiere a “una nueva ola de pensamiento contrarrevolucionario” creada por la intelectualidad opuesta a la revolución. Pero insisto, es posible que la salida de ese número coincidiera no con un cambio de postura, pero sí con un recrudecimiento de los ataques contra la revista. Estos venían de muy atrás, y tuvieron como centro algunas de las fuentes de financiación de *Encuentro*, a las que se acusaba poco menos de ser instrumentos del imperialismo norteamericano.



*3.1 En sus conversaciones con Jesús Díaz para la elaboración de este dossier, ¿imaginó alguna vez que llegarían con tanta fuerza tales reacciones críticas?*

Pues la verdad es que Jesús y yo nunca llegamos a hablar sobre ese tema. Tampoco tenía sentido hacerlo, pues ambos sabíamos que cualquier asomo de crítica, por más leve que fuese, iba a dar lugar a tales reacciones. En mi caso personal, eso nunca fue una cuestión en la que yo pensara al preparar un dossier o escribir un trabajo. Mi mayor preocupación era que quedasen hechos con rigor y seriedad.

*3.2 Quisiera que comentara algo sobre los principales argumentos que utilizaron estas críticas, como el supuesto “giro” discursivo de la revista ideológicamente a la derecha y su alineación con el “imperialismo” estadounidense.*

Dedicar espacio a comentar semejantes acusaciones me parece una soberana pérdida de tiempo. Es referirse al mismo y gastado discurso que durante más de seis décadas se viene utilizando desde las instituciones y las publicaciones oficiales de Cuba para descalificar a cualquier intento de publicación que no acate o se aparte del pensamiento único impuesto por el régimen. Solo quiero anotar que es paradójico que una revolución que tanto pregona ser martiana se dedique a fomentar la política de la tea incendiaria, las campañas de difamación, los ataques, la inquina y la enemistad irreconciliable. Martí, por el contrario, fue un revolucionario limpio de odio, que sostenía que “solo el amor construye” y que “la única ley de la autoridad es el amor”.

*4. Aún pensando en su papel principal al frente de la organización de algunos dossieres importantes publicados por Encuentro, como el mencionado anteriormente o aquel dedicado a la literatura homoerótica (Nº 41/42), y también en la organización de los homenajes a Virgilio Piñera (Nº 14), Lorenzo García Vega (Nº 21/22), al dramaturgo Abelardo Estorino (Nº 26-27) y al coreógrafo Ramiro Guerra (Nº 41/42), además de sus textos publicados en las páginas de la revista que trataban temas relacionados, por ejemplo, con las artes plásticas, es evidente su capacidad para abordar diferentes áreas del espectro cultural. Desde este polifacético lugar en el que trabaja tan bien, ¿cree*

*que Encuentro logró dedicar una atención en equilibradas proporciones a distintas áreas de la cultura cubana? ¿Cuáles serían los mejores ejemplos para justificar su opinión?*

Pienso que en sus cincuenta y cuatro entregas, *Encuentro* logró abarcar un espectro temático bastante rico y diversificado. Para justificar mi opinión, me voy a atener al campo sobre el cual me preguntas y me referiré solo a la cultura. A lo largo de trayectoria, la revista acogió homenajes a unos cuantos escritores (Nivaria Tejera, José Kozler, Reina María Rodríguez, Gastón Baquero, Fina García Marruz, Antón Arrufat, para mencionar unos pocos). Pero también a cineastas (Tomás Gutiérrez Alea), pintores (Luis Cruz Azaceta), dramaturgos (Abelardo Estorino), coreógrafos (Ramiro Guerra). Asimismo, se dedicaron dossiers a la literatura homosexual, las revistas literarias del exilio, la creación literaria en Miami. Los homenajes fueron reemplazados por la sección *En persona*. Entre los nombres a los cuales se les dedico, estuvieron el saxofonista Paquito D’Rivera, el director de cine León Ichaso, el músico Bebo Valdés y los escritores Abilio Estévez, Carlos Victoria e Iván de la Nuez.

Desde el primer número, las artes plásticas tuvieron una presencia permanente, y a partir del 6-7 se encargó a un pintor ilustrar la revista. Eso hicieron, entre otros, artistas de diferentes generaciones como Umberto Peña, Arturo Cuenca, Raúl Martínez, Carlos Alfonzo, José Bedia, Sandra Ramos, Florencio Gelabert, Gina Pellón, Rafael Soriano. Podría seguir aportando ejemplos, pero eso excedería el espacio que permite una entrevista. En todo caso, pienso que hubo una clara preocupación de los editores por que las distintas manifestaciones del arte y la literatura tuvieran siempre un espacio. Probablemente pudo haberse prestado más atención a esta o aquella. Pero no puede negarse el meritorio esfuerzo que en ese sentido se hizo.

*5. En su interesante artículo sobre revistas y suplementos literarios cubanos publicados desde el exilio, "Un proceso activo e imparable" (Nº 40), usted identifica algunas publicaciones como Nueva Generación (1963-1972), Areíto (1974-1984) o Catálogo de Letras (1994-1999) como precursoras en la inclusión de textos producidos*

*originalmente en Cuba. En este sentido de romper las divisiones entre cubanos de dentro y fuera de la Isla y manteniendo las necesarias diferencias ideológicas entre las líneas editoriales, ¿diría que es correcto incluirlas en una genealogía hemerográfica de la revista Encuentro?*

En su momento, esas revistas hicieron lo que buenamente pudieron, y es justo reconocérselo. Hay que tomar en cuenta que durante varias décadas un sector de la comunidad cubana en el exilio era muy beligerante y se mostraba reacio a aceptar cualquier tipo de relaciones o colaboración con compatriotas residentes en la Isla. Para ilustrar con un ejemplo, un trabajo de Raimundo Fernández Bonilla sobre José Lezama Lima, aparecido en la revista *Exilio*, provocó una carta de protesta de un lector que llamaba al autor de *Paradiso* el “comunista Lezama Lima” y otras lindezas por el estilo. Em cambio, cuando empezó a circular *Encuentro*, el panorama era otro. Había un ambiente mucho más favorable para acoger un proyecto con esa línea editorial.

*5.1 En ese mismo texto, usted manifiesta en una breve nota (p. 116) que a partir de la década de los noventa se regularizó la presencia de colaboradores de la Isla en revistas del exilio. ¿A qué cree que se debió esto? ¿Cuáles serían los ejemplos más significativos en alineación con Encuentro?*

Como apunté antes, a partir de los años noventa el ambiente pasó a ser otro. La caída del muro de Berlín y la desaparición del bloque comunista contribuyeron a resquebrajar la política de los dos bandos irreconciliables en que artificialmente se había dividido a los cubanos. En el trabajo que tú citas menciono algunas de las publicaciones de esos años que participan, si no totalmente al menos en cierta medida, de la línea de *Encuentro*. Una de ellas es *Apuntes Posmodernos/ Postmodern Notes*. A eso hay que sumar también eventos como *La Isla Entera*, celebrado en 1994 en Madrid, y el *Encuentro de Estocolmo*, de ese mismo año y auspiciado por el Centro Internacional Olof Palme. En ambos participaron escritores cubanos de las dos orillas, y estaban orientados a contribuir al proceso de acercamiento y a la necesidad de dialogar con el contrario acerca de los temas vitales que unen y dividen a los cubanos.

6. *Sus colaboraciones textuales publicadas en Encuentro van desde artículos, ensayos, reseñas, entrevistas, introducciones o presentaciones de dossiers y homenajes. Una cuestión interesante que surge de tales textos es que, en el caso del ejercicio de la crítica, usted explora fácilmente los límites entre géneros como el ensayo y el artículo de perfil más periodístico. ¿Cree que realiza su trabajo como crítico cultural más como ensayista o como periodista, o ambos? ¿Por qué?*

No creo tener una respuesta satisfactoria. Al redactar un trabajo, adopto el estilo que mejor le viene. Unas veces exige un tono más reflexivo; otras pide un tratamiento más cercano al periodismo. Uno mismo es el peor juez de lo que escribe. Pero me atrevo a decir que en todos mis textos está presente la preocupación por la transparencia del lenguaje y la voluntad comunicativa. Y a propósito de esto, me viene a la memoria una frase de un dirigente chino: No importa que el gato sea blanco o negro; mientras pueda cazar ratones es un buen gato.

7. *También sabemos que usted fue un colaborador importante de Encuentro en la Red durante el período de su existencia y que hace muchos años textos de su autoría han sido publicados semanalmente en el portal [www.cubaencuentro.com](http://www.cubaencuentro.com). ¿Cuáles son las principales diferencias entre la línea editorial que orientó el extinto diario y la que actualmente guía el portal?*

Es muy común que se tenga *Encuentro en la Red* como una especie de vaciado digital del contenido de la revista *Encuentro*. Nada más lejos de la realidad. *Encuentro en la Red* fue creado como un diario digital con entidad propia, que compartía la misma línea editorial que la revista en cuanto a servir como punto de encuentro entre los cubanos tanto de dentro como de fuera de la Isla. Conviene recordar que ambas publicaciones eran editadas además por la Asociación Encuentro de la Cultura Cubana.

*Encuentro en la Red* estaba concebido con un criterio más periodístico, y como se dio a conocer en el momento de su nacimiento su propósito era desarrollar un nuevo polo

cotidiano de información y opinión sobre temas cubanos. En cuanto a *Cubaencuentro*, no es más que el nombre que pasó a adoptar el diario a partir de un momento determinado. No cabe hablar, pues, de diferencias en la línea editorial, sino de continuación de la misma que desde el inicio mantiene. Es, como se dice coloquialmente, el mismo perro con diferente collar.

*7.1 ¿Es posible decir que aún hoy algo de las perspectivas iniciales lanzadas por Jesús Díaz cuando fundó la revista Encuentro permanece en el portal, o son propuestas totalmente distintas?*

Sí, definitivamente. Pero no creo que deba abundar sobre ello porque es algo que queda contestado en la respuesta anterior.

## APÉNDICE J - Entrevista con Pablo Díaz Espí

29 de agosto de 2021

Autor: Vítor Kawakami

*1. Probablemente usted siguió el nacimiento de la revista Encuentro de la Cultura Cubana desde una posición de intimidad familiar. Cuéntenos un poco sobre su interés inicial por el proyecto concebido por su padre, Jesús Díaz.*

No participé del nacimiento de *Encuentro*. En los años 90 del siglo pasado yo vivía en Berlín, en el ambiente anárquico que dominaba la ciudad, completamente alejado de Cuba y de los asuntos cubanos. Un día recibí el primer número de la revista en mi buzón de correo. Recuerdo que compré una cerveza, me fui al parque Monbijou, y lo leí mientras bebía.

Desde una perspectiva familiar, diría que más bien participé de la "concepción" de *Encuentro*, pues la búsqueda, el diálogo y la polémica alrededor de la cultura y de la política cubana fueron una constante en la vida de mi padre. Para mí, la idea que cristaliza en *Encuentro* comienza a tomar forma en 1990, un año antes de que mi padre se vaya al exilio. Es entonces cuando su confrontación interna frente a la situación política en Cuba alcanza una especie de *boiling point*. En nuestros frecuentes diálogos de entonces, en parques de La Habana, la radicalidad y la arrogancia de mis juicios juveniles formaban un contrapunto con las preguntas que él se hacía y me hacía. Yo blandía aquellas opiniones sinceras y descarnadas, despojadas de cualquier tipo de compromiso, ante las dudas que lo asaltaban a él. Dudas acerca del proceso revolucionario, de Cuba, del intelectual público, de la literatura, de la política cultural. A fin de cuentas, dudas y preguntas que giraban alrededor de los temas que más tarde serían centrales en *Encuentro*.

Cuando tuve la opción de incorporarme al proyecto, en el año 2000, ya me había dado cuenta de que esos temas también eran importantes para mí, y que mi decisión de alejarme de Cuba –decisión que aún mantengo en varias facetas de mi vida, a pesar de encontrarme en medio de la discusión pública cubana– no era más que una forma

personal de lidiar con el tema. Vi *Encuentro* como una manera de regresar a la Isla desde una perspectiva interesante, alternativa.

2. *Podríamos decir que su participación en la revista Encuentro de la Cultura Cubana fue, en cierto modo, discreta. Su primera colaboración tuvo lugar cuando usted era ya jefe de redacción de Encuentro en la red (Diario independiente de cultura cubana), en la entrega de N° 19 (2000/2001), con un artículo sobre béisbol cubano extraído del entonces recién creado diario digital y publicado por la revista impresa en la sección efímera “De Encuentro en la red”; y su inclusión en el Consejo de Redacción de la revista sólo se produjo después de la entrega N° 30/31 (2003/2004). Además, sus colaboraciones textuales no fueron numerosas durante los trece años de duración de Encuentro. ¿Cuál es el motivo de esta discreción, dado que había asumido un papel protagonista en el diario digital?*

Ante todo, una precisión: nunca fui jefe de redacción de *Encuentro en la Red*. Supongo que la confusión responde a la fusión identificativa que terminó habiendo entre el portal cubaencuentro.com, que tenía una dirección tecnológica, y el diario *Encuentro en la Red*. La idea inicial era que el portal llegara a albergar más elementos y servicios además de *Encuentro en la Red*, pero esto nunca sucedió, por lo que acabó conformado, casi exclusivamente, por el medio informativo que dirigí desde su nacimiento, el 4 de diciembre de 2000, hasta el 4 de diciembre de 2009, algo que pueden confirmar los periodistas que trabajaron allí.

Acerca de la pregunta, no considero que mi participación en la revista *Encuentro* haya sido discreta, aunque entiendo que se perciba así. Mis colaboraciones textuales fueron infrecuentes, es cierto. Esto se debió básicamente a dos razones. La primera fue la ya explicada de mi lejanía de los asuntos cubanos en los primeros años de la revista. Tal y como cuenta en su *Infancia en Berlín hacia 1900*, Walter Benjamin se sentía atraído por las ventanas iluminadas de las casas en la Plaza de la Bellealliance. En su álbum de postales de la ciudad, sin embargo, esas ventanas aparecían a oscuras. Solo cuando Benjamin ponía la postal de la plaza ante una lámpara, el reflejo de la luz volvía a

aparecer en las ventanas. Para mí Cuba era entonces una postal, y *Encuentro* la lámpara. Nada más, y estaba bien así.

Posteriormente, cuando concluí mis estudios y me mudé a Madrid, no solo me concentré en la fundación y puesta en marcha de *Encuentro en la Red* –el primer medio digital cubano independiente y generalista, si tenemos en cuenta que los proyectos que existían antes se ceñían a las denuncias de violaciones de derechos humanos–, sino que, dentro de la Asociación Encuentro, asumí la realización del diario como el gran reto que fue. La intensidad de ese trabajo, así como sus posibilidades y alcance, hicieron que lo viera como algo mucho más mío que la revista, sin contar que, como esta, era un vehículo de expresión.

Al mismo tiempo, participé permanentemente de las decisiones estratégicas y políticas de la Asociación, vitales para la revista, así como de las reuniones editoriales y de preparación de cada número. Esto fue una constante antes y después de ser incluido en el Consejo de Redacción de la misma, algo que, al menos en mi caso, dadas mis responsabilidades y mi presencia diaria en la redacción, fue mera formalidad. Todo esto terminó en 2009, cuando tanto yo como el resto del equipo que hacíamos *Encuentro en la Red*, así como el co-director de la revista en ese momento, Antonio José Ponte, entramos en desacuerdo con las decisiones y el rumbo tomado por la Asociación, y decidimos retirarnos y fundar nuestro propio proyecto, *Diario de Cuba*.

### 2.1 ¿Por qué la sección “De Encuentro en la red” no avanzó en la revista?

*Encuentro en la Red* fue algo innovador, diría incluso que disruptivo, dentro de la Asociación. También fue un paso valiente, en el sentido de que la Asociación, con una labor consolidada y definida, se abrió a un reto, a algo inédito. Surgió a partir de la necesidad de llevar información a la Isla de una manera más ágil que la que permitía la trimestralidad de la revista impresa. Como medio nuevo, con un lenguaje propio, periodístico, una cadencia diaria y un formato digital, su desarrollo conllevó ajustes, adaptaciones. Se diseñaron estrategias. Algunas funcionaron, otras resultaron prescindibles. En un inicio, pensamos que no vendría mal un impulso de la publicación impresa, dado el prestigio alcanzado por esta. Luego nos dimos cuenta de que el ritmo



diario de *Encuentro en la Red*, su lenguaje y enfoque inmediato, propios de un medio informativo incluso en los artículos de opinión, hacía que muchas veces sus contenidos llegaran de forma extemporánea a las fechas de la publicación impresa.

También nos dimos cuenta de que, ante las posibilidades del universo digital, *Encuentro en la Red* no necesitaba el apoyo de la revista impresa para crecer. *Encuentro en la Red* alcanzó rápidamente sus propios lectores. Y más adelante ocurrió lo inverso y lo lógico, la revista *Encuentro* se digitalizó y pasó a estar accesible también a través del portal digital.

## 2.2 ¿Cómo valora la interconexión entre el diario digital y la revista impresa durante los años de publicación de *Encuentro*?

Las redacciones de *Encuentro* y de *Encuentro en la Red* ocupaban alas distintas de una oficina de aproximadamente 150 metros cuadrados, separadas por una amplia cocina. Creo que esos espacios independientes y esa zona de confluencia retratan muy bien el tipo de interconexión existente entre ambas publicaciones. Operábamos bajo el mismo techo, pero al mismo tiempo había una separación.

Más allá de las lógicas desavenencias puntuales de cualquier proyecto intelectual colectivo, sí hubo una tensión interesante y más duradera, que identificaría como de objeciones o reticencias ante ciertos hechos o frente al lenguaje periodístico. La revista había aglutinado un universo de colaboradores provenientes en su mayoría de la academia y las ciencias sociales. El acercamiento de la misma, más ensayístico y pautado, se vio violentado por la cosa fáctica del periodismo. Todo se hizo más inmediato, más airado. Y el tratamiento de los temas se volvió más crudo. Permanentemente se recibía fuego enemigo y, con frecuencia, quejas amigas.

Todo esto, sin embargo, me parece natural. *Encuentro* era una revista cultural, mientras que *Encuentro en la red*, un medio informativo. Lo esencial es que ambas publicaciones tenían claras sus identidades, así como sus objetivos y públicos. Teniendo en cuenta esos elementos, creo que hubo una buena interconexión y un apoyo editorial mutuo.

## 3. Creado en diciembre de 2000, *Encuentro en la red* es reconocido como un periódico cubano pionero en los medios digitales, ofreciendo no solo la novedad de este tipo de

*periodismo, sino también demostrando una capacidad estratégica para su alcance dentro de Cuba. Cuéntenos un poco de las mayores dificultades a las que se enfrentó en el proceso de organización de la redacción del diario desde Madrid y la difusión de su contenido a través de la red de internet en la Isla.*

Organizar una redacción desde cero es algo complejo, requiere del involucramiento de mucha gente que, en nuestro caso, se hallaba dispersa. Mi primera tarea, previa al nacimiento de *Encuentro en la Red*, consistió en sumergirme en varias cajas de artículos que no habían encontrado espacio en la revista impresa, ya fuera por su brevedad, por su naturaleza opinativa o por sus temas, y valorar si tenían validez o cabida en el futuro diario. Eran textos que se habían recibido desde Cuba a lo largo de los años, muchos por correo postal, mal impresos o incluso manuscritos. Tenían algo de mensajes de náufragos, lanzados en botellas al mar. Recuerdo que, entre ellos, descubrí los ágiles análisis económicos de Oscar Espinosa Chepe y Arnaldo Ramos Lauzurique, quienes se convertirían en colaboradores regulares del periódico hasta sus respectivas muertes.

Junto a Chepe y Lauzurique, la redacción aglutinó a gente como el periodista Miguel Rivero, con su entusiasmo permanente y sus años de experiencia como corresponsal de Prensa Latina, a quien yo conocía de Praga; Raúl Rivero e Iván García desde La Habana, al igual que Dimas Castellanos, Manuel Cuesta Morúa y Leonardo Calvo Cárdenas; Mary Simón desde Ginebra; Ivette Leyva, Wilfredo Cancio y Carlos Espinosa desde Miami; Néstor Díaz de Villegas desde Los Ángeles, Ramón Fernández Larrea desde Barcelona y Joaquín Ordoqui desde Madrid, entre otros, como el artista y caricaturista Omar Santana o el fotógrafo Pedro Portal.

Paralelamente, encontrar los redactores tampoco fue sencillo. En la redacción de *Encuentro en la Red* se probaron muchos periodistas, hasta que finalmente tuve la suerte de dar con dos de los mejores que conozco, Mirta Fernández Laffitte, actual jefa de redacción de *Diario de Cuba*, y Michel Suárez, también fundador de DDC.

Lo más difícil de todo, sin embargo, fue la escasez de periodistas independientes en la Isla. Eran tiempos en los que la información y las denuncias venían del activismo, de gente autodidacta. Así como ahora vemos un techo en el periodismo cubano en la falta de profesionales especializados en temas como economía, leyes o relaciones internacionales, entonces era complicado encontrar a gente que supiera lo que es algo

tan básico como la pirámide invertida, en una época en la que no había redes sociales, *wifi* ni paquetes de datos, y en la que tener un celular resultaba un lujo. Pasamos muchas horas al teléfono, deslindando opinión de información, corroborando fuentes, reescribiendo, poniendo y eliminando comas o, como diría Vicente Echerri, articulista también desde los inicios del diario, quitando "viejitas" de los textos, en referencia a suprimir lo trillado o las frases hechas.

Todo esto fue un proceso, el de la profesionalización de *Encuentro en la Red*. El periódico no fue el mismo en el año 2001 que en el 2009. Yo diría que, a través de este desarrollo, se sentaron las bases de mucho de lo que hoy en día se hace en la prensa independiente cubana. Hoy hay una ambición generalista que permea incluso algunos medios de nicho, hay agilidad, se separa la información de la opinión, se tejen escenarios, existe espacio para puntos de vista divergentes, se trabaja sobre un lenguaje sin adjetivos, se cumple con muchos estándares internacionales de periodismo y hasta el formato híbrido de las redacciones, dentro/fuera de la Isla, se ha impuesto como lo más efectivo.

En cuanto al alcance dentro de Cuba, para *Encuentro en la Red* fue una prioridad; la persecución, por otras vías, de algo que la revista *Encuentro* planteó desde un inicio, algo que estuvo en el centro de los ataques que recibió y que en cambio hoy se asume con naturalidad y se halla en todos los esfuerzos por llevar la democracia a la sociedad cubana: asumir que los protagonistas del cambio están allí, en la Isla, y que desde el exilio, en lugar de guiarlos, lo que hay que hacer es ofrecerles apoyo y darles voz y herramientas, la primera de las cuales es la información.

En ese sentido, cuando yo visitaba Madrid y conversaba con mi padre en algún café, era como si siguiéramos haciéndolo en un parque de La Habana. Él transmitía la misma pasión y el mismo compromiso, seguía trabajando incansablemente, llamando por teléfono hasta altas horas de la madrugada o citándose con cualquiera que pudiera aportar algo a *Encuentro* y a la cultura cubana, tendiéndole la mano a quien necesitara ayuda. Su entusiasmo se desbordaba cuando creía dar con algo o alguien valioso.

Cuando la revista planteó desde su primer número esa lógica de dirigir la voz hacia quienes se encontraban en Cuba, causó desconcierto y provocó todo tipo de acusaciones, entre ellas la de colaboracionismo. Años después, al *Encuentro en la Red* sumarse al ruedo, con todas las posibilidades del mundo digital, el pánico cundió en el

oficialismo cubano y los ataques y las descalificaciones arreciaron desde todos los ángulos. Comenzó entonces el toma y daca de la censura digital, los cambios de servidores, los bloqueos de direcciones IP, el envío de boletines vía email que se distribuían a través de la intranet nacional y el uso de cualquier vía que sirviera para penetrar esa cortina de bagazo que es la versión cubana del telón de acero.

*3.1 Sabemos, por ejemplo, a través del dossier “Financiación, totalitarismo y democracia” publicado en el N° 28/29 (2003) de la revista Encuentro, que la implementación y mantenimiento de Encuentro en la red y el portal [www.cubaencuentro.com](http://www.cubaencuentro.com) generó un alto costo de recursos con equipo técnico, grupo de periodistas, personal de redacción, oficina, secretaría, etc., hecho que acabó provocando un gran número de agresiones, descalificaciones personales e incluso amenazas por parte de las autoridades cubanas y sus defensores, con el claro propósito de socavar la idoneidad de los proyectos que gestionaba la Asociación Encuentro de la Cultura Cubana. ¿En qué medida cree que esto ha interferido en la fiabilidad del trabajo realizado por ustedes?*

Son argumentos que habrán servido a quienes hayan necesitado tenerlos. La cuestión del financiamiento es una discusión puritana que remite al concepto de soberanía en una sociedad como la cubana, completamente despojada de la misma. En un entorno totalitario, los cuestionamientos acerca de la capacidad de conseguir y usar recursos de forma independiente –siempre sometidos a un escrutinio institucional y fiscal– son tan absurdos y mojigatos como aquellos que trataban de limitar la altura del dobladillo en las sayas de las mujeres. Financiarse es un derecho reconocido internacionalmente.

El asunto es que los comunistas siempre han tenido problemas con el dinero de los demás, y respondiendo a ese patrón, los castristas establecieron que todo recurso que no pase por sus manos es cuestionable. A la vista de cómo han administrado y dirigido el país, es una desfachatez. Insisten en el tema para esquivar la discusión de ideas y lo esencial: la ausencia de democracia y de libertad de expresión en Cuba. Tratan de deslegitimar a sus contrarios para que sus observaciones, críticas y propuestas no sean tomadas en cuenta. Se trata de una estrategia burda, apoyada en un rosario de descalificaciones: anexionistas, traidores, gusanos, mercenarios, vendepatrias...

Aunque parezca increíble, tanta insistencia caló incluso en ciertos actores de la sociedad civil cubana, que advierten –sin que nadie les pida explicaciones y como si esto fuera algo virtuoso– no recibir apoyos de ninguna institución.

Son herencias del castrismo que han terminado provocando una relación traumática y acomplexada con los recursos. Por suerte, ya son visiones minoritarias. Ojalá terminen desapareciendo, pues llegada la democracia a Cuba, será responsabilidad de la sociedad civil estar preparada profesionalmente para salir a buscar cuantos recursos sean necesarios para defender sus agendas de manera eficaz.

Uno de los logros de *Encuentro* y de *Encuentro en la Red* fue el haber sido capaces de conseguir financiación pública y privada, europea y norteamericana, de carácter regional y también nacional. Financiación ligada lo mismo a la promoción de la cultura que a la defensa de la democracia o de la libertad de expresión.

Hace ya muchos años, el poeta Pablo Armando Fernández me presentó en Madrid como director de *Encuentro en la Red*, medio "financiado por la Fundación Ford". Lo corregí. Le dije que no solo por la Ford, sino por muchas organizaciones más.

*Encuentro* y *Encuentro en la Red* son la historia de un empeño editorial realizado por exiliados con capacidad para conseguir recursos, gracias a los cuales las publicaciones jugaron un rol protagónico en la cultura nacional, a pesar de tener enfrente el poder represor y mediático de un Estado. Esta historia tiene, además, una contracara. Yo mismo llegué a avalar con mi casa préstamos bancarios a *Encuentro* que le permitieron seguir existiendo en períodos de dificultad. Muchos amigos, como el editor Víctor Batista, ayudaron. Además de un proyecto intelectual, *Encuentro* y *Encuentro en la Red* fueron un techo, un lugar de acogida para escritores, periodistas y artistas cubanos, tanto exiliados como insiliados. Cuando el castrismo y su estúpido catálogo de tergiversaciones pasen, lo que quedará será la obra y el impacto de ambas publicaciones.

4. Después del final de la revista *Encuentro* en 2009, ¿el diario *Encuentro en la red* estuvo activo durante algún tiempo? ¿Cuándo exactamente y por qué el diario digital terminó de hecho sus actividades? ¿Quién siguió siendo responsable del portal

[www.cubaencuentro.com](http://www.cubaencuentro.com), que permanece activo en la actualidad, y cómo se financia este proyecto?

No tengo idea. El 4 de diciembre de 2009, quienes hacíamos *Encuentro en la Red* decidimos cortar todo lazo con la Asociación, y fundamos *Diario de Cuba*. Desde ese día, nunca más he vuelto a ver ni a hablar con ninguna persona vinculada a aquellos proyectos. El diario terminó sus actividades por la falta de visión de la dirección de la Asociación y de la mayoría de las personas que la componían en aquel momento, de manera que quienes lo hacíamos nos marchamos y empezamos otro proyecto con recursos propios e independencia.

4.1 ¿Cuál es su opinión sobre la indisponibilidad de los contenidos de las publicaciones periódicas digitales, como los de *Encuentro en la red*, que tras su finalización imposibilitó el acceso de los lectores al material publicado?

Todo lo relacionado con el fin de *Encuentro en la Red* me parece lamentable.

5. En las páginas de *Encuentro* fueron publicados tres cuentos de su autoría: “Los perros” (nº 25), “Explosión” (nº 36) y “Marilyn” (nº 50). ¿Cree usted que la narrativa de ficción ha ocupado suficiente espacio en la estructura sintáctica de la revista, si la comparamos con el ensayismo de la crítica literaria?

*Encuentro* fue una revista cultural que respondió a las circunstancias políticas y sociales de Cuba. En ese sentido, entendía la definición de cultura desde su acepción más amplia. No era, por tanto, una revista propiamente literaria. Sin embargo, si aceptamos que uno de sus principales enfoques fue el de visitar la producción intelectual cubana y el destino o los avatares de sus protagonistas durante el período de la revolución, se entiende que el ensayismo o la crítica de la literatura tuvieran preponderancia sobre la ficción.

6. *En su opinión, en términos de trascendencia historiográfica para la cultura cubana, ¿cuáles fueron los grandes momentos de la revista Encuentro? ¿Y los menos significativos?*

*Encuentro* logró que cada número de la revista tuviera un impacto en la discusión cultural cubana. Creo que es a lo máximo que debe aspirar una publicación de su tipo. Ese impacto se evidenciaba en constantes cartas, llamadas, sugerencias, mensajes de *feed back*, solicitudes de ayuda, reacciones de amigos y enemigos, ataques del Gobierno, etc. Fue un proyecto extremadamente ambicioso y polémico desde su concepción, características que nunca decayeron. La decisión de incluir en su primer número un fragmento del Informe del Buró Político presentado por Raúl Castro en el V Pleno del Comité Central del Partido Comunista de Cuba, habiendo dicho antes, en su primer editorial, que la revista estaría abierta "a puntos de vista contradictorios e incluso opuestos, dará acogida y aún estimulará las polémicas, prefigurando así la sociedad plural que deseamos para nuestro país", además de un guiño inteligente —en cuanto aseguraba un impacto mediático—, dejaba claro el nivel de influencia al que aspiraba, el rol que se disponía a ejercer.

En términos de trascendencia historiográfica para la cultura cubana, creo que su logro más importante fue cuestionar y echar abajo muchos de los cánones impuestos por la revolución. Obviamente esto no fue algo exclusivo de *Encuentro*, pero ningún proyecto lo hizo con tanta ambición y sentido provocador.

Una vez, en un tren en el que coincidimos entre Varsovia y Berlín, el músico punk Gorki Águila me contó que había leído el primer número de la revista en la cárcel en Cuba; me habló de la visión de libertad que había significado para él. Era invierno. La planicie polaca estaba cubierta de nieve. A través de las ventanillas, a cada rato se veían largas filas de carros esperando pacientemente a que el tren pasara para continuar viaje. Entonces pensé que aquello era algo que ya no se observaba en Europa Occidental, donde puentes y túneles habían sustituido los arcaicos pasos a nivel, con su concierto de barreras, semáforos, campanitas y tiempo perdido. Si como ya dije, en mis años berlineses *Encuentro* había sido para mí una lámpara, creo que a nivel historiográfico cubano —y a riesgo de pecar de excesivamente metafórico en esta entrevista— fue el

equivalente a un puente o un túnel: aceleró el tráfico de ideas, contribuyó a destrabar la hegemonía impuesta sobre la historia y la cultura cubanas desde el poder ideológico.

*6.1 Teniendo en cuenta la persistencia de la dispersión de la realidad cubana en fragmentos de cultura esparcidos por el mundo, ¿qué opina de la posibilidad de que este sea un camino sin retorno y que la cubanía, sin un espacio o territorio específico de práctica cultural común, se mantenga solo a través de vínculos e imaginarios individualizados?*

Me parece un buen plan B. Evidentemente, aquella afirmación inicial de *Encuentro*, esgrimida a través de un texto de Gastón Baquero, de que la cultura cubana es una sola, más allá del lugar donde se produzca, ha logrado imponerse. No importan ya los golpes de pecho y las vestiduras rasgadas de los comunistas cubanos.

Ahora, un cuarto de siglo después, el panorama ha cambiado de forma radical, y con él los retos y el debate. Ante la mediocridad y el envilecimiento cultural producidos por el castrismo, en un país envejecido, descapitalizado y alienado, me parece que una cultura mantenida a través de vínculos e imaginarios individualizados es la única oportunidad que existe de que nos reinsertemos en la modernidad.